

P. D. JAMES

MORTE EM ORDENS SAGRADAS

Tradução de CATARINA ROCHA LIMA

CÍRCULO DE LEITORES

Título original: DEATH IN HOLY ORDERS

Capa: JOSÉ NEVES

Foto da capa: PHOTODISC

ISBN 972-42-2852-5

Copyright 2001 by P. D. James

Impresso e encadernado para Círculo de Leitores

por Grafiasa - Indústria Gráfica, SÁ, Rio Tinto

em Dezembro de 2002

Número de edição: 5601

Depósito legal número 187200/02

Digitalização e arranjo: Fátima Chaves

Esta obra destina-se exclusivamente a portadores de deficiência visual.

Para Rosemary Goad Pelos quarenta anos como minha editora e amiga.



Ao situar esta história de crime e de mistério num instituto teológico da Igreja Anglicana, não é meu desejo desanimar todos aqueles que pensam dedicar-se ao sacerdócio, nem, tão pouco, insinuar que os visitantes de tais institutos, em busca de sossego e de renovação espiritual, correm perigo de deparar com uma paz mais duradoura do que aquela que tinham em mente. Assim, torna-se importante realçar que Santo Anselmo não se baseia num instituto de Teologia verdadeiro, atual ou extinto, e que os seus excêntricos padres, ordinandos, empregados e visitantes são personagens de ficção e existem apenas na imaginação da autora e dos seus leitores.

Quero exprimir a minha gratidão a um certo número de pessoas que me ajudaram, respondendo às minhas perguntas; por conseguinte, quaisquer erros, de carácter teológico ou outro, são da minha inteira responsabilidade. Agradeço, em particular, ao falecido arcebispo Lorde Runcie, ao reverendo Dr Jeremy Sheehy, ao reverendo Dr. Peter Groves, à Dra Ann Priston, dos Serviços da Ciência Forense, e à minha secretária, Mrs. Joyce McLennan, cuja contribuição neste romance foi muito além da sua destreza na utilização de um computador.

P. D. JAMES

LIVRO UM

Areia Mortífera

01

Partiu do padre Martin a idéia de que eu escrevesse um relato sobre como descobri o cadáver.

Perguntei-lhe: "Como se escrevesse uma carta, contando o que sucedeu a um amigo?"

O padre Martin replicou: "Como se fosse uma obra de ficção, em que você se mantém à distância, analisando os acontecimentos, enquanto se vai lembrando do que fez, do que sentiu... Como se tivesse acontecido a outra pessoa."

Se bem que percebesse aonde ele queria chegar, não sabia como começar. "Tudo o que aconteceu, ou apenas o meu passeio pela praia e a descoberta do corpo do Ronald?", perguntei.

"Tudo o que lhe aprouver contar. Escreva sobre o instituto ou sobre a sua vida se assim o desejar. Penso que lhe será de grande ajuda."

"E com o senhor? Ajudou-o?"

Não faço a menor idéia do que me levou a pronunciar aquelas palavras. Saíram-me da boca. Na realidade, era uma pergunta tola, e, de certa forma, até impertinente, mas o padre Martin pareceu não se importar.

Após uma pausa, retorquiu: "Não me ajudou, mas tudo se passou há já muito tempo e pode ser diferente consigo."

Devia pensar nos tempos de guerra, quando fora feito prisioneiro pelos japoneses, e nos acontecimentos horríveis que havia presenciado no campo de batalha. O padre Martin nunca fala dos seus tempos de guerra, porque haveria de falar comigo sobre assunto tão delicado? No entanto, sei que ele não fala desse assunto com mais ninguém, nem mesmo com os outros padres.

Esta conversa deu-se há dois dias, quando caminhávamos pelos claustros, depois das vésperas. Deixei de ir à missa desde que o Charlie morreu, mas assisto às vésperas. No fundo, trata-se de uma questão de cortesia. Não me parece correto trabalhar no instituto, receber um salário, aceitar a bondade dos padres e não ir a um dos serviços religiosos. Talvez

esteja a ser demasiado sensível. Mr Gregory, o professor de Grego a tempo parcial, vive numa das vivendas, tal como eu, e nunca vai à missa, a não ser quando tocam trechos musicais do seu agrado. Nunca alguém me pressionou para ir à missa. Nem, tão pouco, alguma vez me perguntaram porque motivo deixei de frequentar a igreja. Contudo, como é óbvio, repararam, porque repararam em tudo.

Quando regresssei a casa, pensei no que o padre Martin me dissera se a idéia seria ou não boa. Nunca tive qualquer dificuldade em escrever. Quando andava na escola, tinha boas notas em redação e Miss Allison a nossa professora de Inglês, costumava dizer que eu dispunha de talento suficiente para me tornar escritora, mas eu sabia que ela se enganava. Não sou dotada de grande imaginação, pelo menos, do gênero da que é necessária aos escritores. Não tenho o dom de inventar histórias. Apenas sei escrever o que vejo, o que faço e o que sei e, por vezes, o que sinto, se bem que já não seja tão fácil. Desde a mais tenra idade que sempre quis ser enfermeira. Agora, com sessenta e quatro anos, estou reformada, mas ainda me mantenho ativa aqui, em Santo Anselmo. Sou, em parte, a enfermeira-chefe do instituto: trato de pequenos achaques, mas também me ocupo da roupa de cama. As minhas funções são simples, porque sofro do coração, o que me leva a considerar-me uma mulher de sorte por continuar a trabalhar. A direção do instituto facilita-me a vida ao máximo. Foi mesmo a ponto de arranjar um carrinho leve, para que eu não me sinta tentada a carregar fardos de roupa demasiado pesados. Devia ter falado nisto antes. Nem sequer escrevi o meu nome. Chamo-me Margaret Munroe.

Creio saber por que razão o padre Martin sugeriu que talvez me fizesse bem se começasse a escrever de novo. Ele sabe que eu costumava escrever uma extensa missiva ao Charlie, todas as semanas. Penso que, à exceção da Ruby Pilbeam, ele é o único a sabê-lo. Toda a semana sentava-me e tentava lembrar-me do que tinha acontecido desde a última carta que escrevera, como, por exemplo, das pequenas trivialidades que nunca eram irrelevantes para

o Charlie: as refeições que eu tomava, as piadas que ouvia, as histórias sobre os alunos, a descrição do tempo. Talvez possa pensar-se que pouco há a contar, numa localidade tão pacata como esta, situada nas margens de penhascos, longe de tudo, mas era, invariavelmente, uma surpresa para mim descobrir tudo o que me vinha à mente, de cada vez que escrevia. E sabia que o Charlie apreciava as minhas cartas. "Continua a escrever, mãe", dizia-me, quando vinha a casa, em licença. E era o que eu fazia.

Depois de morrer em combate, o exército enviou-me todos os seus pertences e encontrei um grande maço de cartas. Não todas as cartas que lhe escrevera. Ter-lhe-ia sido impossível guardar todas. No entanto, guardara as mais compridas. Peguei no maço, levei-o até ao promontório e queimei-o.

Estava um dia ventoso, como é freqüente nesta localidade costeira, e as chamas crepitaram, saltaram, mudando de direção com o vento. Os pedaços de papel chamuscados ergueram-se no ar e voltearam em torno do meu rosto, como traças. O cheiro do fumo feriu as minhas narinas, o que achei estranho, porque a fogueira era pequena. Bom, mas o que estou a tentar dizer é que sei porque foi que o padre Martin sugeriu que eu relatasse, por escrito, o que aconteceu. Pensou que, se eu escrevesse algo, qualquer coisa, isso talvez pudesse trazer-me de volta à vida. É bom homem, talvez até mesmo um santo homem, mas são tantas as coisas que ele não compreende.

Não deixa de ser estranho escrever este relato sem saber se alguém o lerá. Nem sequer sei se estou a escrever mais para mim própria ou para um leitor imaginário, para quem tudo o que diga respeito a Santo Anselmo seja desconhecido ou constitua uma novidade. Sendo assim, talvez seja melhor dizer algo sobre o instituto, a fim de situar o cenário. Santo Anselmo foi fundado em 1861 por uma senhora muito devota, de seu nome Agnes Arbuthnot, que queria certificar-se de que haveria sempre "rapazes instruídos e devotos, ordenados para serem padres católicos no seio da Igreja Anglicana". Recorri às aspas porque a frase é de Miss Arbuthnot. Se a sei, deve-se ao fato de existir um folheto sobre a sua vida na igreja. Doou o edifício, os terrenos, quase toda a sua mobília e dinheiro suficiente pelo menos, assim pensava para que o instituto durasse eternamente. Contudo, o dinheiro nunca chega e, atualmente, o Instituto de Santo Anselmo tem de ser financiado, na sua maior parte, pela Igreja. Sei que tanto o padre Martin como o padre Sebastian temem que a Igreja tencione mandar encerrar o instituto. Nunca falam sobre o assunto abertamente e muito menos o comentam com o pessoal, apesar de todos o conhecermos. Numa comunidade pequena e isolada, como Santo Anselmo, as notícias e os boatos parecem ser trazidos, em silêncio, pelo vento.

Além de doar o edifício, Miss Arbuthnot mandou erigir os claustros norte e sul, nos fundos, para que pudessem ser aproveitados como quartos para os estudantes, e a ala de quartos de hóspedes, que liga o claustro sul à igreja. Mandou construir também quatro vivendas para os funcionários, alinhadas num semicírculo, no promontório, a cerca de cinquenta metros do edifício principal. E batizou essas pequenas vivendas com os nomes dos quatro evangelistas. Eu vivo na Vivenda São Mateus, a casa mais a sul. A Ruby Pilbeam, que faz as vezes de cozinheira e governanta, e o seu marido, homem dos sete ofícios, residem na Vivenda São Marcos. Mr. Gregory ocupa a Vivenda São Lucas, e, na vivenda mais a norte, de seu nome São João, reside o Eric Surtees, que ajuda Mr. Pilbeam nos seus afazeres. O

Eric cria porcos, mas mais como um passatempo do que para fornecer sustento ao instituto. Para além de nós os quatro, ainda há as empregadas de limpeza que trabalham a tempo parcial e residem em Reydon e Lowestoft. Temos vinte estudantes, quatro padres residentes e cá nos vamos arranjando. Até porque seria difícil substituir qualquer um de nós. Esta região despovoada, varrida pelo vento, onde não há uma aldeia, um pub, uma loja sequer, é demasiado remota para a maior parte das pessoas. Pessoalmente, gosto de viver aqui, mas até mesmo eu sinto, por vezes, que se trata de um local assustador e algo sinistro. Ano após ano, o mar corrói os penhascos arenosos e, em certas ocasiões, deixo-me ficar no rebordo do penhasco, contemplando o horizonte. Consigo, então, imaginar uma onda gigantesca erguendo-se, muito branca e reluzente, avançando para a praia, abatendo-se sobre os torreões, as torres da igreja e as casas, e varrendo-nos a todos do mapa. A velha aldeia de Ballard's Mere está submersa há séculos e, em certas noites mais ventosas, as pessoas dizem que se consegue ouvir o eco dos sinos da igreja, cujas torres ficaram para sempre debaixo de água. O que o mar não destruiu foi devastado por um grande incêndio, em 1695. Nada restou da ancestral aldeia, a não ser a igreja medieval, que Miss Arbuthnot mandou restaurar e transformou numa parte integrante do instituto, e os dois pilares de tijolo, tudo o que sobrou do solar, de estilo isabelino, que havia aqui.

Talvez seja melhor eu explicar a maneira de ser do Ronald Treeves, o rapaz que morreu. Afinal, é sobre a sua morte que deveria estar a escrever. Antes de o inquérito se iniciar, a Polícia interrogou-me, querendo saber se eu o conhecia bem. Penso que o conhecia melhor do que o restante pessoal, mas pouco adiantei às autoridades, porque nada havia a dizer. Além de que não achei que fosse correto da minha parte dar voz aos boatos que correm sobre os nossos alunos. Sabia que ele não era popular, mas não o disse à Polícia. O problema do Ronald era não estar integrado neste meio e, pela minha parte, creio que ele tinha consciência disso. Primeiro, o pai dele era Sir Aired Treeves, que dirige uma importante empresa de armamento. O Ronald fazia questão em que todos soubessem que o seu pai era muito rico, demonstrando-o pelos seus pertences. Tinha um Porsche, ao passo que os outros alunos aqueles que possuem um automóvel só dispõem de carros utilitários. Falava também das suas férias, em locais paradisíacos e remotos, que os outros alunos nunca poderiam visitar nem, muito menos, passar férias lá.

Tudo isto talvez lhe tivesse conferido popularidade em outros institutos, mas não aqui. Todos têm o seu quê de pedantismo relativamente a alguma coisa, por mais que o neguem, mas, em Santo Anselmo, não se trata de uma questão de dinheiro. Nem, tão pouco, de tradição familiar, muito embora o filho de um pároco tenha mais hipóteses de se tornar popular do que o filho de um cantor da moda. Penso que o que importa, para a juventude de hoje, é a esperteza, o bom aspecto e o sentido de humor. Gostam de pessoas que os façam rir. O Ronald não era tão esperto quanto pensava e nunca conseguia fazer rir os outros. Os colegas achavam-no monótono, e, como não podia deixar de ser, quando ele se apercebeu disso, tornou-se ainda mais distante. Não disse nada disto à Polícia. De que serviria? O Ronald estava morto. Era, também, bisbilhoteiro, porque queria sempre saber tudo o que se passava e não parava de fazer perguntas. Nunca teve sorte comigo. No entanto, por vezes, à noite, aparecia em minha casa, sentava-se e começava a falar, enquanto eu tricotava e o escutava em silêncio. No Instituto de Santo Anselmo, os alunos não são encorajados a visitar as casas dos funcionários, salvo quando são convidados para tanto. O padre Sebastian defende a nossa privacidade, mas eu não me importava de receber a visita do

jovem Ronald. Ao recordar aqueles serões, chego à conclusão de que o Ronald era um rapaz solitário. Caso contrário, nunca se teria dado ao trabalho de me visitar. Depois, fazia-me lembrar o meu Charlie. O meu filho não era distante nem impopular, mas gosto de pensar que, se ele se sentisse sozinho ou precisasse desabafar, haveria alguém, como eu, disposto a escutá-lo.

Quando a Polícia apareceu, perguntaram-me por que motivo eu fora procurar o Ronald na praia. Como é evidente, não fora por isso que eu resolvera ir até à praia. Duas vezes por semana, faço um passeio solitário, depois do almoço, e, quando saí de casa, nem sequer sabia que o Ronald desaparecera. Mesmo que o soubesse, nunca teria ido procurá-lo na praia. É difícil imaginar o que pode acontecer a alguém numa praia deserta. Não se corre perigo, se não escalarmos o quebra-mar nem nos aproximarmos demasiado dos penhascos. Quando os alunos chegam a Santo Anselmo, são imediatamente avisados dos perigos que correm, se forem nadar sozinhos ou se resolverem aproximar-se dos penhascos arenosos.

No tempo de Miss Arbuthnot, era possível descer diretamente da mansão até à praia, mas o mar alterou a paisagem, depois de invadir a costa. Agora, quando saímos do instituto, temos de andar uns oitocentos metros para sul, em direção ao único local onde os penhascos são baixos e suficientemente firmes para suportar uma meia dúzia de degraus velhos, de madeira, com um corrimão. Para lá deste ponto, fica Ballard's Mere, imersa na escuridão, rodeada de árvores e separada do mar apenas por um estreito baixio de cascalho. Por vezes, vou até ao pântano, mas costumo dar meia volta. Naquele dia, contudo, descí os degraus que levam à praia e comecei a caminhar, em direção a norte.

Depois de uma noite chuvosa, o dia estava bonito, o céu azul, pontilhado por poucas nuvens escuras, e a maré, baixa. Contornei um pequeno promontório e avistei a praia deserta, estendendo-se à frente dos meus olhos, com os seus estreitos recifes de cascalho e o quebra-mar, coberto de musgo, avançando mar adentro. Foi então que vi, uns quinze metros à minha frente, o que me pareceu ser uma trouxa escura, na base da arriba. Corri para aquela estranha trouxa e encontrei uma batina preta e um capote castanho, cuidadosamente dobrados. Uma parte do penhasco havia resvalado e desabado e, agora, jazia na praia, num grande bloco de areia espessa, misturada com tufo de relva e pedras. Soube imediatamente o que tinha acontecido. Tenho a vaga idéia de haver soltado um grito abafado. Logo de seguida, comecei a esgravatar a areia. Sabia que um corpo estava soterrado debaixo daquele bloco, mas era impossível saber onde. Lembro-me de como a areia grossa se incrustou debaixo das minhas unhas e de como os meus esforços me pareceram lentos, o que me levou, enraivecida, a revolver a areia, aos pontapés, fazendo-a saltar tão alto, que me atingia no rosto e nos olhos. Foi então que reparei numa vara de madeira, de pontas afiadas, a uns quinze metros, perto do mar. Fui buscar a vara e usei-a como uma pá, começando a escavar. Ao fim de alguns minutos, a ponta da vara embateu em algo macio. Ajoelhei-me e comecei novamente a revolver a areia com as mãos. Por fim, pude ver que a vara atingira duas nádegas, cobertas de veludo castanho.

Após aquela descoberta, não consegui prosseguir. O meu coração batia descompassadamente e as forças faltavam-me. Tinha a sensação de que acabara de humilhar quem quer que estivesse soterrado debaixo da areia, e de que havia algo de ridículo e de quase indecente naquelas duas nádegas expostas. Sabia que a pessoa estava

morta e que toda a minha ânsia de nada serviria. Nunca poderia ter salvado aquela pessoa, mas era-me insustentável prosseguir as escavações sozinha, descobrindo o corpo, centímetro por centímetro, mesmo que tivesse forças para tanto. Só me restava dar a notícia e pedir ajuda. Penso que soube, mesmo naquele momento, quem era o morto. No entanto, lembrei-me, de repente, de que as batinas de todos os ordinandos estão etiquetadas com os seus nomes. Virei a gola da batina e li o nome inscrito.

Depois, lembro-me de percorrer a praia, aos tropeções, por entre os baixios, cobertos de seixos, e de subir, a custo, os degraus. Em seguida, desatei a correr pelo carreiro que segue ao longo do penhasco, em direção ao instituto. Era um trajeto de oitocentos metros, mas pareceu-me interminável e, a cada passo que dava, com crescente dificuldade, a mansão parecia afastar-se. O meu coração batia com mais força ainda e os ossos das minhas pernas pareciam querer desfazer-se. Foi então que ouvi um carro. Voltei-me para trás. O veículo acabara de sair da estrada, avançando, na minha direção, pelo carreiro que corre junto da margem do penhasco. Postei-me a meio do carreiro, acenei freneticamente e o carro abrandou. Era Mr. Gregory. Não me recordo de como foi que lhe dei a notícia. Tenho uma vaga imagem da minha pessoa, parada na estrada, coberta de areia, com os cabelos ao vento, gesticulando na direção do mar. Mr. Gregory nada disse. Abriu a porta do carro, em silêncio, e ajudou-me a entrar. Talvez tivesse sido mais aconselhável seguir diretamente até ao instituto mas, ao invés, Mr. Gregory deu meia volta e seguiu até ao local onde se encontram os degraus que levam à praia. Desde então, tenho perguntado a mim própria se ele não acreditou em mim e quis certificar-se do que eu lhe contara, antes de avisar os outros. Já não consigo lembrar-me da caminhada que fizemos até à praia. A única imagem nítida que me vem à mente é a de nós os dois parados, junto do corpo sem vida do Ronald. Sempre sem pronunciar uma só palavra, Mr. Gregory ajoelhou-se e começou a escavar com as mãos. Usava luvas de cabedal, o que o ajudou nesse trabalho. Ambos revolvemos apressadamente a areia, em silêncio, tentando alcançar a cabeça do morto.

Além de calças de veludo, o Ronald usava apenas uma camisa cinzenta. Por fim, conseguimos pôr a descoberto a parte de trás da sua cabeça. Era como desenterrar um cão ou um gato mortos. A camada mais funda de areia ainda estava úmida, e o cabelo loiro do Ronald era, agora, de um tom cinzento-escuro. Tentei limpar os seus cabelos e senti, nas palmas das mãos, quanto os grãos de areia eram ásperos e frios.

”Não mexa no corpo!”, gritou, em tom ríspido, Mr. Gregory. Assustada, afastei a mão, como se tivesse acabado de sofrer uma queimadura. ”É melhor deixarmos o corpo tal como o encontramos, até porque já sabemos de quem se trata.”

Se bem que eu soubesse que o Ronald estava morto, achava que devíamos, ao menos, voltá-lo. Ainda nutria a ridícula esperança de que talvez pudéssemos fazer-lhe respiração boca a boca. Muito embora tivesse plena consciência de que não estava a ser racional, algo me dizia que devíamos agir. Mr. Gregory descalçou a luva da mão esquerda e pressionou dois dedos contra a garganta do Ronald. ”Está morto”, anunciou. ”Não restam dúvidas. Já nada podemos fazer por ele.”

Ficamos, ali, ajoelhados de cada lado do corpo, durante algum tempo. Quem nos visse, podia pensar que rezávamos, e, pela minha parte, teria murmurado uma prece pelo Ronald,

mas faltavam-me as palavras. Então, o Sol irrompeu no céu e, de repente, aquela cena tornou-se irreal. Era como se, de um minuto para o outro, Mr. Gregory e eu passássemos de uma fotografia a preto e branco para uma fotografia a cores. À nossa volta, imperava a claridade. Os grãos de areia que se haviam incrustado no cabelo do Ronald brilhavam, agora, quais pontos de luz.

”Temos de pedir ajuda e de chamar a Polícia”, murmurou Mr. Gregory. ”Importa-se de ficar aqui, junto do corpo? Eu não demoro. Pode acompanhar-me, se preferir, mas penso que seria melhor que um de nós ficasse aqui.”

”Vá. Demorará menos tempo de carro. Eu não me importo de esperar.”

Observei Mr. Gregory, quando, com passos apressados, se afastou em direção ao quebra-mar, contornou o promontório e desapareceu de vista. Um minuto depois, ouvi o motor do carro. Afastei-me, então, do corpo e sentei-me. Os seixos ainda estavam molhados, em virtude da chuva que caíra durante a noite, e aquela umidade fria infiltrou-se nas minhas calças de algodão. Com os braços à volta dos joelhos, contemplei o mar ali sentada, pensei no Mike, pela primeira vez em muitos anos. Morreu quando a sua motocicleta derrapou, na auto-estrada, e embateu numa árvore. Tínhamos regressado da nossa lua-de-mel havia menos de duas semanas. Conhecêramo-nos pouco mais de um ano antes. O que senti, com a morte do Mike, foi um choque e uma sensação de completa incredulidade. Não fui invadida pelo desgosto. Naquela altura, pensei que os meus sentimentos eram a expressão do desgosto mas, passados todos estes anos, sei que não foi esse sentimento que me assolou. Depois da morte de Mike, se bem que soubesse que me tornara Margaret Munroe, estado civil: viúva, ainda me sentia Margaret Parker, de vinte e um anos de idade, estado civil: solteira, e enfermeira. Ao aperceber-me de que estava grávida, também isso me pareceu algo de irreal. Quando o bebê nasceu, parecia nada ter a ver com o Mike, com a nossa curta vida em comum, nem, tão pouco, comigo. Os laços de sangue surgiram mais tarde e, por isso mesmo, revelaram-se mais fortes. Quando o Charlie morreu, chorei por ele e pelo seu pai, mas continuo sem conseguir ter uma recordação nítida do rosto do Mike.

Tinha consciência da presença do corpo do Ronald, atrás de mim, mas sentia-me aliviada por não estar sentada a seu lado. Certas pessoas, quando velam os mortos, sentem que a sua presença é uma companhia, mas não era esse o meu caso, pelo menos relativamente ao Ronald. Tudo o que sentia era uma profunda tristeza. Não por aquele pobre rapaz nem, sequer, pelo Charlie, pelo Mike ou por mim mesma. Era mais uma tristeza universal, que parecia impregnar tudo o que me rodeava, como a brisa que me aflorava as faces, o céu, onde havia algumas nuvens, correndo quase deliberadamente, e o próprio mar. Dei comigo a pensar em todas as pessoas que haviam vivido e morrido nesta zona costeira e nos esqueletos que jaziam nas profundezas do mar. As suas vidas deviam ter sido importantes para eles e para os seus entes queridos, mas, agora, estavam mortos e era como se nunca houvessem nascido. E, daqui a cem anos, ninguém se lembrará do Charlie, do Mike ou de mim. As nossas vidas são tão insignificantes quanto um grão de areia. Sentia a alma despojada, inclusivamente de qualquer sentimento de tristeza. Com o olhar perdido no mar imenso, aceitando que, no fim, nada conta e que tudo o que nos resta é aproveitar o momento presente, senti-me em paz.

Penso que devia estar numa espécie de transe, porque não me apercebi das três figuras que se aproximavam, salvo quando surgiram à minha frente. O padre Sebastian, com o seu capote preto, a protegê-lo do vento, e Mr. Gregory caminhavam lado a lado. Ambos tinham a cabeça inclinada para frente e mais parecia que marchavam. O padre Martin seguia-os, um pouco mais atrás, tentando não perder o equilíbrio. Lembro-me de pensar, naquele momento, que não era correto da parte dos outros dois seguir à sua frente e não esperar por ele.

Senti-me constrangida por me descobrirem, ali, sentada. Levantei-me e o padre Sebastian perguntou:

”Está tudo bem consigo, Margaret?”

”Sim.” Logo de seguida, afastei-me, quando os três homens se aproximaram do corpo.

O padre Martin benzeu-se.

”Que desgraça”, murmurou.

Mesmo naquele momento de choque, pensei que o padre Martin empregara uma estranha expressão para descrever o sucedido, mas depressa me apercebi de que ele não estava apenas a pensar no Ronald Treeves. Pensava, acima de tudo, no instituto.

Baixou-se e encostou a mão à nuca do Ronald, mas Mr. Gregory interveio, em tom ríspido:

”Não restam dúvidas de que está morto. Por isso, é melhor não mexermos mais no corpo.”

O padre Martin postara-se um pouco mais atrás. Reparei que os seus lábios se mexiam. Creio que começara a rezar.

”Se você, Gregory, regressar ao instituto e avisar a Polícia”, replicou o padre Sebastian, ”eu e o padre Martin ficamos aqui. É melhor levar a Margaret consigo. Foi um choque para ela. Conduza-a a Mistress Pilbeam, se quiser, e explique o que aconteceu. Tenho a certeza de que Mistress Pilbeam tomará conta dela e preparará um chá bem quente. Ninguém deverá falar do sucedido até que eu dê a notícia aos nossos ordinandos. Se, entretanto, a Polícia quiser falar com a Margaret, poderá fazê-lo mais tarde.”

É engraçado, mas lembro-me de me sentir ofendida pelo fato de o padre Martin falar de mim a Mr. Gregory, como se eu não estivesse ali. Além do mais, não queria que alguém me levasse à casa da Ruby Pilbeam. Simpatizo com a Ruby, que sempre conseguiu ser afável sem se tornar demasiado intrometida, mas o que eu queria era voltar para a minha casa.

Aproximando-se de mim, o padre Sebastian pousou a mão sobre o meu ombro e disse:

”Foi muito corajosa, Margaret, pelo que lhe fico agradecido. Agora, vá com Mister Gregory. Eu irei vê-la mais tarde. Não se preocupe. O padre Martin e eu ficamos aqui, de vigília ao Ronald.”

Não pude deixar de reparar que era a primeira vez que o padre Sebastian pronunciava o nome do morto.

Já no carro, Mr. Gregory conduziu em silêncio, durante algum tempo; depois, comentou:

”Foi uma morte estranha. Pergunto a mim próprio o que o médico legista... e, agora, que penso melhor no assunto, o que a Polícia irá descobrir.”

”Concluirá, por certo, que se tratou de um acidente”, repliquei.

”Um acidente deveras curioso, não acha?”

Não respondi.

”.Bom, mas tenho a certeza de que não é o primeiro cadáver que vê”, prosseguiu Mr. Gregory. ”Já deve estar habituada à morte.”

”Sou enfermeira, Mister Gregory.”

Lembrei-me, então, do primeiro cadáver que vira, aos dezoito anos, quando ainda era estagiária. Naquele tempo, a enfermagem era muito diferente do que é agora. Costumávamos amortalar os cadáveres e tudo era feito com grande reverência, em silêncio, por trás dos biombo. A enfermeira-chefe tinha por hábito dizer uma oração, antes de começarmos. Explicava-nos que era o último serviço que podia prestar aos nossos pacientes, mas eu não ia falar sobre isso a Mr. Gregory.

”A visão de um cadáver dá-nos uma sensação de reconforto e de segurança; faz-nos compreender que podemos viver como homens mas que morremos como animais. Para mim, constitui um alívio. Não consigo imaginar coisa mais horrorosa do que a vida eterna.”

Mantive-me em silêncio. Não que eu antipatize com Mr. Gregory. Mal nos conhecemos. A Ruby Pilbeam encarrega-se da limpeza da sua casa e da sua roupa, uma vez por semana. É um acordo privado que ambos estipularam. A verdade é que não tenho grande intimidade com Mr. Gregory e não estava com disposição para começar a conhecê-lo melhor, naquele momento.

O carro passou por entre as torres geminadas da ala oeste e entrou no átrio. Mr. Gregory tirou o cinto, ajudou-me a tirar o meu e disse: ”Eu acompanho-a a casa de Mistress Pilbeam. Pode ser que não esteja. Se ela não estiver, é melhor a senhora ficar em minha casa. Ambos estamos a precisar de uma bebida bem forte.”

Felizmente, a Ruby Pilbeam estava em casa. Depois de um breve relato dos fatos, Mr. Gregory acrescentou: ”O padre Sebastian e o padre Martin ficaram de vigília ao corpo e a Polícia não deve tardar. Não mencione o sucedido a ninguém, até o padre Sebastian regressar.”

Depois de Mr. Gregory sair, a Ruby fez um chá quente e forte. Andou à minha volta mas não me consigo lembrar das palavras que disse ou dos gestos que fez. Pouco falei e ela não esperava outra coisa de mim, porque me tratou como se eu estivesse doente. Ajudou-me a sentar numa poltrona, em frente do aquecedor, que ligou no máximo, para o caso de eu sentir frio, devido ao choque, e correu as cortinas para que eu pudesse ter aquilo a que chamou "uma boa sesta".

Tenho uma vaga idéia de que a Polícia surgiu, uma hora mais tarde, na pessoa de um jovem sargento, com pronúncia galesa. Mostrou-se afável e paciente. Respondi às suas perguntas calmamente. Afinal, pouco havia a dizer. Perguntou-me se eu conhecia bem o Ronald, quando fora a última vez que o vira e se ele parecera deprimido, ultimamente. Respondi que vira o Ronald, pela última vez, na noite anterior, a caminho da casa de Mr. Gregory, talvez para ter a sua aula de Grego. O primeiro período acabara de começar e fora a única vez que o vira. Fiquei com a impressão de que o sargento penso que se chamava Jones ou Evans, sei que tinha um apelido de origem galesa se arrependeu de perguntar se o Ronald se mostrava deprimido. Declarou que estava tudo em ordem, fez as mesmas perguntas à Ruby e, depois, partiu.

O padre Sebastian deu a notícia quando os ordinandos se juntaram para assistir às vésperas das cinco da tarde. Por aquela altura, a maior parte já calculava que tinha havido uma tragédia, porque os carros da Polícia e o carro mortuário não haviam chegado ao instituto em segredo. Como não me dirigi à biblioteca, não faço idéia do que o padre Sebastian terá dito. Tudo o que eu queria era ficar sozinha. Mais tarde, nesse mesmo dia, o Raphael Arbuthnot, um dos ordinandos, foi visitar-me. Apareceu com um pequeno vaso de violetas-africanas, como demonstração de solidariedade por parte de todos os estudantes. Um deles devia ter ido, de carro, até Pakefield ou Lowestoft para comprar as flores. Quando o Raphael me entregou o pequeno vaso, debruçou-se para a frente e deu-me um beijo na face. "Lamento imenso, Margaret", murmurou. Se bem que se trate do tipo de coisas que se diz num momento como aquele, não me pareceu um lugar-comum mas, sim, um pedido de desculpas.

Só dois dias mais tarde comecei a ter pesadelos. Nunca tive pesadelos, nem mesmo quando era estudante de enfermagem e lidei, pela primeira vez, com a morte. São horríveis e, agora, fico sentada, em frente da televisão, até tarde, com medo do momento em que o cansaço me obrigue a ir deitar-me. O sonho é sempre o mesmo. O Ronald Treeves está de pé, junto da minha cama. Encontra-se nu, mas o seu corpo aparece coberto por areia úmida, que se cola ainda mais ao seu cabelo e ao seu rosto. Só se lhe vêem os olhos, que me fixam, com expressão reprovadora, como se me perguntassem porque não fiz mais esforços a fim de salvá-lo. Tenho a certeza de que não havia nada a fazer para ajudá-lo. Sei que ele morreu, muito antes de eu o ter encontrado. No entanto, ele continua a surgir nos meus sonhos, noite após noite, com aquele olhar acusador, enquanto a areia lhe cai do rosto redondo e pouco atraente.

Talvez, agora, que escrevi sobre os meus pesadelos, o Ronald me deixe em paz. Não me tenho na conta de uma mulher dotada de imaginação fértil, mas há qualquer coisa de estranho quanto à sua morte, algo de que eu devia recordar-me mas que se mantém no meu

inconsciente. Não sei porquê, mas qualquer coisa me diz que a morte do Ronald Treeves não foi um fim, mas sim um começo.

O telefone de Dalgliesh tocou às dez e meia da manhã, pouco antes de regressar ao seu gabinete, depois de uma reunião com o Departamento de Relações Comunitárias. Demorara mais que o previsto como acontece sempre com aquele gênero de reuniões e tinha apenas cinquenta minutos para se juntar ao comissário, no gabinete do ministro do Interior, na Câmara dos Comuns. Tempo apenas para um café e para fazer alguns telefonemas mais urgentes. Contudo, mal acabara de entrar no gabinete, a sua assistente espreitou por trás da porta.

Mister Harkness ficar-lhe-ia agradecido se o senhor fosse vê-lo antes de sair. Está com Sir Aired Treeves.

E agora? Era óbvio que Sir Aired Treeves queria alguma coisa: as pessoas que visitam os oficiais seniores da Scotland Yard geralmente querem alguma coisa. E Sir Aired Treeves conseguia sempre o que queria. Não se dirige uma das multinacionais mais prósperas sem saber, intuitivamente, como ter controle sobre o poder, tanto em questões importantes como em assuntos insignificantes. Dalgliesh, aliás, já ouvira falar da reputação de Sir Aired Treeves. Era quase impossível viver no século XXI e não haver ouvido falar daquele homem. Um patrão justo, até mesmo bondoso, de uma vasta equipe de empregados eficazes; um generoso defensor de obras de caridade, que financiava por meio dos fundos dos seus vários consórcios, e um respeitável colecionador de arte europeia do século XX. Porém, aquelas mesmas características podiam ser interpretadas, pelos mais preconceituosos, como as de um implacável gestor, que eliminava os empregados menos competentes; um adepto, muito bem aconselhado, das causas humanitárias que estavam na moda e um investidor, com mira no lucro a longo prazo. Até mesmo a fama de homem rude era ambígua. Uma vez que agia indiscriminadamente, tanto com os fracos como com os poderosos, ganhava uma reputação de implacável igualitarismo.

Dalgliesh subiu, pelo elevador, até ao sétimo andar, sem grande entusiasmo; mesmo assim, sentia alguma curiosidade. Ao menos, a reunião duraria pouco tempo, porque ele tinha de estar às dez e um quarto no Ministério do Interior. E, quando se tratava de prioridades, o ministro ganhava precedência até mesmo sobre Sir Aired Treeves.

O comissário adjunto e Sir Aired encontravam-se de pé, em frente da secretária de Harkness. Quando Dalgliesh entrou, os dois homens viraram-se. Como acontece frequentemente com as figuras públicas que aparecem nos jornais e revistas, a primeira impressão que Dalgliesh teve de Treeves foi algo desconcertante. Era mais forte e menos bem-parecido do que na televisão, talvez porque os contornos do seu rosto não fossem tão bem definidos. Por outro lado, a sensação de poder latente e de um certo gozo, se bem que acanhado, quanto à impressão que transmitia aos outros, era ainda mais notória. Tinha a mania de se vestir ao estilo de um próspero fazendeiro. Só usava fatos de tweed, feitos por medida, para as ocasiões mais formais. E, de fato, na sua pessoa havia certos indícios de um camponês: os ombros largos e o cabelo em desalinho, que nenhum barbeiro conseguiria disciplinar completamente. O seu cabelo era escuro, quase negro, com uma madeixa

grisalha a meio da testa. Se Sir Aired fosse um homem que se preocupasse mais com a sua aparência, Dalgliesh teria pensado que aquela madeixa era pintada.

Os olhos de Treeves, por baixo de sobranceiras fartas, fixaram-se em Dalgliesh, examinando-o de alto a baixo.

Penso que já se conhecem afirmou Harkness.

Os dois homens trocaram um aperto de mão. A mão de Sir Aired era fria e firme, mas retirou-a imediatamente, dando a entender que aquele cumprimento não passara de uma mera formalidade.

Sim, já nos encontramos replicou Sir Aired. Numa conferência organizada pelo Ministério do Interior, no final dos anos oitenta, não foi? Acerca do policiamento nas cidades do interior. Nem sei como lá fui parar...

A sua empresa fez um generoso donativo para um dos programas integrados nas iniciativas de policiamento das cidades do interior. Talvez o senhor quisesse certificar-se de que o seu dinheiro seria bem empregue...

Duvido. Os jovens querem empregos bem remunerados, pelos quais valha a pena acordar de manhã cedo. Não querem receber formação para empregos que simplesmente não existem.

Dalgliesh recordou aquela ocasião. Fora mais um dos exercícios, muito bem organizados, de relações públicas, por parte das autoridades. Alguns dos oficiais seniores e ministros presentes nutriam grandes esperanças quanto ao êxito da iniciativa, mas os resultados haviam sido quase nulos. Treeves colocara várias perguntas pertinentes, exprimira o seu cepticismo quanto às respostas que lhe haviam sido dadas e saíra antes de o ministro fazer o seu discurso. Por que motivo decidira então estar presente e fora mesmo ao ponto de contribuir com um donativo? Talvez porque também houvesse sido, da sua parte, uma manobra de relações públicas.

Harkness indicou as cadeiras giratórias, alinhadas em frente da janela, e murmurou algo acerca de tomarem um café.

Obrigado, mas não bebo café respondeu Treeves. O seu tom de voz insinuava que tinham acabado de lhe oferecer uma bebida esotérica, imprópria para consumo as dez e quarenta e cinco minutos da manhã.

Os três homens sentaram-se com alguma da portentosa desconfiança dos "padrinhos" da Máfia, quando se encontram para conjugar as suas diferentes esferas de interesse. Treeves consultou o relógio de pulso. Era óbvio que estipulara o tempo que concederia àquele encontro. Fora até ali, por sua própria iniciativa, sem avisar antes, nem, tão pouco, dizer qual o seu propósito, o que o colocava em vantagem. Entrara no edifício, certo de que um oficial sênior arranjaría tempo para recebê-lo, e não se enganara.

O meu filho mais velho, Ronald, que, a propósito, foi adotado, morreu, há dez dias, em consequência do desabamento de um penhasco, no condado de Suffolk. Um desabamento de areia seria uma descrição mais adequada; aqueles penhascos, a sul de Lowestoft, têm sido alvo da corrosão do mar, desde o século dezessete. A causa da morte do meu filho foi asfixia. O Ronald estudava no Instituto de Teologia de Santo Anselmo, em Ballard's Mere. É uma instituição da facção conservadora da Igreja Anglicana que mais se aproxima do catolicismo, e cujo objetivo é a preparação dos jovens para o sacerdócio. Dito isto, Sir Aired fitou Dalgliesh. Mas creio que o senhor sabe a que me refiro... O seu pai não era um membro do clero?

”Como é que ele sabe?”, perguntou Dalgliesh a si próprio. Provavelmente, alguém lho dissera, em certa ocasião, Sir Aired registrara mentalmente a informação e, por fim, pedira a um dos seus lacaios para verificar se era verdade, antes de se preparar para aquela reunião. Era um homem que acreditava na vantagem de possuir o máximo de informação possível acerca das pessoas com quem se lida. E, se essa informação comprometesse terceiros, tanto melhor. Todo e qualquer pormenor sobre a vida das pessoas com quem tinha de lidar, sem que estas o soubessem, era uma arma útil na consolidação do seu poder.

Sim, de fato, o meu pai foi pároco na diocese de Norfolk.

O seu filho estava a estudar para vir a ser padre? perguntou Harkness.

Que eu saiba, o que ele aprendia, no Instituto de Santo Anselmo, não o habilitava para nenhuma outra profissão.

Os jornais mencionaram a morte, mas não me lembro de terem falado sobre o inquérito interveio Dalgliesh.

Nem podia lembrar-se, porque tudo foi feito com a maior discrição. Concluiu-se que se tratara de uma morte accidental, quando o veredicto deveria ter ficado em aberto. Se o reitor e os outros membros do corpo docente de Santo Anselmo não estivessem presentes, como um grupo de defensores da moral, vestidos de preto, o médico legista, provavelmente, teria arranjado coragem para pronunciar um veredicto mais correto.

Esteve presente, Sir Aired?

Não, mas mandei alguém me representar. Eu encontrava-me na China, a negociar um contrato deveras complexo com uma empresa de Pequim. Regressei para a cremação, após a trasladação do corpo do meu filho para Londres. Tinham preparado, em Santo Anselmo, uma missa fúnebre... creio que lhe chamam um réquiem, mas nem eu nem a minha esposa estivemos presentes. Nunca me senti à vontade numa igreja. Logo após o inquérito, pedi a dois dos meus motoristas que fossem buscar o Porsche do meu filho. Entregaram-lhes as roupas, a carteira e o relógio de pulso do Ronald. O Norris, o meu motorista particular, trouxe o embrulho, mas pouca coisa continha. Os estudantes são encorajados a não ter mais do que um mínimo de roupa: um fato, dois pares de calças de ganga, camisolas de algodão e de lã, sapatos e aquela batina preta que eles têm de usar. O Ronald também possuía

alguns livros, claro, mas doeí-os à biblioteca do instituto. Não deixa de ser estranho com que rapidez se consegue arrumar uma vida... Foi então que, anteontem, recebi isto.

Sir Aired tirou a carteira, desdobrou uma folha de papel e passou-a a Dalgliesh, que a examinou e, por sua vez, a entregou ao comissário adjunto. Harkness leu o bilhete em voz alta:

”Porque não faz certas perguntas em relação à morte do seu filho? Ninguém acredita que se tenha tratado de um acidente. Aqueles padres são capazes de tudo para manter o bom nome de Santo Anselmo. Passam-se certas coisas, naquele instituto, que deveriam ser investigadas. Vai permitir que eles fiquem impunes?”

Para mim, esse bilhete anda muito perto de uma acusação de homicídio declarou Sir Aired.

Harkness passou novamente a folha de papel a Dalgliesh.

Mas, sem provas, sem um alegado móbil e sem o nome de um possível suspeito, não será, antes contrapôs, uma partida de mau gosto, por parte de alguém que quer criar problemas ao instituto?

Dalgliesh estendeu a folha de papel a Sir Aired Treeves, mas este acenou impacientemente, dando a entender que não pretendia guardá-la.

É uma hipótese replicou Sir Aired Treeves, entre muitas outras, e penso que não irão ignorá-la. Contudo, pessoalmente, levei a questão muito a sério. O bilhete foi escrito em computador, como não podia deixar de ser. Assim, não existe a menor possibilidade de a letra estar desalinhada, pista que é sempre usada nos livros policiais. Também não têm de se dar ao trabalho de procurar impressões digitais. Já mandei fazê-lo, confidencialmente, claro. Nada. Nem eu esperava o contrário. Por fim, diria que o bilhete foi escrito por alguém com instrução. Ele... ou ela... não deu erros de ortografia e respeitou as regras da pontuação. E, nesta época de jovens iletrados, penso que isso significa que o autor do bilhete é alguém de meia-idade.

E que decidiu escrever uma mensagem misteriosa, que o levasse a agir rematou Dalgliesh.

Porque diz isso?

Não veio até cá?

Disse que o seu filho foi adotado atalhou Harkness. Qual era o passado dele?

Não havia passado. A mãe tinha catorze anos e o pai, quinze, quando ele nasceu. Foi concebido junto de um pilar de cimento, no túnel de Westway. Era branco, saudável e recém-nascido... um artigo muito procurado no mercado da adoção. A verdade é que tivemos muita sorte em nos ter calhado aquele bebê. Mas porque faz essa pergunta?

O senhor afirmou que esse bilhete era uma acusação de homicídio e passou-me pela cabeça quem poderia beneficiar com a morte do seu filho, se é que existe alguém...

Uma morte beneficia sempre alguém. Neste caso, o único beneficiário é o meu segundo filho, Marcus, cujos bens, quando ele atingir os trinta anos de idade, serão, agora, aumentados. Pela mesma lógica, a sua eventual herança será maior. Mas como o Marcus se encontrava na escola, no momento da morte do irmão, podemos excluí-lo.

O Ronald escreveu-lhe ou disse-lhe que se sentia deprimido ou infeliz?

A mim, não, mas também sei que eu seria a última pessoa com quem ele desabafaria, se tivesse algum problema. Bom, mas parece que não estamos a entender-nos. Não estou aqui para ser interrogado nem para fazer parte da vossa investigação. Já vos disse o pouco que sabia. Agora, quero que se encarreguem do assunto.

Harkness olhou de relance para Dalglish e, depois, replicou. Como sabe, a investigação é da alçada da Polícia do condado de Suffolk, e posso dizer-lhe que é eficiente.

Não duvido. É de presumir que receba, de tempos a tempos, a visita da Inspeção-Geral de Sua Majestade para as Forças Policiais, que procede a uma auditoria interna e, no fim, a qualifica como sendo eficiente. Mas esses agentes estiveram envolvidos no primeiro inquérito. O que eu quero é que, agora, sejam vocês a assumir o comando da investigação. Para ser mais específico, quero que o inspetor Dalglish se encarregue dessa investigação.

Harkness olhou novamente para Dalglish; parecia querer protestar, mas mudou de idéia e calou-se.

Vou de férias, na semana que vem replicou Dalglish, e tenciono passar alguns dias no condado de Suffolk. Conheço bem o Instituto de Santo Anselmo. Posso sempre falar com as autoridades locais e com algumas pessoas do instituto, a fim de verificar se, à primeira vista, existem dados que nos possam levar a uma investigação. Se bem que, com o veredicto já feito e a cremação do corpo do seu filho, seja muito pouco provável que, agora, surjam novas pistas.

Harkness decidiu, por fim, dar a sua opinião:

É um procedimento muito pouco ortodoxo. Treeves levantou-se.

Talvez, mas parece-me perfeitamente sensato. Exijo descrição. É por isso mesmo que não tenciono regressar àquela zona. Já houve demasiada confusão quando a notícia da morte do Ronald foi publicada nos jornais locais. Não quero ver cabeçalhos nos tablóides a insinuar que a morte do Ronald está envolta em mistério.

No entanto, é essa a sua opinião, não é assim, Sir Aired? contrapôs Harkness.

Claro que é essa a minha opinião. Ou o Ronald morreu de acidente, ou se suicidou, ou foi assassinado. A primeira hipótese é improvável, a segunda, inexplicável. Sobra a terceira. Entre em contacto comigo, quando chegar a uma conclusão.

Sentia-se feliz com a opção de carreira do seu filho? quis saber Harkness. Logo depois, fez uma pausa, e acrescentou: Carreira, vocação, profissão ou como lhe queira chamar...

Transparecia, no tom de voz do comissário adjunto, um certo dilema entre o tacto e a dúvida, bem revelador de que não esperava que a sua pergunta fosse bem recebida. E não se enganou. Muito embora Sir Aired se mostrasse calmo, a sua resposta constituiu um inequívoco aviso.

Aonde quer chegar, ao certo?

Agora que Harkness ganhara coragem, não fazia tenção de se deixar intimidar.

Estava a pensar se o seu filho não teria algo em mente, como algum motivo que, em particular, o apoquentasse. Sir Aired consultou, de novo, o relógio de pulso.

Está a sugerir um suicídio? Pensava que tinha deixado o meu ponto de vista bem claro. Essa hipótese foi definitivamente excluída, percebeu? Por que raio o haveria de suicidar-se? Tinha tudo o que queria.

E se não fosse o que o senhor queria? sugeriu timidamente Dalglish.

Claro que não era o que eu queria! Uma carreira sem futuro! A Igreja Anglicana desaparecerá, daqui a vinte anos, se o declínio atual continuar. Ou transformar-se-á numa seita de excêntricos, preocupados em manter velhas superstições e preservar ancestrais lugares de culto... Isto, se o Estado não os transformar em monumentos nacionais. As pessoas correm atrás da ilusão da espiritualidade. A maioria crê em Deus e a idéia de que a morte pode ser o fim de tudo não é agradável. No entanto, deixaram de acreditar que o Paraíso existe, não temem o Inferno, e não é agora que vão começar a ir à missa. O Ronald tinha instrução, era inteligente e oportunidades não lhe faltavam. Não era estúpido. Podia ter feito algo de proveitoso em relação à sua vida. Sabia qual era a minha opinião quanto à opção que fizera. Era assunto encerrado, para nós os dois. Portanto, não ia com certeza enfiar a cabeça debaixo de uma tonelada de areia só para me mostrar o seu desagrado.

Sir Aired Treeves despediu-se de Harkness e Dalglish com um breve aceno de cabeça. A reunião havia terminado. Dalglish desceu, pelo elevador, juntamente com Sir Aired e acompanhou-o até ao local onde o motorista aguardava o patrão, ao lado do Mercedes.

Dera meia volta quando Sir Aired o chamou.

Com a cabeça por cima do vidro da janela, disse-lhe:

Creio que lhe terá ocorrido que o Ronald possa ter sido assassinado num outro local e que o seu corpo haja sido arrastado até à praia...

Penso que o senhor devia partir do princípio de que a Polícia de Suffolk também terá pensado nisso... replicou Dalgliesh.

Não sei se partilho da sua opinião. De qualquer maneira, é uma hipótese que deve ser levada em conta.

Não fez sinal ao motorista, sentado, muito hirtos, atrás do volante, para que arrancasse. Ao invés, como que levado por um súbito impulso, comentou:

Há outra questão que me intriga. Veio-me à idéia, quando estava na igreja. Frequento a igreja, de tempos a tempos, como quando vou assistir à missa anual, na City. Sabe como são estas coisas. É preciso aparecermos... Bom, mas pensei que deveria refletir melhor na questão, logo que tivesse algum tempo livre. É sobre o credo. Dalgliesh tinha por norma ocultar qualquer expressão de surpresa e perguntou, em tom grave:

Qual deles, Sir Aired?

Há mais do que um?

Há três.

Meu Deus! Bem, escolha um qualquer, porque deve ser tudo a mesma coisa. Como foi que eles começaram? Ou, melhor dizendo, quem os escreveu?

Intrigado, Dalgliesh sentiu-se tentado a perguntar se Sir Aired falara naquele assunto com o filho, mas a prudência prevaleceu.

Penso que um teólogo poderia ser-lhe mais útil do que eu, Sir Aired.

Mas não é filho de um pároco? Pensava que soubesse. Não tive tempo para andar a fazer perguntas por aí.

A memória de Dalgliesh recuou até ao gabinete de seu pai, na paróquia de Norfolk, a fatos que havia aprendido ou lera, por alto, nos livros da biblioteca da casa paterna e a palavras que, agora, raramente empregava, mas que pareciam estar registradas na sua mente desde tenra idade.

O credo niceno foi formulado pelo Concílio de Nicéia, no século quarto. E, inexplicavelmente, lembrou-se da data. Penso que foi em trezentos e vinte e cinco. O imperador Constantino convocou o concílio para se formular a profissão de fé da Igreja e lidar com a heresia do arianismo.

E porque é que a Igreja não atualiza esses credos? Não voltamos ao século quarto para compreender a medicina, a ciência ou a natureza do Universo. Não recuo ao século quarto, quando dirijo as minhas empresas. Então, porquê regressar ao ano de trezentos e vinte e cinco para entender Deus?

Preferia que houvesse um credo para o século vinte e um? quis saber Dalgliesh. Sentiu-se tentado a perguntar se Sir Aired pensava em escrevê-lo, mas, em vez disso, acrescentou: Duvido muito de que um novo concílio, numa cristandade dividida, chegasse a qualquer consenso. Estou certo de que a Igreja acha que os bispos de Nicéia receberam inspiração divina.

Mas tratou-se de um concílio de homens, não é verdade? Uma reunião de homens poderosos, que trouxeram consigo as suas idéias pessoais, os seus preconceitos e as suas rivalidades. No fundo, tudo se resumiu ao poder e a quem ficava com ele. O senhor já fez parte de inúmeras comissões e sabe como funcionam. Por acaso, esteve nalguma reunião que fosse fruto da inspiração divina?

Tenho de admitir que não, muito menos no que diz respeito às reuniões de trabalho, no Ministério do Interior. Está a pensar em escrever ao arcebispo ou, quem sabe, ao papa?

Sir Aired brindou-o com um olhar desconfiado, mas, aparentemente, decidiu que, se Dalgliesh estava a gozar com ele, devia ignorá-lo.

Tenho mais que fazer. Depois, fuge um pouco à minha especialidade. No entanto, é uma questão interessante. É de admitir que se lembrassem disso. Quando estiver em Santo Anselmo e chegar a uma conclusão, diga-me. Vou estar fora do país nos próximos dez dias, mas não há pressa. Se o meu filho foi assassinado, saberei o que fazer. Se o Ronald se suicidou, então isso só a ele diz respeito, mas, mesmo assim, gostava de saber o que se passou.

Despediu-se de Dalgliesh com um aceno de cabeça e ordenou ao motorista:

Muito bem, Norris. Leve-me de volta ao escritório.

O carro arrancou. Dalgliesh ficou a observar o Mercedes a afastar-se, durante algum tempo. Sir Aired não deixava os seus créditos por mãos alheias. Fizera uma avaliação da questão com demasiada confiança, quase com alguma presunção. Ora, era um homem mais complexo do que parecia. Um misto de ingenuidade e de subtileza, de arrogância e de uma curiosidade exagerada. E, ao tomar sobre si, de forma incongruente, a análise da questão, conferira-lhe, de imediato, uma dignidade que resultava, tão-somente, do seu interesse pessoal. No entanto, Dalgliesh sentia-se ainda atônito. O veredicto sobre a morte de Ronald Treeves, mesmo que surpreendente, havia sido, pelo menos, misericordioso. Haveria qualquer outro motivo, mais obscuro, para lá da preocupação de um pai, que levasse Sir Aired a insistir numa nova investigação?

Dalgliesh regressou ao sétimo andar. Harkness encontrava-se junto da janela. Sem se voltar, exclamou:

Um homem extraordinário! Disse-lhe mais alguma coisa?

Sim. Que gostaria de voltar a escrever o credo de Nicéia.

Que idéia tão absurda...

Mas, provavelmente, menos prejudicial para a raça humana do que a maior parte das suas outras atividades.

Não; estava a referir-me ao seu propósito de que um oficial da Scotland Yard perca um tempo precioso com a reabertura do inquérito acerca da morte do filho. Ora, mas é tido e sabido que não vai descansar enquanto não conseguir o que deseja. Trata do assunto com a Polícia de Suffolk ou prefere que seja eu a fazê-lo?

É melhor sermos tão discretos quanto possível. O Peter Jackson foi transferido para a Polícia de Suffolk, no ano passado, como comissário adjunto. Vou falar com ele. Além do mais, conheço Santo Anselmo. Passei ali as férias de Verão, durante três anos. Não acredito que ainda lá estejam os mesmos padres, mas, pelo menos, encararão a minha chegada com maior naturalidade, dadas as circunstâncias.

Acredita mesmo nisso? Podem viver longe de tudo e de todos, mas duvido muito que sejam assim tão ingênuos. Um inspetor da Polícia Metropolitana de Londres, interessado na morte accidental de um estudante? Bom, mas não nos resta qualquer alternativa... Treeves tudo fará para conseguir o que quer, mas também não podemos mandar até lá dois dos nossos sargentos, para que comecem a meter o nariz numa investigação que é da alçada de outra força policial. No entanto, se, de fato, se tratar de uma morte suspeita, a Polícia de Suffolk terá de reabrir o inquérito, quer o Treeves queira, quer não. Também pode desistir da idéia de que irão proceder, em segredo, à investigação de um homicídio. Quando se descobre um crime, ficamos todos em pé de igualdade, quer sejamos da Scotland Yard ou de uma autoridade policial local. É algo que nem mesmo o Treeves pode manipular, só para sua conveniência. Estranho, não acha? Refiro-me ao fato de ele se ter dado ao trabalho de vir até cá e de ter feito do caso um assunto pessoal. Se quer manter a imprensa à distância, então, porque insiste na reabertura do inquérito? E porque terá levado aquele bilhete tão a sério? O que ele mais deve receber são cartas de loucos. Era de esperar que não desse qualquer importância ao bilhete anônimo e o deitasse na caixa do lixo.

Dalgliesh nada disse. Fosse qual fosse o motivo do remetente, o bilhete não lhe parecera obra de uma pessoa desequilibrada. Harkness aproximou-se um pouco mais da janela e, de pé, com os ombros descaídos, contemplou o panorama familiar de torres e espirais como se, de repente, tudo aquilo lhe fosse estranho.

Sempre sem se voltar, continuou:

Não demonstrou qualquer pena pelo rapaz, pois não? E não deve ter sido fácil para ele... Refiro-me ao rapaz, claro. Foi adotado, presumivelmente porque o Treeves e a esposa julgavam que não podiam ter filhos. Mais tarde, a esposa do Treeves engravida e nasce um filho. Um artigo genuíno, sangue do sangue de Sir Aired Treeves, e não um miúdo escolhido pelo respectivo departamento dos Serviços Sociais. E nem sequer é tão invulgar como isso. Conheço um caso assim. O filho adotado sente, invariavelmente, que não faz parte da família.

As palavras de Harkness haviam sido proferidas com mal disfarçada veemência. Foi Dalglish quem quebrou o momento de silêncio que se seguiu.

Talvez justifique a atitude de Sir Aired. Ou talvez ele sinta um complexo de culpa. Não conseguia amar o rapaz como filho, enquanto estava vivo, e não consegue sentir qualquer pesar, agora que o Ronald está morto, mas insiste em que se faça justiça.

Harkness voltou-se e replicou, em tom brusco:

De que serve a justiça para os mortos? É melhor concentrarmo-nos na justiça para os vivos. Bom, faça o que puder que eu tratarei de informar o comandante. Se bem que Dalglish e Harkness se tratassem pelos respectivos nomes próprios, havia sete anos, este último dirigira-se ao colega como se estivesse a dar ordens a um sargento. Os documentos para a reunião, no Ministério do Interior, achavam-se em cima da sua secretária e os respectivos anexos haviam sido devidamente etiquetados. Como sempre, a assistente particular de Dalglish mostrara-se eficiente. Quando Dalglish guardou os documentos na pasta e desceu, pelo elevador, libertou a sua mente de todas as preocupações do dia e deixou-a divagar até à costa ventosa de Ballard's Mere.

Ia voltar a Ballard's Mere finalmente. Porque não regressara antes? A sua tia vivera na zona costeira de East Anglia, primeiro numa casa de campo, e mais tarde, num velho moinho restaurado. E, de cada vez que Dalglish a visitava, podia ter ido até Santo Anselmo. Teria sido fruto de uma instintiva relutância em evitar a desilusão, da consciência de que regressamos sempre a um local de que gostamos sem quaisquer capacidades críticas, enterradas pelo triste passar dos anos? Além do mais, regressaria a Santo Anselmo como um estranho. Quando visitara, pela última vez, o instituto, o padre Martin ainda fazia parte do corpo docente, mas, agora, devia estar reformado, porque tinha cerca de oitenta anos. Dalglish sabia que, ao regressar a Santo Anselmo, levaria consigo, apenas, recordações que não poderia partilhar com mais ninguém. Chegaria àquele local, sem ser convidado, na qualidade de oficial da Polícia, com o objetivo de reabrir, sem grande justificação, um caso que devia ter provocado muita angústia e embaraço aos padres de Santo Anselmo. Apesar de tudo, Dalglish sentia um súbito contentamento por voltar àquele local.

Passou, distraidamente, em frente dos edifícios burocráticos de características indistintas, entre a Broadway e a Praça do Parlamento, porque, mentalmente, se transportara para um cenário sossegado e menos frenético. Os penhascos arenosos, debruçando-se sobre a praia molhada pela chuva, os vários quebra-mares de madeira, quase destruídos por séculos de marés mas conseguindo, mesmo assim, suportar as investidas violentas do mar, a estrada de arenito que, em tempos idos, percorrera a parte interior do penhasco, mas que, agora, seguia perigosamente ao longo da margem do precipício. O Instituto de Santo Anselmo, com as duas torres Tudor em ruínas, flanqueando o átrio da frente, a porta de carvalho revestida a ferro e nos fundos da imensa mansão vitoriana, erigida em pedra e tijolo, os delicados claustros, encerrando a ala oeste, com o claustro norte a levar diretamente à pequena igreja medieval, que servia a comunidade. Lembrava-se de que os estudantes usavam batina e capote castanhos, com capuzes para os proteger do vento, sempre presente naquela região. Podia vê-los, naquele momento, com sobrepelizes, a preparar-se para as vésperas,

ocupando os bancos da igreja, onde devia pairar o cheiro a incenso, e o altar, com mais velas do que as que o seu pai da ala anglicana da Igreja consideraria adequado. E, por cima do altar, o quadro da Sagrada Família, pintado por Rogier van der Weyden. Aquela bela obra de arte ainda lá estaria? E quanto àquele outro tesouro, mais secreto, misterioso e preservado, o papiro de Santo Anselmo, ainda estaria escondido algures no instituto?

Dalgliesh passara ali as férias de Verão, durante três anos consecutivos. O seu pai trocara funções com outro clérigo, destacado para a paróquia de uma cidade difícil, no interior, a fim de lhe dar uma oportunidade de mudar de ambiente. Os pais de Dalgliesh não haviam mostrado qualquer intenção de permitir que o filho ficasse enclausurado, durante as férias de Verão, numa cidade industrial, e haviam-no convidado a permanecer no presbitério, com os recém-chegados. Mas, quando o jovem Dalgliesh soubera que o reverendo Cuthbert Simpson e a esposa tinham quatro filhos, todos com menos de oito anos, incluindo dois gêmeos, de sete, mudara de idéia. Mesmo aos catorze anos, Dalgliesh ansiava por um pouco de privacidade, durante as férias. Assim, concordara em aceitar o convite do reitor de Santo Anselmo, apesar de saber que, no entender de sua mãe, teria demonstrado um espírito generoso se, ao invés, se oferecesse para ficar e tomar conta dos gêmeos.

O instituto encontrava-se quase vazio. Apenas alguns ordinandos estrangeiros haviam decidido manter-se ali. Tanto os ordinandos como os padres tudo haviam feito para que a estada de Dalgliesh fosse feliz. Tinham mesmo ido a ponto de construir uma baliza numa extensão de relva, aparada especialmente para o efeito, por trás da igreja. E não se cansavam de jogar com ele. Dalgliesh lembrava-se, também, de que a comida era muito superior às refeições da escola e, até mesmo, às refeições do presbitério, e de que gostara do seu quarto, apesar de não ter vista para o mar. Contudo, o que mais havia apreciado fora os passeios solitários para sul, em direção ao pântano, ou para norte, em direção a Lowestoft, a total liberdade de ir à biblioteca, o silêncio onipresente mas nunca opressivo, e a certeza de que, em cada dia, podia fazer o que bem lhe apetecesse. Então, durante a sua segunda visita, a 3 de Agosto, Sadie chegara.

O padre Martin tinha-lhe dito: "A neta de Mistress Millson vai passar alguns dias com ela, na sua casa. Segundo sei, tem mais ou menos a tua idade, Adam. Talvez possa fazer-te companhia." Mrs. Millson era a cozinheira. Na altura, tinha sessenta anos e agora, também já devia estar reformada há muito.

E de certa forma, Sadie havia feito companhia ao jovem Dalgliesh. Era uma rapariga magra, de quinze anos, com cabelos louros, que pendiam de cada lado do seu rosto estreito, e olhos pequenos, de um cinzento invulgar, pontilhado de traços verdes, que, no primeiro encontro, o haviam fitado com ofendida intensidade. No entanto, acedera em passear com Dalgliesh, se bem que raramente falasse. Pegava num seixo, lançava-o ao mar ou, de repente, desatava a correr, com feroz determinação, para, depois, se voltar e esperar por Dalgliesh, como se ele fosse um cachorro que devia correr atrás de uma bola.

Dalgliesh lembrava-se de um certo dia em que, depois de uma forte tempestade, o céu se iluminara, mas o vento ainda soprava com força e as ondas ainda eram altas. Tinham ficado sentados, lado a lado, no abrigo do quebra-mar, partilhando uma limonada, que bebiam da mesma garrafa. Dalgliesh havia escrito um poema para Sadie que, tanto quanto ele se

lembrava, era mais um exercício para tentar imitar Eliot (o seu mais recente entusiasmo literário) do que um tributo a um sentimento genuíno. Sadie lera o poema, com as sobrancelhas franzidas.

Foste tu que escreveste isto?

Sim. É para ti. É um poema.

Não, não é, porque não rima. O Billy Price, um rapaz da minha turma, escreve poemas e rimam sempre.

É um tipo diferente de poema replicara, indignado, o jovem Dalgliesh.

Não, não é. Se fosse, as palavras do fim de cada linha tinham de rimar. Foi o Billy Price que me disse.

Mais tarde, Dalgliesh convencera-se de que Billy Price tinha certa razão. Mas, naquele momento, levantara-se, rasgara o papel e atirara os pedaços para a areia, esperando que a próxima onda os levasse para o esquecimento eterno. Afinal, o famoso poder erótico dos poemas de nada lhe valera. Contudo, os espíritos femininos de Sadie, apercebendo-se dos elementares objetivos de Dalgliesh, optara por uma manobra menos sofisticada, mais atávica, declarando:

Aposto em como não tens coragem de mergulhar do pontal do quebra-mar.

Dalgliesh pensara que Billy Price, para além de escrever versos que rimavam no fim de cada linha, teria, sem dúvida, coragem para mergulhar do pontal. Sem dizer palavra, levantou-se e tirou a camisa. De calções, tomou balanço, fez uma pausa e, tendo o cuidado de não perder o equilíbrio, atravessou o chão coberto de algas até ao fundo do pontal e mergulhou, de cabeça, no mar turbulento. Aquela parte era menos funda do que ele pensara e sentiu alguns seixos a roçar-lhe nas palmas das mãos, antes de voltar à superfície. Mesmo em Agosto, o mar do Norte era gelado, mas o choque térmico era temporário. O que se seguiu foi aterrador. Era como se estivesse à mercê de forças incontroláveis, como se mãos possantes o agarrassem pelos ombros e o empurrassem para baixo. Tentou libertar-se, mas a praia, de repente, desapareceu, para além de uma gigantesca barreira de água. A onda abateu-se sobre o seu corpo e Dalgliesh sentiu-se ir ao fundo, para, logo a seguir, voltar à tona e ver a luz do dia. Nadou, com todas as suas energias, em direção ao quebra-mar, que, a cada segundo que passava, lhe parecia mais distante.

Podia ver Sadie, de pé, no rebordo do pontal, com o cabelo ao vento e a agitar os braços freneticamente. Gritava algo, mas Dalgliesh nada conseguia ouvir. Reunindo forças, esperou que outra onda avançasse e, depois, já desesperado, tentou agüentar o impacto, antes que a onda recuasse e lhe fizesse perder os poucos metros que avançara. Esforçando-se por não entrar em pânico, sabia que devia tentar aproveitar o avanço que cada nova onda lhe proporcionava. E, por fim, após avançar metro após metro, com grande sacrifício, conseguiu. Ofegante, agarrou-se ao rebordo do pontal. Passaram-se vários minutos antes que lograsse mexer-se, mas Sadie estendeu-lhe a mão e ajudou-o a trepar a parede do pontal.

Ficaram sentados, sempre lado a lado, no pequeno recife de seixos e, em silêncio, Sadie tirou o vestido e começou a esfregar as costas dele. Quando a pele gelada de Dalgliesh secou, sempre sem pronunciar palavra, Sadie estendeu-lhe a camisa. Lembrava-se de que a visão do corpo da rapariga, dos seus seios pequenos e empinados e dos mamilos rosados e macios, não lhe provocara qualquer desejo, mas uma emoção que, mais tarde, interpretara como um misto de afeto e de piedade. Por fim, Sadie dissera:

Queres ir até ao pântano? Conheço um esconderijo secreto. O pântano ainda devia existir. Era uma extensão de águas estagnadas e escuras, separadas do mar agreste por uma zona pedregosa. A sua superfície oleosa deixava adivinhar profundezas impenetráveis. Exceto por ocasião de tempestades violentas, as águas estagnadas do pântano e a água salgada do mar nunca se encontravam, em virtude daquela barreira de terra e pedras. Na margem da corrente, os troncos fossilizados de árvores enegrecidas erigiam-se como totens de uma civilização desaparecida. O pântano era um famoso retiro de aves marinhas e havia nichos de madeira por entre as árvores e os arbustos, mas apenas o mais entusiasta ornitólogo se atreveria a penetrar naquele sinistro leito de água.

O esconderijo secreto de Sadie havia sido, outrora, o casco de madeira de um navio naufragado, parcialmente enterrado nas areias daquela extensão de terra, entre o mar e o pântano. Ainda havia alguns degraus apodrecidos que desciam até à cabina, e fora ali que tinham passado o resto daquela tarde e todos os dias que se seguiram. A única fonte de luz provinha das brechas nas tábuas, e os dois jovens riavam-se ao ver os seus corpos marcados por riscas de sombra e luz, seguindo o percurso das linhas com os dedos. Dalgliesh passava o tempo lendo, escrevendo, ou simplesmente recostado, em silêncio, na parede curva da cabina, enquanto Sadie impunha, naquele pequeno mundo deles, o seu espírito doméstico organizado, mas igualmente excêntrico. As merendas fornecidas pela avó eram cuidadosamente estendidas nas pedras achatadas. Entregava os petiscos ao amigo com toda a cerimônia, e só comiam quando ela assim decidia. Enchia os frascos vazios de compota com água do pântano, que continha juncos, ervas e plantas não identificadas de aspecto viscoso, que ela apanhava das fissuras existentes nos penhascos. Por vezes percorriam juntos, a praia, à procura de seixos com buracos para acrescentar ao colar que Sadie começara a fazer, depois de estender uma corda ao longo da parede da cabina.

Durante anos, após aquele Verão inesquecível, o cheiro de alcatrão e da madeira apodrecida, misturado com o odor da maresia, encerrara para Dalgliesh, uma certa carga erótica. Onde se encontraria Sadie, agora?, perguntou a si próprio. Provavelmente, estava casada, com uma prole de filhos louros se os respectivos pais não houvessem morrido afogados, eletrocutados ou não tivessem sido eliminados pelo processo preliminar de seleção imposto por Sadie. Era muito pouco provável que tivesse restado qualquer vestígio do navio encalhado. Ao fim de décadas de embates furiosos, o mar devia ter, finalmente, reclamado a sua presa. E, muito antes que a última prancha fosse arrastada pela maré, o colar teria rebentado, deixando cair àqueles seixos, cuidadosamente apanhados, na areia que cobria o chão da cabina.

Na terça-feira, dia 12 de Outubro, Margaret Munroe escreveu a última página do seu diário.

Ao reler este diário, desde que comecei a escrevê-lo, a maior parte dos meus relatos parece ser tão enfadonha que pergunto a mim mesma porque insisto em escrever. As anotações que se seguiram à morte do Ronald Treeves pouco mais foram do que uma descrição da minha rotina diária, alternando com a descrição do tempo. Depois do inquérito e da missa de réquiem, fiquei com a idéia de que a tragédia fora formalmente encerrada e que o Ronald nunca passara por cá. Nenhum dos outros ordinandos fala dele, pelo menos comigo. Nem muito menos, os padres. O corpo do Ronald nunca regressou a Santo Anselmo, nem mesmo para o réquiem. Sir Aired quis que o filho fosse cremado em Londres e, assim, depois do inquérito, o corpo foi trasladado por uma agência funerária londrina. O padre John agrupou as roupas do Ronald e Sir Aired enviou dois homens, de carro, para levarem o Porsche e um embrulho com os pertences de Ronald. Os meus pesadelos começam a desaparecer e já não acordo, a meio da noite, empapada em suor, imaginando que aquele monstro cego, com o corpo e o rosto cobertos de areia, me vai perseguir.

O padre Martin tinha razão. Anotar todos os pormenores ajudou-me e tenciono continuar a escrever. Dou comigo a aguardar ansiosamente pelo fim do dia, quando, depois de arrumar a louça do jantar, me posso sentar em frente da mesa, com este bloco de apontamentos. Não possuo qualquer outro talento, mas gosto de fazer uso das palavras, de recordar o passado, de distanciar-me de tudo o que me aconteceu e de tentar encontrar alguma lógica nesses mesmos acontecimentos. Hoje, contudo, as minhas anotações não serão monótonas nem rotineiras. O dia de ontem foi diferente. Aconteceu algo muito importante e tenho de passá-lo para o papel, a fim de completar o meu relato. Ainda não sei se isso será correto da minha parte. Afinal, não é um segredo meu e, muito embora nunca alguém venha a ler este relato a não ser eu, não posso deixar de sentir que existem certas coisas que não devem escrever-se. Quando não se fala nem se escreve sobre um segredo, pode-se, ao menos, guardá-lo, com toda a segurança, na nossa mente. Registrá-lo num diário dá a idéia de que ele se liberta e de que se lhe confere o poder de se espalhar, como pólen, pelo ar e de entrar em outras mentes. Pode parecer um pouco exagerado, mas deve haver alguma ponta de verdade nesta minha teoria, caso contrário, porque acharia eu que tenho de parar de escrever, neste preciso momento? Por outro lado, não faz sentido continuar com este diário, se deixar de parte os fatos mais importantes. Além disso, não existe qualquer risco de que estas palavras sejam lidas, mesmo que eu guarde o bloco numa gaveta destrancada. São poucas as pessoas que vêm visitar-me e nenhuma delas iria vasculhar as minhas coisas. Mas talvez eu devesse ter mais cuidado com a minha privacidade. Pensarei melhor nisso, amanhã, mas, por ora, vou escrever o mais que puder e me atrever. O mais estranho, nisto tudo, é que nunca me teria lembrado, se o Eric Surtees não me houvesse trazido, como presente, quatro alhos porros cultivados por ele. Eric sabe que gosto de comer alhos porros, ao jantar, com molho de queijo, e costuma oferecer-me alguns dos legumes da sua horta. Não sou a única beneficiária da sua generosidade. Costuma oferecer os seus produtos aos habitantes das outras vivendas assim como ao instituto. Pouco antes de ele aparecer, eu estivera a ler o meu relato sobre a descoberta do corpo do Ronald e, quando desembulhei o pacote que continha os alhos porros, aquela cena, na praia, veio-me à memória. Então, tudo se encaixou e lembrei-me, de repente. Ressurgiu, na minha mente, com a mesma clareza de uma fotografia, e recordei cada gesto, cada palavra proferida, tudo, à exceção dos nomes mas não tenho a certeza de alguma vez os haver conhecido. Tudo se passou há doze anos atrás, mas podia ter sido ontem. Jantei e levei o segredo comigo para a cama. Esta manhã, soube que devia falar com a pessoa a quem ele mais respeita. Depois disso, manter-me-ei

calada para sempre. Mas, primeiro, tenho de verificar se o que me veio à memória corresponde à verdade e efetuei um telefonema, quando, esta tarde, fui a Lowestoft para fazer algumas compras. Então, há cerca de duas horas, revelei o que sabia. Não que eu tenha alguma coisa a ver com isso, até porque, agora, já nada posso fazer. Mas fiquei satisfeita por ter falado. Teria sido muito desconfortável, para mim, continuar a viver aqui, sabendo o que sei, sem falar sobre o assunto, perguntando a mim mesma se seria essa a atitude mais acertada. Agora, porém, já não tenho que me preocupar mais. No entanto, continuo a achar estranho que as coisas não se tenham esclarecido e nunca me teria lembrado de nada, se o Eric não me tivesse vindo trazer aqueles alhos porros.

Foi um dia muito cansativo e sinto-me exausta, talvez até demasiado cansada para dormir. Acho que vou ver o princípio do Newsnight e, depois, deitar-me.

Margaret Munroe pegou no bloco de apontamentos e guardou-o na gaveta da escrivaninha. Depois, mudou de óculos, para ver televisão, ligou o aparelho e recostou-se na poltrona de espaldar alto, com o controle pousado num dos braços da poltrona. Estava a ficar um pouco surda. O som irrompeu violentamente, antes que ela o ajustasse, e a música introdutória do programa chegou ao fim. Sabia que o mais certo era acabar por adormecer na poltrona, mas o esforço de se levantar e dirigir-se ao quarto, para se deitar, parecia-lhe demasiado violento.

Estava quase a dormitar quando sentiu uma corrente de ar e teve consciência, mais por instinto do que pelo ruído, de que alguém acabara de entrar na sala. O trinco da porta estalou. Voltando a cabeça para um dos lados, viu quem era e exclamou:

Ah, é você! Deve ter sido uma surpresa, para si, ver a luz acesa na minha casa, a esta hora. Estava a pensar que já são horas de ir para a cama.

A figura aproximou-se da poltrona, por trás, e Margaret Munroe esticou a cabeça para cima, à espera de uma resposta. Então, as mãos fortes, calçando luvas de borracha amarelas, taparam-lhe as narinas e a boca, pressionando-lhe a cabeça contra o espaldar da poltrona.

Margaret Munroe soube que a morte chegara, mas não sentiu medo. Apenas uma grande surpresa e um cansado conformismo. Debater-se não lhe serviria de nada. Nem sequer queria fazê-lo. Só desejava partir rapidamente, sem dor nem sofrimento. As suas últimas sensações terrenas foram as da borracha fria das luvas no rosto e do cheiro de látex nas narinas, antes de o seu coração bater pela última vez.

Na quinta-feira, dia 17 de Outubro, mais precisamente quando faltavam cinco minutos para as dez da manhã, o padre Martin saiu do seu quarto, situado no pequeno torreão da ala sul da mansão, desceu a escada de caracol e atravessou o corredor que levava ao escritório do padre Sebastian. Ao longo dos últimos quinze anos, a manhã de quinta-feira era reservada para a reunião semanal de todos os padres residentes. O padre Sebastian fazia o seu relatório e, depois, resolviam-se os problemas pendentes, relativos à manutenção do instituto, abordavam-se as dificuldades entretanto surgidas e acertavam-se os últimos

pormenores da Eucaristia de domingo e das outras missas a celebrar ao longo da semana seguinte, tal como os convites a endereçar a futuros pregadores.

Finda esta reunião, o ordinando mais antigo era chamado para uma entrevista privada com o padre Sebastian. A sua função era transmitir as expectativas, queixas ou idéias que o corpo de estudantes desejasse comunicar, e, por outro lado, receber instruções e informações do corpo docente, que deveria passar aos outros ordinandos, incluindo os pormenores relativos às missas que seriam celebradas na semana seguinte. A participação dos estudantes parava ali. O Instituto de Santo Anselmo continuava a aderir à interpretação, já ultrapassada, do *in statu pupillari* e a demarcação entre professores e alunos era observada à risca. Apesar de tudo, o regime de ensino mostrava-se surpreendentemente liberal, em especial no que dizia respeito às licenças de sábado, desde que os estudantes não saíssem antes das cinco da tarde de sexta-feira, depois de assistir às vésperas, e regressassem a tempo da Eucaristia de domingo, às dez horas da manhã.

O gabinete do padre Sebastian ficava na ala leste, por cima do pórtico, e tinha vista sobre o mar, por entre as duas torres Tudor. Era muito espaçoso para um gabinete, mas, tal como o padre Martin, seu predecessor, o padre Sebastian recusara-se a lhe alterar as proporções, mandando instalar divisórias. A sua secretária, Miss Beatrice Ramsey, ocupava a sala contígua. Trabalhava apenas de quarta a sexta-feira, mas conseguia fazer, naqueles três dias, o mesmo que a maior parte das outras secretárias faria em cinco dias. Era uma mulher de meia-idade, dona de uma devoção e de uma integridade intimidantes, e o padre Martin tinha sempre medo de soltar gases inadvertidamente na sua presença. Miss Ramsey era muito dedicada ao padre Sebastian, se bem que sem qualquer dos sentimentos ou manifestações constrangedoras que o afeto de uma solteirona por um padre por vezes revela. Na realidade, o respeito demonstrado por Miss Ramsey parecia ser não tanto pelo homem, mas mais pelo ofício, e achava ser seu dever mantê-lo nas melhores condições.

Para lá da sua vastidão, o gabinete do padre Sebastian continha alguns dos objetos mais valiosos que haviam sido doados por Miss Arbuthnot. Por cima da lareira de pedra, onde estava inscrito o mote teológico de Santo Anselmo, *Credo ut intelligam*, pendia um quadro, da autoria de Burne-Jones. Retratava um grupo de raparigas, de beleza inverossímil e cabelos ondulados, brincando num pomar. O quadro havia estado no refeitório, anteriormente, mas o padre Sebastian, sem fornecer qualquer explicação, mandara colocá-lo no seu gabinete. O padre Martin, quando da mudança do quadro, tentara reprimir a sua desconfiança de que aquele gesto fora menos um sinal, por parte do reitor, de afeto pelo quadro ou de admiração pelo artista, do que do desejo de que os objetos valiosos do instituto fossem valorizar o seu gabinete e ficassem sempre submetidos ao seu olhar vigilante. Naquela quinta-feira, a reunião seria composta apenas por três pessoas: o padre Sebastian, o padre Martin e o padre Peregrine Glover. O padre John Betterton tivera de marcar com urgência uma consulta no dentista, em Halesworth, e transmitira o seu pedido de desculpas. Quanto ao padre Peregrine, bibliotecário do instituto, compareceu à reunião, passados poucos minutos da hora marcada. Com quarenta e dois anos de idade, era o mais novo dos padres residentes, mas, para o padre Martin, não raras vezes parecia ser o mais velho. De rosto rechonchudo e tez macia, assemelhava-se a um mocho, em virtude dos óculos de aros redondos que usava. Tinha cabelo espesso e negro, orlado por uma franja curta. Só lhe faltava a tonsura para completar a sua semelhança com um frade da época

medieval. Além do mais, os traços suaves do seu rosto transmitiam a falsa impressão de ser fisicamente fraco. Sempre que se despiam das suas vestes e nadavam, o padre Martin não deixava de ficar admirado ao ver como o corpo do padre Peregrine era atlético. O padre Martin nadava apenas nos dias mais quentes, chapinhando, sempre com alguma apreensão, nos baixios de profundidade incerta, enquanto observava, atônito, o padre Peregrine, esguio como um golfinho, a furar as ondas. Nas reuniões de quinta-feira, o padre Peregrine pouco falava; em geral, fazia-o mais para narrar um fato do que para emitir uma opinião pessoal, mas os outros escutavam-no com atenção, porque havia sido distinguido, a nível acadêmico. Doutorara-se em Ciências Naturais, por Cambridge, antes de se doutorar em Teologia e optar pelo sacerdócio anglicano. Em Santo Anselmo, ensinava História da Igreja, por vezes com um relevo desconcertante sobre a evolução das descobertas e do pensamento científicos. Era cioso da sua privacidade e ocupava um quarto minúsculo do piso térreo da mansão, situado nos fundos, junto da biblioteca, e que se recusava a abandonar, talvez porque aquele espaço espartano, digno de um eremita, lhe lembrasse as celas dos monges que secretamente desejava ocupar. O seu quarto ficava perto da lavanderia e a única preocupação do padre Peregrine era a de que os estudantes se servissem das máquinas de lavar, ruidosas e velhas, depois das dez da noite.

O padre Martin alinhou três cadeiras, em semicírculo, à frente da janela. Antes de se sentarem, os três homens baixaram as cabeças para a oração que o padre Sebastian recitou:

Concede-nos, Senhor, a Tua Graça, em todos os nossos atos, e fornece-nos o Teu apoio contínuo; que todas as nossas obras se iniciem e se terminem em Ti; que possamos glorificar o Teu Santo Nome e, finalmente, que, por meio da Tua misericórdia, possamos alcançar a vida eterna; por Nosso Senhor, Jesus Cristo. Amém. Feita a oração, acomodaram-se nas cadeiras, com as mãos pousadas nos joelhos, e o padre Sebastian iniciou o seu relato:

O primeiro assunto que tenho a comunicar, hoje, é algo delicado. Recebi um telefonema da Scotland Yard. Aparentemente, Sir Aired Treeves terá manifestado o seu descontentamento pelo veredicto acerca da morte do Ronald e pediu a Scotland Yard que procedesse a uma investigação. Um tal inspetor Adam Dalgliesh chegará ao nosso instituto, na sexta-feira, depois do almoço. Prometi fornecer-lhe toda a cooperação de que ele necessitar. Aquela notícia foi recebida em silêncio. O padre Martin sentiu um súbito calafrio no estômago e comentou:

Mas o corpo foi cremado, procedeu-se a um inquérito e foi proferido um veredicto. Mesmo que Sir Aired Treeves não esteja de acordo, não vejo o que a Polícia possa descobrir, agora. E porquê a Scotland Yard? Porquê um inspetor? Parece um curioso abuso de poder.

O padre Sebastian esboçou o seu habitual sorriso sardônico.

Penso que é fácil concluir que Sir Aired Treeves apelou diretamente ao topo da hierarquia. Homens como ele agem sempre assim. Além do mais, dificilmente pediria à Polícia de Suffolk que reabrisse o caso, uma vez que foi esta que procedeu ao inquérito preliminar. Quanto à escolha do inspetor Dalgliesh, pelo que sei, tencionava vir passar férias nesta

região e conhece Santo Anselmo. Provavelmente, a Scotland Yard está a tentar agradar a Sir Aired, mas sem ter de recorrer a grandes meios e sem nos causar grande incômodo.

A propósito: o inspetor falou em si, padre Martin.

O padre Martin sentiu-se dividido entre uma vaga apreensão e um certo contentamento.

Eu fazia já parte deste corpo docente quando ele passou as férias de Verão, aqui, durante três anos consecutivos. O seu pai era um pároco da diocese de Norfolk, mas já não me lembro de que paróquia... O Adam era um rapazinho encantador, muito inteligente e sensível. Bom, mas ignoro como será, agora. No entanto, terei todo o gosto em voltar a vê-lo.

Os meninos encantadores e sensíveis, comentou o padre Peregrine, costumam tornar-se adultos insensíveis e desagradáveis. Mas, como não nos resta qualquer alternativa quanto à sua visita, fico contente por saber que, pelo menos, um de nós anseia por ver esse tal inspetor. Não faço idéia do que pretende Sir Aired com esta nova investigação. Se, porventura, esse inspetor Dalglish chegar à conclusão de que há indícios de um crime, então, como é óbvio, as autoridades locais reabrirão o caso.

Não deixava de ser estranho, pensou o padre Martin, ouvir, em voz alta, a palavra "crime", uma palavra que, desde que ocorrera a tragédia, ninguém, em Santo Anselmo, se atrevera a pronunciar. Foi o padre Sebastian que retomou o diálogo.

A hipótese de um crime é simplesmente ridícula. Se existisse qualquer indício de que a morte do Ronald não foi acidental, ter-se-iam descoberto provas, durante o inquérito.

Havia, contudo, uma terceira possibilidade, que pairava nas mentes dos três padres. O veredicto de morte acidental havia constituído um alívio para Santo Anselmo. Mesmo assim, aquela morte havia plantado a semente do desastre no instituto, porque não fora a única. Era possível, segundo pensava o padre Martin, que aquele hipotético suicídio tivesse eclipsado, de certa forma, o ataque cardíaco que havia sido fatal a Margaret Munroe. Ruby Pilbeam tinha-a encontrado, sentada na sua poltrona, na manhã seguinte. E, agora, apenas cinco dias volvidos, era como se Margaret nunca tivesse feito parte de Santo Anselmo. A irmã, cuja existência lhes era desconhecida até que o padre Martin inspecionara a papelada de Margaret, tratara do funeral. Chegara a Santo Anselmo com uma camionete, para recolher a mobília e os demais pertences da falecida, e não convidara nenhum elemento do instituto para as exéquias de Margaret Munroe. Somente o padre Martin tivera consciência de como a morte do Ronald havia afetado Margaret. Chegava mesmo a pensar que era o único, ali, a sentir a falta dela.

O padre Sebastian continuou:

Todos os quartos de hóspedes estarão ocupados, este fim-de-semana. Além do inspetor Dalglish, a Emma Lavenham chegará a Santo Anselmo, vinda diretamente de Cambridge, conforme combinado, para um seminário de três dias sobre os poetas metafísicos. O inspetor Roger Yarwood, de Lowestoft, também cá estará. Sofreu de grande tensão nervosa,

recentemente, após o seu divórcio. Tenciona ficar uma semana. Como é óbvio, nada teve a ver com a investigação da morte do Ronald Treeves. O Clive Stannard estará de regresso, mais uma vez, para passar aqui o fim-de-semana, com o objetivo de prosseguir a sua pesquisa sobre a vida doméstica dos primeiros anglo-católicos do movimento de Oxford. Como todos os quartos de hóspedes estarão ocupados, é melhor que ele fique no quarto de Peter Buckhurst. O doutor Metcalf quer que o Peter permaneça na enfermaria por ora, porque ali se sentirá mais quente e confortável.

Lamento muito saber que o Stannard está de regresso replicou o padre Peregrine. Pensava que nunca mais voltaria a vê-lo. É um jovem mal-educado e a sua pretensa pesquisa não me convence. Procurei saber o seu ponto de vista sobre o efeito do caso Gorham, que modificou a crença do movimento de Oxford, de J. B. Mozley, e percebi que ele não fazia a menor idéia daquilo de que eu estava a falar. Para mim, a presença dele na biblioteca é indesejável... e penso que os estudantes partilham a minha opinião.

O avô dele era o advogado de Santo Anselmo e um dos benfeitores deste instituto contrapôs o padre Sebastian. Não me agrada pensar que um membro da sua família não é bem-vindo. No entanto, isso não lhe dá o direito de passar fins-de-semana aqui, de graça, sempre que lhe apetece. A obra deste instituto prevalece sobre tudo o resto. Se ele voltar a causar distúrbios, o problema será resolvido com toda a diplomacia.

E quem é o quinto visitante? perguntou o padre Martin. Apesar de se esforçar por controlar o tom de voz, o padre Sebastian não foi bem-sucedido.

O arcediogo Crampton telefonou-me, dizendo que chegará no sábado e que ficará até domingo à tarde.

Mas estive cá há duas semanas! exclamou o padre Martin. Não tenciona tornar-se uma visita regular, pois não?

Receio bem que sim. A morte do Ronald Treeves trouxe de novo, aos de cima, a questão do futuro de Santo Anselmo. Como sabem, o meu plano de ação tem sido evitar a controvérsia, continuar a nossa obra, sem grande alarde, e usar de toda a influência que possuo nos círculos da Igreja para impedir o encerramento do instituto. Não existem fundamentos válidos para justificar o encerramento, à exceção da política da Igreja de centralizar todos os cursos teológicos em três institutos. Se essa decisão for levada por diante, então, Santo Anselmo fechará as portas, mas nunca por causa da qualidade do nosso ensino nem, muito menos, dos ordinandos que preparamos para o sacerdócio.

O padre Sebastian ignorou aquela confirmação do óbvio. Depois, e como bem sabem, existe outro problema em relação à visita do arcediogo. Da última vez que cá estive, o padre John resolveu ir de férias. Ora, não me parece que possa voltar a fazê-lo. No entanto, se o padre John cá estiver, é certo e sabido que a presença do arcediogo lhe vai ser penosa e muito constrangedora para nós.

O padre John Betterton fora trabalhar para Santo Anselmo depois de passar alguns anos na prisão. Havia sido condenado por assédio sexual a dois jovens acólitos da igreja onde era

padre. Confessara-se culpado, mas o assédio sexual havia sido mais uma questão de um afeto exagerado, demonstrado por certas carícias, do que uma ofensa sexual grave, e muito dificilmente teria sido condenado a uma pena de prisão, se o arcediogo Crampton não se houvesse empenhado em encontrar provas adicionais. Para o efeito, interrogara antigos meninos do coro, obtivera novos depoimentos e alertara a Polícia. O incidente causara grande ressentimento e muita infelicidade, e a perspectiva de ter o arcediogo e o padre John debaixo do mesmo teto horrorizava o padre Martin. Sentia grande compaixão, de cada vez que via o padre John quase rastejando, no cumprimento das suas funções, comungando mas nunca celebrando, e encontrando em Santo Anselmo mais um refúgio do que um emprego. Sem dúvida, o arcediogo agira mediante aquilo que considerava ser o seu dever e talvez fosse injusto pensar-se que o cumprimento do dever, naquele caso, havia sido incompatível com o que ele representava. No entanto, a perseguição que movera a outro membro do clero por quem não tinha qualquer antipatia pessoal e, mais estranho ainda, que mal conhecia parecia inexplicável.

Pergunto a mim mesmo comentou o padre Martin se o Crampton estaria no seu perfeito juízo quando resolveu perseguir o padre John. É que houve algo de irracional no caso...

Estaria no seu perfeito juízo? ripostou o padre Sebastian. Não sofria de qualquer doença mental e, com certeza, nunca houve qualquer insinuação de que ele...

O caso deu-se, interveio o padre Martin, pouco depois de a esposa do arcediogo se suicidar, num momento muito difícil para ele. A perda de um ente querido é sempre um momento difícil. Não vejo como a tragédia pessoal que se abateu sobre o arcediogo possa ter afetado o seu discernimento no que diz respeito ao caso do padre John. Também passei por um mau momento quando a Verônica morreu.

O padre Martin teve dificuldade em reprimir um tênue sorriso. Lady Verônica Morell morrera, ao cair do cavalo, numa caçada, quando de um dos seus regressos regulares à casa familiar que nunca chegara a deixar realmente e ao desporto de que nunca conseguira nem desejara abdicar. O padre Martin suspeitava, aliás, de que, se o padre Sebastian soubesse que a mulher iria morrer, inevitavelmente, e tivesse de escolher a causa de morte, esta seria, sem dúvida, a que escolheria. "A minha mulher faleceu em consequência de uma queda de cavalo, enquanto caçava" tinha um certo charme, quando comparado com "A minha mulher morreu de pneumonia". Desde então, o padre Sebastian não revelara qualquer intenção de voltar a casar. Talvez por haver sido marido da filha de um conde, embora cinco anos mais velha do que ele e ostentando uma semelhança espantosa com os animais que ela tanto adorava, tornara-se pouco atrativa, até mesmo algo degradante, a perspectiva de se unir a uma mulher de menor categoria social. Ao aperceber-se de que os seus pensamentos podiam ser considerados ignóbeis, o padre Martin apressou-se a fazer, mentalmente, um ato de contrição.

Simpatizava com Lady Verônica. Lembrava-se da sua figura elegante quando passeava pelos claustros, depois da última missa, e dizia ao marido, com voz roufenha: "O teu sermão foi muito demorado. Não percebi metade e tenho a certeza de que os miúdos também não." Lady Verônica referia-se sempre aos ordinandos chamando-lhes "miúdos".

Por vezes, o padre Martin dava consigo a perguntar a si próprio se ela não pensava que o marido dirigia um estábulo de cavalos de corrida.

Todos reparavam que o reitor ficava sempre mais relaxado e alegre quando a sua esposa estava no instituto. O padre Martin recusava-se teimosamente a imaginar o padre Sebastian e Lady Verônica no leito matrimonial, mas, sempre que os via juntos, não tinha quaisquer dúvidas de que se amavam. Para o padre Martin, era mais uma manifestação da variedade e das peculiaridades do estado marital, de que ele, solteirão inveterado, não fora mais do que um observador fascinado. Contudo, e a seu ver, talvez uma grande empatia fosse tão importante quanto o amor e fizesse durar um casamento por mais tempo.

Quando o Raphael chegar prosseguiu o padre Sebastian, falar-lhe-ei, claro está, da visita do arcediogo. O rapaz nutre grande simpatia pelo padre John. Por vezes, chega mesmo a perder a razão quando fala no assunto. Ora, não vai ajudar em nada se ele se envolver numa discussão acesa com o arcediogo. Só prejudicaria o instituto. O Raphael terá de ter em mente que o arcediogo não só é o fideicomissário de Santo Anselmo como um convidado, que deve ser tratado com todo o respeito.

Por acaso perguntou o padre Peregrine, o inspetor Yarwood não era o oficial da Polícia que foi encarregado do caso, quando a primeira mulher do arcediogo se suicidou?

Os outros fitaram-no, espantados. Era o tipo de informação que o padre Peregrine tinha tendência para assimilar mentalmente. Por vezes, parecia que o seu subconsciente nada mais era do que um repositório de diferentes fatos e de certas notícias, de que se lembrava, sempre que queria. Tem a certeza? ripostou o padre Sebastian. Naquela época, os Crampton viviam em Londres. O arcediogo só se mudou para Suffolk depois da morte da esposa. Portanto, o caso deve ter sido entregue à Polícia Metropolitana.

Sabe, é que lemos tanta coisa... desculpou-se o padre Peregrine, placidamente. Lembro-me do relato sobre o inquérito. Penso que foi um agente chamado Roger Yarwood que investigou o assunto. Naquela altura, era sargento da Polícia Metropolitana. O padre Sebastian franziu o sobrolho.

Mais um contratempo que pode provocar algum embaraço. Receio bem que quando eles se encontrarem... o que vai acontecer, inevitavelmente... isso trará memórias tristes ao arcediogo. Mas nada podemos fazer para evitá-lo. O Yarwood precisa de repouso, de recuperar-se e além do mais fez reserva. Foi de grande ajuda para o instituto, a três anos, antes de ser promovido, quando ainda trabalhava na Brigada de Trânsito e o padre Peregrine bateu naquela camionete que se encontrava parada. Como sabem, assiste regularmente à missa de domingo, que lhe proporciona algum conforto espiritual. Se a sua presença despertar memórias dolorosas ao arcediogo, nesse caso, este terá de suportá-las, tal como o padre John suporta as suas. Tratarei de instalar a Emma no quarto de Santo Ambrósio, contíguo à igreja.; o inspetor Dalglish no quarto de São Jerônimo; o arcediogo no quarto de Santo Agostinho e o Roger Yarwood no quarto de São Gregório. "Espera-nos um fim-de-semana tenso e desagradável", pensou o padre Martin. "Será muito angustiante para o padre John ter de se encontrar com o arcediogo, e o próprio Crampton não deve almejar esse encontro, apesar de saber que será inevitável. Afinal, tem conhecimento de que

o padre John está em Santo Anselmo. E, se o padre Peregrine estiver certo e raramente se engana, um encontro entre o arcediogo e o inspetor Yarwood também será embaraçoso para ambos. Vai igualmente ser difícil controlar o Raphael ou mantê-lo à distância do arcediogo. No fim de contas, é o ordinando mais antigo. E, por fim, resta o Stannard. Para além de quaisquer motivos dúbios quanto à sua visita a Santo Anselmo, nunca é um convidado fácil. Mas o pior será a presença do Adam Dalglish, um homem que nos fará lembrar de forma implacável, tristes eventos que todos pensávamos pertencerem já ao passado, e que nos observará com o seu olhar experiente e céptico.”

O padre Martin despertou do seu devaneio, ao ouvir a voz do padre Sebastian:

Bom, agora, penso que podemos ir tomar o nosso café da manhã.

Raphael Arbuthnot entrou e parou, à espera, com a segurança graciosa que lhe era costumeira. A sua batina preta, com uma fila de botões forrados, ao contrário das dos outros ordinandos, parecia, nova, feita à medida, contribuindo para o tornar ainda mais elegante. A sombria austeridade do traje, em contraste com o rosto pálido e o cabelo lúcido de Raphael, era, paradoxalmente, teatral e hierática. Quando se reunia a sós com Raphael, o padre Sebastian não conseguia deixar de sentir um certo mal-estar. Sendo, ele próprio, um homem atraente, sempre valorizara talvez até de mais a boa aparência nos outros homens e a beleza nas mulheres. O seu apurado sentido estético só não tivera qualquer influência no que respeitara à falecida esposa. No entanto, a beleza masculina incomodava-o e chegava mesmo a repugná-lo. Os rapazes novos, em particular os rapazes ingleses, não deviam parecer-se com um deus grego algo dissoluto. Não que Raphael se assemelhasse a um ser andrógino, mas, apesar de tudo, o padre Sebastian sentia que aquela beleza atraía mais os homens do que as mulheres, mesmo que não tivesse o poder de fazer bater mais depressa o seu coração.

Veio-lhe, de novo, à mente a mais insistente das muitas preocupações que faziam com que fosse difícil estar com Raphael sem ser invadido por novas desconfianças e dúvidas a respeito do rapaz. Até que ponto a vocação de Raphael era válida? O instituto devia ter concordado em aceitá-lo como estudante, quando ele já fazia parte da família? Santo Anselmo era o único lar que Raphael conhecera, desde que a sua mãe, a última descendente dos Arbuthnot, o abandonara, à porta do instituto, com duas semanas de idade, havia vinte e cinco anos. Raphael era um filho ilegítimo e não desejado. Não teria sido mais sensato mesmo mais prudente, encorajá-lo a apresentar a sua candidatura em Cuddesdon ou na Casa de Santo Estevão, em Oxford? Fora o próprio Raphael que insistira em ordenar-se padre por Santo Anselmo. Não teria sido uma subtil ameaça da sua parte? Não quisera insinuar que, se não se ordenasse padre ali, então, não abraçaria a sua vocação? Talvez o instituto houvesse sido demasiado condescendente na sua ansiedade de não perder o último dos Arbuthnot. Agora, porém, era tarde de mais e o padre Sebastian não podia impedir-se de sentir uma certa irritação por dar-se conta das vezes em que aquelas suas infrutíferas preocupações acerca de Raphael se intrometiam nos problemas mais imediatos. Decidido a pôr um ponto final nas suas dúvidas, concentrou-se nos problemas do instituto.

Antes de mais, quero falar-lhe de alguns pequenos pormenores, Raphael. Os estudantes que insistem em estacionar os seus carros em frente do instituto devem fazê-lo de forma mais

ordeira. Como sabe, prefiro que estacionem os veículos motorizados na parte de trás dos edifícios do instituto. Se, no entanto, têm de estacionar os vossos carros e motorizadas no átrio da frente, ao menos, sejam mais cuidadosos. É um assunto que irrita particularmente o padre Peregrine. Diga também aos seus colegas que devem lembrar-se de não usar as máquinas de lavar roupa, depois das completas. O ruído das máquinas incomoda o padre Peregrine. E, agora, que já não temos Mistress Munroe, dei autorização para que a roupa de cama seja mudada de quinze em quinze dias. Os lençóis e cobertores estarão ao vosso dispor na lavanderia. Os estudantes deverão servir-se do que precisam e fazer as suas próprias camas. Já colocamos um anúncio para que alguém substitua Mistress Munroe, mas pode levar algum tempo até obtermos resposta.

Não me esquecerei de mencionar esses assuntos aos outros estudantes, padre Sebastian.

Tenho mais duas coisas importantes a dizer-lhe, Raphael. Vamos receber a visita, na sexta-feira, de um tal inspetor Dalgliesh, da Scotland Yard. Ao que parece, Sir Aired Treeves não ficou contente com o veredicto que se seguiu ao inquérito sobre a morte do Ronald e pediu a Scotland Yard que procedesse a uma investigação. Não faço idêia de quanto tempo esse tal inspetor vai ficar aqui, mas provavelmente será apenas durante o fim-de-semana. Como é óbvio, o nosso dever é colaborar com ele, o que significa que vocês deverão responder às suas perguntas com toda a honestidade. Mas, atenção, não quero que lhe forneçam as vossas opiniões.

Mas o Ronald foi cremado. O que espera o inspetor Dalgliesh provar, agora? Com certeza que não pode subverter as provas apresentadas quando do inquérito.

Penso que não. Creio que se trata mais de uma questão de agradar a Sir Aired, mostrando-lhe que se procedeu a uma investigação meticulosa relativamente à morte do filho.

Mas isso é ridículo! A Polícia de Suffolk revelou grande competência. O que pensa a Scotland Yard descobrir, agora?

Muito pouco, se quer saber a minha opinião. De qualquer maneira, o inspetor Dalgliesh será nosso hóspede e irá ocupar o quarto de São Jerônimo. Teremos ainda outros visitantes. O inspetor Yarwood chega na sexta-feira, para umas férias. Precisa de muito repouso e deverá almoçar e jantar no quarto. Mister Stannard está de regresso para prosseguir a sua pesquisa na nossa biblioteca. Também esperamos uma visita curta do arcediogo Crampton. Chega no sábado e tenciona partir logo a seguir ao almoço, no domingo. Pedi-lhe que pregasse a homilia, nas completas de sábado à noite. Será uma pequena congregação, mas não podemos evitá-lo.

Se tivesse sabido disso antes, tudo teria feito para não estar cá comentou Raphael.

Eu sei, mas conto consigo, na qualidade do ordinando mais antigo, para estar presente, pelo menos, até depois das completas, e para que trate o arcediogo com toda a cortesia que deve demonstrar para com um visitante, um homem mais velho e um padre.

Não tenho qualquer problema com as duas primeiras categorias. É a terceira que me está atravessada na garganta. Como ele consegue encarar-nos e encarar o padre John, depois do que fez?

Penso que, tal como nós, o arcediogo Crampton se sente confortado por acreditar que fez o que achava correto, na altura.

Raphael corou violentamente.

E como ele pode pensar que estava a agir corretamente exclamou, quando, apesar de ser padre, perseguiu um outro padre até conseguir que ele fosse preso? Já seria uma desgraça se fosse uma pessoa comum a fazer tal coisa. Mas, partindo de um homem na posição dele, é abominável. Logo o padre John, o mais bondoso de todos os homens...

Está a esquecer-se, Raphael, de que o padre John se declarou culpado durante o julgamento. Declarou-se culpado de má conduta para com dois rapazes nocivos. Não os violou, não os seduziu, nem, muito menos, os maltratou fisicamente. Efetivamente, declarou-se culpado, mas nunca teria ido parar à prisão, se o Crampton não tivesse começado a vasculhar o passado, persuadindo aqueles três jovens a prestar declarações. Afinal, o que tinha o Crampton a ver com o caso? Se achou que também lhe dizia respeito, enquanto membro do clero. Temos de nos lembrar de que o padre John também se declarou culpado quanto às acusações mais graves. Claro! Declarou-se culpado porque se sentia culpado. Ainda hoje, sente um grande complexo de culpa só por estar vivo. Mas, acima de tudo, fê-lo para evitar que aqueles três rapazes mentissem, quando depusessem como testemunhas. Foi isso que o padre John não conseguiu suportar. Todo o mal que esses rapazes iriam infligir a si mesmos, cometendo perjúrio num tribunal. O padre John quis poupá-los a esse mal, mesmo à custa de ir parar à prisão.

Foi ele que lhe disse isso? ripostou o padre Sebastian. Falou sobre esse assunto com ele?

Nem por isso. Pelo menos, não diretamente. Mas sei que é verdade.

O padre Sebastian sentiu, de súbito, grande constrangimento. Podia realmente ser verdade. Era algo em que ele próprio já havia pensado. Só que aquela percepção psicológica era apropriada para ele, enquanto padre; vinda de um estudante, era, no mínimo, estranha.

Raphael, sabe muito bem que não tinha o direito de falar sobre esse assunto com o padre John. Ele cumpriu a sua pena e veio viver e trabalhar aqui. O passado está encerrado. É realmente lamentável que ele tenha de deparar novamente com o arcediogo, mas ainda será mais penoso, tanto para ele como para nós, se você tentar interferir. Todos temos, dentro de nós, um lado obscuro. O do padre John só a ele, a Deus e ao seu confessor diz respeito. Se você tentar intervir, será apenas uma demonstração de arrogância espiritual.

Raphael parecia não ter dado ouvidos ao seu reitor.

Além do mais, sabemos por que motivo o Crampton vem até Santo Anselmo, não é verdade? Para coscuvilhar e ver se consegue arranjar novas provas que o levem a encerrar o

instituto. Quer ver-nos fechar as portas. Aliás, deixou-o bem claro, assim que o bispo o nomeou como um dos fideicomissários de Santo Anselmo.

E, se for tratado com aspereza, então, terá ainda mais provas, de que tanto precisa para mandar encerrar o instituto. Mantive Santo Anselmo aberto devido às influências que consegui mobilizar, prosseguindo com o meu trabalho discretamente e não hostilizando potenciais inimigos. O instituto passa por momentos difíceis e a morte do Ronald Treeves em nada nos ajudou. Dito isto, e após uma pausa, o padre Sebastian fez uma pergunta que não ousara fazer até então. Vocês devem ter falado da morte dele entre vós. Qual é a opinião dos outros ordinandos?

Percebeu imediatamente que aquela pergunta era incomodativa. Seguiu-se um breve silêncio, antes de Raphael responder.

Penso que a opinião geral é de que o Ronald se suicidou.

Mas porquê? Têm uma opinião formada quanto a essa hipótese?

Desta vez, o silêncio foi mais prolongado.

Não, não temos.

O padre Sebastian avançou até à sua secretária e analisou uma folha de papel. Em tom mais ríspido, comentou:

Vejo que o instituto vai estar praticamente vazio durante este fim de semana. Apenas quatro ordinandos vão ficar cá. Faça favor de me lembrar por que razão tantos ordinandos pediram licença para sair, logo no início do primeiro período.

Três ordinandos começaram o seu treino numa paróquia. O Rupert foi convidado para pregar no Instituto de Santa Margarida e penso que dois outros ordinandos vão ouvi-lo. A mãe do Richard faz cinquenta anos no mesmo dia em que celebra as suas bodas de prata, e ele obteve uma licença especial para estar presente na festa de família. Depois, não se esqueceu, por certo, de que o Toby Williams vai ser colocado na sua primeira paróquia e muitos dos seus colegas querem ir apoiá-lo. Sobram o Henry, o Stephen, o Peter e eu. Tinha a esperança de obter licença depois das completas. Perderei a recepção ao Toby, mas gostaria de estar presente na sua primeira missa, na paróquia que lhe foi confiada.

O padre Sebastian continuava a analisar a folha de papel. Sim, parece bater tudo certo. Pode ausentar-se, mas só depois de ter ouvido o sermão do arcediogo. Mas... não costuma ter lições de grego com Mister Gregory, depois da missa de domingo? É melhor falar com ele.

Já falei. Ele pode receber-me na segunda-feira.

Muito bem. Penso que já tratamos de todos os assuntos da semana, Raphael. Já agora, pode aproveitar para levar o seu ensaio. Está em cima da secretária. O Evelyn Waugh, certa vez, escreveu num dos seus livros de viagens que encarava a teologia como a ciência da

simplificação, em que as idéias nebulosas e esquivas eram consideradas inteligentes e exatas. A sua tese não foi uma coisa nem outra. Além do mais, empregou erradamente a palavra rivalizar. Não é sinônimo de imitar.

Claro que não. Peço desculpa. Posso imitá-lo, mas nunca conseguirei rivalizar com o senhor.

O padre Sebastian voltou-se para ocultar um sorriso.

Pois lhe recomendo vivamente que não tente fazer nem uma coisa nem outra.

Quando a porta se fechou atrás de Raphael, o sorriso manteve-se no rosto do padre Sebastian; só depois se lembrou de que não conseguira arrancar a Raphael uma promessa de bom comportamento. Uma promessa, quando dada, é mantida, mas Raphael nada prometera. Ia ser realmente um fim-de-semana muito complicado.

Dalgliesh saiu do seu apartamento com vista para o Tamisa, em Queenshythe, antes do amanhecer. O edifício, agora convertido nos modernos escritórios de uma empresa financeira, havia sido, antes, um armazém, e o cheiro a especiarias, tão fugidio quanto as recordações, ainda pairava nas divisões espaçosas, despojadas de mobília e com paredes de madeira, que ele ocupava no último andar. Quando o edifício fora vendido, Dalgliesh resistira teimosamente aos esforços do novo proprietário de rescindir o seu arrendamento de longo prazo. Por fim, quando Dalgliesh rejeitara a última oferta, ridiculamente alta, o novo proprietário havia reconhecido a sua derrota e o último andar permanecera inviolável. Dalgliesh usufruía, agora, à custa da empresa, de uma porta da rua só para ele, que dava para a parte lateral do prédio, bem como de um elevador privado, mas que lhe custara um aumento de renda. Desconfiava que o resto do edifício se revelara mais do que adequado para as necessidades da empresa e que a presença de um oficial da Scotland Yard no último andar trazia ao porteiro da noite uma sensação de segurança, talvez ilusória. Dalgliesh, assim, mantivera o que mais prezava: a sua privacidade e o isolamento, à noite, o silêncio durante o dia, e uma vista privilegiada da vida, em constante movimento, do Tamisa.

Seguiu para leste, passando pela City e por Whitechapel. Mesmo às sete da manhã, as ruas tinham algum trânsito e pequenos grupos de trabalhadores burocráticos emergiam das estações do metrô. Londres nunca chegava a dormir e Dalgliesh gostava daquela calma, ao amanhecer, das primeiras agitações de uma vida que, dali a poucas horas, se tornaria insuportável, quando comparada com a facilidade de circular agora por ruas desimpedidas. Quando entrou na A 12 e se libertou dos tentáculos da Eastern Avenue, o primeiro laivo rosado no céu escuro transformara-se numa clara luminosidade. Os campos e sebes ganharam tonalidades de um cinzento luminoso, em que as árvores e os arbustos, com a delicada transparência de uma aquarela japonesa, apresentavam gradualmente contornos mais definidos, enriquecidos pelos primeiros dias outonais. Para Dalgliesh, era a altura ideal para observar as árvores. Somente na Primavera conseguiam ser mais belas. Ainda não se apresentavam desnudadas das suas folhas e o padrão escuro dos galhos e ramos tornava-se visível, por entre uma neblina de verdes, vermelhos e amarelos desbotados.

Enquanto conduzia, pensou no objetivo daquela viagem e analisou os motivos do seu envolvimento sem dúvida, pouco ortodoxo na morte de um rapaz que ele não conhecia, uma morte que já fora investigada por um médico legista e oficialmente despachada, tal como a sua cremação, que havia reduzido o corpo a pó. O fato de se ter oferecido para investigar o caso não fora um ato impulsivo. Poucos eram os atos impulsivos que tomava, na sua vida oficial. Não fora, também, para se ver livre de Sir Aired, muito embora fosse o tipo de homem que preferia ver pelas costas. Pensou, de novo, na preocupação daquele homem pela morte de um filho adotado por quem ele não havia mostrado grande afeto, mas talvez Dalglish estivesse a ser presunçoso. Afinal, Sir Aired era um homem que tudo fazia para não ser traído pelos seus sentimentos. Era muito possível que nutrisse muito mais carinho pelo filho do que deixara transparecer. Ou estaria obcecado pela necessidade de saber a verdade, mesmo que inconveniente, mesmo que desagradável, mesmo que difícil de investigar? Se assim era, então Dalglish podia compreender os motivos de Sir Aired.

Chegou a Lowestoft em menos de três horas. Havia muitos anos que não passava por aquela cidade e, quando da sua anterior visita, ficara chocado com o aspecto deprimente de deterioração e de pobreza. As fachadas dos hotéis, viradas para o mar, que, em tempos mais prósperos, haviam alojado a classe média durante as férias de Verão, anunciavam sessões de bingo. A maior parte das lojas tinha encerrado e os transeuntes, de semblante carregado, caminhavam pelos passeios lentamente. No entanto, agora, Lowestoft parecia estar a passar pelo que podia considerar-se um renascimento. Havia substituído os telhados e pintado de novo as casas. Dalglish sentiu que acabara de entrar numa cidade que olhava para o futuro com alguma confiança. A ponte que levava às docas era-lhe familiar e, quando a atravessou, sentiu um aperto no coração. Havia percorrido aquele caminho, de bicicleta, na sua infância, para ir comprar arenques frescos ao cais. Ainda se lembrava do cheiro dos peixes, acabados de pescar, quando os guardava na mochila. Ficava tão pesada, que lhe curvava as costas.

Mas regressava feliz a Santo Anselmo, feliz por oferecer alimento para o almoço ou para o jantar dos padres. Reconheceu igualmente o cheiro característico do alcatrão e da água do mar e olhou, com renovado prazer, os barcos ancorados no porto, enquanto perguntava a si próprio se ainda seria possível comprar peixe fresco no cais. Mesmo que o fosse, nunca mais carregaria às costas uma oferenda para Santo Anselmo, com a mesma excitação e a sensação do dever cumprido, como acontecera na sua infância.

Dalglish esperava que a esquadra de polícia fosse similar àquela de que se lembrava. Uma casa com terraço, adaptada para ser utilizada pela Polícia e cuja metamorfose era marcada por um candeeiro azul, à porta. Ao invés, deparou com um edifício moderno, de dois andares, com a fachada rasgada por uma fileira de janelas sombrias. Uma antena de rádio elevava-se do telhado com impressionante autoridade; e, na entrada, a bandeira inglesa adejava no alto do mastro.

Aguardavam-no. A recepcionista cumprimentou-o, com a encantadora pronúncia típica da região de Suffolk, como se a sua chegada fosse tudo aquilo de que precisasse para ganhar o dia.

O sargento Jones aguarda-o. Vou telefonar-lhe. Ele desce já.

O sargento Irfon Jones era moreno, magro, de pele amarelada, ligeiramente bronzeada pelo mar e pelo sol, que contrastava com o seu cabelo negro. Às primeiras palavras de saudação, revelou onde nascera.

Mister Dalglish, não é verdade? Estava à sua espera. Mister Williams achou que podíamos utilizar o gabinete dele. Queira seguir-me, por favor. Ele lamenta não poder estar presente, e o chefe está em Londres, numa reunião, mas o senhor já deve sabê-lo. Só precisa assinar a ficha...

Seguindo atrás do sargento Jones por uma porta lateral de vidro fosco e ao longo de um corredor estreito, Dalglish comentou:

Está muito longe de casa, sargento.

É verdade, Mister Dalglish. A mais de setecentos quilômetros, para ser mais exato. Casei com uma rapariga de Lowestoft, que é filha única. A mãe dela não goza de grande saúde e é melhor, para a Jenny, ficar perto de casa. Assim que pude, pedi para ser transferido da minha terra natal, no País de Gales. Não me dou mal aqui. Sinto-me bem em qualquer lugar, desde que esteja perto do mar.

Mas é um mar muito diferente...

E uma costa muito diferente, também, e ambas são perigosas. Não que tenhamos muitas mortes devido a acidentes. O pobre rapaz foi o primeiro caso, em três anos e meio. Além do mais, há sinais e as pessoas da região sabem que aqueles penhascos são perigosos. Ou, pelo menos, já o deviam saber, a esta altura. Depois, a zona é isolada. Não é o tipo de lugar para onde se leve as crianças para um passeio ou um piquenique. Bom, chegamos. Mister Williams deixou a secretária arrumada. Não que existam muitas provas vitais para analisar... Aceita um café? Ah, está aqui. Vou só ligar a máquina.

Havia um tabuleiro com duas chávenas cujas asas estavam perfeitamente alinhadas, lado a lado, uma cafeteira, uma lata de café um jarro de leite e uma chaleira elétrica. O sargento Jones revelou-se rápido e competente, se bem que demasiado meticuloso quanto ao procedimento, e o café era excelente. Os dois homens sentaram-se nas cadeiras baixas, dispostas em frente da janela.

Segundo sei, foi chamado para ir até à praia. O que aconteceu, ao certo? perguntou Dalglish.

Não fui o primeiro a chegar ao local da tragédia. Foi o jovem Brian Miles. É o nosso agente de rondas. O padre Sebastian telefonou e o Brian tentou chegar à praia o mais depressa possível. Não demorou mais do que uma meia hora. Quando chegou, havia duas pessoas junto ao corpo: o padre Sebastian e o padre Martin. O pobre rapaz estava morto. Qualquer um podia aperceber-se disso. Mas o Brian é boa pessoa e não gostou do que viu. Não estou a dizer que tenha pensado numa morte suspeita, mas não há como negar que aquilo era estranho. Como sou o seu superior, ele entrou em contacto comigo.

Eu estava aqui quando o telefone tocou, pouco antes das três da tarde, num momento em que o doutor Mallinson, o médico assistente da nossa corporação, se encontrava também na delegacia. Seguimos juntos, até ao local da tragédia.

Com uma ambulância? quis saber Dalglish.

Nessa altura, não. Penso que, em Londres, os médicos legistas dispõem da sua própria ambulância, mas, aqui, temos de recorrer aos bombeiros, quando queremos transportar um cadáver. Só que a ambulância estava em serviço e talvez tenha levado cerca de uma hora e meia antes que removêssemos o corpo. Quando o levamos para a casa mortuária, falei com o assistente do médico legista e ele disse-me que o seu chefe iria pedir a ajuda do departamento forense. Mister Melisli é um homem muito cuidadoso. Foi nessa altura que se decidiu tratar do caso como se fosse o de uma morte suspeita. O que foi que encontrou no local? Bem, o rapaz estava morto, Mister Dalglish. O doutor Mallinson atestou-o de imediato, se bem que não fosse preciso um médico para saber que o rapaz morrera... Segundo o doutor Mallinson, estava morto havia umas cinco ou seis horas. Mister Gregory e Mistress Munroe tinham destapado a maior parte do corpo e a nuca, mas o rosto e os braços ainda se encontravam soterrados. O padre Sebastian e o padre Martin ficaram no local. Não que pudessem fazer alguma coisa, mas o padre Sebastian insistiu em ficar até nós desenterrarmos o cadáver. Fiquei com a impressão de que ele queria rezar pela alma do rapaz. Lá desenterramos o pobre infeliz, viramo-lo, colocamo-lo na maca e o doutor Mallinson examinou-o. Não que houvesse alguma coisa para examinar... O corpo achava-se recoberto de areia e o rapaz estava morto.

Havia ferimentos visíveis a olho nu?

Tanto quanto eu me apercebesse, não, Mister Dalglish. Mas, quando somos chamados para investigar um acidente daqueles, ficamos sempre na dúvida, não é verdade? No entanto, o doutor Mallinson não conseguiu encontrar quaisquer sinais de violência, como um lanho na nuca ou coisa parecida. Por outro lado, não havia como saber o que o doutor Scargill podia descobrir durante a autópsia. É o patologista forense da região. O doutor Mallinson declarou que nada mais podia fazer a não ser determinar a hora provável do óbito e que, quanto ao resto, teríamos de esperar pela autópsia. Não que pensássemos que houvesse algo de suspeito. Naquela altura, parecia tudo muito simples. O rapaz devia ter andado a escavar no penhasco, demasiado perto da saliência arenosa que, para seu infortúnio, se abateu sobre ele. Foi o que nos pareceu e foi o que se concluiu, mais tarde, durante o inquérito.

Portanto, não houve nada que lhe tenha parecido estranho ou suspeito?

Bom, mais estranho do que suspeito... Ele estava numa posição esquisita... De cabeça para baixo, como um coelho ou um cão... que estivesse a escavar um buraco para passar por baixo do penhasco.

E não encontraram nada perto do cadáver?

Apenas as roupas dele. Um capote castanho e uma espécie de traje comprido, com botões. Acho que lhe chamam batina... Estavam meticulosamente dobrados, por sinal.

E não encontraram algo que pudesse servir de arma?

Apenas uma vara de madeira. Desenterramo-la juntamente com o corpo. A vara estava perto da mão direita do cadáver. Pensei que era melhor trazermos a vara para a esquadra, para o caso de ser importante, mas de nada nos serviu. No entanto, tenho-a aqui, se quiser vê-la, Mister Dalgliesh. Não faço a menor idéia porque não a deitaram fora, depois de encerrado o inquérito. Certo é que não conseguimos descobrir o que quer que fosse na vara. Nem impressões digitais, nem, tão pouco, vestígios de sangue.

Dito isto, o sargento Jones levantou-se e dirigiu-se a um armário, de onde tirou um objeto envolto em plástico. Era uma vara de madeira clara, com cerca de cinquenta centímetros de comprimento. Ao examiná-la mais de perto, Dalgliesh pôde ver um traço que parecia ser de tinta azul.

Aos meus olhos, não esteve dentro de água prosseguiu o sargento Jones. Talvez o rapaz a tenha encontrado na praia e apanhado, sem qualquer objetivo em mente. É quase instintivo apanhar coisas que encontramos na praia. O padre Sebastian sugeriu que a vara provinha de uma antiga barraca situada logo acima dos degraus que levam à praia e que o instituto mandou demolir. Ao que parece, o padre Sebastian terá pensado que a antiga cabana, pintada de azul e branco, era demasiado desagradável à vista e que seria mais apropriada uma simples barraca de madeira. E foi o que eles fizeram. Também é utilizada para albergar o bote que socorre os banhistas que se metem em apuros. De qualquer maneira, a barraca antiga estava a cair aos pedaços, mas não a removeram completamente, e sobraram algumas tábuas apodrecidas, empilhadas naquela área. Mas, passado todo este tempo, creio que já nada mais resta da velha barraca.

Encontraram pegadas?

Foi a primeira coisa que procuramos. As pegadas do rapaz estavam cobertas pelo desabamento de areia, mas encontramos uma fileira de pegadas, mais longe, na praia. Eram dele, porque tínhamos os seus sapatos para comparar, se bem que, ao que julgo, deva ter caminhado ao longo da zona coberta pelos seixos, como a maioria faz. Vi no local onde se deu a tragédia, havia pegadas a mais, como era de esperar, com Mistress Munroe, Mister Gregory e os dois padres sem se preocuparem onde punham os pés.

Ficou surpreendido com o veredicto?

Tenho de confessar que fiquei. Um veredicto em aberto teria sido mais lógico. Mister Mellish sentou-se ao lado do júri. Gosta de fazer isso, quando o caso é mais complexo ou existe maior interesse público. A decisão dos oito jurados foi tomada por unanimidade. Não pode negar-se que um veredicto em aberto nunca é satisfatório e que Santo Anselmo é muito respeitado na região. Estão isolados de tudo, mas os rapazes pregam nas igrejas locais e ainda ajudam nas obras sociais da comunidade. Não estou, com isto, a insinuar que o júri tenha errado. Pelo menos, deve ter sido o que os seus membros pensaram.

Nem Sir Aired se pode queixar da eficiência da investigação acrescentou Dalgliesh. Pessoalmente, não vejo que mais poderiam ter feito.

Nem eu, Mister Dalgliesh, e o médico legista disse o mesmo. Parecia não haver nada mais para falar e, depois de agradecer ao sargento Jones pela sua colaboração e pelo café, Dalgliesh saiu da esquadra. A vara de madeira, com o traço de tinta azul, tinha sido embrulhada e etiquetada. Dalgliesh trouxe-a consigo, mais pela sensação de que era isso o que o jovem Jones esperava que ele fizesse do que por achar que lhe pudesse servir de pista.

Ao fundo do parque de estacionamento, um homem carregava caixas de papelão no banco de trás de um Rover. Olhando à sua volta, avistou Dalgliesh, que avançava para o seu Jaguar, olhou-o fixamente por momentos e, depois, como se tomando uma súbita decisão, aproximou-se. Dalgliesh deu consigo a olhar para um rosto prematuramente envelhecido, que parecia marcado pela falta de sono ou pelo sofrimento. Era uma expressão que ele havia visto demasiadas vezes, anteriormente, para não a reconhecer de imediato.

Deve ser o inspetor Adam Dalgliesh exclamou o desconhecido. O Ted Williams disse-me que o senhor passaria por aqui. Sou o inspetor Roger Yarwood. Estou de baixa médica e vim até cá buscar algumas coisas. Só queria dizer-lhe que vai encontrar-me em Santo Anselmo. Os padres acolhem-me, de tempos a tempos. É mais barato do que um hotel e a companhia é mais alegre do que a do sanatório local, que costuma ser a alternativa. Ah, e a comida também é mais saborosa.

As palavras haviam-lhe saído em catadupa, como se aquele homem tivesse ensaiado o que devia dizer; nos seus olhos negros, havia uma expressão de arrogância e, ao mesmo tempo, de vergonha. Dalgliesh não acolheu bem aquela notícia. Talvez levado pelo seu lado irracional, pensara que seria o único visitante de Santo Anselmo.

Como que sentindo a sua reação, Yarwood acrescentou:

Não se preocupe. Não irei bater à porta do seu quarto, depois das completas, para beber um copo. Quero ficar o mais longe possível de todos os mexericos da Polícia e parece-me que o senhor também.

Antes que Dalgliesh pudesse fazer algo mais do que trocar um aperto de mão com Yarwood, este se despediu, com um breve aceno de cabeça, deu meia volta e afastou-se rapidamente em direção ao seu carro.

Dalgliesh comunicara que chegaria ao instituto depois do almoço. Antes de sair de Lowestoft, encontrou uma padaria e comprou pãezinhos quentes, uma embalagem de manteiga, um patê de textura espessa e uma garrafa de meio litro de vinho. Como sempre, de cada vez que viajava pela província, trouxera consigo um copo e um termo com café. Depois de sair da cidade, seguiu por estradas secundárias e, por fim, desembocou numa vereda muito estreita, de piso irregular, onde cresciam ervas daninhas. Mais à frente, encontrou um portão aberto, com uma extensa vista sobre os campos outonais. Dalgliesh

resolveu parar ali para saborear o seu piquenique. Antes, porém, desligou o celular. Saiu do Jaguar, recostou-se a um dos pilares do portão e fechou os olhos, para melhor escutar o silêncio. Eram aqueles momentos que tanto almejava na sua vida agitada. A consciência de que ninguém sabia onde ele estava nem podia contatá-lo. Os sons quase indistintos do campo chegaram-lhe aos ouvidos, trazidos pela brisa perfumada: o canto de um pássaro ao longe, o sussurro do vento nos arbustos, o estalar de um galho por cima da sua cabeça. Depois de acabar a refeição, caminhou vigorosamente pela vereda cerca de setecentos metros e, em seguida, voltou ao carro e regressou a A 12, em direção a Ballard's Mere.

Naquela estrada, um pouco antes do que pensava, encontrou o desvio, com o mesmo freixo alto, mas agora apodrecido e coberto de hera, e, ao lado, as duas vivendas aprumadas, com os seus jardins dianteiros bem cuidados. Contornada a curva, havia uma vereda, cujas margens eram encimadas por sebes vivas, de tons outonais, e que limitavam a visão do promontório, de tal forma que não conseguia avistar-se Santo Anselmo, à exceção dos pontos em que a vegetação era menos densa e se obtinha um breve lampejo das duas chaminés altas, de tijolo, e da cúpula da ala sul. Quando Dalgliesh alcançou a zona dos penhascos e virou para norte, pelo trilho arenoso que seguia ao longo da ribanceira, avistou então Santo Anselmo que surgia ao longe; um edifício bizarro, de tijolo e pedra, parecendo tão garrido e irreal como um cenário, recortando-se contra o azul-forte do céu. Dava a idéia de que era o edifício que se aproximava gradualmente dele e não o contrário. Perante aquela visão, vieram-lhe à memória imagens da sua adolescência e dos seus estados de espírito de então, que passavam da alegria ao sofrimento, da incerteza à esperança. A mansão parecia estar na mesma. Os cotos das torres geminadas, de estilo Tudor feitos de tijolos que ameaçavam ruir, pontilhados por tufo de ervas daninhas alojadas nas muitas fissuras ainda estavam de sentinela à entrada do átrio dianteiro. Ao passar por entre as torres, viu de novo a mansão, em toda a sua complexa autoridade.

Na sua infância, era de bom-tom menosprezar o estilo arquitetônico vitoriano; e, assim, ele encarara a mansão com o devido desdém, não sem sentir um certo complexo de culpa. O arquiteto, provavelmente influenciado pelo proprietário original, incorporara na mansão todas as características próprias da moda: as chaminés altas, as janelas de varandas envidraçadas, a cúpula central, a torre sul, a fachada acastelada e um grande pórtico de pedra. Contudo, ao fim de tantos anos, parecia a Dalgliesh que o resultado era menos discordante do que lhe havia parecido, quando jovem, e que o arquiteto havia alcançado um certo equilíbrio e não um sentido de proporção desagradável, na sua interpretação dramática do romantismo medieval, do neogótico e da vaidade do ambiente familiar vitoriano.

Dalgliesh era esperado e a sua chegada desejada. Antes mesmo que pudesse fechar o carro, a porta da frente abriu-se e uma figura débil, de batina preta, desceu, coxeando, os três degraus de pedra.

Dalgliesh reconheceu imediatamente o padre Martin. Foi um choque e uma surpresa ver que o antigo reitor ainda se encontrava no instituto porque devia ter, pelo menos, oitenta anos. Mas era, sem sombra de dúvida, o homem que Dalgliesh venerara e, sim, que amara na sua infância. Paradoxalmente, o passar dos anos dissipou-se, mas, por outro lado, reivindicou a sua inexorável devastação. Os ossos das faces daquele ancião eram mais

proeminentes, por cima do pescoço esquelético; a grande melena que lhe atravessava a testa alta, e que outrora fora farta e de um tom castanho brilhante, era agora branca e tão rala como a de um bebê. A boca, com o lábio inferior mais carnudo do que o superior, revelava menos firmeza. Os dois homens trocaram um aperto de mão, em silêncio. Para Dalglish, era como pegar num monte de ossos desconjuntados, tapados por uma luva de pelica delicada. No entanto, o aperto de mão do padre Martin ainda era forte. Os seus olhos, se bem que encovados pela idade, continuavam límpidos e cinzentos, e o seu coxear, uma relíquia que lhe ficara da guerra, era mais pronunciado, se bem que o velho padre ainda conseguisse andar sem ter de recorrer ao apoio de uma bengala. Por fim, o seu rosto, sempre gentil, revelava, como antigamente, a inquestionável graciosidade da autoridade espiritual. Pelo olhar do padre Martin, Dalglish apercebeu-se de que não era só na qualidade de um velho amigo que estava a ser recebido. O que viu, na expressão do olhar do padre Martin, foi um misto de apreensão e de alívio, o que o levou a questionar-se, de novo e não sem remorsos, porque se mantivera afastado durante todos aqueles anos, para, no fim, regressar fortuitamente e quase movido por um impulso. E, pela primeira vez, Dalglish perguntou a si próprio o que o esperava, ao certo, em Santo Anselmo. Conduzindo-o até à mansão, o padre Martin disse: Lamento imenso, mas vou ter de lhe pedir que mude o seu carro para o jardim que se encontra na parte de trás da mansão. O padre Peregrine não gosta de ver carros estacionados no átrio dianteiro, mas não há pressa. Instalamo-lo no quarto de São Jerônimo, que ocupou anteriormente.

Entraram no grande vestíbulo, com o chão de mármore e a escada de madeira que conduzia à galeria onde se achavam os quartos. As memórias regressaram, em torrente, à mente de Dalglish, ao sentir o cheiro do incenso, da cera, dos livros antigos e da comida. Excetuando a construção de uma pequena divisão, do lado esquerdo da entrada, tudo parecia estar exatamente na mesma. A porta daquela nova divisão encontrava-se aberta e Dalglish conseguiu entrever um altar. Talvez fosse um oratório. A estátua da Virgem, em madeira, com o Menino nos braços, mantinha-se ao fundo da escada, junto da lâmpada vermelha que a iluminava, tal como a jarra de flores no plinto, a adornar os pés de Maria. Dalglish deteve-se para examinar a estátua e o padre Martin aguardou pacientemente. Era uma excelente cópia de uma Madonna com o Menino que estava exposta no Victoria and Albert Museum, mas Dalglish não se recordava de quem fora o seu escultor. Aquela estátua não revelava qualquer sentimento de melancólica piedade, tão comum naquele tipo de imagens, nem era sequer a representação simbólica das agonias que iriam seguir-se. Tanto a mãe como o filho riam-se, o bebê estendendo os braços roliços, a Virgem, pouco mais do que uma criança, deleitando-se com o seu filho. Quando começaram a subir a escada, o padre Martin acrescentou: Deve estar admirado por me ver. Oficialmente, estou reformado, claro, mas o instituto teve a bondade de me manter ao serviço e ajudado no ensino de Teologia Pastoral. O padre Sebastian Morell é há quinze anos o reitor do instituto. Sei que vai querer voltar a visitar locais que lhe são familiares, mas o padre Sebastian está à nossa espera, até porque deve ter ouvido o seu carro. O gabinete do reitor é o mesmo, desde que esteve cá pela última vez.

O homem que se levantou e avançou para os saudar era muito diferente do padre Martin. Devia ter mais de um metro e oitenta e era mais novo do que Dalglish esperava. O seu cabelo castanho-claro, com poucos fios grisalhos, estava penteado para trás, revelando uma testa alta. A boca, de contornos inflexíveis, o nariz, ligeiramente adunco, e o queixo

comprido realçavam um rosto de uma beleza demasiado convencional e um tanto austera. O mais espantoso eram os olhos, de um azul ao mesmo tempo claro e carregado e que perturbaram Dalgliesh pela intensidade com que se fixaram na sua pessoa. Era o rosto de um homem de ação, talvez de um soldado, mais do que o de um acadêmico. A batina, de bom corte, confeccionada em tecido de gabardina preta, parecia um traje incongruente para um homem que exsudava tanto poder.

Até mesmo a decoração do gabinete era discordante. A secretária, onde havia um computador e uma impressora, era agressivamente moderna, comparada com o crucifixo de madeira esculpida que pendia da parede e devia datar da Idade Média. A parede oposta continha uma coleção da Vanity Fair com caricaturas de abades vitorianos, de rostos escanhoados ou com fartos bigodes, tanto magros como rubicundos, pálidos ou ternurentos e revelando sempre uma expressão confiante por cima das batinas de linho, com fios de onde pendia um crucifixo. De cada lado da lareira de pedra, com o mote do instituto inscrito, viam-se fotografias emolduradas de pessoas e paisagens que, presumivelmente, tinham um lugar especial na memória do seu proprietário. E, por cima da lareira, havia um quadro a óleo de Burne-Jones. Era uma fantasia romântica, onde se destacava a famosa utilização da luz pelo artista, que nunca se centrava na terra nem no mar. Quatro raparigas, com os cabelos ornados de grinaldas de flores, trajando vestidos longos de musselina estampada, em tons de rosa e verde-claro, agrupavam-se em torno de uma macieira. Uma estava sentada, com um livro aberto sobre o regaço e um gatinho aninhado no braço direito; outra pousara uma lira de parte e olhava, com expressão pensativa, para um ponto distante do pomar. As restantes raparigas achavam-se de pé, junto da macieira. Uma delas estendera o braço para colher uma maçã madura, enquanto a quarta abria o seu avental para receber o fruto. Dalgliesh, então, reparou numa outra obra da autoria de Burne-Jones: um bufett, de duas gavetas, com pés direitos, em forma de castor, e dois painéis pintados: um, de uma mulher, dando de comer a pássaros; o outro, de uma criança rodeada por cordeiros. Lembrava-se tanto do quadro como do bufett, mas tinha idéia de que estavam no refeitório. O romantismo exacerbado daquelas duas obras de arte parecia chocar com a austeridade clerical que reinava no gabinete. Um sorriso de boas-vindas transformou por completo o rosto do reitor, mas foi tão breve que podia ter sido apenas um espasmo muscular.

Adam Dalgliesh? Seja bem-vindo. O padre Martin disse-me que já passou muito tempo desde que esteve aqui, pela última vez. Como eu gostava que o seu regresso tivesse ocorrido numa ocasião mais feliz...

Também eu replicou Dalgliesh. Só espero não vos incomodar durante muito tempo.

O padre Sebastian indicou duas poltronas que se achavam de cada lado da lareira, enquanto o padre Martin pegava numa das cadeiras da mesa de reuniões.

Depois de se sentarem, o padre Sebastian prosseguiu: Tenho de admitir que fiquei admirado quando o seu comissário adjunto me telefonou. Enviar para cá um inspetor da Polícia Metropolitana, a fim de investigar o procedimento da autoridade local... acerca de um caso que, muito embora tenha sido trágico para todos aqueles intimamente envolvidos, não pode ser considerado grave. Além do mais, procedeu-se a um inquérito, que já foi devidamente encerrado. Essa vossa atitude não será algo extravagante? Ou, melhor dizendo, irregular?

Irregular? Não. Talvez, antes, pouco convencional. Mas, como eu planeava passar férias na região de Suffolk, pensou-se que se pouparia tempo e que talvez fosse mais conveniente para o instituto.

Ao menos, teve a vantagem de o trazer de volta até nós. Como é óbvio, responderemos a todas as suas perguntas. Sir Aired Treeves não teve a cortesia de nos abordar diretamente. Nem sequer esteve presente durante o inquérito... pelo que nos foi dito, encontrava-se no estrangeiro... mas enviou um advogado. Tanto quanto me lembro, Sir Aired não manifestou qualquer descontentamento perante o veredicto. Apesar de havermos tido poucos contactos com Sir Aired, percebemos que é um homem de trato difícil. Nunca ocultou o seu desagrado pela escolha de profissão do filho... porque, para Sir Aired, nunca será uma vocação. Custa-nos compreender os motivos que o levaram a querer reabrir o caso. Existem, a nosso ver, apenas três alternativas. Um crime está fora de questão. O Ronald não tinha inimigos, aqui, nem alguém se beneficiava com a sua morte. Suicídio? É decerto uma possibilidade constrangedora, mas não existem sinais, tanto no que diz respeito ao seu comportamento como à sua conduta aqui, que possam sugerir um tal grau de desespero. Resta a morte provocada por um acidente. Pela minha parte, pensava que Sir Aired aceitasse o veredicto com algum alívio.

É que houve uma carta anónima replicou Dalgliesh. Creio que o meu comissário adjunto lhe terá falado dela. Se Sir Aired não a tivesse recebido, muito provavelmente eu não estaria aqui. Dito isto, Dalgliesh tirou a folha de papel da carteira e entregou-a ao reitor. O padre Sebastian examinou-a de relance e, por fim, disse:

Foi escrita num computador. Temos computadores em Santo Anselmo. Um deles está aqui, no meu gabinete.

Não faz idêia de quem possa ter enviado essa carta a Sir Aired? quis saber Dalgliesh.

O padre Sebastian pouco examinou a carta antes de a devolver, num gesto de repúdio.

Não. Temos os nossos inimigos. Talvez esteja a utilizar uma palavra demasiado forte; seria mais correto afirmar que há pessoas que preferiam que este instituto não existisse. Mas a sua oposição é ideológica, teológica ou financeira e está relacionada com os recursos da Igreja. Recuso-me a crer que alguém fosse capaz de descer a um nível tão baixo como o da calúnia. Estou realmente surpreendido por saber que Sir Aired levou esta carta em consideração. Como homem de poder, deve estar habituado a receber cartas anónimas. Bom, mas, como é evidente, ajudá-lo-emos em tudo o que pudermos. Deve querer sem dúvida, visitar antes de mais nada, o local onde o Ronald morreu. Quero, desde já, pedir-lhe desculpa por não poder acompanhá-lo e por o deixar ao cuidado do padre Martin. É que estou à espera de um visitante, esta tarde, e tenho de tratar de outros assuntos urgentes. As vésperas são às cinco da tarde, para o caso de querer assistir. Depois, haverá um pequeno beberete, no meu gabinete, antes do jantar. À sexta-feira, não servimos vinho às refeições, como penso que deve lembrar-se, mas, quando temos hóspedes, é de bom-tom oferecer-lhes um cálice de xerez, antes do jantar. Temos quatro outros visitantes neste fim de semana. O arcediago Crampton, um dos fideicomissários do instituto; a doutora Emma Lavenham, que

vem de Cambridge até cá no início do semestre, para iniciar os ordinandos na herança literária do anglicanismo; o doutor Clive Stannard, que utiliza a nossa biblioteca para as suas pesquisas, e um outro oficial da Polícia, o inspetor Roger Yarwood, das autoridades locais, que neste momento está de baixa médica. Nenhum deles estava presente quando o Ronald morreu. Se estiver interessado em saber quem se encontrava aqui no instituto, naquela altura, o padre Martin poderá dar-lhe uma lista dos nomes. Podemos contar consigo para o jantar?

Esta noite, não, se me derem licença, mas conto estar de volta para as completas.

Nesse caso, vemo-nos na igreja. Espero que ache o seu quarto confortável. Dito isto, o padre Sebastian levantou-se. Era óbvio que a reunião acabara.

Penso que gostaria de ver a igreja, de caminho para o seu quarto sugeriu o padre Martin.

Era evidente que tomava a concordância, para não dizer o entusiasmo de Dalglish, como certo, e na realidade, este não sentia qual quer relutância quanto àquela sugestão. Havia certas coisas na pequena igreja que estava ansioso por voltar a ver.

A Madonna de Van der Weyden ainda se encontra por cima do altar? perguntou.

Sim. Esse quadro, bem como O Juízo Final, são as nossas duas maiores atrações. Desculpe, não era isto que eu queria dizer. Não procuramos encorajar as visitas ao instituto. Temos poucos visitantes e, quando vêm até cá, marcam sempre o dia e a hora, antes. Não fazemos publicidade das nossas riquezas.

O Van der Weyden está no seguro?

Não e nem nunca estive. Não podemos pagar o prêmio e tal como o padre Sebastian diz, é um quadro insubstituível. O dinheiro do reembolso não compraria outro, mas tomamos as nossas precauções. Claro que o fato de estarmos tão isolados ajuda, mas agora temos um moderno sistema de alarme. O painel encontra-se dentro da porta que liga o claustro norte à igreja e o alarme também cobre a porta principal da ala sul. Se a memória não me falha, o sistema de alarme foi instalado muito depois da sua última estada aqui. O bispo insistiu que devíamos procurar aconselhar-nos quanto a questões de segurança, se o quadro permanecesse na igreja e claro está, tinha razão.

Tenho uma vaga idéia de que a igreja estava aberta todo o dia, quando passei cá as férias de Verão. Sim, mas isso foi antes de os especialistas em arte sacra concluírem que o quadro era original. Custa-me muito saber que a igreja tem de estar trancada, em especial, num instituto de Teologia. Foi por isso que, quando eu ainda era o reitor, mandei instalar um pequeno oratório. Deve tê-lo visto, do lado esquerdo do vestíbulo, quando entrou. O oratório em si, não pode ser consagrado, porque faz parte de um outro edifício mas o altar é consagrado e fornece um local para os estudantes poderem recolher-se, em privado ou para meditar quando a igreja fecha depois dos serviços religiosos do dia.

Passaram por um vestiário, existente nos fundos da mansão e que dava acesso à porta do claustro norte. O vestiário estava dividido ao meio por uma fileira de cabides, dispostos por cima de uma bancada comprida, e por baixo de cada gancho havia um receptáculo para guardar sapatos e botas. A maior parte dos ganchos nada continha, mas cerca de meia dúzia sustentavam capotes castanhos, todos dotados de capuz. Era evidente que os capotes, tal como as batinas pretas que os ordinandos usavam no instituto, haviam sido recomendados pela sua temível fundadora, Agnes Arbuthnot, porque devia ter-se lembrado da força dos ventos agrestes que varriam aquela costa desprotegida. Do lado direito do vestiário, a porta para a lavanderia, entreaberta, deixava vislumbrar quatro grandes máquinas de lavar e uma de secar roupa.

Dalgliesh e o padre Martin saíram da obscuridade da mansão para o claustro e o leve mas penetrante cheiro do abrigo anglicano deu lugar ao ar fresco do átrio, iluminado pelo sol e imerso no mais profundo silêncio. Tal como quando era criança, Dalgliesh sentiu que recuava no tempo. Ali, os tijolos vermelhos que embelezavam a mansão vitoriana haviam sido substituídos pela simplicidade da pedra. Os claustros, com os seus pilares esguios, corriam à volta de três dos lados do átrio pavimentado com lajes de York, atrás dos quais uma fileira, idêntica, de portas maciças levava aos alojamentos dos estudantes, situados numa ala de dois andares. Os quatro quartos de hóspedes ficavam na ala oeste da parte dianteira do edifício principal e achavam-se separados do muro da igreja por um portão de ferro forjado, para além do qual podiam avistar-se hectares de vegetação pálida e selvagem e, mais ao longe, campos verdes de beterraba açucareira.

No centro do átrio, um castanheiro da índia revelava já a sua decrepitude outonal. Na base do tronco retorcido, de onde fragmentos de casca haviam caído como crostas, tinham rebentado pequenos galhos, e as suas folhas eram tão verdes e tenras como os primeiros rebentos da Primavera. Mais acima, os ramos compridos estendiam-se, em tons de amarelo e castanho, e as folhas mortas, que se encaracolavam no chão de pedra, estavam secas e quebradiças, contrastando com a casca escura e luzidia das castanhas.

Alguns pormenores constituíam uma novidade para Dalgliesh, naquele cenário que retivera na sua memória durante tanto tempo, entre eles, vasos de terracota, simples mas de formato elegante, alinhados aos pés dos pilares. Deviam constituir um espetáculo colorido durante o Verão, mas agora os caules retorcidos dos gerânios estavam ressequidos e as poucas flores que restavam eram uma insignificante lembrança de glórias passadas. E Dalgliesh tinha a certeza de que o arbusto de brincos de princesa que trepava vigorosamente pelo muro da mansão, virado para leste, havia sido plantado depois de ele ali ter estado. Ainda estava carregado de flores, mas as folhas tinham começado a cair e as pétalas espalhavam-se, em montículos, como sangue derramado.

Vamos entrar pela sacristia anunciou o padre Martin. Dito isto, tirou um grande porta-chaves do bolso da batina. Peço desculpa se demorar algum tempo a encontrar a chave certa. Sei que, ao fim destes anos, já devia saber qual é, mas são tantas... Depois, receio bem que nunca consiga habituar-me ao sistema de segurança. Está acionado para nos conceder um minuto para que introduzamos o código de quatro dígitos, mas o alarme é tão fraco que mal consigo ouvi-lo. O padre Sebastian não gosta de ruídos estridentes, em

particular na igreja. No entanto, se o alarme é acionado, por qualquer motivo, provoca um tamanho fragor, que se ouve no edifício principal.

Quer que eu procure as chaves por si?

Não, obrigado, Adam. Eu cá me arranjo. Nunca tive dificuldade em decorar o código porque é o ano em que Miss Arbuthnot fundou o instituto: mil oitocentos e sessenta e um.

Um número, pensou Dalglish, que poderia ocorrer facilmente a qualquer potencial intruso.

A sacristia era maior do que Dalglish se lembrava e servia também de vestiário e escritório. À esquerda da porta que conduzia à igreja, havia uma outra fileira de ganchos para pendurar os capotes. Numa outra parede, encontravam-se os guarda-roupas altos para as vestes. Ao centro, duas cadeiras de espaldar direito, e uma bacia com um escorredor de louça, junto de um pequeno armário, cujo topo, era em fórmica., sustentava uma chaleira elétrica e uma cafeteira. Duas latas de tinta branca, outra de tinta preta e um frasco de geléia com pincéis encontravam-se encostados à outra parede. À esquerda da porta, e por baixo de uma das duas janelas, havia uma secretária com gavetas, em cujo tampo se via um crucifixo de prata. Por cima da secretária, um cofre fora incrustado na parede. Ao perceber que Dalglish olhava fixamente para o cofre, o padre Martin exclamou: O padre Sebastian mandou instalar o cofre para que guardássemos os nossos cálices e patenas, que datam do século dezessete. Foram deixados em herança ao instituto por Miss Arbuthnot e são 70 autênticas obras de arte. Anteriormente, devido ao seu valor, estavam no banco, mas o padre Sebastian achou que devíamos utilizá-los e tinha toda a razão.

Junto da secretária, podiam ver-se várias fotografias a sépia, quase todas muito antigas, algumas remontando mesmo aos primeiros anos de vida do instituto. Uma delas era o retrato de Miss Arbuthnot. Estava ladeada por dois padres, ambos mais altos do que ela, cada um envergando batina e mitra. Após um escrutínio passageiro mas atento, Dalglish não teve quaisquer dúvidas sobre quem era a personalidade dominante naquela fotografia. Longe de se sentir diminuída pela austeridade clerical dos seus guardiões, Miss Arbuthnot parecia muito à vontade, com os dedos entrelaçados sobre as pregas da saia. As suas roupas eram simples mas dispendiosas. Mesmo numa fotografia tão antiga, podia reconhecer-se o brilho da seda pura, de que era feita a blusa de gola alta, bem como a riqueza do tecido da saia. Não usava jóias, à exceção de um camafeu, que adornava a gola da blusa, e de um fio com uma cruz. Por baixo do cabelo forte, muito claro, preso num carrapicho, destacava-se o rosto em forma de coração, com olhos espaçados, de expressão firme e sobrelhas direitas. Dalglish não pôde impedir-se de imaginar como aquela mulher seria, se a sua austeridade algo severa se dissipasse numa gargalhada. Era o retrato de uma mulher bonita, que não sentia qualquer prazer na sua beleza e que procurara, em outras coisas, a gratificação do poder.

A memória da igreja voltou-lhe à mente, ao sentir o cheiro do incenso e do fumo de velas acesas. Atravessaram a nave lateral, virada para norte, e o padre Martin sussurrou:

Quer voltar a ver, com certeza, O Juízo Final. O Juízo Final podia ser iluminado por uma lâmpada fixada num pilar próximo. O padre Martin estendeu o braço e aquele cenário

tenebroso, de súbito, ganhou vida. Estavam em frente de uma representação brilhante do dia do Juízo Final, pintada em madeira, numa prancha em forma de meia-lua, com um diâmetro de cerca de três metros e meio. No topo, a figura sentada de Cristo, no Paraíso, estendendo as mãos, manchadas de sangue, sobre o drama, que se desenrolava mais abaixo. A figura central era São Miguel. Empunhava uma pesada espada na mão direita e, na esquerda, várias balanças, em que pesava as almas dos justos e dos ímpios. À sua esquerda, o Diabo, de cauda escamosa, queixo pontiagudo, sorriso lascivo e dentes afiados, personificando o horror, preparava-se para reclamar as suas presas. Os virtuosos, de mãos pálidas elevadas para o alto, rezavam, enquanto os amaldiçoados formavam uma massa de hermafroditas negros, barrigudos e de bocas escancaradas. A seu lado, um grupo de demônios inferiores, munidos de forquilhas e correntes, empurrava as suas vítimas para a boca de um peixe gigantesco, cujas mandíbulas eram cobertas de espadas pontiagudas, que faziam as vezes de dentes. À esquerda, o Paraíso era representado como um hotel acastelado, com um anjo-porteiro, que acolhia as almas puras. São Pedro, de capa e tiara tripla, recebia os abençoados mais importantes. Todos estavam nus, mas ostentavam os aprestos da classe a que pertenciam: um cardeal, com o seu chapéu escarlate, um bispo, com a sua mitra um rei e uma rainha com as respectivas coroas.

Dalgliesh não pôde deixar de pensar que havia muito pouca democracia naquela visão medieval do Paraíso. Aos seus olhos, todos os abençoados revelavam expressões de devoção enfadonha, ao passo que os amaldiçoados eram consideravelmente mais interessantes, mostrando-se mais provocadores do que arrependidos, enquanto caíam de cabeça para baixo, na bocarra do peixe. Um desses ímpios, maior do que os restantes, resistia ao seu destino com o dedo encostado ao nariz, num gesto de desprezo para com a figura de São Miguel. O Juízo Final, originalmente exposto de forma mais proeminente, fora concebido para aterrorizar as congregações medievais e levá-las até à virtude e ao conformismo social, pelo medo de irem parar ao Inferno. Agora, aquele quadro era visto pelos académicos interessados em arte sacra ou pelos visitantes, para quem o medo do Inferno deixara de ter qualquer significado e que procuravam o Paraíso neste mundo e não em outro qualquer. Enquanto contemplavam o quadro, o padre Martin explicou:

É, sem dúvida, um Juízo Final excepcional, provavelmente um dos melhores do país, mas gostava que pudéssemos exibi-lo noutra local. Data de cerca de mil quatrocentos e oitenta. Não sei se viu O Juízo Final de Wenhaston. É tão parecido com este que deve ter sido pintado pelo mesmo monge de Blythburgh. Enquanto que o outro esteve exposto no exterior, durante alguns anos, e teve de ser restaurado, o nosso está em muito melhor estado e acha-se mais perto da traça original. Tivemos muita sorte. Este quadro foi descoberto em mil novecentos e trinta, num celeiro de dois andares, perto de Wisset, onde era usado como divisória de um quarto, e, por isso, permaneceu em local seco, provavelmente desde mil e oitocentos. O padre Martin desligou a luz e continuou alegremente as suas explicações. Tínhamos uma torre circular, muito antiga, que ainda estava intacta... talvez conheça a que existe em Bramfield... mas rui há já muito tempo. Aqui, ficava a pia batismal, com uma representação dos sete sacramentos, mas, como pode ver, pouco resta da escultura, Segundo a lenda, a pia batismal foi dragada do mar, durante uma grande tempestade, no fim do século dezoito. Não sabemos se estava aqui, desde o início, ou se pertencia a uma das igrejas que foram devastadas por essa tempestade. O que é certo é que, nesta igreja, estão representados vários séculos. Como pode ver, ainda temos quatro camarotes.

Apesar de serem tão antigos, era na época vitoriana que Dalgliesh pensava, sempre que via camarotes que serviam de lugares reservados em serviços religiosos. Ali, tinham assento o fidalgo rural e a respectiva família, usufruindo a privacidade do camarote de madeira, sem que o resto da congregação ou quem ocupasse o púlpito os pudessem ver. Dalgliesh podia imaginar aquela família, fechada no camarote, enquanto se perguntava a si próprio se os fiéis levariam almofadas, mantas, sanduíches, bebidas e talvez mesmo um livro, discretamente tapado, para aliviar as horas de jejum e o tédio do sermão. Quando era miúdo, Dalgliesh passara grande parte do seu tempo a imaginar o que faria o fidalgo se sofresse da bexiga. Como podia o fidalgo tal como os restantes fiéis ficar sentado, ao longo dos dois serviços religiosos da Eucaristia de domingo, escutando longos sermões ou entoando a litania? Seria comum ter uma bacia escondido por baixo dos bancos de madeira?

Os dois homens atravessaram a nave, em direção ao altar. O padre Martin avançou até a um pilar, situado atrás do púlpito, e apertou um interruptor. Logo de seguida, a escuridão reinante na igreja pareceu intensificar-se, ao mesmo tempo em que o quadro ganhava cor e vida. As figuras da Virgem e de São José, fixas na sua silenciosa adoração, ao longo de mais de quinhentos anos, pareceram por momentos sair, esvoaçando, da tábua de madeira onde estavam pintadas e pairar no ar, como uma visão. A Virgem fora pintada sobre um fundo de brocado intrincado, em tons de dourado e castanho que, pela riqueza da sua textura, realçava a simplicidade e vulnerabilidade daquela figura. Estava sentada, num banco baixo, com o Menino Jesus nu, deitado sobre um pano branco no seu regaço. O rosto de Maria, de um oval perfeito, era pálido, com a boca terna, por baixo de um nariz fino; os olhos, de pestanas fartas, por baixo de sobrancelhas ligeiramente arqueadas, estavam fixos na criança, com uma expressão de resignada admiração. Da sua testa alva, madeixas acobreadas, levemente ondulantes, caíam sobre o manto azul, roçando as mãos delicadas, cujos dedos mal se tocavam numa prece. A criança olhava para ela, com os dois braços abertos, como que antecipando a crucificação. São José, envolto num manto vermelho, encontrava-se sentado do lado direito do quadro, como se fosse um guardião prematuramente envelhecido e prestes a adormecer, apoiando-se no seu cajado.

Tanto Dalgliesh como o padre Martin mantiveram-se em silêncio. O padre Martin só voltou a falar depois de desligar a luz. Dalgliesh perguntou a si próprio se o padre se sentiria inibido de falar de assuntos mundanos enquanto o quadro operava a sua magia.

Os especialistas parecem estar de acordo de que se trata de um genuíno Rogier van der Weyden, provavelmente pintado entre mil quatrocentos e quarenta e mil quatrocentos e quarenta e cinco. Os outros dois painéis deviam mostrar santos e o retrato do mecenas e da sua família.

De onde provém este quadro? perguntou Dalgliesh.

Miss Arbuthnot doou-o ao instituto, um ano depois de ser fundado. Era sua intenção que fosse colocado no altar. Foi o meu predecessor, o padre Nicholas Warbug, que mandou chamar os especialistas em arte. Interessava-se por arte sacra, em particular da época da Renascença holandesa, e sentiu uma natural curiosidade em saber se era uma obra genuína.

No documento que acompanhava esta doação, Miss Arbuthnot limitava-se a descrevê-lo como parte de um tríptico de altar, mostrando Santa Maria e São José, e cuja autoria podia ser atribuída a Rogier van der Weyden. Não consigo deixar de sentir que teria sido muito melhor se não se tivesse procurado saber se era um quadro valioso ou não. Podíamos ter apreciado a sua beleza, sem nos deixarmos obcecar pela segurança da obra de arte.

Como foi que Miss Arbuthnot o adquiriu?

Comprou-o. Uma família de proprietários de vastas terras, na região, andava a desfazer-se de alguns dos seus tesouros artísticos para conseguir manter as suas propriedades. Penso que Miss Arbuthnot nem sequer pagou muito pelo quadro. Primeiro, havia dúvidas quanto ao seu autor e mesmo que se comprovasse ser um Van der Weyden genuíno, o pintor não era nem conhecido nem, muito menos respeitado, em mil oitocentos e sessenta, como o é hoje. Claro que é uma responsabilidade acrescida para nós. Sei que o arcediogo considera que devíamos tirar este quadro daqui.

Tirá-lo daqui? Mas para onde?

Talvez para uma catedral, onde haja maior segurança. Talvez, até mesmo, para uma galeria de arte ou para um museu. Penso que o arcediogo chegou mesmo a sugerir ao padre Sebastian que se vendesse o quadro.

E que o produto da venda revertsse para os pobres e necessitados? rematou Dalglish.

Bem, reverteria sempre para a Igreja. Um dos seus outros argumentos é de que mais pessoas deveriam ter a possibilidade de ver o quadro. Porque haveria um pequeno instituto de Teologia, situado num local ermo, acrescentar este aos nossos outros privilégios?

Havia uma ponta de azedume no tom de voz do padre Martin, Dalglish achou por bem se manter em silêncio e, após uma pausa, o seu companheiro, pressentindo que fora longe de mais, acrescentou;

São argumentos válidos, claro. Talvez devêssemos até levá-los em conta, mas é difícil imaginar uma igreja sem o seu retábulo. Além do mais, foi-nos oferecido por Miss Arbuthnot para que fosse colocado por cima do altar, nesta igreja, e, pessoalmente, julgo que devemos opor-nos a qualquer sugestão de que seja levado daqui. Não me importava de deixar partir O Juízo Final mas não este quadro.

Contudo, quando viraram costas, a mente de Dalglish estava absorta em considerandos mais seculares. Não precisara recorrer às palavras de Sir Aired, quando este se pronunciara sobre a vulnerabilidade do instituto, para recordar como o futuro daquele refúgio se mostrava tão incerto. Que futuro a longo prazo, podia haver para um instituto de características tão discordantes das opiniões dominantes da Igreja, educando não mais do que vinte estudantes, situado naquele local, tão inacessível quanto remoto? Se o futuro do instituto estava, agora, em questão, a misteriosa morte de Ronald Treeves podia ser o fator que faria desequilibrar a balança. E, se o instituto encerrasse as suas portas, o que aconteceria ao quadro de Van der Weyden e aos outros objetos de arte valiosos que haviam

sido doados por Miss Arbuthnot? O que aconteceria ao edifício em si? Lembrando-se da fotografia que vira na sacristia, era difícil acreditar que aquela mulher não havia pensado, mesmo que com viva relutância, naquela possibilidade, e que não tomara providências para evitar o pior. Assim, voltava-se, invariavelmente, ao âmago da questão: quem se beneficiava com o encerramento do instituto? Dalglish teria gostado de fazer aquela pergunta ao padre Martin, mas decidiu que isso revelaria uma grande falta de tato da sua parte, além de ser impróprio, naquele lugar. Contudo, seria obrigado a fazer aquela pergunta, mais cedo ou mais tarde.

Os quatro quartos de hóspedes haviam sido batizados por Miss Arbuthnot com os nomes dos quatro doutores da Igreja: São Gregório, Santo Agostinho, São Jerônimo e Santo Ambrósio. Após esta iniciativa de ordem teológica, decidira que as vivendas, destinadas aos funcionários do instituto, seriam apelidadas com os nomes dos quatro evangelistas, São Matias, São Marcos, São Lucas e São João, mas a inspiração, aparentemente, esgotara-se aí, e os quartos dos estudantes acabaram por ser identificados, por forma menos imaginativa mas mais conveniente, através de números, tanto no claustro da ala norte, como no claustro da ala sul.

Talvez se lembre de que costumava ficar alojado no quarto de São Jerônimo, quando era criança. É a segunda porta, a seguir à igreja. Hoje em dia, é o nosso único quarto de casal; por isso, a cama deve ser confortável. Receio não ter uma chave para lhe dar. Nunca tivemos chaves para os nossos hóspedes. Reina aqui a segurança. No entanto, se tiver documentos que queira guardar, podemos pô-los no cofre. Espero que se sinta bem instalado, Adam. Como vê, os quartos foram remodelados desde a sua última visita.

Os "quartos de hóspedes", na realidade, pareciam-se mais com suítes. Os dois homens entraram no quarto do São Jerônimo. A sala de estar, que antes lembrava um repositório acolhedor, se bem que atalhado em demasia, com peças soltas de mobiliário que mais pareciam os restos de uma venda de caridade da paróquia, era agora uma sala tão funcional como o estúdio de um estudante. Nada ali era supérfluo; a modernidade convencional substituíra a individualidade. A mesa, que também podia servir de escrivaninha, com as respectivas cadeiras, achava-se em frente da janela, com vista para os terrenos baldios, a oeste. Duas poltronas ladeavam o aquecedor a gás. Havia ainda uma mesa baixa e uma estante. À direita da lareira, um guarda-louça, com tampo de fórmica, apresentava uma bandeja com uma chaleira elétrica, um bule, duas chávenas e os respectivos pires.

Há um pequeno frigorífico naquele guarda-louça e Mistress Pilbeam colocará lá dentro, todos os dias, uma garrafa de leite explicou o padre Martin. Como vai poder ver, quando subir ao primeiro andar, instalamos um chuveiro no que era parte do seu antigo quarto. Deve estar lembrado, por certo, de que, quando esteve aqui pela última vez, tinha de atravessar os claustros para se servir de uma das casas de banho da mansão.

Dalglish efetivamente lembrava-se, e bem, porque constituía para ele um dos grandes prazeres da sua estada em Santo Anselmo. Podia descer, de roupão, para o exterior, com uma toalha à volta dos ombros, e dirigir-se à casa de banho, ou percorrer os cerca de quinhentos metros até à barraca de banhistas, para um mergulho antes do pequeno-almoço. O pequeno chuveiro podia ser moderno, mas era um pobre substituto daquela benesse.

Se me der licença, espero por si aqui enquanto você abre as malas, porque ainda gostaria de lhe mostrar duas coisas. O quarto era tão simples como a sala do andar inferior. Tinha uma cama de madeira com a respectiva mesa-de-cabeceira e candeeiro, um armário, outra estante e uma poltrona. Dalgliesh abriu o seu saco de viagem e pendurou o único fato que achara necessário trazer consigo. Depois de uma ducha rápida juntou-se de novo ao padre Martin, que se achava de pé, em frente da janela, a contemplar o promontório. Quando Dalgliesh entrou, o padre Martin tirou uma folha de papel do bolso da batina.

Tenho algo que você deixou aqui, quando tinha catorze anos. Não lhe enviei esta folha de papel, porque não tinha a certeza se iria ficar contente em saber que eu a lera. Guardei-a e talvez você gostasse de reavê-la, ao fim de todos estes anos. Penso que, com alguma boa vontade, pode dizer-se que é um poema.

O que, para Dalgliesh, era uma suposição pouco provável. Reprimiu um gemido e pegou na folha de papel. Que indiscrição, embaraço, ou pretensão juvenil ia ressuscitar do passado, para seu grande desconforto? A visão da caligrafia que lhe era familiar e, ao mesmo tempo, estranha aos seus olhos fê-lo recuar no tempo mais depressa do que se fosse uma fotografia, dado ser algo mais pessoal. Custava-lhe a crer que a mão do jovem que escrevera naquela folha de papel era a mesma que, naquele momento, a segurava.

A Família do Morto

”Que belo dia”, disseste, ao passar, com voz enfadada, caminhando, sem que te vissem, na rua. Não chegaste a dizer: ”Por favor, coloca o teu casaco à minha volta, Porque lá fora o Sol brilha, mas aqui dentro a geada mata.”

Aquele seu pensamento juvenil trouxe-lhe uma outra recordação, de algo que fora comum durante a sua infância: a de seu pai, presidindo a um funeral, com a riqueza dos torrões de terra amontoados, em contraste com o verde reluzente da relva artificial, algumas coroas de flores, o perfume que exalavam e o vento a erguer a sobrepeliz de seu pai. Dalgliesh lembrava-se de que aquelas linhas haviam sido escritas depois do enterro de um filho único. Lembrava-se, também, que se preocupara com as duas últimas palavras da última linha, por pensar que tinham demasiadas vogais iguais, mas não conseguira encontrar uma outra expressão que considerasse à altura do que pretendia exprimir.

Sempre achei que se tratava de um pensamento extraordinário para um rapaz de catorze anos comentou o padre Martin. Gostaria de guardá-lo, a não ser que você o queira de novo.

Dalgliesh limitou-se a acenar, em sinal de concordância e devolveu a folha de papel em silêncio. O padre Martin voltou a dobrá-la e guardou-a no bolso com a satisfação de uma criança.

Disse que havia outra coisa que queria mostrar-me...? referiu Dalgliesh, em seguida.

De fato, mas talvez fosse melhor sentarmo-nos.

Mais uma vez, o padre Martin enfiou a mão no bolso fundo da batina, de onde tirou o que parecia um caderno de exercícios escolares, enrolado com um elástico. Alisando-o, no regaço, e pousando as mãos sobre a capa, como que se quisesse proteger o que, afinal, era um bloco de apontamentos, declarou:

Antes de irmos até à praia, gostaria que lesse isto. Dispensa qualquer explicação. A mulher que escreveu este diário morreu de ataque de coração, na noite em que fez as últimas anotações. Pode não ter qualquer significado no que diz respeito à morte do Ronald. Mostrei este diário ao padre Sebastian e foi essa a sua opinião. Segundo ele, o relato pode ser ignorado com toda a segurança. Pode efetivamente, nada significar mas no entanto, inquieta-me. Assim, pensei que seria boa idéia mostrá-lo, aqui, onde ninguém pode interromper-nos. Gostaria que lesse as anotações relativas ao primeiro e ao último dia. Dito isto, estendeu o bloco a Dalgliesh e manteve-se calado, enquanto o inspetor o lia.

Como foi parar às suas mãos? perguntou este, finda a leitura,

Procurei-o e encontrei-o. Mistress Pilbeam encontrou a Margaret Munroe na sua casa, às quatro horas e um quarto da manhã de sexta-feira, dia treze de Outubro. De caminho para o instituto, ficou admirada por ver luzes, àquela hora, na Vivenda São Mateus. Depois de o doutor Metcalf, o médico que presta assistência em Santo Anselmo, ter visto o corpo e dado ordem para que fosse levado, lembrei-me da sugestão que havia dado à Margaret. Tinha-lhe dito que escrevesse um relato sobre o modo como descobrira o corpo do Ronald e tive curiosidade em saber se ela o fizera. Encontrei este bloco, por baixo do seu papel de carta, na gaveta de uma pequena escrivaninha que ela tinha na sala de estar. Não tomara qualquer precaução para manter este bloco escondido.

E, tanto quanto sabe, mais ninguém tem conhecimento da existência deste diário? quis saber Dalgliesh.

Não, à exceção do padre Sebastian. Tenho a certeza de que a Margaret nunca falaria dele a ninguém, nem mesmo a Mistress Pilbeam, a pessoa que lhe era mais próxima. Além do mais, não havia quaisquer vestígios de que alguém tivesse vasculhado a casa. O corpo parecia em paz. Quando me chamaram, a Margaret estava calmamente sentada na sua poltrona, com o tricô no regaço.

E não faz idéia daquilo a que ela se refere no diário?

Não. Deve ter sido qualquer coisa que ela viu ou ouviu no dia em que o Ronald morreu e que lhe veio à memória, em associação com a oferta dos alhos porros, por parte do Eric Surtees. É o nosso homem dos sete ofícios, por assim dizer, e ajuda o Reg Pilbeam. Mas isso já o sabe pelo que acabou de ler. Pessoalmente, não consigo descobrir o que foi que a Margaret descobriu.

A morte dela foi inesperada?

Nem por isso. Sofria do coração, havia já muitos anos. Tanto o doutor Metcalf como o cardiologista que ela consultara, em Ipswich, tinham falado com ela sobre a possibilidade

de um transplante de coração, mas a Margaret mostrara-se inflexível: não queria ser submetida a nenhuma operação. Afirmara que tais recursos, tão raros, deviam ser usados em jovens ou em pessoas que tivessem filhos pequenos para criar. Penso que a Margaret perdera o gosto pela vida, após a morte do filho. Não que fosse uma pessoa mórbida. Diria antes que não era suficientemente agarrada à vida para lutar por ela.

Gostaria de guardar este diário, se não se importa replicou Dalgliesh. O padre Sebastian pode ter razão. Talvez não tenha qualquer significado, mas não deixa de ser um documento interessante, se tivermos em conta as circunstâncias que envolveram a morte do Ronald Treeves.

Dito isto, Dalgliesh guardou o diário na sua pasta, fechou-a e trancou-a. Os dois homens permaneceram em silêncio durante mais alguns minutos. Dalgliesh tinha a nítida sensação de que o ambiente se tornara carregado, em virtude de medos inconfessáveis e de suspeitas. Ronald Treeves morrera misteriosamente e uma semana mais tarde, a mulher que o encontrara e subsequente descobrira um segredo, para ela importante, morrera também. Podia não passar de uma coincidência. Por enquanto, não havia quaisquer provas de nada que se parecesse com um crime, e Dalgliesh partilhava o que pensava ser a relutância do padre Martin em ouvir semelhante palavra pronunciada em voz alta.

Ficou admirado com o veredicto? perguntou.

Um pouco. Estava à espera de que ficasse em aberto. Mas a idéia de que o Ronald possa ter-se suicidado, ainda por cima, através de um ato tão medonho, é algo que não conseguimos sequer encarar.

Que espécie de jovem era ele? Sentia-se feliz aqui?

Não sei se era feliz, se bem que me pareça que não se teria adaptado melhor em outro instituto de Teologia. Era um rapaz inteligente e esforçado, mas faltava-lhe um certo encanto, coitado. Mostrava-se também, estranhamente crítico para a sua idade. Diria que a sua personalidade era um misto de alguma insegurança com uma considerável presunção. Não tinha amigos íntimos... não que encorajemos, aqui, esse tipo de amizades... e talvez sofresse um pouco por causa da solidão. Mas nada havia, nos seus estudos ou na sua vida neste local, que sugerisse desespero ou que fizesse supor que se sentia tentado pelo pecado do suicídio. Claro está, se ele se suicidou, então, teremos de arcar com a nossa quota-parte de culpa. Devíamos ter percebido que ele sofria. Por outro lado, a verdade é que nunca revelou qualquer indício nesse sentido.

Estava satisfeito com a vocação do Ronald?

O padre Martin demorou algum tempo antes de responder. O padre Sebastian sentia-se satisfeito, mas pergunto a mim próprio se não se terá deixado influenciar pelas boas notas do Ronald. O rapaz não era tão esperto como pensava, mas não quer dizer que não fosse inteligente. Pessoalmente, tinha as minhas dúvidas quanto à sua vocação. Sempre me pareceu que o Ronald estava desesperado por impressionar o pai. Como é óbvio, o Ronald nunca poderia medir forças com ele, no seu mundo, mas podia escolher uma carreira que

não oferecesse qualquer comparação com a do pai. E com o sacerdócio, particularmente o católico, há sempre a tentação do poder. Uma vez ordenado, o Ronald teria autoridade para decretar a absolvição. Ao menos, era algo que Sir Aired não podia fazer. Nunca disse isto a ninguém e posso estar errado. Quando analisamos a candidatura do Ronald, percebi que me encontrava numa situação delicada. Nunca é fácil para um reitor, ter o seu predecessor ainda em funções no instituto que dirige. E a candidatura do Ronald revelou-se uma questão em que não achei ser correto da minha parte opor-me ao padre Sebastian.

Foi com uma sensação de um mal-estar progressivo, se bem que isso lhe parecesse ilógico, que Dalgliesh ouviu o padre Martin dizer:

Agora, penso que gostaria de ver o local onde o Ronald morreu.

11

Eric Surtees saiu da Vivenda São João pela porta dos fundos e passou pelos canteiros de legumes, a fim de ir ver os seus porcos. Lil, Marigold, Daisy e Myrtle surgiram, formando um aglomerado que se destacava pelos grunhidos e levantaram os focinhos rosados para o sentir. Consoante o estado de espírito de Eric, uma visita à pocilga que ele mesmo construía, acalmava-lhe o ânimo. Todavia, quando se debruçou sobre a cerca e coçou o lombo de Myrtle, soube que nada conseguiria mitigar a ansiedade que pesava sobre ele como se carregasse um fardo aos ombros.

A sua meia-irmã, Karen, devia chegar por volta da hora do chá. Morava em Londres e costumava visitá-lo no terceiro fim-de-semana de cada mês e independentemente do tempo que fizesse, aqueles dois dias ficavam sempre gravados na memória de Eric como soalheiros, aquecendo e iluminando as semanas seguintes. Karen mudara a vida dele por completo nos últimos quatro anos. Eric já não conseguia imaginar-se sem ela. Em condições normais, aquela visita de Karen seria encarada por Eric como uma dádiva dos céus, porque ela visitara-o no fim-de-semana anterior. No entanto, Eric sabia que ela vinha visitá-lo de novo, porque tinha um favor a pedir-lhe, um favor que ele lhe negara, no fim-de-semana precedente; e agora só lhe restava arranjar coragem para recusar outra vez, o pedido de Karen.

Debruçado sobre o muro da pocilga, passou em revista aqueles últimos quatro anos e pensou na sua relação com Karen. No início, não havia sido das melhores. Eric tinha vinte e seis anos quando conhecera a sua meia-irmã, três anos mais nova do que ele. Tanto Eric como a sua mãe só haviam tomado conhecimento da existência de Karen quando ele tinha dez anos. O pai, caixeiro-viajante de uma grande editora, conseguira dirigir, com êxito, duas famílias até que, ao fim de dez anos, o esforço físico e financeiro se havia tornado demasiado pesado para ele: pegara nas suas coisas e partira com a amante. Nem Eric nem a mãe haviam ficado particularmente tristes por vê-lo partir, não havia nada de que a mãe de Eric mais gostasse do que de uma afronta e o marido proporcionara-lhe uma que a mantivera num estado de alegre indignação e de luta feroz durante os últimos dez anos da sua vida. Esforçara-se, sem o conseguir, para ter a casa de Londres em seu nome, insistira em ficar com a custódia do único filho do casal (que não fora objeto de batalhas judiciais) e

protagonizara uma longa e azeda disputa relativa à concessão de uma pensão de alimentos. Quanto a Eric, nunca mais voltara a ver o pai.

A casa, de quatro andares, fazia parte de uma fileira de moradias vitorianas, situadas perto da estação de metrô de Oval, em Londres. Quando a mãe de Eric falecera, em consequência da doença de Alzheimer, Eric permanecera na casa sozinho, depois que o solicitador do pai o informou de que podia continuar a morar ali, sem ter de pagar renda, até o pai falecer. Havia quatro anos, um ataque cardíaco vitimara o pai, quando este viajava pelo país. Fora então que Eric descobrira que a casa lhe havia sido deixada em herança, assim como à sua meia-irmã.

Vira-a, pela primeira vez, durante o funeral do pai. O evento, era difícil dignificá-lo com nome mais cerimonioso, tivera lugar num crematório na região norte de Londres, sem a presença de um padre, nem mesmo de amigos e familiares, à exceção de Eric, Karen e dois representantes da agência funerária. A cremação demorara apenas alguns minutos.

À saída do crematório, a irmã, sem qualquer preâmbulo, dissera-lhe:

Era o que o papai queria. Nunca foi dado a qualquer religião. Não queria flores nem que os outros chorassem por ele. Vamos ter de falar sobre a casa, mas não agora. Tenho uma reunião urgente e já foi difícil conseguir sair do escritório.

Nem sequer pergantara a Eric se queria boleia, e ele voltara sozinho para casa. No dia seguinte, porém, Karen telefonara-lhe. Eric guardava na memória uma nítida lembrança de abrir a porta a Karen. Vestia, tal como durante a cremação, calças de cabedal justas, uma camisola de algodão encarnada e muito larga, e botas de tacão alto. Usava o cabelo espetado, como se o houvesse empastado de brilhantina, e tinha uma pedra brilhante cravada numa das abas do nariz. A aparência de Karen era convenientemente ultra, mas Eric descobrira, para sua grande surpresa, que gostava do aspecto dela. Haviam passado para a sala da frente, poucas vezes utilizada sem trocar uma só palavra. Karen olhara em seu redor, avaliando os pertences da mãe de Eric, tal como a mobília, pesada e velha, que ele nunca se dera ao trabalho de substituir, as cortinas poeirentas e os bibelôs, de gosto duvidoso, que a mãe havia trazido de umas férias em Espanha.

Temos de chegar a uma decisão em relação a esta casa declarou Karen. Podemos vendê-la agora e cada um ficar com a sua metade, ou podemos ficar com ela. Também podemos investir algum dinheiro numa remodelação e transformá-la em três apartamentos pequenos. Não vai ser barato, mas o papai deixou-me um seguro de vida e não me importo de gastar o dinheiro que tenho a receber na remodelação da casa, desde que fique com uma proporção maior das rendas. A propósito: e tu, que pensas fazer? Quero dizer, tencionas ficar aqui a viver?

Nem por isso. Não pretendo continuar a viver em Londres. Se vendermos a casa, terei dinheiro suficiente para comprar uma pequena vivenda algures e talvez até, para me lançar no mercado da jardinagem ou qualquer coisa no género.

Nesse caso, serias um idiota. Precisas de muito mais dinheiro do que aquele que vais receber para abrir um negócio de jardinagem e, além do mais, esse tipo de atividade não rende, pelo menos à escala em que estás a pensar. No entanto, se queres sair de Londres, então deves querer vender a casa.

Eric pensara: "Ela sabe o que quer e acabará por consegui-lo, não importa o que eu disser." No entanto, não se importava. Seguiu atrás de Karen, na inspeção que ela fez a todas as divisões da casa, como que se estivesse em transe. Por fim, Eric dissera:

Mas não me importo de não a vender, se é isso que queres.

Não é o que eu quero mas sim o que é mais prático para nós dois. O mercado imobiliário está estável, neste momento, com tendência para melhorar. Bom, mas se transformarmos esta casa em três apartamentos, baixará o seu valor como residência familiar. Por outro lado, irá proporcionar-nos um rendimento regular.

E fora o que inevitavelmente acontecera. Eric sabia que Karen começara por desprezar aquele irmão por parte do pai, mas, à medida que começaram a trabalhar em conjunto, a sua atitude fora-se alterando visivelmente. Mostrara-se agradavelmente surpreendida por descobrir como Eric era habilidoso de mãos e quanto eles poupavam, por ele saber pintar tetos, colocar papel de parede, fazer prateleiras e instalar lava-louças. Eric nunca se ralara em melhorar a casa que havia sido, durante tanto tempo, a sua residência. Agora, descobria em si talentos inesperados. Contrataram um canalizador profissional, um eletricista e um empreiteiro para as obras mais complexas, mas a maior parte da remodelação fora feita por Eric. Assim, ele e Karen, involuntariamente, haviam-se tornado sócios. Aos sábados, partiam à aventura, comprando mobília em segunda mão, procurando os melhores saldos para roupa de cama e louça, e, no fim do dia, mostravam um ao outro os seus troféus com a expressão triunfal de duas crianças. Eric ensinara Karen a usar, com segurança, um maçarico, insistira na preparação cuidada das peças de carpintaria antes de as pintar, mau grado os protestos de Karen de que não era preciso, e espantara-a com a meticulosidade com que tirava as medidas dos móveis de cozinha para que coubessem na perfeição. Enquanto trabalhavam, Karen falara da sua vida, da carreira de jornalista free-lance em que começava a ganhar alguma reputação, do seu prazer em conseguir um artigo com o seu nome, da mesquinhez, da má língua e dos pequenos escândalos que existiam no ramo literário em que ela trabalhava. Era um universo totalmente estranho para Eric, e sentia-se feliz por não lhe ser exigido que passasse a fazer parte do mundo jornalístico. O seu sonho era ter uma vivenda, com uma horta, e talvez até poder criar porcos, a sua paixão secreta.

E podia lembrar-se do dia em que se haviam tornado amantes. Eric tinha acabado de arranjar os escores de madeira de uma das janelas viradas a sul e depois tinham ambos começado a pintar as paredes. Karen era trapalhona e, a certa altura, anunciara que, como estava com calor e tinha o corpo cheio de tinta, ia tomar uma ducha. Sempre seria uma oportunidade de testar a eficiência da nova casa de banho. Eric também parara de trabalhar e sentara-se, com as pernas cruzadas, encostado à única parede que faltava pintar, enquanto observava a luz infiltrar-se pelos escores meio corridos a incidir sobre o chão salpicado de tinta.

Fora então que Karen voltara à sala. Enrolara uma toalha à volta da cintura mas exibia os seios. Trazia, no braço, uma coberta. Estendera-a no chão, deitara-se e, rindo-se, abrira os braços na direção de Eric. Como que em transe, ele ajoelhara-se a seu lado e sussurrara:

Não podemos... Não podemos... Somos irmãos...

Só por parte do pai, portanto, fica tudo em família.

Mas os escores... Há luz a mais... protestara Eric. Karen levantara-se e baixara os escores. A sala ficara imersa numa quase total obscuridade. Então, pressionara a cabeça de Eric contra os seus seios.

Havia sido a primeira vez para Eric, e mudara a sua vida. Sabia que Karen não o amava e, naquela altura, ele ainda não a amava. Durante aquele momento de entrega total a que se seguiriam muitos outros, Eric fechara os olhos e dera largas a todas as suas fantasias, ora românticas, ora ternas, violentas e até mesmo vergonhosas. Tudo o que fantasiara tornara-se realidade. Até que um dia, enquanto, mais confortavelmente, estavam deitados na cama, ele abrira os olhos, fitara Karen e percebera que havia encontrado o amor. Fora Karen que lhe encontrara o emprego em Santo Anselmo.

Havia sido destacada para fazer um artigo em Ipswich e, numa breve pausa, pegara num exemplar do East Anglian Daily News. De regresso a Londres, nessa mesma noite, passara pela casa em obras, onde Eric comia agora na cave, enquanto os trabalhos de remodelação continuavam e levava o jornal com ela.

É uma oferta de emprego para um ajudante num instituto de Teologia, a sul de Lowestoft. Deve ser suficientemente isolado para o teu gosto. Oferecem uma casa que, pelo que percebi, tem um jardim. Talvez consigas persuadi-los a deixarem-te criar galinhas.

Não quero fazer criação de galinhas. Prefiro os porcos.

Então, que sejam porcos, desde que não cheirem muito mal. Não pagam grande coisa, mas deves ficar com um rendimento de duzentas e cinqüenta libras por semana, das rendas. E provavelmente ainda conseguirás fazer algumas economias. Então? Que te parece?

Eric pensara que era bom de mais para ser verdade.

Talvez prefiram um casal, se bem que não o refiram no anúncio continuara Karen. Mas é melhor começarmos a tratar do assunto. Eu levo-te até lá, amanhã de manhã, se quiseres. Telefona-lhes agora e marca uma entrevista. Eles indicam um número de telefone no anúncio.

No dia seguinte, como combinado, Karen levava-o até Suffolk, deixando-o em frente do portão do instituto, e dissera-lhe que regressaria dali a uma hora e esperaria por ele. Eric fora entrevistado pelo padre Sebastian Morell e pelo padre Martin. Sentira-se preocupado com a hipótese de lhe pedirem referências clericais ou de lhe perguntarem se costumava ir à missa, mas não fora feita qualquer alusão a questões religiosas.

Deves conseguir obter referências da câmara, mas é melhor provares que és um bom funcionário dissera-lhe Karen, no dia anterior. Afinal, eles não estão à procura de um escriturário. Eu trouxe uma máquina fotográfica comigo. Vou tirar fotografias dos guarda-louças, das prateleiras e dos acabamentos que fizeste e podes mostrar-lhes. Lembra-te de que tens de te promover.

Eric, contudo, não precisara de se promover. Respondera às perguntas dos dois padres com toda a simplicidade e mostrara as fotografias com uma ânsia de tal forma comovente que os dois homens haviam imediatamente percebido quanto ele queria aquele emprego Assim, haviam-no levado até a casa, para que ele a visse. Era maior do que Eric imaginara ou desejara, ficava a uns oitenta metros das traseiras do instituto, tinha uma vista panorâmica sobre os campos baldios e um pequeno jardim abandonado. Só ao fim de trabalhar havia um mês em Santo Anselmo se atrevera a falar nos porcos, mas ninguém levantara qualquer objecção. O padre Martin, no entanto, comentara, revelando algum nervosismo:

Não os vai deixar à solta, pois não, Eric?

Não, padre Martin. Pensei que talvez pudesse construir uma pocilga e um cercado, mas mostrar-lhe-ei o esboço, antes de comprar a madeira.

E quanto ao cheiro? quisera saber o padre Sebastian. Ouvi dizer que os porcos não cheiram mal, mas, pessoalmente, detecto o cheiro deles. Bom, mas também é possível que eu tenha um nariz mais sensível do que a maioria das pessoas...

Não vão cheirar mal, porque os porcos são animais muito limpos.

Assim, Eric conseguira ter a sua casa, o seu jardim, os seus porcos e de três em três semanas, Karen. Não conseguia imaginar uma vida mais a seu contento.

Encontrara, em Santo Anselmo, a paz que havia procurado durante toda a sua vida. Nunca percebera porque lhe era tão vital a ausência de ruídos, de controvérsias ou das pressões de feitos diferentes em conflito. Não que o seu pai houvesse sido violento para com ele. Na maior parte do tempo, estava ausente, e o casamento fracassado de seus pais fora mais uma questão de queixumes e de provocações, ditas entre dentes, do que de gritos ou ataques de fúria. O que Eric considerava timidez era algo que fazia parte da sua personalidade desde a mais tenra idade. Mesmo quando havia trabalhado na câmara, num emprego pouco interessante, mantivera-se sempre à margem das discussões ocasionais ou das questiúnculas que pareciam fazer parte do dia-a-dia de alguns dos outros funcionários. Até conhecer e mais tarde se apaixonar por Karen, não houvera outra companhia, para Eric, mais desejável do que a sua.

E agora, com aquela paz, aquele santuário, a sua horta e os seus porcos, um emprego de que gostava e pelo qual era respeitado, além das visitas regulares de Karen, descobrira uma vida que o preenchia por completo. Mas tudo se alterara quando o arcediogo Crampton fora nomeado fideicomissário do instituto. O medo do que Karen lhe pudesse pedir era apenas

uma preocupação acrescentada, para Eric, à grande ansiedade que se apoderara dele, assim que soubera da chegada do arcediogo.

Quando da primeira visita do arcediogo, o padre Sebastian havia dito a Eric:

É possível que o arcediogo passe por sua casa, no domingo ou na segunda-feira, para visitá-lo, Eric. O bispo nomeou-o fideicomissário do instituto e deve haver perguntas que ele julgue necessário fazer.

Houvera algo no tom de voz do padre Sebastian, quando pronunciara as últimas palavras, que havia deixado Eric alerta.

Perguntas sobre as minhas funções aqui, padre?

Mais sobre os termos do seu contrato ou acerca de tudo o que vier à cabeça do arcediogo. Talvez ele queira dar uma vista de olhos pela casa.

E de fato, o arcediogo quisera visitar a casa de Eric. Aparecera, na segunda-feira seguinte, pouco depois das nove da manhã. Karen, contra o que era costume, passara a noite de domingo com Eric, mas partira, às pressas, às sete e meia da manhã. Tinha uma reunião em Londres as dez, e estava já muito atrasada. O trânsito na A 12 era péssimo, às segundas-feiras de manhã, sobretudo perto de Londres. Na sua pressa e Karen estava sempre com pressa, esquecera-se de que deixara a secar, no estendal situado num dos lados da casa, um sutiã e um par de cuecas. Havia sido a primeira coisa que o arcediogo vira, quando atravessara o carroiro. Sem se apresentar, dissera:

Não sabia que tinha visitas.

Eric arrancara as peças ofensivas do estendal e enfiara-as no bolso das calças, só se dando conta depois de que aquele gesto, no seu misto de vergonha e embaraço, havia sido um erro.

A minha irmã passou cá o fim-de-semana, padre murmurara.

Não sou o seu padre. Não uso esse termo. Pode tratar-me por arcediogo.

Sim, senhor arcediogo. Era um homem muito alto, com mais de um metro e noventa, de rosto quadrado, olhos penetrantes, sobancelhas espessas mas bem delineadas e bigode. Haviam atravessado o carroiro, em silêncio, em direção ao curral. Ao menos, pensara Eric, nada havia de que o arcediogo se pudesse queixar quanto ao estado do jardim.

Os porcos haviam-nos cumprimentado com grunhidos muito mais altos do que de costume.

Não sabia que criava porcos comentara o arcediogo. Fornece a carne deles ao instituto?

Por vezes, mas não são grandes consumidores de carne de porco. A carne costuma vir de um talho, em Lowestoft. Quanto a mim, crio porcos mas não para os matar. Pedi permissão ao padre Sebastian e ele deu-me.

De quanto tempo precisa para tratar dos seus porcos?

Não muito, pad... senhor arcediago.

Parecem muito barulhentos, mas, ao menos, não cheiram mal. Não havia resposta para aquele comentário. O arcediago virara as costas, em direção à porta da casa, e Eric seguira atrás dele. Na sala de estar, Eric indicara uma das quatro cadeiras de espaldar direito que condiziam com a mesa, mas o arcediago parecera não reparar no seu convite. De costas viradas para a lareira, examinara a sala: as duas poltronas uma, de balanço e a outra de estilo Windsor, com assento acolchoado em patchwork, a estante baixa, correndo ao longo de uma das paredes, e os cartazes que Karen trouxera e afixara à parede com fita adesiva especial.

Deduzo que o produto que utilizou para afixar esses cartazes não vai estragar a parede... comentara o arcediago.

Em princípio, não. É um material concebido especialmente para o efeito. Assemelha-se a pastilha elástica.

Depois, o arcediago puxara uma das cadeiras e sentara-se, fazendo sinal a Eric para que o imitasse. As perguntas que se tinham seguido não haviam sido feitas em tom agressivo, mas Eric não pudera deixar de se sentir como um suspeito, interrogado para ser acusado por alguém de um crime que desconhecia.

Há quanto tempo trabalha aqui? Quatro anos, não é verdade?

Sim, senhor arcediago.

E quais são os seus deveres, ao certo?

Os deveres de Eric eram tudo menos precisos.

Ajudo em tudo o que é necessário. Arranjo tudo o que se estraga, desde que não seja elétrico, e ocupo-me da limpeza exterior. O que quer dizer que lavo o chão dos claustros, varro o átrio e limpo as janelas. Mistress Pilbeam é a responsável pela limpeza interior e há uma senhora que vem de Reydon, para ajudá-la.

Não se pode dizer que seja um trabalho pesado. O jardim parece estar bem tratado. Gosta de jardinagem?

Sim, muito mesmo.

Mas é demasiado pequeno para fornecer legumes para o instituto.

Não todos os legumes, mas como cultivo em demasia para o meu próprio uso, levo o excedente até à cozinha do instituto e entrego-o a Mistress Pilbeam e por vezes, também ofereço legumes às pessoas que habitam nas outras vivendas.

E eles pagam-lhe pelos seus legumes?

Não, claro que não!

E quanto lhe pagam pelas suas funções, que de árduas pouco ou nada têm?

O salário mínimo, baseado num dia de trabalho de cinco horas.

Eric não dissera que nem ele nem o reitor do instituto se haviam preocupado com o seu horário de trabalho. Por vezes, cumpria as suas tarefas em menos de cinco horas, mas havia alturas em que trabalhava muito mais do que esse período de tempo.

Para além do seu salário, ainda tem esta casa pela qual não paga renda. No entanto, paga do seu bolso, com certeza, o aquecimento, a eletricidade e a taxa camarária.

Pago, do meu bolso, a taxa camarária.

E quanto aos domingos?

O meu dia de folga é ao domingo.

Estava a pensar nos serviços religiosos. Costuma ir à missa, aqui?

Eric freqüentava a igreja, de tempos a tempos, mas apenas assistia às vésperas. Sentava-se na última fila e ouvia a música e as vozes afinadas do padre Sebastian e do padre Martin entoando palavras que ele não compreendia, mas que lhe pareciam ser muito belas. Contudo, não era, com certeza, àquilo que o arcediogo se referira.

Não costumo ir à missa de domingo respondera, por fim, Eric.

O padre Sebastian não lhe fez essa pergunta, quando o entrevistou?

Não, senhor arcediogo. Perguntou-me se eu tinha aptidões para cumprir os meus deveres.

Nem sequer lhe perguntou se você era cristão?

Ao menos, Eric tinha uma resposta para aquela pergunta.

Sou cristão, senhor arcediogo, porque fui batizado, quando era bebê. Aliás, ainda tenho o cartão do meu batizado algures.

E olhara à sua volta, como se o cartão do seu registro de batismo, com uma ilustração de Cristo a abençoar as criancinhas, se pudesse materializar, de repente.

Seguira-se um silêncio constrangedor. Eric dera-se conta de que a resposta não havia agradado ao arcediogo. Não sabia se devia oferecer-lhe um café, mas talvez ainda fosse muito cedo para tal medida de cortesia. O silêncio mantivera-se até que o arcediogo se levantara.

Pelo que vejo, leva uma vida confortável aqui, e, ao que tudo indica, o padre Sebastian parece estar satisfeito com o seu serviço, mas nada é eterno. Santo Anselmo foi fundado há cento e quarenta anos, mas a Igreja... ou melhor, o mundo... mudou muito, durante esse tempo. Sugiro-lhe que, caso ouça falar de um outro emprego que lhe agrade, considere seriamente a hipótese de se candidatar.

Quer dizer que Santo Anselmo pode fechar? exclamara: Eric. Logo de seguida, apercebera-se de que o arcediogo havia ido mais longe do que pretendia.

Eu não disse isso. Além do mais, são assuntos que não lhe dizem respeito. Apenas sugeri, para seu próprio bem, que não deve pensar que tem, aqui, um emprego para o resto da vida.

Dito aquilo, saíra. Parado à porta, Eric ficara a vê-lo atravessar o promontório, em direção ao instituto. Sentira-se invadido por uma extraordinária emoção. O seu estômago parecia andar as voltas e sentia um amargo gosto de fel na boca. Eric Surtees, que sempre evitara, a todo o custo, emoções violentas, experimentava agora uma reação física esmagadora, pela segunda vez na sua vida. A primeira ocorrera quando se dera conta de que amava Karen. Contudo, agora era diferente. Era uma emoção tão poderosa quanto o amor, mas muito mais perturbadora. Fora então que Eric Surtees soubera que o que sentia, pela primeira vez em toda a sua vida, era ódio por outro ser humano.

12

Dalgliesh aguardou no vestíbulo enquanto o padre Martin subiu ao seu quarto para ir buscar o capote. Quando voltou, Dalgliesh indagou:

Não seria melhor irmos de carro até onde conseguirmos?

Dalgliesh teria preferido ir a pé, até à praia, mas sabia que, para o seu companheiro, a caminhada seria cansativa, e não apenas a nível físico.

O padre Martin aceitou aquela sugestão com evidente alívio. Nenhum dos dois falou até alcançarem o ponto onde o trilho costeiro virava para oeste e se juntava à estrada de Lowestoft. Dalgliesh estacionou o Jaguar na berma, ajudou o padre Martin a desapertar o cinto de segurança, abriu-lhe a porta e os dois homens dirigiram-se para a praia.

Seguiram por uma estreita vereda, de areia e relva, já muito pisada, por entre arbustos de ramagens entrelaçadas. Em certos pontos, os ramos dos arbustos, que pendiam sobre a vereda, formavam um tal emaranhado que mais pareciam caminhar por um túnel escuro,

onde a ondulação do mar se reduzia a um gemido distante e ritmado. Os arbustos revelavam já as suas primeiras folhas, douradas pelo sol, e dava a sensação de que, a cada passo que davam sobre a relva esponjosa, esta exalava os odores pungentes e nostálgicos do Outono. Saíram da semi-obscuridade e avistaram, à frente, o pântano, com a sua superfície sinistra separada do mar por uns cinquenta metros de cascalho. Pareceu, a Dalgliesh, que havia menos cotos enegrecidos de árvores, erguendo-se, quais monumentos pré-históricos. Olhando o pântano tentou encontrar vestígios do navio naufragado, mas apenas conseguiu vislumbrar uma única estaca, apodrecida, com a forma de uma barbatana de tubarão, que quebrava a extensão lisa de areia.

O acesso à praia, naquele local, era tão fácil que os seis degraus, cobertos de areia, e o corrimão de madeira nem sequer eram necessários. No alto da escada e construída numa pequena depressão de terra, existia uma barraca de madeira, retangular e maior do que uma barraca de praia normal. Junto dela havia um amontoado de madeira, tapado com um encerado. Dalgliesh levantou uma das pontas do encerado e viu uma pilha de tábuas, meticulosamente alinhadas e, até meio, pintadas de azul.

É o que resta da nossa antiga barraca de praia explicou o padre Martin. Era igual àquelas que se vêem na praia de Southwold mas o padre Sebastian pensou que constituía um elemento estranho nesta paisagem. Além do mais, a barraca estava quase em ruínas e tornara-se demasiado desagradável ao olhar. Assim, mandamos demoli-la. O padre Sebastian achou que uma barraca de madeira, sem ser pintada, seria mais adequada. Esta região costeira é tão desértica que nem sequer nos utilizamos da barraca quando vimos até à praia para nadar, mas convinha termos um local onde pudéssemos mudar de roupa, até porque não desejamos ficar com fama de excêntricos. A barraca também alberga o nosso pequeno bote salva-vidas, porque pode ser perigoso nadar nestas águas.

Dalgliesh não levava consigo a estaca de madeira, nem isso teria sido necessário. Não tinha quaisquer dúvidas de que provinha da antiga barraca. Teria Ronald Treeves apanhado a estaca, ao acaso, sem qualquer objetivo em mente a não ser lançá-la ao mar? Tê-la-ia encontrado, ali, ou mais à frente, na praia? Tê-la-ia levado com a intenção de se servir dela para escavar um buraco na saliência arenosa que se projetava do penhasco, mesmo por cima da sua cabeça? Ou teria havido uma segunda pessoa que transportara aquela estaca de madeira apodrecida? Ronald era novo e presumivelmente forte. Como poderia alguém forçá-lo a enfiar-se debaixo da areia sem que apresentasse marcas de violência no corpo?

A maré começara a baixar e os dois homens caminharam ao longo da estreita faixa de areia úmida, junto das ondas. Depois, seguiram pelos dois quebra-mares. Eram construções recentes. Os velhos quebra-mares, de que Dalgliesh se recordava, achavam-se, agora, no meio dos outros, reduzidos a dois pilares, enterrados na areia, sustentados por pranchas apodrecidas. Levantando a bainha do capote para melhor trepar para a extremidade do quebra-mar, cuja superfície era verde e escorregadia, o padre Martin exclamou:

A Comunidade Européia forneceu estes dois novos quebra-mares. São parte das defesas contra o mar. Alteraram a paisagem da praia em alguns locais e penso que há mais areia,

atualmente, do que no tempo em que você veio aqui passar férias. Depois de andar cerca de duzentos metros, o padre Martin anunciou calmamente:

É aqui. Dito isso, avançou para o penhasco. Dalgliesh viu, então, uma cruz de madeira cravada na areia.

Colocamos a cruz neste local, um dia depois de encontrarmos o corpo do Ronald. Por enquanto, ainda cá está. Talvez as pessoas que passaram por aqui não se tenham atrevido a tirá-la, mas não me parece que vá cá ficar durante muito tempo. Assim que começarem as tempestades de Inverno, o mar chegará até a este ponto.

Acima da cruz, o penhasco arenoso parecia ter sido cortado às fatias em certos sítios. Na margem, uma franja de ervas daninhas tremia, embalada pela brisa. De ambos os lados, podiam notar-se os pontos em que o penhasco se alterara, deixando fendas profundas nos recifes. Dalgliesh concluiu que era perfeitamente possível alguém deitar-se, com a cabeça por baixo de uma daquelas saliências, e tentar vasculhar, com um pau, uma das fendas, provocando um desabamento de cerca de meia tonelada de areia. No entanto, seria necessário ter uma força de vontade fora do comum ou estar debaixo de um grande desespero para sondar aqueles penhascos tão perigosos. Dalgliesh não conseguia pensar em formas mais terríveis de morrer. E, se Ronald Treeves queria suicidar-se, nadar no mar até que o frio e o cansaço o invadissem não teria sido melhor opção? Até então, a palavra "suicídio" não havia sido mencionada, na sua conversa com o padre Martin, mas, agora, Dalgliesh sabia que chegara o momento.

Trata-se de uma morte, padre, que parece mais um suicídio do que um trágico acidente. Mas, se o Ronald Treeves queria suicidar-se, porque não nadou até alcançar o mar alto?

O Ronald nunca faria tal coisa, porque tinha muito medo do mar. Nem sequer sabia nadar. Quando os colegas vinham à praia, ele nunca os acompanhava, nem me lembro, tão pouco, de alguma vez o haver visto a passear pela praia. É, aliás, um dos motivos porque fiquei surpreendido por ele ter escolhido Santo Anselmo em vez de se candidatar a um dos outros institutos de Teologia. Já receava que pensasse no suicídio como uma hipótese mais plausível do que a do acidente. É uma possibilidade que nos causa, a todos, grande angústia. Se o Ronald se suicidou sem que nós sequer nos tenhamos apercebido de que era tão infeliz, então, não temos qualquer perdão. Desiludimo-lo. Ainda me custa a crer que tenha vindo até aqui com a intenção de cometer um ato que, para ele, seria um grave pecado. O Ronald tirou a batina e o capote e dobrou-os cuidadosamente. fez notar Dalgliesh. Acha que ele faria isso se tencionasse apenas escalar o penhasco? Talvez. Seria difícil trepar pelo penhasco com a batina ou o capote. Houve um pormenor particularmente pungente quanto às suas roupas. O Ronald colocara-as, com todo o cuidado, sobre a areia, com as mangas dobradas para dentro. Era como se tivesse preparado as malas para uma viagem, embora fosse um rapaz muito meticoloso.

"Mas por que carga de água ele terá trepado pelo penhasco?", pensou Dalgliesh. Se andava a procura de alguma coisa, o que podia ser? Aqueles bancos de areia instável, com uma fina camada de seixos e pedras, dificilmente constituíam um bom esconderijo. No entanto, Dalgliesh sabia que haviam sido feitas descobertas interessantes, em tempos, naquela

região, incluindo pedaços de âmbar e até ossos humanos, que haviam dado à costa, vindos de cemitérios há muito submersos pelo mar. Se Treeves avistara um desses objetos, onde se encontrava ele agora? Não se havia descoberto nada de interessante junto do corpo, à exceção de uma estaca de madeira.

De regresso, caminharam pela praia, em silêncio. Dalglish abrandou a marcha, para poder manter-se ao lado do seu companheiro, cujas passadas eram incertas e mais vagarosas. O velho padre baixara a cabeça para se proteger do vento e apertara o capote à volta do tronco. Para Dalglish, era um pouco como passear com a personificação da morte.

Quando entraram novamente no carro, Dalglish declarou:

Gostaria de dar uma palavra à senhora que encontrou Mistress Munroe morta... uma tal Mistress Pilbeam, não é verdade? Também seria útil falar com o médico, se bem que me pareça difícil encontrar uma justificação para uma conversa com ele, sem o alarmar. Não quero levantar suspeitas, quando não existem motivos para tal. A morte do Ronald já causou grande angústia.

O doutor Metcalf deve passar pelo instituto, esta tarde. O Buckhurst, um dos estudantes, está em período de convalescença, depois de ter contraído febre tifóide, no fim do último período. Como os pais dele estão em serviço, no estrangeiro, mantivemo-lo aqui durante as férias, para que pudesse ter todos os cuidados médicos necessários à sua recuperação. Quando o George Metcalf passa pelo instituto e tem algum tempo livre, antes da visita seguinte, costuma aproveitar para passear os seus dois cães. Talvez consigamos apanhá-lo.

Tiveram sorte. Quando transpuseram as torres e entraram no rio, avistaram um Range Rover estacionado. Dalglish e o padre Martin saíram do carro, no mesmo instante em que o doutor Metcalf descia a escada, com a sua maleta, depois de se haver virado para alguém que supostamente se achava no interior da mansão. O médico era um homem alto, com o rosto marcado pelo passar dos anos e que devia estar perto da reforma. Avançou para o Range Rover, abriu a porta, sendo saudado por latidos; dois dálmatas saltaram, ao ver o dono. Soltando imprecações, o médico tirou, depois, duas grandes taças e uma garrafa de plástico do porta-bagagens. Abriu-a e encheu as taças de água. Os dois animais beberam a água, abanando vigorosamente as caudas brancas.

Foi então que, ao avistar Dalglish e o padre Martin, os saudou

Boa tarde, padre! O Peter está a recuperar e não há motivos para alarme. Agora, vai ter de sair um pouco mais. Menos teologia e mais ar puro. Vou levar o Ajax e o Jasper a passear até ao pântano. Está tudo bem consigo, padre?

Está tudo bem, obrigado, George. Deixe-me apresentar-lhe o Adam Dalglish. Veio passar alguns dias conosco.

O médico voltou-se para olhar para Dalglish e, enquanto trocavam um aperto de mão, acenou, em sinal de aprovação, como se Dalglish tivesse acabado de passar numa inspeção.

Pensava ver Mistress Munroe, durante a minha estada explicou Dalgliesh, mas cheguei tarde de mais. Não fazia idéia de que ela estava tão doente, mas soube, pelo padre Martin, que a morte dela não foi inesperada.

O médico tirou o casaco, pegou numa grossa camisola de lã que tinha no carro, vestiu-a e, em seguida, substituiu os sapatos por botas. A morte continua a ter o condão de me surpreender replicou. Quando pensamos que um paciente não dura mais de uma semana, vamos encontrá-lo de pé e a chatear tudo e todos, um ano mais tarde. Então, pensamos que vai durar mais uns seis meses e, quando voltamos, no dia a seguir, ficamos a saber que morreu durante a noite. É por isso que nunca digo aos meus pacientes quanto tempo têm de vida. Mas Mistress Munroe sabia que o seu coração estava em muito mau estado... afinal de contas, era enfermeira... A sua morte não me apanhou de surpresa. Podia morrer a qualquer momento e sabíamos-lo, tanto eu como ela.

O que significa que o colégio foi poupado a uma segunda autópsia, logo após a do Ronald comentou Dalgliesh.

Meu Deus! Tem razão! Nem nunca se justificaria, no caso de Mistress Munroe. Visitava-a frequentemente; aliás, visitei-a um dia antes de ela morrer. Lamento saber que não chegou a tempo de a ver, Era uma velha amiga sua? Sabia que o senhor vinha visitá-la?

Não, não sabia respondeu Dalgliesh. Que pena... Se esperasse a sua visita, talvez se tivesse agüentado. Nunca se sabe com as pessoas que sofrem do coração. Aliás, nunca se sabe com qualquer paciente. Dito isto, despediu-se, com novo aceno de cabeça, e afastou-se, com os seus cães. Podemos ir falar com Mistress Pilbeam, agora, se quiser, exclamou o padre Martin. Levo-o até à porta e faço as apresentações mas, depois, deixo-vos a sós.

13

Na Vivenda São Marcos, a porta que dava para o alpendre estava aberta, de par em par, e a luz vinda do interior espalhava-se pelo chão de tijoleira, iluminando as folhas das plantas e os seus vasos em terracota, que se alinhavam em prateleiras de ambos os lados da entrada. O padre Martin acabara de erguer a mão para bater quando a porta interior se abriu. Mrs. Pilbeam, sorrindo, afastou-se para deixar entrar os dois homens. O padre Martin não se alongou nas apresentações e saiu, depois de alguma hesitação, como se não soubesse se esperavam que os abençoasse.

Dalgliesh entrou na pequena sala de estar, atafalhada de móveis, invadido por uma doce nostalgia e sentindo que regressara à infância. Numa sala igual àquela, havia-se sentado à mesa, balouçando as pernas e comendo uma fatia de bolo, enquanto a sua mãe visitava os paroquianos, ou, durante o Natal, regalando-se com as empadas, enquanto ouvia a voz materna. Tudo, naquela sala, lhe era familiar: o fogão de sala, em ferro forjado, com uma tampa trabalhada; a mesa quadrada, ao centro, com uma toalha vermelha, de tecido grosso, tendo como centro um arranjo floral; as duas cadeiras de braços, uma delas de balanço, colocadas dos dois lados da lareira; os bibelôs; alinhados na cornija: dois cães de louça do

Staffordshire, com olhos salientes; um vaso, com arabescos a mais e a inscrição "Recordação de Southend", e um sortido de fotografias com molduras de prata. Nas paredes, gravuras vitorianas, nas suas molduras originais de madeira: The Sailor's Return, Granpapa's Pet e outra, representando um bando de crianças, estranhamente asseadas e ladeadas pelos respectivos pais, a atravessar um prado para ir à missa. A janela, virada a sul, estava aberta, oferecendo uma vista sobre o promontório, e o peitoril estreito encontrava-se coberto com uma quantidade de pequenos vasos de cactos e violetas-africanas. A única nota discordante era o televisor e o gravador de vídeo.

Mrs. Pilbeam era uma mulher baixa, anafada, de rosto bronzeado e cabelo claro, cuidadosamente penteado. Usava um avental por cima da saia, mas, ao ver as visitas, tirara-o e pendurara-o num prego, por trás da porta. Indicou a cadeira de balanço a Dalgliesh e sentaram-se, um em frente do outro, com Dalgliesh a resistir à tentação de se recostar e deixar-se embalar.

Ao perceber que ele examinava as ilustrações, Mrs. Pilbeam comentou:

Herdei-as do meu avô. Cresci com essas ilustrações. O Reg acha-as demasiado sentimentais, mas eu gosto delas. Hoje em dia, já não se pinta assim.

De fato anuiu Dalgliesh.

Os olhos que o fitavam eram dóceis mas também inteligentes. Sir Aired Treeves mostrara-se peremptório, ao exigir que a investigação fosse conduzida com toda a discrição, o que não significava que devesse ser mantida em segredo. E Mrs. Pilbeam tinha tanto direito à verdade quanto o padre Martin, ou, pelo menos, ao mínimo necessário.

Queria falar-lhe acerca da morte do Ronald Treeves. O pai, Sir Aired, não se encontrava em Inglaterra durante o inquérito e pediu-me para fazer algumas perguntas em relação ao que aconteceu realmente, para se certificar de que o veredicto foi correto.

O padre Sebastian já nos tinha dito que o senhor viria até cá para fazer algumas perguntas replicou Mrs. Pilbeam. Mas que idéia tão descabida a de Sir Aired, não acha? Seria mais natural que quisesse deixar as coisas como estão.

Dalgliesh fitou a sua interlocutora.

Ficou satisfeita com o veredicto, Mistress Pilbeam?

Bom, como não fui eu que encontrei o corpo, não me chamaram para depor durante o inquérito. Era algo que, afinal, não me dizia respeito. Mas, respondendo à sua pergunta, a morte do Ronald pareceu-me um pouco estranha... Todos sabem que aqueles penhascos são perigosos. Bom, mas a verdade é que o pobre rapaz morreu. Não consigo perceber o que é que o pai dele ganha, começando tudo de novo.

Dalgliesh ignorou aquele último reparo.

Como bem sabe, não posso falar com Mistress Munroe, mas gostaria de saber se ela lhe contou como descobriu o corpo. O padre Martin disse-me que a senhora e Mistress Munroe eram amigas

Pobre Margaret. Sim, pode dizer-se que éramos amigas, muito embora a Margaret não fosse pessoa para me visitar sem avisar primeiro. Mesmo quando o filho dela morreu, não senti que fôssemos amigas íntimas. O Charles era capitão do exército e ela orgulhava-se muito dele. Costumava dizer que o filho sempre quisera ser soldado. O pobre infeliz foi capturado pelo IRA. Penso que estava envolvido numa missão secreta e torturaram-no para tentar descobrir de que se tratava. Quando soubemos da trágica notícia, fiquei em casa da Margaret, durante uma semana. Na verdade, foi o padre Sebastian que me pediu, mas eu tê-lo-ia feito à mesma. A Margaret não se opôs. Penso que nem se deu conta da minha presença. No entanto, quando eu lhe preparava as refeições, ela comia alguma coisa. Fiquei contente quando um dia, de repente, me pediu que a deixasse a sós. "Desculpe, Ruby, tenho sido muito má companhia. Foi muito gentil da sua parte, mas agora é melhor voltar para casa." Foi o que me disse. E eu voltei para casa.

"Vê-la, ao fim de vários meses, foi como deparar com alguém que estava a ser torturado no Inferno sem ser capaz de emitir um só gemido. Os olhos dela haviam-se tornado muito grandes, ao passo que o corpo parecia ter mirrado. Penso que não conseguira superar a perda do Charles... e quem consegue superar a morte de um filho? Ninguém, não é verdade? Mesmo assim, acho que começava a interessar-se novamente pela vida. Pelo menos, foi o que todos pensamos. Mas, depois, deixaram que aqueles assassinos saíssem da prisão, graças a uma anistia, e ela não tolerou tal coisa. Além do mais, creio que sofria muito de solidão. Nutria grande afeto pelos rapazes porque, para ela, eram sempre umas crianças... e sentia algum conforto em tratar deles, sempre que adoeciam. No entanto, os estudantes tornaram-se mais acanhados em relação à Margaret, depois da morte do filho. Os jovens não gostam de ver a infelicidade dos outros, e quem pode censurá-los por isso?

Mas vão ter de saber lidar com a infelicidade alheia, assim que se ordenarem padres retorquiui Dalgliesh.

Oh, acabarão por aprender, porque são bons meninos.

Mistress Pilbeam, simpatizava com o Ronald Treeves? quis saber Dalgliesh.

Mrs. Pilbeam demorou alguns minutos antes de responder.

Não me cabia decidir se simpatizava ou não com ele. Nem a mim nem a ninguém. Numa pequena comunidade, não devemos ter favoritos. Foi algo que o padre Sebastian sempre combateu. No entanto, tenho de dizer que o Ronald não era popular e penso que, aqui, não se sentia em casa. Era um bocadinho vaidoso de mais e muito crítico em relação aos outros, o que, em geral, é sinónimo de insegurança, não é verdade? Depois, fazia questão de nos lembrar de que o pai era rico.

Sabe se ele era particularmente amigo de Mistress Munroe?

Da Margaret? Penso que pode dizer-se que sim. Sei que costumava visitá-la com alguma frequência. Os estudantes só podem visitar as pessoas que vivem nas vivendas se forem convidados, mas tenho a impressão de que ele visitava a Margaret. Não que ela se tenha queixado. Nem sequer consigo imaginar de que podiam falar. Talvez gostassem da companhia um do outro.

Mistress Munroe chegou a dizer-lhe como foi que descobriu o corpo?

Pouco disse e eu também não lhe fiz perguntas. Claro que veio tudo à baila, durante o inquérito. O que soube, li-o nos jornais, mas não assisti ao inquérito. Todos falavam na morte do Ronald, mas nunca na presença do padre Sebastian, porque ele detesta mexericos. No entanto, penso que, de uma maneira ou de outra, fiquei a par de todos os pormenores, se bem que não houvesse grande coisa de que falar,

Mistress Munroe disse-lhe que estava a escrever um relato da sua descoberta?

Não, mas isso também não me espanta. A Margaret tinha muito jeito para a escrita. Antes de o Charles ser assassinado, costumava escrever-lhe todas as semanas. Quando eu ia visitá-la, encontrava-a sentada em frente da mesa, a escrever cartas enormes ao filho, Mas nunca me disse que andava a redigir um relato sobre o pobre Ronald. Porque decidiu ela fazê-lo?

Foi a senhora que a encontrou, quando ela teve o ataque cardíaco? O que aconteceu, Mistress Pilbeam?

Bem, vi luzes acesas na casa dela, quando saí para me dirigir ao instituto, pouco antes das seis da manhã. Havia alguns dias que não via nem falava com a Margaret e sentia um peso na consciência. Julguei que estava a abandoná-la e que ela podia querer vir até cá para jantar comigo e com o Reg e, talvez, ver televisão. Por isso, fui até a casa dela. E lá estava ela, morta, na sua poltrona.

A porta da rua estava destrancada ou a senhora tinha uma chave!

Estava destrancada. Aqui, não costumamos trancar as portas e as janelas. Bati à porta e, como ninguém respondesse, entrei. Foi quando a encontrei. Estava já fria, sentada na sua poltrona, hirta como uma tábua, com o tricô no regaço. Ainda tinha uma das agulhas de tricô na mão direita. Chamei imediatamente o padre Sebastian e telefonei ao doutor Metcalf, que havia estado com a Margaret no dia anterior. A pobrezinha tinha o coração muito fraco; por essa razão, não houve quaisquer problemas quanto ao atestado de óbito. Aliás, foi uma morte santa. Devíamos todos ter a mesma sorte.

E não encontrou um bilhete, uma carta?

Não havia nada à vista e, como é óbvio, não vasculhei as coisas da Margaret. Porque haveria de fazê-lo?

Claro que não, Mistress Pilbeam. É que estava a pensar se podia haver um manuscrito, uma carta ou qualquer documento, em cima da mesa...

Não vi nada em cima da mesa. Mas houve algo que me despertou a atenção... A Margaret nunca podia estar a tricotar...

Porque diz isso?

Bom, ela estava a tricotar uma camisola para o padre Martin, que tinha visto uma numa loja em Ipswich e lha descrevera. A Margaret pensou tricotar uma camisola idêntica para a oferecer ao padre Martin, no Natal. Mas era um padrão muito complicado, com torcidos e outros pontos complicados, e a Margaret queixava-se da dificuldade em executar o trabalho. Nunca poderia tricotar a camisola sem ter o esquema dos diferentes pontos de tricô à sua frente. Vi a Margaret muitas vezes embrenhada no seu tricô e sempre a seguir o esquema. Além do mais, usava óculos para ver televisão. Ora, a Margaret Colocava sempre os seus óculos com aros dourados para tricotar.

E esse tal esquema não estava na sala?

Não. Só as agulhas e os novelos que tinha em cima do regaço. Também segurava na agulha de tricô de uma maneira esquisita. A Margaret não tricotava como eu. Usava a técnica francesa. Segurava a agulha esquerda na horizontal e trabalhava com a outra. Lembro-me de achar tudo aquilo estranho, ao vê-la com o tricô no regaço, quando nunca poderia estar a tricotar.

E não comentou isso com ninguém?

De que me serviria? Já não importava. Foi apenas um pormenor curioso. Talvez se tenha sentido mal, logo depois de pegar nas agulhas e de sentar na poltrona, e não tenha tido tempo para ir buscar o esquema. Sinto muito a falta dela. Ainda me causa estranheza pensar que a vivenda está vazia. Parece que ela desapareceu, de um momento para o outro. Nunca falava da família, mas descobriu-se que tinha uma irmã, que residia em Surbiton. Foi a irmã que tratou da cremação da Margaret, em Londres. Mais tarde, a irmã e o cunhado vieram até cá para esvaziar a vivenda. Não há nada como a morte para que os nossos familiares apareçam. A Margaret nunca teria querido uma missa de réquiem, mas o padre Sebastian organizou um elogio fúnebre, na igreja, em que todos interviemos. O padre Sebastian pensou que talvez eu gostasse de ler uma passagem de São Paulo, mas disse-lhe que preferia recitar uma oração. Não sei porquê, mas não suporto São Paulo. Na minha idéia, tinha o seu quê de desordeiro. Havia aqueles grupos de cristãos que não se metiam com ninguém, dando-se bem com os outros, sem se meterem em apuros. Ninguém é perfeito. Foi então que São Paulo apareceu inesperadamente e começou a dar ordens e a tecer críticas. Ou, então, mandava-lhes uma das suas ferozes epístolas. Não era um tipo de carta que eu gostasse de receber, e foi o que disse ao padre Sebastian.

E que lhe respondeu ele?

Que São Paulo foi um dos maiores gênios religiosos e que, se não tivesse sido ele, não seríamos cristãos, hoje em dia. Respondi-lhe à letra, retorquindo: "Nesse caso, teríamos de ser outra coisa qualquer." Não me fiquei por aí e perguntei-lhe o que poderíamos ter sido, se não fosse São Paulo, mas não me parece que ele o soubesse, Disse-me que ia pensar no assunto, mas nunca chegou a dar-me uma resposta. Limitou-se a comentar que eu levantara uma questão que não estava incluída no programa de estudos da Faculdade de Teologia de Cambridge.

E não fora, por certo, a única questão que Mrs. Pilbeam levantara, pensou Dalgliesh. Depois de recusar o seu gentil convite para tomar chá e comer uma fatia de bolo, saiu da vivenda.

14

A Dra Emma Lavenham saiu mais tarde do que pensava de Cambridge. Giles almoçara no refeitório e, enquanto ela fizera as malas, falara-lhe de assuntos que, segundo ele, tinham de ser resolvidos antes que Emma viajasse. Emma ficara com a sensação de que Giles se sentira satisfeito por atrasá-la. Este nunca gostara das suas ausências trimestrais, sempre que ela dava aquele seminário de três dias no Instituto de Santo Anselmo. Nunca se opusera abertamente, talvez por saber que Emma encararia isso como uma imperdoável intromissão na sua vida. No entanto, Giles recorria a outras maneiras, mais subtis, para exprimir o seu desagrado por uma atividade em que não participava e que decorria numa instituição que ele pouco respeitava, como ateu confesso que era, se bem que não pudesse queixar-se de que o trabalho de Emma, em Cambridge, fosse prejudicado por aquelas suas viagens.

Em virtude da hora tardia a que almoçara, Emma sabia que não iria escapar ao trânsito, sempre muito congestionado, das sextas-feiras à noite; a cada vez que era obrigada a parar, no engarrafamento, sentia-se ressentida com as táticas subtis de Giles e, ao mesmo tempo, irritada consigo própria, por não saber opor-se-lhe. Emma começara a aperceber-se, desde o final do último período, que Giles se tornara mais possessivo, exigindo-lhe mais tempo e afeto. E, agora, com a perspectiva de se tornar professor catedrático numa universidade do Norte da Inglaterra, Giles começara a pensar no casamento, talvez por encarar tal hipótese como a melhor maneira de se assegurar de que Emma não o deixaria. Ela sabia que Giles tinha idéias muito definidas acerca do que constituía, para ele, a esposa perfeita. Infelizmente, tudo indicava que ela preenchia todos os requisitos de Giles. Assim, decidiu que, ao menos durante os três dias que iam seguir-se, se abstrairia de todos os seus problemas pessoais.

O seu contrato com o instituto iniciara-se três anos antes. Mais tarde, Emma dera-se conta de que o padre Sebastian a havia recrutado valendo-se dos seus contactos, em Cambridge. O instituto procurava um lente universitário, de preferência novo, que pudesse dar três seminários, no início de cada período, sobre "A herança poética do anglicanismo". Devia ser alguém de renome ou que começasse já a ser conhecido, que conseguisse ter um bom relacionamento com os jovens ordinandos e se encaixasse no espírito de Santo Anselmo. No entanto, o padre Sebastian não achara necessário definir que espírito era esse. O cargo, conforme o padre Sebastian havia dito a Emma, era consequência de um desejo expresso pela fundadora do instituto, Miss Arbuthnot. Influenciada pelos seus amigos anglo-

católicos do movimento de Oxford naquela e noutras questões, Miss Arbuthnot achara que seria importante para os recém-ordenados padres anglicanos conhecerem a sua herança literária. Emma, que, com vinte e oito anos, fora recentemente nomeada professora universitária, havia então sido convidada para aquilo que o padre Sebastian descrevera como uma conversa informal sobre a possibilidade de ela se juntar à sua pequena comunidade durante nove dias por ano. Emma aceitara o convite, impondo apenas uma condição: que a poesia não se limitasse aos autores anglicanos nem se restringisse à determinada época, salientando que gostaria de incluir os poemas de Gerard Manley, Hopkins e poetas modernos, como T. S. Eliot. Depois de se certificar de que ela era a pessoa indicada para o cargo, o padre Sebastian parecera satisfeito por deixar esses pormenores ao critério de Emma. E, excetuando uma breve aparição no terceiro seminário, em que a sua presença intimidara Emma, não mais demonstrara qualquer interesse pelo curso.

Agora, aqueles três dias em Santo Anselmo haviam-se tornado importantes para Emma, que dava consigo a aguardar ansiosamente pelos seus seminários, até porque o ambiente em Cambridge não era totalmente desprovido de certas tensões e de alguma ansiedade. Emma fora nomeada professora universitária talvez demasiado cedo, como pensava, por vezes. Tinha de conciliar o ensino, de que tanto gostava, com as suas pesquisas, as suas responsabilidades administrativas e, também, com uma disponibilidade total para os estudantes que, à medida que o tempo fora passando, a procuravam para lhe falar dos seus problemas. Muitos eram os primeiros das suas famílias a frequentar uma universidade e tinham grandes esperanças mas, também, muitos receios. Outros, que se haviam saído bem no primeiro ano, achavam as listas de leitura obrigatória muito longas. Existiam ainda aqueles que tinham saudades de casa, mas se sentiam envergonhados em admiti-lo, ou que se julgavam pouco preparados para enfrentar aquela nova vida.

As exigências de Giles e a sua vida amorosa, algo complicada, em nada ajudavam às pressões profissionais a que Emma estava sujeita. Assim, era sempre um alívio para ela tornar-se parte da paz e do isolamento de Santo Anselmo, falar de poesia, que tanto apreciava, com rapazes inteligentes que não tinham de se preocupar com o teste semanal nem tentavam agradar-lhe, dando opiniões construtivas. Emma gostava daqueles rapazes e, muito embora desencorajasse, de tempos a tempos, uma abordagem mais romântica ou um arroubo sentimental, sabia que eles também gostavam dela, ficavam contentes por ver uma mulher no instituto e aguardavam com ansiedade a sua visita, vendo-a como uma aliada. E aquele sentimento não era exclusivo dos estudantes. Emma era sempre recebida em Santo Anselmo como uma amiga. O padre Sebastian, ao desejar-lhe as boas-vindas, mostrava-se algo formal, mas não conseguia ocultar a sua satisfação por haver escolhido a pessoa certa. Quanto aos outros padres, eram mais expansivos nas suas demonstrações de contentamento.

Se, por um lado, Emma antecipava com alegria as suas visitas a Santo Anselmo, por outro, sentia-se invariavelmente deprimida quando regressava a casa, para ver o pai. Desde que havia renunciado ao seu cargo em Oxford, mudara-se para um apartamento numa mansão remodelada, perto da estação de Marylebone. Os muros de tijolos da mansão lembravam-lhe carne crua. A mobília pesada, o papel de parede escuro e as janelas de cortinas espessas criavam um permanente ambiente sinistro em que o seu pai nunca parecera reparar. Henry Lavenham casara-se tarde e perdera a esposa, vitimada por um cancro da mama, pouco

após o nascimento da segunda filha do casal. Emma tinha apenas três anos e, mais tarde, apercebera-se de que o pai transferira para o bebê todo o amor que sentira pela esposa, reforçado por um sentimento de pena perante o desamparo daquela criança órfã. Emma tinha plena consciência de que fora a menos amada das duas filhas, mas nunca sentira inveja da sua irmã mais nova. Havia compensado aquela falta de amor, dedicando-se ao trabalho e ao êxito pessoal. Duas palavras tinham-lhe ficado gravadas na memória, desde a adolescência: brilhante e bela. Ambas lhe haviam imposto um fardo: a primeira, a expectativa de ter êxito, que Emma alcançara cedo de mais para pensar que fora por seu mérito próprio; a segunda, um enigma, por vezes quase um tormento. Tornara-se bela durante a adolescência, e dava consigo a olhar-se ao espelho, tentando definir e avaliar aquele bem estranhamente valorizado, já consciente, contudo, de que, se uma boa aparência era considerada uma bênção, a beleza constituía uma dádiva perigosa.

Emma e Marianne haviam sido educadas por uma irmã do pai. Era uma mulher sensata, reservada e escrupulosa, totalmente desprovida do instinto maternal, mas consciente dos seus deveres. Soubera criar as duas irmãs num ambiente estável, mas onde não coubera o sentimentalismo. E, quando Marianne fizera onze anos, a tia retomara a sua vida própria, regida por cães, jogos de bridge e viagens pelo estrangeiro. As duas raparigas haviam visto a tia partir sem qualquer sentimento de pena.

Contudo, no dia em que completaria dezenove anos, Marian morrera, atropelada por um condutor embriagado, e Emma ficara sozinha com o pai. Quando voltara a casa, para vê-lo, ele tratara-a com uma cortesia escrupulosa, quase forçada. Emma não pudera deixar de perguntar a si própria se a falta de diálogo entre eles, ou o cuidado em evitar qualquer demonstração de carinho que tinha dificuldade em definir como um afastamento, porque o que haviam sido eles senão dois estranhos?, era o resultado de o pai se aperceber, aos setenta anos e sem mais ninguém, que seria embaraçoso exigir da filha o amor de que, antes, ele nunca revelara necessitar.

Naquele momento, Emma estava perto do fim da viagem. A entrada estreita, seguindo ao longo do mar, raramente era utilizada, exceto no Verão, aos fins-de-semana, e, naquele fim de tarde, Emma era a única viajante. A estrada abria-se à sua frente, sombria e algo sinistra, à luz do entardecer. Como sempre, de cada vez que regressava a Santo Anselmo, teve a sensação de que se dirigia para uma costa selvagem, misteriosa e isolada, tanto no espaço como no tempo.

Ao virar para norte, entrou na vereda que conduzia diretamente a Santo Anselmo, e as chaminés altas, a torre e a mansão surgiram, recortando-se no céu, como vultos negros. Foi então que avistou uma figura que caminhava à sua frente e reconheceu o padre John Bettertoi. Parando na berma, Emma baixou o vidro da janela. Posso dar-lhe boleia, padre? O padre John voltou-se e pestanejou, como se, por momentos não a reconhecesse. Só depois a brindou com o seu sorriso, sempre afável e quase infantil.

Emma! Obrigado, obrigado. Uma boleia é bem-vinda. Andei mais do que tencionava, na minha incursão pelo pântano. Usava um casaco grosso, de tweed, e tinha uns binóculos

pendurados ao pescoço. Entrou, e o cheiro nauseabundo das águas insalubres do pântano, impregnado no tweed, espalhou-se pelo interior do carro.

Teve sorte na sua observação das aves?

Só vi os habituais residentes de Inverno. Seguiram viagem, sentados lado a lado, em silêncio. Tempos houvera em que Emma tivera dificuldade em sentir-se à vontade na presença do padre John. Acontecera na sua primeira visita, três anos antes, quando Raphael lhe contara tudo sobre o encarceramento do padre John.

”Alguém vai acabar por contar-lhe, em Cambridge ou até mesmo aqui, e prefiro que o saiba da minha boca. O padre John confessou ter assediado dois rapazes que pertenciam ao coro da sua igreja. Foi a expressão que eles empregaram, mas duvido que se tenha tratado realmente de um assédio. No entanto, o padre John foi condenado a três anos de prisão.”

Emma replicara: ”Pouco percebo de leis, mas parece-me uma sentença algo pesada.”

É que não foram só aqueles dois rapazinhos. O Matthew Crampton, um outro padre, de uma paróquia vizinha, fez questão em apresentar mais provas e conseguiu levar a depor outros três rapazes, mais velhos. Acusaram o padre John das piores monstruosidades. Segundo eles, por terem sido vítimas de abuso por parte do padre John, não conseguiram arranjar emprego, o que os tornara infelizes, delinquentes e anti-sociais. Estavam a mentir, claro, mas, mesmo assim, o padre John declarou-se culpado, porque tinha os seus motivos.

Muito embora não partilhasse da fé inabalável de Raphael na inocência do padre John, Emma não deixara de sentir dó daquele homem. Parecia haver-se refugiado num mundo à parte, numa tentativa de preservar precariamente uma personalidade vulnerável, como se carregasse, dentro de si, algo tão frágil que mesmo o mais leve movimento o podia quebrar. Era sempre educado e afável, e Emma apenas conseguira detectar a sua angústia nas poucas ocasiões em que o olhara, olhos nos olhos, mas tivera de desviar o rosto, por não suportar ver tanto sofrimento. Talvez o padre John sofresse, em silêncio, por sentir a consciência pesada. Emma, em parte, continuava a desejar que Raphael não lhe houvesse contado a história. Não conseguia imaginar que tipo de vida o padre John levara na prisão. E perguntava a si própria se seria realmente possível que um homem estivesse disposto a suportar tamanho sofrimento. A vida do padre John em Santo Anselmo também não devia ser fácil. Ocupava um apartamento privado, no terceiro andar, com a irmã solteira, uma mulher que podia descrever-se caridosamente como excêntrica. Muito embora fosse óbvio para Emma, nas poucas ocasiões em que os havia visto juntos, que ele era muito dedicado à irmã, talvez até mesmo o amor fosse mais um fardo acrescido e não um consolo.

E, agora, não sabia se devia falar-lhe ou não da morte de Ronald Treeves. Emma lera um breve artigo nos jornais e Raphael, que por qualquer motivo achava ser seu dever mantê-la ao corrente de tudo o que se passava em Santo Anselmo, telefonara-lhe para comunicar a triste notícia. Depois de refletir sobre que palavras devia empregar, Emma enviara uma carta de condolências, muito curta, ao padre Sebastian. Poucos dias depois, recebera uma carta de agradecimento, ainda mais curta, escrita pelo padre Sebastian, com a sua caligrafia cuidada. Assim, seria natural falar de Ronald ao padre John, agora, mas houve algo que a

deteve. Tinha um pressentimento de que o assunto não era bem-vindo, por ser constrangedor.

Foi então que Santo Anselmo surgiu, com as suas chaminés altas, os torreões, a torre e a cúpula, escurecendo, à medida que o Sol se ia pondo. À frente, os dois pilares em ruínas do portão isabelino, há muito demolido, transmitiam em silêncio a sua mensagem ambígua: símbolos fálicos toscos, sentinelas indomáveis, postadas em frente do inimigo que avançava com lentidão, suportando obstinadamente a certeza do fim inevitável da mansão. Seria a presença a seu lado do padre John, ou a idéia do Ronald Treeves a exalar o último suspiro, por baixo de toneladas de areia, que lhe provocaram uma súbita tristeza e uma vaga apreensão? Até então, Emma visitara Santo Anselmo sempre com grande alegria; agora, contudo, à medida que se aproximava do instituto, sentia algo muito parecido com o medo.

Quando Emma parou no átrio, a porta da frente abriu-se e Raphael surgiu à entrada. Já devia ter andado, por certo, à procura dela, Ali ficou, imóvel, como uma estátua de pedra, a fixar os dois recém-chegados. Emma, então, lembrou-se da primeira vez em que havia visto Raphael; sentada, atrás da sua secretária, detivera-se, dominada por uma total incredulidade, até que se rira alto, perante a incapacidade de esconder a sua surpresa. Um outro estudante, Stephen Morby, rira-se também e dissera:

”É realmente extraordinário, não é? No outro dia, estávamos num pub, em Reydon, e uma rapariga aproximou-se e exclamou: ”De onde vens, do Olimpo?” Só tive vontade de saltar para cima da mesa, encher o peito de ar e gritar: ”Olha para mim! Olha para mim!” Bom, mas a esperança é a última a morrer...”

Stephen falara do colega sem revelar qualquer inveja. Talvez tivesse consciência de que a beleza, num homem, não era o dom que parecia ser; na realidade, Emma não conseguia olhar para Raphael sem se recordar da superstição da fada má no dia do batizado. Interessara-se por aquele rapaz de grande beleza, mas não sentira por ele a menor atração sexual. Talvez Raphael atraísse mais os homens do que as mulheres. No entanto, se possuía esse poder em relação a ambos os sexos, parecia não se dar conta disso. Emma podia perceber, pela facilidade e confiança com que Raphael se comportava, que o rapaz tinha consciência de que era dono de uma rara beleza e que era a sua aparência que o tornava diferente. Valorizava-a e tinha-se em boa conta, mas não parecia importar-se com o efeito que provocava nos outros

O seu rosto, ao ver Emma, abriu-se num sorriso e ele desceu os degraus, de mão estendida. Contudo, por sentir uma estranha apreensão talvez por influência de velhas superstições, Emma interpretou aquele gesto mais como um aviso do que como uma saudação. O padre John despediu-se, com um sorriso e uma curta vênha, e afastou-se. Raphael pegou no computador portátil e na pasta de Emma.

Seja bem-vinda. Não posso prometer-lhe um fim-de-semana agradável, mas talvez venha a revelar-se interessante. Temos dois polícias hospedados em Santo Anselmo... e um é da Scotland Yard. O inspetor Dalglish veio até cá para nos fazer perguntas sobre a morte do Ronald Treeves. Há ainda outro hóspede que, pelo menos para mim, ainda é menos bem-

vindo. Faço tenção de não me cruzar com ele e aconselho-a vivamente a fazer o mesmo. Trata-se do arcediago Matthew Crampton.

15

Faltando fazer uma visita. Dalgliesh regressou ao seu quarto. Depois, transpôs a entrada em ferro forjado do portão que separava o quarto de Santo Ambrósio do muro da igreja e seguiu pela vereda, de oitenta metros, que levava à Vivenda São João. A tarde passara depressa e o Sol começara a pôr-se num céu garrido, raiado de tons róseos. De ambos os lados da vereda, uma franja de relva, alta e frágil, estremecia sob a brisa que se tornara mais forte. Atrás de si, a fachada oeste de Santo Anselmo estava iluminada, e as três vivendas habitadas brilhavam como postos avançados de uma fortaleza cercada, realçando o contorno negro da Vivenda São Mateus, agora vazia.

À medida que a luminosidade se ia desvanecendo, o som do mar intensificava-se, e o seu gemido ritmado transformava-se num grunhido abafado. Dalgliesh lembrava-se de como os últimos raios de luz traziam sempre aquela sensação do mar a encapelar-se, com toda a força, como se a noite e a escuridão fossem os seus aliados naturais. Durante as férias que ali passara, costumava sentar-se à janela do quarto de São Jerônimo, a olhar para os campos sombrios, imaginando uma praia onde os castelos de areia seriam finalmente demolidos, os gritos e as risadas das crianças silenciados, as cadeiras de praia dobradas e o mar tomaria posse da costa, extraindo os ossos de marinheiros afogados dos porões de embarcações há muito naufragadas.

A porta da Vivenda São João estava aberta, e a luz do interior espalhava-se pelo carreiro que conduzia à cancela. Dalgliesh ainda podia ver claramente as paredes de madeira da pocilga, à direita, e ouvir os grunhidos dos animais. O cheiro também estava presente, mas não era forte nem desagradável. Por trás da pocilga, avistou, mas já com mais dificuldade, o jardim, com os canteiros perfeitamente alinhados de legumes irreconhecíveis e canas altas sustentando a última colheita de feijões e, mais adiante, uma pequena estufa.

Ao som dos seus passos, a figura de Eric Surtees surgiu à entrada. Pareceu hesitar mas, logo de seguida, sem abrir a boca, afastou-se e, com um gesto, convidou Dalgliesh a entrar. Dalgliesh sabia que o padre Sebastian havia informado os funcionários da sua visita, se bem que já não tivesse a certeza de que o padre lhes tivesse fornecido qualquer explicação adicional. Mesmo assim, Dalgliesh podia aperceber-se de que era aguardado, mas não bem-vindo.

Mister Surtees? perguntou. Sou o inspetor Dalgliesh, da Polícia Metropolitana de Londres. Penso que o padre Sebastian lhe terá dito que me encontro aqui para fazer algumas perguntas sobre a morte do Ronald Treeves. O pai do rapaz não se encontrava na Inglaterra durante o inquérito e quer saber, tanto quanto possível, quais foram as circunstâncias que envolveram a morte do filho. Se não lhe der muito incômodo, gostaria de lhe tomar alguns minutos para uma pequena conversa.

Está bem anuiu Surtees. Importa-se de que passemos para ali?

Dalgliesh seguiu, atrás dele, para a sala que ficava do lado direito da passagem. Aquela casa não podia ser mais diferente da acolhedora residência de Mrs. Pilbeam. Muito embora houvesse uma mesa central com cadeiras de espaldar direito, a sala parecia uma oficina. A parede em frente da porta tinha várias prateleiras, de onde pendiam ferramentas de jardinagem, impecavelmente limpas: enxadas, forquilhas, sacolas, juntamente com tesouras de poda e serrotes, enquanto, por baixo, uma bancada de madeira, com vários compartimentos, continha utensílios mais pequenos. Havia ainda, junto a uma janela, um banco de carpinteiro, iluminado por uma lâmpada fluorescente. A porta da cozinha achava-se aberta e deixava passar um cheiro forte e desagradável. Surtees estava a cozer alguns legumes para alimentar a sua pequena vara de porcos.

Surtees puxou uma cadeira, cujos pés raspavam no chão de pedra.

Se não se importa de aguardar aqui, vou lavar-me explicou. É que estive agora mesmo na pocilga.

Pela porta aberta, Dalgliesh pôde ver Surtees lavar vigorosamente o rosto e a cabeça. Parecia estar a livrar-se de algo mais do que a sujidade superficial. Regressou, logo de seguida, ainda com a toalha à volta do pescoço, e sentou-se muito direito à frente de Dalgliesh, com a expressão angustiada de um prisioneiro que se prepara para ser interrogado. De repente, perguntou, em voz rouca:

Posso oferecer-lhe um chá?

Pensando que uma chávena de chá bem quente talvez deixasse Surtees mais à vontade, Dalgliesh respondeu:

Se não lhe der muito trabalho...

Não. Uso saquinhos. Costuma adicionar açúcar ao chá? Ou leite?

Apenas umas gotas de leite, por favor.

Surtees regressou, pouco depois, e pousou duas canecas pesadas sobre a mesa. O chá estava forte e a ferver. Nenhum dos dois homens pegou nas canecas. Dalgliesh raramente entrevistara alguém que tanto deixasse transparecer uma consciência pesada. Todavia, no caso de Surtees, sentia a consciência pesada em relação a quê? Era simplesmente ridículo imaginar aquele rapaz de ar tímido não devia ter mais de vinte e poucos anos a eliminar qualquer criatura viva. Até mesmo os seus porcos deviam ser abatidos no matadouro. Não que, conforme Dalgliesh podia verificar, Surtees não tivesse forças para fazer isso. Por baixo das mangas curtas da camisa aos quadrados, os músculos dos seus braços eram grossos e tinha mãos ásperas e tão desmesuradamente grandes, em comparação com o corpo, que pareciam ter-lhe sido implantadas. O rosto delicado estava tisonado pelo sol e pelo vento, mas a gola aberta da camisa deixava ver uma pele tão branca e macia como a de uma criança.

Pegando na sua caneca, Dalgliesh indagou:

Sempre criou porcos ou só começou a criá-los desde que veio trabalhar para aqui? Foi há quatro anos, não é verdade?

Só crio porcos desde que vim trabalhar para Santo Anselmo Sempre gostei de porcos. Quando arranjei este emprego, o padre Sebastian disse-me que eu podia ter uns seis porcos, desde que não fossem muito barulhentos nem exalassem mau cheiro, mas a verdade é que os porcos são muito asseados. As pessoas pensam que cheiram mal, mas enganam-se.

Foi você quem construiu a pocilga? Fiquei admirado por ver que utilizou madeira. Pensava que os porcos podiam destruir quase tudo.

E podem. Os muros são de madeira, mas apenas do lado exterior. O padre Sebastian insistiu nesse ponto. Odeia cimento. Construí as paredes com blocos.

Surtees esperara que Dalglish bebesse o primeiro trago para pegar na sua caneca. Dalglish ficou admirado por ver como aquele rapaz apreciava chá.

Pouco sei sobre porcos, mas disseram-me que são inteligentes e excelentes animais de companhia.

Surtees, por fim, animou-se visivelmente.

E é verdade. São dos animais mais inteligentes que há. Sempre gostei muito de porcos.

E quem ficou a ganhar foi o instituto, porque têm toucinho defumado sem produtos químicos, nem exsuda aquele líquido de cheiro forte que corta o apetite a qualquer um. E também devem ter o privilégio de saborear um bom presunto, devidamente defumado. Não crio porcos para a manutenção do instituto. Crio-os... bem, para ter companhia. Como é evidente, têm de ser abatidos, mais cedo ou mais tarde, mas, hoje em dia, é um problema. Existem tantos regulamentos da União Européia sobre os matadouros, onde é preciso haver sempre um veterinário de serviço, que as pessoas não aceitam matar uma meia dúzia de porcos. Depois, há ainda o problema do transporte. Felizmente, Mister Harrison, um agricultor de Blythburgh, ajuda-me. Envio os meus porcos para o matadouro juntamente com os dele. Além do mais, ele faz presuntos para consumo próprio, o que me permite oferecer aos padres uma bela perna de porco, de tempos a tempos. Não são grandes consumidores de carne de porco, mas gostam de ter toucinho defumado na despensa. O padre Sebastian insiste sempre em pagar, mas também me recuso sempre a receber dinheiro pelo toucinho defumado.

Como já lhe havia sucedido antes, Dalglish não podia deixar de se sentir admirado com a capacidade do ser humano de gostar dos seus animais de criação, a ponto de ter grande cuidado com o seu bem-estar e atender às suas necessidades com dedicação, e, ao mesmo tempo, de se conformar com o seu abate. Por fim, resolveu que chegara a altura de passar ao assunto que o levava a visitar Surtees. Conhecia o Ronald Treeves pessoalmente? perguntou.

Nem por isso. Sabia que era um dos ordinandos e via-o no instituto, mas pouco falávamos. Penso que era um rapaz solitário. Quero dizer, sempre que o via, costumava estar sozinho.

O que aconteceu no dia em que ele morreu? Onde se encontrava?

Estava em casa com a minha irmã. Como era fim de semana, ela tinha vindo visitar-me. Não vimos o Ronald nesse sábado, e só tivemos conhecimento de que ele havia desaparecido quando Mister Pilbeam passou por aqui e nos perguntou se ele tinha estado cá em casa. Respondemos-lhe que não. Não soubemos de mais nada até eu sair, por volta das cinco da tarde, para ir varrer os claustros e o átrio e lavar os degraus da entrada. Chovera na véspera, e os claustros estavam lamacentos e cobertos de folhas mortas. Geralmente, costumo varrer e limpar os claustros depois dos serviços religiosos, mas, terminada a missa, o padre Sebastian pediu-me que limpasse os claustros antes das vésperas. Estava nessa tarefa quando Mister Pilbeam me disse que fora encontrado o corpo do Ronald Treeves. Mais tarde, um pouco antes das vésperas, o padre Sebastian mandou reunir toda a gente na biblioteca e informou-nos do que havia acontecido.

Deve ter sido um grande choque para todos.

Surtees tinha o olhar pousado nas mãos, que entrelaçara e pousara sobre a mesa. De repente, tirou as mãos de cima da mesa, como um miúdo, e debruçou-se para a frente.

Sim, um choque. Acho que sim, que foi um choque... murmurou, em voz rouca.

Parece ser a única pessoa em Santo Anselmo que se dedica à jardinagem. Cultiva para seu benefício próprio ou para o instituto?

Cultivo a maior parte dos vegetais para meu benefício próprio e, também, para quem os quiser. Não cultivo quantidades suficientes para abastecer o instituto. Podia alargar o jardim, mas levava-me muito tempo. O solo é bom, tendo em conta que estamos perto do mar. A minha irmã costuma levar alguns legumes quando regressa a Londres, depois de me visitar, e Miss Betterton também gosta dos meus produtos, porque é ela que prepara as refeições do irmão, o padre John. Mistress Pilbeam também cozinha para ela e para o marido, e, sempre que posso, dou-lhe alguns legumes.

Mistress Munroe deixou um diário continuou Dalglish, onde menciona que você teve a gentileza de lhe levar alguns alhos porros, no dia onze de Outubro, um dia antes de ela morrer. Lembra-se de lhe ter levado os alhos porros? Seguiu-se uma breve pausa, antes de Surtees responder.

Sim, é provável que lhe tenha levado alhos porros, mas não me lembro.

Ora, não foi assim há tanto tempo insistiu Dalglish, gentilmente. Foi há pouco mais de uma semana. Tem a certeza de que não se lembra?

Agora me lembro! Levei-lhe os alhos porros ao fim da tarde, Mistress Munroe costumava dizer que gostava de comer, ao jantar, alhos porros com molho de queijo, e decidi ir até à Vivenda São Mateus para lhos oferecer.

E o que aconteceu?

Surtees ergueu o olhar, pasmado.

Não aconteceu nada. Ela agradeceu e levou-os para dentro.

Quer dizer que não entrou?

Não. Ela não me convidou mas, mesmo que o tivesse feito, eu não teria aceitado. A Karen estava cá e eu queria regressar quanto antes, Nessa semana, a Karen ficou comigo até quinta-feira de manhã. Na verdade, fui até casa de Mistress Munroe um pouco à sorte, porque julgava que ela podia estar com Mistress Pilbeam. E, se ela não estivesse em casa, teria deixado os alhos porros à porta.

Mas Mistress Munroe estava em casa. Tem a certeza de que não falaram de nada? De que não aconteceu nada? De que se limitou a entregar-lhe os alhos porros?

Entreguei-os e vim-me embora.

Foi então que Dalglish ouviu o motor de um carro que se aproximava. Surtees devia ter escutado aquele ruído ao mesmo tempo, porque se levantou, visivelmente aliviado, e exclamou:

Deve ser a Karen. É a minha irmã e vem passar o fim-de-semana comigo.

O automóvel parara. Surtees correu para a porta. Apercebendo-se da ansiedade do jovem em falar a sós com a irmã, provavelmente para avisá-la da sua presença, Dalglish seguiu atrás de Surtees calmamente e parou à soleira da porta.

Uma mulher, entretanto, saíra do carro e, naquele momento, ela e o irmão fitavam Dalglish. Sem dizer palavra, ela voltou-se e começou a tirar uma grande mochila e vários sacos de plástico do porta-malas. Carregados com os sacos, os dois irmãos avançaram para o carreiro que conduzia até à porta da vivenda.

Karen, este é o inspetor Dalglish, da Scotland Yard. Está aqui para fazer perguntas sobre o Ronald explicou Surtees.

A irmã de Surtees tinha cabelo preto, curto e eriçado, conforme a última moda. As duas argolas douradas e pesadas que lhe ornamentavam as orelhas realçavam a palidez do rosto, de traços delicados. Os seus olhos eram estreitos e as sobrancelhas arqueadas, e, se bem que as íris fossem pretas, irradiavam uma luminosidade extraordinária. Com uma boca de lábios finos, realçados por um batom vermelho vivo, o rosto daquela rapariga era um esboço cuidadosamente desenhado, em tons de branco, vermelho e preto. O olhar que lançou a

Dalgliesh foi hostil, a princípio, numa reação àquela visita inesperada, para logo de seguida se tornar desconfiado.

Entraram os três na oficina. Karen Surtees deixou cair a sua mochila sobre a mesa. Cumprimentando Dalgliesh com um leve aceno de cabeça, voltou-se para o irmão e disse:

É melhor guardares imediatamente estas refeições congeladas no frigorífico. E encontrarás uma grade de garrafas de vinho no carro.

Surtees olhou para a irmã, depois para Dalgliesh, e saiu. Sempre em silêncio, Karen Surtees, então, começou a tirar da mochila um surtido de roupas e de latas.

É visível que não quer ter visitas neste momento observou Dalgliesh, mas, já que aqui estou, poupava-me tempo se pudesse responder a algumas perguntas.

Dispare. A propósito, o meu nome é Karen Surtees, irmã do Eric por parte de pai. Ouça: por acaso, não chegou um pouco tarde de mais? É que não vai servir-lhe de muito fazer perguntas sobre o Ronald Treeves agora, porque houve um inquérito e o veredicto foi o de morte accidental. Nem sequer vai ter um corpo para exumar. O pai do rapaz mandou-o cremar em Londres. Os seus superiores não se deram ao trabalho de lhe transmitir estas informações? Também não percebo que relação a morte do rapaz possa ter com a Polícia Metropolitana. Não devia ser um caso para a Polícia de Suffolk?

Basicamente, sim, mas Sir Aired sente uma curiosidade natural pelas circunstâncias que levaram à morte do filho. E, como eu tencionava passar alguns dias nesta região, pediu-me que descobrisse o que pudesse.

Se ele realmente queria saber como foi que o filho morreu, então, que tivesse estado presente no inquérito. O que ele deve ter é a consciência pesada e, agora, quer mostrar ao mundo que era um pai que se preocupava com o filho. Afinal, o que o atormenta? Não me digam que ele pensa que o Ronald foi assassinado!

Não deixava de ser estranho ouvir aquela palavra, tão evitada em Santo Anselmo, pronunciada com tanta naturalidade.

Não me parece que seja isso que ele pense retorquiu Dalgliesh.

O que é certo é que não posso ajudá-lo. Devo ter cruzado com o filho dele umas duas vezes, e limitamo-nos a desejar "bom dia" um ao outro.

Quer dizer que não eram amigos?

Não sou amiga de nenhum dos estudantes. E se por amigos está a insinuar o que penso, venho até cá para mudar de ares e para ver o meu irmão, e não para ir para a cama com todos os ordinandos, percebeu? Não que lhes fizesse algum mal; pelo contrário...

Encontrava-se em Santo Anselmo no fim-de-semana em que o Ronald morreu?

Sim. Chegara na sexta-feira, por volta desta mesma hora.

E viu o Ronald, nesse fim-de-semana?

Não, nem o meu irmão tão pouco. Soubemos que ele tinha desaparecido quando o Pilbeam veio até cá e nos perguntou se o rapaz havia estado aqui. Respondemos-lhe que não. Final da história Ouça, se quer saber mais coisas, não pode esperar até amanhã? É que gostava de me pôr à vontade, desfazer as malas, beber uma chávena de chá... Foi um inferno para sair de Londres. Se estiver de acordo, paramos por aqui hoje, se bem que eu nada mais tenha a acrescentar No que me diz respeito, o Ronald não passava de um dos estudantes do instituto.

No entanto, tanto a senhora como o seu irmão devem ter uma opinião formada sobre a morte dele ou terão falado nesse assunto entre vós.,

Surtees, entretanto, acabara de arrumar as compras na cozinha e regressara à sala. Karen olhou para o irmão, antes de retorquir: Claro que falamos sobre esse assunto. Toda a gente que vive naquele maldito instituto deve ter falado sobre ele. Se quer saber a minha opinião, penso que o rapaz se suicidou. Porquê, já não sei e também não é coisa que me diga respeito. Como já referi, mal o conhecia, mas que foi um acidente muito estranho, lá isso foi. O rapaz devia saber que os penhascos eram perigosos. Avisos é que não faltam por toda a parte. Afinal, o que estava ele a fazer na praia?

Essa é uma das perguntas para a qual ainda não obtive resposta rematou Dalglish.

Dito aquilo, agradeceu aos dois irmãos e preparava-se para sair quando uma idéia lhe passou pela mente. Dirigindo-se a Surtees, perguntou:

Diga-me só mais uma coisa em relação aos alhos porros que levou a Mistress Munroe. Consegue lembrar-se se os levou num saco de plástico ou se os embrulhou?

Surtees não conseguiu disfarçar o seu espanto.

Não me lembro. Penso que os embrulhei em papel de jornal. É o que costumo fazer, sempre que ofereço legumes, pelo menos os mais volumosos.

Consegue lembrar-se de que jornal se serviu para embrulhar os alhos porros? Eu sei que não é fácil... Como Surtees não respondesse, Dalglish acrescentou: Era um semanário? Um diário? Que jornais costuma ler?

Foi Karen que respondeu:

Era um exemplar do Sole Bay Weekly Gazette. Como sou jornalista, tenho tendência para reparar nos jornais.

Quer dizer que estava na cozinha quando o seu irmão embrulhou os alhos porros?

Se reparei que jornal era, só podia estar lá, não é verdade? De qualquer maneira, lembro-me de ver o Eric a embrulhar os alhos porros e de me dizer que ia levá-los a Mistress Munroe.

Por acaso, não se lembra da data do jornal?

Não. Lembro-me de que jornal era porque, como acabei de dizer, tenho tendência para reparar nos jornais. O Eric abriu-o na página central, onde havia uma reportagem fotográfica do funeral de um agricultor da região. O homem quis que a sua vitela preferida estivesse presente no funeral, e, por isso, levaram o animal, adornado com fitas pretas nos chifres e à volta do pescoço, até à sepultura do dono. Não me parece que tenham permitido que a vitela entrasse na igreja, mas não há dúvida de que é o tipo de reportagem fotográfica que qualquer editor adora.

Dalgliesh voltou-se para Surtees.

A que dia sai o Sole Bay Gazette?

À quinta-feira, mas só costumo lê-lo ao fim-de-semana.

Portanto, o jornal de que se serviu, provavelmente, era o da semana anterior. Dalgliesh voltou-se para Karen. Muito obrigado. A sua ajuda foi-me preciosa.

Os dois irmãos acompanharam-no até à porta. Quando Dalgliesh se virou para fechar a cancela, reparou nos dois vultos à soleira da porta, observando-o, como se quisessem certificar-se de que ele não ia voltar. Então, viraram as costas ao mesmo tempo, e a porta fechou-se atrás deles.

16

Dalgliesh planeava regressar a Santo Anselmo a tempo de assistir às completas, depois de jantar sozinho no Crown, em Southwold. No entanto, demorou-se mais do que pensava, porque a refeição era demasiado rica para ser saboreada às pressas e, quando estacionou o Jaguar, o serviço religioso já havia começado. Aguardou, no quarto, até que um feixe de luz se projetou no átrio e viu a porta sul da igreja abrir-se e a pequena congregação sair. Dirigiu-se, então, à porta da sacristia até que, ao fim de algum tempo, o padre Sebastian saiu e se virou para fechar a porta à chave.

Dalgliesh interceptou-o.

Podemos falar, padre? Ou prefere esperar até amanhã? Sabia que, em Santo Anselmo, se observava silêncio após as completas, mas o reitor replicou:

Vai demorar muito, inspetor?

Não, padre.

Nesse caso, podemos falar agora, se é isso que quer. Faça favor de vir comigo até ao meu gabinete.

Ali chegados, o reitor sentou-se atrás da sua secretária e fez sinal a Dalgliesh para que ocupasse uma cadeira à sua frente. No que lhe dizia respeito, não ia ser uma conversa a dois, em cadeirões baixos, junto à lareira. Não tinha tensões de iniciar a conversa nem de perguntar a Dalgliesh a que conclusões havia chegado relativamente à morte de Ronald Treeves. Ao invés, esperou, remetendo-se a um silêncio que, muito embora não fosse hostil, dava a impressão de que ele estava a forçar a sua paciência.

O padre Martin mostrou-me o diário de Mistress Munroe explicou Dalgliesh. Ao que tudo indica, o Ronald Treeves passou mais tempo com ela do que seria de esperar e, como já é sabido, foi também ela que encontrou o corpo, o que faz com que toda e qualquer referência, por parte de Mistress Munroe, ao Ronald Treeves se torne importante. Estava a pensar, em particular, na última anotação que ela escreveu no dia em que morreu. Mas, pelo que sei, o senhor não levou muito a sério o testemunho de que Mistress Munroe havia descoberto um segredo e estava preocupada...

Testemunho? Que palavra tão forense, inspetor. Levei-o a sério porque era um assunto sério para Mistress Munroe. Senti, no entanto, certa relutância em ler um diário privado, mas, como o padre Martin a havia encorajado a escrevê-lo, mostrou-se interessado em saber o que Mistress Munroe anotara nele. Talvez tenha sido apenas uma curiosidade natural, muito embora eu não consiga deixar de pensar que o diário devia ter sido destruído, sem que ninguém o lesse. Contudo, os fatos parecem ser evidentes. A Margaret Munroe era uma mulher inteligente e sensata. Descobriu algo que a deixou preocupada, falou com a pessoa a quem isso dizia respeito e ficou satisfeita. Qualquer que tenha sido a explicação que lhe deram, teve o poder de deixar Mistress Munroe descansada. Quanto a mim, nada teria ganhado e, inclusivamente, causaria problemas sérios, se tivesse começado a investigar o assunto. Espero bem que não esteja a sugerir que eu devia ter convocado todas as pessoas que vivem, estudam e trabalham no instituto, para lhes perguntar se haviam partilhado com Mistress Munroe algum segredo! Preferi confiar na palavra dela, mesmo por escrito, de que a explicação que lhe fora dada não a havia obrigado a mais investigações.

O Ronald Treeves parecia ser um rapaz solitário, padre. Simpatizava com ele? quis saber Dalgliesh.

Era uma pergunta perigosa, mesmo provocadora, mas o padre Sebastian manteve a sua atitude impassível. De olhos postos no reitor, Dalgliesh ainda pensou detectar uma ligeira inflexibilidade naquele rosto atraente, mas não teve a certeza.

A resposta do reitor não se fez esperar e podia ter incluído uma reprimenda mas o seu tom de voz não deixou transparecer qualquer ressentimento.

No que diz respeito ao meu relacionamento com os ordinandos, não me preocupo com questões de simpatias e antipatias, nem isso seria correto da minha parte. O favoritismo é particularmente perigoso numa pequena comunidade. O Ronald era um rapaz

singularmente desprovido de qualquer encanto, mas desde quando o encanto é considerado uma virtude cristã?

Mas o senhor preocupava-se em saber, com certeza, se ele era feliz aqui, não é assim?

Não é função deste instituto promover a felicidade individual, Ter-me-ia preocupado, isso sim, se pensasse que ele era infeliz. Levamos as nossas responsabilidades pastorais pelos estudantes muito a sério, inspetor. O Ronald nunca procurou ajuda nem deu qualquer indicação de que precisava de ajuda, o que não exclui a minha própria culpa. A religião do Ronald era, para ele, muito importante, e estava profundamente empenhado na sua vocação. Nunca teria quaisquer dúvidas de que o suicídio é um grave pecado. O ato, em si, nunca poderia ter sido impulsivo; afinal, há que fazer uma caminhada de quase oitocentos metros até ao pântano e, depois, passar ainda pela praia. Se o Ronald se suicidou, só pode ter sido porque estava desesperado. E era minha obrigação saber que um dos meus estudantes estava desesperado, mas, se era esse o caso, nunca o soube.

O suicídio de um jovem saudável é sempre um mistério concluiu Dalglish. Morrem, sem ninguém saber porquê. Talvez nem mesmo eles o soubessem explicar.

Não estou a pedir a sua absolvição atalhou o reitor. Estava apenas a enunciar os fatos.

Silêncio. A segunda pergunta de Dalglish era igualmente delicada, mas tinha de fazê-la. Perguntava a si próprio se não estava a ser direto de mais, mas achava que o padre Sebastian era um homem que apreciava a frontalidade e nunca toleraria uma excessiva diplomacia, até porque se entendiam um ao outro muito para além do que diziam.

Estava a pensar em quem beneficiaria se o instituto encerrasse as portas...

Eu, entre outros, mas penso que perguntas desse tipo poderão ser respondidas, com maior exatidão, pelos nossos advogados. A Stannard, Fox & Perronet presta os seus serviços a este instituto desde a sua fundação e, atualmente, o Paul Perronet é um dos nossos fideicomissários. O gabinete da firma fica em Norwich. Ele poderá falar-lhe um pouco mais da história do instituto, se está interessado. Sei que, por vezes, ele trabalha aos sábados de manhã. Deseja que eu marque uma hora em que ele possa recebê-lo? Vou ver se consigo apanhá-lo em casa.

Ficava-lhe muito agradecido, padre.

O reitor pegou no telefone. Nem precisou consultar a sua agenda. Depois de digitar o número, seguiu-se uma curta pausa e, por fim, exclamou:

Paul? Daqui é o Sebastian Morell. Estou a telefonar-lhe do meu gabinete. Tenho aqui comigo o inspetor Adam Dalglish. Lembra-se de termos falado, ontem à noite, sobre a visita dele? Pois bem, o inspetor Dalglish tem algumas perguntas a fazer sobre o instituto e gostaria que fosse você a responder... Sim, a tudo o que ele perguntar. Não temos nada a esconder... É muita gentileza sua, Paul. Vou passar-lhe o inspetor Dalglish.

E passou o auscultador a Dalgliesh. Uma voz grave ecoou do outro lado da linha:

Daqui fala o Paul Perronet. Estarei no meu gabinete amanhã de manhã. Tenho uma reunião às dez horas, mas se puder vir mais cedo, por volta das nove, teremos tempo para conversar. Devo chegar por volta das oito e meia. O padre Sebastian dar-lhe-á o endereço. O nosso escritório fica muito perto da catedral. Então, vemo-nos amanhã, por volta das nove horas. Boa noite.

Quando Dalgliesh voltou a sentar-se, o reitor perguntou:

Tem mais alguma coisa a dizer-me esta noite?

Seria, para mim, de grande ajuda consultar a ficha de serviços da Margaret Munroe, se ainda a tiverem.

Se Mistress Munroe ainda estivesse viva, isso seria considerado matéria confidencial, como deve calcular. Mas, como ela faleceu, não vejo qualquer objeção. Miss Ramsey guarda as fichas num armário trancado à chave, na sala ao lado. Eu vou buscá-la.

Saiu e Dalgliesh pôde ouvir uma gaveta a abrir-se. Passados alguns segundos, o reitor estava de regresso e entregou-lhe uma pasta. Não inquiriu que hipotética relevância a ficha de Mistress Munroe podia ter na trágica morte de Ronald Treeves, e Dalgliesh julgava saber porquê. Reconhecia no padre Sebastian um estrategista experiente, que nunca faria uma pergunta, se julgasse que a resposta ia ser evasiva ou indesejável. Havia prometido colaborar e tudo faria ao seu alcance para ajudar Dalgliesh. Contudo, registraria todos os seus pedidos mais inconvenientes até que, por fim, esperaria pelo momento certo para lhe relembrar tudo o que lhe exigira, em busca de pormenores insignificantes com vista a um resultado provavelmente nulo. Ninguém estava mais qualificado do que o padre Sebastian para iludir os seus adversários, levando-os a uma situação comprometedora, em que não pudessem defender-se legitimamente.

Quer levar a ficha consigo, inspetor? perguntou.

Só por esta noite, padre. Devolvo-lhe amanhã.

Sendo assim, se nada mais tem a perguntar-me por hoje, desejo-lhe uma boa noite.

Levantou-se e abriu a porta a Dalgliesh. Podia ser apenas uma medida de cortesia, mas, para Dalgliesh, parecia mais o gesto de um diretor de uma escola a certificar-se de que o parente recalcitrante de um dos seus alunos finalmente compreendera que devia retirar-se.

A porta que dava para o claustro sul estava aberta. Pilbeam ainda não a havia trancado. O átrio, iluminado apenas pelas luzes de presença em torno dos claustros, estava submerso na escuridão, e viam-se apenas luzes acesas em dois dos quartos dos estudantes, no claustro sul. Quando Dalgliesh se dirigiu para o seu quarto, viu que duas pessoas estavam paradas em frente da porta do quarto de Santo Ambrósio. Havia sido apresentado a uma, à hora do chá, e aquele rosto jovem e pálido era inconfundível. A outra pessoa era do sexo feminino.

Ao ouvir passos, voltara-se e, quando Dalglish abriu a porta do seu quarto, o olhar dele cruzou-se com o daquela mulher; por breves segundos, entreolharam-se, como que tomados por uma estupefação recíproca. A luz tombava sobre um rosto de grave mas estonteante beleza, e Dalglish experimentou uma emoção que raramente sentia nos tempos que corriam: um sobressalto, provocado por uma sensação de espanto.

Foi Raphael quem quebrou aquele estranho momento.

Penso que ainda não se conhecem. Emma, este é o inspetor Dalglish, que veio diretamente da Scotland Yard para nos dizer como foi que o Ronald morreu. Inspetor, apresento-lhe a doutora Emma Lavenham, que vem propositadamente de Cambridge até cá, três vezes por ano, para tentar civilizar-nos. Depois de ambos termos assistido religiosamente às completas, decidimos, cada um por seu lado, dar um passeio e observar as estrelas. Encontramo-nos no promontório e, como um perfeito anfitrião, acompanhei a doutora Lavenham ao seu quarto. Boa noite, Emma.

O tom de voz e o olhar de Raphael deixavam transparecer um certo sentido de propriedade, e Dalglish pôde perceber que Emma Lavenham se sentia incomodada.

Eu teria sido capaz de encontrar o caminho de volta ao meu quarto mas, de qualquer maneira, fico-lhe muito agradecida pela sua gentileza, Raphael.

Por breves instantes, pareceu que Raphael lhe ia pegar na mão, mas Emma Lavenham despediu-se dos dois homens com um "boa noite" firme, e apressou-se a entrar no quarto.

Raphael, então, virou-se para Dalglish.

As estrelas, hoje, desiludiram-me. Boa noite, inspetor. Espero que tenha tudo o que precisa.

Dito isto, deu meia volta e afastou-se com passos decididos em direção ao seu quarto, situado no claustro norte.

Por algum motivo que tinha dificuldade em explicar, Dalglish sentiu, de repente, uma intensa irritação. Raphael Arbuthnot era um jovem brincalhão, mas demasiado bonito para o seu próprio bem. Devia ser descendente de Miss Arbuthnot, a fundadora de Santo Anselmo. Se tal descendência se confirmasse, o que herdaria, caso o instituto fosse forçado a encerrar?

Decidido a esquecer aquele momento de irritação, Dalglish sentou-se à frente da secretária e abriu a ficha de Mrs. Munroe, analisando escrupulosamente cada um dos documentos que a compunham. Chegara a Santo Anselmo no dia 1 de Maio de 1994, depois de trabalhar na Casa de Saúde Ashcombe nos arredores de Norwich.

Santo Anselmo havia colocado um anúncio tanto no Church Times como nos jornais regionais, procurando uma senhora que se encarregasse da roupa da cama e ajudasse no governo da mansão. O problema de coração de Mrs. Munroe havia-lhe sido diagnosticado recentemente e, na sua carta de candidatura, declarava que as suas funções de enfermeira se

tinham tornado demasiado penosas e que, por isso, procurava um lugar em que pudesse residir e encarregar-se de tarefas menos pesadas. A carta de recomendação, redigida pela enfermeira-chefe da casa de saúde, era positiva, se bem que não muito entusiasta quanto às qualidades de Mrs. Munroe. Segundo a carta, Mrs. Munroe, que começara a trabalhar na instituição no dia 1 de Junho de 1988, fora uma enfermeira escrupulosa e dedicada, embora talvez um pouco reservada de mais no seu relacionamento com as outras pessoas. Cuidar dos moribundos havia-se tornado extenuante para ela, tanto física como psicologicamente, mas a direção da casa de saúde era de opinião que ela seria capaz de se responsabilizar por alguns cuidados de saúde básicos, num instituto de jovens saudáveis, e teria todo o gosto em fazê-lo, para além de se encarregar da roupa de cama. Assim que se mudara para Santo Anselmo, raramente se ausentara. Havia muito poucos pedidos de autorização para sair e, ao que tudo indicava, preferia passar as suas férias na vivenda, onde se lhe juntava o seu único filho, um oficial do exército. A impressão geral transmitida pela sua ficha era a de uma mulher trabalhadora, escrupulosa, muito reservada e com poucos interesses na vida, para além do filho. Havia uma anotação, onde se lia que o filho fora assassinado, dezoito meses depois de Mrs. Munroe começar a trabalhar em Santo Anselmo.

Dalgliesh guardou a ficha na gaveta da secretária, tomou uma ducha e deitou-se. Depois de desligar as luzes, tentou ajeitar-se na cama, mas as preocupações que o haviam atormentado durante o dia recusavam-se a abandoná-lo. Achou-se, de novo, na praia, ao lado do padre Martin. Tornou a ver, na sua imaginação, o capote castanho e a batina meticulosamente dobrados, como se o rapaz tivesse feito as malas para uma viagem, e talvez houvesse encarado, dessa maneira, o que ia fazer. Teria realmente despido o capote e a batina para poder trepar melhor por um penhasco de areias instáveis, cobertas de pedras e unidas precariamente por tufo de relva? E porque tentara trepar pelo penhasco? E se o tivesse feito na esperança de alcançar ou descobrir alguma coisa? Naquela zona costeira, apareciam, de tempos a tempos partes de esqueletos, há muito soterrados, por baixo da areia, arrastados até à costa, muitas gerações atrás, dos cemitérios submersos que jaziam nas profundezas do mar. Contudo, nada se encontrara, na cena da tragédia, que indicasse uma descoberta daquele gênero. Mesmo que Treeves tivesse avistado um crânio ou a extremidade de um osso a sobressair da areia, porque achara necessário despir o capote e a batina, antes de tentar alcançar o que tinha visto? Para Dalgliesh, havia algo de mais significativo naqueles trajes meticulosamente dobrados. Não teria sido uma desistência deliberada, quase cerimoniosa, de uma vida, de uma vocação e talvez mesmo de uma crença religiosa?

Dividido entre a piedade, a curiosidade e a dúvida, Dalgliesh pensou então no diário de Margaret Munroe. Havia lido tantas vezes os parágrafos da última anotação que poderia recitá-los de cor. Mrs. Munroe descobrira um segredo tão importante que não conseguira decidir-se a registrá-lo a não ser de forma evasiva. Falara com a pessoa a quem o segredo dizia respeito e, poucas horas depois daquela revelação, estava morta. Tendo em conta que sofria do coração, a morte podia ter-se dado a qualquer momento. Talvez tivesse sido antecipada pela ansiedade ou pela necessidade de confrontar as implicações da sua descoberta. Por outro lado, a morte de Mrs. Munroe podia ter sido conveniente para alguém. E teria sido um homicídio fácil. Uma senhora de idade, sozinha, sofrendo do coração, um médico que a visitava regularmente e não teria qualquer dificuldade em passar a certidão de óbito. E por que motivo pegara no seu tricô, se tinha posto os óculos que

costumava usar para ver televisão? E, se estava a assistir a um programa na televisão, quando morrera, então quem apagara o televisor? Como era evidente, podia encontrar-se uma explicação para todos aqueles estranhos pormenores. Já anoitecera e Mrs. Munroe estava cansada. Mesmo que surgissem mais provas mas que mais provas poderiam existir?, poucas eram as hipóteses de resolver, por enquanto, aquele mistério. Tal como Ronald Treeves, Margaret Munroe havia sido cremada. De repente, Dalglish deu consigo a pensar em como Santo Anselmo parecia estranhamente diligente em livrar-se dos seus mortos, mas isso era uma injustiça da sua parte. Tanto Sir Aired como a irmã de Mrs. Munroe não haviam querido a presença de qualquer membro do instituto nas exéquias.

Desejava ter podido ver o corpo de Treeves. Era sempre desagradável possuir provas em segunda mão e nem sequer alguém se tinha lembrado de tirar fotografias da cena da tragédia. No entanto, os testemunhos eram claros e apontavam para um suicídio. Mas porquê? Treeves encararia aquele ato como um pecado mortal. O que teria sido tão forte para o levar àquele fim horrendo?

17

Qualquer visitante de uma cidade histórica depressa se apercebe, nas suas deambulações, de que as casas mais atrativas do centro são, invariavelmente, escritórios de sociedades de advogados. A sede da Stannard, Fox & Perronet não constituía exceção. Ficava situada a poucos metros da catedral, numa elegante mansão georgiana, separada da calçada por uma estreita faixa empedrada. A porta dianteira reluzente, o batente em forma de cabeça de leão, a pintura cintilante das paredes e as janelas imunes à sujidade citadina refletiam a tênue luminosidade matinal, enquanto as cortinas imaculadas, de renda, proclamavam a respeitabilidade, a prosperidade e a exclusividade da firma. Na recepção, que, em tempos idos, havia sido parte de uma sala dianteira, uma rapariga de rosto corado ergueu o olhar da revista que estava a ler e saudou Dalglish com a agradável pronúncia de Norfolk.

Inspetor Dalglish, não é verdade? Mister Perronet está à sua espera. Pediu-me que lhe dissesse para subir, assim que chegasse. É a porta da frente, no primeiro andar. A assistente de Mister Perronet não trabalha aos sábados e só cá estamos nós os dois, mas posso oferecer-lhe um café, se quiser.

Sorrindo, Dalglish agradeceu, declinou a oferta e subiu a escada, ao longo da qual se alinhavam fotografias de antigos sócios da firma. O homem que o esperava em frente do gabinete e o convidou a entrar era mais velho do que a sua voz sugerira pelo telefone. Devia ter cinquenta e muitos anos. Era bastante alto e magro, de queixo comprido, olhos cinzento-claros, escondidos atrás de óculos, e cabelo louro. Parecia mais o rosto de um comediante do que o de um advogado. Vestia um fato escuro com risca branca já antigo, mas feito por medida; aquela ortodoxia, contudo, era desvirtuada por uma camisa às riscas azuis e gravata rosa com bolas brancas. Era como se Mr. Perronet se desse conta de uma discordância na sua personalidade ou de uma excentricidade qualquer que fazia questão em cultivar.

O gabinete para onde Dalglish foi conduzido correspondeu às suas expectativas. A secretária era de estilo georgiano e desimpedida de quaisquer papéis ou de cinzeiros cheios

de beatas de cigarro. Por cima da elegante lareira de mármore, havia um quadro a óleo, sem dúvida o retrato de um dos fundadores, e várias aquarelas, cuidadosamente alinhadas, que, se não eram originais de Cotman, constituíam excelentes reproduções.

Posso oferecer-lhe um café? Não? Revela ser um homem sensato. Ainda é muito cedo. Costumo tomar um café por volta das onze. Aproveito para sair daqui e dar um passeio até St. Peter Mancroft. Espero que a cadeira não seja baixa de mais. Não? Sente-se na outra, se preferir. O padre Sebastian pediu-me que lhe respondesse a todas as perguntas que deseje formular acerca de Santo Anselmo. Como bem sabe, se esta nossa conversa fizesse parte de um inquérito policial oficial, não só seria meu desejo como meu dever colaborar.

A gentileza daqueles olhos azuis era enganadora. Podiam muito bem estar a sondar o seu interlocutor.

Muito dificilmente poderia considerar as poucas perguntas que quero fazer como um inquérito oficial replicou Dalgliesh. Aliás, a minha posição é francamente ambígua. Deduzo que o padre Sebastian lhe terá dito que Sir Aired Treeves não ficou satisfeito com o veredicto relativo à morte do filho. Pediu-me que procedesse a uma investigação preliminar, a fim de apurar se existe matéria suficiente para reabrir o caso. Como já havia planeado passar uns dias na região e conheço Santo Anselmo, pareceu-me oportuno ser eu a visitar o instituto. Contudo, se houver indícios de um crime, então, a investigação será imediatamente entregue a Polícia de Suffolk.

Então, Sir Aired não ficou satisfeito com o veredicto? exclamou Paul Perronet. Julgava que tinha sido um alívio para ele.

Sir Aired é de opinião que as provas que levaram ao veredicto de morte accidental são inconcludentes.

Talvez o sejam, mas a verdade é que não existiam provas de outro gênero, se bem que fosse aconselhável que o veredicto tivesse ficado em aberto.

Uma morte accidental, logo num momento difícil prosseguiu Dalgliesh, quando o instituto deve tentar evitar todo e qualquer tipo de publicidade nefasta.

Sim, de fato, mas a tragédia foi tratada com grande discrição. O padre Sebastian é muito cuidadoso nesse campo. Além de que Santo Anselmo já teve os seus escândalos. Houve um, envolvendo um caso de homossexualidade, em mil novecentos e vinte e três, quando o padre responsável pela disciplina de História da Religião, de seu nome Cuthbert, se apaixonou perdidamente por um dos ordinandos e ambos foram apanhados pelo reitor em flagrante delito. Partiram, juntos, no tandem do padre Cuthbert, em direção às docas de Felixstowe e à liberdade, depois de haverem trocado a batina por calções vitorianos. Um quadro muito interessante, como costume dizer. Mais tarde, houve um outro escândalo, mais grave, em mil novecentos e trinta e dois, quando o reitor da altura se converteu ao catolicismo e levou metade dos professores e um terço dos ordinandos com ele, o que deve ter feito a Agnes Arbuthnot dar voltas no túmulo! Mas é verdade que este último caso ocorreu, com efeito, num momento difícil.

O senhor assistiu ao inquérito?

Sim, em representação do instituto. A nossa firma representa Santo Anselmo desde a sua fundação. Miss Arbuthnot... ou, melhor dizendo, toda a família, tinha aversão a Londres e, quando o pai dela se mudou para Suffolk e mandou construir a mansão, em mil oitocentos e quarenta e dois, pediu à nossa firma que se encarregasse dos seus assuntos legais. Como deve calcular, estávamos fora da alçada jurídica da região, mas penso que ele preferia uma firma situada em East Anglia a outra de Suffolk. Miss Arbuthnot deu continuidade à nossa associação, após a morte do pai. Um dos nossos sócios mais velhos é sempre um dos fideicomissários do instituto. Miss Arbuthnot deixou-o escrito no seu testamento, em que estipulava que esse nosso sócio deveria ser membro ativo da Igreja Anglicana, mais precisamente do movimento de Oxford. Atualmente, sou eu o fideicomissário. Não faço idéia do que faremos, no futuro, se todos os nossos sócios forem católicos apostólicos romanos, membros de alguma seita ou ateus. Teríamos de convencer alguém se converter. Agora, no entanto, houve sempre um sócio que preenchesse todos os requisitos impostos por Miss Arbuthnot.

É, portanto, uma firma antiga? perguntou Dalgliesh.

Foi fundada em mil setecentos e noventa e dois. Já não existem membros da família Stannard na firma. O último é professor numa das novas universidades, se não me engano. Mas teremos um jovem Fox dentro de muito pouco tempo. Aliás, é uma rapariga... uma brasa! Trata-se de Priscilla Fox, que se licenciou o ano passado mas que tem uma carreira promissora à sua frente. Pela parte que me toca, gostava de ver esta firma continuar.

Segundo me disse o padre Sebastian, a morte do jovem Treeves pode ter apressado o encerramento de Santo Anselmo. Como fideicomissário, partilha da mesma opinião?

Receio bem que sim. Poderá apressar, de fato, mas não provocar o encerramento de Santo Anselmo, o que é muito diferente. Como deve saber, a Igreja tem uma política: centralizar o ensino teológico em certas instituições, mas Santo Anselmo sempre foi considerado como uma espécie de anomalia. Pode fechar as portas mais depressa, depois do que aconteceu, mas o seu encerramento, infelizmente, é inevitável. Não se trata apenas de uma questão da política e dos recursos da Igreja. O espírito de Santo Anselmo está ultrapassado. E teve sempre os seus opositores: "elitista", "pedante", "demasiado isolado" e até mesmo "onde os estudantes são bem alimentados de mais" são algumas das críticas que lhe foram apontadas. O que é certo é que o vinho, em Santo Anselmo, é da melhor qualidade. Tenho o cuidado de não visitar o instituto durante a Quaresma ou às sextas-feiras. A maior parte da garrafeira do instituto é oferecida e não lhes custa uma só moeda. O cônego Cosgrove deixou-lhes a sua adega, há cinco anos. O velhote tinha um paladar muito apurado e as suas garrafas de vinho devem chegar para abastecer o instituto até ao seu encerramento.

Se e quando encerrarem, o que irá acontecer aos edifícios e ao seu recheio? quis saber Dalgliesh.

O padre Sebastian não lhe disse?

Disse-me apenas que seria um dos beneficiários, mas preferiu que o senhor me fornecesse todos os pormenores.

É verdade, já me esquecia.

Mr. Perronet levantou-se e abriu um armário situado à esquerda da imponente lareira. Tirou, não sem alguma dificuldade, uma caixa grande, com uma etiqueta, onde estava escrito: "ARBUTHNOT".

Se está interessado na história do instituto, como penso, talvez seja melhor começarmos pelo princípio. Está tudo aqui. Por muito estranho que possa parecer-lhe, pode ler-se toda a história de uma família numa caixa de metal. Começarei com o pai de Agnes Arbuthnot, Claude Arbuthnot, que morreu em mil oitocentos e cinqüenta e nove. Fabricava botões... para aquelas botas altas que as senhoras da época usavam e para cerimônias oficiais... e fivelas, numa fábrica nos arredores de Ipswich. Saiu-se bem no seu negócio e tornou-se um homem muito rico. Agnes, nascida em mil oitocentos e vinte, era a filha mais velha. A seguir, havia Edwin, nascido em mil oitocentos e vinte e três, e Clara, que nasceu dois anos mais tarde. Não perderemos mais tempo com Clara. Nunca chegou a casar e morreu de tuberculose, na Itália, em mil oitocentos e quarenta e nove. Foi enterrada em Roma, num cemitério protestante... e em muito boa companhia, devo dizer. Pobre Keats! Bom, mas era o que faziam, naquela altura. Viajavam para locais com climas amenos e muito sol, em busca da cura. A viagem bastava para os matar. Bom, mas, de qualquer maneira, esqueçamos Clara.

Como deve calcular, foi o velho Claude que mandou construir a mansão. Tinha acumulado uma fortuna considerável e queria mostrar que era rico. Deixou a mansão a Agnes. Quanto ao dinheiro, foi dividido entre os dois irmãos, Agnes e Edwin, mas penso que terá havido alguns atritos quanto à transmissão da propriedade. Todavia, como Agnes sempre vivera ali e tratara da manutenção da propriedade e Edwin não, foi ela que ficou com a mansão e os terrenos. Se o pai Arbuthnot, um protestante inflexível, tivesse sabido o que a sua filha iria fazer com a mansão, tudo teria sido diferente, mas ninguém pode zelar pelos seus bens, depois de morto. Ele havia legado a propriedade a Agnes e nada mais havia a fazer. Um ano após a morte do velho Arbuthnot, Agnes resolveu ir passar alguns dias a casa de um amigo de infância, que vivia em Oxford. Quando regressou, achava-se completamente influenciada pelo movimento de Oxford e decidiu fundar Santo Anselmo. A mansão já existia, mas Agnes mandou erigir os dois claustros, restaurar e incorporar a igreja e construir quatro vivendas para os empregados...

E o que aconteceu ao Edwin? inquiriu Dalglish.

Era um explorador. À exceção do Claude, todos os homens da família tinham uma natural apetência pelas viagens. Aliás, o Edwin participou numas escavações muito importantes, que se efetuaram no Médio Oriente. Raramente vinha a Inglaterra e morreu no Cairo, em mil oitocentos e noventa.

Foi ele que doou o papiro de Santo Anselmo ao instituto Os olhos cinzento-claros, que até ali haviam sido tão afáveis, estreitaram-se por trás dos óculos, revelando uma súbita desconfiança. Seguiu-se um breve silêncio, antes de Perronet responder.

Então, sabe da existência do papiro... murmurou. O padre Sebastian não mo disse.

Sei muito pouco, para lhe ser sincero. O meu pai estava a par do segredo e, embora tenha sido sempre discreto, eu captava algumas frases soltas quando ia até Santo Anselmo na sua companhia. Um miúdo de catorze anos tem um ouvido mais apurado e uma mente mais curiosa do que os adultos pensam. O meu pai contou-me muito pouca coisa e fez-me jurar que eu nunca revelaria aquele segredo, a verdade é que eu nem sequer sentia qualquer interesse em falar sobre o assunto.

O padre Sebastian pediu-me que lhe respondesse a todas as suas perguntas, mas não tenho muito para lhe dizer acerca do papiro. Provavelmente, sabe tanto quanto eu. Foi, de fato, oferecido a Miss Arbuthnot em mil oitocentos e oitenta e sete, pelo seu irmão, que, muito provavelmente, tinha habilidade suficiente para o falsificar ou conhecimentos para mandar falsificá-lo. Era um homem que gostava de pregar partidas e deve ter achado muita graça à idéia de pregar mais uma à sua própria irmã, até porque ele era um ateu fervoroso. Será que um ateu pode ser fervoroso? Bom, o que é certo é que ele era contra qualquer religião.

Afinal, de que trata o papiro, ao certo?

Pretende ser um comunicado de Pôncio Pilatos a um oficial da guarda, a propósito da remoção de certo corpo. Miss Arbuthnot convenceu-se de que se tratava de uma falsificação e a maior parte dos reitores que viram esse documento, mais tarde, foram da mesma opinião. Pessoalmente, nunca o vi, mas o meu pai teve oportunidade de examiná-lo, assim como o velho Stannard, se a memória não me falha. O meu pai não teve quaisquer dúvidas de que se tratava de um documento genuíno mas afirmou que, se partíssemos do princípio de que se tratava de uma falsificação, fora elaborada com grande perícia.

O que é estranho é que Miss Arbuthnot não tenha mandado destruí-lo comentou Dalglish.

Não partilho da sua opinião. Não diria que se tratou de uma atitude estranha. Há uma nota aqui, nesta caixa, no meio dos outros papéis. Se não se importa, faço-lhe um breve resumo. Meteu-se na cabeça de Miss Arbuthnot que, se o papiro fosse destruído, o irmão tornaria o caso público e, assim, a destruição do papiro serviria apenas para provar a sua autenticidade, porque, uma vez destruído, já ninguém poderia provar que se tratava de uma falsificação. Miss Arbuthnot deixou instruções no sentido de que esse documento se mantivesse em poder de cada reitor, que o passaria ao seu sucessor, apenas ao morrer.

O que significa que, presentemente, quem tem o papiro em seu poder é o padre Martin concluiu Dalglish.

Exatamente. Duvido que o padre Sebastian saiba sequer onde o padre Martin o guardou. Se precisar de mais informações sobre esse tal documento, é melhor falar com o padre Martin, se bem que eu não veja que relação ele possa ter com a morte do jovem Treeves.

Nem eu, pelo menos, por enquanto atalhou Dalgliesh. E o que aconteceu à família, depois da morte do Edwin Arbuthnot?

Teve um filho, Hugh, nascido em mil oitocentos e oitenta, que morreu no cumprimento do dever, na batalha do Somme, em mil novecentos e dezesseis. O meu avó também foi morto nessa batalha. Os mortos daquela guerra ainda povoam os nossos sonhos, não acha? O Hugh Arbuthnot deixou dois filhos, o mais velho, Edwin, nascido em mil novecentos e três, que nunca casou, e morreu em Alexandria, em mil novecentos e setenta e nove. E Claude, nascido em mil novecentos e cinco. Era o avó do Raphael Arbuthnot, um dos estudantes do instituto. O Raphael é o último Arbuthnot.

Mas não herda a fortuna da família?

Não. Infelizmente, é filho ilegítimo. O testamento de Miss Arbuthnot era muito pormenorizado e específico. Não me parece que aquela santa senhora tenha pensado sequer que o instituto poderia encerrar, mas o meu predecessor que tratava dos assuntos da família, na altura, fez-lhe notar que deveria tomar precauções para tal eventualidade. Existe uma cláusula, no testamento, em que se estipula que a propriedade e todo o recheio do instituto e da igreja que foram doados por Miss Arbuthnot, se ainda existirem quando do seu encerramento, deverão ser divididos, em partes iguais, pelos descendentes diretos de seu pai, desde que sejam legítimos, segundo a lei inglesa, e membros ativos da Igreja Anglicana.

”Legítimos, segundo a lei inglesa”... murmurou Dalgliesh. Não deixa de ser uma frase invulgar.

Nem por isso. Miss Arbuthnot agiu conforme a classe a que pertencia e de acordo com a sua idade. Em questões de herança e bens, os vitorianos eram sempre muito sensíveis em relação à possibilidade de surgir um reclamante estrangeiro, de legitimidade duvidosa nascido de uma união não oficializada. Existem, aliás, casos célebres. Na falta de um herdeiro legítimo, a propriedade e o seu recheio deverão ser divididos, mais uma vez em partes iguais, por todos os padres residentes no instituto, na altura do seu encerramento.

O que significa que os beneficiários são o padre Sebastian Moreli, o padre Martin Petrie, o padre Peregrine Glover e o padre Job Betterton, o que é um pouco injusto para Raphael, não acha? Deduzo que não existam quaisquer dúvidas quanto à sua ilegitimidade.

Estou de acordo consigo quanto à primeira questão. Essa injustiça não escapou ao padre Sebastian. A hipótese de o instituto encerrar foi aventada mais a sério, há dois anos, e, nessa altura, ele foi falar comigo. Sentia-se de certo modo descontente com os termos do testamento e sugeriu que, na eventualidade de o instituto encerrar deveria chegar-se a um acordo entre os beneficiários, a fim de que Raphael também pudesse ser incluído na partilha. Normalmente, como deve saber, as doações e os legados podem ser alterados, por acordo dos beneficiários, mas, neste caso, é mais complicado. Informei o padre Sebastian de que não lhe poderia dar respostas fáceis acerca da partilha da propriedade. Por exemplo, existe um quadro muito valioso na igreja. Foi Miss Arbuthnot que o doou, dando instruções

para que fosse colocado por cima do altar. Se a igreja continuar a ser consagrada, deve o quadro ser retirado do altar ou deverá proceder-se a um acordo, em que se estipula que quem ficar responsável pela igreja poderá adquirir o quadro? O novo fideicomissário, o arceidiago Crampton, tem revelado a sua intenção de mandar remover o quadro para um local mais seguro ou de que seja vendido. O produto da venda do quadro reverteria, claro está, a favor da diocese. O arceidiago Crampton gostaria de ver todos os objetos de valor removidos do instituto. Já tive oportunidade de lhe dizer que, no lugar dele, me arrependeria de um ato tão prematuro, mas é muito provável que ele leve os seus planos avante. Goza de considerável influência, e uma tal ação asseguraria que fosse a Igreja, e não pessoas individuais, a beneficiar com o encerramento do instituto.

Depois, há o problema dos edifícios. Confesso que não vejo qualquer tipo de aproveitamento para eles, e o mais provável é já não existirem daqui a vinte anos. O mar está a avançar rapidamente pela costa adentro. Depois, a erosão afetaria consideravelmente o valor dos edifícios. O seu recheio, mesmo já sem o quadro, provavelmente, tem muito mais valor, como é o caso de todos os objetos de prata, os livros e a mobília.

E ainda há o papiro de Santo Anselmo acrescentou Dalglish. Sentiu, mais uma vez, que aquela referência não era bem recebida.

É de pressupor que esse manuscrito passaria também para os beneficiários retorqui Perronet, o que poderia criar alguns problemas. Mas, se o instituto fechar e, subsequente, deixar de haver um reitor, então o papiro será incluído no espólio.

Deve tratar-se de um objeto de valor, quer seja autêntico ou não.

Sim, poderia ter um valor considerável para alguém interessado em dinheiro ou em poder.

”Tal como Sir Aired Treeves”, pensou Dalglish. Mas era difícil imaginar Sir Aired a introduzir deliberadamente o seu filho adotivo no instituto apenas para poder ficar com o papiro de Santo Anselmo, mesmo que tivesse provas da sua existência.

Creio que não há dúvidas quanto à ilegitimidade do Raphael?... insistiu Dalglish.

Não, inspetor, não existem quaisquer dúvidas. A sua mãe, quando engravidou, não escondeu que não era casada nem tencionava casar. Nunca revelou o nome do pai da criança, muito embora expressasse vivamente o seu desprezo e ódio por ele. Quando a criança nasceu, deixou-a a porta do instituto, num cesto, com um bilhete onde se lia: ”É de supor que pratiquem a caridade cristã. Sendo assim, pratiquem-na com este filho bastardo. Se querem dinheiro, peçam-no ao meu pai.” O bilhete está na caixa que lhe mostrei sobre a família Arbuthnot. Foi um ato inconcebível por parte de uma mãe.

Era realmente inconcebível, pensou Dalglish. Havia mulheres que abandonavam os filhos e que, por vezes, iam mesmo ao ponto de assassiná-los. No entanto, houvera uma brutalidade calculada naquela rejeição por parte de uma mulher que tinha dinheiro e, com certeza, amigos também.

Partiu para o estrangeiro, logo de seguida, e penso que viajou pelo Extremo Oriente e pela Índia, durante dez anos. Tenho idéia de que, durante a maior parte do tempo, se fazia acompanhar por uma amiga, uma médica, que se suicidou, pouco antes de a Clara Arbuthnot regressar a Inglaterra. A Clara morreu de cancro, na Casa de Saúde Ashcombe, nos arredores de Norwich, em trinta de Abril de mil novecentos e oitenta e oito.

Sem nunca ver o filho?

Nunca o viu nem se interessou por ele, mas também é preciso ter em conta que morreu muito nova. Se tivesse vivido mais tempo, talvez tudo tivesse sido diferente. O pai dela, que tinha mais de cinquenta anos quando casou, era já um velho na altura em que o neto nasceu, e nunca teria tolerado qualquer escândalo. No entanto, ainda estabeleceu um pequeno rendimento para o neto. O reitor da foi nomeado tutor do Raphael, depois da morte do avô. O instituto tem sido, para todos os efeitos, a casa do Raphael. Os padres souberam encarregar-se da sua educação. Acharam que o mais indicado seria que o Raphael fosse estudar para uma escola preparatória, onde poderia conviver com outros rapazes da sua idade, e penso que foi uma sábia decisão. Seguiu-se um colégio interno, para que terminasse os estudos. O rendimento deixado pelo seu avô mal dava para as propinas. No entanto, o Raphael passava as férias no instituto.

Foi então que o telefone tocou. Depois de atender, Paul Perronet fitou o seu interlocutor:

Era a Sally, a informar-me de que o meu cliente acaba de chegar. Há mais alguma coisa que deseje saber, inspetor?

Não, obrigado. Não tenho a certeza de que aquilo que me contou seja ou não relevante, mas fico-lhe agradecido por ter escutado as minhas dúvidas. Obrigado por tudo.

Pelo seguimento da nossa conversa, diria que nos afastamos, e muito, da morte daquele pobre rapaz. Só lhe peço que me informe do resultado da sua investigação. Como fideicomissário, tenho interesse em saber.

Dalgliesh prometeu que informaria Paul Perronet de qualquer descoberta que fizesse.

Saiu do edifício e subiu a rua, em direção ao esplendor de St. Peter Mancroft. Afinal, estava de férias e tinha o direito de dedicar pelo menos uma hora aos seus interesses pessoais.

Ponderou no que acabara de saber. Havia uma estranha coincidência: Clara Arbuthnot morrera no hospício onde Margaret Munroe trabalhara como enfermeira. Mas talvez não fosse assim tão estranho. Miss Arbuthnot possivelmente teria querido morrer no condado em que nascera. Por outro lado, o Instituto de Santo Anselmo havia colocado um anúncio nos jornais da região e Mrs. Munroe andava à procura de um novo emprego. Além do mais, as duas mulheres não podiam conhecer-se. Dalgliesh teria de verificar as datas, embora lhe parecesse impossível que elas se tivessem encontrado, uma vez que Miss Arbuthnot morrera um mês antes de Margaret Munroe começar a trabalhar no hospício.

Contudo, havia outro fato de que acabara de tomar conhecimento e que se revelava uma desconfortável complicação. Fosse qual fosse a verdade em relação à morte do Ronald Treeves, acelerara o encerramento do Instituto de Santo Anselmo. E, quando tal sucedesse, quatro dos membros do pessoal docente tornar-se-iam homens muito ricos.

Dalgliesh havia decidido que Santo Anselmo ficaria feliz com a sua ausência durante a maior parte do dia, mas dissera ao padre Martin que regressaria para o jantar. Ao fim de duas horas a explorar a cidade, descobriu um restaurante onde nem a comida nem a decoração eram pretensiosas e regalou-se com um almoço frugal. Havia algo que ainda tinha de fazer, antes de voltar ao instituto. Consultou a lista telefônica, no restaurante, e descobriu o endereço dos editores do *Sole Weekly Gazette*. A sede, comum a uma série de jornais locais e revistas, ficava num prédio baixo, que mais parecia uma garagem, perto de uma das saídas da cidade. Dalgliesh não teve qualquer problema em obter exemplares atrasados do jornal. A memória de Karen Surtees não lhe falhara. A edição da semana anterior à da morte de Mrs. Munroe exibia, realmente, a fotografia de uma vitela, com fitas pretas nos chifres, junto da sepultura do dono.

Dalgliesh estacionara no pátio em frente do edifício e, de regresso, leu atentamente o jornal. Era um semanário regional e a sua preocupação com a vida local e rural e com os interesses das pequenas cidades constituía uma agradável novidade em relação às preocupações previsíveis em jornais de tiragem nacional. Naquele pequeno jornal, havia artigos sobre torneios de jogos de cartas, anúncios, uma página de necrologia, relatos de competições de dardos e de reuniões de grupos e associações locais. Outra das páginas era dedicada aos casamentos da semana, com fotografias dos noivos e padrinhos, sorrindo para a câmara, e havia ainda muitas páginas de anúncios para o mercado imobiliário, com fotografias das casas e dos bangalôs que estavam à venda ou podiam ser arrendados. Quatro páginas eram dedicadas a mensagens pessoais e outros anúncios. Apenas dois artigos faziam alusão às preocupações menos inocentes do mundo internacional. Sete imigrantes ilegais haviam sido apanhados num celeiro e suspeitava-se de que tinham sido trazidos para ali de barco. A Polícia detivera dois suspeitos, depois de apreender cocaína, suscitando a hipótese de poder existir um traficante de droga na região.

Dobrando o jornal, Dalgliesh concluiu que o seu palpite de nada lhe valera. Se houvera algo no *Gazette* que avivara a memória de Margaret Munroe, o segredo morreria com ela.

18

Depois de sair do seu vicariato, em Cressingfield, a sul de Ipswich, o reverendo Matthew Crampton, arcediogo de Reydon, escolheu o trajeto mais curto para Santo Anselmo. Entrou na A 12 com a confiança de quem havia deixado a paróquia, a esposa e o seu gabinete em boas mãos. Mesmo na juventude, nunca saía de casa sem o pensamento, a que nunca dava voz, de que podia não regressar. Não que fosse uma preocupação séria, mas, sim, uma hipótese onipresente, tal como os restantes receios que se aninhavam no seu subconsciente. Por vezes, chegava a pensar que levava a sua vida, dia após dia, na expectativa da morte. Os pequenos rituais diurnos que estavam associados àquela hipótese nada tinham a ver com uma preocupação mórbida com a morte, nem tão pouco com a sua fé. Era mais um legado deixado pela mãe, que todas as manhãs insistia para que ele vestisse roupa interior lavada,

uma vez que podia ser atropelado e expor-se aos olhares de enfermeiras, médicos e, talvez mesmo, do cangalheiro, como uma pobre vítima do desinteresse maternal. Quando era criança, chegava a imaginar a cena final: ele, estendido num gavetão da morgue, enquanto a sua mãe se sentia reconfortada e agradecida pela certeza de que, pelo menos, o filho morrerá com as cuecas lavadas.

O arcediago Crampton havia ultrapassado o seu primeiro casamento com a mesma meticulosidade com que arrumara a sua secretária. A visita silenciosa ao canto da escada, o que vislumbrara pela janela do seu gabinete, o súbito choque de ouvir uma risada, haviam sido misericordiosamente mitigados pelos seus deveres na paróquia, pela rotina e pelo seu segundo casamento. Trancara a chave, num compartimento escuro da sua memória, o primeiro casamento, não sem antes proferir formalmente uma sentença quanto ao passado. Certa vez, ouvira uma das suas paroquianas, mãe de uma criança disléxica e surda, contar como a filha havia sido "declarada" deficiente pelas autoridades locais e apercebera-se de que aquela estranha expressão era sinônimo de que as necessidades da criança seriam asseguradas e se tomariam as devidas medidas para o seu bem-estar. Assim, num contexto diferente mas usando de igual autoridade, o arcediago Matthew Crampton tinha "declarado" o seu primeiro casamento como algo que pertencia ao passado. Não havia transcrito para o papel as palavras que nunca proferira mas podia recitá-las de cor, como se falasse de alguém que conhecera casualmente, referindo-se sempre a ele próprio na terceira pessoa, e aquela breve e final dispensa do seu primeiro casamento, na sua cabeça, aparecia sempre escrita em *itálico*.

O arcediago Crampton casou-se com a sua primeira mulher, a fim de se tornar vigário de uma cidade do interior. Bárbara Hampton era dez anos mais nova do que o marido, muito bonita, voluntariosa e mentalmente instável fato que a sua família jamais havia revelado. O casamento, a princípio, fora normal. Ele considerava-se o feliz esposo de uma mulher que pensava não merecer. A sentimentalidade dela era encarada como afabilidade, e a facilidade com que se dava com estranhos, a sua beleza e a sua generosidade tornaram-na muito popular na paróquia. Durante meses, ele não se dera conta, nem muito menos falara dos problemas que, entretanto, haviam surgido no matrimônio. Até que a partir de certa altura, os paroquianos tinham começado a telefonar para o vicariato, quando ela estava ausente, contando-lhe histórias embaraçosas. Os rompantes de mau gênio, os gritos, os insultos, que ele julgava acontecerem apenas a ele, dentro das quatro paredes de sua casa, sem que mais ninguém o soubesse, haviam passado para o exterior e os rumores começaram a espalhar-se pela paróquia. Ela recusara-se a ser tratada, argumentando que era ele que estava louco. Fora por essa altura que ela começara a beber.

Então, ao fim de quatro anos de casamento, numa certa tarde em que ele devia sair para ir visitar alguns dos seus fiéis que estavam doentes, sabendo que a mulher fora se deitar, com o pretexto de que se sentia cansada, resolvera ir ver como ela estava. Abrira a porta do quarto, espreitara e, julgando que ela dormia, não ousara incomodá-la e saíra. Ao regressar, naquela mesma noite, descobrira que ela estava morta. Tinha tomado uma dose excessiva de aspirinas. O inquérito conduziu a um veredicto de suicídio. Ele recriminara-se por haver casado com uma mulher muito mais nova, que nunca poderia preencher os requisitos para ser a esposa de um vigário. Encontrou, mais tarde, a felicidade num casamento mais

consentâneo com a sua posição, mas nunca deixou de chorar pela morte da primeira mulher.

Era assim a história, conforme ele a recitava mentalmente, se bem que lhe viesse ao espírito com menos frequência. Voltara a casar, ao fim de dezoito meses. Um vigário que ficara viúvo de forma tão trágica fora inevitavelmente visto como o alvo preferido das casamenteiras da paróquia e ficara sempre com a impressão de que alguém havia escolhido, por ele, a sua segunda mulher e de que se tratara de uma decisão à qual ele anuíra alegremente.

Porém, voltando ao presente, tinha uma tarefa a cumprir, que lhe agradava, se bem que tentasse convencer-se que se tratava do seu dever: persuadir Sebastian Morell de que o Instituto de Santo Anselmo devia fechar as portas e, também, encontrar quaisquer provas adicionais que o ajudassem a tornar o encerramento do instituto tão rápido quanto inevitável. Acreditava que Santo Anselmo, um instituto cuja manutenção custava muito dinheiro, ficava situado numa localidade remota, tinha apenas vinte estudantes, criteriosamente selecionados, mas usufruía de demasiados privilégios e era algo elitista; constituía o exemplo acabado de tudo o que estava errado na Igreja Anglicana. O arcediogo, por outro lado, admitia, e regozijava-se pela sua honestidade, que o seu antagonismo para com a instituição era extensivo ao seu diretor; por que motivo aquele homem devia ser apelidado de reitor? Era uma antipatia, a nível pessoal, que ia muito para além de quaisquer diferenças de opinião sobre a Igreja ou a Teologia. Admitia, também, embora só em parte, que a antipatia que sentia para com Sebastian Morell se devia ao fato de ambos pertencerem a classes sociais muito diferentes. O arcediogo Crampton tinha-se na conta de haver trilhado o seu caminho para ser ordenado e, mais tarde, promovido. Na realidade, pouco batalhara para alcançar os seus objetivos; enquanto estudante universitário, o seu percurso havia sido facilitado por generosas dádivas, e a sua mãe sempre fizera todas as vontades ao único filho. Contudo, Morell era filho e neto de bispos e um dos seus antepassados fora um dos grandes arcebispos da Igreja, no século XVI. Os Morell viviam em palácios e o arcediogo Crampton sabia que o seu adversário estenderia os tentáculos, familiares e pessoais, da sua influência para chegar às fontes do poder em Whitehall, às universidades e à Igreja, e não cederia um só milímetro na luta para manter o seu pequeno feudo.

Houvera, ainda, aquela mulher dele, com cara de cavalo; só Deus sabia porque fora que Sebastian Morell casara com ela. Lady Verônica encontrava-se presente no instituto, quando da primeira visita do arcediogo Crampton, muito antes de ele ser nomeado fideicomissário, e ficara sentada à sua esquerda durante o jantar. A ocasião não fora particularmente feliz para ambos, mas, entretanto, ela morrera. Ao menos, o arcediogo Crampton seria poupado àquela voz roufenha, ofensivamente pedante, que transportava consigo séculos de arrogância e de insensibilidade. O que sabiam ela e o seu marido da pobreza e das suas humilhantes privações? Quando haviam eles sido obrigados a conviver com a violência e os problemas intratáveis de uma paróquia em franca decadência? Morell nem sequer tinha servido qualquer comunidade, exceto durante os seus primeiros dois anos de sacerdócio, em que fora padre na paróquia de uma cidade em voga. Por que razão um homem com a sua capacidade intelectual e reputação se contentara em ser o responsável de um pequeno instituto teológico, isolado de tudo e de todos, era um mistério para o

arcediogo, que julgava não ser o único a desconfiar daquela aparente abnegação por parte de Morell.

Contudo, podia haver uma explicação para a escolha de Sebastian Morell, com base nos termos do deplorável testamento de Miss Arbuthnot. Como fora possível que os seus advogados houvessem permitido que ela fizesse um testamento daqueles? A verdade é que ela nunca poderia adivinhar que os quadros e as pratas que doara a Santo Anselmo se tornassem tão valiosos, século e meio mais tarde. Nos últimos anos, Santo Anselmo havia sido sustentado pela Igreja. Assim, era moralmente justo que, quando fechasse, os seus bens revertissem a favor da Igreja ou de uma das suas instituições de caridade. Era inconcebível que Miss Arbuthnot tivesse a intenção de converter em multimilionários os quatro padres que residiam no instituto, quando do seu encerramento. Um tinha perto de oitenta anos e o outro era um confesso pedófilo. O arcediogo Crampton tudo faria para se certificar de que todos os objetos de valor fossem removidos do instituto antes de este encerrar. Sebastian Morell nunca poderia opor-se a isso, sem que caísse sobre si a acusação de ser um homem egoísta e ambicioso. A sua tortuosa campanha para manter o instituto aberto era, provavelmente, uma artimanha para esconder o seu interesse pelo espólio.

As linhas de batalha haviam sido formalmente delineadas e o arcediogo Crampton estava confiante de que ia a caminho do que esperava ser um conflito decisivo.

19

O padre Sebastian sabia que teria de se confrontar com o arcediogo, antes que o fim de semana acabasse, mas não tinha intenção de que aquele confronto se desse na igreja. Estava preparado, talvez até mesmo um pouco ansioso, para defender o seu território, mas nunca o faria em frente do altar. Contudo, quando o arcediogo lhe comunicou que queria ver o quadro de Rogier Van der Weyden, o padre Sebastian, que não tinha um pretexto para não o acompanhar e sabia que lhe entregar as chaves seria um ato pouco civilizado da sua parte, consolou-se com o pensamento de que, provavelmente, aquela visita seria curta. Afinal, que poderia desagradar ao arcediogo na igreja, a não ser, talvez, o odor persistente do incenso? O padre Sebastian decidiu manter a calma e, na medida do possível, restringir a sua conversa com o arcediogo a meras trivialidades, por estar convicto de que dois padres podiam falar, um com outro, numa igreja, sem qualquer azedume.

Os dois homens atravessaram, em silêncio, o claustro norte até à porta da sacristia. Nem um nem outro abriu a boca até o padre Sebastian acender a luz que iluminava o quadro; postaram-se, lado a lado, a contemplá-lo.

O padre Sebastian nunca havia conseguido encontrar as palavras adequadas para descrever o efeito que a súbita revelação daquela imagem tinha sobre ele, e não era agora que iria tentar encontrá-las. Passou-se um longo minuto antes que o arcediogo falasse. A sua voz ressoou estranhamente alta no silêncio da igreja.

Não devia estar aqui, como é óbvio. Nunca pensou em mudá-lo de lugar?

Mudá-lo para onde, arcediogo? Foi oferecido ao instituto por miss Arbuthnot, justamente para que fosse colocado por cima do altar da igreja.

Mas não é um local seguro para uma obra de arte tão valiosa. Segundo os seus cálculos, quanto valerá? Cinco milhões de libras? oito milhões? Dez?

Não faço a menor idéia. No que diz respeito à segurança, o retábulo encontra-se neste lugar há mais de cem anos. Para onde sugere que o mudemos?

Para um local mais seguro ou um local onde outras pessoas possam vê-lo. O procedimento mais sensato... e já falei nisso com o bispo... seria vendê-lo a um museu, onde pudesse ficar exposto ao público. A Igreja ou qualquer instituição de caridade poderia fazer bom uso do produto da venda. O mesmo se aplica a dois dos vossos cálices mais valiosos. Não me parece apropriado que objetos de tal valor sejam mantidos aqui, apenas para o privilégio e satisfação de vinte ordinandos.

O padre Sebastian sentiu-se tentado a citar um versículo das Escrituras: "Pois este unguento podia ter sido vendido por muito, mas foi dado aos pobres." No entanto, absteve-se prudentemente de tecer qualquer comentário, sem, todavia, conseguir disfarçar um certo azedume na sua voz quando replicou:

O retábulo é propriedade deste instituto. Nunca será vendido, enquanto eu for o reitor, nem, tão pouco, removido daqui. As pratas serão mantidas no santuário, em segurança, e usadas para o fim para que foram feitas.

Mesmo que a sua presença implique que a igreja tenha de ficar trancada e não esteja disponível para os ordinandos?

A igreja está sempre ao dispor dos nossos ordinandos. Só têm de pedir as chaves.

A necessidade de recorrer à oração, por vezes, é muito mais espontânea do que o ato de pedir uma chave contrapôs o arcediogo.

É por isso mesmo que temos um oratório.

O arcediogo virou as costas e o padre Sebastian afastou-se para apagar a luz que iluminava o quadro. O seu companheiro prosseguiu:

De qualquer maneira, quando o instituto fechar, o quadro terá de ser removido. Não sei o que a diocese pensa fazer com este local... refiro-me à igreja. Fica longe de mais para servir uma paróquia, como antigamente, mesmo em conjugação com outras. Depois, onde arranjariam vocês uma congregação? Além do mais, é muito pouco provável que quem quer que compre a mansão vá querer uma capela privada, mas nunca se sabe. Pessoalmente, não consigo imaginar quem possa estar interessado em comprar a mansão. Fica situada num local remoto, de acesso difícil e sem ligação direta à praia. Não a vejo transformada num hotel ou numa casa de convalescença. E com a erosão da costa, esta mansão não estará aqui, dentro de ele

O padre Sebastian esperou até ter a certeza de que recobrou a calma.

Está a falar, arcediogo, como se a decisão de encerrar o instituto já tivesse sido tomada. Partia do princípio de que, como reitor de Santo Anselmo, me consultariam primeiro. Ora, ainda ninguém falou comigo nem me escreveu a esse respeito.

Oh, mas será consultado, como não podia deixar de ser. Só depois se dará início a todos os trâmites necessários. Mas o fim é inevitável, e você sabe-o tão bem quanto eu. A Igreja Anglicana está a centralizar e a racionalizar o seu ensino teológico. Há algum tempo que se fala nessa reforma. Santo Anselmo é muito pequeno, remoto, caro e elitista.

Elitista, arcediogo?

Empreguei esta palavra deliberadamente. Quando foi a última vez que aceitou um ordinando vindo do sistema educacional do Estado?

O Stephen Morby veio do sistema educacional do Estado e atrevo-me a dizer que é, provavelmente, o nosso ordinando mais inteligente.

Sim, mas deve ter sido o primeiro caso. Provavelmente, veio de Oxford e com notas muito altas. E quando aceitarão um ordinando do sexo feminino? Ou uma mulher sacerdote no vosso corpo docente?

Nunca nenhuma mulher concorreu.

Exatamente, porque as mulheres sabem bem quando não são desejadas.

Penso que a história recente prova o contrário, arcediogo. Não somos preconceituosos. A Igreja, ou melhor, o sínodo tomou a sua decisão, se bem que este lugar seja demasiado pequeno para ter ordinandos do sexo feminino. Até mesmo os institutos teológicos mais importantes estão a experimentar algumas dificuldades. São os ordinandos que acabam por sofrer. Pessoalmente, nunca presidiria a uma instituição cristã em que alguns membros se recusam a comungar por causa dos outros.

O elitismo não é o vosso único problema. Se a Igreja não sofrer uma reforma para ir ao encontro das necessidades do século vinte e um, acabará por desaparecer. A vida que os seus estudantes levam, aqui, é ridiculamente privilegiada, muito longe das vidas dos homens e mulheres que eles esperam servir. O estudo do grego e do hebraico têm o seu lugar, não o nego, mas também devemos refletir sobre novas disciplinas que poderemos oferecer. Que conhecimentos eles têm de sociologia, do relacionamento entre as raças, da colaboração entre as diferentes religiões?

O padre Sebastian conseguiu, a custo, fazer com que a sua voz deixasse transparecer uma aparente calma.

O ensino que facultamos aqui é um dos melhores do país, Os relatórios das inspeções provam-no. Além do mais, é um disparate alegar que os nossos estudantes não têm qualquer contacto com o mundo real ou não são treinados para servir esse mesmo mundo. Padres aqui ordenados saíram de Santo Anselmo para ir servir nas áreas mais difíceis e pobres, tanto em Inglaterra como no estrangeiro. E o padre Donovan, que morreu de febre tifóide, no Extremo Oriente, porque não quis abandonar o seu rebanho, ou o padre Bruce, que foi martirizado em África? E há mais. Santo Anselmo ensinou dois dos bispos mais eminentes deste século.

Foram bispos notáveis para a sua época, não para a nossa. Está a falar do passado, enquanto que eu me preocupo com as necessidades do presente, em particular, dos jovens. Não traremos pessoas para a nossa fé com as nossas convenções antiquadas, uma liturgia arcaica e uma Igreja que é considerada pretensiosa, enfadonha, elitista e até mesmo racista. Santo Anselmo tornou-se irrelevante para esta nova era.

Afinal, o que pretende? Uma Igreja sem mistério, destituída desse ensino, da tolerância e da dignidade que constituíram as virtudes do anglicanismo? Uma Igreja sem qualquer humildade, perante o inefável mistério e amor de Deus Todo-Poderoso? Serviços religiosos com hinos banais, uma liturgia deturpada e a Eucaristia condirgida como se fosse uma dessas festas de paróquia? Lamento imenso mas não é assim que conduzo os serviços religiosos, aqui, em Santo Anselmo. Reconheço que existem diferenças legítimas quanto ao modo como ambos encaramos o sacerdócio. Longe de mim querer ofendê-lo.

Não sei, mas penso que a sua intenção era ofender-me. Deixe-me ser franco consigo, Morell.

Já foi franco. Pensa que este é o lugar mais adequado?

Santo Anselmo será encerrado. Serviu o seu propósito, no passado, com grande eficiência. Disso não restam dúvidas, mas tornou-se irrelevante, agora. O seu ensino é bom, mas será melhor do que o de Chichester, Salisbury ou Lincoln? Tiveram de fechar as portas.

Santo Anselmo não encerrará, pelo menos, enquanto eu for vivo. É bom não esquecer que gozo de certas influências.

Já o sabemos. Foi justamente disso que estive a queixar-me..., do poder da influência, de se conhecer as pessoas certas, de se mover nos círculos adequados e de se poder sussurrar algo ao ouvido de alguém. Essa perspectiva da Inglaterra está tão ultrapassada como este instituto. O mundo a que pertencia Lady Verônica morreu.

A ira, controlada a custo, do padre Sebastian finalmente encontrou vazão. Mal conseguia falar, mas as suas palavras, distorcidas pelo ódio, irromperam, por fim, num tom de voz que nem sequer conseguiu reconhecer como sendo o seu.

Como se atreve? Como se atreve a mencionar o nome da minha mulher?

Os dois homens entreolharam-se, como se fossem dois pugilistas. Foi o arcediogo quem quebrou aquele momento de grande tensão.

Peço-lhe que me perdoe. Fui imoderado e pouco caritativo. Empreguei as palavras erradas no lugar errado. É melhor irmos embora.

Ainda esboçou um gesto como se estivesse disposto a estender a mão ao outro, mas mudou de idéia. Caminharam, em silêncio, ao longo da nave norte, em direção à porta da sacristia. De súbito, o padre Sebastian deteve-se.

Está aqui mais alguém sussurrou. Não estamos sozinhos.

Os dois homens estacaram e puseram-se à escuta.

Não ouço nada rematou o arcediogo, ao fim de alguns segundos. A igreja está vazia. A porta estava trancada e o alarme ligado, quando entramos. Não está ninguém aqui.

Claro que não. Foi apenas uma impressão da minha parte. O padre Sebastian voltou a ligar o alarme e trancou a porta da sacristia, depois de os dois homens saírem; passaram para o claustro norte. O pedido de desculpas fora feito, mas o padre Sebastian sabia que as palavras que ambos haviam dito nunca poderiam ser esquecidas. Sentia-se enojado consigo próprio por haver perdido o controle. Tanto ele como o arcediogo haviam falhado, mas era ele o anfitrião e conseqüentemente, quem tinha mais responsabilidades. Além de que o arcediogo apenas havia dado voz aos pensamentos e às idéias de terceiros. O padre Sebastian sentiu-se invadido por uma profunda depressão, acompanhada por uma emoção que lhe era menos familiar, se bem que fosse mais forte do que uma vaga apreensão. Era medo.

20

O lanche, aos sábados, em Santo Anselmo, era informal. Mrs. Pilbeam preparava-o e era servido na sala de estar dos estudantes, nas traseiras da mansão, que ficava à disposição de todos aqueles que permaneciam no instituto durante o fim-de-semana. Em geral, eram poucos, particularmente quando havia um jogo de futebol não muito longe dali.

Eram três da tarde e Emma, Raphael Arbuthnot, Henry Bloxrum e Stephen Morby aproveitavam aquele momento de ócio na saleta de Mrs. Pilbeam, localizada entre a cozinha principal e a passagem que conduzia ao claustro sul. Era naquela mesma passagem que um lanço de escadas íngreme levava à adega. A cozinha, com os seus quatro fornos a gás, as bancadas, reluzentes, em aço, e o equipamento moderno, estava vedada aos estudantes. Por conseguinte, era na pequena saleta, com um fogão a gás e uma mesa quadrada, que Mrs. Pilbeam fazia scones, bolos e preparava o chá. Era uma divisão acanhada, até mesmo um pouco desleixada, em contraste com o asseio cirúrgico da cozinha. A lareira original, com guarda-fogo em ferro trabalhado, permanecia no seu lugar e, muito embora os toros agora fossem sintéticos e o combustível, o gás, conferia um ambiente confortável ao aposento.

Aquela saleta constituía o território privado de Mrs. Pilbeam. A cornija continha alguns dos seus tesouros pessoais, que, na sua maior parte, lhe haviam sido oferecidos pelos estudantes sempre que regressavam de férias: um bule decorado, um sortido de canecas e de jarras, os cães em porcelana de que ela tanto gostava e até mesmo uma boneca de vestido garrido, cujas pernas pendiam do rebordo da cornija.

Mrs. Pilbeam tinha três filhos, espalhados pelo mundo, e podia perceber que a afável senhora Emma, apreciava aquelas reuniões semanais com os jovens, tanto quanto os ordinandos acolhiam com alívio àquela mudança da austeridade masculina que imperava na sua rotina diária. Tal como eles, Emma sentia-se confortada pelo afeto maternal mas não demasiado sentimental, de Mrs. Pilbeam. Perguntava a si mesma se o padre Sebastian aprovava aquelas reuniões informais. Não tinha a menor dúvida de que ele sabia da sua existência; poucas coisas se passavam no instituto de que o padre Sebastian não tivesse conhecimento. Naquela tarde de sábado, apenas três estudantes estavam presentes. Peter Buckhurst, que continuava em convalescença, ficara a descansar no quarto.

Emma aninhara-se nas almofadas de uma cadeira de vime, do lado direito da lareira, enquanto Raphael ocupara outra, à sua frente, e esticara as pernas. Quanto a Henry, estendera uma secção da edição de sábado do The Times sobre um canto da mesa, enquanto que, no outro, Stephen recebia aulas de culinária ministradas por Mrs. Pilbeam. A mãe dele, que habitava no Norte da Inglaterra numa vivenda imaculada, na qual ele havia crescido, acreditava que os filhos varões não deviam ajudar na lida da casa, tal como a sua mãe e a sua avó, antes dela. Contudo, quando Stephen estudara em Oxford, ficara noivo de uma jovem e brilhante médica com vistas mais largas e que acreditava na igualdade dos sexos. Naquela tarde, encorajado por Mrs. Pilbeam e ouvindo, de tempos a tempos, algumas críticas dos seus colegas, dedicava-se, com afinco, à preparação da massa de pasteleiro, e já adicionara a banha e a manteiga à farinha.

Não é assim, Mister Stephen repreendeu Mrs. Pilbeam. Amasse a massa com a ponta dos dedos, erguendo-a para a deixar cair na taça. Assim, apanhará ar, o que é muito importante.

Mas sinto-me um perfeito idiota... resmungou Stephen.

És um perfeito idiota! comentou Henry. Se a tua Allison pudesse ver-te neste preciso instante, ficaria com grandes dúvidas acerca da tua capacidade de ser pai das duas brilhantes criancinhas que vocês planeiam ter.

Não ficava nada! protestou Stephen, com um sorriso.

Mesmo assim, essa massa tem uma cor esquisita. Porque não vais antes ao supermercado? Vendem massas de grande qualidade, já prontas a usar, na área dos congelados...

Nada se compara à pastelaria caseira, Mister Henry. Não desencoraje Mister Stephen. Agora, sim, parece estar bem. Comece a adicionar a água. Não, não pegue no jarro. Tem de adicionar uma colher de água de cada vez.

Eu tinha uma grande receita de frango estufado explicou Stephen, quando vivia em Oxford. Compra-se um frango partido aos pedaços no supermercado e, depois, junta-se-lhe uma sopa de cogumelos de pacote. Ou também pode ser uma sopa de tomate. Sai sempre bem. A massa já está pronta, Mistress Pilbeam?

Mrs. Pilbeam examinou o conteúdo da taça onde, finalmente, a massa se formara numa bola reluzente.

Para a semana que vem, dar-lhe-ei algumas receitas de frango estufado. A massa parece estar boa. Agora, vamos embrulhá-la em papel aderente e colocá-la no frigorífico para que repouse.

Porque é que a massa precisa de repousar? Quem está exausto sou eu! Fica sempre com esta cor? Parece estar um pouco mole

Raphael levantou-se e perguntou:

Onde está o detetive?

Foi Henry que respondeu, sem erguer o olhar do jornal.

Ao que parece, só volta para o jantar. Vi-o partir, esta manhã, logo a seguir ao pequeno-almoço. Tenho de confessar que senti um certo alívio ao vê-lo ir-se embora. Não pode dizer-se que a sua presença seja agradável...

O que espera aquele homem descobrir? exclamou Stephen. Não pode reabrir o inquérito. Ou pode? É possível proceder-se a um inquérito quando o cadáver já foi cremado?

Henry ergueu o olhar.

Olha que não deve ser lá muito fácil, mas pergunta ao Dalglish. Ele é que é o especialista.

Dito isto, retomou a sua leitura do The Times. Stephen dirigiu-se ao lava-louça para lavar as mãos.

Sinto a consciência pesada no que se refere ao Ronald. Nunca nos demos ao incomodo de o compreender...

Ao incomodo? Mas devíamos fazê-lo? Que eu saiba, Santo Anselmo não é uma escola preparatória. A voz de Raphael, então, adotou um tom pedante. "Este é o jovem Treeves, Arbuthnot, e vai ficar no seu dormitório. Tome conta dele, está bem? Mostre-lhe as redondezas." Talvez o Ronald tenha pensado que regressara aos tempos da escola, com aquele seu péssimo hábito de etiquetar tudo. As roupas com o nome escrito e as etiquetas autocolantes em tudo o resto. Que julgava ele? Que íamos roubá-lo?

Uma morte súbita provoca sempre emoções previsíveis sentenciou Henry. O choque, o desgosto, a revolta, a culpa. Ultrapassamos o choque, não sentimos grande desgosto nem

temos motivos para nos sentirmos revoltados. Sobra apenas o complexo de culpa Não sei porquê, mas parece-me que vai haver uma enfadonha uniformidade nas nossas próximas confissões. O padre Beeding vai ficar farto de ouvir o nome do Ronald Treeves. Intrigada, Emma perguntou: Não são os padres residentes que ouvem as vossas confissões? Henry riu-se. Meu Deus, claro que não! Podemos ser elitistas mas não a esse ponto. Um padre de Framlingham vem até cá duas vezes em cada período, para ouvir as nossas confissões. Acabara a leitura do jornal e dobrou-o cuidadosamente.

Por falar no Ronald, cheguei a contar-vos que o vi na noite de sexta-feira? Ou seja, na véspera de ele morrer?

Não replicou Raphael. Viste-o onde?

A sair da pocilga dos porcos.

O que estava ele lá a fazer?

Como queres que saiba? Provavelmente, a coçar os lombos dos porcos. Agora, falando a sério: quando o vi, pareceu-me que estava muito aflito e, por breves segundos, cheguei mesmo a pensar que estivera a chorar. Não penso que ele me tenha visto. Passou por mim, aos tropeções, em direção ao promontório.

Contaste isso à Polícia?

Não, nem a mais ninguém. Tudo o que a Polícia me perguntou... com o que me pareceu ser uma grande falta de tacto... foi se eu achava que o Ronald tinha motivos para querer suicidar-se. Sair do chiqueiro, na noite anterior, mesmo que parecendo muito aflito, dificilmente o levaria a enfiar a cabeça debaixo de uma tonelada de areia. Depois, não tinha a certeza do que vira. Ele quase chocou contra mim, mas estava muito escuro. Posso ter imaginado coisas. É de presumir que o Eric Surtees nada disse sobre o assunto, caso contrário, ter-se-ia falado nisso durante o inquérito. De qualquer maneira, o Ronald foi visto mais tarde, nessa mesma noite, por Mister Gregory, que afirmou que ele lhe parecera estar bem durante a aula de Grego.

Mesmo assim foi um estranho acidente, não acham? perguntou Stephen.

Mais estranho agora do que nos pareceu na altura. Não consigo pensar noutra coisa. Dá idêia de que o Ronald paira por aqui... Por vezes parece estar mais fisicamente presente, parece ser mais real do que quando era vivo.

Fez-se silêncio. Emma nada dissera. Olhou para Henry e desejou, mais uma vez, ter uma idêia mais precisa quanto ao carácter do rapaz. Lembrava-se de uma conversa que havia tido com Raphael quando Henry entrara para o instituto.

O Henry intriga-me. E a si? Ela respondera:

Todos vocês me intrigam.

Ainda bem, porque não queremos parecer-lhe transparentes. Além do mais, deixe que lhe diga que a senhora também nos intriga. Mas, o Henry... que está ele a fazer aqui?

Imagino que o mesmo que você.

Se eu ganhasse um milhão de libras por ano, com a possibilidade de ganhar um outro milhão no Natal, como bônus pelo meu bom comportamento, duvido muito que quisesse abdicar desse privilégio por um salário de dezessete mil libras ao ano, se tivesse sorte, Ainda por cima, sem sequer poder sonhar em ter uma casa decente para o meu vicariato. Todas as casas foram vendidas a famílias de yuppies com predileção pela arquitetura vitoriana. Tudo o que conseguimos, agora, é um miserável apartamento com lugar reservado para o nosso Fiesta, em segunda mão, na garagem do prédio. Lembra-se daquela passagem desagradável, em São Lucas, sobre o jovem rico que se rendia à tristeza, porque era dono de grande fortuna? Revejo-me nele. Felizmente, não só sou pobre como, ainda, filho ilegítimo... Pensa que Deus fez com que nunca sejamos confrontados com tentações a que nunca teremos forças de resistir? Emma replicara:

A história do século vinte não sustenta mais essa tese.

Talvez eu passe esta idéia ao padre Sebastian ou lhe sugira que a desenvolva num sermão. Por outro lado, é melhor não.

A voz de Raphael trouxe-a de volta ao presente.

O Ronald era um empecilho... A sua preparação cuidada das matérias, de forma a que pudesse pensar em perguntas inteligentes para fazer, e aquela constante obsessão de escrevinhar... Provavelmente, anotava as passagens que, segundo ele, lhe podiam ser úteis para os seus futuros sermões. Não há nada como uma infusão de versículos para elevar o medíocre a memorável, especialmente se a congregação não se aperceber de que está a citar passagens da Bíblia.

Dei comigo a pensar, de tempos a tempos, o que o levava a freqüentar os meus seminários confessou Emma. Afinal, não são freqüentados apenas por voluntários?

Raphael soltou uma gargalhada rouca, meio irônica, meio desdenhosa, que soou asperamente aos ouvidos de Emma.

Sim, minha querida amiga, com certeza. Só que, aqui, a palavra "voluntário" não tem o mesmo significado do que em outro sítio qualquer. Digamos antes que certos comportamentos são mais aceitáveis do que outros.

Meu Deus... E eu que pensava que vocês assistiam aos meus seminários por gostarem de poesia...

E gostamos replicou Stephen. O problema é que somos apenas vinte, o que implica que estamos a ser constantemente observados. Os padres não o fazem por mal. Tudo se resume

ao fato de sermos tão poucos. É por isso que a Igreja é da opinião que sessenta ordinandos é o número ideal para um instituto teológico... e tem razão. O arcediogo lá tem os seus motivos quando afirma que somos um instituto muito pequeno.

Oh, o arcediogo! ripostou Raphael, exaltado. Temos de falar nele?

Pronto, não falamos mais nele, mas não deixa de ser um homem estranho... Por princípio, a Igreja Anglicana é a conjunção de quatro movimentos religiosos diferentes, mas em que movimento ele se encaixa? É um evangelista bíblico e, mesmo assim, aceita as mulheres padres. Está sempre a dizer que temos de mudar para melhor servir o novo século, mas não se pode considerá-lo um digno representante da teologia liberal, e é inflexível na sua posição quanto ao divórcio e o aborto.

É o exemplo de um atavismo vitoriano atalhou Henry. Quando ele está aqui, sinto-me transportado para um romance de Trollope, só que os papéis estão invertidos. O padre Sebastian devia ser o arcediogo Grantly e o Crampton devia personificar a personagem do Slope.

Não, o Slope, não interveio Stephen. O Slope era um hipócrita. Ao menos, o arcediogo é sincero.

Com efeito, não restam dúvidas de que o homem é sincero rematou Raphael, tal como Hitler, Gengis Khan e todos os tiranos foram sinceros.

Mas olha que ele não é tido como um tirano na sua paróquia fez notar Stephen. Na realidade, considero que é um bom padre. Não te esqueças de que passei uma semana na paróquia dele, durante a Páscoa. As gentes de lá gostam dele. Até gostam dos seus sermões. Tal como um dos seus fiéis me disse: "Ele conhece a sua fé, crê e explica-nos as suas idéias com grande clareza. E não há uma única pessoa, nesta paróquia, que tenha passado por momentos difíceis, que não lhe esteja agradecida pelo apoio que ele lhe deu." Sabes que mais? Parece-me que conhecemos apenas o lado mau do arcediogo, porque, sempre que ele vem até cá, é um homem completamente diferente.

Ele perseguiu um outro padre e fê-lo ir parar à prisão teimou Raphael. Achas que isso é caridade cristã? Odeia o padre Sebastian. Onde está o amor fraternal? E odeia este lugar, tudo o que ele representa, e está a tentar fazer com que a Igreja mande encerrar Santo Anselmo.

Por outro lado, o padre Sebastian está a fazer tudo o que está ao seu alcance para manter o instituto aberto replicou Henry. Pela parte que me toca, sei em quem vou apostar...

Olha que não sei... A morte do Ronald não veio ajudar...

A Igreja não pode encerrar um instituto teológico só porque um estudante se suicidou. Bom, o que nos consola é que o arcediogo se vai embora amanhã, logo a seguir ao pequeno-almoço. Ao que parece, precisam dele na paróquia a que preside. Portanto, só temos de aturá-lo durante duas refeições. Raphael, é melhor portares-te bem, ouviste?

O padre Sebastian já me puxou as orelhas. Tentarei promover um impressionante controle sobre mim próprio.

E, se falhares, pedirás desculpa ao arcediogo, antes de ele se ir embora?

Não me parece... respondeu Raphael. Tenho um pressentimento de que ninguém irá pedir desculpas ao arcediogo, amanhã de manhã.

Dez minutos mais tarde, os ordinandos dirigiram-se para a sala de estar que lhes estava reservada para o lanche. Mrs. Pilbeam, então, voltou-se para Emma.

Parece cansada, miss. Fique aqui e tome uma chávena de chá comigo. Já que está aí tão aninhada, aproveite este momento de sossego.

Obrigada, Mistress Pilbeam.

Mrs. Pilbeam abriu uma mesa baixa sobre a qual colocou uma grande chávena de chá e um pires, com um scone amanteigado, recheado de geléia. Como sabia bem a Emma estar ali sentada, em paz, ao lado de outra mulher, escutando o estalido da cadeira de vime quando Mrs. Pilbeam se sentou, inalando o cheiro dos scones, acabados de fazer, e olhando para as chamas azuis do fogão.

Emma teria preferido que não se tivesse falado em Ronald Treeves. Ainda não se dera conta de como aquela morte, envolta em mistério, conseguia ensombrar o dia a dia do instituto. E não havia sido a única morte. Mrs. Munroe, ao menos, morrera calmamente, em paz, e talvez tivesse ficado contente por partir, mas fora mais uma perda, naquela pequena comunidade, onde as mortes nunca passavam despercebidas. Henry tinha razão: havia sempre um sentimento de culpa generalizado, após uma morte. Emma deu consigo a desejar ter sido mais paciente e gentil com Ronald. A imagem dele, a sair aos tropeções, da casa de Surtees, ficara-lhe gravada na mente e sabia que não conseguiria apagá-la facilmente.

E, agora, havia o arcediogo. A antipatia que Raphael sentia por ele começava a tornar-se obsessiva. Era mais do que simples antipatia. Houvera ódio nas suas palavras, uma emoção que Emma nunca pensara encontrar em Santo Anselmo. Apercebeu-se do quanto se habituara a contar com aquelas suas visitas. Palavras do Livro de Orações, que lhe eram familiares, vieram-lhe à memória. Aquela paz que o mundo não podia oferecer. Uma paz que havia sido quebrada pela imagem de um rapaz, de boca aberta, tentando respirar, e encontrando apenas a areia mortífera. Além do mais, Santo Anselmo fazia parte do mundo. Os estudantes podiam ser ordinandos e os seus professores, padres, mas nem por isso deixavam de ser homens. O instituto podia erguer-se, como um desafio à Igreja, no seu isolamento simbólico, entre o mar e hectares de promontórios despovoados, mas a vida entre as paredes do edifício era intensa, muito controlada, quase claustrofóbica. Que emoções poderiam desenvolver-se naquela atmosfera sufocante?

E que pensar de Raphael, órfão de mãe, que crescera naquele mundo de total reclusão, saindo apenas para a vida, igualmente masculina e controlada, de uma escola preparatória e de um colégio interno? Tinha realmente vocação ou estava a pagar uma velha dívida da única maneira que sabia? Emma deu-se conta de que era a primeira vez que tecia mentalmente críticas aos padres. Deviam ter pensado, com certeza, que Raphael deveria seguir os seus estudos num outro instituto. Sempre havia pensado no padre Sebastian e no padre Martin como dotados da sapiência e da bondade dificilmente compreensíveis para aqueles que, como ela, encontravam na religião mais uma estrutura organizada para o empenho moral do que o repositório final da revelação da verdade. Por mais voltas que desse, contudo, regressava sempre à mesma angustiante conclusão: aqueles padres não passavam de homens.

O vento, entretanto, levantara-se. Emma podia ouvi-lo como um uivo longínquo e irregular, quase não se distinguindo do embater das ondas na costa.

Vamos ter ventos fortes esta noite, mas duvido que a tempestade que se avizinha piore antes do amanhecer disse Mrs. Pilbeam. No entanto, vamos ter mau tempo, esta noite.

Sorveram o chá em silêncio, até que Mrs. Pilbeam acrescentou:

Sabe, todos eles são bons meninos.

Eu sei replicou Emma.

E pareceu-lhe que era ela que tentava reconfortar Mrs. Pilbeam.

21

O padre Sebastian não apreciava o lanche. Nunca comia bolos e tinha a impressão de que os scones e as sanduíches lhe cortavam o apetite para o jantar. Mesmo assim, achava ser seu dever passar pela sala de estar, por volta das quatro horas da tarde, sempre que havia hóspedes no instituto. Geralmente, demorava-se apenas o suficiente para beber duas taças de chá earl grey com limão e acolher os recém-chegados. Naquele sábado, deixara as boas-vindas para o padre Martin, mas, as quatro e dez, pensou que seria cortês da sua parte aparecer na sala. Tinha descido o primeiro lanço de degraus da escada quando deparou com o arcediogo.

Preciso falar consigo Morell, no seu gabinete, por favor, "E agora?", pensou o padre Sebastian enquanto subia as escadas, atrás do arcediogo. Chegado ao patamar, Crampton abriu a porta do gabinete sem qualquer cerimônia. O padre Sebastian convidou-o a ocupar uma das cadeiras em frente da lareira, mas o arcediogo ignorou-o e os dois homens permaneceram de pé, fitando-se tão de perto que o padre Sebastian podia sentir o azedume que a respiração do arcediogo exalava. Viu-se forçado a sustentar o olhar feroz e penetrante do seu hóspede, reparando em todos os pormenores do rosto de Crampton: os dois pêlos negros que saíam da narina esquerda, as manchas vermelhas, provocadas pela ira, que lhe coloriam as faces e uma migalha de scone colada ao canto da boca. Sem saber o que fazer, observou o arcediogo, enquanto este recobrava o controlo sobre si mesmo.

Quando Crampton, por fim, falou, estava mais calmo, mas a ameaça no seu tom de voz era inconfundível.

O que está àquele oficial da Polícia a fazer aqui? Quem o convidou?

O inspetor Dalgliesh? Pensava que lhe havia explicado...

Não estou a referir-me ao Dalgliesh, mas sim ao Roger Yarwood.

Mister Yarwood é nosso hóspede. É inspetor da Polícia de Suffolk e tirou uma semana de férias.

Qual é a sua idéia em tê-lo aqui, Morell?

Ele visita-nos, de tempos a tempos, e acolhemo-lo de bom grado. Neste momento, encontra-se de baixa. Escreveu-me a perguntar se podia passar cá uma semana. Como gostamos dele, ficamos contentes com a sua estadia.

O Yarwood foi o oficial que investigou a morte da minha mulher. Não me venha, agora, dizer que não o sabia!

Mas como poderia eu sabê-lo, arcediogo? Como é que alguém daqui poderia adivinhá-lo? Nem era assunto de que o inspetor Yarwood falasse, já que veio para cá a fim de esquecer o seu trabalho. Compreendo quanto terá sido aborrecido, para si, encontrá-lo no instituto e lamento que tal tenha acontecido. Compreendo, igualmente, que a presença dele lhe traz memórias tristes. Mas tratou-se de uma extraordinária coincidência, e nada mais. O inspetor Yarwood pediu para ser transferido da Polícia Metropolitana de Londres para a Polícia de Suffolk, há cerca de cinco anos, se a memória não me traição. Creio que terá sido pouco depois da morte da sua esposa, arcediogo.

O padre Sebastian evitara usar a palavra "suicídio", se bem que soubesse que estava implícita naquela conversa. Como era inevitável, a tragédia que atingira a primeira mulher do arcediogo era bem conhecida nos círculos clericais.

Ele tem de partir sentenciou o arcediogo. Não me sinto preparado para me sentar à mesa com aquele homem.

O padre Sebastian viu-se dividido entre uma piedade genuína, mas não suficientemente avassaladora para o deixar atrapalhado, e uma emoção mais pessoal.

E eu não estou preparado para dizer ao inspetor Yarwood que se vá embora. Como acabei de afirmar, ele é nosso hóspede. Sejam quais forem as memórias que ele lhe suscita, estou certo de que dois adultos poderão sentar-se à mesma mesa sem provocar ultrajes mútuos.

Ultrajes?

Perdão, exprimi-me mal. Porque se sente tão zangado, arcediogo? O Yarwood estava apenas a cumprir o seu dever. Nada tinha de pessoal contra si.

Tornou-se um caso pessoal, para ele, desde a primeira vez que apareceu no vicariato. Aquele homem, por meio de insinuações veladas, acusou-me de homicídio! Ia visitar-me, todos os dias, mesmo quando eu me sentia mais triste e vulnerável, para me importunar com perguntas e mais perguntas, querendo saber todos os pormenores do meu casamento, assunto que não lhe dizia respeito! Depois do inquérito e de pronunciado o veredicto, apresentei queixa à Polícia Metropolitana. Teria recorrido à Alta Autoridade Policial, mas pensei que nunca me levariam a sério. Além do mais, estava a tentar ultrapassar o meu desgosto. No entanto, a Polícia Metropolitana abriu um inquérito e admitiu que o Yarwood talvez tivesse revelado excesso de zelo profissional.

Excesso de zelo? O padre Sebastian recorreu, então, a um velho lugar-comum. Julgo que ele terá pensado que estava a cumprir o seu dever.

Dever? Nada tinha a ver com o dever! O que ele pensou foi que podia ter um caso que lhe granjeasse certa reputação, isso sim. Oh, e teria sido um caso que lhe traria grande publicidade... Um vigário acusado de assassinar a esposa. Consegue imaginar o prejuízo que esse tipo de alegação poderia provocar na minha diocese, na minha paróquia? Ele torturou-me e divertiu-se à minha custa!

O padre Sebastian tinha dificuldade em conciliar aquela acusação com o inspetor Yarwood que ele conhecia. Sentia emoções contraditórias: pena do arcediogo; indecisão, por não saber se deveria falar ou não com Yarwood; preocupação, por não desejar atormentar desnecessariamente um homem que ainda estava muito frágil, tanto física como mentalmente, e a viva ansiedade de que o fim de semana acabasse sem que fosse forçado a confrontar-se com Crampton de novo. E todas aquelas suas preocupações se uniam, de forma incongruente, quase ridícula, na questão insignificante de como iria distribuir os lugares à mesa. Não podia sentar os dois oficiais da Polícia lado a lado; tanto um como o outro queriam evitar, a todo o custo, qualquer conversa profissional e era um assunto que o padre Sebastian não queria ouvir à sua mesa (o padre Sebastian nunca pensava no refeitório de Santo Anselmo noutros termos a não ser como a "sua" sala de jantar ou a "sua" mesa). Era óbvio que nem Raphael nem o padre John podiam sentar-se, quer ao lado, quer em frente do arcediogo Crampton. Clive Stannard era um hóspede enfadonho, mesmo quando estava nos seus melhores momentos, e o padre Sebastian não podia colocá-lo perto de Crampton ou de Dalglish. Desejava que a sua mulher ainda fosse viva. Nada daquilo aconteceria se Verônica ainda estivesse viva, e não pôde deixar de sentir um certo ressentimento por ela o haver deixado tão cedo.

Foi então que alguém bateu à porta. Contento com aquela interrupção, exclamou:

Entre!

Raphael surgiu à porta. O arcediogo fitou-o, de alto a baixo e, por fim, dirigiu-se ao padre Sebastian.

Vai então tratar do assunto, não é verdade, Morell? E saiu.

O padre Sebastian, apesar de se sentir contente com aquela interrupção, não estava com disposição para ser acolhedor e perguntou, com alguma rispidez:

O que se passa, Raphael?

É sobre o inspetor Yarwood, padre. Prefere não jantar com os restantes hóspedes e pergunta se é possível levarem-lhe algo de comer ao quarto.

O inspetor Yarwood está doente?

Não me pareceu em boa forma, mas não me disse que se sentia mal. Ele viu o arcediogo durante o lanche, e penso que não quer encontrar-se com ele novamente. Quando desceu, estacou a entrada da sala e deu meia volta. Resolvi ir até ao seu quarto para saber se ele se sentia bem.

E ele disse-lhe porque estava tão transtornado?

Sim, padre.

Pois não tinha o direito de desabafar consigo nem com qualquer outra pessoa que resida aqui. Foi uma atitude muito pouco profissional e sensata da parte do inspetor Yarwood, e você devia tê-lo impedido de a tomar.

Ele não falou muito no assunto, padre, mas o pouco que disse foi deveras interessante.

O que quer que ele lhe tenha revelado deve ser mantido em segredo, percebeu? Bom, agora vá falar com Mistress Pilbeam e peça-lhe que leve alguma coisa ao quarto do inspetor, à hora do jantar, como, por exemplo, uma sopa e uma salada.

Penso que é tudo o que ele quer, padre, porque me disse que desejava ficar sozinho.

O padre Sebastian, mais uma vez, perguntou a si mesmo se devia falar com Yarwood, mas mudou de idéia. Talvez o que ele queria, ficar a sós, fosse a melhor solução. O arcediogo devia partir na manhã seguinte, logo após o pequeno-almoço, porque queria estar de regresso à sua paróquia para pregar a homilia das dez e meia da manhã e dera a entender que uma personalidade importante da região estaria na congregação. Com alguma sorte, os dois homens não tornariam a ver-se.

Cansado, o padre Sebastian desceu a escada em direção à sala de estar dos estudantes, para tomar as suas duas chávenas de chá earl grey.

O refeitório, vindo a sul, era quase uma réplica, em tamanho e estilo, da biblioteca, com o mesmo teto abobadado e igual número de janelas ogivais, estreitas e altas, se bem que estas

fossem destituídas de vitrais coloridos e, ao invés, tivessem vidraças de um tom verde-claro com desenhos de folhas de videiras e cachos de uvas. As paredes estavam adornadas com três quadros pré-raphaelitas, todos doados por Miss Arbuthnot. Um, da autoria de Dante Gabriel Rossetti, mostrava uma rapariga de cabelos ruivos flamejantes, sentada junto de uma janela, a ler um livro que a imaginação podia interpretar como sendo de conteúdo religioso. O segundo quadro, de Edward Burne-Jones, que representava três raparigas de cabelos escuros a dançar de roda, à sombra de uma laranjeira, era ostensivamente secular, e o terceiro e maior, de William Holman Hunt, retratava um padre, em frente de uma capela, feita em colmo, a batizar um grupo de antigos bretões. Não eram obras que Emma apreciava particularmente, mas não tinha dúvidas de que constituíam uma valiosa parte do espólio de Santo Anselmo. O refeitório, pela sua traça, havia sido concebido para ser uma sala de jantar, mas mais orientada para a ostentação do que para a intimidade familiar. Mesmo as grandes famílias vitorianas sentir-se-iam isoladas e desconfortáveis naquele monumento à grandiosidade paternal. Santo Anselmo procedera a poucas modificações ao adaptar a antiga sala de jantar para lhe conferir uma utilização institucional. A mesa de carvalho oval ainda se mantinha ao centro, mas fora-lhe acrescentada, ao meio, uma tábua de madeira mais simples com cerca de metro e meio de comprimento. As cadeiras datavam da fundação do instituto, mas a portinhola que se abria para a cozinha desaparecera, e a comida era colocada num grande aparador com uma toalha branca, antes de ser servida.

Mrs. Pilbeam servia à mesa, com a ajuda de dois dos ordinandos que procediam àquela tarefa por turnos. O casal Pilbeam partilhava a mesma refeição, mas comia na saleta de Mrs. Pilbeam. Quando da sua primeira visita, Emma sentira-se intrigada ao ver como aquela estranha combinação funcionava tão bem. Mrs. Pilbeam parecia saber intuitivamente em que altura os comensais terminavam certo prato, na sala de jantar, porque aparecia sempre no momento oportuno. Não era necessário tocar qualquer campainha, e a entrada e o prato principal eram comidos em silêncio, enquanto um dos ordinandos, postado num púlpito à esquerda da porta, lia em voz alta, tarefa que também era feita por turnos.

A escolha do assunto era deixada à responsabilidade do ordinando e não se pedia que as leituras fossem necessariamente passagens da Bíblia ou de textos religiosos. Ao longo das suas visitas, Emma ouvira Henry Bloxham ler uma passagem de *A Terra Devastada*, de T. S. Eliot, Stephen Morby recitar, com grande vivacidade, Mulliner, um conto de P. G. Wodehouse, e Peter Buckhurst escolher um trecho de *Diário de ninguém*, de George e Weedon Grossmith. A vantagem daquele sistema para Emma, além do seu interesse pela leitura e da revelação da escolha pessoal de cada um dos ordinandos, era poder tirar proveito dos excelentes dotes culinários de Mrs. Pilbeam, sem ter de conversar sobre banalidades com os outros convivas.

Com o padre Sebastian a presidir à mesa, o jantar em Santo Anselmo revestia-se das formalidades de uma casa particular. Mas, depois de serem servidos os dois primeiros pratos e de findar a leitura, o silêncio que imperara até àquele momento parecia facilitar a conversação, que, por norma, prosseguia alegremente, enquanto o ordinando saía do púlpito e se servia, e os comensais passavam para a sala de estar ou para o pátio, pela porta sul, para tomar café. Não raras vezes, a conversa prosseguia até chegar a hora das completas. Depois, como era costume, os ordinandos recolhiam aos seus quartos e remetiam-se ao silêncio.

Se bem que, segundo a tradição, cada um dos estudantes ocupasse a mesa os lugares vazios, naquela noite, o padre Sebastian ocupara-se da disposição dos hóspedes e dos funcionários. À sua esquerda, ficaria o arcediogo Crampton, seguido por Emma e pelo padre Martin. À sua direita, ficariam o inspetor Dalglish, o padre Peregrine e, por fim, Clive Stannard. George Gregory raramente jantava no instituto, mas naquela noite resolvera estar presente, e fora-lhe atribuído um lugar entre Stannard e Stephen Morby. Emma esperava ver o inspetor Yarwood, mas este não descera para o jantar e ninguém formulara qualquer comentário sobre a sua ausência. O padre John também não estava presente. Três dos quatro estudantes que haviam ficado no instituto tinham-se postado atrás das cadeiras que lhes estavam reservadas e, tal como os outros comensais, aguardavam a ação de graças.

Foi então que Raphael entrou, abotoando as pressas a batina.

Murmurou um pedido de desculpas e, abrindo um livro que trazia na mão, tomou o seu lugar no púlpito. O padre Sebastian proferiu a ação de graças, em latim, a que se seguiu um arrastar de cadeiras quando todos os convivas ocuparam os seus lugares.

Sentando-se ao lado do arcediogo, Emma apercebeu-se da sua proximidade física e parecia-lhe que o sentimento era recíproco. Sabia, por instinto, que o arcediogo era um homem e como tal era sensível ao sexo oposto, com uma forte mas reprimida sexualidade. Era tão alto como o padre Sebastian, mas com um corpo mais atlético, de ombros e pescoço largos e semblante carregado, mas nem por isso menos atraente. Os seus cabelos e barba eram negros, salpicados, aqui e ali, por fios grisalhos. Tinha olhos encovados e sobrelanceiras tão bem desenhadas que podia pensar-se que as depilava. Eram justamente aquelas sobrelanceiras que conferiam um toque discordante de feminilidade à sua grave expressão masculina. O padre Sebastian havia-o apresentado a Emma quando tinham entrado na sala de jantar, O arcediogo pegara-lhe na mão com uma força que não demonstrava afabilidade e fitara-a com uma expressão de espanto, como se Emma fosse para ele um enigma que lhe competia decifrar antes que o jantar terminasse.

A entrada fora já servida. Era constituída por berinjelas e pimentões assados e regados com azeite. O som quase abafado do chocar de talheres fez-se ouvir quando os convivas começaram a jantar. Como se aguardasse por aquele sinal, Raphael iniciou então a sua leitura. Antes de começar, anunciou, como se estivesse a preparar-se para dar uma lição de religião:

Vou ler o primeiro capítulo de As Torres de Barchester, de Anthony Trollope.

Era uma obra que Emma, grande apreciadora de romances vitorianos, conhecia, mas estranhou aquela escolha de Raphael. Os ordinandos, por vezes, liam trechos de romances, mas, em regra, escolhiam apenas determinada passagem. Raphael lia bem e Emma deu consigo a comer com uma indolência quase exagerada, enquanto a sua mente se deixava transportar pelo cenário e pela história. Dava idéia de que Santo Anselmo era o lugar mais apropriado para se ler Trollope. Por baixo do telhado abobadado e imponente do instituto onde se encontrava, era-lhe fácil imaginar o quarto do bispo, no Palácio de Barchester, e o arcediogo Grantly, de vigília ao leito de morte de seu pai, ciente de que se ele vivesse até à

queda do governo e esperava-se que isso acontecesse, a qualquer momento, nunca poderia aspirar a suceder-lhe como bispo. Era uma passagem poderosa, com aquele filho orgulhoso e ambicioso a ajoelhar-se e a rezar, pedindo perdão a Deus por haver pecado, ao desejar a morte do próprio pai.

O vento levantara-se desde o entardecer. Agora, fustigava a mansão, em grandes rajadas, que mais pareciam explosões. Sempre que o vento atingia a mansão com uma rajada ululante, Raphael fazia uma pausa na sua leitura, como se fosse um professor que aguardava que os seus indisciplinados alunos se calassem. Nos momentos de acalma, retomava a leitura e a sua voz ecoava, parecendo estranhamente nítida e potente.

Emma apercebeu-se de que a figura sombria, sentada a seu lado, se imobilizara. Olhando de relance para as mãos do arcediogo, viu que apertavam, com força, o garfo e a faca. Peter Buckhurst circulava silenciosamente em torno da mesa, com a garrafa de vinho, mas o arcediogo pegou no copo com tal ímpeto que Emma teve a certeza de que iria parti-lo. A mão do arcediogo pareceu-lhe tornar-se maior e quase monstruosa, com os pêlos dos dedos eriçados, mas Emma sabia que aquilo só podia ser fruto da sua fértil imaginação. No entanto, apercebera-se de que o inspetor Dalglish, sentado à sua frente, erguera por breves momentos o olhar fitando atônito o arcediogo. Emma tinha a certeza de que a forte tensão que o seu companheiro de mesa lhe transmitia não passava despercebida aos restantes convivas, mas apenas o inspetor Dalglish parecia havê-lo notado. Gregory comia, em silêncio, mas com evidente satisfação. Mal erguera o olhar até Raphael começar a sua leitura. Mesmo assim, olhava, de quando em vez, para o ordinando, com uma expressão admirada e até mesmo algo divertida.

A voz de Raphael prosseguiu enquanto Mrs. Pilbeam e Peter Buckhurst levantavam os pratos. Logo de seguida, foi servido o prato principal: cassoulet, com batatas cozidas, cenouras e feijões. O arcediogo tentou recompor-se, mas mal tocou na comida. Após todos os convivas haverem terminado de comer o prato principal a que se seguiriam fruta ou queijo com torradinhas, Raphael fechou o livro, dirigiu-se ao aparador para tirar o seu prato aquecido e ocupou o seu lugar numa das extremidades da mesa. Emma olhou para o padre Sebastian. A expressão do seu rosto alterara-se e fitava Raphael, que evitava propositadamente retribuir aquele olhar.

Ninguém parecia disposto a quebrar o silêncio, até que o arcediogo, fazendo um esforço, se voltou para Emma e encetou uma conversa empolada acerca do relacionamento dela com o instituto. Quando se licenciara? Que disciplina ensinava? Achava os estudantes, em geral, receptivos? Qual era a sua opinião pessoal sobre o ensino da língua inglesa e da poesia religiosa, inserido num programa de estudos teológicos? Emma percebia que o arcediogo queria pô-la à vontade, ou, pelo menos, tentar manter um diálogo interessante com ela, mas sentiu-se como que submetida a um interrogatório, com a desconfortável sensação de que, dado o silêncio que reinava à mesa, tanto as perguntas do arcediogo como as suas respostas soavam em tom estranhamente alto. Não conseguia evitar olhar de relance para Adam Dalglish, sentado à direita do reitor; parecia ter muito que conversar com o seu anfitrião, mas, com certeza, não devia estar a falar da morte do Ronald. De tempos a tempos, Emma sentia que o olhar de Dalglish se fixava nela. Os seus olhares cruzaram-se por breves segundos e Emma desviou o rosto rapidamente, para logo de seguida, irritada consigo

própria por aquele momento de embaraço injustificado, se virar para o seu companheiro de mesa, disposta a suportar a curiosidade do arcediogo.

Por fim, passaram à sala de estar, para o café, mas a mudança de ambiente em nada contribuiu para animar a conversa, que se tornou uma troca irregular de trivialidades, e, muito antes da hora das completas, o grupo desfez-se. Emma foi uma das primeiras a sair. Apesar da tempestade, precisava apanhar ar fresco e de fazer algum exercício antes de se deitar. Naquela noite, iria faltar às completas. Era a primeira vez que sentia uma necessidade premente de sair da mansão. Porém, quando abriu a porta que dava para o claustro sul, o vento atingiu-a com a força de uma pancada. Dentro de pouco tempo, nem conseguiria manter-se de pé. Não era uma noite para um passeio solitário até ao promontório, que se tornara, de repente, hostil. Perguntou a si própria o que estaria a fazer Adam Dalgliesh. Provavelmente, pensara ser cortês da sua parte assistir às completas. Para ela, seria o serão de trabalho como sempre e, depois, iria para a cama mais cedo. E avançou pelo claustro sul, mal iluminado, em direção ao quarto de Santo Ambrósio e à solidão.

23

Eram nove horas e vinte e nove minutos. Raphael, o último a entrar na sacristia, deparou com o padre Sebastian, sozinho, a tirar a batina antes de envergar os trajes para as completas. Raphael pousara a mão na maçaneta da porta que conduzia à igreja quando o padre Sebastian o deteve.

Escolheu aquele capítulo do Trollope de propósito para aborrecer o arcediogo?

É um capítulo que aprecio particularmente, padre. Aquele homem orgulhoso e ambicioso, ajoelhado junto do leito de morte do pai, confrontado com a secreta esperança de que o bispo morra a tempo. É um dos capítulos mais impressionantes que o Trollope escreveu. Pensei que todos gostariam de ouvi-lo.

Não lhe pedi uma crítica literária da obra do Trollope e não respondeu à minha pergunta. Escolheu aquele capítulo para deixar o arcediogo constrangido?

Sim, padre replicou Raphael, com toda a calma.

E fê-lo, provavelmente, em virtude do que ouviu da boca do inspetor Yarwood, antes do jantar.

Ele estava desfeito. O arcediogo conseguiu entrar, mais ou menos à força, no quarto do Roger e confrontou-se com ele. Na sua angústia, o Roger confidenciou-me uma coisa mas, mais tarde, disse-me que devia esquecer-me do que ouvira.

E a sua maneira de esquecer o que ouviu foi escolher, de propósito, o capítulo de um romance que não só iria perturbar um dos nossos hóspedes, como iria trair o fato de o inspetor Yarwood haver desabafado consigo.

Aquele capítulo, padre, só poderá ser ofensivo para o arcediogo se o que o Roger me revelou for verdade.

Compreendo. Mesmo assim, você resolveu armar-se em Hamlet. Semeou a desconfiança e desobedeceu às instruções que lhe dei sobre como se devia comportar com o arcediogo, enquanto ele aqui estivesse hospedado. Preciso ter uma conversa consigo, Raphael. Sou obrigado a refletir seriamente sobre se posso recomendá-lo para a ordenação. Terá de ponderar se sente ou não vocação para ser padre

Era a primeira vez que o padre Sebastian dava voz à dúvida que, ele mal se atrevia a admitir, mesmo em pensamento. Forçou-se a fitar Raphael, olhos nos olhos, enquanto esperava por uma resposta.

Mas será que nos resta qualquer alternativa, padre, tanto para o senhor como para mim? replicou Raphael serenamente.

O que surpreendeu o padre Sebastian não foi a resposta, mas o tom com que havia sido pronunciada. Detectara na voz de Raphael o que lhe vira igualmente no olhar. Não era provocação, nem um desafio à sua autoridade, nem mesmo o seu usual tom de irônico desprendimento; era, antes, a expressão de um sentimento muito mais perturbador e doloroso: o vestígio de uma triste resignação que constituía, ao mesmo tempo, um pedido de ajuda. Sem acrescentar mais nada, o padre Sebastian acabou de se arranjar. Depois, esperou que Raphael lhe abrisse a porta da sacristia e seguiu atrás do rapaz em direção à igreja, iluminada apenas por velas.²⁴

Dalgliesh era o único membro da congregação a assistir às completas. Escolhera um lugar a meio da nave lateral direita. Henry Bloxlan, trajando uma sobrepeliz branca, acendeu duas velas no altar e uma fileira de outras, envoltas em quebra-luzes de vidro, ao longo dos bancos do coro. Henry colocara o ferrolho da grande porta sul, antes da chegada de Dalgliesh, que, sentado no seu lugar, contava ouvir, atrás de si, o ranger da porta a abrir-se. Contudo, nem Emma nem nenhum dos outros hóspedes ou funcionários apareceram. A igreja estava quase imersa na escuridão e, sentado, entregou-se a uma calma concentração, em que o tumulto da tempestade lhe parecia tão distante que fazia agora parte de uma outra realidade. Por fim, Henry acendeu a luz que iluminava o altar, e o quadro de Van der Weyden manchou de cor o ambiente obscuro. Henry ajoelhou-se em frente ao altar e regressou à sacristia. Dois minutos depois, os quatro padres residentes entraram, seguidos pelos ordinandos e pelo arcediogo. Aquelas figuras, envergando sobrepelizes brancas, avançaram em silêncio, ocuparam os seus lugares com dignidade e a voz do padre Sebastian quebrou o silêncio com a primeira oração.

Que Deus Todo-Poderoso nos conceda uma noite sossegada e um fim perfeito. Amem.

Durante o serviço eram entoados vários cânticos, com a perfeição que advinha da prática e do hábito. Dalgliesh ora se levantava, ora se ajoelhava, conforme o caso, e participava nas orações porque não queria passar por um simples voyeur. Esquecera-se por completo do Ronald Treeves e da sua morte. Ali, não era o oficial da Polícia, porque nada mais se lhe pedia a não ser que trouxesse consigo a aquiescência do seu coração.

Depois da coleta final e antes da bênção, o arcediogo levantou-se para pregar a homilia. Decidiu postar-se em frente da grade do altar, em vez de avançar até ao púlpito. Dalglish pensou que era indiferente, uma vez que iria pregar para uma congregação de uma só pessoa e, com certeza, para a pessoa a quem tinha menos interesse em dirigir-se. A homilia foi breve, com uma duração de menos de seis minutos. Porém, revelou-se poderosa, se bem que proferida com serenidade, como se o arcediogo tivesse consciência de que as palavras menos agradáveis ganham maior intensidade quando proferidas em voz baixa. Ali ficou aquele homem moreno, de barba, lembrando um profeta do Velho Testamento, enquanto que a sua audiência, sentada, com as suas sobrepelizes e os olhos postados no chão, fazia lembrar um conjunto de estátuas de pedra.

O tema da homilia era o apostolado cristão no mundo moderno e constituiu um ataque a tudo o que Santo Anselmo representava havia cem anos e ao que o padre Sebastian mais prezava. A mensagem nem sequer era ambígua. A Igreja nunca poderia sobreviver para responder às necessidades de um novo século, incrivelmente violento e perturbado, a menos que regressasse aos princípios fundamentais da fé. O apostolado moderno não era uma questão de indulgência, por meio de uma linguagem, arcaica embora bela, em que as palavras freqüentemente obscureciam e não realçavam a realidade da fé. Havia a tentação de se valorizar a inteligência e a realização intelectual de tal forma que a teologia se havia tornado um exercício filosófico para justificar o cepticismo. Igualmente sedutora era a exagerada ênfase dada às cerimônias, às vestimentas e aos procedimentos, uma obsessão acompanhada de uma excelência musical competitiva, que, freqüentemente, transformava a missa num espetáculo. A Igreja não era uma organização social no seio da qual a classe média podia apaziguar a sua ânsia pela beleza, pela ordem, pela nostalgia ou pela ilusão da espiritualidade. Apenas com um regresso à verdade do evangelho podia esperar-se que a Igreja fosse ao encontro das necessidades do mundo moderno. Finda a homilia, o arcediogo regressou ao seu lugar, e os ordinandos e os padres ajoelharam-se, enquanto o padre Sebastian dava a última bênção. Depois da pequena procissão sair da igreja, Henry voltou atrás para apagar as velas e a luz do altar. Em seguida, avançou até à porta sul, para desejar cortesmente as boas noites a Dalglis e para trancar a porta atrás de si. À exceção daquelas duas palavras, os dois homens nada mais disseram um ao outro.

Quando ouviu o raspar do ferro na porta, Dalglish sentiu que estava a ser prematuramente excluído de algo que nunca havia compreendido totalmente nem aceitado, mas que, agora, se fechava definitivamente para ele. Protegido pelo claustro da força violenta da ventania, transpôs os poucos metros que separavam a porta da igreja do seu quarto.

LIVRO DOIS

A Morte de Um Arcediago

01

O arcediago não se demorou após as completas. Juntamente com o padre Sebastian, tirou as vestes, em silêncio, na sacristia, e despediu-se com um ríspido "boa noite", antes de sair para o claustro varrido pelo vento.

O átrio era agora um turbilhão de som e de fúria. As primeiras chuvas haviam cessado, mas o vento de sudoeste ganhando força remoinhava a volta do castanheiro, silvando por entre as folhas mais altas, vergando os grandes ramos, que voltavam a erguer-se para logo depois se vergarem de novo, numa majestosa e lenta dança fúnebre. Os galhos mais frágeis e os rebentos estalavam e tombavam nas lajes. O claustro sul ainda se mantinha limpo, mas as folhas mortas, rolando no átrio, formavam já uma pilha úmida junto da porta da sacristia e do muro do claustro norte.

Antes de entrar na mansão, o arcediago passou os sapatos pelo tapete, para se livrar das esqueléticas folhas que se tinham colado às solas, e atravessou o vestiário em direção ao vestíbulo. Apesar da tempestade violenta, a casa estava estranhamente silenciosa.

Perguntou a si próprio se os quatro padres ainda estariam na igreja ou na sacristia, talvez em reunião, para exprimir a sua indignação pela homilia que ele havia pregado. Os ordinandos deviam ter recolhido aos seus quartos. Havia qualquer coisa de invulgar e de quase sinistro naquela atmosfera serena e algo pungente.

Ainda não eram dez e meia da noite. O arcediago sentia-se agitado e sem vontade de se deitar tão cedo, mas o passeio que desejara subitamente fazer parecia-lhe impraticável e até perigoso, na escuridão da noite e sob a fúria do vento. Sabia que era costume, em Santo Anselmo, guardar silêncio após as completas e, muito embora não nutrisse grande simpatia por aquela tradição, não desejava que alguém o visse desrespeitá-la. Tinha idéia de que havia um televisor na sala de estar destinada aos estudantes, mas os programas, aos sábados, nunca eram do seu agrado e sentia certa relutância em perturbar aquela aparente calma. Contudo, talvez pudesse encontrar um livro, ali, e ninguém se oporia, se ele resolvesse ver o último noticiário da noite. Quando abriu a porta da sala, percebeu que havia lá alguém. O rapaz que lhe havia sido apresentado, durante o almoço, como sendo Clive Stannard, via um filme e, voltando-se, ao ouvir a porta abrir-se, pareceu ofendido com aquela súbita intrusão. O arcediago hesitou por breves instantes. Por fim desejou boas-noites ao rapaz e saiu, passando pela porta que ficava ao lado dos degraus que conduziam à adega e atravessou o átrio, em direção ao quarto de Santo Agostinho.

Às dez horas e quarenta minutos, estava já em pijama e roupão e pronto para se deitar. Lera um capítulo do Evangelho segundo São Marcos e dissera as suas orações habituais, mas, naquela noite, nada mais havia sido do que um exercício de rotina da sua devoção. Conhecia as palavras das Sagradas Escrituras de cor e recitara-as, em silêncio, devagar e com atenção redobrada, como se pudesse extrair, de cada uma, algum significado que lhe tivesse escapado até então. Tirou o roupão, certificou-se de que a janela estava bem fechada e enfiou-se na cama.

Quando alguém tem que fazer, consegue reprimir as recordações que lhe vêm ao espírito. Deitado, entre lençóis espessos e ásperos, enquanto o vento uivava lá fora, teve consciência de que não iria adormecer tão cedo. O dia pesado e atarefado estimulara-lhe a mente. Talvez devesse ter lutado contra o vento e dado o seu passeio. Lembrou-se, então, da homilia que proferira, com mais satisfação do que arrependimento. Preparara-a cuidadosamente e dissera-a em voz baixa, mas com veemência e autoridade. Aquelas coisas tinham de ser ditas e fora o que ele fizera. E, com a sua homilia, havia deixado o padre Sebastian Morell ainda mais zangado; se o aborrecimento e a antipatia o haviam tornado seu inimigo, já nada havia a fazer. Não que o arcediogo gostasse de cultivar a impopularidade; era importante, para ele, dar-se bem com as pessoas que respeitava. Sempre havia sido ambicioso e tinha plena consciência de que não se ganhava a mitra de bispo suscitando antagonismos contra um sector importante da Igreja, mesmo que a sua influência fosse agora menos poderosa do que o fora anos antes. Sebastian Morell já não era tão influente como julgava. Naquela batalha, o arcediogo Crampton tinha a certeza de estar do lado do vencedor. No entanto, havia ainda outras batalhas, relativas a princípios, que deviam ser travadas se a Igreja Anglicana quisesse sobreviver e preparar-se para o novo milênio. O encerramento de Santo Anselmo podia ser um conflito menor, naquela guerra, mas sentir-se-ia satisfeito por o ganhar.

Que havia, então, em Santo Anselmo, que tanto o perturbava!

Porque tinha a impressão de que ali, naquela costa deserta, a espiritualidade tinha de ser vivida com maior intensidade do que em outro local? Porque sentia que o seu passado estava em julgamento? Santo Anselmo nem sequer tinha uma longa tradição de devoção. A igreja era medieval, e nela quase se ouvia, por entre o silêncio, o eco de séculos de cânticos, muito embora nunca o houvesse sensibilizado. Para ele, uma igreja só tinha uma função: devia ser um edifício destinado ao culto, e não um local de culto, em si. Santo Anselmo não passava da criação de uma solteirona vitoriana com muito dinheiro, pouca sensatez e uma predileção por alvas de renda e padres solteiros. Provavelmente, aquela mulher devia ser meio louca. Era perfeitamente ridículo que a sua influência perniciosa ainda regesse um instituto de Teologia do século XXI.

O arcediogo Crampton mexeu as pernas vigorosamente, tentando libertar-se dos lençóis, demasiado esticados, que o apertavam. De repente, desejou que Muriel estivesse ali, com ele, para que pudesse encontrar, nos seus braços, o esquecimento momentâneo do sexo. Mas mesmo que, em pensamento, estendesse os braços para a mulher, surgia sempre, entre eles, com tanta frequência como no leito marital, a memória daquele outro corpo, dos braços tão finos e delicados como os de uma criança, dos seios pontiagudos e da boca carnuda, explorando o seu corpo. "Gostas disto? E disto?"

Aquele amor havia sido um erro desde o princípio; fora mal aconselhado e tão previsivelmente desastroso que, passados tantos anos Crampton ainda se perguntava como se deixara iludir. A relação parecera ser tirada do excerto de um romance cor-de-rosa de quinta categoria. Começara inclusivamente num dos cenários prediletos da ficção romântica: um cruzeiro pelo Mediterrâneo. Um amigo de Crampton, que fora convidado a dar uma palestra numa viagem a locais arqueológicos e históricos da Itália e da Ásia, adoecera, à última hora, e sugerira que o seu amigo o substituísse. Se os organizadores do cruzeiro tivessem tido tempo e encontrassem um candidato mais qualificado, talvez nunca o chamassem, mas, para sua surpresa, tinham-lhe telefonado. Felizmente, não havia académicos de renome entre os passageiros e, depois de uma preparação preliminar cuidadosa e de consultar os melhores roteiros, conseguira fazer a palestra.

Bárbara encontrava-se a bordo, numa viagem de estudos, com a mãe e o padrasto. Era a mais nova de todos os passageiros e Crampton não fora o único homem que se encantara com ela. Parecera-lhe mais uma criança do que uma rapariga de dezenove anos, nascida fora do seu tempo. Os cabelos pretos, curtos, com uma franja comprida sobre os olhos de um azul intenso, o rosto em forma de coração e os lábios pequenos mas carnudos, o corpo infantil e elegante, realçado pelos vestidos muito curtos que usava, conferia-lhe o ar de uma mulher dos anos vinte. Os passageiros mais velhos, que haviam vivido nos anos trinta e tinham uma vaga memória da década anterior, tão frenética, suspiravam, levados pela nostalgia, e murmuravam que Bárbara lhes fazia lembrar a atriz Claudete Colbert, quando era nova. Mas, para Crampton, aquela era uma imagem falsa. Bárbara não tinha a sofisticação das estrelas de cinema, mas, antes, a alegria, inocência e vulnerabilidade de uma criança, que o haviam levado a interpretar o seu desejo sexual como uma vontade de a acarinhar e proteger. Não quisera acreditar na sua sorte quando ela o distinguira com os seus favores e, mais tarde, se enamorara dele com dedicação e até de forma um tanto possessiva. Passados três meses, estavam casados. Ele tinha trinta e nove anos, ela acabara de fazer vinte.

Educada numa sucessão de escolas onde a religião era o multiculturalismo e a ortodoxia liberal, Bárbara nada sabia sobre a Igreja Anglicana, mas mostrava-se ávida de informação e de maior instrução. Só mais tarde ele se dera conta de que a relação professor-aluna, tinha para Bárbara uma forte carga erótica. Gostava de ser dominada e não apenas fisicamente. Todavia, os seus entusiasmos eram de pouca dura, incluindo o que manifestara pelo casamento. A igreja onde Crampton era vigário na altura havia vendido o grande vicariato vitoriano e construído uma vivenda moderna, de dois andares, mas sem qualquer mérito arquitetónico, e não era a casa em que Bárbara esperava viver.

Extravagante, caprichosa, teimosa, Bárbara era, como ele depressa percebera, a antítese da esposa que convinha a um clérigo ambicioso da Igreja Anglicana. Até mesmo o sexo se revestira de uma grande ansiedade. Bárbara mostrava-se mais exigente quando ele já estava exausto ou nas raras ocasiões em que tinham convidados que pernoitavam na casa. Crampton tomava consciência de como as paredes da casa eram finas quando Bárbara passava de murmúrios a gemidos de prazer, gritando que queria mais e mais. Na manhã seguinte, durante o pequeno-almoço, ela aparecia em camisa de dormir, aberta de forma

provocante, ensonada e triunfante, enquanto erguia os braços para o marido, fazendo com que as alças da camisa de dormir deslizassem.

Porque casara com ele? Para se sentir em segurança? Para se livrar da mãe e do padrasto que detestava? Para que alguém a mimasse, cuidasse dela e lhe fizesse todas as vontades? Para se saber amada. Crampton depressa começara a recear as súbitas mudanças de humor e os intempestivos ataques de fúria da mulher. Esforçara-se por mantê-los ao abrigo do conhecimento da paróquia mas os boatos depressa haviam começado. Lembrava-se, em particular, com um sentimento de vergonha, da visita de um dos seus paroquianos, que era médico de profissão. "Como bem sabe, a sua esposa não é minha paciente, e longe de mim querer interferir na vossa vida, mas ela não está bem. Penso que devia procurar apoio profissional." Contudo, quando havia sugerido a Bárbara que talvez ela devesse consultar um psiquiatra ou até um médico de clínica geral ela acusara-o, soluçando, de querer mandá-la internar para se ver livre dela.

Lá fora, o vento, que por breves momentos abrandara, levantou-se de novo, num crescendo ululante. Em geral, o arceidiago gostava de escutar a fúria do vento, no aconchego da sua cama; agora, contudo, aquele quarto pequeno e simples parecia-lhe uma prisão. Desde que Bárbara morrera, pedira perdão a Deus por haver casado com ela, por a haver desiludido, tanto no amor como na compreensão, mas nunca havia pedido perdão por desejar vê-la morta. Agora, deitado naquela cama estreita, via-se confrontado com o seu passado. Não era por um ato de sua livre vontade que os ferrolhos da masmorra escura para onde ele remetera o seu casamento se abriam. Não escolhera as visões que lhe vinham à mente. O encontro, tão penoso para ele, com Yarwood e aquele lugar haviam-se aliado para que não lhe restasse qualquer alternativa senão recordar o passado.

Entre o sonho e o pesadelo, imaginou-se numa sala de interrogatórios, moderna, funcional, indistinta. Só depois se deu conta de que era a sala de estar do seu antigo vicariato. Estava sentado num sofá, entre Dalglish e Yarwood. Não o tinham algemado, por enquanto, mas sabia que já havia sido julgado e considerado culpado, porque os dois polícias tinham todas as provas de que precisavam. Era um filme, rodado em segredo, cujas imagens eram de má qualidade. De tempos a tempos, Dalglish dizia "Pare aqui" e, quando Yarwood premia um botão, a imagem imobilizava-se e eles analisavam-na, num silêncio acusador. Todas as suas pequenas transgressões e indelicadezas, bem como o seu fiasco amoroso, passavam-lhe à frente dos olhos. E, agora, chegara o momento de ver a última bobina, por entre as trevas.

Já não estava sentado no sofá, entalado entre os seus dois acusadores. Passara para a tela, a fim de reviver cada gesto, cada palavra, cada emoção, como da primeira vez. Era o fim de tarde de um dia cinzento, em meados de Outubro. Uma chuva fina caía continuamente nos últimos dois dias. Crampton regressava a casa, depois de duas horas de visitas aos doentes e aos que não podiam sair de casa. Como sempre, esforçara-se por ir ao encontro das necessidades previsíveis de cada um dos seus paroquianos. Mrs. Oliver, cega, gostava que ele lhe lesse uma passagem das Escrituras e rezasse com ela; o velho Sam Possinger, que a cada visita gostava de travar, mais uma vez, a batalha de Alamein; Mrs. Poley, presa ao seu andarilho, ansiava por saber o último boato que corria na paróquia; Cari Lomas, que nunca estivera em St. Botolph, mas gostava de conversar sobre teologia e sobre as falhas da Igreja Anglicana; Mrs. Poley que, com a sua ajuda, ia até à cozinha e fazia chá, tirando da lata o

bolo de gengibre que havia feito para ele. Quando da sua primeira visita, Crampton caíra na asneira de elogiar os seus dotes de doceira e, agora, estava condenado a comer uma fatia, todas as semanas, por não ter coragem de lhe dizer que sempre detestara bolo de gengibre. Mas o chá, forte e a ferver, era sempre bem-vindo e poupava-lhe o incomodo de o fazer quando regressasse a casa.

Estacionou o seu Vauxhall Cavalier na rua e atravessou o carreiro de cimento que cortava ao meio a relva úmida, ainda não aparada, onde pétalas de rosas caídas começavam a desfazer-se na zona do jardim dianteiro. O silêncio era total no interior da casa e, como já era costume, entrou com alguma apreensão. Bárbara mostrara-se mal-humorada e agitada ao pequeno-almoço. Aquela sua agitação, bem como o fato de não se haver dado ao trabalho de mudar de roupa, era sempre mau sinal. Durante o almoço uma sopa de pacote seguida de uma salada, ainda em roupão, empurrara o seu prato, explicando que se sentia muito cansada para comer e que ia deitar-se e tentar dormir um pouco durante a parte da tarde.

Acrescentara ainda, com alguma petulância: "É melhor ires visitar os teus velhos paroquianos. Afinal, é tudo o que te interessa. Não me incomodes, quando voltares. Não quero que me fales deles. Não quero ouvir seja o que for."

Ele nada dissera, mas, dividido entre a raiva e a piedade, vira-a subir lentamente a escada, com o cinto de seda do seu roupão a roçar pelos degraus e a cabeça pendendo para frente, como se agonizasse, no seu desespero.

Agora, de regresso a casa, com viva apreensão, fechou a porta atrás de si. Bárbara ainda estaria na cama ou esperara que ele saísse, para se vestir e fazer uma das suas destrutivas e humilhantes voltas pela paróquia? Ele tinha de saber. Subiu as escadas sem fazer barulho, por não querer acordá-la, se estivesse a dormir.

A porta do quarto encontrava-se fechada e fez girar a maçaneta devagar. O quarto estava mergulhado em semiobscuridade, com as cortinas corridas, quase por completo, ao longo da janela que dava para o retângulo de relva endurecida, com os dois canteiros triangulares que formavam o jardim e, mais atrás, as fileiras de casas idênticas àquela. Avançou em direção à cama e, assim que os seus olhos se adaptaram àquela escuridão, viu-a com toda a clareza. Estava deitada sobre o lado direito, com a mão colocada por baixo da face e o braço esquerdo sobre o cobertor. Debruçando-se, ouviu a sua respiração pesada e lenta, detectou o cheiro a álcool no seu hálito e um odor desagradável, mais forte, que identificou como o de vomitado. Na mesa-de-cabeceira, havia uma garrafa de Cabernet Sauvignon e, ao lado, caído, e com a tampa mais à frente, um frasco grande, vazio, que havia contido comprimidos solúveis de aspirina.

Crampton pensou que ela adormecera por estar bêbeda e que queria ficar deitada, sem que ninguém a incomodasse. Pegou, instintivamente, na garrafa de vinho e preparava-se para calcular quanto ela havia bebido quando uma voz o aconselhou a pousar imediatamente a garrafa. Reparando num lenço que saía de debaixo da almofada, pegou-lhe para limpar a garrafa e só depois o colocou novamente sob a almofada. Tinha a impressão de que agia contra a sua vontade e sem qualquer lógica. Saiu do quarto, fechou a porta e desceu a

escada. Mais uma vez, pensou: "Ela adormeceu porque está bêbada e não quer que ninguém a incomode." Meia hora mais tarde, dirigiu-se ao escritório, preparou, com toda a calma, os documentos que deveria levar para a reunião do Conselho Paroquiano, marcada para as seis da tarde, e saiu de casa.

Não tinha qualquer imagem mental da reunião do Conselho Paroquiano, mas lembrava-se de ter regressado a casa, de carro, com Melvyn Hopkins, um dos seus conselheiros. Tinha prometido a Melvyn que o deixaria ver o último relatório da comissão da Igreja sobre a responsabilidade social e sugerira-lhe que o acompanhasse ao vicariato. A partir dali, a seqüência de imagens tornava-se mais clara. Pedindo desculpa por Bárbara não estar presente e explicando a Melvyn que ela se encontrava doente, subira, mais uma vez, ao quarto, abriu de novo a porta, com todo o cuidado e vira na penumbra, a figura imóvel, a garrafa de vinho e o frasco de aspirinas. Aproximara-se da cama. A respiração pesada cessara. Colocando uma mão na face de Bárbara, sentiu que estava fria. Percebeu imediatamente que estava morta. Então, vieram-lhe à memória palavras que lera ou ouvira, não sabia bem como, mas que, agora, eram aterrorizadoras pela insinuação que continham. "É sempre aconselhável termos alguém conosco, quando descobrimos o corpo de um morto."

Não conseguiu reviver o funeral ou a cremação, porque não se lembrava. Em seu lugar, havia apenas um emaranhado de rostos compadecidos, preocupados ou, até, angustiados, saindo da escuridão, grotescos e distorcidos, para fitá-lo melhor. E, no meio daqueles rostos, surgiu aquele que ele mais temia. Estava sentado novamente no sofá, mas, desta vez, com o sargento Yarwood e um rapaz de uniforme, que não devia ser mais velho do que um dos meninos do seu coro, e que, sentado, se mantivera em silêncio durante o interrogatório.

E, quando voltou para casa, depois de visitar os seus paroquianos, pouco depois das cinco da tarde, conforme afirmou, o que fez ao certo?

Já disse, sargento. Subi ao quarto para ver se a minha mulher ainda estava dormindo.

Quando abriu a porta, o candeeiro da mesa-de-cabeceira encontrava-se aceso?

Não. As cortinas tinham sido corridas quase na totalidade e o quarto estava imerso numa semiobscuridade.

Aproximou-se do corpo?

Já lhe disse, sargento. Espreitei pela porta, vi que a minha mulher ainda estava deitada e pensei que dormia.

A que horas se foi ela deitar?

À hora do almoço. Penso que devia ser meio-dia e meia. Disse-me que não tinha fome e que ia tentar dormir um pouco.

Não estranhou que ela ainda dormisse, passadas cinco horas!

Não. Ela dissera-me que estava cansada. Além do mais, a minha mulher costumava dormir à tarde.

Não lhe ocorreu que ela pudesse estar doente? Não lhe passou pela cabeça subir ao quarto e certificar-se de que a sua mulher estava bem? Não se apercebeu de que ela talvez precisasse urgentemente de assistência médica?

Estou farto de lhe dizer que pensei que ela estava a dormir.

Viu a garrafa de vinho e o frasco de aspirinas na mesa-de-cabeceira?

Vi a garrafa de vinho e deduzi que a minha mulher tinha estado a beber.

Sabe se ela levou a garrafa de vinho para o quarto quando se foi deitar?

Não, não a levou quando se foi deitar. Deve ter descido para vir buscá-la, depois de eu sair.

E levou-a para o quarto, para se deitar com a garrafa?

Penso que sim, até porque não havia mais ninguém em casa, Não restam dúvidas de que foi ela que levou a garrafa para o quarto. Como poderia ter ido parar à mesa-de-cabeceira? É exatamente essa a questão. É que, sabe, não havia impressões digitais na garrafa. Tem alguma explicação para isso?

Claro que não. Só posso deduzir que ela limpou a garrafa. Havia um lenço debaixo da almofada.

Quer dizer que o senhor conseguiu ver o lenço, mas não viu o frasco caído na mesa-de-cabeceira?

Naquela altura, não vi nada. Só reparei no lenço, mais tarde, quando encontrei a minha mulher morta.

E as perguntas continuavam. Yarwood regressava, de tempos a tempos, certas vezes, acompanhado pelo jovem agente uniformizado e, noutras, sozinho. Crampton acabara por temer o toque da campainha da porta e mal se atrevia a espreitar pela janela, com medo de avistar a figura, de casaco cinzento, a aproximar-se pelo carreiro com passos decididos. As perguntas eram sempre as mesmas e as suas respostas iam-se tornando menos convincentes, até mesmo aos seus ouvidos. E a perseguição continuara, após o veredicto, previsível, de suicídio. Bárbara fora cremada, havia já algumas semanas. Nada sobrava dela, a não ser alguns ossos calcinados e uma mão-cheia de cinzas enterradas num canto do adro da igreja, mas Yarwood prosseguia com o seu interrogatório.

Nunca Nêmesis fora personificada por alguém com aspecto tão andrajoso. Yarwood mais parecia um caixeiro-viajante, persistente nas suas perguntas, imune à rejeição, transportando com ele o cheiro acre do fracasso. Era magro, com a altura mínima requerida

para ingressar na Polícia, com uma pele estragada e uma testa alta e ossuda e olhos escuros e impenetráveis. Raras eram as vezes que olhava diretamente para Crampton durante os seus interrogatórios. Fitava, ao invés, o vazio, como se comunicasse intimamente com um seu superior. O seu tom de voz era monótono, e o silêncio a que se remetia entre cada pergunta estava carregado de uma ameaça que parecia abranger muito mais do que a sua vítima. Raramente avisava que tencionava visitar Crampton, dando a impressão de que sabia quando este se encontrava em casa. Aguardava, com aparente paciência, que lhe abrissem a porta e entrava com toda a discrição. Nunca havia qualquer conversa preliminar; apenas as mesmas perguntas insistentes.

Diria que o seu casamento era feliz?

Aquela impertinência emudecera Crampton. Só depois, refeito do choque inicial, dera consigo a responder, num tom de voz tão ríspido que mal o reconhecia:

Deduzo que, para a Polícia, todos os relacionamentos, incluindo os mais sagrados, podem ser classificados. Devia elaborar um questionário adequado ao casamento, porque nos pouparia muito tempo. "Assinale, com uma cruz, na casa apropriada, a sua resposta: Muito feliz. Feliz. Razoavelmente feliz. Um tanto infeliz. Infeliz. Muito infeliz. Mortífero."

Por fim, Crampton apresentara queixa ao chefe da Polícia e as visitas de Yarwood haviam cessado. Seria informado mais tarde, que se reconhecia que, após o inquérito o sargento Yarwood abusara da sua autoridade em particular, quando ia à casa de Crampton, sozinho, para interrogá-lo, quando não tinha autorização para tal. Aquele homem manteve-se na memória de Crampton como uma figura sombria e acusadora. O tempo, a nova paróquia, a sua promoção a arcediogo, o segundo casamento nada conseguira apaziguar a feroz raiva que o consumia sempre que pensava em Yarwood.

E agora, ele voltara a aparecer. Crampton não se lembrava exatamente do que tinham dito um ao outro. Apenas sabia que o seu rancor e azedume haviam extravasado, numa torrente de vitupérios exaltados.

Desde que Bárbara morrera, Crampton rezara, primeiro, regularmente, depois, de tempos a tempos, pedindo perdão pelos pecados que havia cometido contra ela: a sua impaciência, intolerância, falta de amor e incapacidade para a compreender ou lhe perdoar. No entanto, recusava-se a tomar consciência do seu pecado maior, ao desejar a morte de Bárbara. E recebera a absolvição do seu pecadilho de negligência, pela voz do médico assistente de Bárbara, quando se haviam encontrado pouco antes do inquérito.

Sinto um peso na consciência confessara Crampton. Se me tivesse dado conta, quando regresssei a casa, de que a Bárbara não estava a dormir... que caíra em coma... e tivesse chamado uma ambulância, isso teria feito alguma diferença?

Recebera a resposta que o absolvera:

Com tudo o que ela ingeriu, não teria feito diferença alguma.

Mas que havia em Santo Anselmo que o obrigava a confrontar-se com todas as suas mentiras? Soubera que Bárbara corria risco de vida e desejara a sua morte. Aos olhos do seu Deus, era, por certo, tão culpado de homicídio como se houvesse sido ele a dissolver aquelas aspirinas e as tivesse enfiado, à força, pela garganta de Bárbara abaixo ou como se lhe tivesse levado aos lábios um copo de vinho. Como podia ele continuar a exercer o sacerdócio, pregando o perdão dos pecados, quando ninguém sabia que ele pecara? Como conseguira falar à pequena congregação, poucas horas antes, com aquela sombra a macular-lhe a alma?

Estendendo a mão, acendeu o candeeiro da mesa-de-cabeceira. A luz que inundou o quarto era mais brilhante do que a suave luminosidade de quando ele lera uma passagem das Escrituras. Saiu da cama e ajoelhou-se, cobrindo o rosto com as mãos. Não precisou procurar as palavras certas; vinham-lhe à mente, com naturalidade, trazendo com elas a promessa de perdão e de paz. "Que Deus tenha piedade deste pecador".

Foi quando estava a rezar, de joelhos, que o seu celular, pousado sobre a mesa-de-cabeceira, quebrou o silêncio com um toque de chamada.. Era um som tão inesperado, tão discordante, que, durante alguns segundos, o arcediago não conseguiu identificá-lo. Por fim, levantou-se com dificuldade e estendeu a mão para atender.

Pouco antes das cinco e meia da manhã, o padre Martin acordou com um grito de terror. Sobressaltado, sentou-se na cama, hirto como uma estátua, fitando com olhos esbugalhados a escuridão. Gotas de suor corriam-lhe pela testa e picavam-lhe os olhos. Enxugando-as, sentiu que a sua pele, esticada e fria, parecia a de um cadáver. A pouco e pouco, enquanto o horror do pesadelo cessava, o quarto retomou a sua dimensão. Formas pardas, mais imaginadas do que vistas, emergiram da escuridão e tornaram-se familiares: uma cadeira, a cómoda, a cabeceira da cama, o contorno de um quadro. As cortinas das quatro janelas circulares estavam corridas, mas podia ver, a leste, um fio tênue de luar que, mesmo na mais sombria das noites, pairava sobre o mar. Deu-se conta, então, da tempestade. O vento tornara-se forte ao longo da noite e, quando o padre Martin se deitara, uivava à volta da torre, como um espectro do mal. Agora, contudo, a acalmia momentânea era mais ameaçadora do que bem-vinda, e, imóvel na sua cama, escutou o silêncio, mas não detectou passos na escada nem vozes.

Quando começara a ter pesadelos, dois anos antes, pedira que lhe dessem aquele pequeno quarto circular, na torre sul, explicando que apreciava a vista sobre o mar e a costa e que procurava o silêncio e a solidão. Tinha já alguma dificuldade em subir a escada mas, ao menos, esperava que ninguém ouvisse os seus gritos. No entanto, o padre Sebastian adivinhara a verdade. O padre Martin lembrava-se da breve conversa que haviam tido, certo domingo, após a missa. O padre Sebastian dissera:

Dorme bem?

Razoavelmente.

Se tem pesadelos, existe maneira de solucionar o problema. Não me refiro a psiquiatras, no sentido geral, mas diz-se que, por vezes, falar do passado com pessoas que suportaram a mesma experiência ajuda a ultrapassar os pesadelos.

Aquela conversa surpreendera o padre Martin. O padre Sebastian nunca escondera o seu cepticismo quanto aos psiquiatras, afirmando que se sentiria mais inclinado a respeitá-los se pudessem explicar a base médica ou filosófica da sua disciplina ou conseguissem definir-lhe a diferença entre a mente e o cérebro. Era sempre surpreendente verificar que o padre Sebastian sabia tudo sobre o que se passava em Santo Anselmo. Quanto ao padre Martin, não acolhera de bom grado aquela abordagem e pusera ponto final na conversa. Sabia que não era o único sobrevivente de um campo de prisioneiros japoneses, atormentado na sua velhice pelos horrores que um cérebro jovem conseguira esquecer. Não tinha a menor intenção de se sentar num círculo para falar das suas experiências com os outros, se bem que tivesse lido que alguns antigos prisioneiros haviam encontrado ajuda naquele tipo de terapia. Mas, no seu caso, tinha de lidar consigo próprio. O vento levantara-se e os gemidos ritmados tinham dado lugar a uivos e, mais tarde, a guinchos de crescente intensidade, mais numa manifestação do mal do que da força da natureza. Saiu da cama, calçou as pantufas e, caminhando com dificuldade, abriu a janela virada a leste. A rajada fria pareceu-lhe uma aragem benéfica, tirando da sua boca e narinas o cheiro fétido da selva, abafando, na sua cacofonia selvagem, os gemidos e gritos demasiado humanos e purificando a sua mente das imagens mais horríveis.

O pesadelo era sempre o mesmo. Rupert tinha sido levado de volta para o campo, na noite anterior, e agora os prisioneiros alinhavam-se para assistir à sua decapitação. Depois das torturas que lhe haviam sido infligidas, o rapaz mal conseguiu andar até ao local da execução, onde caiu, de joelhos, quase aliviado. Num derradeiro esforço, ergueu a cabeça antes que a lâmina do sabre caísse. Durante dois segundos, a cabeça manteve-se presa ao corpo mas, logo de seguida, rolou lentamente e a grande torrente vermelha jorrou, como uma última celebração à vida. Era aquela imagem que, noite após noite, o padre Martin tinha de suportar. Quando acordava, sentia-se angustiado pelas mesmas dúvidas. Por que razão Rupert tentara fugir, quando sabia que era puro suicídio! Porque não falara a ninguém do seu objetivo? Pior ainda, por que razão ele, Martin, não avançara, em sinal de protesto, antes que a lâmina tombasse? Porque nem sequer tentara tirar, mal grado o seu estado debilitado, o sabre das mãos do guarda, preferindo morrer com o seu amigo? O amor, partilhado mas nunca consumado, que sentira por Rupert fora o único da sua vida. Tudo o resto havia sido apenas o exercício da benevolência ou a prática da afabilidade. Apesar dos momentos de contentamento e de outros, mais raros, de alegria espiritual, o padre Martin carregava o peso daquela traição. Não tinha o direito de estar vivo, mas havia um lugar onde sabia que podia encontrar a paz e resolveu dirigir-se para lá.

Pegou no molho de chaves que deixara sobre a mesa-de-cabeceira, vestiu o casaco de malha velho, com cotoveleiras de cabedal, que usava no Inverno, cobriu-se com o capote, abriu a porta do quarto e desceu a escada.

Não precisava de lanterna; uma luz de presença ficava acesa em cada patamar e a escada de caracol, um contínuo entrave à sua deficiência, era bem iluminada, através de lâmpadas incrustadas nas paredes. A tempestade abrandara. O silêncio na mansão era absoluto, e o gemido abafado do vento realçava uma calma interior, mais portentosa do que a simples

ausência de ruídos. Era difícil imaginar que, por trás das portas dos quartos, havia pessoas a dormir, que aquele silêncio fora, alguma vez, perturbado pelo eco de passos apressados e de vozes masculinas, ou que a pesada porta da frente não estivera trancada durante várias gerações.

No vestíbulo, uma única lâmpada vermelha, colocada aos pés da Virgem e do Menino, iluminava o rosto sorridente da mãe e coloria de rosa os braços roliços e estendidos do Menino Jesus. A madeira parecia haver-se transformado em carne humana. Tomando cuidado para que os seus passos não ecoassem, o padre Martin atravessou o vestíbulo em direção ao vestiário. A fileira de capotes castanhos era a primeira prova de que aquela mansão estava ocupada; contudo, naquele momento sinistro, parecia mais um conjunto de relíquias esquecidas por uma geração há muito desaparecida. Ouvia claramente o vento, agora, e, quando destrancou a porta que se abria para o claustro norte, notou que se intensificara de novo, com fúria renovada.

Para sua surpresa, a luz que se achava por cima da porta estava apagada, bem como as luzes que corriam ao longo das paredes do claustro. Mas, quando apertou o interruptor, acenderam-se e pôde ver que o chão de pedra estava coberto de folhas. Mesmo quando fechou a porta atrás de si, uma nova rajada de vento agitou o grande castanheiro. Um turbilhão de folhas esvoaçou à sua volta como um bando de pássaros de plumagem castanha que quisessem bicar-lhe gentilmente o rosto para, logo de seguida, pousarem nos seus ombros.

O padre Martin dirigiu-se para a porta da sacristia, onde teve alguma dificuldade em identificar as duas chaves de que precisava. Entrou, apertou o interruptor ao lado da porta, digitou o código para silenciar o toque insistente do sistema de alarme e avançou até à nave central da igreja. O interruptor que acendia as luzes do teto da nave ficava à sua direita, e estendeu a mão para o acionar. Foi então que se apercebeu, com alguma surpresa mas sem qualquer angústia, que o foco de luz que iluminava O Juízo Final estava aceso, e que o seu reflexo banhava a extremidade oeste da igreja. Resolvendo não acender as luzes do teto, avançou, seguindo ao longo do muro norte.

Aproximando-se ao Juízo Final, estacou, petrificado com o horror que se estendia a seus pés. O sangue não desaparecera. Estava ali, naquele lugar aonde ele viera procurar paz, tão vermelho como no seu pesadelo. Não jorrava, mas espalhava-se, em poças e estreitos regatos pelas pedras do chão. Aquela torrente deixara de correr mas, quando a fitou, pareceu estremecer e tornar-se viscosa. O pesadelo não havia cessado. Ainda estava encurralado num lugar de horror, a que não pudera escapar quando acordara. Ou o peso do seu passado era tanto que acabara por enlouquecê-lo. Fechou os olhos e murmurou:

Meu Deus, ajuda-me.

Por fim, o consciente sobrepôs-se ao choque e, abrindo os olhos, forçou-se a fitar novamente o que julgara ser um pesadelo.

Os seus sentidos, incapazes de apreenderem toda a cena, registraram-na lentamente, pormenor por pormenor. O crânio esmagado; os óculos do arcediogo, caídos um pouco

mais ao longe, mas intactos, os dois castiçais de ferro, colocados ao lado do cadáver, como num ato de desdém e de sacrilégio; as mãos do arcediogo abertas, parecendo querer agarrar-se às pedras, mas mostrando-se mais brancas e delicadas do que em vida; o roupão cor de púrpura, de cetim, agora empapado em sangue. Por fim, o padre Martin ergueu o olhar para O Juízo Final. O diabo que dançava, no centro do quadro, usava agora óculos, bigode e barba curta, e o seu braço direito fora alongado num gesto de vulgar desafio. Por baixo do quadro, havia uma pequena lata de tinta preta e, a seu lado, a tampa onde estava pousado um pincel.

O padre Martin avançou, cambaleando, e ajoelhou-se ao lado da cabeça do arcediogo. Tentou rezar mas as palavras não lhe vinham à mente. De repente, sentia necessidade de ver outros seres humanos, de ouvir passos, de sentir o conforto de uma companhia. Sem pensar no que fazia, dirigiu-se para a zona oeste da igreja e puxou, com força, a corda do sino. O seu badalar, tão suave como de costume, pareceu-lhe ecoar com uma força aterradora.

Depois, avançou até à porta sul e, com mãos tremulas, conseguiu tirar os ferrolhos pesados. O vento entrou, trazendo consigo folhas mortas. Deixou a porta entreaberta e, já com passo mais firme, voltou para junto do corpo. Tinha de dizer certas palavras e finalmente encontrou forças para as pronunciar.

Ainda estava de joelhos, com a ponta do capote estendendo-se no sangue, quando ouviu passos e, de seguida, uma voz feminina. Emma ajoelhou-se a seu lado e colocou os braços à volta dos seus ombros. O padre Martin sentiu o cabelo dela acariciar-lhe o rosto e a sua pele delicadamente perfumada, que lhe tirou da mente o odor agri-doce do sangue. Se bem que tremesse, a voz de Emma era calma.

É melhor sairmos daqui, padre. Está tudo bem. Mas não estava tudo bem, e nada seria como dantes.

Tentou fitá-la, mas não conseguiu erguer a cabeça; apenas os seus lábios se moveram, num sussurro:

Meu Deus, o que foi que fizemos? O que foi que fizemos? Sentiu, então, que Emma o abraçava, levada pelo medo. Atrás deles, a grande porta sul rangeu ao abrir-se.

Dalglish, geralmente, não tinha dificuldade em adormecer, mesmo que não fosse na sua cama. Anos de trabalho como detetive haviam tornado o seu corpo imune ao desconforto de uma variedade de sofás e, desde que tivesse um candeeiro ou uma lanterna à mão, para o breve período de leitura que lhe era necessário para encontrar o sono, a sua mente livrava-se dos afazeres do dia com a mesma facilidade que o seu corpo cansado. Contudo, naquela noite, era diferente. O quarto convidava ao sono, a cama era confortável sem ser demasiado mole, o candeeiro da mesa-de-cabeceira encontrava-se à altura certa para a sua leitura e a roupa de cama mostrava-se adequada ao clima. Pegou num exemplar da tradução de Seamus Heaney de Beowulf e leu as primeiras cinco páginas, com persistência, como se fosse um ritual noturno que lhe havia sido prescrito e não algo que lhe dava prazer. No

entanto, a poesia depressa se apoderou dele e leu calmamente até às onze horas da noite. Depois, apagou a luz e acomodou-se na cama, contando adormecer dali a pouco.

Só que o sono teimava em não vir; aguardou por aquele momento, tão ansiado, em que a mente se liberta do peso da consciência e mergulha, sem medo, na sua morte diária. Talvez fosse a fúria do vento que o mantinha acordado. Normalmente, gostava de adormecer, escutando, aninhado na cama, a tempestade, mas dir-se-ia que aquela era diferente. Havia momentos em que o vento abrandava, breves períodos de paz total, antecipando os lamentos ululantes que depressa pareciam transformar-se num coro de demônios em fúria. Durante aqueles crescendos, escutava o gemer do castanheiro e imaginava os seus galhos a partir-se, o seu tronco a oscilar, primeiro, com relutância e, depois, a agitar-se numa dança macabra, que levava os ramos mais altos a roçar na janela do seu quarto. E podia também ouvir o mar com o som surdo da ondulação, em acompanhamento vibrante àquela sinfonia tumultuosa. Parecia impossível que um ser vivo conseguisse resistir ao duplo assalto do vento e das águas turbulentas.

Durante um período de acalmia, Dalgliesh acendeu a luz e consultou o relógio. Ficou espantado ao ver que eram cinco horas e trinta e cinco minutos da manhã. Devia ter adormecido ou, pelo menos, dormitado durante mais de seis horas. Começava a pensar que a tempestade finalmente cessara quando os gemidos recomeçaram, em novo crescendo. Quando se lhe sucedeu outro período de acalmia, Dalgliesh captou um som diferente. Era um som que lhe era familiar, desde criança, e que reconheceu imediatamente: o repicar de um sino. Era um único toque, nítido e harmonioso. Ainda perguntou a si próprio, por instantes, se aquele som não lhe ficara nos ouvidos, depois de haver sonhado, mas a realidade impôs-se. Estava perfeitamente acordado e sabia o que acabara de ouvir. Pôs-se à escuta mas o repicar do sino não se repetiu.

Agiu prontamente. Tinha o hábito, desde há muito, de nunca se deitar sem deixar, ao alcance da mão, o que lhe pudesse ser necessário numa emergência. Vestiu o roupão, calçou os sapatos e pegou na lanterna de bolso, suficientemente pesada para servir de arma, que deixara em cima da mesa-de-cabeceira.

Saiu do quarto, guiando-se apenas pela luz da sua lanterna, abriu a porta da frente e avançou para o claustro, enfrentando uma rajada de vento e um remoinho de folhas que parecia voar em torno da sua cabeça, como um bando de pássaros assustados. As luzes de presença, alinhadas ao longo das paredes dos claustros norte e sul, chegavam apenas para traçar o contorno dos pilares e projetar um sinistro fulgor no chão de pedra. A imponente mansão estava mergulhada na escuridão e apenas se via uma luz acesa, ao lado, no quarto de Santo Ambrósio, onde Emma estava alojada. Passando em frente da janela sem sequer parar para chamá-la, Dalgliesh, de súbito, sentiu medo. Um feixe de luminosidade indicava que a grande porta sul da igreja estava entreaberta. As suas dobradiças rangeram quando a empurrou para entrar, antes de voltar a fechá-la atrás de si.

Por segundos, não mais, deteve-se, horrorizado com a cena que se lhe deparava. Não havia qualquer obstáculo entre ele e O Juízo Final e podia vê-lo, emoldurado por dois pilares de pedra, tão vibrante e iluminado que as cores desmaiadas pareciam ganhar um colorido novo, jamais imaginado. O choque da desfiguração, a negro, do quadro em nada se comparava com o horror que se via a seus pés. O corpo do arcediago jazia, à frente do

quadro, como se estivesse prostrado, num ato de extrema adoração. Dois pesados castiçais de ferro mantinham-se, cerimoniosamente, de cada lado da sua cabeça. A poça de sangue era de um vermelho tão luxuriante que mais parecia sobrenatural. Até mesmo os dois vultos lhe pareciam irreais; o padre, de cabelos brancos, com o seu capote, ajoelhado e quase agarrado ao morto, e a rapariga, agachada ao seu lado, com um braço em torno dos ombros dele. Desorientado, Dalgliesh ainda pensou que os pequenos demônios negros do quadro tinham saído da tela e dançavam, agora, em volta da cabeça de Emma.

Voltara-se para trás, ao ouvir a porta abrir-se. Levantou-se e correu para Dalgliesh.

Ainda bem que veio.

Agarrou-se a Dalgliesh, que soube, quando a segurou nos braços e sentiu o seu corpo trêmulo, que não passara de um gesto instintivo de alívio.

Libertando-se dos seus braços, disse: É o padre Martin. Não consigo fazê-lo mexer-se.

O padre Martin estendera o braço sobre o corpo do arcediogo e apoiara a outra mão na poça de sangue. Baixando a lanterna, Dalgliesh pousou a mão no ombro do velho padre.

Sou eu o Adam, padre. Pode ir agora. Estou aqui. Está tudo bem.

Mas claro que não estava tudo bem. No mesmo instante em que pronunciou aquelas palavras anódinas, percebeu quanto eram falsas.

O padre Martin não se mexeu, e o seu ombro parecia tão rígido como o do cadáver. Num tom de voz mais alto, Dalgliesh insistiu:

Agora, tem de vir comigo, padre. Já nada podemos fazer aqui.

Desta vez, como se aquelas palavras o tivessem finalmente atingido, o padre Martin deixou que o ajudassem a levantar-se. Olhou para a mão ensangüentada, com uma espécie de espanto infantil, e depois a limpou ao capote. "Só vai complicar a investigação", pensou Dalgliesh. Muito embora sentisse compaixão por aquelas duas pessoas, tinha, agora, outras preocupações mais urgentes: a obrigação de manter a cena do crime com todos os seus indícios e de se certificar de que aquela forma de homicídio seria mantida em segredo. Se a porta sul estivera trancada, como de costume, o assassino devia ter entrado pela sacristia, depois de passar pelo claustro norte. Com a ajuda de Emma, Dalgliesh conduziu o padre Martin para a fila de bancos que se achava mais próxima da porta.

Ajudou-o a sentar-se e disse a Emma:

Espere aqui, durante alguns minutos. Não demoro. Vou trancar a porta sul e sair pela porta da sacristia, que também fecharei à chave. Não deixe ninguém entrar.

Virou-se, então, para o padre Martin:

Consegue ouvir-me?

O padre Martin ergueu o olhar pela primeira vez e fitou Dalglish. O sofrimento estampado no seu rosto excedia tudo o que Dalglish podia imaginar.

Sim, sim. Eu estou bem. Peço-lhe que me desculpe, Adam. Portei-me mal, mas agora já estou bem.

Mal grado o que dizia, o padre Martin ainda se encontrava sob o efeito do choque, mas, ao menos, parecia capaz de compreender o que se lhe dizia.

Tenho de pedir-vos mais uma coisa prosseguiu Dalglish. Lamento se vos parecer insensível, ou se não for a altura mais propícia, mas é importante. Não digam a ninguém o que viram aqui. A ninguém. Compreenderam?

Os dois murmuraram a sua anuência, e depois o padre Martin repetiu, num tom de voz mais claro:

Compreendemos.

Dalglish, então, afastou-se, mas Emma deteve-o:

Ele já foi embora, não foi? Não está escondido algures na igreja, não é verdade?

Não me parece que esteja, mas vou verificar.

Dalglish não queria acender mais luzes. Aparentemente, só ele e Emma haviam acordado com o repicar do sino. A última coisa que ele queria era que a cena do crime fosse visitada por mais pessoas. De lanterna na mão, trancou, primeiro, a porta sul e, depois, procedeu a um exame, rápido mas metódico, da igreja, a fim de tranquilizar Emma, porque a sua experiência havia-lhe feito compreender, quase de imediato, que aquela morte não era recente. Abriu as portas que davam para os dois camarotes, fez incidir o foco de luz sobre os bancos e depois, ajoelhando-se, espreitou. Foi então que descobriu algo. Alguém havia ocupado o segundo banco, porque uma parte do assento estava livre de poeira. Dalglish não tinha dúvidas de que alguém se havia escondido ali.

Concluída a sua inspeção rápida, regressou para junto de Emma e do padre Martin, que continuavam sentados, e anunciou:

Está tudo em ordem. Só estamos nós. Padre, a porta da sacristia está fechada?

Sim. Fechei-a, depois de entrar.

Pode dar-me as chaves, por favor?

O padre Martin vasculhou no bolso do capote e entregou-lhe um molho de chaves.

Não me demoro. Vou trancar a porta, depois de sair. Vão ficar bem até ao meu regresso?

Não me parece que o padre Martin deva permanecer aqui por muito mais tempo objetou Emma.

Nem vai ser necessário, assegurou-lhe Dalglish. Precisava apenas de alguns minutos para ir buscar Roger Yarwood. Fosse qual fosse a autoridade que iria encarregar-se da investigação, Dalglish precisava de ajuda. Havia ainda uma questão protocolar. Yarwood era oficial da Polícia de Suffolk. Antes que o chefe da Polícia nomeasse o oficial responsável pelo caso, Yarwood podia encarregar-se temporariamente da investigação.

Dalglish sentiu-se aliviado por encontrar um lenço no bolso do seu roupão e serviu-se dele para se certificar de que não deixava as suas impressões digitais na porta da sacristia. Depois de ligar novamente o alarme e de fechar a porta atrás de si, caminhou por entre as folhas mortas que se apinhavam no chão do claustro norte e avançou apressadamente para a ala onde ficavam os quartos de hóspedes. Lembrava-se de que Roger Yarwood ocupava o quarto de São Gregório.

Não havia luzes acesas no quarto de São Gregório. Dalglish entrou, atravessou a pequena saleta, guiando-se pela luz da sua lanterna, e, ao chegar à escada, chamou Yarwood. Não obteve resposta. Subiu ao quarto e descobriu que a porta se encontrava aberta. Yarwood deitara-se, mas a cama estava vazia. Dalglish abriu a porta da casa de banho e verificou que também não havia ninguém ali. Acendeu a luz e inspecionou o roupeiro, onde faltavam o sobretudo e os sapatos, Yarwood devia ter saído e de nada lhe serviria tentar encontrá-lo, porque podia estar em qualquer parte, até mesmo no promontório, apesar da tempestade. Assim, Dalglish regressou à igreja. Emma e o padre Martin continuavam sentados no mesmo lugar onde os havia deixado.

Padre, porque não vai com a doutora Lavenham até ao quarto dela? Tenho a certeza de que pode fazer-lhe um chá. Julgo que o padre Sebastian vai querer falar com todos os residentes no instituto, mas, entretanto, talvez fosse melhor o senhor tentar descansar um pouco, no quarto da doutora Lavenham.

O padre Martin fitou-o, com o olhar espantado de uma criança.

Mas o padre Sebastian vai precisar de mim... protestou. Foi Emma que replicou:

Claro que vai, mas não é melhor esperarmos até que o inspetor Dalglish tenha falado com ele? Porque não vamos até ao meu quarto? Tenho lá tudo o que é preciso para fazer chá. A mim, vai cair muito bem.

O padre Martin acabou por anuir, com um aceno de cabeça, e levantou-se, mas Dalglish deteve-o.

Antes que saia, padre, temos de verificar se o cofre foi arrombado. Dirigiram-se à sacristia e Dalglish pediu-lhe o código da fechadura. Depois, cobrindo os dedos com o lenço para manter quaisquer impressões digitais que pudesse haver na maçaneta do cofre, fê-la girar

com cuidado e abriu a porta. No interior, por cima de uma pilha de documentos, havia uma pasta de couro. Tirou-a, colocou-a sobre a secretária e abriu-a, revelando, embrulhados em papel de seda, dois magníficos cálices, adornados com pedras preciosas, e uma patena de estilo pré-Reforma, doação da fundadora de Santo Anselmo.

Não falta nada, informou o padre Martin.

Dalgliesh voltou a guardar a pasta no cofre e fechou-o. O móbil do crime não havia sido o roubo, nem lhe passara pela cabeça, por um momento sequer, que o houvesse sido.

Esperou que Emma e o padre Martin saíssem pela porta sul, depois, trancou-a e, saindo pela sacristia, avançou pelo claustro norte, cujo pavimento estava agora totalmente coberto de folhas. A tempestade começara a abrandar e, muito embora o seu rasto de devastação se espalhasse à volta de Dalgliesh, sob a forma de galhos partidos e folhas caídas, as rajadas de vento eram menos intensas. Entrando pela porta do claustro norte, subiu os dois lanços de escada que conduziam ao quarto do reitor.

O padre Sebastian não tardou a abrir a porta. Vestia um roupão de lã, aos quadrados, e o seu cabelo, em desalinho, fazia-o parecer mais novo. Os dois homens entreolharam-se. Antes mesmo que abrisse a boca, Dalgliesh percebeu que o reitor sabia que palavras ele ia pronunciar. Eram ríspidas, mas não havia uma maneira fácil nem mais delicada de lhe dar a notícia.

O arcediago Crampton foi assassinado. O padre Martin encontrou-o na igreja, pouco depois das cinco e meia da manhã. O reitor levou a mão ao bolso e tirou o seu relógio.

Passam poucos minutos das seis replicou. Porque não me informaram antes?

O padre Martin tocou o sino da igreja para dar o alarme, e tanto eu como a doutora Lavenham acordamos com o toque. Ela chegou primeiro à cena do crime. Depois, houve alguns procedimentos que precisei cumprir. E, agora, tenho de telefonar a Polícia de Suffolk.

Mas não é um assunto para o inspetor Yarwood?

Devia ser, mas o Yarwood desapareceu. Posso servir-me do seu gabinete?

Claro. Vou só mudar de roupa e já vou ter consigo. Mais alguém sabe o que se passou?

Ainda não, padre.

Sendo assim, vou ter de lhes dar a notícia.

Fechou a porta e Dalgliesh dirigiu-se para o gabinete, situado no piso inferior.

Dalgliesh deixara na sua carteira o número de telefone de Suffolk de que precisava naquele momento, mas, depois de pensar durante alguns segundos, conseguiu lembrar-se do

número. Após identificar-se, indicaram-lhe o número direto do chefe da Polícia. A partir dali, tudo se tornou mais rápido e simples. Estava a lidar com homens habituados a acordar a meio da noite e prontos a agir. Elaborou um relato breve mas completo e não teve de repeti-lo.

Fez-se silêncio, do outro lado da linha, até que o chefe da Polícia replicou:

O desaparecimento do Yarwood constitui, em si, uma complicação. O Aired Treeves, outra, mas menos importante. No entanto, não vejo como podemos agir. Mas não podemos perder mais tempo. Os três primeiros dias são sempre vitais. Vou falar com o comandante. Vai querer que uma equipe parta em busca do Yarwood?

Por enquanto, ainda não. Pode ter ido dar um passeio. É possível até que já tenha regressado. Se não for esse o caso, então, pedirei aos estudantes daqui que o procurem, mal amanheça. Se houver novidades, entro em contacto consigo. Se o Yarwood não aparecer, então, aí sim, é melhor vocês encarregarem-se do caso.

Certo. Os seus superiores terão de dar a devida autorização, mas penso que é melhor partir do princípio de que vai ser você o oficial responsável pelo caso. Tratarei dos pormenores com a Polícia Metropolitana, mas deduzo que irá querer trabalhar com a sua equipe, não é verdade?

Seria mais simples. Após nova pausa, o chefe da Polícia prosseguiu:

Conheço os padres de Santo Anselmo. São boas pessoas. Apresente as minhas condolências ao padre Sebastian. Este caso vai prejudicá-los de muitas formas.

Passados cinco minutos, a Scotland Yard telefonava para informar Dalgliesh dos pormenores que tinham sido acertados. Dalgliesh ficaria encarregado do caso. Os detetives Kate Miskin e Piers Tarrant, juntamente com o sargento Robbins, já haviam partido de carro, e a equipe de apoio, um fotógrafo e três oficiais forenses, seguiriam em breve. Uma vez que Dalgliesh já se encontrava no local do crime, não fora considerado necessário recorrer a um helicóptero. A equipe viajaria, de comboio, até Ipswich, e a Polícia de Suffolk trataria de levá-los até ao instituto. O Dr Kynaston, o patologista com quem Dalgliesh costumava trabalhar, estava ocupado num outro caso. O patologista local encontrava-se de férias, em Nova Iorque, mas o seu substituto, o Dr Mark Ayling, estava de serviço e já se havia disponibilizado. Seria sensato recorrer aos seus serviços. Qualquer material que fosse recolhido para análise deveria ser enviado, quer para o laboratório de Huntingdon, quer para o de Lambeth, dependendo do volume de trabalho.

O padre Sebastian tivera a gentileza de aguardar na ante-sala, enquanto Dalgliesh procedia àqueles telefonemas. Quando se apercebeu de que as conversações finalmente pareciam terminadas, entrou e anunciou:

Agora, gostaria de ir até à igreja. O senhor tem as suas responsabilidades, mas eu também tenho as minhas.

Primeiro, é mais urgente organizar uma busca para se tentar encontrar o Roger Yarwood. Quem é o seu ordinando mais adequado para o ir procurar?

O Stephen Morby. Ele e o Pilbeam podem levar o Land Rover. Dito isto, pegou no telefone, discou um número e depressa obteve resposta.

Bom dia, Pilbeam. Está vestido? Importa-se de acordar Mister Morby e de vir com ele até ao meu gabinete, imediatamente?

A espera foi curta. Dalglish ouviu passos apressados, subindo a escada, uma pausa em frente da porta e, por fim, os dois homens entraram.

Dalglish ainda não conhecia Pilbeam. Era um homem forte, com mais de um metro e oitenta de altura, de rosto bronzeado e cabelo louro. Ao vê-lo, Dalglish teve a sensação de que aquele homem lhe era familiar. Só depois se deu conta de que Pilbeam era muito parecido com um ator secundário, de cujo nome não conseguia lembrar-se, mas que costumava aparecer freqüentemente em filmes de guerra, no papel do oficial, um pouco simplório mas muito dedicado, que, no final, invariavelmente, morria sem soltar um gemido, para maior glória do herói.

Manteve-se de pé, à espera. Parecia muito à vontade. A seu lado, Stephen Morby, de corpo franzino, tinha o aspecto de um miúdo. O padre Sebastian dirigiu-se a Pilbeam:

Mister Yarwood desapareceu. Receio que tenha ido vaguear, sem rumo, novamente.

Esteve uma noite muito má para passeios, padre.

Exatamente. Pode regressar a qualquer momento, mas não posso esperar mais. Quero que você e Mister Morby levem o Land Rover e o procurem. O seu celular está ligado?

Sim, padre.

Telefone-me imediatamente, se houver novidades. Se ele não estiver no promontório ou perto do pântano, não percam mais tempo a tentar encontrá-lo. Poderá ser um caso para a Polícia. Só mais uma coisa, Pilbeam...

Sim?

Quando você e Mister Morby regressarem, com ou sem Mister Yarwood, venham ter imediatamente comigo e não falem do assunto a ninguém. Isso também se aplica a si, Stephen. Compreendido?

Sim, padre. Aconteceu alguma coisa, não é verdade? Para além de Mister Yarwood ter desaparecido.

Explico-lhes melhor quando vocês tiverem regressado. Não é provável que possam fazer grande coisa até ao amanhecer, mas, mesmo assim, quero que iniciem as buscas

imediatamente. Levem lanternas, cobertores e uma garrafa de café. Pilbeam, vou dirigir-me a toda a comunidade, na biblioteca, às sete e meia. Diga à sua esposa que esteja presente.

Sim, padre.

Os dois homens saíram.

São ambos muito sensatos comentou então o padre Sebastian. Se o Yarwood estiver no promontório, vão encontrá-lo. Achei melhor deixar as explicações para quando eles regressarem.

Fez muito bem anuiu Dalglish.

Era óbvio que o autoritarismo natural do padre Sebastian se estava a adaptar rapidamente às circunstâncias trágicas. Para Dalglish, todavia, um suspeito com uma parte tão ativa na investigação era uma novidade que dispensava, porque a situação exigia a maior prudência.

O senhor tinha razão, inspetor. Encontrar o Yarwood é a nossa maior prioridade. Mas, agora, talvez eu já possa ir para onde devo estar, ou seja, para junto do arcediogo.

Primeiro, gostaria de lhe fazer algumas perguntas, padre Quantas chaves existem da porta da igreja e quem as tem?

É realmente necessário que as faça agora?

É, sim, padre. Como disse, o senhor tem as suas responsabilidades e eu tenho as minhas.

E as suas são mais importantes do que as minhas?

Por enquanto, são.

O padre Sebastian teve o cuidado de não deixar transparecer a sua impaciência quando respondeu.

Existem sete molhos de duas chaves, da porta da sacristia, uma de segurança, e uma Yale. A porta sul tranca-se apenas com o ferrolho. Cada um dos quatro padres residentes possui um molho, e os outros três estão no armário, na sala contígua ao gabinete de Miss Ramsey. Temos de manter a igreja fechada, por causa do valor do retábulo e dos ornamentos em prata, mas qualquer um dos nossos ordinandos pode requisitá-las, sempre que deseje, porque são eles que se ocupam da limpeza da igreja.

E quanto aos funcionários e aos hóspedes?

Apenas têm acesso à igreja quando se fazem acompanhar por alguém que possua um desses conjuntos, exceto nas horas dos serviços religiosos. Como temos quatro serviços religiosos por dia, a oração da manhã, a Eucaristia, as vésperas e as completas, não pode dizer-se que estejam propriamente impedidos de ir à igreja. Esta restrição não me agrada, mas é o preço

que pagamos por manter o quadro de Van der Weyden por cima do altar. O problema é que os nossos ordinandos nem sempre se lembram de reativar o alarme. Além dessas chaves, todos os funcionários e hóspedes possuem chaves do portão de ferro do átrio oeste, que conduz ao promontório.

E quem conhece o código do sistema de alarme?

Penso que toda a gente. Mantemos os nossos tesouros ao abrigo de intrusos, não dos nossos hóspedes e colaboradores.

Que chaves possuem os ordinandos, por exemplo?

Cada um tem duas chaves, uma do portão de ferro por onde costumam entrar e outra da porta do claustro norte ou do claustro sul conforme as alas em que se encontram alojados. Nenhum deles possui uma chave que lhes permita aceder à igreja.

As chaves do Ronald Treeves foram devolvidas, depois de ele morrer?

Sim. Estão numa gaveta da escrivaninha de Miss Ramsey, mas, como acabei de dizer, ele não tinha uma chave que lhe permitisse entrar na igreja. Bom, e agora, se me dá licença, gostaria de ir para junto do arcediogo.

Com certeza. De caminho, podemos verificar se os três molhos suplementares das chaves da igreja continuam no chaveiro.

O padre Sebastian nada disse. Quando passaram para o gabinete de Miss Ramsey, dirigiu-se a um armário estreito, situado à esquerda da lareira. Não estava trancado. No interior, havia duas fileiras de pregos onde se encontravam chaves com as respectivas etiquetas. Na primeira fila, três dos pregos indicavam: "IGREJA". Um estava vazio.

Consegue lembrar-se de quando foi que viu, pela última vez as chaves da igreja, padre? perguntou Dalglish.

O padre Sebastian pensou durante alguns segundos antes de responder.

Creio que foi ontem de manhã, antes da hora do almoço. Vieram entregar algumas latas de tinta para o Surtees, que vai pintar a sacristia. O Pilbeam veio até cá buscar um molho de chaves. Eu encontrava-me no meu gabinete quando ele assinou o registro e o veio devolver, cinco minutos mais tarde.

Dito isto, o padre Sebastian abriu a gaveta direita da escrivaninha de Miss Ramsey e tirou um livro.

Penso que foi ele o último a requisitar as chaves, ontem, mas pode verificar, se quiser. Como vê, teve-as em seu poder durante cinco minutos. Mas a última pessoa que terá visto as chaves deve ter sido o Henry Bloxham. Ficava de preparar a igreja para as completas, ontem à noite. Eu encontrava-me aqui quando ele veio requisitar o molho de chaves e no

meu gabinete quando o devolveu. Se tivesse dado pela falta de um molho, ter-nos-ia informado.

Quer dizer que o senhor pode afiançar que o Henry Bloxan devolveu realmente as chaves, padre?

Não. Eu estava no meu gabinete, mas a porta de comunicação encontrava-se aberta e o Henry desejou-me boas-noites. Não existe qualquer registro da sua requisição, porque os ordinandos que recolhem as chaves antes de um serviço religioso não são obrigados a assinar o livro. Bom, mas agora, inspetor, tenho de insistir. Posso ir até à igreja?

O silêncio ainda reinava na mansão. Passaram, em silêncio, pelo vestíbulo. O padre Sebastian dirigiu-se, então, para a porta que comunicava com o vestiário, mas Dalglish interveio.

Temos de evitar passar pelo claustro norte, tanto quanto for possível.

Nada mais disseram até alcançarem a porta da sacristia. O padre Sebastian começou a procurar a chave, remexendo nos bolsos.

Eu encarrego-me disso, padre ofereceu-se Dalglish. Destrancou a porta, entrou com o reitor, trancou novamente a porta, e, por fim, passaram para a igreja. Dalglish tinha deixado acesa a luz que iluminava diretamente O Juízo Final, e o horror que se estendia aos pés do quadro era, agora, mais visível. O padre Sebastian não vacilou ao avançar para o altar. Nada disse. Olhou, primeiro, para o quadro profanado e, só depois, para o seu adversário morto, então, benzeu-se e ajoelhou-se, concentrando-se numa oração silenciosa. Observando-o, Dalglish perguntou a si próprio que palavras o padre Sebastian encontraria para comunicar com o seu Deus. Não devia estar a rezar pela alma do arcediogo, porque seria um anátema, atendendo ao rígido protestantismo de Crampton.

Depois, imaginou quais seriam as palavras que acharia adequadas, se fosse ele que estivesse a rezar naquele momento. "Ajuda-me a resolver este caso, sem prejudicar os inocentes, e protege a minha equipe." A última vez que se lembrava de ter rezado com paixão e na crença de que a sua oração era válida, fora quando a sua mulher se achava já moribunda, mas Deus não ouvira os seus apelos ou, se os ouvira, não lhe respondera. Pensou na morte e no seu caráter definitivo e inevitável. O que o atraía, em parte, na sua profissão era a ilusão de que a morte constituía um mistério que podia ser solucionado e que, uma vez encontrada a solução, todos os problemas, dúvidas e receios podiam ser postos de parte como um trapo.

Então, percebeu que o padre Sebastian rezava, em voz alta, como se, tendo consciência da presença silenciosa de Dalglish, sentisse a necessidade de o levar a participar, mesmo que como ouvinte, no seu secreto exercício de expiação. Proferidas pelo tom de voz harmonioso do padre Sebastian, aquelas palavras, que Dalglish conhecia bem, eram mais uma afirmação do que uma prece, parecendo o eco dos seus próprios pensamentos; ouviu-as, como que pela primeira vez, sentindo um calafrio de medo.

”E tu, Senhor, que estabeleceste, no princípio, a fundação da terra; e os céus são a obra das Tuas mãos: perecerão, mas Tu permanecerás; todas as coisas se tornarão velhas como os trapos; mas, como uma vestimenta, dobrá-las-ás e transformar-se-ão; e Tu continuarás o mesmo porque os Teus anos serão eternos.”

Dalgliesh fez a barba, tomou a ducha e vestiu-se com a grande rapidez que lhe vinha de anos de prática. Por volta das sete horas e vinte e cinco minutos, juntava-se de novo ao reitor, no seu gabinete. O padre Sebastian consultou o relógio.

É chegado o momento de me dirigir à biblioteca. Direi algumas palavras, primeiro, e depois poderá prosseguir. Convém-lhe?

Perfeitamente.

Era a primeira vez, desde que havia chegado, que Dalgliesh entrava na biblioteca. O padre Sebastian acendeu várias luzes que iluminaram as prateleiras. De imediato vieram à memória de Dalgliesh os longos serões de Verão que ali passara, a ler, sob o olhar incansável dos bustos, alinhados no alto das prateleiras, dos últimos raios do pôr do Sol dourando as lombadas de couro e compondo feixes de cor sobre a madeira polida, das noites longas, quando a ondulação do mar parecia fortalecer-se com o lusco-fusco. Contudo, agora, o teto abobadado e alto perdia-se na escuridão, e as vidraças coloridas das janelas ogivais formavam um buraco negro, emoldurado a chumbo. Ao longo da parede norte, as prateleiras tinham sido dispostas em ângulos retos, formando pequenos cubículos, cada um com uma mesa e uma cadeira. O padre Sebastian dirigiu-se para o cubículo mais próximo, arrastou duas cadeiras e colocou-as no centro da sala.

Vamos precisar de quatro cadeiras. Três para as senhoras e uma para o Peter Buckhurst. Ainda não tem forças suficientes para ficar de pé, durante muito tempo, se bem que o meu comunicado seja breve. Não vale a pena arranjar uma cadeira para a irmã do padre John, porque é uma senhora já de idade avançada e que raramente sai do apartamento. Dalgliesh ajudou-o a carregar as duas últimas cadeiras, que o padre Sebastian colocou ao lado das outras. Logo de seguida, recuou como que para verificar se estavam bem alinhadas.

O som de passos ligeiros, ao longo do vestíbulo, fez-se ouvir, e os ordinandos, todos envergando a batina preta, entraram ao mesmo tempo, como se tivessem combinado fazê-lo, e postaram-se atrás das cadeiras, muito direitos, quase imóveis. Os seus rostos ainda estavam pálidos e tensos e tinham os olhos fixos no padre Sebastian. A tensão que haviam trazido para a biblioteca era quase palpável.

Menos de um minuto mais tarde, Mrs. Pilbeam e Emma apareceram. O padre Sebastian fez-lhes sinal para que se sentassem, e acomodaram-se, lado a lado, debruçando-se ligeiramente uma para a outra, como se um simples roçar de ombros pudesse reconfortá-las. Tendo consciência da importância da ocasião, Mrs. Pilbeam trocara a bata branca por um traje que parecia incongruentemente festivo. Optara por usar uma saia de lã verde e uma blusa azul-clara e adornara o seu pescoço com um camafeu. Emma estava muito pálida mas tivera o cuidado de mudar de roupa, como se tentasse impor a ordem e a normalidade na devastação causada pelo homicídio. Os seus sapatos castanhos, de saltos baixos, estavam

impecavelmente engraxados e usava calças de veludo, uma blusa creme que parecia acabada de passar a ferro, e um casaco de cabedal.

O padre Sebastian dirigiu-se a Buckhurst.

Não quer sentar-se, Peter?

Obrigado, padre, mas prefiro ficar de pé.

Pois eu preferia que se sentasse.

Sem mais demoras, Buckhurst sentou-se ao lado de Emma.

Os três padres entraram, logo de seguida. O padre John e o padre Peregrine postaram-se de cada lado do grupo constituído pelos ordinandos, enquanto que o padre Martin, julgando detectar um convite mudo, avançou e colocou-se ao lado do padre Sebastian.

Lamento imenso, mas a minha irmã ainda está a dormir anunciou o padre John, e não quis acordá-la. No entanto, se a sua presença for necessária, talvez possa vir mais tarde.

Claro que sim, murmurou Dalgliesh. Com o olhar posto em Emma, deu-se conta de que ela fitava o padre Martin com preocupação e muito afeto. Quase se levantara quando ele entrara. Não só era bela como inteligente e bondosa. Dalgliesh, então, sentiu uma súbita ternura, um sentimento que lhe era tão estranho como indesejável. "Meu Deus! Mais uma complicação, não! Nem agora, nem nunca", repreendeu-se mentalmente.

Os segundos transformaram-se em minutos antes que se ouvissem novos passos. A porta abriu-se e George Gregory entrou, logo seguido por Clive Stannard. Este último, ou se deixara dormir, ou não vira motivos para se incomodar, porque vestira um par de calças e um casaco de tweed por cima do pijama, cuja gola ultrapassava a do casaco e cujas calças roçavam nos sapatos. Em contraste com aquele desleixo, Gregory vestira-se com todo o cuidado, e a sua camisa e gravata mostravam-se imaculadas.

Lamento imenso se vos fiz esperar desculpou-se Gregory. Mas não gosto de me vestir sem tomar uma ducha primeiro.

Postou-se atrás de Emma, pousou a mão no espaldar da cadeira que ela ocupava, mas, depois, retirou-a, sentindo que aquele gesto não era apropriado. O seu olhar, fixo no padre Sebastian, revelava alguma desconfiança, mas Dalgliesh pensou também detectar uma certa curiosidade. Quanto a Stannard, parecia francamente assustado e tentava ocultá-lo com uma indiferença tão artificial como embaraçada.

Não é um pouco cedo para dramas? exclamou. Deduzo que aconteceu algo. Não é melhor ficarmos a sabê-lo já?

Ninguém lhe respondeu. A porta tornou a abrir-se. Eric Surtes envergava o seu macacão. Hesitou, à porta, e lançou um olhar intrigado a Dalgliesh, como se tivesse ficado

surpreendido por vê-lo ali. Karen Surtees, que mais parecia um papagaio, com uma camisola comprida encarnada por cima de calças verdes, tivera apenas tempo de passar batom nos lábios. Os seus olhos, desprovidos de maquiagem, pareciam realçar a sua visível sonolência. Depois de hesitar, sentou-se na única cadeira vaga, e o irmão postou-se atrás dela. Todas as pessoas convocadas estavam, agora, presentes. Dalglish deu consigo a pensar que mais pareciam um estranho grupo de convidados de um casamento, que posavam, com viva relutância, para um fotógrafo demasiado entusiasta.

Rezemos anunciou o padre Sebastian.

Aquela exortação era inesperada. Apenas os padres e os ordinandos reagiram instintivamente, baixando a cabeça e unindo as mãos. As senhoras não sabiam muito bem o que se esperava delas, mas, de pois de lançarem um olhar de relance ao padre Martin, levantaram-se. Emma e Mrs. Pilbeam baixaram a cabeça, enquanto Karen Surtees fitou Dalglish, com um cepticismo beligerante, como se o achasse responsável por aquele momento de vivo embaraço. Gregory, sorrindo manteve a cabeça bem direita, enquanto que Stannard, de sobrolho franzido, mudou de posição. O padre Sebastian pronunciou a primeira oração da manhã. Fez uma pausa e, depois, repetiu a oração que dissera nas completas, dez horas antes.

Senhor, rogamos-Te que visites este lugar e o libertes de todas as armadilhas do inimigo; que os Teus anjos permaneçam aqui e nos mantenham na santa paz; e que nos abençoes para todo o sempre por Nosso Senhor, Jesus Cristo. Amém.

O coro de "Améns" foi repetido timidamente pelas senhoras e com mais confiança, pelos ordinandos. O grupo, então, agitou-se. Era menos um movimento do que um suspiro generalizado.

Dalglish pensou: "Já sabem. Mas um deles sabe-o ha mais tempo do que os restantes." As senhoras voltaram a sentar-se. Todos os olhares estavam pousados no padre Sebastian, que, quando começou a falar, o fez com voz calma e quase inexpressiva.

A noite passada, uma terrível maldição abateu-se sobre a nossa comunidade. O arcediogo Crampton foi brutalmente assassinado na igreja. O seu corpo foi encontrado pelo padre Martin, às cinco e meia da manhã. O inspetor Dalglish, que se encontra aqui hospedado por outro assunto, vai continuar a ser nosso hóspede, mas agora na qualidade do oficial de polícia que investiga um homicídio. É nosso dever, bem como nosso desejo, prestar-lhe toda a assistência de que precisa, respondendo às suas perguntas honestamente e sem nada ocultar. Também não lhe faremos sentir que a sua presença é indesejável, quer por palavras, quer por gestos. Telefonei aos ordinandos que estiveram ausentes, durante o fim-de-semana, e adiei o seu regresso ao instituto por uma semana. Aqueles que se encontram aqui, de momento, devem tentar continuar com a sua vida e o seu trabalho no instituto, sem deixar de colaborar com a Polícia. Pus a Vivenda São Mateus à disposição de Mister Dalglish e será ali que os seus colaboradores trabalharão. A pedido de Mister Dalglish, a igreja e o acesso ao claustro norte ficarão vedados. A missa será celebrada no oratório, à hora do costume, bem como todos os outros serviços religiosos, até que a igreja seja reaberta. A morte do arcediogo é, agora, um assunto que diz apenas respeito à Polícia. Não

especulem nem conversem, entre vós, sobre esse assunto. Como devem calcular, não podemos ocultar o homicídio. A notícia espalhar-se-á inevitavelmente. Peço-vos que não telefonem a ninguém nem transmitam a terceiros o que se passou. Penso que poderemos contar, pelo menos, com um dia de sossego. Se houver qualquer coisa que vos preocupe, tanto o padre Martin como eu estamos aqui para vos ajudar. Fez uma pausa e, por fim, acrescentou: Como sempre. E, agora, passo a palavra a Mister Dalglish.

A sua audiência havia-o escutado quase em total silêncio. Apenas à menção da palavra "homicídio", fora quebrado. Dalglish ouvira alguém, que lhe parecera ser Mrs. Pilbeam, reprimir um grito. Raphael, lívido, estava tão hirto que Dalglish receou que o rapaz fosse desmaiar. Eric Surtees lançara um olhar aterrado à irmã, mas desviara-o rapidamente para fitar o padre Sebastian. Gregory franzira o sobrolho e mergulhara numa profunda concentração. Pairava, naquela atmosfera glacial, o peso do medo. À exceção do olhar que Surtees lançara à irmã, ninguém se entreolhara, talvez por todos terem medo do que poderiam ver, pensou Dalglish.

Admirado por verificar que o padre Sebastian não fizera qualquer alusão às ausências de Yarwood, Pilbeam e Stephen Morby, Dalglish sentia-se grato pela descrição do reitor. Decidiu ser breve. Sempre que investigava um homicídio, não tinha o hábito de pedir desculpa pelo incomodo que podia causar a todas as pessoas envolvidas, talvez por considerar que era o menor dos males provocados por um crime

Acordou-se que seja a Polícia Metropolitana a encarregar-se deste caso anunciou. Uma pequena equipe de polícias e especialistas chegará ao instituto ainda hoje. Como o padre Sebastian vos disse, a igreja ficará fechada, assim como o claustro norte e a porta que o liga à mansão. Ou eu ou um dos meus assistentes falaremos com cada um de vós, durante o dia de hoje. Contudo, ganharíamos tempo se estabelecêssemos certos fatos, desde já. Algum dos presentes saiu do seu quarto, ontem à noite, depois das completas? Alguém se aproximou ou entrou na igreja? Viram ou ouviram qualquer coisa ontem à noite, que possa ter qualquer relação com o crime?

Fez-se silêncio até que Henry o quebrou.

Eu saí para dar um passeio, ontem à noite, pouco depois das dez e meia. Dei cinco voltas aos claustros, para fazer algum exercício e, depois, regressi ao meu quarto. Estou alojado no quarto número dois do claustro sul. Não vi nem ouvi nada de estranho. O vento soprava com força, fazendo tombar muitas folhas no claustro norte. É tudo aquilo de que me lembro.

Foi você que acendeu as velas da igreja, antes das completas, abriu a porta sul da igreja, não é verdade? perguntou Dalglish. Onde foi buscar as chaves? Ao gabinete de Miss Ramsey?

Sim. Fui buscá-las, pouco antes do serviço, e, depois, guardei-as no mesmo sítio. Havia lá três molhos de chaves quando fui buscar um deles, e outros tantos quando voltei a colocar o que levava comigo no respectivo prego.

Vou perguntar mais uma vez: algum de vocês saiu do quarto depois das completas? retomou Dalglish.

Esperou por breves momentos mas, não obtendo qualquer resposta, prosseguiu:

Vou querer ver os sapatos e as roupas que usaram, ontem à noite. Mais tarde, também será necessário recolher as impressões digitais de todos aqueles que passaram o fim de semana em Santo Anselmo, a fim de se proceder a uma triagem. Penso que é tudo, por enquanto.

Silêncio, de novo.

Tenho uma pergunta a fazer-lhe, Mister Dalglish interveio Gregory. Parecem faltar três pessoas, entre elas um oficial da Polícia de Suffolk. Existe alguma relação especial entre essa situação e a investigação?

Por enquanto, não respondeu Dalglish.

Aquela quebra do silêncio pareceu estimular Stannard, que se lançou num discurso inflamado:

Posso perguntar porque é que o inspetor Dalglish parte do princípio de que este caso é aquilo a que a Polícia chama um "caso fechado"? Enquanto examinam as nossas roupas e nos tiram as impressões digitais, provavelmente, o culpado já estará à milhas daqui. Afinal, este local não oferece segurança alguma. Pela minha parte, não tenciono dormir aqui esta noite, sem ter uma fechadura na porta do meu quarto.

A sua preocupação é perfeitamente natural atalhou o padre Sebastian. Vou mandar colocar fechaduras mais seguras no seu quarto e nos dos outros hóspedes.

E quanto à minha pergunta? Porque se parte do princípio de que o assassino foi um de nós? insistiu Stannard.

Era a primeira vez que aquela hipótese era colocada de viva voz, e Dalglish teve a sensação de que ninguém ousava olhar para os outros, receando que isso pudesse constituir uma acusação velada.

Não se partiu desse princípio replicou.

O encerramento do claustro norte, explicou então o padre Sebastian, irá implicar que os ordinandos cujos quartos se situem ali tenham de deixá-los temporariamente. Com tantos estudantes ausentes, isso se aplica, de momento, a si, Raphael. Se me entregar as suas chaves, dar-lhe-ei, em troca, a chave do quarto três do claustro sul e da porta do corredor sul.

E quanto às minhas coisas, padre? Os meus livros? As minhas roupas? Não posso ir buscá-las?

Vai ter de passar sem elas, por enquanto. Os seus colegas, por certo, emprestar-lhe-ão tudo aquilo de que precisar. Não posso deixar de realçar mais uma vez quanto é importante que se mantenham afastados das áreas que a Polícia vai isolar.

Sem dizer mais nada, Raphael tirou um molho de chaves do bolso, selecionou duas e, avançando, entregou-as ao padre Sebastian.

Pelo que me foi dito, todos os padres residentes possuem chaves da igreja volveu Dalgliesh. Poderiam verificar, agora, se ainda se encontram em vosso poder?

Pela primeira vez, o padre Betterton falou.

Receio não ter as minhas comigo. Deixo-as sempre em cima da mesa-de-cabeceira.

Dalgliesh ainda tinha as chaves do padre Martin e avançou para os outros dois padres, para se certificar de que também ainda tinham as suas.

Virou-se, então, para o padre Sebastian, que disse:

Penso que já foi dito tudo, por ora. O horário dos programas de hoje será mantido, tanto quanto possível. Não haverá a oração da manhã, mas tenciono celebrar a missa, no oratório, ao meio-dia. É tudo. Obrigado.

E saiu da biblioteca. Seguiu-se um arrastar de pés. Os outros entreolharam-se e por fim, um a um, encaminharam-se para a porta

Dalgliesh tinha desligado o seu celular durante a reunião, mas mal voltou a ligá-lo, recebeu uma chamada. Era Stephen Morby

Inspetor Dalgliesh? Encontramos o inspetor Yarwood. Caído numa vala, a meio caminho da estrada de acesso. Tentei telefonar-lhe antes, mas não consegui. Ele tinha parte do corpo dentro da água e perdeu os sentidos. Pensamos que partiu uma perna. Não queriam mexer-lhe para não piorar o seu estado, mas também não podiam deixá-lo ali. Tiramo-lo da vala com todo o cuidado e já pedimos um ambulância. Ele está a ser transportado para a ambulância, neste momento. Vão levá-lo para o Hospital de Ipswich.

Agiram corretamente. Ele está muito mal?

Os enfermeiros julgam que vai safar-se, mas ainda não recuperou os sentidos. Eu vou acompanhá-lo na ambulância. Dir-lhe-ei mais alguma coisa quando regressar. Mister Pilbeam segue atrás de nós; por isso, voltarei ao instituto com ele.

Certo. Tentem despachar-se. Precisamos de vocês os dois aqui. Depois de desligar, Dalgliesh deu a notícia ao padre Sebastian, que comentou:

Era o que eu temia. Faz parte do seu problema. Pelo que soube, sofre de claustrofobia e, quando tem um ataque de pânico, precisa de sair e de andar para apanhar ar. Depois que a

mulher o deixou, levando os filhos consigo, ele costumava desaparecer durante dias a fio. Por vezes, andava até cair, exausto. A Polícia encontrava-o e trazia-o de volta. Graças a Deus que o encontraram a tempo. Agora, se quiser acompanhar-me até ao meu gabinete, talvez pudéssemos falar sobre aquilo de que o senhor e os seus colegas irão precisar na Vivenda S. Mateus.

Fica para mais tarde, padre. Primeiro, tenho de falar com Betterton.

Penso que o padre John voltou para o seu apartamento. Fica situado no terceiro andar da ala norte. Deve estar à sua espera.

O padre Sebastian havia tido a inteligência de não especular, em voz alta, sobre a possível implicação de Yarwood no crime. Mas a sua caridade cristã parava ali. Apesar de ter guardado para si as suas idéias, em parte, talvez desejasse que o resultado final fosse o melhor possível; um homicídio cometido por um homem atacado por momentânea insanidade, e que não poderia ser responsabilizado pelos seus atos. E, se Yarwood não sobrevivesse à queda, nem por isso deixava de ser considerado suspeito. A sua morte seria sempre conveniente para alguém.

Antes de se dirigir ao apartamento dos Betterton, Dalgliesh voltou ao seu quarto e telefonou ao chefe da Polícia de Suffolk. Havia uma campainha ao lado da estreita porta do apartamento dos Betterton. Dalgliesh mal teve tempo de a apertar, porque o padre John apareceu e fez-lhe sinal para que entrasse.

Se não se importa de esperar um pouco, vou buscar a minha irmã. Penso que está na cozinha. Temos uma cozinha muito pequena aqui, mas ela prefere comer sozinha a juntar-se a nós, nas refeições comunitárias. Eu não demoro.

A sala onde Dalgliesh se encontrava era baixa mas espaçosa, com quatro janelas circulares viradas para o mar. Estava mobiliada em excesso, com o que parecia serem relíquias de residências anteriores: cadeiras baixas e estofadas, um sofá, cujo assento parecia instável, com o espaldar tapado por uma manta indiana, em frente da lareira; uma mesa redonda de mogno, ao centro, com seis cadeiras desemparelhadas no estilo; uma secretária de pés altos, entre duas das janelas; uma variedade de mesinhas carregadas com o testemunho eclético de duas vidas fotografias em molduras de prata, algumas estatuetas de porcelana, caixinhas de madeira e uma taça de pot-pourri cujo perfume bolorento há muito deixara de se fazer sentir no ambiente abafado da sala.

Do lado esquerdo da porta, a parede encontrava-se totalmente ocupada por estantes de livros. Devia ser aquela a biblioteca da juventude do padre John, dos seus tempos de estudante e de sacerdote, mas havia também volumes de capa preta, com o título Peças do Am, que datavam dos anos trinta e quarenta. Ao lado, viam-se vários romances policiais. Dalgliesh pôde perceber que o padre John era um entusiasta das escritoras do chamado Período Áureo: Dorothy L Sayers, Margery Allingham e Ngaio Marsh. Do lado direito da porta, havia um saco de golfe que continha meia dúzia de tacos. Era um objeto estranho naquela sala, que não apresentava outros vestígios de qualquer interesse por aquele desporto. Os quadros eram tão variados quanto os outros artefatos: pinturas a óleo

vitorianas, muito sentimentais no conteúdo mas razoáveis no estilo; naturezas-mortas e aquarelas, que parecia terem sido pintadas pelos antepassados da época vitoriana porque eram boas de mais para serem obras de amadores, mas não o suficiente para terem sido pintadas por profissionais. Apesar da pouca claridade, a sala era muito viva, pessoal e confortável para transmitir um ar deprimente. Junto às duas poltronas de espaldar alto, de cada lado da lareira, havia um candeeiro de leitura. Os dois irmãos deviam sentar-se, ali, um frente ao outro, para ler confortavelmente.

Mal Miss Betterton entrou na sala, Dalgliesh ficou chocado com a estranha disparidade dos padrões de genes familiares. À primeira vista, era difícil acreditar que aqueles dois Betterton fossem parentes próximos. O padre John era baixo e entroncado, tinha um rosto dócil, que espelhava uma expressão contínua de espanto e ansiedade. A sua irmã devia ser, pelo menos, vinte centímetros mais alta do que ele, tinha um corpo esquelético e olhos penetrantes, que refletiam uma expressão desconfiada. As únicas semelhanças entre os dois irmãos eram as orelhas de lóbulos compridos, as pálpebras superiores descaídas e as bocas finas. A irmã parecia ser consideravelmente mais velha do que o padre John. O seu cabelo grisalho-escuro estava apanhado, no alto da cabeça, por duas travessas, e as pontas do carrapicho espetavam-se na vertical. Usava uma saia comprida, quase até aos pés, de tweed fino, uma camisa às riscas, que parecia ser do irmão, e um casaco de malha comprido, cujas mangas ostentavam já buracos de traças.

Agatha, este é o inspetor Dalgliesh, da Scotland Yard.

Um polícia? Dalgliesh estendeu a mão.

Sim, Miss Betterton, sou, efetivamente, um polícia.

A mão que, após uma hesitação breve, se fechou na sua era fria e tão magra que podia sentir cada osso e articulação. Agatha Betterton, então, comentou, naquele tom de voz algo estridente e tão característico da classe alta que aqueles que não a possuem têm dificuldade em acreditar que possa ser natural:

Receio que tenha vindo bater à porta errada, meu bom homem. Não temos cães aqui.

Mister Dalgliesh nada tem a ver com cães, Agatha.

Pensei que me tivesses dito que ele era treinador de cães.

Não, eu expliquei-te que o inspetor não treina cães.

Bom, também já não temos barcos. O nosso primo Raymond era comandante, durante a última guerra, não da Marinha Real, mas da Reserva de Voluntários da Marinha Real. Penso que lhe chamam a "Marinha Ondulante" por causa das listas douradas das mangas. De qualquer maneira, isso não lhe fez grande diferença, já que morreu no cumprimento do dever. Talvez o senhor tenha reparado nos tacos de golfe do primo Raymond, ao lado da porta. Não podemos afeiçoar-nos a um pau, mas também nos sentimos relutantes em

desfazermo-nos dos tacos. Mas porque não está de uniforme, Mister Dalglish Gosto de ver um homem de uniforme. Sim, porque uma batina não é a mesma coisa.

Sou inspetor, Miss Betterton. É uma patente específica da Polícia Metropolitana, e nada tem a ver com a marinha.

Compreendendo que aquele diálogo já havia ido longe de mais, o padre John interveio, com a sua voz dócil mas firme.

Agatha, minha querida, aconteceu uma coisa terrível. Quero que me escutes atentamente e que mantendas a calma. O arcediogo Crampton foi assassinado. É por isso que o inspetor Dalglish precisa falar contigo e com todos nós. Temos de ajudá-lo, o melhor que pudermos, a descobrir o responsável por um ato tão hediondo.

O seu pedido para que a irmã mantivesse a calma fora desnecessário. Miss Betterton recebeu a notícia sem revelar a menor surpresa ou angústia. Virando-se para Dalglish, exclamou:

Afinal, o senhor tem o faro apurado como um cão. É uma pena que não tenha pensado em trazer um dos seus cães. Onde foi ele assassinado? Estou a referir-me ao arcediogo, como terá compreendido, por certo.

Na igreja, Miss Betterton.

O padre Sebastian não vai gostar disso. Não seria melhor o senhor ir avisá-lo?

Tanto ele como todos os outros já sabem, Agatha explicou o padre John.

O que é certo é que ninguém vai sentir a falta dele aqui. Era um homem muitíssimo desagradável. Estou a referir-me ao arcediogo, como terá compreendido, por certo. Poderia explicar-lhe porque tenho esta opinião sobre o arcediogo, mas trata-se de um assunto de família confidencial. Espero que compreenda. O senhor parece ser um oficial inteligente e discreto, o que só revela a formação que teve na Marinha Real. Há certas pessoas que é preferível estarem mortas. Não vou explicar-lhe por que motivo o arcediogo é uma delas, mas posso assegurar-lhe que o mundo será melhor sem ele. Mas vão ter de fazer alguma coisa com o corpo. Não pode permanecer na igreja. O padre Sebastian nunca o permitiria. E quanto aos serviços religiosos? Não deveriam já estar a tratar disso? Não vou à missa, porque não sou crente, mas o meu irmão é, e não me parece que gostasse de tropeçar no corpo do arcediogo. Independentemente das nossas opiniões pessoais sobre o arcediogo, não seria nada agradável depararmos com o seu corpo na igreja.

O corpo vai ser removido, Miss Betterton replicou Dalglish, mas a igreja terá de ficar fechada, pelo menos durante quatro dias. Agora, se me permite, gostaria de lhe fazer algumas perguntas. O seu irmão ou a senhora saíram do vosso apartamento, ontem à noite, depois das completas?

E porque haveríamos de sair daqui, inspetor?

É exatamente isso que eu gostaria de saber, Miss Betterton. Algum de vós saiu deste apartamento depois das dez da noite de ontem?

Dalglish olhou para a irmã e depois para o irmão. Foi o padre John que respondeu.

Costumamos deitar-nos às onze da noite. Não saí do meu apartamento, nem antes nem depois das completas, e tenho a certeza de que a Agatha também não.

Se um de vocês tivesse saído, o outro tê-lo-ia notado? Foi a vez de Miss Betterton responder:

Claro que não. Não ficamos acordados toda a noite, a pensar no que o outro está fazendo. O meu irmão tem total liberdade para sair à noite, se assim o desejar, mas não vejo motivos para que o fizesse. Deduzo que o senhor queira, antes, saber se algum de nós assassinou o arcediogo. Não sou estúpida. Sei muito bem aonde este interrogatório conduz. Bom, não o matei, nem penso que o meu irmão o tenha morto, porque nunca foi um homem de ação.

O padre John, visivelmente atrapalhado, protestou veementemente:

Claro que não fui eu que matei o arcediogo, Agatha! Como podes pensar em tal coisa?

Não fui eu que pensei nessa hipótese. Foi o inspetor replicou ela, fitando novamente Dalglish. O arcediogo ia expulsar-nos daqui. Foi ele próprio que mo disse.

Nunca poderia dizer-te tal coisa Agatha, interveio de novo, o padre John. Deves ter compreendido mal.

Quando foi que teve essa conversa com o arcediogo, Miss Betterton? quis saber Dalglish.

Da última vez que ele cá esteve. Foi numa segunda-feira de manhã. Dirigi-me ao curral dos porcos, para ver se o Surtees tinha legumes que me pudesse dar. Ele é muito bondoso. Eu tinha acabado de sair da sua casa quando encontrei o arcediogo. Pensei que também fora até ali para pedir alguns legumes, ou talvez porque quisesse ver os porcos. Reconheci-o imediatamente. Como é evidente, não esperava encontrá-lo ali e talvez tenha sido um pouco ríspida quando o cumprimentei. Nunca fui hipócrita, nem sei fingir que simpatizo com alguém. Como também não sou crente, não tenho de praticar a caridade cristã. Além do mais, ninguém me tinha dito que ele estava de visita ao instituto. Porque nunca me dizem essas coisas? Nunca teria sabido que ele estava cá, neste fim-de-semana, se o Raphael Arbuthnot não mo tivesse dito.

Julgo que já terá conhecido o Raphael Arbuthnot. É um rapaz encantador e muito esperto. Janta conosco, de tempos a tempos, e lemos uma peça juntos. Ele podia ser ator, se os padres não lhe tivessem deitado a mão. Pode desempenhar todo o tipo de papéis e tem um talento inato para imitar vozes.

A minha irmã gosta muito de teatro explicou o padre John. Ela e o Raphael vão até Londres, uma vez em cada período, para fazer compras, almoçar e assistir a uma matinê de teatro.

Penso que, para ele, representa muito sair daqui retomou Miss Betterton. Infelizmente, já não ouço tão bem como antigamente. Os atores modernos não aprendem a projetar a voz. Só sussurram. Acha que eles terão disciplinas de sussurros nas escolas de teatro? Mesmo quando ficamos nas filas da frente, por vezes, é muito difícil perceber o que os atores dizem. Como é óbvio, nunca me queixei do meu problema ao Raphael, porque não quero ferir a sua susceptibilidade.

Mas insistiu gentilmente Dalgliesh o que foi que o arcediogo lhe disse, ao certo, para pensar que ele estava a ameaçar expulsá-la, Miss Betterton?,

Foi qualquer coisa que ele disse sobre as pessoas que viviam à custa da Igreja sem nada dar em troca.

O padre John, mais uma vez, interveio:

Ele nunca diria uma coisa dessas, Agatha. Tens a certeza de que te lembras bem do que te disse?

Ele pode não ter utilizado exatamente estas palavras, John, mas foi o que quis insinuar. Depois, ainda me disse que eu não devia ter a certeza de poder ficar aqui para o resto da vida. Compreendi perfeitamente aonde queria chegar. Estava a ameaçar expulsar-nos.

O padre John, cada vez mais angustiado, replicou:,

Mas ele nunca poderia expulsar-nos daqui, Agatha, porque não tinha poder para fazê-lo. Foi o que o Raphael me disse, quando lho contei. Falamos nisso, da última vez em que ele jantou cá. Retorqui que, se o arcediogo tinha conseguido mandar o meu irmão para a cadeia, também podia expulsar-nos daqui, mas o Raphael tranquilizou-me, ao afirmar, "Não, porque eu impedi-lo-ei".

O padre John, desesperado pelo rumo que a conversa tomara, afastara-se e postara-se junto da janela.

Estou vendo uma motoneta subindo a estrada, anunciou. Que estranho. Não creio que estejamos à espera de visitantes hoje. Talvez seja uma visita para si, inspetor.

Dalgliesh foi juntar-se ao padre John.

Vou ter de deixá-la, Miss Betterton. Obrigado pela sua colaboração. Talvez tenha de lhe fazer mais perguntas e, se for esse o caso, perguntarei primeiro qual será a melhor hora para a senhora me receber. Padre, posso ver o seu molho de chaves, por favor?

O padre John saiu da sala, regressando, quase de imediato, com o seu porta-chaves. Dalgliesh comparou as duas chaves da igreja com as do padre Martin.

Onde deixou as suas chaves ontem à noite, padre? perguntou.

No lugar do costume. Em cima da minha mesa-de-cabeceira. Deixo-as sempre ali quando vou deitar-me.

Ao encaminhar-se para a porta, Dalgliesh olhou de relance para os tacos de golfe. As cabeças estavam a descoberto, e mostravam-se muito limpas e reluzentes. A imagem que, então, lhe veio à mente era assustadoramente nítida e convincente. Teria de ser alguém com boa visão, e ainda haveria o problema de esconder o taco até à ocasião em que fosse usado como arma, no momento em que a atenção do arcediogo estivesse concentrada na contemplação ao Juízo Final, agora vandalizado. Mas constituiria isso um problema? Bastar-lhe-ia esconder o taco por trás de um pilar. E, com uma arma daquele comprimento, o risco do assassino ficar sujo de sangue era muito menor. Teve a súbita visão de um jovem louro, aguardando, imóvel, na penumbra, com um taco de golfe em punho. O arcediogo nunca se teria levantado da cama e ido até à igreja se houvesse sido chamado por Raphael, mas este, segundo a opinião de Miss Betterton, podia imitar a voz de qualquer pessoa.

A chegada do Dr Mark Ayling foi inesperada, por ocorrer àquela hora. Depois de sair do apartamento dos Betterton, Dalgliesh descia a escada quando ouviu a motoneta entrar no átrio. Como todas as manhãs, Pilbeam tinha aberto a porta principal e Dalgliesh saiu para a tênue luminosidade de um dia que, depois da tempestade, realçava a bonança. Até mesmo a ondulação do mar era mais onipresente,

A poderosa motoneta deu a volta ao átrio até parar em frente da entrada principal. O condutor tirou o capacete, depois, uma caixa do porta-bagagens e, com o capacete debaixo do braço, subiu os degraus com a despreocupação de um simples mensageiro que fosse entregar uma encomenda.

Mark Ayling apresentou-se. O corpo está na igreja, não é verdade?

Adam Dalgliesh. Sim, está. Faça favor de me seguir. Vamos passar pela mansão e sair pela porta sul, porque mandei fechar a porta da mansão que comunica com o claustro norte.

Não se via ninguém no vestíbulo e Dalgliesh teve a sensação de que os passos do Dr Ayling ecoavam estranhamente no chão. Não que se esperasse que o patologista surgisse de mansinho, mas aquela chegada não fora propriamente revestida de grande tacto profissional. Dalgliesh perguntou a si próprio se devia ir procurar o padre Sebastian para proceder às apresentações, mas mudou de idéia. Afinal, não se tratava de uma visita social e não tinham tempo a perder. No entanto, não havia quaisquer dúvidas de que a chegada do médico fora notada e, quando seguiram pelo corredor e passaram em frente da escada para a adega, em direção à porta do claustro sul, sentiu-se culpado por não haver seguido as regras das boas maneiras, o que não deixava de ser um disparate. Proceder à investigação de um homicídio numa atmosfera de não cooperação e de hostilidade, mal dissimuladas, era

menos complicado do que ter de lidar com as nuances sociais e teológicas de um lugar como aquele.

Atravessaram o átrio por baixo dos ramos desnudados do grande castanheiro e alcançaram a porta da sacristia, sem trocarem uma só palavra. Quando Dalglish destrancou a porta, Ayling perguntou:

Onde posso mudar de farda?

Aqui, porque a sacristia faz às vezes de escritório e de vestiário. Mudar de "farda" para Ayling, aparentemente, significava trocar as suas roupas de cabedal por uma bata castanha e as suas botas por sapatos macios por cima dos quais calçou meias brancas de algodão.

Quando trancou a porta da sacristia, atrás deles, Dalglish disse:

Tudo indica que o assassino entrou por esta porta. Mandeí isolar a igreja até a minha equipe chegar de Londres. Ayling pousou meticulosamente as suas roupas de cabedal na cadeira giratória da secretária, e as botas no chão, ao lado.

Por que motivo a Polícia Metropolitana está encarregue deste caso e não a Polícia de Suffolk? perguntou.

Temos um inspetor da Polícia de Suffolk que está hospedado aqui, o que complica as coisas. Como eu também me encontrava no instituto, por causa de um outro assunto, pareceu-me sensato tomar o comando, por ora.

Ayling pareceu ficar satisfeito com aquela justificação.

Entraram no corpo central da igreja. A iluminação da nave central era tênue, mas devia ser suficiente para uma congregação que sabia a liturgia de cor. Aproximaram-se do Juízo Final. Dalglish acendeu o interruptor da lâmpada que o iluminava. Na obscuridade sinistra, pejada pelo cheiro a incenso, que parecia estender-se, em imaginação, para lá das paredes da igreja, numa infinita escuridão, o foco projetou a sua luz com um chocante fulgor, mais brilhante do que Dalglish se lembrava. Talvez fosse devido à presença de outra pessoa que aquela cena se transformava num ato de grande guignol, pensou; uma encenação onde o ator jazia, imóvel, numa posição estudada; um toque de inspiração, ao colocar os castiçais, um de cada lado da cabeça, enquanto o autor daquele cenário, remetendo-se ao papel de simples espectador, protegido pela sombra do pilar, aguardava em silêncio a sua deixa.

Ayling, estacando momentaneamente perante aquele fulgor inesperado, parecia determinar a eficácia de uma tal encenação. Quando iniciou o seu exame em torno do cadáver, poderia pensar-se que era um realizador, avaliando os ângulos das câmaras e certificando-se de que a posição do morto era, ao mesmo tempo, realista e artística. Dalglish, por seu lado, reparava com maior clareza em certos pormenores: o salto gasto da pantufa de cabedal preto, que caíra do pé direito de Crampton, e como aquele pé, descalço, parecia grande e peculiar, com o dedo maior muito comprido e feio. Com o rosto parcialmente coberto,

aquele pé, agora imóvel para todo o sempre, assumia maior força do que a que teria se todo o corpo estivesse nu, provocando uma súbita sensação de pena e de ultraje.

Dalglish conhecera Crampton apenas de passagem, e sentira uma leve irritação por deparar com um outro visitante. Todavia, agora, experimentava uma raiva que nunca havia sentido antes, sempre que se achava na cena de um crime. Deu consigo a repetir palavras que lhe eram familiares: "Quem fez isto?" Haveria de descobrir a resposta àquela pergunta e, desta vez, também encontraria as provas; desta vez, não daria o caso por encerrado, conhecendo a identidade do criminoso, o seu móbil e os meios que empregara, mas sem ter poderes para proceder à sua detenção. O fardo dos seus fracassos anteriores ainda lhe pesava, mas aquele caso iria ajudá-lo a esquecer frustrações passadas.

Ayling continuava a pesquisar à volta do cadáver, sem sequer erguer o olhar, como se tivesse deparado com um fenómeno interessante mas invulgar e não soubesse como reagiria perante o resultado do seu escrutínio. Por fim, agachou-se junto da cabeça, inalou delicadamente a ferida e perguntou:

Quem é?

Desculpe. Ignorava que não lhe haviam dito. É o arcediogo Crampton. Foi recentemente nomeado fideicomissário deste instituto e chegou no sábado de manhã.

Alguém não gostava dele, a não ser que tenha surpreendido um intruso e este crime não seja de índole pessoal. Existe aqui algum objeto que valha a pena roubar?

O retábulo do altar é valioso, mas seria muito difícil removê-lo. Nem sequer encontramos indícios de que alguém tenha tentado roubá-lo. Também existem objetos de prata valiosos no cofre da sacristia, mas não foi arrombado.

E os castiçais ainda estão aqui acrescentou Ayling. Se bem que sejam de ferro e pouco valor tenham. Parece não haver grandes dúvidas quanto à arma utilizada e à causa da morte. Um golpe na parte direita do crânio, acima da orelha, desferido com um instrumento pesado de ponta afiada. Se ele não morreu com o primeiro golpe, deve ter, com certeza, caído. O criminoso, então, desferiu mais golpes. Diria que agiu como que dominado por um frenesi, quando atacou a sua vítima. Endireitou-se e, com a mão enluvada, pegou no castiçal que não apresentava vestígios de sangue.

É pesado, o que significa que o assassino devia ter força. Mas pode ter sido uma mulher ou um homem de idade, se lhe pegaram, com ambas as mãos. Isso também implica que o assassino devia ter boa visão porque a vítima não ia ficar de costas voltadas para um estranho... ou para alguém em quem não confiasse. Como foi que o Crampton entrou aqui?

Dalglish apercebeu-se de que iria trabalhar, naquele caso, com um patologista que não parecia muito preocupado com os limites das suas responsabilidades.

Tanto quanto sei, ele não tinha chave. Ou alguém, que já se encontrava na igreja, o deixou entrar, ou encontrou a porta aberta. O Juízo Final foi vandalizado. Talvez o assassino tenha atraído o Crampton até aqui.

Parece ser um crime cometido por alguém da casa, o que reduz convenientemente o número de suspeitos. Quando foi que encontraram o corpo?

Às cinco e meia da manhã. Eu cheguei quatro minutos depois. A julgar pelo aspecto do sangue e pelo princípio da rigidez no rosto, deduzi que ele estava morto há umas cinco horas.

Vou tirar a temperatura ao corpo, mas duvido que possa dar uma estimativa mais exata da hora da morte. No entanto, diria que ele morreu por volta da meia-noite.

E quanto ao sangue? perguntou Dalglish. Jorrou em abundância?

Não com o primeiro golpe. Já sabe como são os ferimentos na cabeça. As hemorragias dão-se no interior da caixa craniana. Mas também é verdade que o nosso homem não se limitou a desferir um único golpe, pois não? Só o segundo golpe e os subseqüentes terão provocado hemorragias externas, fazendo com que o sangue jorrasse abundantemente, ou esguichasse, dependendo da distância a que os golpes foram desferidos. Se o assassino era destro, então, deduzo que terá ficado com o braço direito, e até mesmo o tronco, cheio de sangue. Mas ele já estava à espera disso. Podia usar uma camisa e ter arregaçado as mangas. Podia usar uma camisola de algodão, de manga curta, ou, melhor ainda, estar nu. Não seria a primeira vez...

Dalglish não ouvia nada em que já não tivesse pensado.

A vítima não teria ficado admirada ao deparar com o criminoso nu?

Ayling ignorou aquela interrupção.

Mas teve de agir rapidamente. Não podia contar com que a vítima se mantivesse de costas voltadas para ele por mais de um ou dois segundos, o que lhe deixava muito pouco tempo para arregaçar as mangas e ir buscar o castiçal ao local onde o escondera.

E onde julga que o criminoso escondeu os castiçais, antes de desferir o primeiro golpe? quis saber Dalglish.

No interior do camarote? Não, porque talvez fosse um pouco longe de mais. E porque não por trás do pilar? Só precisava de um castiçal, como é evidente. Deve ter ido buscar o outro ao altar, para, depois, preparar a sua pequena encenação, mas não faço idéia por que razão se terá dado a esse trabalho. Não me parece que haja sido um ato de reverência.

Percebendo que Dalglish não reagia às suas teorias, Ayling prosseguiu:

Vou tirar a temperatura à vítima para ver se isso me ajuda a determinar a hora da morte, mas duvido que consiga ser mais exato do que a sua estimativa inicial. Só lhe poderei dar mais informações quando tiver o corpo em cima da mesa de autópsia.

Dalgliesh, não querendo assistir à primeira violação de privacidade do morto, preferiu andar de um lado para o outro, na nave central, até que, virando-se, viu que Ayling havia terminado e se levantara

Regressaram, então, à sacristia. Enquanto o médico legista tirava a bata e vestia as suas roupas de cabedal, Dalgliesh perguntou:

Aceita um café?

Não, obrigado, porque, primeiro, o tempo escasseia e, segundo, porque eles não querem ver-me. Devo proceder à autópsia amanhã de manhã; Telefono-lhe, quando terminar, se bem que não esteja a contar com grandes surpresas. O médico legista vai querer que o laboratório termine as suas pesquisas. É muito meticoloso quanto a esse ponto. Penso que poderei usar o laboratório da Polícia Metropolitana, se o laboratório de Huntingdon estiver com muito trabalho. Deduzo que não vai autorizar a remoção do corpo antes que o fotógrafo e os restantes membros da sua equipe forense tenham terminado o seu trabalho, mas telefone-me, quando estiver tudo pronto. Não sei porquê, mas palpita-me que os residentes do instituto vão ficar contentes por se verem livres do cadáver.

Dalgliesh trancou a porta da sacristia e reativou o alarme. Por um motivo que tinha dificuldade em definir, sentia-se relutante em fazer passar o seu companheiro novamente pela mansão.

Vamos sair pelo portão que leva ao promontório sugeriu. Assim, não nos encontraremos com ninguém.

Seguiram pelo atalho de relva pisada. Ao longe, Dalgliesh podia ver luzes nas três vivendas ocupadas. Pareciam os postos avançados de uma fortaleza cercada. Também havia luzes na Vivenda São Mateus e deduziu que Mrs. Pilbeam, provavelmente munida de espanador e aspirador, se certificava de que a casa estava limpa e pronta a ser ocupada pela Polícia. Lembrou-se, então, de Margaret Munroe e da sua morte solitária, que poderia ter sido tão oportuna, e veio-lhe à mente uma convicção, tão forte quanto aparentemente irracional, de que havia um elo de ligação entre as três mortes. O aparente suicídio, a morte natural atestada por um médico, o brutal homicídio; havia um cordão que os ligava a todos. Podia ser tênue, retorcido, mas, assim que Dalgliesh o encontrasse, ele levá-lo-ia ao âmago do mistério. Já no pátio dianteiro, esperou que Ayling partisse na sua motocicleta. Voltara-se para entrar de novo na mansão quando avistou os faróis de um carro. Tinha acabado de contornar a estrada de acesso e avançava rapidamente. Passados poucos segundos, identificou o Alfa Romeo de Piers Tarrant. Os dois primeiros membros da sua equipe tinham acabado de chegar.

O detetive Piers Tarrant recebeu o telefonema às seis e um quarto da manhã. Passados dez minutos, estava pronto para partir. Tinham-lhe dado instruções para que fosse buscar Kate Miskin, e concluiu que aquela carona não iria atrasá-lo; o apartamento de Kate, com vista para o Tamisa, situado perto de Wapping, ficava em caminho, no percurso que ele se propunha tomar. O sargento Robbins, que vivia na fronteira de Essex, seguiria no seu carro. Com alguma sorte, Piers esperava chegar antes do colega. Saiu do seu apartamento e avançou pelas ruas desertas. Foi buscar o seu Alfa Romeo ao lugar que lhe estava reservado numa garagem, por cortesia da Polícia da City, atirou o saco de viagem para o banco de trás e seguiu, em direção a oeste, pela mesma estrada por onde viajara Dalglish, dois dias antes.

Kate aguardava-o à entrada do prédio onde morava. Nunca o tinha convidado a entrar, mas também nunca conhecera o interior do apartamento do seu colega, situado em plena City. O rio, sempre em constante mudança devido aos contrastes de cor e sombra, com as suas ondas e marés, a sua vida comercial agitada, era a paixão de Kate, enquanto que a paixão de Piers era a City. O seu apartamento de três cômodos ficava por cima de uma charutaria, numa rua estreita, perto da Catedral de São Paulo. A camaradagem da Polícia Metropolitana e a sua vida sexual não faziam parte daquele seu mundo privado. No seu apartamento, nada era supérfluo, e cada móvel, cada objeto havia sido cuidadosamente escolhido e tão caro quanto os seus meios lhe permitiam. A City, com as suas igrejas e becos, as suas passagens estreitas e pátios interiores que raramente eram visitados, constituía um passatempo e uma alternativa à sua profissão. Tal como Kate, também ele se sentia fascinado pelo Tamisa, mas enquanto parte da história e vida da City. Seguiu para o trabalho de bicicleta e só se servia do carro quando saía de Londres, mas, sempre que conduzia, tinha de ser num automóvel que lhe agradasse. Kate apertou o cinto de segurança, depois de o cumprimentar, e nada disse durante os primeiros três quilômetros de viagem, mas Piers podia sentir a sua excitação, tal como sabia que ela detectava a dele.

Gostava de Kate e respeitava-a, mas o relacionamento profissional de ambos era pontuado por ocasionais rancores, irritações, ou até mesmo alguma rivalidade. Todavia, partilhavam aquela adrenalina sempre que iniciavam a investigação de um homicídio. Piers dera consigo a pensar, uma vez por outra, se aquele entusiasmo quase visceral não estava perigosamente perto de uma sede de sangue; pelo menos, teria, por certo, uma relação íntima com a caça. Depois de deixarem Docklands para trás, Kate, por fim, dignou-se falar:

Muito bem, põe-me a par do que sabes. Afinal, estudaste teologia em Oxford e já deves ter ouvido falar do tal instituto.

O fato de ele, em tempos idos, ter estudado teologia em Oxford era uma das poucas coisas que Kate sabia sobre o companheiro e que nunca deixara de a intrigar. Por vezes, Piers convencia-se de que ela o julgava dotado de uma intuição especial e de conhecimentos esotéricos, o que lhe dava alguma vantagem sempre que tinha de analisar os motivos e as infinitas vicissitudes do ser humano. Kate perguntara-lhe: "Para que serve a teologia? Explica-me. Decidiste passar três anos da tua vida a estudá-la e deves ter sentido que alcançaste algo de importante ou de útil ao estudar teologia." Piers duvidava que Kate tivesse acreditado quando lhe respondera que escolhera o curso de Teologia por lhe dar

mais hipóteses de arranjar colocação, em Oxford, do que o curso de História, que ele teria preferido. Não lhe dissera, contudo, o que fora que ganhara com a sua experiência: um fascínio pela complexidade dos bastiões intelectuais que os homens erigiam para suportar a descrença. A sua própria descrença mantivera-se inabalável, mas nunca se arrependera de ter tirado o curso de Teologia.

Sei pouca coisa sobre Santo Anselmo replicou. Tive um amigo que foi para lá, depois de se licenciar, mas perdemos o contacto. Pelas fotografias que vi, é uma mansão vitoriana imensa, situada numa das zonas mais desertas da costa. Existem muitos mitos em torno do instituto e, tal como a maioria, provavelmente, têm algum fundamento. Santo Anselmo é um instituto da Alta Igreja, que se aproxima do catolicismo, cuja especialidade é o seu curso de Teologia, opondo-se praticamente a tudo o que aconteceu na história do anglicanismo nos últimos cinquenta anos. É preciso ter-se uma média muito elevada e uma carta de recomendação para se ser admitido em Santo Anselmo. Também me disseram que a comida é excelente.

Duvido muito que tenhamos oportunidade de prová-la resmungou Kate. Quer dizer, então, que é um instituto elitista?

Pode dizer-se que sim, mas o Manchester United também é considerado elitista, portanto...

Pensaste, alguma vez, em ir para lá?

Não, porque não estudei teologia com o objetivo de me ordenar padre. De qualquer maneira, nunca me aceitariam. Não tinha uma média suficiente para ser admitido. O reitor é uma personagem muito especial. É uma verdadeira autoridade em Richard Hooker. Não vale a pena perguntares, porque eu explico: foi um teólogo do século dezesseis. Dou-te a minha palavra de que alguém que escreve um ensaio completo sobre o Hooker não é nenhum burro. Podemos vir a ter problemas com o reverendo doutor Sebastian Morell.

E a vítima? O Adam Dalgliesh disse-te alguma coisa?

Apenas que é o arcediogo Crampton e que foi encontrado morto na igreja.

O que é um arcediogo?

Uma espécie de rottweiler... sabes, aqueles cães de que se fala muito hoje em dia... da Igreja. Um arcediogo... também pode ser uma arcedioga... zela pelos bens da Igreja e encarrega-se da nomeação dos padres para as diversas paróquias. Os arcediogos têm a seu cargo um certo número de paróquias, que visitam uma vez por ano. Digamos que é o equivalente espiritual do inspetor da Polícia de Sua Majestade.

Portanto vai ser um desses casos fechados, em que todos os suspeitos se encontram debaixo do mesmo teto e, por isso mesmo, nós vamos ter de andar, nas pontas dos pés, a fim de evitar telefonemas pessoais para o comandante ou queixas ao arcediogo de Cantuária. Mas porque nos escolheram, afinal?

O Adam Dalgliesh não perdeu muito tempo com esses considerandos. Já sabes como ele é. De qualquer maneira, ordenou que nos metêssemos a caminho. Ao que parece, um inspetor da Polícia de Suffolk passou a noite de ontem no instituto, mas o comissário da localidade concordou que seria pouco aconselhável ser ele a encarregar-se do caso.

Kate não fez mais perguntas, mas Piers tinha a impressão de que ela ficara zangada por o seu chefe não lhe haver telefonado em primeiro lugar. Tinha mais tempo de serviço do que Piers, muito embora não atribuísse qualquer importância à sua antiguidade. Piers ainda pensou se devia dizer à sua colega que Adam Dalgliesh quisera poupar tempo, telefonando-lhe, primeiro, a ele, uma vez que tinha o carro mais veloz, mas mudou de ideia.

Como calculara, ultrapassaram Robbins na estrada secundária de Colchester. Piers sabia que, se fosse Kate a conduzir, teria abrandado a velocidade para que toda a equipe chegasse ao mesmo tempo, ao passo que a reação dele, ao ver Robbins, foi acenar-lhe e carregar a fundo no acelerador.

Kate recostara a cabeça e parecia dormir. Olhando de relance para aquele rosto atraente e forte, pensou na relação que tinha com ela. Modificara-se nos dois últimos anos, desde que o Relatório Macpherson havia sido publicado. Muito embora pouco soubesse sobre a vida de Kate, tinha conhecimento de que ela era filha ilegítima e havia sido criada por uma avó num dos bairros mais pobres de uma pequena cidade do interior. A grande maioria dos seus vizinhos, amigos e colegas de escola era de raça negra. Ao descobrir que fazia parte de uma força policial onde o racismo estava institucionalizado, Kate sentira-se tão indignada e furiosa que mudara a sua atitude para com a corporação a que pertencia. Politicamente mais sofisticado do que ela e, também, mais cínico, Piers havia tentado transmitir-lhe alguma calma, sempre que tinham uma das suas muito acaloradas discussões.

Ela perguntara, alterada: Depois deste relatório, alistar-te-ias na Polícia, se fosses preto?

Não, mas também não me alistaria, se fosse branco. O que importa é que já aqui estou e não vejo que motivos o Macpherson possa ter para me despedir.

Piers sabia onde queria que aquela sua profissão o levasse: a um posto de oficial sênior no departamento antiterrorista. Era ali que se ofereciam as melhores oportunidades de uma brilhante carreira. Entretanto, sentia-se contente por trabalhar numa brigada de prestígio, com um chefe exigente que ele respeitava, onde não faltavam emoções fortes e casos sempre diferentes para investigar, que mantinham a rotina à distância.

Kate afirmara, sempre revoltada: Então, é isto que eles querem? Desencorajar os pretos a alistar-se e despedir oficiais decentes, que não tenham quaisquer preconceitos racistas?

Pelo amor de Deus, Kate, esquece o assunto. Estás a tornar-te uma chata.

O relatório estipula que um ato é considerado racista quando a vítima o entende como tal. Pois eu acho este relatório tão racista como as diretivas que contém. Um relatório que vai contra os meus princípios, enquanto oficial branca. Onde posso apresentar queixa?

Podes sempre tentar o Departamento de Relações Multirraciais, mas duvido que isso possa trazer-te grandes alegrias. Talvez não fosse má idéia falares, primeiro, com o Adam Dalgliesh sobre o assunto.

Piers não sabia se Kate chegara a falar com o chefe, mas o certo é que ainda se mantinha na brigada. No entanto, tinha plena consciência de que, agora, trabalhava com uma Kate diferente. Continuava a ser uma profissional conscienciosa, esforçada e dedicada e nunca desiludiria os seus colegas de equipe. Por outro lado, havia algo que desaparecera nela: a crença de que ser polícia era uma vocação pessoal ou um serviço público e a de que requeria muito mais do que empenho e dedicação. Piers, que achava aquela interpretação tão pessoal de Kate excessivamente romântica e ingênua, percebia agora quanto se enganara. Ao menos, o Relatório Macpherson tivera a vantagem de destruir para sempre a veneração de Kate pelos magistrados. Por volta das oito e meia, atravessaram a aldeia de Wrentham, ainda envolta na serenidade do amanhecer, que parecia ser ainda mais notória em virtude de as sebes e as árvores revelarem a dilapidação de uma noite de tempestade, que não afetara Londres. Kate despertou para consultar o mapa e atentar no desvio para Ballard's Mere. Piers abrandou a velocidade.

O Adam Dalgliesh avisou-me de que seria fácil não repararmos no desvio. Disse-me que procurasse avistar um freixo muito velho, do lado direito da estrada, e duas casas, do lado esquerdo.

Era impossível não reparar no freixo, com o seu pesado manto de hera, mas, quando viraram para a estrada que não era mais do que uma estreita vereda, bastou-lhes uma vista de olhos para perceber o que tinha acontecido. Um ramo fora arrancado do tronco e agora jazia, na lomba, parecendo, à luz da alvorada, como que um osso. Do ramo saíam galhos mortos, fazendo lembrar dedos retorcidos. O tronco principal revelava a grande ferida onde o ramo se partira, e a estrada, de novo transitável, ainda estava cheia dos destroços do Outono: ramos encaracolados de hera, pedaços de cascas de árvore e um espesso tapete de folhas verdes e amarelas.

Havia luzes nas duas casas. Piers encostou e buzinou. Volvidos poucos segundos, uma mulher de meia-idade e corpo forte atravessava o jardim dianteiro. Tinha um rosto afável, tisonado pelo sol, cabelos em desalinho e usava uma bata florida por cima do que parecia serem vários casacos de lã. Kate baixou o vidro da janela.

Piers, debruçando-se sobre a colega, saudou:

Bom dia! Parece que tiveram um pequeno problema aqui,

O ramo caiu ontem à noite, às dez horas em ponto. Foi a tempestade. Tivemos um verdadeiro vendaval. Felizmente, ouvimos o ramo cair... Nem poderíamos deixar de o ouvir com o estrondo da queda. O meu marido teve medo de que provocasse qualquer acidente e foi colocar sinais vermelhos de ambos os lados do tronco que caiu no meio da estrada. Então, assim que amanheceu, o meu Bryan e Mister Daniels, da casa ao lado, foram buscar o trator e arrastaram-no para fora da estrada. Não que passe muita gente por aqui, a não ser

aqueles que vêm visitar os padres e os estudantes do instituto. No entanto, pensamos que não devíamos esperar pelos serviços da prefeitura, para tirar o tronco da estrada.

A que horas limparam a estrada, Mistress...? perguntou Kate.

Finch. Mistress Finch. Às seis e meia da manhã. Ainda estava escuro, mas o Brian queria limpar a estrada antes de ir trabalhar.

Sorte nossa comentou Kate. Foi muito gentil da vossa parte. Obrigada. Portanto, quer dizer que ninguém pôde passar de carro por esta estrada, quer numa quer noutra direção, entre as dez da noite de ontem e as seis e meia da manhã de hoje?

Exatamente, miss. Só houve um senhor de motocicleta... que se dirigia, com certeza, para o instituto, porque esta estrada não leva a mais lado nenhum, mas ainda não voltou.

E mais ninguém passou por aqui?

Que eu visse, não, e costumo ver, porque a minha cozinha dá para a estrada.

Agradeceram mais uma vez, despediram-se e seguiram. Olhando para trás, Kate pôde ver que, depois de ficar a observá-los durante alguns segundos, Mrs. Finch fechou a cancela e voltou para o interior da casa.

Um motociclista e ainda não regressou comentou Piers. Devia ser o patologista, embora fosse de esperar que ele chegasse de carro. Bom, sempre temos algumas novidades para o Adam Dalgliesh. Se esta estrada é o único acesso...

Kate tinha os olhos fixos no mapa.

E é, pelo menos, para veículos. Nesse caso, se o assassino não for um dos residentes do instituto, teria de lá chegar antes das dez da noite e não pode ter saído, pelo menos, por esta estrada. Pensas que se trata de um "caso fechado"?

Foi a impressão com que fiquei pelo que o Adam Dalgliesh me disse.

A questão do acesso ao promontório era tão importante que Kate preparava-se para dizer que ficara admirada pelo seu chefe ainda não ter enviado alguém interrogar Mrs. Finch, quando se lembrou de que, até que ela e Piers chegassem a Santo Anselmo, com quem podia contar Dalgliesh para proceder a investigações?

A estrada estreita estava deserta. Era mais baixa do que os terrenos que a circundavam e orlada de arbustos. Foi com admiração e prazer que Kate, de repente, avistou a grande imensidão parda e encapelada do mar do Norte. Mais a norte, uma mansão vitoriana recortava-se no céu.

Ao aproximarem-se, Kate comentou:

Meu Deus, que monstruosidade! Quem se terá lembrado de mandar construir uma mansão como esta a poucos metros do mar?

Ninguém replicou Piers, porque, quando a mansão foi construída, o mar estava muito mais afastado.

Não me digas que admiras o gênero...

Não sei... A proximidade do mar parece transmitir uma certa segurança.

Um motociclista, então, passou por eles, mas em sentido inverso

Deve ser o patologista concluiu Kate.

Piers abrandou quando transpuseram os dois pilares em ruínas até ao local onde Dalgliesh esperava por eles.

A Vivenda São Mateus dificilmente poderia acomodar uma equipe vasta, mas Dalgliesh pensava que, por enquanto, podia servir. Não havia alojamentos para os serviços policiais apropriados naquela região e mandar instalar caravanas no promontório seria um expediente caro e pouco prático. Se a sua equipe permanecesse no instituto, isso suscitaria vários problemas, incluindo o do local das refeições. Mesmo nos casos mais penosos, seja um homicídio, seja a perda de um ente querido, as pessoas continuam a ter de comer e de dormir. Dalgliesh lembrava-se de como, após a morte de seu pai, a sua mãe se havia preocupado com o alojamento de todas as pessoas que pernoitariam no presbitério para assistir à cerimônia fúnebre, com o que podiam ou não comer e que tipo de refeição deveria ser servida a toda a paróquia, o que mitigara momentaneamente o seu desgosto. O sargento Robbins, entretanto, já começara a telefonar para os hotéis indicados pelo padre Sebastian, a fim de arranjar um quarto para ele, Kate, Piers e os três oficiais forenses. Quanto a Dalgliesh, continuaria alojado em Santo Anselmo.

A vivenda constituía o centro de operações mais invulgar de toda a sua carreira. A irmã de Mrs. Munroe, ao remover todos os vestígios físicos de ocupação da casa, deixara-a tão despojada de caráter que até o próprio ar que ali se respirava era insípido. As duas salas do piso térreo estavam mobiliadas com o que parecia serem os detritos dos quartos de hóspedes. Na sala de estar, à esquerda da porta de entrada, uma poltrona de braços, com almofadas já desbotadas, e uma cadeira baixa de palha, com o respectivo banco para os pés, haviam sido colocadas de cada lado da pequena lareira vitoriana. Ao meio, havia uma mesa quadrada, com quatro cadeiras; duas outras cadeiras achavam-se encostadas à parede. Do lado esquerdo da lareira, uma estante continha apenas uma Bíblia, com sobrecapa de cabedal, e um exemplar de Alice do Outro Lado do Espelho, de Lewis Carroll. A sala de estar da direita mostrava-se um pouco mais convidativa, com uma mesa encostada à parede, duas cadeiras de mogno, com pés em forma de bola, um sofá e uma poltrona muito velhos. Os dois quartos do primeiro andar estavam vazios. Dalgliesh decidira que uma das salas de estar poderia servir como gabinete, onde procederia aos interrogatórios, e a outra, de sala de espera, enquanto que um dos quartos do primeiro andar, que dispunha de ficha para o

telefone e de várias tomadas elétricas, poderia albergar o computador que a Polícia de Suffolk já havia fornecido.

Quanto à alimentação, também já tudo fora tratado. Dalgliesh recusara juntar-se à comunidade, ao jantar. A sua presença afetaria até mesmo o grande poder de conversação do padre Sebastian. O reitor convidara-o para que continuasse a tomar as refeições no instituto sem esperar, contudo, que Dalgliesh aceitasse. Assim, Dalgliesh jantaria fora. No entanto, fora acordado que o instituto fornecesse a toda a equipe sopa e sanduíches, à uma da tarde. A questão do pagamento por aquele serviço foi tacitamente ignorada por ambas as partes, mas a situação não deixava de ser bizarra. Dalgliesh dera consigo a pensar se aquele caso de homicídio não seria o primeiro em que o assassino assegurava o alojamento e a alimentação do oficial encarregado da investigação.

Toda a equipe estava ansiosa por começar a trabalhar, mas, primeiro, tinham de examinar o corpo. Dalgliesh, Kate, Piers e Robbins dirigiram-se à igreja, onde lhes foi pedido que calçassem galochas especiais. Já devidamente equipados, atravessaram a ala norte da igreja, em direção ao local onde se achava O Juízo Final. Dalgliesh sabia que nenhum dos seus colaboradores tentaria anestesiá-lo com o horror que sentiria com piadas macabras de mau gosto, até porque quem era adepto desse tipo de piadas não trabalhava sob as suas ordens durante muito tempo. Depois de acender o projetor que iluminava o quadro, contemplaram o corpo, em silêncio, durante alguns minutos. A presa que deveriam caçar ainda não se perfilava no horizonte, e o seu trilho nem sequer fora detectado, mas deixara a sua obra de devastação, ali, na igreja, e eles eram obrigados a vê-la.

Apenas Kate quebrou o silêncio, perguntando:

Onde costumam estar os castiçais?

No altar.

E quando foi a última vez que alguém viu O Juízo Final, antes de ser vandalizado?

Ontem a noite, às nove e meia, durante as completas. Fecharam a porta da igreja, ativaram o alarme e regressaram ao centro de operações, onde se acomodaram para a primeira reunião, antes de lançarem mãos à obra. Dalgliesh tinha consciência de que a reunião não podia ser pautada pela pressa. Toda e qualquer informação que se esquecesse de dar, ou que não fosse bem compreendida, poderia resultar em atrasos, mal-entendidos e erros. Assim, fez um relato pormenorizado, se bem que conciso, de tudo o que vira e fizera desde que havia chegado a Santo Anselmo, sem se esquecer de mencionar a sua investigação sobre a morte do Ronald Treeves e o conteúdo do diário de Margaret Munroe. Os seus colaboradores escutavam-no em silêncio, tomando notas de quando em vez.

Sentada, muito direita, Kate tinha o olhar fixo no seu bloco, exceto quando o levantava para fitar Dalgliesh, com perturbadora intensidade. Como de costume, sempre que trabalhava num caso, usava sapatos baixos e confortáveis, calças estreitas e um casaco de corte impecável, por baixo do qual vestia uma camisola de gola alta, no Inverno, que substituíra por uma blusa de seda, no Verão. O seu cabelo castanho-claro estava penteado numa trança

curta. Não recorria aos artifícios da maquiagem, e o seu rosto era mais atraente do que bonito, exprimindo o que ela era: honesta, de confiança e conscienciosa, mas não totalmente em paz consigo própria.

Piers, impaciente como sempre, tinha dificuldade em ficar sentado. Depois de experimentar várias posições na cadeira que ocupava, enrolara as pernas nos pés da cadeira e colocara o braço por cima do espaldar. Contudo, o seu rosto, algo roliço, deixava transparecer um vivo interesse; as suas pestanas pesadas e os seus olhos castanhos revelavam a habitual expressão divertida, algo irreverente. Aparentemente menos concentrado do que Kate, nem por isso perdia pitada do que se dizia. Optara por um traje de linho, com camisa verde e calças castanho-claras, num estilo demasiado informal e algo negligente, que, na realidade, era tão estudado quanto a aparência mais convencional de Kate.

Robbins, tão formal e impecavelmente trajado como um motorista particular, sentara-se, perfeitamente à vontade, na outra extremidade da mesa, e levantava-se, de tempos a tempos, para fazer café.

Quando Dalgliesh terminou o seu relato, Kate perguntou:

Que nome vai dar a este assassino, chefe? Sempre que iniciavam uma investigação, a equipe tinha, por hábito, escolher um nome para o criminoso, fugindo, contudo, a alcunhas já muito conhecidas. Foi Piers que sugeriu:

Caim seria um nome indicado, porque é bíblico e curto, se bem que não seja lá muito original...

Pois então que seja Caim decidiu Dalgliesh. Agora, debrucemo-nos sobre o nosso trabalho. Quero que tirem as impressões digitais de todos os que se encontravam no instituto ontem à noite, incluindo os hóspedes e os padres. Quanto às impressões digitais do arcediogo, podemos esperar pela chegada dos peritos forenses. É melhor darem prioridade às dos outros, antes de começarmos com os interrogatórios. Depois, examinem as roupas que todos os residentes usavam ontem, incluindo os padres. Já examinei os capotes dos ordinandos. Encontram-se no seu devido lugar e não falta nenhum. Pareceram-me limpos, mas verifiquem outra vez. Duvido que o assassino tenha usado um capote ou uma batina comentou Piers. Porque haveria de fazê-lo? Se o Crampton foi atraído até à igreja, devia estar à espera de encontrar a pessoa que o chamou em pijama ou camisa de dormir. Até porque o assassino deve ter desferido rapidamente o primeiro golpe, aproveitando o momento em que o Crampton se virou para contemplar O Juízo Final. Talvez tivesse tempo, apenas, para arregaçar a manga do pijama, mas não sei... Não me parece que estivesse coberto com um capote pesado. Também podia estar nu, claro, ou parcialmente nu, por baixo do roupão, e deixá-lo cair, antes de desferir o golpe. Mesmo assim, teve de ser muito rápido.

O patologista também é da opinião, nada original, aliás, que o criminoso podia estar nu.

Não é assim tão extravagante como possa parecer, chefe. Afinal, porque haveria o criminoso de se mostrar ao Crampton? Tudo o que teve de fazer foi destrancar a porta sul e

deixá-la entreaberta. Depois acendeu a luz que ilumina o Juízo Final e escondeu-se atrás do pilar. O Crampton talvez tenha ficado admirado por não encontrar ninguém à sua espera mas, mesmo assim, avançou até ao Juízo Final, atraído pela luz e porque a pessoa que o chamou lhe havia dito que o quadro fora vandalizado. Mas não seria mais lógico o arcediago telefonar ao padre Sebastian antes de se dirigir à igreja? contrapôs Kate.

Não, se o arcediago quisesse ver com os seus próprios olhos o ato de vandalismo. Não devia querer fazer triste figura, lançando um alarme desnecessariamente. Agora, pergunto a mim próprio que desculpa o criminoso lhe terá dado para a sua presença, na igreja, àquela hora da noite. Ter-lhe-á dito que avistou uma nesga de luz na igreja. Que acordou com a tempestade, olhou pela janela, avistou um vulto e ficou desconfiado? Provavelmente, contudo, a questão nem se pôs, porque o primeiro reflexo do arcediago seria sempre dirigir-se à igreja. E se o Caim usasse um capote acrescentou Kate, porque o colocou novamente no vestiário, mas guardou as chaves da igreja. As duas chaves que desapareceram constituem uma prova vital. O criminoso não podia correr o risco de as ter em seu poder e ser-lhe-ia fácil livrar-se delas: bastaria deitá-las, algures, no promontório. Mas porque não tornou a guardá-las, no seu devido lugar? Se teve coragem para ir buscá-las ao armário, então, seria de calcular que também teria coragem para voltar a colocá-las lá novamente.

Não, se estivesse com as mãos ou a roupa ensangüentadas opinou Piers.

Mas porque teria forçosamente de ter as mãos ensangüentadas? Depois de cometer o crime, já não tinha pressa. Assim, teria tempo para regressar ao seu quarto e lavar-se. Sabia que o corpo do Crampton só seria descoberto quando a igreja fosse aberta para a oração da manhã, às sete e um quarto. No entanto, há mais uma coisa...

O quê? perguntou Dalgliesh.

O fato de as chaves não terem sido colocadas novamente no chaveiro não aponta para que o criminoso seja alguém que vive fora da mansão? Todos os padres podiam alegar um motivo legítimo para ir ao gabinete de Miss Ramsey, a qualquer hora do dia ou da noite. Não teriam qualquer problema se alguém os visse a colocar as chaves no armário.

Está a esquecer-se de um pormenor, Kate interveio Dalgliesh. Os padres nunca precisariam devolver as chaves, porque cada um tem um molho. Já verifiquei que ainda os têm em seu poder.

No entanto, um deles podia ter ido buscar outro molho replicou Piers, justamente para lançar as suspeitas sobre os funcionários, os ordinandos ou os hóspedes.

É uma possibilidade admitiu Dalgliesh, tal como é bem possível que a profanação ao Juízo Final nada tenha a ver com o homicídio. Há uma malícia quase infantil no ato de vandalismo que contrasta com a brutalidade do homicídio. Mas o mais extraordinário, em relação a este crime, é que tenha sido cometido daquela maneira. Se alguém queria matar o Crampton, não precisava de atraí-lo à igreja. Os quartos de hóspedes não têm fechaduras nem chaves nas portas. Qualquer pessoa podia ter ido ao quarto do Crampton e matá-lo, enquanto dormia. Mesmo um estranho não teria grande dificuldade em entrar na mansão.

Bastar-lhe-ia conhecer a disposição das diferentes alas do instituto, e não é muito difícil trepar o portão de ferro.

Mas sabemos que não pode ter sido um forasteiro prosseguiu Kate, por causa das duas chaves que desapareceram. Além do mais, nenhum carro poderia ter passado pela estrada de acesso, depois de aquele ramo ter caído, às dez horas da noite de ontem. Só se o assassino veio até cá a pé, e trepou pelo ramo, mas nunca seria fácil, com o vendaval de ontem.

O assassino sabia onde encontrar as chaves e conhecia o código do alarme explicou Dalgliesh. Tudo indica que só possa ser uma das pessoas que se encontrava aqui, ontem à noite, mas devemos manter o espírito aberto a outras possibilidades. Se o homicídio tivesse sido cometido de uma forma menos espetacular e bizarra, teria sido difícil imputá-lo a alguém associado a Santo Anselmo. Haveria sempre a possibilidade de que alguém tivesse penetrado no colégio, como, por exemplo, um ladrão que soubesse que as portas dos quartos não eram trancadas e matasse o Crampton, num momento de pânico, porque ele acordara na hora errada. Não é provável, mas também não posso descartar essa possibilidade. O Caim não só queria ver o Crampton morto, como queria que o homicídio fosse associado a Santo Anselmo. Assim que descobirmos o porquê, estaremos mais perto de solucionar este mistério.

O sargento Robbins, que permanecera calado no seu canto, ia tomando notas. Dois dos seus muitos méritos eram a sua capacidade de trabalhar, sem dar nas vistas, e de saber estenografia, mas tinha tão boa memória que nem precisava tomar notas. Embora fosse o membro de patente mais baixa, não deixava de fazer parte daquela equipe, e Kate deu consigo a desejar que Dalgliesh puxasse por ele. Tem alguma teoria, sargento? quis saber Dalgliesh.

Nem por isso. É, quase de certeza, um crime cometido por alguém que se encontrava no instituto e que se sente muito contente por termos chegado a essa conclusão. No entanto, estava a pensar no castiçal... Terá sido, realmente, a arma do crime? Sim, está ensangüentado, mas pode ter sido tirado do altar e usado depois de o Crampton estar morto. A autópsia não vai poder determinar, pelo menos de forma concludente, se o primeiro golpe foi desferido com o castiçal. Isso só poderá apurar-se se houver vestígios do sangue e da massa encefálica do Crampton no castiçal. Em que estás a pensar? perguntou Piers. O enigma central marca justamente a diferença entre um homicídio claramente premeditado e um ataque de fúria.

Suponhamos que não se tratou de um crime premeditado. Parecem não restar dúvidas de que alguém atraiu o Crampton até à igreja, presumivelmente para lhe mostrar a profanação do Juízo Final. Alguém está à espera dele. Dá-se, então, uma troca de palavras desagradáveis. O Caim perde o controlo e desfere um golpe. O Crampton cai. Então, o Caim, ao ver que se encontra perante um homem morto, encontra maneira de imputar o homicídio ao instituto. Pega nos dois castiçais e serve-se de um para desferir sucessivos golpes no Crampton. Finalmente, coloca os dois castiçais ao lado da cabeça do morto.

É possível anuiu Kate, mas isso significaria que o Caim tinha à mão algo suficientemente pesado para esmagar um crânio.

Podia ter um martelo ou um outro utensílio pesado, como, por exemplo, uma ferramenta de jardinagem prosseguiu Robbins. Suponhamos que o Caim viu uma nesga de luz na igreja, ontem à noite, e resolveu entrar e ver o que se passava, armando-se com o que tinha à mão. É então que depara com o Crampton. Discutem violentamente e ele ataca-o.

Mas porque haveria alguém de entrar na igreja, àquela hora da noite, armado? objetou Kate. Porque não telefonar, antes, a um dos padres?

Talvez o Caim preferisse investigar por sua conta ou, quem sabe, não se achasse sozinho. Talvez estivesse acompanhado por mais alguém.

”Como, por exemplo, por uma irmã”, pensou Kate, ponderando naquela teoria, que achava deveras interessante.

Dalgliesh manteve-se em silêncio durante algum tempo até que, por fim, rematou:

Temos muito que fazer e sugiro que comecemos já. Fez nova pausa, enquanto perguntava a si próprio se deveria falar no que lhe ia ao pensamento. Não restavam dúvidas de que estavam perante um caso de homicídio, mas Dalgliesh não queria tornar a investigação mais complicada com questões que podiam ser irrelevantes. Por outro lado, sentia que devia dar voz às suas suspeitas., Penso que temos de ver este homicídio no contexto das duas mortes que o precederam. A do Treeves e a de Mistress Munroe. Tenho um palpite... e nada mais do que isso, a esta altura... de que estão interligados. Mesmo que seja um elo tênue, algo me diz que existe. A sua sugestão foi acolhida por um silêncio de poucos segundos. Dalgliesh podia sentir que os seus colaboradores tinham ficado admirados. Por fim, Piers replicou:

Julgava que o senhor estivesse mais ou menos convencido de que o Treeves se suicidou. Se, no entanto, foi assassinado, então, seria uma grande coincidência termos dois assassinos em Santo Anselmo. Quanto a mim, a morte do Treeves deveu-se a um suicídio ou a uma causa natural, e nada mais. Se não, vejamos: de acordo com os fatos que acabou de nos expor, o corpo do rapaz foi encontrado a cerca de duzentos metros do único acesso à praia. Ora, seria difícil que alguém o carregasse até lá e duvido muito que o Treeves acompanhasse o seu assassino de bom grado. Era um rapaz forte e saudável. Nunca ninguém conseguiria lançar quase uma tonelada de areia sobre a sua cabeça, a não ser que estivesse drogado ou bêbedo. Ora, nada disso aconteceu, porque o senhor nos disse que a autópsia foi minuciosa. Kate dirigiu-se diretamente a Piers:

Muito bem; vamos partir do princípio de que o Treeves se suicidou, mas tem de haver um motivo. O que o levou a um ato tão desesperado? Ou quem? Mesmo assim, não vejo qualquer relação com o homicídio do Crampton, porque ele nem sequer se encontrava em Santo Anselmo naquela altura, e não temos motivos para crer que conhecia o Ronald Treeves.

E quanto a Mistress Munroe? insistiu Kate. Ela lembrou-se de um segredo relacionado com o seu passado e que a deixou preocupada. Fala com a pessoa a quem esse segredo diz respeito e, pouco depois, morre. Não posso deixar de pensar que a morte dela foi estranhamente conveniente.

Mas para quem? Por amor de Deus, Kate! protestou Piers. Ela sofria do coração. Podia morrer a qualquer momento.

Kate, no entanto, não se deixou abalar na sua obstinação.

Ela escreveu aquela anotação no seu diário porque se lembrou de algo. E seria tão fácil matá-la... Uma mulher de idade, que sofria do coração e que, muito provavelmente, nunca recearia nada de mal por parte do seu assassino.

Pronto, ela sabia alguma coisa anuiu Piers. Isso não quer dizer que fosse algo importante. Podia ser um pecadilho menor talvez condenável aos olhos do padre Sebastian ou dos outros padres mas que mais ninguém levaria a sério. E, agora, ela foi cremada, a sua casa esvaziada e as provas, se é que existiam, desapareceram para sempre. Seja o que for de que ela se lembrou, foi algo que se deu há doze anos atrás. Quem iria cometer um crime por um motivo tão absurdo...

Lembra-te de que foi ela que encontrou o corpo do Treeves, fez notar Kate.

E o que é que isso tem a ver com o resto? A última anotação do diário é suficientemente explícita. Ela não se recordou do tal segredo quando encontrou o corpo do Treeves. Lembrou-se apenas quando o Surtees lhe foi levar uns alhos porros. Foi nesse momento que o presente e o passado se uniram para ela. Alhos porros... Poderá haver algum significado na palavra em si? Ou algum trocadilho que nos tenha escapado?

Pelo amor de Deus, Kate, isso parece ter sido tirado de um romance da Agatha Christie! troçou Piers, virando-se, em seguida para Dalgliesh. Quer dizer, então, que devemos investigar dois homicídios, chefe? O do Crampton e o de Mistress Munroe?

Não, porque não quero pôr em risco a investigação de um homicídio apenas com base num palpite meu. O que quis dizer foi que pode haver uma ligação e que não devemos esquecer-nos dessa possibilidade, mesmo que nos pareça remota. Bom, temos muito que fazer e, portanto, não percamos mais tempo. A prioridade vai para a recolha das impressões digitais e dos testemunhos dos padres e dos ordinandos. Kate e Piers, encarreguem-se disso. Eles já estão fartos de mim, tal como o Surtees; portanto, é melhor que sejam vocês a falar com ele e com a irmã. Só ganharemos alguma vantagem se eles forem interrogados por pessoas que nunca viram antes. No entanto, não penso que adiantemos grande coisa enquanto o inspetor Yarwood não se recuperar e o pudermos interrogar. De acordo com o hospital, em princípio, terá alta na terça-feira.

Se existe uma hipótese de ele possuir uma prova vital replicou Piers, ou se for suspeito, devemos mantê-lo sob vigilância discretamente?

Já se encontra discretamente sob vigilância respondeu Dalglish. A Polícia de Suffolk encarregou-se disso. Ele saiu do quarto, na noite do crime, e pode ter avistado o assassino e, por isso, resolvi pô-lo sob proteção policial.

Ouviu-se, então, o motor de um carro, que avançava pelo promontório. O sargento Robbins levantou-se e dirigiu-se para a janela.

Mister Clark e os outros oficiais chegaram anunciou. Piers consultou o relógio e comentou:

Nada mau, mas teriam chegado cá mais depressa se tivessem vindo de carro. O que leva mais tempo é sair de Ipswich. Ainda bem que o comboio não se atrasou. Dalglish virou-se para Robbins. Peça-lhes que tragam o equipamento para aqui. Podem servir-se de um dos quartos. Provavelmente, também vão querer um café antes de começarem o trabalho.

Sim, senhor.

Dalglish decidira que os oficiais do laboratório forense podiam mudar de roupa na igreja, se bem que longe da cena do crime. Brian Clark, o chefe de equipe, que tinha a alcunha de Nobby, havia já trabalhado com Dalglish. Calmo, racional e desprovido de qualquer sentido de humor, não era o mais inspirador dos colegas, mas tinha granjeado reputação pela sua meticulosidade e, quando se dignava falar, os seus comentários revelavam invariavelmente grande sensatez. Se houvesse algo a encontrar, ele encontrá-lo-ia. Era um homem que não gostava de grandes entusiasmos e, até mesmo perante as provas mais evidentes, tecia sempre o mesmo comentário: "Muito bem, rapazes, mantenham a calma. É apenas uma pegada, não o Santo Graal." Também acreditava na separação das funções. A sua era a de descobrir, recolher e preservar as provas, não a de usurpar as funções dos investigadores. Para Dalglish, que encorajava o trabalho de equipe e era receptivo às idéias dos outros, aquela reserva de Clark, quase taciturna, constituía um defeito.

Sentia a falta de Charlie Ferris, o chefe da equipe forense com quem havia trabalhado na investigação dos homicídios de Berowne e de Harry Mack, também perpetrados numa igreja. Lembrava-se muito bem de Ferris, um homem pequeno, louro, de traços finos e tão ágil quanto um galgo saltitando, ao de leve, como um corredor ansioso por ouvir o disparo da pistola. Contudo, o que lhe ficara mais gravado na memória fora a extraordinária farda que Ferris mais conhecido por Furão arranjara para a investigação: diminutos calções brancos, camisola de algodão, de mangas curtas, e um gorro de borracha, muito apertado, que o fazia parecer-se com um nadador que se esquecera de despir a roupa interior. Charlie Ferris, entretanto, havia-se reformado e agora tinha um pub, em Somerset, onde a sua voz de baixo, tão incongruente com a sua diminuta estatura, conferia mais força ao coro da igreja.

Um patologista diferente, uma equipe forense diferente, talvez para ser substituída, em breve, por outra. Dalglish sentia-se feliz por ainda ter Kate Miskin na sua equipe. Mas não era a melhor altura para se preocupar com o estado de espírito de Kate nem com o futuro dela. Talvez a sua menor tolerância para com as mudanças de equipe se devesse ao avançar dos anos, concluiu.

Ao menos, conhecia o fotógrafo. Barney Parker já ultrapassara a idade da reforma e trabalhava, agora, a tempo parcial. Era um homem desenvolvido, de olhar ansioso, que não mudara em nada ao longo de todos aqueles anos. Tinha um outro emprego, também em tempo parcial, como fotógrafo de casamentos, e talvez a possibilidade de focar a beleza das noivas se revelasse reconfortante perante a crueldade brutal das suas funções na Polícia. Tinha um pouco da irritante falta de oportunidade do fotógrafo de casamentos, quando, na cena do crime, olhava à sua volta, como que para se certificar de que não havia outros corpos, ansiosos por captar a sua atenção. Dalglish não se admiraria se Barney Parker resolvesse alinhar os corpos da cena de um crime, para lhes tirar uma fotografia de família, mas, mesmo assim era um excelente profissional. Dalglish acompanhou a equipe forense até à igreja, passando pela sacristia. Mudaram de roupa num dos camarotes, perto da porta sul, num silêncio que nada tinha a ver com o lugar sagrado onde se achavam. Uma vez devidamente equipados, levantaram-se, como um pequeno grupo de astronautas, com as suas roupas e capuzes brancos, enquanto viam Nobby Clark seguir atrás de Dalglish, regressando novamente à sacristia. Com o capuz em torno do rosto e os seus dentes superiores ligeiramente protuberantes, Clark só precisava de duas orelhas para se parecer com um grande coelho.

O assassino entrou pela porta da sacristia, vindo do claustro norte explicou Dalglish. O que significa que deverão examinar o pavimento do claustro, para ver se encontram pegadas, muito embora duvide que descubram alguma coisa por baixo daquele manto de folhas. Não há maçaneta na porta, mas irão descobrir, com certeza, as impressões digitais de todos aqueles que se encontram aqui, na porta em si.

De regresso à igreja, acrescentou:

Talvez encontrem impressões digitais no Juízo Final e na parede ao lado, muito embora me custe a crer que o assassino não tenha usado luvas. O castiçal da direita apresenta vestígios de sangue e alguns fios de cabelo, mas, mais uma vez, teremos muita sorte se forem encontradas impressões digitais. Penso que o ponto mais interessante será este... Depois de atravessar a nave central, Dalglish parou junto do segundo camarote da frente. Alguém se escondeu aqui, por baixo do banco. Pode ver-se pela ausência de pó no centro do assento. Não sei se conseguirão encontrar impressões digitais na madeira, mas é uma possibilidade. Muito bem replicou Clark. E quanto ao almoço da minha equipe? Não vimos nenhum pub nas redondezas, e não quero fazer intervalos, porque gostaria de trabalhar à luz natural, tanto tempo quanto for possível.

O instituto fornecer-vos-á sanduíches. O Robbins está a tratar do alojamento para esta noite. Veremos que progressos fizeram amanhã.

Penso que vou precisar de mais de dois dias, senhor inspetor, por causa daquelas folhas no claustro norte. Vou ter de removê-las e de examiná-las, uma a uma.

Dalglish tinha dúvidas de que Clark tirasse alguma alegria daquele exercício tão enfadonho, mas não quis desencorajar a grande atenção que ele conferia aos pormenores. Deu as últimas instruções aos dois outros membros da equipe e, depois, deixou-os.

Antes que se procedesse aos interrogatórios individuais, deviam recolher-se as impressões digitais de todas as pessoas que se encontravam em Santo Anselmo, tarefa que fora atribuída a Piers e Kate. Ambos sabiam que Dalglish preferia que as impressões digitais das senhoras fossem recolhidas por um membro do mesmo sexo. Assim antes de começarem, Piers comentou:

Já há muito tempo que não recolho impressões digitais. É melhor encarregares-te das senhoras, como de costume, se bem que pareça um requinte desnecessário. Até parece que, se fosse um homem, constituiria uma espécie de violação...

Kate encarregava-se dos preparativos.

Podemos encará-lo como uma forma de violação. Inocente ou não, ficaria horrorizada só de pensar que um oficial da Polícia do sexo masculino iria agarrar-me na ponta dos dedos.

Nem sequer agarramos nas pontas dos dedos. Parece que temos a sala de espera cheia. Já cá estão todos, à exceção dos padres. Por quem começamos?

Talvez seja melhor começar pelo Arbuthnot.

Kate interessou-se pelas diferentes reações dos suspeitos que se apresentaram, com maior ou menor humildade. Na hora seguinte, o padre Sebastian que chegara com os outros padres, mostrara-se cooperativo, mas sisudo, e não conseguira reprimir uma careta de nojo quando Piers lhe pegara nos dedos para os lavar com água e sabão, antes de os fazer rolar na almofada de tinta. Penso que posso fazer isso sozinho comentara.

Piers não se deixara intimidar.

Lamento, padre, mas temos de nos certificar de que obtém uma boa impressão dos contornos. Ao fim e ao cabo, é uma questão de treino.

O padre John não abria a boca, mas o seu rosto estava lívido, e Kate percebera que tremia. Durante a recolha das impressões digitais, fechara os olhos. O padre Martin, por seu lado, mostrara-se muito interessado e fitara, quase com uma admiração infantil, o padrão complexo de linhas e curvas que confirmavam a sua identidade única. O padre Peregrine, com os olhos postos na direção do instituto, para onde impacientemente desejava regressar, mal parecera dar-se conta do que acontecia à sua volta. Só quando vira os dedos sujos de tinta resmungara que esperava que ela saísse facilmente e que os ordinandos lavassem as mãos, antes de se dirigirem à biblioteca. Acrescentara ainda que ia colocar um aviso à entrada.

Nenhum dos ordinandos ou funcionários objetara a tal procedimento, à exceção de Stannard, que o encarara como uma grave infração à liberdade cívica.

Espero que tenham autoridade para fazer isto... comentara secamente.

Ao que Piers respondera calmamente:

Sim, senhor, temos, com o seu consentimento, ao abrigo do Decreto sobre a Recolha de Provas Policiais e Criminais, mas penso que conhecerá essa legislação...

E, mesmo que eu não desse o meu consentimento, os senhores arranjariam um mandado ou coisa do gênero. Quando procederem a uma detenção, se chegarem tão longe, e se ficar provado que sou inocente, deduzo que as minhas impressões digitais serão devidamente destruídas, mas como posso ter a certeza disso?

Pode sempre assistir à destruição das suas impressões digitais, se o solicitar.

O que farei replicara, enquanto Piers lhe pressionava os dedos na almofada de tinta. Pode ter a certeza!

Tinham acabado, e Emma Lavenham, a última pessoa a quem tinham tirado as impressões digitais, saíra. Kate, então, comentou, com uma desenvoltura tão estudada que até ela própria notou que o seu tom de voz era algo artificial:

Na tua opinião, o que pensa o Adam Dalglish dela?

Sendo homem, heterossexual e poeta, deve pensar o que todo e qualquer homem, heterossexual e poeta, pensa quando encontra uma mulher muito bela. Deve pensar o mesmo que eu, ou seja, que gostaria de a levar para a cama.

Caramba! Tens de ser assim tão grosseiro? protestou Kate. Não consegues ver uma mulher sem imediatamente pensares em levá-la para a cama?

Que puritana me saíste, Kate! Pediste-me a minha opinião sobre o que o Dalglish pensava dela e não o que ele faria com ela. Está descansada que, infelizmente, ele controla os seus instintos. Não te parece que aquela mulher constitui uma anormalidade, aqui? Porque achas que o padre Sebastian a escolheu? Para fornecer um exercício temporário de resistência à tentação? Penso que teria feito melhor se escolhesse um homem novo e muito bonito... Se bem que os quatro estudantes que vimos, até agora, pareçam ser um grupo deprimente de heterossexuais...

Porque tu percebeste logo que eles eram heterossexuais...

Sim, tal como tu, aliás. Mas, por falar em beleza, o que achaste do Raphael?

O nome assenta-lhe como uma luva. Pergunto-me se teria a mesma aparência, caso se chamasse Albert. Mas é demasiado bonito, e sabe-o.

Atrai-te?

Não, nem tu. Bom, agora é tempo de fazermos umas visitas. Por quem começamos? Pelo padre Sebastian?

Queres começar pelo topo?

E porque não? Depois disso, o Dalglish quer que eu esteja presente quando entrevistar o Arbuthnot.

Quem vai dirigir o interrogatório do reitor?

Eu, pelo menos de início.

Achas que ele se abrirá mais com uma mulher? Podes ter razão, mas eu não apostava nisso. Aqueles padres estão habituados ao confessional, o que faz com que saibam guardar segredos, incluindo os deles.

11

O padre Sebastian havia dito: "Por certo, vai desejar ver Mistress Crampton, antes da sua partida. Envio-lhe um recado, quando ela se mostrar disposta a recebê-lo. Se ela quiser visitar a igreja, creio que poderá fazê-lo, não é verdade?" Dalglish respondera que sim, mas não sabia se o padre Sebastian estava convencido de que, se Mrs. Crampton desejasse ver onde o marido morrera, ele seria a pessoa indicada para escoltá-la. Dalglish tinha outras idéias em mente, mas não era o melhor momento para as referir; Mrs. Crampton podia não querer visitar a igreja, mas ele tinha de falar com ela.

A mensagem comunicando-lhe que Mrs. Crampton estava disposta a vê-lo fora levada até ao centro de operações por Stephen Morby, que agora servia de mensageiro geral do padre Sebastian. Dalglish já havia reparado como o reitor parecia avesso a usar o telefone.

Quando entrou no escritório do padre Sebastian, Mrs. Crampton levantou-se e avançou para ele, com a mão estendida, enquanto o fitava com olhar sereno. Era mais nova do que Dalglish esperava. Tinha seios fartos, cintura fina e rosto afável e simples. Não usava chapéu, e o seu cabelo castanho-claro, curto, penteado de forma impecável, parecia ser alvo de cuidados estéticos dispendiosos. Se a idéia não lhe parecesse ridícula, Dalglish quase seria levado a pensar que a mulher tinha acabado de sair do cabeleireiro. Usava fato de saia e casaco de tweed, em tons de azul e castanho, com um largo medalhão na lapela. Era uma jóia moderna e parecia chocar com a simplicidade rústica do tweed. Dalglish perguntou a si próprio se aquela jóia fora uma prenda do marido e se ela a usava como um símbolo de fidelidade ou de desafio. Um casaco de viagem, curto, estava pousado sobre o espaldar da cadeira. Mrs. Crampton mostrava-se muito calma, e a mão que Dalglish apertou na sua era fria mas firme.

As apresentações feitas pelo padre Sebastian foram breves e formais. Dalglish pronunciou as palavras habituais de pêsames. Havia-as dito às famílias de uma vítima de homicídio mais vezes do que conseguia lembrar-se, e soavam-lhe sempre como falsas.

O padre Sebastian, então, disse:

Mistress Crampton gostaria de ir à igreja e pediu-me se o senhor podia acompanhá-la. Se precisarem de mim, estou aqui, no meu gabinete.

Atravessaram o claustro sul e o átrio que dava para a igreja. O corpo do arcediogo já havia sido removido, mas a equipe forense ainda estava a trabalhar no interior. Um dos membros começara a varrer as folhas mortas que se espalhavam pelo pavimento do claustro norte, examinando uma a uma atentamente, e já havia uma pequena passagem desimpedida até à porta da sacristia.

Estava frio na igreja, e Dalgliesh apercebeu-se de que a sua companheira tremia.

Deseja que vá buscar o seu casaco? perguntou.

Não, obrigada, inspetor. Estou bem.

Conduziu-a até ao local onde se achava O Juízo Final. Não precisou de lhe dizer que a cena do crime fora ali; as pedras ainda se encontravam manchadas com o sangue do marido. Mrs. Crampton ajoelhou-se, um pouco hirta, e sem saber muito bem o que fazia. Dalgliesh afastou-se e atravessou a nave central.

Poucos minutos depois, Mrs. Crampton juntou-se-lhe.

Podemos sentar-nos durante uns minutos? Creio que deseja fazer-me algumas perguntas.

Posso ouvi-la no gabinete do padre Sebastian ou no centro de operações, na Vivenda São Mateus, se isso for mais confortável para si.

Não, obrigada. Sinto-me melhor aqui.

Os dois agentes que estavam a trabalhar tinham-se recolhido discretamente para a sacristia. Após um breve momento de silêncio, Mrs. Crampton perguntou:

Como foi que o meu marido morreu, inspetor? O padre Sebastian mostrou-se relutante em me dizer.

Isso deve-se ao fato de ainda não termos revelado tudo ao padre Sebastian, Mistress Crampton.

O que não queria dizer, evidentemente, que o padre não o soubesse. Dalgliesh perguntou a si próprio se aquela possibilidade ocorrera a Mrs. Crampton.

É importante para o êxito da investigação que todos os pormenores sejam mantidos em segredo, por ora.

Compreendo. Nada direi.

O arcediogo morreu em consequência de uma pancada na cabeça explicou Dalgliesh gentilmente. Foi tudo muito súbito. Não penso que ele tenha sofrido. Nem sequer deve ter havido tempo para sentir medo.

Obrigada, inspetor.

Fez-se, de novo, silêncio. Era curiosamente reconfortante, e Dalgliesh não tinha qualquer pressa em quebrá-lo. Mesmo no seu desgosto, que parecia suportar com estoicismo, Mrs. Crampton era uma companhia agradável. Teria sido aquela qualidade que atraía o arcediogo? O silêncio prolongou-se. Olhando discretamente, de relance, para o rosto de Mrs. Crampton, Dalgliesh viu uma lágrima brilhar na sua face. Ela enxugou-a com o lenço mas, quando tornou a falar, a sua voz era calma.

O meu marido não era bem-vindo aqui, inspetor. No entanto, sei que ninguém em Santo Anselmo poderia tê-lo assassinado. Recuso-me terminantemente a acreditar que um membro de uma comunidade cristã fosse capaz de um ato tão malévolo.

Tenho de fazer-lhe uma pergunta. O seu marido tinha inimigos que pudessem desejar-lhe mal?

Não. Era muito respeitado na paróquia. Poder-se-ia mesmo dizer que era idolatrado, muito embora seja uma palavra que ele nunca teria empregue. Era um padre bom, compadecido e consciencioso.

Não sei se alguém lhe disse que era viúvo quando nos casamos. A primeira mulher dele suicidou-se. Era dona de uma rara beleza mas uma pessoa perturbada. Mesmo assim, ele amava-a do fundo do coração.

A tragédia afetou-o muitíssimo, mas conseguiu ultrapassar o seu desgosto. Estava a aprender a ser feliz. Éramos felizes. É cruel pensar que todas as suas esperanças hajam chegado ao fim.

Afirmou que ele não era bem-vindo em Santo Anselmo. Seria em virtude das diferenças teológicas ou haveria outros motivos? O seu marido falava-lhe das suas visitas ao instituto?

Falava-me de tudo, inspetor, exceto do que lhe era dito em confissão, enquanto membro do clero. O meu marido achava que Santo Anselmo há muito deixara de ter qualquer utilidade e não era o único. Penso que até mesmo o padre Sebastian se dá conta de que o instituto é uma anormalidade, hoje em dia, e, por conseguinte, terá de ser encerrado. Havia diferenças de modo teológico entre eles, claro, o que não tornava as coisas mais fáceis. E, depois, creio que já deve saber do problema com o padre John Betterton.

Efetivamente, fiquei com a impressão replicou Dalgliesh, à cautela de que havia um problema entre eles, mas desconheço os pormenores.

É uma história antiga e bastante triste. Há alguns anos atrás, o padre Betterton foi considerado culpado de ofensas sexuais contra alguns dos meninos do coro da igreja onde

celebrava e, conseqüentemente, condenado a cumprir uma pena de prisão. O meu marido descobriu algumas provas e foi testemunha durante o julgamento.

Nessa altura, ainda não éramos casados... Tudo isso se deu pouco depois da morte da sua primeira mulher... mas sei que lhe provocou grande pesar. Fizera o que achara ser seu dever, mas mesmo assim o caso provocou-lhe grande sofrimento.

Dalgliesh pensou que o padre John, por certo, devia ter sofrido muito mais.

O seu marido disse-lhe alguma coisa, antes desta visita, que sugerisse que poderia arranjar maneira de se encontrar com alguém, aqui, ou de que tinha motivos para supor que a sua visita seria particularmente difícil?

Não, não me disse nada. Tenho a certeza de que não combinou um encontro com ninguém. Na verdade, nem sequer se mostrava ansioso pela sua visita ao instituto durante o fim-de-semana, mas também não a receava.

E manteve-se em contacto com a senhora, desde que chegou, ontem?

Não; não me telefonou, nem eu esperava que ele o fizesse. O único telefonema que recebi, não relacionado com assuntos da paróquia, foi do gabinete diocesano. Ao que parece, tinham perdido o número do celular do meu marido e queriam sabê-lo, para o terem nos seus registos.

A que horas recebeu esse telefonema?

Já era muito tarde e fiquei admirada porque, em princípio, o gabinete devia estar encerrado. Telefonaram-me, no sábado, às nove e meia da noite.

Falou com a pessoa que efetuou esse telefonema? Era um homem ou uma mulher?

Pareceu-me ser um homem. Na altura, pensei que fosse um homem, mas não posso dar-lhe a certeza. Não falamos muito. Ele pediu-me o número do celular do meu marido e eu dei. Agradeceu-me e desligou, logo de seguida.

Claro que sim, pensou Dalgliesh. Não iria querer comprometer-se com palavras desnecessárias. Tudo o que queria era saber um número e que nunca poderia obter de outra forma e para o qual iria ligar, nessa mesma noite, da igreja, para chamar o arcediogo ao local da sua morte. Não era aquela a resposta a um dos problemas do caso? Se Crampton tivesse sido atraído à igreja por um telefonema que recebera, como podia a pessoa que lhe telefonara descobrir o número do seu celular? Não seria difícil localizar aquele telefonema, feito às nove e meia da noite de sábado, e o resultado seria desastroso para alguém em Santo Anselmo. No entanto, o mistério permanecia. O assassino era melhor pensar nele como Caim não era parvo. O seu crime fora cuidadosamente planejado. Teria Caim previsto a possibilidade de Dalgliesh falar com Mrs. Crampton? Seria possível não, mais do que possível que se traçasse a origem do telefonema de sábado à noite? Foi então que Dalgliesh refletiu numa outra hipótese. Não seria exatamente isso o que Caim pretendia?

Após a recolha das impressões digitais, Emma passou pelo seu quarto para ir buscar alguns papéis; preparava-se para se dirigir à biblioteca quando ouviu passos apressados no claustro sul. Raphael abordou-a.

Tenho uma pergunta a fazer-lhe declarou. É boa altura! Emma ainda pensou em responder: "Desde que não se demore muito", mas, depois de olhar para o rosto do jovem, conteve-se. Não sabia se ele procurava conforto, mas parecia estar a precisar de um ombro amigo. Assim, respondeu:

Sim... Mas não tinha uma aula com o padre Peregrine?

Foi adiada. A Polícia mandou chamar-me. Estou a dois passos de ser detido... É por isso que precisava de vê-la. Creio que não quererá dizer a Dalglish que estivemos juntos, ontem à noite? Depois da hora crucial, às onze horas? É que tenho um álibi até essa hora,

Juntos? Mas onde?

No seu quarto ou no meu. Creio que estou a pedir-lhe se está disposta a dizer que dormimos juntos, ontem à noite...

Emma parou e virou-se para fitar Raphael.

Nunca diria tal coisa! Mas que estranho pedido o seu, Raphael. Não costuma ser tão grosseiro.

No entanto, não seria algo assim tão extraordinário, não? replicou Raphael.!

Emma recomeçou a andar, mas Raphael seguiu-a. Ouça, não o amo nem sequer estou apaixonada por si.

Não vejo qual a diferença... atalhou Raphael. Mas podia ser possível. Talvez a idéia não lhe repugnasse totalmente.

Emma, mais uma vez, fitou o jovem.

Raphael, se eu tivesse dormido consigo ontem, não teria qualquer vergonha em admiti-lo. Mas não dormi, nunca dormirei e não vou mentir. Além do fato de essa mentira ir contra todos os meus princípios, seria uma estupidez da minha parte e poderia revelar-se perigoso. Por acaso, julga que conseguiria enganar o Adam Dalglish? Mesmo que eu fosse uma excelente mentirosa... e não sou... ele perceberia imediatamente, porque faz parte da sua profissão. Mas, afinal, o que receia? Que ele julgue que você assassinou o arcediogo?

Provavelmente, é o que já deve julgar nesta altura. O meu álibi não vale grande coisa. Fui fazer companhia ao Peter para que não se sentisse sozinho, durante a tempestade, mas ele

adormeceu antes da meia-noite, e eu podia ter-me facilmente esgueirado do quarto dele. É o que o Dalgliesh, com certeza, vai pensar.

Partamos do princípio de que ele desconfie de si... coisa de que duvido. Então, as suas suspeitas só ficarão mais fortes, se você decidir fabricar um álibi. Isso nem parece seu, Raphael. É um ato estúpido, patético e insultuoso para ambos. Mas porquê?

Talvez porque eu quisesse saber qual seria a sua reação perante tal idéia respondeu o jovem, com toda a sinceridade.

Não se dorme com um homem por se achar a idéia interessante. Dorme-se com um homem por se achar que ele nos atrai ou porque sentimos que gostamos dele sentenciou Emma.

Além do mais, como é evidente, o padre Sebastian nunca o aprovaria.

Raphael tecera aquele comentário com o seu costumeiro tom irônico, mas Emma pôde detectar uma ponta de azedume.

Claro que não aprovaria. Você é um ordinando e eu uma hóspede de Santo Anselmo. Mesmo que eu quisesse dormir consigo... e não quero... seria um atentado às boas maneiras.

Aquela dedução fê-lo rir, mas a gargalhada de Raphael revelava alguma melancolia.

Boas maneiras! exclamou. Sim, creio que é uma hipótese como outra qualquer. É a primeira vez que sou rejeitado sob esse pretexto... A etiqueta da moralidade sexual. Talvez devêssemos ter um seminário sobre a ética sexual...

Mas qual é a razão dessa sua súbita atitude, Raphael? insistiu Emma. Devia calcular qual seria a minha resposta.

É que pensei que, se pudesse conquistar o seu afeto... ou, quem sabe, levá-la a amar-me um pouco... eu não sentiria que estou metido em confusões e que tudo vai correr bem.

Infelizmente, não é assim replicou Emma, desta vez num tom de voz mais afável. Não devemos partir em busca do amor só para que ele resolva os nossos problemas.

Mas é o que as pessoas fazem.

Tinham parado em frente da porta sul. Emma virou-se. De repente, Raphael deteve-a, pegou-lhe na mão e, debruçando-se, beijou-a na face.

Desculpe, Emma. Eu já sabia que não ia resultar. Era apenas um sonho. Por favor, perdoe-me.

Dito aquilo, afastou-se, e Emma ficou a vê-lo atravessar o claustro, até transpor o portão de ferro. Por fim, entrou no instituto, confusa e infeliz. Porque não havia sido mais compreensiva? Teria querido Raphael abrir-se com ela, se o tivesse encorajado? Mas, se as

coisas corriam mal para Raphael, como ela pensava, porque pensara ele que uma outra pessoa podia ajudá-lo? E não fora o que ela fizera, de certa maneira, com Giles? Cansada das exigências amorosas, dos ciúmes, das rivalidades, não tinha ela decidido que Giles, com o seu estatuto, força e inteligência, podia oferecer-lhe um compromisso que lhe permitisse prosseguir, sozinha, com o que prezava mais na vida: o seu trabalho? Percebia agora que a sua relação com Giles havia sido um erro. Assim que regressasse a Cambridge, seria honesta com ele. Não iria ser nada agradável. Giles não estava habituado a ser rejeitado, mas Emma não queria pensar mais nesse assunto. Aquele seu futuro trauma nada representava comparado com a tragédia que se abatera sobre Santo Anselmo e de que ela, inevitavelmente, fazia parte.

13

Pouco antes do meio-dia, o padre Sebastian telefonou ao padre Martin, que estava na biblioteca a corrigir ensaios, perguntando-lhe se podia falar com ele. Tinha por costume telefonar pessoalmente ao padre Martin. Desde o primeiro dia em que tomara posse como reitor, tivera sempre o cuidado de nunca convocar o seu predecessor por meio de um ordinando ou de um dos funcionários; o seu novo reino, muito diferente do anterior, não seria pontuado pelo excesso de autoridade. Para outras pessoas, a idéia de que o antigo reitor continuaria a residir e a lecionar no instituto, a tempo parcial, seria interpretada como um convite ao desastre. Até então, sempre fora considerado de bom-tom que o reitor demissionário não só partisse com dignidade mas, também, se afastasse para tão longe quanto possível do instituto. Mas a combinação entre o padre Sebastian e o padre Martin, a princípio temporária, para substituir a saída inesperada do professor de Teologia Pastoral, prolongara-se, por mútuo acordo, para satisfação de ambas as partes. O padre Sebastian não revelara qualquer inibição nem embaraço por ocupar, na igreja, o banco do seu predecessor, por reorganizar o gabinete ou por sentar-se à cabeceira da mesa, nem, tão pouco, por introduzir no instituto as alterações que havia tão cuidadosamente planeado. Quanto ao padre Martin, acatara, sem qualquer rancor e até divertido, o seu novo estatuto. Nunca passara pela cabeça do padre Sebastian que um predecessor seu pudesse constituir uma ameaça, quer à sua autoridade quer às suas inovações. No entanto, nunca confidenciava com o padre Martin nem o consultava. Se precisava de alguma informação relativa aos pormenores de ordem administrativa, consultava os arquivos ou perguntava à sua assistente. Homem dotado de grande confiança sobre si próprio, provavelmente teria acolhido o arcediogo de Cantuária, em pessoa, como seu subalterno, sem qualquer problema.

A relação entre os dois padres era de confiança e respeito mútuo e, pela parte do padre Martin, até de afeto. Como sempre tivera alguma dificuldade, durante o seu mandato, em acreditar que era, de fato, reitor, aceitara ser substituído de bom grado e com algum alívio. E se, por um lado, almejava que existisse entre eles um relacionamento mais caloroso, por outro, nunca conseguiria encarar tal coisa. Mas agora, sentado a convite do reitor na poltrona que costumava ocupar, em frente da lareira, atento à inquietude habitual do padre Sebastian, tomou consciência de que o reitor esperava uma ajuda da sua parte talvez uma palavra de reconforto, um conselho ou, apenas, a consolidação de uma mútua simpatia ou de uma ansiedade partilhada. Muito quieto na sua poltrona, fechou os olhos e rezou em silêncio.

O padre Sebastian deteve-se e anunciou:

Mistress Crampton partiu há dez minutos. Foi um encontro penoso, tanto para ela como para mim.

Nem poderia ser de outra maneira retorquiu o padre Martin. Julgou detectar na voz do reitor uma ponta de ressentimento pelo fato de o arcediogo haver agravado os seus anteriores antagonismos, ao ser assassinado em Santo Anselmo. Aquele pensamento levou-o a um outro, ainda mais incongruente. O que teria Lady Macbeth a dizer à viúva de Duncan, se ela tivesse ido ao castelo de Inverness para ver o corpo do marido? "Um caso deplorável, senhora, que tanto eu como o meu marido lamentamos profundamente. A visita havia sido bem-sucedida até agora. Tudo fizemos para que Sua Majestade se sentisse confortável." O padre Martin ficou espantado ao verificar que aquele pensamento, tão perversamente inoportuno, pudesse ter-lhe passado pela cabeça e concluiu que devia estar a ficar louco.

Pedi para ir à igreja, a fim de ver onde o marido morreu prosseguiu o padre Sebastian. Pensei que fosse uma insensatez, mas o inspetor Dalglish concordou. Ela exigiu a companhia dele e não a minha. Foi um gesto pouco correto da sua parte, mas, dadas as circunstâncias, achei melhor não protestar. O que significa que ela terá visto O Juízo Final. Se o Dalglish confia tanto nela para que nada revele sobre a profanação do quadro, então porque não confia naqueles que trabalham comigo?

O padre Martin absteve-se de responder que Mistress Crampton não era tida como suspeita, e que o mesmo não acontecia com as pessoas que trabalhavam para o reitor.

Como que tomando súbita consciência da sua agitação, o padre Sebastian sentou-se em frente do colega.

Não queria que ela regressasse a casa sozinha e sugeri-lhe que o Stephen Morby a acompanhasse. Teria sido uma inconveniência, para nós, porque ele teria de regressar de comboio e, depois, apanhar um táxi, em Lowestoft, mas ela não aceitou a minha proposta. Ainda lhe perguntei se queria ficar para o almoço. Ela podia ter almoçado aqui, em paz, no meu quarto, porque, como é óbvio, a sala de jantar não seria o local mais indicado. O padre Martin concordou, em silêncio, que teria sido desagradável ver Mistress Crampton sentada no meio de suspeitos, a mostrar-se delicada e a passar a terrina das batatas, provavelmente, ao assassino do marido.

Receio não ter estado à altura prosseguiu o reitor. Empregam-se frases de circunstância, já muito usadas, que deixam de ter qualquer sentido, e se reduzem a um conjunto de lugares-comuns, sem qualquer referência à fé ou ao seu significado.

Seja o que for que haja dito comentou o padre Martin, estou certo de que ninguém o teria feito melhor. Certas ocasiões vão muito para além das palavras.

Apesar daquele comentário, o padre Martin não pôde deixar de pensar que Mrs. Crampton não teria acolhido nem, tão pouco, necessitado das palavras de encorajamento à coragem ou à esperança cristã do padre Sebastian.

O padre Sebastian, mudando de posição na poltrona, esforçava-se por manter a calma.

Nada disse a Mistress Crampton sobre a alteração que tive com o marido dela, na igreja, ontem à tarde. Só lhe iria causar maior desgosto. Arrependo-me amargamente de haver discutido com o arcediago. Custa-me saber que morreu com tanta raiva no coração. Dificilmente seria um estado de graça... tanto para ele como para mim.

Não podemos saber retorquiu gentilmente o padre Martin em que estado de espírito ele se encontrava quando morreu.

No entanto, o seu companheiro continuou:

Na minha opinião, o Dalgliesh mostrou-se insensível, confiando aos seus assistentes o interrogatório dos padres. Teria sido mais correto, da sua parte, se tivesse sido ele a falar conosco. Naturalmente, todos colaboramos. Gostaria que a Polícia se mostrasse mais aberta à possibilidade de que alguém estranho ao instituto tenha sido o responsável pelo crime, muito embora sinta viva relutância em acreditar que o inspetor Yarwood tenha alguma coisa a ver com o caso. No entanto, quanto mais depressa ele falar, melhor. E, como é natural, também espero, ansiosamente, pela reabertura da igreja. O coração deste instituto quase deixou de bater, desde que a selaram.

Penso que não poderemos lá voltar replicou o padre Martin enquanto não se proceder à limpeza do Juízo Final, e, mesmo assim, não sei se isso vai ser possível. Talvez o quadro seja necessário como prova, no inquérito, no estado em que se encontra atualmente.

Isso é ridículo. Basta que os membros da equipe forense tirem fotografias do quadro. No entanto, a limpeza do quadro constitui um problema. Trata-se de um trabalho para especialistas, porque O Juízo Final é um tesouro nacional. Nunca poderíamos pedir ao Pilbeam que o limpassem com uma lata de aguarrás. Depois, teremos de proceder a cerimônia da reconsagração da igreja. Já me dirigi à biblioteca para verificar os cânones, mas não são de grande ajuda. O Cânone Quinze aborda a questão da profanação de igrejas, mas não dá qualquer conselho sobre a reconsagração. Como bem sabe, é um ritual católico, e talvez possamos adaptá-lo, mas é muito complicado e pouco adequado. Segundo a tradição católica, há uma procissão, conduzida por um cruciferário, seguido pelo bispo, pelos diáconos e por outros sacerdotes, com os seus trajes litúrgicos, passando pela nave central da igreja na presença dos fiéis.

Não consigo imaginar o bispo a querer tomar parte em tal procissão confessou o padre Martin. Já entrou em contacto com ele?

Claro que sim. Vem cá na quarta-feira à noite. Fez-me perceber, muito a propósito, que, se viesse mais cedo, a sua presença poderia revelar-se inconveniente, tanto para nós como para a Polícia. Já falou com os outros fideicomissários e não tenho quaisquer dúvidas sobre

o que vai anunciar formalmente, assim que chegar: que Santo Anselmo terá de encerrar no fim deste período. Está apenas à espera de que se proceda às formalidades necessárias para que os ordinandos sejam transferidos para outros institutos teológicos. Em princípio, Cuddesdon e o Instituto de Santo Estevão poderão ajudar-nos, mas não será fácil. Já falei com os dois reitores.

Ultrapassado, o padre Martin quis protestar veementemente, mas a sua voz de homem idoso apenas conseguiu traduzir um sentimento de humilhação.

Mas isso é terrível! Teremos menos de dois meses para tratar de tudo! E o que vai acontecer aos funcionários do instituto? O casal Pilbeam? O Surtees? Vão ser despejados das suas casas?

Claro que não ripostou o padre Sebastian, num tom de voz que deixava transparecer alguma impaciência. É o Instituto de Teologia de Santo Anselmo que encerrará, no fim do período. O corpo docente que reside aqui ficará até que se decida qual o futuro dos edifícios. Isso também se aplica aos funcionários que trabalham a tempo parcial. O Paul Perronet telefonou-me e virá até cá, na quinta-feira, juntamente com os outros fideicomissários, para uma reunião. Mostrou-se peremptório: nenhum objeto valioso deverá ser removido da igreja ou da mansão, por enquanto. O testamento de Miss Arbuthnot é muito claro no que diz respeito às suas intenções, mas a situação será complicada do ponto de vista jurídico.

O padre Martin tomara conhecimento das cláusulas do testamento quando se tornara reitor. Se bem que não o dissesse, pensou que os padres residentes no instituto, incluindo ele próprio, iriam tornar-se homens muito ricos. Mas até que ponto isso podia afetá-los? Aquele pensamento horrorizou-o e sentiu que as suas mãos tremiam. Fitando-as, reparou nas pequenas veias purpúreas e nas manchas castanhas, que mais pareciam marcas de uma doença do que sinal de velhice, e sentiu que as suas forças se esvaíam.

Olhando de novo para o padre Sebastian, compreendeu, então, tomado por uma súbita intuição, que, por trás daquele rosto pálido e estóico, se escondia uma mente absolutamente impermeável às piores devastações provocadas pelo desgosto e pela ansiedade, e que já começara a preparar o futuro. Desta vez, não haveria qualquer possibilidade de recuperação. Todos os planos e a obra do padre Sebastian desapareceriam, levados pelo horror e pelo escândalo. Sobreviveria mas, agora, talvez pela primeira vez, acolheria de bom grado uma voz amiga que pudesse tranquilizá-lo.

Mantiveram-se sentados, em frente um do outro e em silêncio. O padre Martin procurou as palavras próprias mas não as encontrou. Ao longo de quinze anos, nunca lhe haviam pedido um conselho nem tão pouco procurado o seu conforto ou ajuda. Agora que precisavam dele, sentia-se completamente impotente. O seu fracasso ultrapassava aquele momento. Parecia abranger todos os seus anos de sacerdócio. Que havia ele dado aos seus paroquianos e, mais tarde, aos ordinandos de Santo Anselmo? Afabilidade, afeto, tolerância e compreensão, mas essas eram as qualidades de todos os bem-intencionados. Havia ele alterado uma vida, ao longo do seu sacerdócio? Lembrou-se, então, das palavras de uma mulher que ele ouvira ao deixar a última paróquia onde estivera antes de se mudar para Santo Anselmo: "O padre Martin é um homem que ninguém critica." Parecia-lhe, agora, a pior das acusações.

Após algum tempo, levantou-se e o padre Sebastian imitou-o.

Gostaria que eu consultasse os ritos católicos para ver se podem ser adaptados à nossa prática?

Obrigado, padre replicou o reitor. Ficava-lhe muito agradecido.

Dito isto, avançou para a sua secretária enquanto o padre Martin, saía do escritório, fechando a porta atrás de si.

14

O primeiro ordinando a ser formalmente interrogado foi Raphael Arbuthnot. Dalglish havia decidido interrogá-lo, com Kate a seu lado, Arbuthnot demorou algum tempo para se apresentar à convocação; passavam dez minutos da hora marcada quando Robbins o conduziu à sala de interrogatórios.

Algo espantado, Dalglish reparou que Raphael ainda não recuperara; parecia tão chocado e nervoso como durante a primeira reunião que haviam tido na biblioteca. Talvez aquele curto espaço de tempo o houvesse levado a perceber em que situação se encontrava. Movia-se rigidamente, como um velho, e recusou o convite de Dalglish para que se sentasse. Ao invés, postou-se, de pé, atrás da cadeira, agarrando-se ao espaldar com ambas as mãos, e os nós dos seus dedos ficaram tão brancos como o seu rosto. Kate teve a ridícula impressão de que, se tocasse na pele ou nos caracóis louros de Raphael, descobriria que eram talhados em pedra. O contraste entre a cabeça loura e helênica e o preto austero da batina parecia conferir-lhe alguma autoridade, se bem que de forma teatral.

Ninguém que tenha estado presente no jantar de ontem começou Dalglish pôde ignorar que o senhor antipatizava com o arcediogo. Porquê?

Não era a abertura que Raphael esperava. Talvez ele se houvesse preparado, mentalmente, para uma abordagem mais acadêmica, que lhe fosse também mais familiar, pontuada por perguntas preliminares inofensivas sobre a história pessoal de um suspeito, levando progressivamente a um interrogatório mais agressivo. De olhos fixos em Dalglish, manteve-se calado.

Parecia impossível que uma resposta saísse daqueles lábios comprimidos, mas quando falou, por fim, o seu tom de voz era surpreendentemente calmo.

Prefiro não o revelar. Não lhe basta saber que eu antipatizava com o arcediogo? Era um sentimento muito mais forte do que a pura antipatia. Eu odiava-o. Só agora me dou conta de que o meu ódio se tornou numa obsessão. Talvez eu estivesse a concentrar nele o ódio que nunca admitiria sentir por outra pessoa ou por outro local ou instituição. Conseguiu esboçar um sorriso tímido e acrescentou: Se o padre Sebastian se achasse aqui, diria que estou a dar azo à minha deplorável atração pela psicologia barata.

Já ficamos ao corrente da condenação do padre John murmurou Kate, num tom de voz surpreendentemente gentil.

Era imaginação sua ou Dalglish apercebera-se de que a tensão de Raphael diminuiria ao de leve?

Claro, que disparate o meu... respondeu o rapaz. Deduzo que já tenham examinado o passado de todos nós. Pobre padre John. Nada escapa aos registros informáticos da Polícia, nem mesmo os anjos... Portanto, sabem que o Crampton foi uma das principais testemunhas de acusação. Foi ele e não o júri que enviou o padre John para a prisão.

Não é o júri mas, sim, o juiz que condena alguém a uma pena de prisão explicou Kate, apressando-se a acrescentar, como se receasse que Raphael desmaiasse. Porque não se senta, Mister Arbuthnot?

Após uma breve hesitação, Raphael sentou-se, esforçando-se visivelmente por se manter calmo e descontraído.

As pessoas que odiamos não deviam deixar-se assassinar comentou, porque isso lhes dá vantagem sobre nós. Não fui eu que o matei, mas sinto-me tão culpado como se o houvesse feito.

Foi o senhor que escolheu aquela passagem do Trollope que leu, ontem, durante o jantar? perguntou Dalglish.

Sim. Somos nós que escolhemos o que queremos ler.

Mas a passagem mencionava um arcediogo muito diferente, com outra idade. Um homem ambicioso que se ajoelha ao lado do leito onde agoniza o pai e pede perdão por haver desejado a sua morte. No entanto, pareceu-me que o arcediogo achou que era uma insinuação à sua pessoa.

Era essa a intenção. Raphael fez uma pausa antes de continuar. Sempre me perguntei por que motivo ele perseguiu o padre John com tanta veemência. Não que ele fosse um homossexual reprimido e temesse expor-se. Agora, contudo, sei que estava a purgar a sua própria culpabilidade.

Culpabilidade? exclamou Dalglish. Em relação a quê?

É melhor perguntar ao inspetor Yarwood.

Dalglish decidiu mudar o rumo do interrogatório. Aquela não era a única pergunta que queria fazer a Yarwood e, enquanto ele estivesse em convalescença, Dalglish sentia que tateava no escuro. Assim, resolveu perguntar a Raphael o que havia feito, depois das completas.

Primeiro, passei pelo meu quarto. Devemos manter o silêncio depois das completas, mas essa regra é invariavelmente quebrada. O silêncio não implica que não possamos falar uns com os outros. Não somos monges trapistas, mas, em geral, recolhemo-nos aos nossos quartos. Li e preparei um ensaio até às dez e meia da noite. O vento soprava com força... Bom, mas o senhor sabe disso, porque estava cá. Decidi então dirigir-me à mansão para ver como o Peter se sentia... Estou a referir-me ao Peter Buckhurst. Está a recuperar de um surto de febre tifóide e ainda se acha muito debilitado. Sabia que ele tem muito medo das tempestades? Não dos raios nem dos trovões, nem da chuva, mas do vento. A mãe dele morreu no quarto contíguo ao seu numa noite de vendaval, quando ele tinha sete anos, e, desde então, ficou com uma fobia ao vento.

Como foi que entrou na mansão?

Como de costume. O meu quarto é o número três, no claustro norte. Entrei pelo vestiário, atravessei o vestíbulo e subi a escada até ao segundo andar. Há ali uma enfermaria, onde o Peter tem dormido nas últimas semanas. Sabia que ele não queria estar sozinho e, por isso, fiz-lhe companhia durante toda a noite. Há uma segunda cama na enfermaria e dormi lá. Já tinha pedido autorização ao padre Sebastian para me ausentar do instituto depois das completas... Prometera assistir a primeira missa celebrada por um amigo meu, numa igreja situada nos arredores de Colchester, mas não me agradava deixar o Peter sozinho, e decidi que poderia partir de manhã cedo, no domingo, até porque a missa só começava às dez e meia.

Porque não me disse isso quando da nossa primeira reunião na biblioteca, esta manhã, Mister Arbuthnot? inquiriu Dalglish. Perguntei a todos os presentes se tinham saído dos seus quartos depois das completas.

O senhor teria falado, no meu lugar? Não acha que seria uma humilhação, para o Peter, que todo o instituto ficasse a saber que ele tem medo do vento?

Como passaram a noite?

Conversamos e depois li-lhe um livro. Um conto de Saki, se quer saber.

Viu mais alguém, além do Peter Buckhurst, depois de entrar na mansão, às dez e meia da noite?

Apenas o padre Martin. Veio ver como o Peter se sentia, por volta das onze horas, mas não se demorou. Também estava preocupado com ele.

Estava preocupado... porque também sabia que Mister Buckhurst tem medo de vendavais? perguntou Kate.

Sim. É o tipo de coisas que o padre Martin acaba sempre por descobrir. Penso que mais ninguém o sabe, além de nós os dois.

Regressou ao seu quarto durante a noite?

Não. Se quisesse tomar uma ducha, há uma casa de banho contígua à enfermaria, e não uso pijama.

Mister Arbuthnot, tem a certeza de que trancou a porta de acesso que liga a mansão ao claustro norte, quando entrou para ir ver o seu amigo? perguntou Dalglish.

A certeza absoluta. Mister Pilbeam costuma verificar se todas as portas estão fechadas à chave por volta das onze da noite, depois de trancar a porta da entrada principal. Ele poderá confirmá-lo.

E só saiu da enfermaria esta manhã?

Sim, porque passei a noite toda ali. Desligamos as luzes, por volta da meia-noite, e adormecemos. Não sei se ele dormiu bem, mas eu caí num sono profundo. Acordei pouco antes das seis e meia da manhã e verifiquei que o Peter ainda dormia. Regressava ao meu quarto quando o padre Sebastian saiu do seu gabinete. Ele não se mostrou admirado por me ver ali, nem me perguntou por que motivo ainda não havia partido. Agora me apercebo de que tinha outras coisas em que pensar. Disse-me para eu entrar em contacto com os ordinandos, os funcionários e os hóspedes e para lhes pedir que se reunissem na biblioteca, às sete e meia. Lembro-me de ter perguntado: "E a oração da manhã, padre?", ao que ele respondeu: "Foi cancelada."

Ele explicou-lhe por que motivo convocara aquela reunião? quis saber Dalglish.

Não. Só quando me juntei aos outros, na biblioteca, as sete e meia, soube o que tinha acontecido.

E nada mais tem a dizer-nos que possa estar relacionado com o assassinio do arcediogo?

Fez-se um longo silêncio, durante o qual Arbuthnot olhou para as mãos, entrelaçadas sobre os joelhos. De repente, como se tivesse acabado de tomar uma decisão, ergueu o olhar e fitou Dalglish.

O senhor fez-me muitas perguntas e sei que é essa a sua função, mas, agora, posso ser eu a fazer-lhe uma pergunta?

Com certeza, mas não lhe prometo que responderei.

Parece ser evidente que os senhores... quero dizer, a Polícia... acredita que alguém que dormiu no instituto, ontem à noite, assassinou o arcediogo. Devem ter um motivo para pensar tal coisa, mas não será mais provável que um intruso haja entrado na igreja, talvez para roubar, e tenha sido apanhado pelo Crampton? Afinal de contas, este lugar não oferece qualquer segurança. O ladrão não teria qualquer dificuldade em entrar no pátio, como também não lhe seria muito difícil entrar na mansão e obter a chave da igreja. Qualquer pessoa que já tenha estado aqui sabe onde se guardam as chaves. Por isso, pergunto-me porque se concentraram em nós... quero dizer, nos padres e nos ordinandos?

Mantemos o espírito aberto em relação a quem cometeu o homicídio replicou Dalglish. Mais do que imagina.

Sabe, é que estive a pensar... prosseguiu Raphael... e não devo ter sido o único, como é óbvio. Se alguém do instituto tivesse assassinado o Crampton, só podia ser eu. Mais ninguém o faria. Ninguém o odiava tanto como eu e, mesmo que odiasse, nunca seria capaz de cometer um homicídio. Já dei comigo a pensar se não assassinei o Crampton, sem me dar conta do que fazia. Talvez me tenha levantado, a meio da noite, e, de regresso ao meu quarto, o tenha visto a entrar na igreja. Não seria possível que eu o tivesse seguido, depois discutido violentamente com ele e, levado por um impulso de loucura, o houvesse assassinado?

Porque haveria de pensar em tal coisa? perguntou Dalglish, num tom de voz imperturbável.

Porque é uma hipótese plausível. Se consideram que se tratou de um "caso interno", como lhe chamam, então, quem mais poderia ser senão eu? Até porque existe uma prova que sustenta essa hipótese. Quando regressei ao meu aposento, esta manhã, depois de avisar os outros para que se dirigissem à biblioteca, percebi que alguém entrara no quarto durante a noite. Havia um ramo caído, do lado de dentro da porta e, a não ser que alguém o tenha tirado, ainda lá está. Bom, mas, agora, que resolveram fechar o claustro norte, não posso voltar ao meu quarto para verificar se aquele ramo ainda se encontra no mesmo sítio. De qualquer maneira, constitui uma prova, não é verdade?

Tem a certeza de que esse ramo não estava já no seu quarto quando saiu, depois das completas, para ir ver como estava o Peter Buckhurst?

A certeza absoluta, porque teria saltado à vista. Nunca me passaria despercebido. Alguém entrou no meu quarto, depois de eu sair para ir ver o Peter. Eu devo ter voltado, a dada altura, durante a noite. Quem mais podia ser, debaixo daquele temporal?

Já alguma vez sofreu de amnésia temporária? perguntou Dalglish.

Não, nunca.

E está a dizer-me a verdade, quando afirma que não se lembra de ter assassinado o arcediogo?

Sim. Posso jurar, se quiser.

Pois tudo o que lhe posso dizer é que a pessoa... e pode tanto ser um homem como uma mulher... a pessoa que cometeu o homicídio sabia exatamente o que estava fazendo.

Isso significa que, se tivesse sido eu, teria acordado, hoje de manhã, com as mãos manchadas de sangue?

Não atribua significados errados ao que eu digo replicou Dalgliesh. Bom, penso que, por ora, é tudo. Se, mais tarde se lembrar de alguma coisa, informe-nos imediatamente.

Aquela dispensa, por parte de Dalgliesh, foi tão súbita que apanhou Kate de surpresa. Sempre com os olhos fixos em Dalgliesh, Raphael agradeceu e retirou-se.

Dalgliesh e Kate esperaram que a porta se fechasse atrás dele.

Então, Kate? exclamou Dalgliesh. Qual é a sua opinião? Ele é um ator consumado ou um rapaz inocente que se mostra muito ansioso?

Diria que é um grande ator. Com a aparência dele, tem de ser forçosamente bom ator, o que não o torna culpado. Mesmo assim, a sua história revela uma grande astúcia... Confessa, mais ou menos, ser o assassino, na esperança de descobrir o que sabemos ao certo. E não tem qualquer álibi. Podia ter-se facilmente esgueirado, enquanto o Peter Buckhurst dormia, ir buscar as chaves e telefonar ao arcediogo. Sabemos, por Miss Betterton, que ele é bom a imitar vozes; podia ter-se feito passar por um dos padres e, se alguém o visse na mansão, ninguém questionaria a sua presença ali. Mesmo que o Peter Buckhurst tenha acordado e descoberto que o amigo saíra, existem fortes possibilidades de que nunca o venha a trair. Ser-lhe-ia muito mais fácil acreditar que a outra cama não estava vazia.

É melhor interrogarmos o Buckhurst a seguir replicou Dalgliesh. Você e o Piers podem encarregar-se disso. Mas, se o Arbuthnot foi buscar as chaves, porque não tornou a guardá-las quando regressou à mansão? Ainda subsiste a possibilidade de que o assassino do Crampton não possa ter regressado ao instituto, a não ser, claro, que seja isso que ele queira que nós pensemos. Se o Raphael matou o arcediogo... e, até falarmos com o Yarwood, ele é o principal suspeito... só revelaria a sua astúcia ao desfazer-se das chaves. Reparou que ele não se referiu ao Yarwood uma única vez, como provável suspeito? O Arbuthnot não é estúpido e deve ter-se apercebido do significado do desaparecimento do Yarwood. Não pode ser assim tão ingênuo para supor que um oficial da Polícia seria incapaz de cometer um homicídio.

E o ramo que ele encontrou no quarto? perguntou Kate.

Afirma que ainda lá está e, pessoalmente, não duvido. A questão é saber como é que esse ramo foi lá parar e quando. O que significa que a equipe forense vai ter de alargar a sua área de pesquisa ao quarto do Arbuthnot. Se ele disse a verdade... mas não deixa de ser uma história muito esquisita..., então, o ramo pode ser uma prova importante. No entanto, continuo a pensar que este homicídio foi cuidadosamente planeado. Se o Arbuthnot tinha um assassinio em mente, porque complicou as coisas, indo até ao quarto do Peter Buckhurst? Se o amigo dele estava assim tão perturbado pela tempestade, o Arbuthnot nunca podia deixá-lo sozinho. Nem, tão pouco, contar que o Buckhurst acabasse por adormecer, embora só por volta da meia-noite.

Por outro lado rematou Kate, se queria arranjar um álibi, provavelmente o Peter Buckhurst era a sua única hipótese. Afinal de contas, um rapaz doente e aterrorizado enganar-se-ia facilmente em relação ao passar das horas. Se o Arbuthnot tinha planeado matar o

Crampton à meia-noite, podia sempre dizer ao Buckhurst que já era mais tarde quando apagaram as luzes.

O que só iria beneficiá-lo, Kate, se o patologista conseguisse estabelecer a hora exata da morte do Crampton. O Arbuthnot não tem um álibi, mas isso aplica-se a todos os outros residentes do instituto,

Incluindo o Yarwood.

Que pode deter a chave de todo este enigma. Temos de continuar mas, enquanto ele não recobrar totalmente, talvez estejamos a negligenciar provas importantes.

Vê-o como suspeito, chefe? quis saber Kate.

Por enquanto, tenho de o ver como suspeito, mas parece-me pouco provável. Não consigo imaginar que um homem em estado mental tão precário fosse capaz de planejar e de executar um homicídio de modo tão elaborado. Se, ao deparar inesperadamente com o Crampton aqui, houvesse sido acometido por uma raiva assassina, então, tê-lo-ia morto no quarto.

Mas isso estende-se a todos os suspeitos, chefe.

Exatamente, o que nos leva de volta à questão central: por que razão o homicídio foi planeado desta forma?

Nobby Clark e o fotógrafo estavam à porta. O rosto de Clark assumira uma reverência solene, como se acabasse de entrar numa igreja, o que, nele, significava que tinha boas notícias. Aproximando-se da mesa, pousou algumas fotografias instantâneas de impressões digitais. Uma do dedo indicador ao dedo mínimo da mão direita, outra da palma de uma mão, também direita, revelando quatro dedos e a impressão lateral de um polegar. Depois, pousou uma ficha de impressões digitais.

São do doutor Stannard anunciou. Não podiam ser mais nítidas. Recolhemos a impressão da palma da mão na parede, à direita do Juízo Final, e a outra no assento do banco, no segundo camarote. Podemos ter recolhido mais impressões da palma da mão dele, mas não me parece necessário, dado o que já obtivemos. Nem será preciso enviá-las para o laboratório para verificar se coincidem, Raramente vi impressões tão nítidas. Não restam dúvidas. São do doutor Stannard.

15

Se o Stannard for o Caim comentou Piers, será a nossa investigação mais curta, até à data. Lá voltamos nós para o nevoeiro de Londres. Que pena. Estava a pensar jantar no Crown e passear pela praia, amanhã, antes do pequeno-almoço.

Dalglish encontrava-se de pé, junto à janela virada a leste, contemplando o promontório. Virando-se, retorquiu:

Se fosse a si, não perdia a esperança tão rapidamente.

Tinham tirado a secretária de debaixo da janela e haviam-na colocado no centro da sala, ladeada por duas cadeiras de espaldar alto. Stannard sentar-se-ia na poltrona que se encontrava, agora, de frente para a secretária. Sentir-se-ia fisicamente mais confortável, mas psicologicamente em forte desvantagem.

Aguardaram em silêncio. Dalgliesh não mostrava qualquer intenção em falar, e Piers trabalhava com ele havia tempo bastante para saber quando devia manter-se calado. Robbins devia ter alguma dificuldade em encontrar Stannard. Passaram-se quase cinco minutos antes que ouvissem a porta da frente abrir-se.

O doutor Stannard anunciou Robbins, sentando-se discretamente a um canto, com um bloco de apontamentos na mão.

Stannard entrou com passo apressado, respondendo com rispidez ao "bom dia" de Dalgliesh, e olhou à sua volta, como se não soubesse se devia sentar-se ou não.

Sente-se nesta cadeira, doutor Stannard indicou Piers. Stannard olhou de novo à sua volta, com deliberado interesse, deixando transparecer o seu desagrado pelas instalações e, depois, sentou-se. Primeiro, recostou-se na poltrona, mas pareceu pensar, em seguida, que aquela posição não era cômoda, e sentou-se na beira da poltrona, com as pernas unidas e as mãos nos bolsos do casaco. O seu olhar, fixado em Dalgliesh, era mais intrigado do que agressivo, mas Piers podia sentir que estava ofendido e que experimentava uma outra emoção mais forte, que ele interpretava como sendo de medo.

Ninguém se mostra no seu melhor quando está envolvido na investigação de um homicídio. Até mesmo as testemunhas mais cooperantes, cujo desejo de ajudar é fortificado pela sua inocência, podem sentir-se amedrontadas com as perguntas da Polícia, interpretando-as como uma intromissão na sua vida privada; ninguém encara essas perguntas de consciência perfeitamente tranqüila. Pequenos pecadilhos passados remontam invariavelmente ao consciente da testemunha. Mesmo assim, Piers achava que Stannard se mostrava singularmente pouco disposto a colaborar. Não era somente uma consequência do seu preconceito pessoal contra todos os homens que usavam bigodes compridos; simplesmente não simpatizava com aquele homem. Stannard tinha um rosto muito fino, com nariz comprido e olhos demasiado juntos, sublinhados por rugas de descontentamento. Era o rosto de um homem que nunca havia conseguido aquilo a que achava ter direito. Piers tentou interpretar a personalidade de Stannard. O que podia ter-lhe corrido mal na vida? Obter a classificação de segundo melhor aluno em vez da de primeiro? Obter um cargo de assistente numa antiga universidade politécnica em vez de ser promovido a assistente em Cambridge ou Oxford? Ter menos poder, dinheiro ou sexo do que sentia merecer? Não era provável que aquela aparente insatisfação de Stannard estivesse relacionada com a última parte; as mulheres pareciam sempre deixar-se atrair por aquele tipo de revolucionário amador, numa imitação pobre de Che Guevara. Piers perdera a sua amada Rosie por causa de um rebelde com aquele mesmo gênero de rosto sisudo. Admitia que talvez a sua antipatia para com Stannard se devesse aos seus preconceitos, mas era demasiado

experiente para não os manter debaixo de controlo e só o fato de o haver admitido fez com que sentisse uma perversa satisfação.

Trabalhava há tempo suficiente com Dalglish para saber como iria ser representado aquele ato. Piers faria a maior parte das perguntas, enquanto Adam Dalglish interviria quando assim o decidisse. Era sempre algo com que a testemunha nunca contava. Piers perguntou a si próprio se Dalglish tinha consciência de como a sua presença silenciosa podia intimidar alguém.

Apresentou-se e deu início ao interrogatório, com as perguntas preliminares do costume, num tom de voz impassível. Nome, endereço, data de nascimento, ocupação, estado civil. As respostas de Stannard eram breves, mas, a certa altura, replicou:

Não vejo que importância possa ter o meu estado civil para o caso. Na realidade, vivo com alguém. Do sexo feminino, por sinal.

Não lhe dando ouvidos, Piers perguntou:

E chegou quando?

Na sexta-feira à noite, para um fim-de-semana prolongado.

Devo partir hoje à noite, antes do jantar. Penso que nada me impede de partir, não é verdade?

Costuma vir até Santo Anselmo regularmente?

Sim, pode dizer-se que sim, principalmente aos fins-de-semana, nos últimos dezoito meses.

Pode ser mais específico?

Penso que terei vindo cá umas doze vezes.

Quando foi a última vez que cá esteve?

Foi há um mês, mas não me recordo da data exata. Cheguei numa sexta-feira e fiquei até domingo. Comparado com este fim-de-semana, foi muito monótono.

Dalglish interveio pela primeira vez.

Porque visita com tanta regularidade o instituto, doutor Stannard?

Stannard abriu a boca mas, logo depois, hesitou. Piers teve a nítida sensação de que ele ia responder: "Porquê? Não posso?", mas se detivera a tempo. A resposta, quando veio, soou como havendo sido cuidadosamente planeada.

Estou a fazer uma pesquisa para um livro sobre a vida familiar dos primeiros anglo-católicos, incluindo a infância, a juventude, o casamento e a vida em família. A minha intenção é explorar as primeiras experiências no desenvolvimento religioso em relação à sexualidade. Como esta instituição é anglo-católica, a sua biblioteca mostra-se particularmente rica em documentação, e tenho acesso a ela. O meu avô era Samuel Stannard, sócio da firma Stannard, Fox & Perronet, em Norwich. Representam Santo Anselmo desde que foi fundado, e a família Arbuthnot, ainda há mais tempo. Quando venho até cá, não só me dedico à minha pesquisa como aproveito para mudar de ares.

E a sua pesquisa já está muito avançada? quis saber Piers.

Não. Ainda se encontra na fase inicial, porque os meus tempos livres são escassos. Ao contrário da crendice popular, os professores têm muito trabalho.

Mas tem documentos consigo que provem até onde avançou na sua pesquisa?

Aqui não, porque os deixo em casa.

Com tantas visitas continuou Piers, pensava que já tivesse esgotado todos os recursos da biblioteca do instituto. Já pensou consultar outras bibliotecas? Como a Bodleiana, por exemplo?

Existem mais bibliotecas para além da Bodleiana ripostou Stannard.

Tem razão. Há a Casa Pusey, em Oxford. Creio que dispõe de uma coleção admirável referente aos anglo-católicos. Tenho a certeza! e que o bibliotecário poderá ajudá-lo. Virou-se, então, para Dalglish. E há a Biblioteca de Londres, claro. A Biblioteca Doutor Williams, em Bloomsbury, ainda existe, chefe?

Antes que Dalglish pudesse responder, se é que tinha intenção de o fazer, Stannard replicou:

O que é que o senhor tem a ver com o local onde decido fazer as minhas pesquisas? E se está a tentar mostrar que, de vez em quando, a Polícia Metropolitana recruta oficiais licenciados, então esqueça, porque isso não me interessa minimamente.

Estava só a querer ajudá-lo fingiu desculpar-se Piers. Portanto, veio até cá umas doze vezes, no espaço de ano e meio, para fazer uma pesquisa na biblioteca e usufruir, ao mesmo tempo, de um fim-de-semana de férias. O arcediogo Crampton esteve presente no instituto quando de uma das suas anteriores visitas?

Não. Nunca o tinha visto até ontem. Ele chegou no sábado à tarde... não sei, ao certo, a que horas, mas vi-o pela primeira vez à hora do chá, que foi servido na sala de estar dos estudantes, já apinhada de pessoas, quando eu apareci, às quatro horas. Alguém... penso que foi o Raphael Arbuthnot... me apresentou às pessoas que eu ainda não conhecia, mas, como não estava com disposição para tagarelar sobre banalidades, peguei numa chávena de chá e em duas sanduíches e regresssei à biblioteca. O velho padre Martin levantou a cabeça do

livro que lia durante o tempo suficiente para me dar a entender que não era permitido comer ou beber na biblioteca. Assim, decidi ir para o meu quarto. Só voltei a ver o arcediogo ao jantar. Depois, fiquei a trabalhar na biblioteca até à hora das completas. Como sou ateu, não lhes fiz companhia.

E quando soube que o arcediogo fora assassinado?

Pouco antes das sete da manhã de hoje, quando o Raphael Arbuthnot me telefonou para me dizer que havia sido convocada uma reunião geral, na biblioteca, às sete e meia. Não me agradou nada ser chamado à biblioteca, como se eu estivesse na escola, mas pensei que era melhor ir ver do que se tratava. Quanto ao homicídio, sei menos do que vocês.

Alguma vez assistiu aos serviços religiosos que se celebram em Santo Anselmo? perguntou Piers.

Não. Como já disse, venho aqui por causa da biblioteca e para passar um fim-de-semana sossegado, não para ir à missa. Tanto quanto sei, o meu ateísmo não parece preocupar os padres e, por isso, não vejo porque vos incomoda tanto...

Oh, mas não nos incomoda nada, Mister Stannard, asseguro-lhe replicou Piers. Portanto, quer dizer que nunca pôs os pés na igreja?

Eu não disse isso. Não ponha na minha boca palavras que não proferi. Posso ter entrado por curiosidade na igreja, quando de uma das minhas visitas. Tenho a certeza de que vi o interior, incluindo O Juízo Final, que tem algum interesse para mim. O que eu disse foi que nunca assisti a uma missa.

Sem erguer o olhar do papel que tinha à sua frente, Dalglish perguntou:

Quando foi a última vez que esteve na igreja, doutor Stannard?

Não me lembro, nem me parece que isso seja importante. Bom, mas não foi, de certeza, durante este fim-de-semana.

E quando foi que viu o arcediogo Crampton pela última vez, durante este fim-de-semana?

Depois das completas. Ouvi-os sair da igreja, por volta das dez e um quarto da noite. Encontrava-me na sala de estar dos estudantes, a ver um vídeo. Não havia nada de jeito na televisão e, como eles têm uma pequena coleção de vídeos, escolhi Quatro Casamentos e Um Funeral. Já tinha visto o filme, antes, mas pensei que valia a pena voltar a vê-lo. O Crampton entrou, a dada altura, mas, como não me mostrei propriamente entusiasmado com a sua presença, ele saiu logo de seguida.

Portanto, o senhor deve ter sido a última pessoa ou, pelo menos, uma das últimas pessoas a vê-lo vivo concluiu Piers.

O que, deduzo, me coloca no topo da lista de suspeitos, mas parece-me que não fui a última pessoa a vê-lo vivo. Quem o viu vivo pela última vez foi o assassino. Eu não o matei. Ouçam, quantas vezes vou ter de repeti-lo? Nunca tinha visto o homem antes. Não discuti com ele nem me aproximei sequer da igreja ontem à noite. Já estava na cama, às onze e meia. Depois de o filme acabar, saí pela porta que dá para o claustro sul e dirigi-me ao meu quarto. A tempestade atingira o seu auge naquele momento, e não convidava propriamente a um passeio à beira-mar. Segui diretamente para o meu quarto. É o número um, no claustro sul.

Havia luzes na igreja?

Que eu reparasse, não. Mas, agora que penso melhor nisso, também não vi luzes nos quartos dos ordinandos nem nos dos hóspedes. A única luz que havia era a que ilumina, embora mal, os dois claustros.

Deve compreender, por certo, que temos de conseguir uma visão tão completa quanto possível do que aconteceu nas horas que precederam o assassinio explicou Piers. Por isso lhe pergunto: viu ou ouviu algo que lhe tenha parecido estranho ou invulgar?

Stannard riu-se, se bem que sem grande entusiasmo.

Imagino que devem ter-se passado muitas coisas, mas não sou dotado de poderes telepáticos para saber o que vai na cabeça dos outros. No entanto, devo dizer que fiquei com a impressão de que o arcediogo não era exatamente bem-vindo, mas ninguém o ameaçou de morte na minha presença.

Teve oportunidade de falar com o arcediogo, quando ele lhe foi apresentado, à hora do chá?

Se lhe dirigi a palavra, foi durante o jantar, quando lhe pedi que me passasse a manteiga. Como não tenho jeito para falar de banalidades, concentrei-me na comida e no vinho, que eram muito superiores à companhia. Não pode dizer-se que tenha sido um jantar alegre. Não era a costumeira reunião de todos os convivas, sob o olhar de Deus... ou, melhor dizendo, sob o olhar atento do Sebastian Morell, o que vai dar ao mesmo... Mas o seu chefe estava presente e poderá falar-lhe sobre o jantar.

O inspetor sabe o que viu e ouviu retorquiu Piers. O que pretendemos, neste momento, é registrar o seu depoimento.

Como já disse, não foi um jantar propriamente animado. Os ordinandos pareciam muito apagados, o padre Sebastian presidia com uma cortesia glacial e alguns dos presentes tinham dificuldade em desviar o olhar da Emma Lavenham, pelo que não os censuro, O Raphael Arbuthnot leu uma passagem do Trollope... Não é um autor que eu conheça mas pareceu-me inofensivo, pelo que ouvi. Já não pode dizer-se o mesmo do arcediogo. E, se o Arbuthnot pretendia deixar o arcediogo constrangido, escolheu o momento ideal. É difícil fingir que estamos a gostar da comida quando as nossas mãos tremem e parece que vamos vomitar no prato. Depois do jantar, os outros dirigiram-se para a igreja. Foi a última vez

que vi os demais residentes, até o Crampton entrar na sala de estar dos estudantes, quando eu via o filme.

E não viu nem ouviu algo de suspeito, durante o resto da noite?

Já me fizeram essa pergunta quando nos reunimos na biblioteca, esta manhã. Se eu tivesse visto ou ouvido alguma coisa que me parecesse suspeita, tê-lo-ia dito.

Piers voltou a perguntar:

E não pôs os pés na igreja, durante este fim-de-semana, nem para assistir à missa nem numa outra altura qualquer?

Mas quantas vezes é que eu vou ter de vos repetir? A resposta é não. Não. Não. Não!

Dalgliesh, então, ergueu o olhar e fitou Stannard.

Então, como explica que se tenham encontrado impressões digitais suas... e recentes... na parede junto ao Juízo Final, no banco do segundo camarote da frente? Reparamos que a poeira que se acumulava no assento do banco desaparecera em certos pontos. É mais do que provável que os cientistas forenses descubram vestígios dessa mesma poeira no seu casaco. Foi aí que se escondeu quando o arcediogo entrou na igreja?

Agora sim, Piers podia ver distintamente uma expressão de puro terror estampada no rosto de Stannard, mas, em vez de se sentir triunfante, experimentava uma sensação de vergonha. Uma coisa era colocar um suspeito em desvantagem; outra era assistir àquela transformação de um homem num animal aterrorizado. Stannard pareceu encolher fisicamente e, de repente, transformar-se num rapazinho, sentado numa cadeira demasiado grande para ele. Ainda mantinha as mãos nos bolsos, mas tirou-as e tentou colocá-las à volta do corpo.

O tweed fino de que era feito o casaco esticou-se, e Piers pensou detectar o ruído de uma costura a rasgar-se. As provas são incontestáveis retomou Dalgliesh. Desde que entrou nesta sala, o senhor não tem feito outra coisa senão mentir. Se não assassinou o arcediogo Crampton, então, aconselho-o a contar-nos toda a verdade agora.

Stannard não replicou. Unira as mãos, que pousara sobre os joelhos. Com a cabeça inclinada para frente, parecia um homem concentrado em oração. Aparentemente, remetera-se àquele silêncio para pensar e os dois oficiais aguardaram em silêncio. Quando, por fim, Stannard ergueu a cabeça e falou, podia perceber-se que havia conseguido dominar o medo e estava preparado para se defender. Piers detectou, na sua voz, um misto de obstinação e de arrogância.

Não matei o Crampton e posso prová-lo. É verdade que menti quando disse que não tinha visitado a igreja, mas isso é natural. Sabia que, se vos dissesse a verdade, imediatamente me considerariam o principal suspeito, o que vos convinha, não é verdade? A última coisa que querem é imputar o crime a um dos residentes de Santo Anselmo. Eu tenho o perfil

ideal para preencher todos os requisitos do principal suspeito, porque aqueles padres são sacrossantos. Pois bem, não fui eu.

Então, porque estive na igreja? perguntou Piers. Não deve pensar, com certeza, que acreditemos que foi até lá para rezar...

Stannard ignorou aquele reparo. Parecia preparar-se para a inevitável explicação ou talvez estivesse a selecionar mentalmente as palavras mais adequadas e convincentes. Quando, por fim, falou, olhou fixamente para a parede mais afastada, evitando Dalgliesh. A sua voz era controlada, mas com uma ponta mal dissimulada de petulância.

Muito bem, tenho de admitir que vos devo uma explicação. É perfeitamente inocente e nada tem a ver com a morte do Crampton. Sendo assim, ficava-vos muito agradecido se me assegurassem que esta conversa será mantida em segredo.

Sabe que não podemos prometer-lhe isso ripostou Dalgliesh.

Ouça, acabo de dizer que nada tem a ver com a morte do Crampton. Conheci-o ontem, pela primeira vez. Nunca o vi antes. Não discuti com ele nem tinha motivos para desejar a sua morte. Odeio a violência. Sou um pacifista e não apenas por convicção política.

Doutor Stannard, queira fazer o favor de responder à minha pergunta impacientou-se Dalgliesh. Escondeu-se na igreja. Porquê?

É o que estou a tentar dizer-lhe. Andava à procura de uma coisa. Um documento, geralmente referido pelas pessoas que o conhecem como "o papiro de Santo Anselmo". Diz-se que é uma ordem, assinada por Pôncio Pilatos, destinada ao capitão da guarda, para que remova o corpo crucificado de um agitador político. Com certeza compreendem a sua importância. Foi oferecido a Miss Arbuthnot, a fundadora de Santo Anselmo, pelo irmão e, desde então, tem estado sob a custódia do reitor do instituto. Reza a história que o documento é uma falsificação, mas uma vez que ninguém tem permissão para o ver ou o submeter a uma avaliação científica, a dúvida mantém-se em aberto. Como é óbvio, esse documento é de grande interesse para qualquer estudioso.

Como você, por exemplo? exclamou Piers. Não me tinha apercebido de que também era um especialista em manuscritos pré-bizantinos. Pensava que era sociólogo...

Isso não me impede de me interessar pela história da Igreja. Piers ignorou-o e prosseguiu:

Portanto, sabendo que seria muito pouco provável que lhe dessem a oportunidade de ver esse documento, resolveu roubá-lo?

Stannard lançou a Piers um olhar de concentrada maldade, antes de replicar com carregada ironia:

Se não me engano, a definição jurídica de roubo é encarada como o intento de privar, de forma permanente, um proprietário do seu bem. Sendo o senhor oficial da Polícia, pensava que o saberia.

Doutor Stannard interveio Dalglish, a sua grosseria pode parecer-lhe natural, ou talvez a encare como uma forma agradável, se bem que algo infantil, de aliviar a sua tensão nervosa, mas não lhe aconselho a dar azo a essa tendência quando estiver envolvido numa investigação de homicídio. Retomando o fio à meada, foi até à igreja Porque pensou que o papiro estava escondido ali?

Por me parecer o local mais indicado. Já tinha vasculhado a biblioteca... pelo menos, tanto quanto me foi possível, com o padre Peregrine sempre presente, e a reparar em tudo, mas fingindo alhear-se. do que se passa à sua volta. Pensei que tinha chegado a altura de me concentrar num outro lugar. Foi então que me passou pela cabeça que o documento talvez estivesse escondido atrás do Juízo Final. Fui à igreja, no sábado à tarde, porque reina sempre a calma no instituto, aos sábados depois do almoço.

E como foi que entrou na igreja?

Tinha as chaves. Estive aqui pouco depois da Páscoa, quando a maioria dos estudantes se achava de férias e Miss Ramsey se encontrava ausente. Tirei as chaves do seu gabinete, uma Chubb e uma Yale, e mandei fazer cópias em Lowestoft. Ninguém deu pela falta das chaves durante as poucas horas em que as tive comigo. Se tivessem dado pela sua falta, estava preparado para dizer que as havia encontrado, caídas, no claustro sul. Qualquer um podia tê-las perdido.

Parece pensar em tudo. Onde estão, agora, essas cópias que mandou fazer?

Depois da notícia bombástica que o Sebastian Morell nos deu esta manhã, decidi que não era exatamente o tipo de coisa que eu queria que descobrissem em meu poder. Se querem saber, librei-me delas. Para ser mais exato, limpei-as, primeiro, para apagar as minhas impressões digitais, e, depois, enterrei-as, por baixo de um tufo de relva, no rebordo do penhasco.

Seria capaz de encontrá-las novamente? perguntou Piers.

Provavelmente, se bem que demorasse algum tempo, mas sei que as enterrei em qualquer lugar num raio de dez metros.

Nesse caso, é melhor encontrá-las rematou Dalglish. O sargento Robbins acompanhá-lo-á.

E o que pretendia fazer com o papiro de Santo Anselmo, se o tivesse encontrado? quis saber Piers.

Copiá-lo. Escrever um artigo sobre o documento, para os jornais, e publicar um livro. Propunha-me levá-lo aonde qualquer documento daquela importância deve estar: ao domínio público.

Piers, contudo, não se deixou convencer.

Pelo dinheiro? Pela fama que lhe daria a nível acadêmico? Ou por ambos?

O olhar de Stannard agora era francamente virulento.

Não vou negar que, se eu escrevesse um livro, como tinha em mente, é óbvio que isso me daria dinheiro.

Dinheiro, fama, prestígio acadêmico, a sua fotografia nos jornais. Já houve pessoas que mataram por razões menos fortes.

Antes que Stannard pudesse protestar, Dalglish interveio:

Pelo que percebi, não encontrou o papiro.

Não. Levei comigo um corta-papéis comprido, na esperança de extrair o que pudesse estar escondido entre O Juízo Final e a parede. Tinha-me posto em cima de um banco para alcançar melhor o quadro quando ouvi alguém entrar na igreja. Apressei-me a colocar o banco no seu lugar e a esconder-me. Aparentemente, os senhores já sabem onde.

No segundo camarote. Uma brincadeira de crianças replicou Piers. O que deve ter sido algo humilhante para si... Não podia ter-se posto de joelhos... Não me parece que convencesse alguém, se fingisse rezar...

E confessar que tinha as chaves da igreja? Por mais estranho que vos possa parecer, não achei que fosse a melhor opção. Virou-se para Dalglish. No entanto, posso provar que estou a dizer a verdade. Não quis ver quem acabara de entrar, mas, quando avançaram pela ala central até à nave, ouvi-os nitidamente. Era o Morell e o arcediogo. Discutiam sobre o futuro de Santo Anselmo. Posso reproduzir-vos a maior parte da conversa. Tenho boa memória para fixar discursos e eles nem se deram ao trabalho de falar em voz baixa. Se estão à procura de alguém que tenha um problema com o arcediogo, não precisam ir mais longe. Uma das coisas que o Crampton afirmou foi que queria que o retábulo do altar fosse removido da igreja.]

Num tom de voz que poderia ser confundido por vivo interesse, Piers perguntou:

Que explicação se propunha dar se eles tivessem espreitado por baixo do banco do camarote e deparassem consigo? Penso que devia estar a analisar a situação em que se encontrava com grande concentração. Ou já tinha uma explicação preparada para tal eventualidade?

Stannard deu àquela pergunta a mesma importância que lhe daria se houvesse sido feita por um seu aluno não muito promissor.

Essa sua sugestão é simplesmente ridícula. Porque haveriam eles de verificar o interior do camarote? Mesmo que o tivessem feito, porque se dariam ao incomodo de se ajoelhar e espreitar por baixo do banco? Mas, se o tivessem feito, não restam dúvidas de que eu me encontraria numa situação deveras constrangedora.

Pois encontra-se numa situação deveras constrangedora agora, doutor Stannard retorquiu Dalgliesh. Admitiu ter encetado uma busca infrutífera na igreja. Como podemos ter a certeza de que não regressou lá, ontem à noite?

Porque vos dou a minha palavra de que não regressei à igreja. Que mais posso dizer? E acrescentou, em tom truculento: Aliás, não podem provar sequer que eu lá tenha regressado.

Disse que se serviu de um corta-papéis de madeira para sondar o que havia por trás do Juízo Final retomou Piers. Tem a certeza de que foi só disso que se serviu? Ontem à noite, enquanto a comunidade estava nas completas, não terá ido à cozinha para ir buscar uma faca de trincar?

Por fim, a estudada indiferença de Stannard, a sua mal dissimulada truculência e arrogância deram lugar ao medo. A pele em torno dos seus lábios, muito vermelhos e úmidos, era uma penumbra branca e os ossos das suas faces sobressaíam, vincados por linhas vermelhas que realçavam ainda mais a sua tez esverdeada.

Virou-se, de corpo inteiro, para Dalgliesh, com tal veemência que quase caiu da poltrona.

Meu Deus, Dalgliesh, tem de acreditar em mim! Eu não fui à cozinha! Seria incapaz de espetar uma faca fosse em quem fosse! Nem mesmo num animal! Nunca poderia cortar o pescoço de uma galinha! É absurdo! Só de pensar nisso, fico horrorizado. Estive na igreja apenas uma vez. Juro por tudo o que há de mais sagrado! E só tinha comigo um corta-papéis! Posso mostrar-vos. Se quiserem, vou buscá-lo.

Tinha-se levantado e olhava fixamente para os seus interlocutores, num desesperado apelo. O silêncio imperou, até que Stannard o quebrou, dizendo com uma réstia de esperança e triunfo:

Há outra coisa. Penso poder provar que não regressei à igreja na noite de sábado, porque telefonei daqui à minha namorada, que está em Nova Iorque, às onze e meia. A nossa relação estreitou-se ultimamente e falamos pelo telefone quase todos os dias. Servi-me do meu celular e posso dar-vos o número dela. Nunca passaria meia hora a falar com ela, se planeasse assassinar o arcediago.

Pois não atalhou Piers, se já o tivesse planeado antes...

Porém, ao ver o olhar aterrorizado de Stannard, Dalgliesh compreendeu que tinha à sua frente alguém que podia ser eliminado da lista de suspeitos, porque Stannard não fazia a menor idéia de como o arcediago havia sido assassinado.

Tenho de regressar à universidade amanhã de manhã. Pensava partir esta noite. O Pilbeam devia conduzir-me a Ipswich. Não podem manter-me preso aqui. Eu não fiz nada de mal!

Não obtendo resposta, acrescentou, em parte assustado, em parte zangado:

Ouçam, eu tenho o meu passaporte comigo. Ando sempre com ele. Como não conduzo, serve de documento de identificação. Se vos ceder temporariamente o meu passaporte, deixar-me-ão partir?

O inspetor Tarrant encarregar-se-á disso afirmou Dalgliesh, e passar-lhe-á um recibo. Muito embora o caso ainda não tenha acabado, dou-lhe permissão para se ir embora.

Só mais uma coisa: creio que vai contar ao Sebastian Morell o que aconteceu.

Não, está enganado replicou Dalgliesh. É o senhor que lhe vai contar.

16

Dalgliesh, o padre Martin e o padre Sebastian reuniram-se no gabinete deste último. O padre Sebastian lembrava-se, palavra por palavra, da conversa que tivera com o arcediogo na igreja. Reproduziu o diálogo como se recitasse algo de cor, mas Dalgliesh não pôde deixar de reparar na ponta de arrependimento na voz do reitor que, findo o seu relato, se calou, sem sequer tentar explicar-se ou justificar-se. Enquanto o reitor falara, o padre Martin sentara-se na poltrona em frente da lareira, com a cabeça baixa, tão atento e quieto como se estivesse a ouvir uma confissão.

Seguiu-se uma pausa.

Obrigado, padre agradeceu Dalgliesh. O seu relato coincide com o testemunho prestado pelo doutor Stannard.

Longe de mim querer intrometer-me no seu campo de responsabilidades replicou o padre Sebastian, mas o fato de o Stannard se ter escondido na igreja, ontem à tarde, não quer dizer que ele lá não tenha regressado de noite. Devo compreender que, mesmo assim, o excluiu da lista dos suspeitos?

Dalgliesh não tinha qualquer intenção de revelar que Stannard ignorava como o arcediogo morrera. Perguntava a si próprio se o padre Sebastian se havia esquecido da importância das chaves desaparecidas, quando este acrescentou:.

Se ele fez uma cópia das chaves, não precisava ir buscar um molho no armário. Por outro lado, também é verdade que poderia tê-lo feito com o intuito de lançar as suspeitas sobre outra pessoa.

Isso seria pressupor retomou Dalgliesh que o homicídio foi planeado com algum avanço, e não um impulso momentâneo. O Stannard continua a ser suspeito... como todos os outros,

por enquanto... mas disse-lhe que podia partir, e creio que todos ficarão felizes por se verem livres dele.

Nem imagina quanto. Já tínhamos começado a desconfiar de que a sua pesquisa sobre a vida doméstica dos primeiros anglo-católicos era um pretexto para ele vir até cá regularmente. Quem mais desconfiado andava era o padre Peregrine. Contudo, o avô do Stannard foi um dos sócios da firma de advogados que trabalha com o instituto desde o século dezenove. Ajudou-nos muito e nunca poderíamos negar um favor ao seu neto. Talvez o arcediago tivesse razão: somos escravos do nosso passado. Assim que conheci o Stannard, fiquei com muito má impressão dele. Revelou-se pretensioso e altivo, dando um pretexto, algo comum, para a sua cupidez e desonestidade: a inviolabilidade da pesquisa histórica.

O padre Martin não abriu a boca durante a reunião. Saiu, acompanhado de Dalglish, do gabinete do padre Sebastian, sem proferir palavra. Contudo, depois de fechar a porta atrás de si, deteve-se e perguntou:

Gostaria de ver o papiro de Santo Anselmo?

Sim, muito mesmo.

Guardo-o nos meus aposentos.

Subiram a escada de caracol que levava à torre. A vista era espetacular, mas o quarto estava longe de ser confortável. Dava a impressão de ter sido mobiliado com peças desemparelhadas e demasiado velhas para estarem à vista do público mas que, por outro lado, ainda se encontravam em estado suficientemente bom para serem deitadas fora. Um emaranhado tão grande de peças de mobiliário costuma criar uma atmosfera de alegre intimidade, mas, ali, era deprimente, e Dalglish deu consigo a pensar se o padre Martin já se teria dado conta disso.

Na parede virada a norte, havia uma pequena gravura religiosa com uma moldura de couro. Era difícil perceber os seus contornos mas, à primeira vista, tinha pouco mérito artístico, e as cores achavam-se tão desbotadas que havia alguma dificuldade em vislumbrar as figuras centrais da Virgem e do Menino. O padre Martin pegou no pequeno quadro, levantou a parte superior da moldura e tirou a gravura. Aninhada entre os dois vidros escondia-se o que parecia ser uma folha de cartolina grossa, rasgada, com rebordos irregulares, e coberta com linhas de tinta preta. O padre Martin não aproximou a folha da janela e Dalglish teve dificuldade em decifrar a mensagem em latim, à exceção do cabeçalho. Parecia haver uma marca circular no canto superior direito, onde o papiro se rasgara, e podia distinguir-se o ziguezague das folhas de junco de que era feito.

Só foi examinado uma única vez explicou o padre Martin, pouco depois de Miss Arbuthnot o receber como prenda. Parecem não restar quaisquer dúvidas de que o papiro, em si, é antigo, datando do século primeiro. O Edwin, o irmão dela, não deve ter tido qualquer dificuldade em encontrá-lo porque, como deve saber, era egiptólogo.

Mas porque deu ele este valioso documento à irmã? Independentemente da origem do papiro, tal ato não deixa de ser, no mínimo curioso. Se foi falsificado para desacreditar a religião de Miss Arbuthnot, porque o manteve em segredo? Por outro lado, se ele estava convencido de que se tratava de um documento genuíno, não teria sido mais lógico torná-lo público?

É essa a principal razão por que sempre o consideramos como uma falsificação. Porque haveria o Edwin de se desfazer do papiro, se fosse genuíno, quando poderia ter-lhe trazido fama e prestígio? Talvez quisesse que a irmã o destruísse. Devia ter fotografias do documento e, assim que soubesse que o original fora destruído, poderia acusar o instituto de destruir deliberadamente um papiro de valor incomparável. Miss Arbuthnot revelou grande sensatez ao agir como agiu. Quanto aos motivos do seu irmão, são menos claros.

Também se coloca a questão comentou Dalglish de saber por que razão Pôncio Pilatos se daria ao trabalho de dar uma ordem por escrito. Penso que o normal, naquela altura, era dar ordens de viva voz.

Não necessariamente. No entanto, o assunto já podia estar resolvido, de uma maneira ou de outra, passados tantos anos continuou Dalglish. Mesmo que o papiro remonte à época de Cristo, a tinta pode ser muito mais recente. Penso que, com o progresso da ciência, agora já poderia saber-se a verdade.

O padre Martin estava a juntar de novo, com grande cuidado, a moldura e a gravura. Por fim, pendurou o quadro na parede e recuou, para se certificar de que estava num equilíbrio perfeito.

Nesse caso, Adam, acredita que a verdade nunca pode prejudicar ninguém? perguntou.

Não diria tanto, mas acredito que temos de procurar a verdade, por mais incomoda que possa ser.

É essa a sua profissão: procurar a verdade, mas nunca fica a conhecê-la por inteiro. Como seria possível? É um homem muito inteligente, mas o que faz não resulta forçosamente num ato de justiça. É bom não esquecer que há a justiça dos homens e a justiça divina.

Não sou assim tão arrogante, padre. Limito a minha ambição à justiça dos homens. E nem mesmo essa está nas minhas mãos. A minha função é proceder a uma detenção. O júri, então, decide se a pessoa é culpada ou inocente e o juiz profere a sentença. E, no fim, faz-se justiça?

Nem sempre. Talvez não tantas vezes como gostaríamos. Mas, num mundo imperfeito, é o melhor que se consegue fazer.

Não renego a importância da verdade replicou o padre Martin. Estou apenas a dizer que a procura da verdade pode ser perigosa, bem como a sua descoberta. Sugeri que devíamos mandar analisar o papiro de Santo Anselmo e estabelecer a sua autenticidade. Mas isso não poria um ponto final na controvérsia. Alguns afirmariam que o papiro só poderia ser uma

cópia de outro, genuíno e mais antigo. Outros optariam por não acreditar nos especialistas e enfrentaríamos anos de controvérsia pernicioso. E, passados muitos anos de discussões, o papiro continuaria envolto em mistério. Ora, não queremos ter um novo Sudário de Turim...

Havia uma pergunta que Dalglish queria fazer, mas hesitou, consciente da sua presunção e de que, assim que a formulasse, receberia uma resposta sincera, mas que poderia ser penosa.

Padre, se o papiro fosse analisado e se estabelecesse, com elevada percentagem de certeza, que era genuíno, isso alteraria a sua fé?

O padre Martin sorriu.

Meu filho, para alguém que, em cada minuto da sua existência, tem a certeza da presença viva de Cristo, porque haveria de preocupar-se com o que acontece aos humanos?

No gabinete do andar inferior, o padre Sebastian pediu a Emma que fosse vê-lo. Convidando-a a sentar-se numa cadeira, disse:

Penso que deseja regressar a Cambridge, quanto antes. Falei com Mister Dalglish e ele não se opôs. Pelo que sei, de momento, não detém autoridade para reter aqui todos aqueles que quiserem partir, desde que a Polícia saiba onde poderá contactar com eles. E, como é já do seu conhecimento, nem os padres residentes nem os ordinandos irão ausentar-se.

Uma súbita irritação, quase a rondar o azedume, tornara a voz de Emma mais ríspida do que se dava conta, quando ela exclamou:

Quer dizer que o senhor e o inspetor Dalglish estiveram a decidir o que eu devia ou não devia fazer? Não será, antes, algo que deve ser discutido entre mim e o senhor?

O padre Sebastian baixou a cabeça, por breves instantes, e depois fitou-a, olhos nos olhos.

Peço-lhe que me desculpe, Emma. Exprimi-me mal. É que pensava que desejava regressar a Cambridge, nada mais...

Mas porque haveria de pensar isso?

Minha filha, há um assassino entre nós. Temos de encará-lo e sentir-me-ia mais descansado se soubesse que não estava aqui. Sei que não temos motivos para supor que qualquer um de nós corra perigo em Santo Anselmo, mas, neste momento, não é um lugar sossegado ou calmo, nem para si nem para ninguém.

A voz de Emma retomou o seu tom normal quando replicou:

O que não significa que eu queira ir-me embora. Foi o senhor que afirmou que o instituto deveria prosseguir com a sua rotina normal, na medida do possível. Para mim, isso

implicava que podia aqui ficar e dar os meus três seminários, como de costume. Não percebo é o que isso pode ter a ver com a Polícia.

Nada tem a ver com a Polícia, Emma. Falei com o Dalglish porque sabia que você e eu haveríamos de ter esta conversa. Antes de falar consigo, achei ser meu dever descobrir se alguém teria permissão para sair do instituto. Seria inútil falar-lhe desse assunto sem poder ter a certeza da resposta que poderia dar-lhe. Perdoe-me pela minha óbvia falta de tato. Todos somos, de certa maneira, prisioneiros da educação que tivemos. Receio que o meu instinto seja atirar, primeiro, as crianças e as mulheres para os botes salva-vidas. Sorrindo, o padre Sebastian acrescentou: Aliás, é um hábito de que a minha mulher costumava queixar-se...

E quanto a Mistress Pilbeam e à Karen Surtees? perguntou Emma. Terão de ir-se embora?

O padre Sebastian, indeciso, esboçou um sorriso constrangido. Emma, mal grado o seu estado de espírito, riu-se, não me vai dizer que ambas estão em segurança porque têm um homem que as protege!

Não, nem era essa a minha intenção, porque só me deixaria ficar mal... Miss Surtees informou a Polícia de que tenciona ficar com o irmão, até que se proceda a uma detenção, o que significa que talvez fique aqui durante algum tempo. Penso que ela se encarregará de proteger o irmão, e não o contrário... Quanto ao casal Pilbeam, sugeri que talvez não fosse má idéia Mistress Pilbeam ir visitar um dos seus filhos casados, mas ela, não sem alguma aspereza, respondeu-me que, se partisse, não haveria mais ninguém para preparar as refeições.

Sentindo um súbito arrependimento, Emma murmurou:

Peço-lhe desculpa por me ter mostrado tão ríspida e talvez um pouco egoísta. Se for mais fácil para o senhor... ou para todos... que eu me vá embora, então, como é natural, não ficarei aqui. Não quero tornar-me um incômodo nem aumentar a vossa ansiedade. Estava apenas a pensar em mim, o que foi errado da minha parte.

Sendo assim, fique, por favor. A sua presença, sobretudo nos próximos três dias, talvez faça aumentar a minha ansiedade, mas será uma benesse para todos, trazendo-nos conforto e paz. Sempre se enquadrou muito bem no espírito do instituto, Emma, e não é agora que vai mudar.

Mais uma vez, entreolharam-se, e Emma não teve a menor dúvida quanto ao que viu no olhar do padre Sebastian: uma expressão de agrado e de alívio. Desviou o olhar, consciente de que o padre Sebastian podia discernir no olhar dela um sentimento menos aceitável: o de piedade. "Já não é assim tão novo", pensava, "e tudo isto foi um grande choque para ele. E talvez constitua o fim de tudo por que lutou e que amou."

O almoço em Santo Anselmo era sempre mais frugal do que o jantar, sendo constituído, em regra, por uma sopa, seguida de uma variedade de saladas com carnes frias e um prato quente vegetariano. Tal como durante o jantar, era saboreado em silêncio, o que se revelou particularmente bem-vindo, naquele dia, para Emma, embora desconfiasse não ser só ela a acolhê-lo com agrado. Quando a comunidade se juntava, o silêncio parecia ser a única resposta possível para uma tragédia, que, pela sua terrível singularidade, ia muito além das palavras ou da compreensão. O silêncio em Santo Anselmo era sempre uma bênção, por ser mais positivo do que a simples ausência de conversação; agora, conferia ao almoço uma fugaz ilusão de normalidade. Contudo, pouco se comeu e até mesmo os pratos de sopa foram deixados quase intocados, enquanto Mrs. Pilbeam, muito pálida, se movia por entre os convivas, como um autômato.

Emma planeava regressar ao seu quarto para trabalhar, mas sabia que lhe seria impossível concentrar-se. Tomada de súbito impulso que, a princípio, teve dificuldade em explicar, decidiu ir ver se George Gregory estava na Vivenda São Lucas. Nem sempre se achava presente no instituto nas vezes que ela ali ia, mas, quando o encontrava, sentiam-se bem na companhia um do outro, sem serem demasiado íntimos. Agora, contudo, Emma tinha de falar com alguém que pertencesse a Santo Anselmo mas que não fosse parte integrante do instituto, alguém com quem ela não tivesse de pesar as palavras. Seria um alívio poder falar do homicídio com uma pessoa que, segundo Emma, o achava intrigante, por não se sentir pessoalmente atingido.

Gregory estava em casa. A porta da Vivenda São Lucas achava-se aberta e, quando Emma se aproximou, pôde perceber que o professor de Grego escutava uma ópera de Haendel, que ela também tinha, em cassette, com o contratenor James Bowman a cantar *Ombra Mai Fu*. A voz, de uma extraordinária beleza, ecoava no promontório. Aguardou que aquela ária terminasse e, quando pousou a mão na maçaneta da porta, Gregory, em voz alta, convidou-a a entrar. Emma atravessou o gabinete, recheado de estantes com livros meticulosamente alinhados, e passou à varanda envidraçada que dava para o promontório. Gregory estava a beber café, e um forte aroma enchia a sala. Emma não esperara que o café fosse servido no instituto, mas, quando Gregory lhe perguntou se desejava tomar um, aceitou. George Gregory colocou uma mesa baixa ao lado da cadeira de vime onde Emma se recostara, contente por estar ali.

Muito embora houvesse entrado na vivenda com o espírito perturbado, havia algo de que Emma tinha de falar. Fitou o seu anfitrião atentamente, enquanto este a servia. A barbicha conferia um ar mefistofélico ao rosto que ela sempre achara mais belo do que atraente. Da testa alta, o seu cabelo louro caía, para trás, em ondas tão regulares que pareciam ter sido feitas por rolos elétricos. Por baixo das pestanas finas, os seus olhos observavam o mundo com uma expressão de desprezo irônico e alegre. Era um homem que cuidava da sua aparência. Emma sabia que ele corria todos os dias e que praticava natação, exceto nos meses mais frios de Inverno. Quando lhe estendeu a chávena de café, viu novamente a deformidade que ele nunca tentara ocultar. A parte dianteira do dedo anelar esquerdo havia sido decepada por um machado, quando ele era adolescente. Gregory tinha-lhe contado as circunstâncias do acidente, quando Emma o conhecera, e ela apercebera-se de que aquele homem sentia a necessidade de realçar que se tratara de um acidente, por sua culpa, e não de um defeito de nascença. Ficara espantada com o fato de ele lhe explicar por que motivo

tinha aquela deformidade, que em pouco ou nada o incapacitava, mas concluíra que isso se devia ao fato de George Gregory ter grande amor-próprio.

Preciso de consultá-lo acerca de uma coisa... Não, exprimi-me mal... Gostaria de falar consigo sobre algo em que tenho pensado,

Sinto-me lisonjeado, mas porquê eu? Não seria mais apropriado falar com um dos padres?

Não quero atormentar o padre Martin e sei o que o padre Sebastian me diria... pelo menos penso saber, embora, por vezes, ele possa revelar-se uma caixinha de surpresas.

Mas se é uma questão moral, os especialistas são eles, não eu fez notar Gregory.

Sim, pode dizer-se que se trata de uma questão moral... pelo menos, de uma questão de ética, mas não sei se quero ouvir a opinião de um especialista na matéria. Até que ponto acha que devemos colaborar com a Polícia? O que devemos dizer-lhe?

É essa a sua dúvida?

É.

Penso que será melhor sermos sinceros. Calculo que deseja que o assassino do Crampton seja preso. Isso não lhe causa qualquer problema, pois não? Não é de opinião que, em certas circunstâncias, o homicídio deve ser perdoado, pois não?

Não. Sempre pensei que todos os assassinos deviam ser presos. Já não tenho tanta certeza em relação ao que gostaria que lhes acontecesse depois, mas, mesmo quando sinto alguma empatia... ou até mesmo simpatia... por um assassino, continuo a querer que seja preso e condenado.

Mas não quer tomar parte ativa na captura do assassino, é isso?

Digamos, antes, que não quero prejudicar inocentes.

Mas nem você nem, tão pouco, o Dalgliesh podem evitá-lo. Há sempre inocentes que sofrem durante a investigação de um homicídio. Em quem está a pensar, em particular?

Prefiro não o dizer. Fez-se silêncio, até que Emma prosseguiu: Não sei porque vim incomodá-lo com o meu problema, mas senti que precisava falar com alguém que não faça realmente parte do instituto.

Veio falar comigo, replicou Gregory, porque eu não sou importante para si. Não se sente atraída sexualmente por mim. Sente-se bem aqui, porque nada do que dissermos um ao outro alterará o nosso relacionamento. Tem-me na conta de um homem inteligente, honesto, impassível e em quem pode confiar, o que é verdade. Além do mais, não pensa que eu assassinei o Crampton, e não se engana, porque não fui eu. Era-me absolutamente indiferente, quando vivo, e continua a ser depois de morto. Admito, no entanto, sentir

alguma curiosidade em saber quem o matou, mas não passa disso. Também gostaria de saber como foi que ele morreu, mas você não vai dizer nem eu vou expor-me a uma recusa, fazendo-lhe essa pergunta. Mas, como é lógico, estou envolvido no caso, tal como todos os outros. O Dalgliesh ainda não mandou chamar-me, mas isso não quer dizer que eu seja o último da sua lista de suspeitos.

O que vai dizer, quando ele o chamar?

Vou responder, com toda a honestidade, às perguntas que me fizer. Não vou mentir. Se ele me pedir a minha opinião, lhe darei, mas com prudência. Não cairei na asneira de elaborar qualquer teoria, nem me oferecerei para dar informações que não me forem pedidas. Não tenciono fazer o trabalho por eles. Só Deus sabe como são bem pagos para cumprir o seu dever. E, acima de tudo, não me esquecerei de que poderei estar a acrescentar dados ao que já lhes terá sido dito por outra pessoa. Eis o que tenciono fazer. No entanto, quando o Dalgliesh ou um dos seus assistentes condescender em receber-me, provavelmente, vou mostrar-me demasiado arrogante ou curioso para que eles me peçam uma opinião. Ajudei-a?

Aconselha-me então a não mentir, mas também a não dizer mais do que o necessário? Devo esperar que eles me façam as perguntas para, depois, responder com toda a honestidade?

Mais ou menos.

Então, Emma fez uma pergunta que desejava formular desde que havia conhecido George Gregory, não sem estranhar sentir que era aquele o momento certo.

Não nutre grande simpatia por Santo Anselmo, não é verdade? Isso deve-se ao fato de não ser crente ou por pensar que eles também não são assim tão crentes como parecem?

Oh, não duvido da sua fé, mas aquilo em que eles acreditam tornou-se irrelevante. Não me refiro ao ensino moral: a herança judaico-cristã criou a civilização ocidental e devemos estar-lhe gratos por isso. Mas a Igreja que eles servem agoniza. Quando olho para O Juízo Final, tento perceber qual era o seu significado para os homens e mulheres do século quinze. Quando a vida é curta, difícil e marcada pelo sofrimento, torna-se vital acreditar no Paraíso; quando não existem leis eficazes, torna-se necessário reger a vida pelo medo do castigo e da punição no Inferno. A Igreja oferecia-lhes conforto com histórias e ilustrações sobre a esperança na vida eterna. O século vinte e um oferece outras compensações. O futebol, por exemplo, onde temos o ritual, a cor, o drama, o sentido de pertença; o futebol tem os seus sacerdotes e, até mesmo, os seus mártires. Depois, há o consumismo, a arte, a música, as viagens, o álcool, as drogas. Todos temos ao nosso alcance recursos para afastar esses dois horrores da vida humana: o tédio e a certeza de que vamos morrer. E agora... que Deus nos ajude... há também a Internet, a pornografia, acessível com o simples apertar de algumas teclas. Se quer descobrir uma rede de pedofilia ou saber como fabricar uma bomba para mandar pelos ares as pessoas que não estão de acordo consigo, encontra tudo o que precisa na Internet, mais um poço sem fundo de outras informações, algumas até bastante úteis.

Mas quando tudo isso falha, até mesmo a música, a poesia ou a arte?

Então, minha querida amiga, votar-me-ei ao silêncio. Se o meu fim se revelar doloroso, confiarei na morfina e na compaixão do meu médico. Ou talvez resolva nadar, mar adentro, e olhar pela última vez para o céu.

Porque permanece aqui? quis saber Emma. Porque aceitou este cargo?

Porque gosto de ensinar grego a rapazes inteligentes. E você? Porque se tornou professora universitária?

Porque gosto de ensinar literatura inglesa a rapazes e raparigas inteligentes. Mas é uma resposta parcial. Por vezes, dou comigo a pensar para onde me dirijo, ao certo. Seria agradável fazer trabalhos criativos, em vez de analisar a criatividade dos outros.

Já foi apanhada na rede da selva acadêmica? Eu tive o cuidado de me manter à distância. Este lugar convém-me. Disponho de dinheiro suficiente para não ser obrigado a trabalhar o tempo inteiro. Tenho uma vida em Londres... que os padres nunca aprovariam, mas que me proporciona um contraste estimulante com a vida que levo aqui. Também preciso de paz, para escrever e pensar, e é nesta região deserta que a encontro. Nunca recebo visitantes. Mantenho-os à distância, com o pretexto de que tenho apenas um quarto de dormir. Sempre que me apetece, posso comer no instituto, onde sei que conto com excelentes refeições e vinhos e, também, com conversas raramente enfadonhas, as quais, na maior parte das vezes, até se revelam deveras interessantes. Gosto de dar longos passeios solitários. Tenho alojamento gratuito, embora o instituto me pague um salário irrisório pelo ensino de uma disciplina que, de outra forma, nunca se poderia dar ao luxo de ministrar aos seus estudantes. Infelizmente, o assassino pôs um ponto final em tudo isto e começo a sentir grande raiva em relação a essa pessoa.

O que é mais horrível é saber que pode ter sido alguém que conhecemos replicou Emma.

Um "caso interno", como a Polícia lhe chama. Mas não restam dúvidas quanto a isso... Então, Emma, não a tenho na conta de uma pessoa covarde. Encare a realidade. Que gatuno iria fazer um longo trajeto, numa noite escura e tempestuosa, até uma igreja remota, que não podia sequer imaginar que se achasse aberta, na esperança de arrombar as poucas caixas de coletas e para tirar delas algumas moedas? Além do mais, o círculo de suspeitos não é assim tão grande. Posso desde já dizer-lhe que está fora desse círculo, minha querida amiga. Claro que o primeiro a chegar à cena do crime é sempre o mais suspeito, na ficção policial... na qual os padres parecem ser viciados... mas penso poder afirmar que está acima de qualquer suspeita. Sobram, assim, os quatro ordinandos que se encontravam no instituto, ontem à noite, e mais sete pessoas: os Pilbeam, o Surtees e a irmã, o Yarwood, o Stannard e eu. Até mesmo o Dalgliesh não suspeita de nenhum dos nossos quatro padres, muito embora os mantenha na lista de suspeitos, sobretudo se ele se lembrar do que disse Pascal: "Os homens nunca praticam o mal tão completa e alegremente como quando são levados por uma convicção religiosa."

Emma não queria falar dos padres. Num tom de voz calmo, replicou:

Penso que também podemos eliminar os Pilbeam.

Admito que me parecem assassinos improváveis, mas, por outro lado, todos o somos. No entanto, ficaria muito perturbado se visse uma cozinheira tão dotada a cumprir uma pena de prisão perpétua. Muito bem, risquem-se os Pilbeam da lista de suspeitos.

Emma quis dizer que os quatro ordinandos também podiam ser eliminados, mas algo a fez pensar duas vezes, por recluir o que podia ouvir. Ao invés, acrescentou:

Tenho a certeza de que o senhor também não faz parte da lista de suspeitos. Não tinha motivos para odiar o arcediago. Na realidade, a sua morte pode ter decidido, de vez, a questão do encerramento de Santo Anselmo. E não é isso a última coisa que o senhor quer?

Era algo inevitável, mais cedo ou mais tarde. O que me espanta é que este instituto tenha durado tanto tempo. Mas tem razão, não tinha qualquer motivo para desejar a morte do Crampton. Se eu fosse capaz de matar alguém... e não sou, a não ser em caso de defesa própria... seria, mais provavelmente, o Sebastian Morell.

O padre Sebastian? Mas porquê?

Trata-se de um rancor muito antigo. Ele impediu que eu me tornasse membro de All Souls. Agora, isso já não tem qualquer importância, mas, na altura, teve e de que maneira. Ele escrevera uma crítica bastante destrutiva acerca do meu último livro, acusando-me, por meio de insinuações veladas, de plágio, o que não correspondia à verdade, claro. Tratou-se apenas de uma daquelas estranhas coincidências de frases e idéias, mas o escândalo não me ajudou em nada.

Deve ter sido horrível.

Nem por isso. São coisas que acontecem, como deve saber. É o pesadelo de todos os escritores.

Mas, então, porque foi que o padre Sebastian lhe propôs o cargo de professor de Grego em Santo Anselmo? Esqueceu-se do que se tinha passado?

Nunca tocou no assunto e é possível que se haja esquecido. Ao que tudo indica, era muito importante para mim, mas não para ele. E, mesmo que se lembrasse quando me candidatei ao lugar, duvido que isso o tivesse preocupado, já que acabara de contratar um excelente professor de Grego para o instituto, por um salário irrisório.

Emma nada disse. Olhando para ela, Gregory acrescentou:

Beba mais um pouco de café e, depois, pode contar-me os últimos mexericos de Cambridge.

Quando Dalgliesh telefonou para perguntar a George Gregory se podia ir até à Vivenda São Mateus, obteve esta resposta: Contava poder ser interrogado em minha casa. É que estou à espera de um telefonema da minha agente e ela só tem este número de telefone, porque tenho grande aversão a celulares.

Dalgliesh estranhou que o professor recebesse um telefonema de negócios a um domingo. Como que sentindo o seu cepticismo, Gregory acrescentou:

Devia ir almoçar com ela, amanhã, em Londres, no Ivy. Parti do princípio de que isso seria impossível ou inconveniente. Tentei entrar em contacto com ela, mas não tive sorte. Deixei-lhe um recado no gravador de mensagens, pedindo-lhe que me ligasse. Como é óbvio, se ela não me telefonar ainda hoje ou, o mais tardar, amanhã de manhã, terei de ir a Londres. Penso que não se opõe...

Neste momento, não replicou Dalgliesh, se bem que preferisse que todos permanecessem em Santo Anselmo, pelo menos até se concluir a primeira parte da investigação.

Asseguro-lhe que não faço tenções de fugir. Pelo contrário; não é todos os dias que sentimos a excitação de um homicídio.

Miss Lavenham não parece partilhar desse seu contentamento comentou Dalgliesh.

Claro que não. Coitada... Bom, mas é preciso não esquecer que ela viu o morto. Sem esse impacto visual, um homicídio não deixa de causar um frisson atávico, mais ao gênero dos romances da Agatha Christie do que real. Sei que se julga que o horror imaginado pode ser muito mais poderoso do que o real, mas não acredito que isso se aplique também a um homicídio. Tenho a certeza de que, quando alguém vê o corpo de uma pessoa assassinada, nunca mais consegue apagar completamente essa visão da memória. Nesse caso, vem até cá? Muito obrigado.

O comentário de Gregory havia sido de uma insensibilidade brutal mas não andava longe da razão. Fora enquanto detetive, recentemente nomeado, ajoelhado ao lado do corpo da primeira vítima de que nunca haveria de esquecer-se, que Dalgliesh experimentara, pela primeira vez, numa mistura de choque, raiva e piedade, o poder devastador do homicídio. Perguntou a si próprio como estaria a reagir Emma e se ele poderia ajudá-la. Provavelmente não. Toda e qualquer tentativa, da parte dele, no sentido de a ajudar poderia ser interpretada como uma intrusão ou uma manifestação de condescendência. Não havia ninguém em Santo Anselmo com quem Emma pudesse falar livremente sobre o que vira na igreja, a não ser o padre Martin, mas o pobre homem precisava mais de apoio do que ela. Podia, também, partir e levar consigo o segredo, mas não era mulher para fugir. Por que motivo, mesmo sem a conhecer, Dalgliesh tinha a certeza disso? Irritado consigo próprio, decidiu esquecer-se temporariamente dos problemas de Emma e concentrar-se na sua investigação.

Não se sentia descontente por ir visitar Gregory na Vivenda São Lucas, se bem que não tivesse qualquer intenção de interrogar os ordinandos nos seus quartos. Era mais prático e rápido que fossem eles a vir ao seu encontro. Porém, no seu território, Gregory mostrar-se-

ia mais à vontade e menos na defensiva. Dalgliesh podia também saber mais sobre aquela testemunha por meio de um exame discreto aos seus aposentos do que através de meia dúzia de perguntas diretas. Os livros, os quadros, a disposição dos artefatos eram, por vezes, mais reveladores do que as palavras.

Quando Dalgliesh e Kate seguiram Gregory até à sala principal da vivenda, o inspetor ficou, mais uma vez, espantado pelas diferentes individualidades que marcavam as três vivendas ocupadas. O alegre aconchego do lar dos Pilbeam, a oficina prática e simples de Surtees, onde reinava o cheiro a madeira, aguarrás e a ração, e, por fim, aquele espaço habitado por um professor, que se revelava um obcecado pela arrumação. A Vivenda São Lucas havia sido adaptada para servir os dois principais interesses de Gregory: a literatura e a música clássica. Toda a parte da frente da sala fora forrada com estantes de livros, do chão ao teto, exceto por cima da lareira vitoriana, onde havia uma gravura do Arco de Constantino, de Piranesi. Era importante, para Gregory, que a altura das prateleiras fosse igual à dos livros que acomodavam uma mania partilhada, aliás, por Dalgliesh e a impressão era a de uma sala onde reinava uma ordem perfeita, realçada pelos tons de castanho e dourado das capas de cabedal dos livros. Uma secretária, de carvalho, com um computador, e uma cadeira giratória encontravam-se em frente da janela, onde os cortinados haviam sido substituídos por persianas de madeira.

Passaram à varanda envidraçada, que corria a toda a volta da casa.

Era ali a sala de estar de Gregory, mobiliada com cadeiras de vime leves mas confortáveis e um sofá, uma mesa baixa e outra, redonda e maior, ao fundo, onde se empilhavam livros e revistas. Até mesmo aqueles livros estavam arrumados ordeiramente, de acordo com o seu tamanho. O telhado e as paredes de vidro achavam-se protegidos por venezianas, que deviam ser essenciais no Verão. Mesmo em pleno Inverno, a temperatura ambiente da sala, virada a sul, era agradavelmente amena. Lá fora, para lá dos campos desertos, podiam avistar-se, ao longe, os topos das árvores que circundavam o pântano e, a leste, a vasta extensão parda do mar do Norte.

As cadeiras não eram as mais adequadas para um interrogatório policial mas não havia outras. Gregory sentou-se numa, virada a sul, e recostou-se, estendendo as pernas compridas, o que demonstrava que se sentia perfeitamente à vontade.

Dalgliesh começara por fazer perguntas para as quais já sabia as respostas, depois de examinar os arquivos pessoais de todos aqueles que trabalhavam ou estudavam em Santo Anselmo. O arquivo de Gregory mostrara-se muito menos informativo do que os dos ordinandos. O primeiro documento, uma carta do Instituto Keble, em Oxford, deixava claro por que forma Gregory havia ido parar em Santo Anselmo. Dalgliesh, que tinha excelente memória, conseguiu lembrar-se de quase tudo o que havia lido.

”Agora que o Bradley finalmente se reformou (como foi que conseguiu persuadi-lo?), corre o boato de que anda a procura de um substituto. Já pensou no George Gregory? Pelo que sei, está ocupado, neste momento, com uma nova tradução do livro Eurípides, mas anda a procura de um emprego em tempo parcial, de preferência no campo, onde possa prosseguir a sua tradução em paz. Do ponto de vista académico, o meu amigo não poderia encontrar pessoa mais adequada, porque ele é um excelente professor. É a história costumeira do

professor catedrático que nunca se sente realizado. Não é um homem de temperamento fácil, mas penso que poderá convir-lhe. Ele falou comigo, quando jantou aqui, na sexta-feira passada. Não lhe prometi nada, mas disse-lhe que iria informar-me se o meu amigo ainda andava a procura de um professor. Penso que terá de considerar a questão monetária, mas, neste caso, não é essencial. O que ele procura é a privacidade e a calma.”

Veio trabalhar para aqui em mil novecentos e noventa e cinco, por meio de um convite, não é assim? perguntou Dalglish.

Digamos antes que fui caçado. O instituto queria um professor experiente de Grego e que também tivesse algumas noções de hebraico. Eu queria um lugar de professor em tempo parcial, de preferência no campo, onde me oferecessem alojamento. Possuo uma casa em Oxford, mas, de momento, está arrendada. O arrendatário é uma pessoa responsável e a renda é elevada; portanto, não é propriamente um contrato que eu deseje rescindir. O padre Martin teria qualificado o nosso acordo de providencial; já o padre Sebastian encarou o meu recrutamento como mais um exemplo da sua capacidade de beneficiar o instituto. Não posso falar pelo reitor de Santo Anselmo, mas penso que nenhuma das duas partes se arrependeu com o acordo estabelecido,

Quando foi que conheceu o arcediogo Crampton?

Por ocasião da sua primeira visita, três meses atrás, quando foi nomeado fideicomissário do instituto. Não me lembro da data exata, Regressou há duas semanas e, depois, ontem. Da segunda vez, deu-se ao trabalho de me procurar para conhecer os termos do meu contrato com o instituto. Fiquei com a impressão de que, se eu não o tivesse desencorajado, ele teria começado a doutrinar-me em relação às minhas convicções religiosas. Remeti-o ao Sebastian Morell para o primeiro assunto e mostrei-me suficientemente inflexível em relação ao segundo, o que o levou, sem dúvida, a ir procurar vítimas mais indefesas, como o Surtees, segundo me pareceu.

E durante esta última visita? Viu-o?

Só o vi, ontem à noite, ao jantar. Não foi propriamente uma ocasião festiva, mas o senhor também lá estava, por isso viu e ouviu o mesmo que eu, ou talvez mais. Depois do jantar, não esperei que o café fosse servido, e voltei para casa.

E quanto ao resto da noite, Mister Gregory?

Passei-a em casa. Li, fiz algumas revisões e corriji vários testes dos meus alunos. Depois, ouvi música, Wagner, para ser mais preciso, antes de me deitar. E, poupando-lhe tempo, não saí de casa em nenhum momento durante a noite. Não vi ninguém nem ouvi nada, a não ser a tempestade.

E quando tomou conhecimento de que o arcediogo fora assassinado?

Quando o Raphael Arbuthnot me telefonou, por volta das quinze para as sete, esta manhã, e me disse que o padre Sebastian convocara uma reunião de emergência com todos os

residentes para as sete e meia, na biblioteca. Não me forneceu qualquer explicação e só quando nos reunimos, conforme nos foi pedido, soube o que havia acontecido.

Como reagiu à notícia?

Não sei, é complicado. Penso que, a princípio, fiquei chocado e não quis acreditar que era verdade. Não conhecia o arcediogo, por isso não tinha motivos para me sentir pessoalmente desgostoso. Aquela charada na biblioteca foi extraordinária, não concorda? Só mesmo o Morell seria capaz de tal coisa. Deduzo que tenha sido idéia dele. Ali estávamos, uns de pé, outros sentados, como membros de uma família à espera da leitura do testamento. Afirmei que a minha primeira reação foi de choque, e é verdade, mas não posso dizer que tenha ficado surpreendido. Quando entrei na biblioteca e vi o rosto da Emma Lavenham, percebi imediatamente que acontecera algo de muito grave. Penso que soube do que se tratava, mesmo antes de o Morell nos pôr ao corrente.

Sabia, então, que o arcediogo Crampton não era propriamente bem-vindo em Santo Anselmo?

Tento manter-me à distância no que respeita à política do instituto; as instituições pequenas e isoladas, como esta, podem tornar-se verdadeiras incubadoras de mexericos e de insinuações. Mas também não sou surdo nem cego. Quase todos nós sabíamos que o futuro de Santo Anselmo era incerto e que o arcediogo Crampton estava determinado a encerrá-lo, mais cedo ou mais tarde.

E o encerramento do instituto incomodava-o?

Não era algo que eu acolhesse de bom grado, mas já encarei essa possibilidade, pouco depois de me mudar para cá. No entanto, tendo em consideração a rapidez com que a Igreja Anglicana se move, pensei que estaria a salvo durante, pelo menos, mais dez anos. Vou sentir pena de deixar a vivenda, em particular, porque mandei instalar esta varanda à minha custa. Este lugar é ideal para o meu trabalho e vou ter saudades dele. No entanto, guardo a esperança de que não seja obrigado a sair daqui. Não sei o que a Igreja irá fazer com os edifícios, mas não me parece que seja fácil vender a propriedade. Talvez eu possa comprar a vivenda, mas ainda é cedo para pensar nisso, e nem sequer sei se o instituto pertence aos comissários da Igreja ou à diocese, porque é um mundo ao qual sou totalmente alheio.

Assim, ou Gregory não tinha conhecimento das disposições do testamento de Miss Arbuthnot, ou fingia desconhecê-las. Julgando que Dalgliesh não tivesse mais nada a perguntar-lhe, Gregory levantou-se.

Dalgliesh, todavia, ainda não terminara.

O Ronald Treeves era seu aluno? perguntou.

Claro que sim. Dou aulas de Grego e de Hebraico a todos os ordinandos, exceto àqueles que são licenciados em Literatura Clássica. O Treeves tirara o curso de Geografia, o que significa que devia estudar aqui durante, pelo menos, três anos, e aprender grego desde o

princípio. Mas já me tinha esquecido... O senhor veio até cá para investigar a morte dele. Agora, contudo, parece pouco importante quando comparada com o que se deu depois, não concorda? Aliás, sempre foi irrelevante, pelo menos, enquanto hipotético homicídio. O veredicto mais lógico teria sido o de suicídio.

Foi com essa impressão que ficou, quando viu o corpo?

Só formei uma opinião depois de ter tempo para refletir calmamente. O que me convenceu foram as roupas dobradas. Um rapaz novo, que se propõe escalar um penhasco, não arruma a sua batina e o seu capote com tanto cuidado. Ele tinha estado cá para uma lição particular, na sexta-feira à noite, antes das completas, e pareceu-me o mesmo de sempre; não particularmente alegre, mas ele nunca se mostrava alegre. Não me lembro se falamos de mais alguma coisa, a não ser da tradução em que ele estava a trabalhar. Parti para Londres, logo após a lição, e ali passei a noite, no meu clube. Foi quando regresssei, no sábado à tarde, que Mistress Munroe me mandou parar.

Como era ele? quis saber Kate.

O Ronald Treeves? Calmo, trabalhador, inteligente... mas talvez não tão esperto como pensava que era; inseguro e extraordinariamente intolerante para a sua idade. Penso que o seu paizinho tinha um papel determinante na vida dele, o que talvez explique a escolha do Ronald; se não conseguia ser bem-sucedido no ramo do pai, podia fazer-lhe frente, escolhendo outra vocação. No entanto, nunca falamos sobre a sua vida privada. Uma das minhas regras é nunca me envolver com os problemas pessoais dos ordinandos, porque pode ser desastroso, principalmente num pequeno instituto como este. Estou aqui para lhes ensinar grego e hebraico e não para estudar as suas psiques. Quando afirmei que precisava de privacidade, isso incluía afastar-me da pressão exercida pelas diferentes personalidades humanas. A propósito, quando pensam que a notícia do homicídio vai tornar-se pública? Devemos contar com a habitual invasão da comunicação social?

Como é evidente, o homicídio do arcediogo não pode ser mantido em segredo indefinidamente replicou Dalgliesh. Estou a estudar, juntamente com o padre Sebastian, de que forma o Departamento de Relações Públicas da Scotland Yard nos pode ajudar. Quando tivermos algo a dizer, marcaremos uma conferência de imprensa.

E não há qualquer objeção quanto à minha ida a Londres esta noite:

Nem eu detenho autoridade para impedi-lo de lá ir. Gregory tornou a levantar-se.

Mesmo assim, acho melhor cancelar o almoço que tinha amanhã. Tenho o pressentimento de que será mais interessante para mim ficar aqui do que envolver-me numa conversa enfadonha sobre os pecadilhos da minha editora e as minúcias do meu contrato. Penso que prefira que eu não explique por que motivo cancelo a reunião, não é assim?

Seria de grande ajuda, pelo menos por ora. Gregory avançara até à porta.

Que pena. Gostaria de explicar-lhe que não posso viajar até Londres porque sou um dos suspeitos na investigação de um homicídio. Adeus, inspetor. Se precisar novamente de mim, sabe onde encontrar-me.

19

A brigada de Dalgliesh acabou o dia tal como o havia começado, com uma reunião na Vivenda São Mateus. Porém, agora, os seus membros haviam passado para a mais confortável das duas salas de estar. Tinham-se sentado no sofá e nas poltronas e bebiam o último café do dia. Era chegada a altura de avaliar os progressos feitos. Já haviam determinado a hora e a procedência do telefonema recebido por Mrs. Crampton. Fora efetuado do telefone de parede, que se achava no corredor, à entrada da saleta de Mrs. Pilbeam, às nove horas e vinte e oito minutos da noite de sábado. Constituía, assim, mais uma prova importante, atestando aquilo de que já se desconfiava, desde o princípio: que o assassino era alguém de Santo Anselmo.

Avaliando aquela descoberta, Piers comentou:

Se estivermos certos e o autor do telefonema tiver ligado, mais tarde, para o celular do arcediogo, então, todos aqueles que assistiram às completas estão, de certa forma, ilibados. O que nos deixa com o Surtees e a irmã, o Gregory, o inspetor Yarwood, os Pilbeam e a Emma Lavenham. Não me parece, contudo, que qualquer um de nós encare seriamente a doutora Lavenham como uma potencial suspeita e já eliminamos o Stannard.

Não inteiramente contrapôs Dalgliesh. Não possuímos autoridade para o manter retido aqui e tenho a certeza de que ele não faz a menor idéia de como foi que o Crampton morreu, o que não significa forçosamente que não esteja implicado no caso. Ele saiu de Santo Anselmo, mas continua a ser um dos suspeitos.

Ainda há outra coisa continuou Piers. O Arbuthnot entrou na sacristia mesmo em cima da hora para assistir às completas. Obtive esta informação do padre Martin que, como é evidente, não faz idéia da sua importância. Tanto eu como o Robbins já verificamos, chefe. Conseguimos, ambos, sair da porta que dá para o claustro sul e atravessar o pátio em dez segundos. Assim, o Arbuthnot teria tempo para efetuar o telefonema e entrar na igreja às nove e meia Mas não seria demasiado arriscado? perguntou Kate. Qualquer um podia tê-lo visto.

Na escuridão? E com a tênue iluminação do claustro? Quem estaria ali para o ver, se todos os outros se encontravam na igreja? Não, Kate, penso que ele não corria grande risco.

Pergunto-me se não será um pouco prematuro, foi a vez de Robbins opinar, excluir todos os que assistiram às completas. Suponhamos que o Caim tivesse um cúmplice. Nada nos prova que o homicídio haja sido cometido por uma só pessoa. Qualquer um que se encontrasse na igreja antes das nove horas e vinte e oito minutos. Pode não ter feito o tal telefonema, mas isso não quer dizer que não esteja implicado no crime.

Estás a pensar numa conspiração, é isso? perguntou Piers. Talvez tenhas razão. O que não faltava era pessoas que odiassem o Crampton. Talvez tenha sido um crime cometido por um homem e uma mulher. Quando a Kate e eu interrogamos os irmãos Surtees, percebemos nitidamente que nos estavam a ocultar alguma coisa. O Eric parecia absolutamente aterrorizado.

O único suspeito que produzira um testemunho interessante fora Karen Surtees. Alegara que nem ela nem o irmão haviam saído da Vivenda São João, durante a noite. Viram televisão, até às onze horas, e depois tinham ido dormir. Quando, contudo, Kate lhe perguntara se um deles poderia ter saído da vivenda, sem que o outro desse por isso, ela replicara: "É uma maneira muito grosseira de nos perguntar se um de nós saiu, numa noite de tempestade, com o intuito de assassinar o arcediogo! Pois bem, não saímos daqui. E se julga que o Eric poderia sair da vivenda sem eu me dar conta disso, a resposta é não, porque dormimos na mesma cama, se quer sabê-lo. Na realidade, sou irmã dele apenas por parte de pai e, mesmo que o não fosse, vocês estão a investigar um homicídio e não um caso de incesto, o que significa que o nosso relacionamento não vos diz respeito!"

E ambos se convenceram de que ela estava a dizer a verdade? quis saber Dalglish.

Bastou-me olhar para o irmão dela para ter a certeza respondeu Kate. Não sei se ela o avisou do que se propunha dizer, mas o Eric Surtees não gostou do que ouviu. Depois, não deixa de ser estranho que a Karen Surtees se tenha dado ao trabalho de nos revelar tal coisa. Podia ter dito que a tempestade os mantivera acordados, durante a maior parte da noite, o que lhes forneceria um álibi. Sim, bem sei que ela parece ser uma mulher que gosta de chocar os outros, mas não me parece motivo suficiente para nos revelar a sua relação incestuosa, se é que podemos considerá-la como incestuosa...

No entanto retomou Piers, demonstra que ela estava ansiosa por arranjar um álibi. É como se os dois irmãos estivessem a pensar já no futuro, dizendo agora a verdade, por saber que mais tarde poderão ter de confirmar os seus depoimentos em tribunal.

Fora igualmente encontrado um ramo no quarto de Raphael Arbuthnot, situado no claustro norte, mas a equipe forense não descobrira nada mais de relevante. Durante o dia, Dalglish confirmara a sua perspectiva inicial quanto à importância daquela descoberta. Se a sua teoria estivesse certa, o ramo era, de fato, uma prova vital, mas ele achou que ainda era um pouco prematuro dar voz às suas suspeitas.

Falaram, então, dos resultados dos interrogatórios individuais. À exceção de Raphael, todos os residentes de Santo Anselmo afirmavam que se haviam deitado por volta das onze e meia, se bem que houvessem sido incomodados, de tempos a tempos, pela força do vento, mas nada haviam visto ou ouvido de estranho durante a noite. O padre Sebastian mostrara-se disposto a colaborar, mas não sem manter uma certa reserva. Fora com dificuldade que ocultara o seu desagrado por ser interrogado por dois assistentes e começara por afirmar que podia conceder-lhes apenas alguns minutos, porque aguardava a visita de Mrs. Crampton. O reitor afirmara que, até as onze, estivera a trabalhar num artigo que escrevia regularmente para certo jornal teológico, e que se deitara às onze e meia, depois de tomar o seu uísque. O padre John Betterton e a irmã haviam lido até pouco depois das dez e, depois,

Miss Betterton preparara cacau quente para os dois. Os Pilbeam haviam visto televisão, enquanto se protegiam de uma noite de tempestade com copiosas chávenas de chá.

Eram oito horas da noite e nada mais podiam fazer. A equipe forense há muito partira para o hotel, e Kate, Piers e Robbins desejaram-se mutuamente as boas noites. No dia seguinte, Kate e Robbins iriam até à Casa de Saúde Ashcombe, para ver o que podiam descobrir acerca do período em que Margaret Munroe ali trabalhara. Dalglish guardou na sua pasta os papéis que queria manter em segredo e atravessou o promontório em direção ao pátio oeste, que lhe permitia entrar diretamente para a ala onde se encontrava o seu quarto.

Tinha acabado de entrar no quarto quando o telefone tocou. Era Mrs. Pilbeam. O padre Sebastian pensava que talvez o inspetor Dalglish quisesse jantar no seu quarto, o que lhe pouparia o incomodo de ir até Southwold. O jantar seria frugal uma sopa, seguida de salada, carnes frias e fruta, mas, se isso lhe bastasse, Pilbeam teria todo o gosto em levar-lhe o jantar ao quarto. Feliz por ser poupado a uma viagem de carro, Dalglish agradeceu a Mrs. Pilbeam e retorquiu que aquela refeição seria bem-vinda. Dez minutos mais tarde, Pilbeam batia à porta. Dalglish suspeitava que Pilbeam não queria que a esposa atravessasse nem sequer a curta distância do pátio, depois do anoitecer.

Com surpreendente destreza, afastou a secretária da parede, pôs a mesa e serviu a refeição.

Se deixar o tabuleiro do lado de fora da porta, eu virei buscá-lo daqui a uma hora anunciou.

O termo continha uma sopa minestrone, com vegetais e massa, que era obviamente caseira. Mrs. Pilbeam havia colocado no tabuleiro, igualmente, uma taça de parmesão ralado e, ainda, pãozinhos quentes, embrulhados num guardanapo, e um pratinho de manteiga. O prato principal era composto por fatias de fiambre, acompanhadas de uma salada. Alguém, muito provavelmente o padre Sebastian, havia fornecido uma garrafa de clarete, mas esquecera-se do copo. Dalglish, que não sentia vontade de saborear aquele vinho sozinho, guardou a garrafa no armário e, findo o jantar, preparou café. Colocou o tabuleiro do lado de fora da porta do quarto e, poucos minutos depois, ouviu os passos arrastados de Pilbeam ecoando nas lajes do pavimento do claustro. Abriu a porta para lhe agradecer e desejar boa noite.

Sentia-se num deprimente estado de cansaço físico e de excitação intelectual, que é prejudicial para o sono. O silêncio era sinistro e, quando avançou até à janela, contemplou a mansão que, com as suas chaminés, a torre e a cúpula, formava uma massa negra e disforme, recortando-se no céu pálido. A fita azul e branca da Polícia selava as colunas do claustro norte que, agora, estava quase limpo de folhas mortas. Ao brilho da lâmpada que se achava por cima da porta do claustro sul, as lajes do átrio reluziam e o arbusto de brincos de princesa parecia tão estranhamente colorido como uma mancha de tinta vermelha no muro de pedra.

Sentou-se para ler, mas a paz que reinava à sua volta não ecoava do seu íntimo. O que havia, naquele lugar, que o levava a sentir que a sua vida estava a ser julgada? Pensou nos longos anos de solidão que impusera a si próprio, desde que a sua mulher falecera. Não se servira da sua profissão para evitar um compromisso com o amor, para manter inviolável

algo mais do que o seu apartamento, com vista para o Tamisa, que ele encontrava, à noite, exatamente tal como o deixara de manhã? Ser um observador distanciado da vida tinha a sua dignidade; exercer uma profissão que preservava a sua privacidade enquanto lhe fornecia o pretexto ou melhor, lhe conferia o dever de invadir a privacidade dos outros, tinha as suas vantagens, sobretudo para os seus escritos. Mas não havia igualmente algo de ignóbil naquilo tudo? Se continuasse a manter-se afastado da vida, não correria o risco de abafar, até mesmo de perder aquilo a que os padres de Santo Anselmo chamavam alma? Seis versos vieram-lhe, então, à cabeça, e pegou numa folha de papel, rasgou-a ao meio e escreveu-os:

Epitáfio para Um Poeta Morto

Por fim enterrado, aquele que era tão sensato,
Jaz numa cova, envolto em barro. Onde as mãos não alcançam, os lábios não se movem,
Onde nenhuma voz importuna o seu amor.
Como é estranho que não possa compreender nem ver,
Aquele seu derradeiro ato de arrogância.

Segundos depois, acrescentou, por baixo: "Com os meus pedidos de desculpa a Marvell."
Pensou, então, nos dias em que a sua poesia lhe saía tão facilmente como aquele verso algo irônico. Agora, era uma escolha de palavras mais cerebral e calculada. Haveria ainda algo de espontâneo na sua vida?

Disse a si próprio que aquela introspecção estava a tornar-se mórbida. Para a afastar, tinha de sair de Santo Anselmo. Do que precisava, antes de se deitar, era de dar um passeio. Fechou a porta do seu quarto, passou pelo quarto de São Ambrósio, onde não havia luz por trás das cortinas corridas, e, destrancando o portão de ferro, virou, decidido, para sul e avançou em direção ao mar.

20

Fora Miss Arbuthnot que decretara que não houvesse fechaduras nas portas dos quartos dos ordinandos. Emma perguntava a si própria se a fundadora do instituto não havia temido o que os ordinandos poderiam fazer, se não corressem o risco de serem inesperadamente interrompidos. Teria sido a forma de exprimir, sem se dar conta, o seu medo pela sexualidade? Talvez como consequência daquela regra imposta, também não haviam sido colocadas fechaduras nos quartos de hóspedes. O portão de ferro trancado, junto à igreja, parecia ser a única medida de segurança necessária para a noite; afinal, o que havia a temer, por trás daquela barreira ricamente trabalhada? Por não existir qualquer tradição de trincos nem de fechaduras, não havia uma só fechadura de reserva para uma emergência, e Pilbeam estivera muito ocupado, durante o dia, para ir a Lowestoft comprar algumas, mesmo que encontrasse uma loja aberta ao domingo. O padre Sebastian havia perguntado a Emma se ela não se sentiria mais à vontade na mansão, mas, não querendo deixar-se trair pelo seu nervosismo, Emma garantira-lhe que ficaria bem no seu quarto. O padre Sebastian não insistira e, quando Emma regressou ao quarto, depois das completas, para descobrir que não fora colocada uma fechadura na porta,

O seu orgulho impediu-a de ir procurar o padre Sebastian, de lhe confessar o seu medo e de lhe dizer que tinha mudado de idéias e queria ficar alojada na mansão.

Vestiu o roupão e ligou o computador portátil, decidida a trabalhar, mas sentia-se exausta. Os pensamentos e as palavras que lhe vinham à cabeça eram turvos, soterrados pelos acontecimentos daquele dia. Só ao fim da manhã Robbins a fora procurar e lhe pedira que se dirigisse à sala de interrogatórios. Ali, Dalglish, com Miss Miskin à sua direita, fizera-a passar em revista os acontecimentos da noite anterior. Emma contara como havia acordado com o barulho do vento e ouvira o toque do sino. Já não conseguira explicar porque vestira o roupão para ir verificar o que se passava. Agora, parecia-lhe haver sido um comportamento precipitado e irracional. No entanto, julgava que, ainda algo ensonada, reagira ao único toque do sino que escutara por entre as rajadas ululantes do vento, levada por uma recordação inconsciente do repicar de sinos, na sua infância e adolescência, a que aprendera a obedecer de imediato.

Contudo, estava perfeitamente acordada quando empurrara a porta entreaberta da igreja e vira, por entre os pilares, O Juízo Final, iluminado, e as duas figuras, uma jazendo no chão e a outra debruçada sobre a primeira, numa atitude de compaixão e desespero. Dalglish não lhe havia pedido que descrevesse aquela cena em pormenor. Nem precisava, porque estivera presente. Não exprimira, tão pouco, qualquer simpatia ou preocupação pelo que ela passara, mas, por outro lado, não fora Emma que perdera um ente querido. As perguntas que lhe havia feito foram simples e diretas. Não que houvesse tentado poupá-la; se existisse algo que o inspetor Dalglish quisesse saber, ter-lhe-ia perguntado, por muito angustiada que ela se sentisse. Quando o sargento Robbins a introduzira na sala de interrogatórios e o inspetor Dalglish se levantara, convidando-a a sentar-se, Emma dissera a si mesma: "Não estou em frente do homem que escreveu Um Caso para Resolver e Outros Poemas; estou em frente de um oficial da Polícia, que nunca poderá ser meu aliado." Havia pessoas que Emma amava e queria proteger, ao passo que ele nada mais desejava senão saber a verdade. E, por fim, fizera-lhe a pergunta que ela tanto receava.

O padre Martin disse-lhe alguma coisa quando se aproximou dele?

Emma fizera uma pausa antes de replicar.

Sim, trocamos algumas palavras.

Sobre o quê, doutora Lavenham?

Emma não respondera. Não ia mentir, mas parecia-lhe que a simples memória do que o padre Martin havia dito era, só por si, uma traição.

Como o silêncio se prolongasse, Dalglish insistira.

Doutora Lavenham, a senhora viu o corpo. Viu o que fizeram ao arcediogo. Ele era um homem forte e alto. O padre Martin tem quase oitenta anos e está fisicamente muito débil. Se ficar provado que a arma do crime foi o castiçal de ferro, isso significa que alguém o empunhou com força. Crê realmente que o padre Martin poderia tê-lo empunhado?

Emma protestara veementemente.

Claro que não! Ele seria incapaz de qualquer ato de crueldade. É um homem bondoso e afável. O melhor homem que jamais conheci. Nunca tal idéia me passou pela cabeça! Nem acredito que possa passar pela cabeça dos outros!

Então, porque parte do princípio que é exatamente isso que eu penso? perguntara Dalglish calmamente.

Tivera de repetir a pergunta, porque Emma o fitara intensamente, como que petrificada. Por fim, respondera:

Porque ele afirmou, desesperado: "Meu Deus, o que foi que fizemos? O que foi que fizemos?"

E, quando pensou nisso mais tarde, o que achou que ele quis dizer com esse desabafo?

Emma, efetivamente, pensara naquele desabafo mais tarde. Nunca poderia esquecer-se de tais palavras. Por fim, lá respondera, sempre com os olhos postos no seu interlocutor.

Penso que queria dizer que o arcediogo ainda estaria vivo, se não tivesse vindo até Santo Anselmo. Que talvez ele não tivesse sido assassinado, se o criminoso não soubesse quanto antipatizavam com ele no instituto. Que essa antipatia podia ter contribuído para a sua morte. Que o instituto tinha a sua quota-parte de culpa.

Sim, foi exatamente isso que o padre Martin me disse, ao explicar o seu desabafo.

Emma consultou o relógio. Eram onze e vinte da noite. Consciente de que lhe seria impossível trabalhar, resolveu ir deitar-se. Como os seus alojamentos ficavam ao fundo da ala, o quarto de dormir tinha duas janelas, uma das quais dava para o muro sul da igreja. Correu as cortinas antes de se deitar e tentou esquecer-se de que a porta não estava trancada. Quando, contudo, fechou os olhos, deparou com imagens de morte, borbulhando, como sangue, na sua retina e a realidade a tornar-se ainda mais terrível, deturpada pela sua imaginação. Viu, novamente, a poça viscosa de sangue, mas agora coberta por uma mancha acinzentada, composta por bocados da massa encefálica que faziam lembrar vomitado. As imagens grotescas dos amaldiçoados e dos demônios sorridentes ganharam vida, esboçando gestos obscenos. Quando abriu os olhos, na esperança de banir da sua mente aquela terrível visão, a escuridão do quarto oprimiu-a ainda mais. Até o ar parecia exalar o odor da morte.

Levantou-se e abriu a janela que dava para o promontório. Sentiu uma lufada de ar fresco acariciar-lhe o rosto e contemplou o céu, pontilhado de estrelas.

Volto para a cama, mas o sono teimava em não vir. Sentia as pernas pesadas, mas o medo era mais forte do que o cansaço. Por fim, tornou a levantar-se e desceu ao piso térreo. Olhar, por entre a escuridão, para aquela porta destrancada era menos aterrador do que imaginá-la entreaberta. Permanecer ali, na saleta, era melhor do que ficar à espera de ouvir

passos na escada. Ainda pensou em entalar uma cadeira por baixo da maçaneta da porta, mas não conseguiu mexer-se.

Sentiu nojo de si própria por se saber tão covarde, enquanto repetia mentalmente que ninguém lhe queria mal. Mas as imagens de esqueletos voltavam novamente ao seu espírito. Alguém que vivia no promontório ou, mais provavelmente, no instituto pegara num castiçal de ferro e esmagara o crânio do arcediogo, batendo-lhe uma segunda, terceira e mais vezes, num frenesi de ódio e de sede de sangue. Só podia ter sido o ato de alguém que enlouquecera. Ou não? Podia alguém sentir-se seguro em Santo Anselmo?

Foi então que ouviu o ranger do portão de ferro a abrir-se e o dique da fechadura, quando, logo de seguida, se fechou. Ecoaram passos decididos, sem nada de furtivo. Emma abriu, a medo, a porta e espreitou. O seu coração batia com mais força. O inspetor Dalglish estava à porta do quarto de São Jerônimo. Emma devia ter produzido algum ruído, porque ele se virou, aproximou-se e ela abriu-lhe a porta, sentindo um grande conforto por ver um ser humano, mas ciente de que isso devia transparecer no seu rosto.

Sente-se bem? perguntou Dalglish. Emma conseguiu esboçar um sorriso.

Não muito, de momento, mas isto passa. Não conseguia adormecer...

Pensava que se tinha mudado para a mansão. O padre Sebastian não lho sugeriu?

Sim, sugeriu, mas pensei que ficava bem aqui. Pela janela, Dalglish olhou para a igreja e replicou:

Este não é o melhor quarto para si. Quer trocar comigo? Penso que ficaria mais confortável no meu quarto.

Emma sentiu dificuldade em ocultar o seu alívio.

Mas isso não vai causar-lhe incomodo?

De forma alguma. Podemos mudar a maior parte dos nossos pertences amanhã. Tudo do que precisa, agora, é de roupa de cama. Receio que os seus lençóis não sirvam na minha cama, porque é de casal.

E se mudássemos apenas as almofadas e os cobertores?

Boa idéia.

Carregando-os para o quarto de São Jerônimo, Emma pôde aperceber-se de que Dalglish já trouxera para baixo as suas almofadas e cobertores, e pousara tudo sobre o espaldar de uma cadeira. A seu lado, havia um saco de viagem e uma pasta de cabedal. Talvez tivesse arrumado as coisas de que precisava para aquela noite e para o dia seguinte.

Dirigindo-se ao armário, Dalglish disse:

O instituto fornece-nos as usuais bebidas inofensivas e há um pacote de leite no frigorífico. Prefere cacau ou Ovomaltine? Também tenho uma garrafa de clarete...

Preferia um pouco de vinho, por favor.

Emma sentou-se no sofá, enquanto Dalglish tirava do armário a garrafa, o saca-rolhas e dois copos de água.

É óbvio que o instituto não está à espera que os seus hóspedes bebam vinho. Podemos escolher entre as canecas e os copos de água.

Um copo de água serve, mas, para isso, vai ter de abrir uma garrafa nova.

A melhor altura para abri-la é quando precisamos dela...

Emma estava surpreendida por perceber como se sentia à vontade na presença do inspetor. Era do que precisava: que alguém lhe fizesse companhia. Mantiveram-se em silêncio durante bastante tempo, enquanto bebericavam devagar. Depois, Dalglish falou-lhe das férias que havia passado no instituto, quando era criança, de como os padres levantavam as batinas, para jogar à bola com ele, numa zona relvada do jardim; das viagens que ele fazia de bicicleta para ir comprar peixe, do prazer que sentia com as suas leituras solitárias na biblioteca, à noite. Em seguida, perguntou a Emma qual era o programa dos seus seminários em Santo Anselmo, quais os poetas que escolhera para objeto de estudo e que tipo de reação obtinha dos ordinandos. Não mencionou o homicídio. A conversa fluía naturalmente. Emma gostava do som da voz de Dalglish. Tinha a sensação de que uma parte dela flutuava por cima de ambos, enquanto se deixava embalar por aquela voz, grave e masculina, à qual a sua, mais aguda, servia de contraponto.

Quando se levantou e desejou uma boa noite a Dalglish, este levantou-se, de imediato, e anunciou, com uma formalidade que não havia revelado até ali:

Se não se opuser, passarei a noite aqui, nesta poltrona. Se Miss Miskin estivesse alojada no instituto, eu pedir-lhe-ia que lhe fizesse companhia. Como não está, tomarei o lugar dela, a não ser que se sinta incomodada com a minha presença...

Emma apercebeu-se de que Dalglish se esforçava por facilitar-lhe a vida, não querendo impor-se, mas que sabia quanto ela tinha medo de ficar sozinha.

Mas não lhe vou causar grande incomodo? perguntou, meio a medo. Vai dormir mal...

Não se preocupe. Estou muito habituado a dormir em poltronas e passarei uma noite tranqüila.

O quarto de São Jerônimo era quase idêntico ao seu. O candeeiro da mesa de cabeceira estava aceso e Emma viu que Dalglish não tivera tempo de tirar os seus livros. Estivera a ler ou, com certeza, a reler Beowulf. Havia também uma edição de bolso, já muito velha, da

Penguin, do livro de David Cecil, Os Primeiros Romancistas Vitorianos, com uma fotografia do autor, parecendo ridiculamente novo embora ostentasse, na contracapa, o preço em libras e xelins. Portanto, tal como ela, Dalglish gostava de comprar livros em segunda mão, nos alfarrabistas. O terceiro livro era O Parque de Mansfield. Emma ainda pensou levar a Dalglish os seus livros, mas sentiu relutância em incomodá-lo, agora que já haviam desejado uma boa noite um ao outro.

Era uma sensação estranha estar deitada naqueles lençóis. Emma esperava que Dalglish não a desprezasse pela sua covardia. O alívio de saber que ele estava no piso inferior era imenso. Fechou os olhos à escuridão e às visões de morte e, passados poucos minutos, adormeceu.

Acordou após uma noite sem pesadelos e, consultando o relógio viu que eram sete da manhã. Reinava a calma no quarto e, ao descer, viu que Dalglish já tinha saído, levando consigo a sua almofada e cobertor. Abrira a janela, como se ansiasse não deixar o menor vestígio da sua respiração ali. Emma soube, então, que ele nunca diria a ninguém onde havia passado a noite.

Ruby Pilbeam não precisava de despertador. Havia dezoito anos que acordava, tanto de Verão como de Inverno, às seis da manhã. Na segunda-feira, acordou e estendeu a mão para acender o candeeiro da mesa de cabeceira. Reg mexeu-se, empurrou os cobertores para trás e sentou-se na beira da cama. O odor tépido do seu corpo trazia sempre algum reconforto a Ruby. Perguntava a si própria se Reg dormia ou ficara deitado, sem se mexer, à espera que ela acordasse. Tanto um como o outro havia apenas passado por breves períodos de sono agitado e, às três horas, tinham-se levantado e ido até à cozinha para beber uma chávena de chá, aguardando pelo amanhecer. Por fim, o cansaço sobrepusera-se ao choque e ao horror e, as quatro, tinham voltado a deitar-se. Não haviam dormido tranquilamente, mas tinham conseguido ceder ao sono.

Ambos haviam estado muito ocupados ao longo do dia anterior, e apenas as suas atividades, propositadamente incessantes, tinham dado àquele dia terrível uma vaga semelhança com a normalidade. E, à noite, sentados em frente da mesa da cozinha, haviam falado sobre o homicídio, sussurrando, como se todas as divisões da Vivenda São Marcos estivessem apinhadas de pessoas invisíveis que os escutassem. O diálogo entre marido e mulher fora reservado, se bem que carregado de suspeitas inconfessáveis, frases incompletas e pausas de grande angústia. A simples declaração de que era ridículo imaginar que alguém, em Santo Anselmo, podia ser o assassino seria estabelecer uma associação entre o local e o crime; pronunciar um nome seria admitir que alguém, residindo no instituto, poderia ter perpetrado tão hediondo crime.

No entanto, haviam chegado às duas possíveis teorias que menos os angustiavam, porque induziam uma crença. Antes de se deitarem, ambos tinham ensaiado mentalmente as suas teorias, como se fosse uma litania. Alguém roubara as chaves da igreja. Alguém estivera em Santo Anselmo, talvez meses atrás, e sabia que elas ficavam guardadas no armário de Miss Ramsey, que nunca era trancado. Essa mesma pessoa marcara um encontro com o arcediogo Crampton, antes de ele chegar ao instituto no sábado. Mas porque havia marcado um encontro na igreja? Porque não havia melhor lugar. Nunca poderia ser no quarto do arcediogo, sem correr riscos, e não havia nenhum abrigo em todo o promontório. Era possível que o próprio arcediogo tivesse ido buscar as chaves e aberto a igreja, enquanto esperava pelo seu visitante. Seguiu-se uma discussão violenta entre os dois e o homicídio. Talvez tudo houvesse sido premeditado e o visitante comparecesse ao encontro, munido de uma arma, como, por exemplo, uma pistola ou uma navalha. Nem um nem outro sabia como o arcediogo morreria, mas ambos visualizavam mentalmente um raio de luz refletido na lâmina de uma navalha. Depois, a fuga. O assassino trepara pelo portão de ferro, saindo pelo mesmo sítio por onde entrara. A segunda teoria era ainda mais plausível, conferindo-lhes um reforçado conforto. O arcediogo tirara as chaves e recolhera à igreja, no momento em que um ladrão tentava roubar o retábulo do altar. O arcediogo apanhara-o em flagrante e o ladrão, aterrorizado, assassinara-o. Assim que aquela explicação fora tacitamente aceite como perfeitamente racional, Ruby e o marido não haviam falado mais sobre o homicídio naquela noite.

Geralmente, Ruby ia sozinha para o instituto. O pequeno-almoço era servido às oito horas, depois da missa das sete e meia, mas Ruby gostava de planejar o seu dia. O padre Sebastian tomava o pequeno-almoço no seu quarto e Ruby tinha de preparar o tabuleiro, que consistia num sumo de laranja, café e duas torradas barradas com marmelada, que ela própria confeccionava. Às oito e meia, as suas ajudantes, Mrs. Bardwell e Mrs. Stacey, costumavam entrar ao serviço, vindas de Reydon, no velho Ford de Mrs. Bardwell, mas o padre Sebastian tinha-lhes telefonado e pedido que viessem apenas dentro de alguns dias. Ruby não sabia que explicação ele lhes tinha dado, mas não se atrevera a perguntar. Assim, ela e Reg teriam mais trabalho, mas Ruby sentia-se contente por ser poupada à ávida curiosidade das suas ajudantes, bem como às suas especulações e inevitáveis exclamações de surpresa e horror, assim que soubessem o que acontecera. Concluiu, então, que o assassinio do arcediogo podia ser um entretenimento para aqueles que não conheciam a vítima nem eram tidos como suspeitos, e Elsie Bardwell haveria de tirar partido de tal escândalo.

Reg costumava entrar ao serviço depois da sua mulher, mas, naquele dia, tinham saído juntos da Vivenda São Marcos. Ele não lhe dera qualquer explicação para o fato, mas Ruby sabia a razão. Santo Anselmo deixara de ser um lugar sagrado e seguro. Acompanhando a mulher, Reg iluminou, com a sua lanterna, o carreiro que levava ao portão de ferro e dava acesso ao átrio oeste. A tênue luminosidade dos primeiros raios de sol começara já a refletir-se nos campos desertos, mas, para Ruby, parecia-lhe que avançava por entre uma impenetrável escuridão. Reg fez incidir a lanterna sobre o portão para encontrar o buraco da fechadura. Atrás do portão, a fileira de lâmpadas que iluminavam os claustros projetava as sombras dos pilares nas lajes. O claustro norte continuava selado. O tronco do castanheiro erguia-se, negro e imóvel, por entre um tapete de folhas mortas. Quando o foco da lanterna passou pelo arbusto de brincos-de-princesa no muro oeste, as suas flores vermelhas reluziram como gotas de sangue. Depois de entrar no corredor que separava a sua saleta da cozinha, Ruby estendeu a mão para acender a luz. Foi então que se apercebeu de que a escuridão, ali, não era total. Um pouco mais à frente, o corredor estava iluminado por uma luz que saía pela porta entreaberta da adega.

Que estranho, Reg... comentou. A porta da adega está aberta. Alguém se levantou cedo hoje. Ou não verificaste, ontem, se a porta estava fechada?

Claro que verifiquei. Achas, porventura, que eu ia deixá-la aberta?

Aproximaram-se do alto da escada. Era iluminada por lâmpadas potentes e equipada, de cada lado, com um corrimão forte, de madeira. Ao fundo da escada, jazia o corpo de uma mulher.

Meu Deus, Reg! gritou Ruby Pilbeam. É Miss Betterton!

Reg empurrou-a para o lado e ordenou:

Fica aqui.

Ruby escutou as solas dos sapatos do marido a ecoar nos degraus de pedra e hesitou, apenas breves segundos, antes de seguir atrás dele, agarrando-se ao corrimão com ambas as mãos. Por fim, o casal ajoelhou-se ao lado do corpo.

Miss Betterton estava estendida no chão, de costas, com a cabeça junto do último degrau. Havia um lanho na sua testa, mas de onde saía apenas um fio de sangue. Usava um roupão de lã velho e desbotado e, por baixo, uma camisa de dormir branca. O seu cabelo grisalho e fino aparecia, de um lado da cabeça, enrolado numa trança, cujas pontas espigadas estavam presas por um elástico. Os seus olhos, fixos no alto da escada, achavam-se abertos.

Oh, meu Deus, não pode ser! gritou Ruby, com a voz entrecortada pelo choque. Pobrezinha! Pobrezinha!

Instintivamente, pôs o braço à volta do corpo sem vida, mas sabia que aquele seu gesto era inútil. Podia sentir, no cabelo e no roupão, o cheiro acre da velhice desleixada e perguntou a si própria se aquele cheiro era o que restava de Miss Betterton, depois de tudo o resto haver desaparecido. Tomada por uma piedade impotente, retirou o braço. Miss Betterton nunca a deixaria tocá-la, em vida; porque haveria de impor-lhe aquele contacto físico, agora que ela estava morta? Reg endireitou-se e declarou:

Está morta. E fria. Ao que parece, partiu o pescoço. Já nada podemos fazer por ela. É melhor ires chamar o padre Sebastian.

Ter de acordar o padre Sebastian, encontrar as palavras certas e arranjar coragem para as pronunciar deixou Ruby horrorizada. Preferia que fosse Reg a dar a notícia, mas isso significava que ela teria de ficar sozinha ao lado do corpo e essa idéia era ainda mais assustadora. Pela primeira vez, o medo sobrepunha-se à piedade. Os recantos da adega pareciam ter-se alongado, com grandes áreas escuras e sinistras, nas quais espreitavam horrores imaginados. Não que fosse uma mulher dotada de imaginação fértil, mas, agora, tinha a impressão de que o seu mundo de rotina, de trabalho consciencioso, de companheirismo e amor se desmoronava à sua volta. Sabia que bastaria a Reg estender uma mão para que a adega, com as suas paredes caiadas de branco e as suas prateleiras de garrafas de vinho, se tornassem tão inofensivas como quando ela e o padre Sebastian desciam para ali ir buscar o vinho que seria servido ao jantar. Contudo, Reg não estendeu a mão. Tudo devia ser deixado como estava.

Quando subiu a escada, cada passo seu pareceu-lhe um esforço gigantesco, imposto por pernas que se haviam tornado repentinamente demasiado fracas para suportar o seu corpo. Acendeu todas as luzes do corredor e parou para recobrar o fôlego, antes de subir ao quarto do padre Sebastian. Primeiro, bateu à porta timidamente; depois, teve de bater com mais força, até que a porta se abriu, com desconcertante brusquidão, e o padre Sebastian a fitou. Nunca o tinha visto antes em roupão e, por breves instantes, desorientada pelo choque, pensou estar em frente de um estranho. O padre Sebastian parecia ter ficado espantado por vê-la ali, àquela hora, porque estendeu a mão para a ajudar a entrar.

É Miss Betterton... balbuciou Ruby. Eu e o Reg encontramos-la ao fundo da escada da adega. Receio que esteja morta... Ficou admirada por se aperceber de que a sua voz não

deixava transparecer a angústia que sentia. O padre Sebastian fechou a porta e desceu com ela a escada, enquanto a segurava por um braço. Chegados ao alto da escada da adega, Ruby aguardou, enquanto o via descer, trocar algumas palavras com Reg e ajoelhar-se ao lado do corpo.

Passado pouco tempo, o padre Sebastian levantou-se. Com o seu tom de voz sempre calmo e autoritário, virou-se para Reg e disse:

isto foi um choque para vocês os dois. Penso que será melhor retomarem a vossa rotina. O inspetor Dalgliesh e eu trataremos do que for necessário. Só por meio do trabalho e da oração conseguiremos ultrapassar este momento tão difícil.

Reg subiu a escada para se juntar à mulher e, sem trocarem palavra, dirigiram-se para a cozinha.

Suponho que vão querer tomar o pequeno-almoço, como de costume... comentou Ruby.

Claro que sim, minha linda. Não podem encarar o trabalho do dia de estômago vazio. Ouviste o que o padre Sebastian disse. Temos de prosseguir calmamente com o nosso trabalho.

Ruby fitou-o, com os olhos marejados de lágrimas.

Não foi um acidente, pois não?

Claro que foi. Podia acontecer a qualquer um. Pobre padre John. Vai ser terrível para ele.

Ruby, contudo, não partilhava da opinião do marido. Seria um choque, claro, como sempre o são as mortes repentinas. Mas não havia como negá-lo: Miss Betterton era uma pessoa com quem não devia ser fácil viver. Pegou no avental branco e começou a preparar o pequeno-almoço, embora com um peso no coração.

O padre Sebastian dirigiu-se ao seu escritório e telefonou a Dalgliesh. O inspetor atendeu tão prontamente que não ficaram dúvidas de que já estava levantado. O padre Sebastian deu-lhe a notícia e, cinco minutos mais tarde, os dois achavam-se de pé, junto do corpo. Dalgliesh baixou-se, tocou no rosto de Miss Betterton com mãos experientes e, depois, endireitou-se e olhou para o corpo, absorto nos seus pensamentos.

É preciso avisar o padre John anunciou o padre Sebastian, mas isso é da minha responsabilidade. Calculo que ainda esteja a dormir, mas tenho de vê-lo antes que ele se dirija ao oratório para a oração da manhã. Vai ser um duro golpe para ele. Miss Betterton não tinha um temperamento fácil, mas era a sua única parente e pareciam muito chegados. No entanto, o padre Sebastian não se dirigiu para a escada. Ao invés, perguntou: Faz idéia de quando foi que isto aconteceu?

Pelo rigor mortis, diria que ela está morta há já umas sete horas respondeu Dalgliesh, mas o patologista vai poder fornecer-nos mais pormenores. Não pode estabelecer-se a hora da morte por meio de um exame superficial. Haverá, como é óbvio, uma autópsia.

Ela morreu depois das completas informou o padre Sebastian, provavelmente, por volta da meia-noite. Mesmo assim, deve ter atravessado o corredor em silêncio. Mas era sempre muito discreta. Movia-se como uma sombra. Não quero que o irmão a veja aqui, desta maneira. Tenho a certeza de que poderá transportá-la para o quarto dela. Miss Betterton não era crente e temos de respeitar a sua sensibilidade. Não quereria, por certo, jazer na igreja, mesmo que estivesse aberta, nem, tão pouco, no oratório.

Ela tem de ficar aqui, padre, até que o patologista a examine. Temos de encarar esta morte como suspeita.

Ao menos, podemos tapá-la. Vou ver se encontro um lençol.

Sim, podemos tapá-la. Mas, quando o padre Sebastian se preparava para subir a escada, Dalgliesh deteve-o e perguntou: Faz idéia do que ela estava a fazer aqui?

Virando-se, o padre Sebastian hesitou antes de responder.

Infelizmente, sim. Miss Betterton servia-se de uma garrafa da adega com grande regularidade. Todos os padres o sabiam e creio que os ordinandos e os funcionários também. Mas devo dizer que não tirava mais do que uma garrafa, duas vezes por semana, e que escolhia sempre os vinhos de menor qualidade. Como deve calcular, eu já falara, tão diplomaticamente quanto possível, do problema de Miss Betterton ao padre John. Ele pagava sempre o vinho que a irmã tirava ou, pelo menos, as garrafas que ele encontrava vazias no seu apartamento. Tínhamos consciência do perigo que estes degraus íngremes constituíam para uma senhora de idade. Foi por isso que mandamos instalar uma forte iluminação e substituímos a corda pelo corrimão de madeira.

Quer dizer que, quando descobriu que alguém roubava garrafas da adega, mandou colocar um corrimão mais forte para lhe facilitar a vida e evitar que ela caísse?

Porquê? Faz-lhe confusão, inspetor?

Não; dadas as suas prioridades, não faz.

Dalgliesh observou, então, o padre Sebastian quando este subiu a escada, com passos firmes, e desapareceu, fechando a porta do corredor atrás de si. Pelo exame superficial que Dalgliesh havia feito, não restavam dúvidas de que Miss Betterton tinha partido o pescoço. Calçava pantufas muito apertadas e Dalgliesh reparara que a sola da do pé direito estava descolada. A escada era bem iluminada e o interruptor achava-se junto do primeiro degrau. Uma vez que a luz devia estar acesa quando Miss Betterton caíra, era difícil acreditar que tivesse tropeçado, na escuridão. No entanto, mesmo que tivesse tropeçado, não a teriam encontrado ao fundo da escada, caída de barriga para baixo? Dalgliesh detectara, também, no terceiro degrau a contar do fim, o que parecia ser uma pequena mancha de sangue. Pela

posição do corpo tudo indicava que não rebolara pela escada abaixo, porque só batera com a cabeça no antepenúltimo degrau, antes de cair pesadamente no chão da adega. Ora, com certeza, devia ter-lhe sido difícil lançar-se com tanta força sobre o vácuo, a não ser que tivesse descido a escada a correr, o que era ridículo. E se alguém a tivesse empurrado? Dalglish sentiu-se invadido por uma sensação avassaladora de impotência. Se era um caso de homicídio, como podia esperar prová-lo em virtude do estado em que se encontrava a sola da pantufa direita? A morte de Margaret Munroe fora declarada oficialmente como provocada por causa natural. O seu corpo havia sido cremado e as suas cinzas enterradas ou espalhadas pela terra. Até que ponto esta nova morte não seria conveniente ao assassino do arcediogo Crampton?

No entanto, agora cabia aos especialistas debruçar-se sobre o caso. Mark Ayling seria chamado a comparecer no que poderia considerar-se a nova cena de um crime, para atestar a hora da morte, e rondar em volta do corpo, como um predador. Nobby Clark e os seus homens rastejariam pela adega, à procura de pistas que não encontrariam. Se Agatha Betterton tinha visto ou ouvido alguma coisa ou houvesse transmitido o que sabia à pessoa errada, era muito pouco provável que, agora, a Polícia o descobrisse.

Dalglish aguardou que o padre Sebastian regressasse com o lençol para cobrir o corpo, em sinal de reverência, e, por fim, os dois homens subiram a escada. Chegados ao corredor, o padre Sebastian desligou as luzes e, estendendo a mão para o alto, trancou a fechadura da porta.

Mark Ayling chegou com a sua habitual prontidão e mais ruidosamente do que da vez precedente. Avançando pelo corredor, ao lado de Dalglish, informou:

Pensava poder trazer-lhe o resultado da autópsia do arcediogo Crampton mas ainda estavam a datilografar o relatório. No entanto, posso, desde já, dizer-lhe que não encontrará nada que possa surpreendê-lo. A morte resultou de pancadas múltiplas na cabeça, desferidas com um objeto pesado, de contornos afiados, como, por exemplo, um castiçal de ferro. Morreu, quase com certeza, na segunda pancada. À parte isso, era um homem de meia-idade saudável, que podia aproveitar a sua reforma durante muitos anos.

Calçou as luvas de látex, antes de descer com todo o cuidado a escada da adega, mas, desta vez, não perdeu tempo a mudar de roupa, e o seu exame, se bem que não superficial, foi rápido.

Levantando-se, afirmou:

Está morta a aproximadamente seis horas. Causa da morte: pescoço partido. Mas não precisava de me chamar para saber isso. Parece-me um caso simples. Ela caiu, com toda a força, bateu com a testa no terceiro degrau a contar do fim, e aterrou de costas. No entanto, parece-me que deve estar a pôr a si próprio uma dúvida: ela caiu ou foi empurrada?

De fato, já tinha pensado em fazer-lhe essa pergunta... admitiu Dalglish.

À primeira vista, diria que foi empurrada, mas é preciso algo de mais concreto do que a minha opinião. Não me atreveria a afirmá-lo, em julgamento, depois de juramentado. O problema são os degraus íngremes. Parecem ter sido concebidos para matar velhotas. Tendo em consideração a inclinação, é muito possível que ela não tenha tocado nos degraus até bater com a cabeça, já no fim da queda. Só posso concluir que uma morte acidental é tão provável como um homicídio. A propósito, quais são as suas outras dúvidas? Julga que ela viu alguma coisa no sábado à noite? E por que motivo se dirigiu ela à adega?

Parece que tinha o hábito de vaguear pela mansão à noite respondeu Dalgliesh, cautelosamente.

Quer dizer que gostava da pinga, hein?

Dalgliesh ignorou aquele reparo. O patologista fechou a sua mala e informou:

Vou chamar uma ambulância para que a tirem daqui e tratarei de proceder à autópsia, quanto antes, mas duvido que vá revelar-lhe algo que já não saiba. Pelos vistos, a morte parece andar atrás de si... Aceitei substituir o Colby Brooksbank, que se encontra em Nova Iorque para assistir ao casamento do filho, e já fui chamado para proceder ao exame de mais mortes violentas do que, em regra, me calham em seis meses. O médico legista já o informou da data do inquérito sobre a morte do Crampton?

Ainda não.

Mas terá notícias em breve, porque ele já anda atrás de mim. Olhou, pela última vez, para o corpo e disse, então, com surpreendente gentileza:

Pobre senhora. Mas, ao menos, foi rápido. Dois segundos de terror e, depois, o nada. Talvez tivesse preferido morrer na sua cama... Mas não é isso que todos queremos?

Dalgliesh não tinha motivos que o levassem a cancelar as instruções que dera a Kate para que visitasse a Casa de Saúde Ashcombe. Às nove horas, ela e Robbins meteram-se a caminho. O frio da manhã era penetrante. Os primeiros raios de sol espalhavam-se, tão rosados como sangue diluído, sobre a grande extensão de mar. Caía uma geada fina e o ar era agreste. Depois de os pára-brisas limparem o vidro, Kate contemplou a paisagem, despojada de cor, em que até mesmo os campos longínquos de beterraba açucareira haviam perdido o seu verde viçoso. Esforçava-se por combater o leve rancor que sentia por haver sido destacada para uma missão que, em seu entender, não passava de uma perda de tempo. Adam Dalgliesh raramente dava voz aos seus palpites, mas Kate sabia, por experiência própria, que o palpite de um detetive geralmente se baseia na realidade; uma palavra, um olhar, uma coincidência, um pormenor aparentemente insignificante ou não relacionado com o inquérito, que se fixa no subconsciente e provoca um ligeiro mal-estar. Geralmente, no fim, revela-se inconsequente, mas, por vezes, fornece a pista vital que só um tolo ignoraria. Não lhe agradava abandonar a cena do crime, deixando Piers no comando, mas havia outras compensações, como conduzir o Jaguar de Dalgliesh.

Não se sentia totalmente triste por sair de Santo Anselmo. Raramente havia participado da investigação de um homicídio em que, tanto física como psicologicamente, se visse como uma perfeita estranha. O instituto era demasiado masculino e austero e até demasiado claustrofóbico para que ela pudesse sentir-se à vontade. Os padres e os ordinandos haviam-se mostrado educados, mas era uma cortesia que soava a falso. Viam-na como uma mulher e não como uma oficial da Polícia, quando Kate julgava que a batalha já fora ganha. Também tinha a nítida sensação de que todos eles partilhavam um segredo, que possuíam uma fonte de autoridade esotérica que diminuía sutilmente a sua. Perguntava a si própria se Dalgliesh e Piers sentiam o mesmo. Provavelmente não, mas, afinal, eram homens, e Santo Anselmo, malgrado a sua aparente afabilidade, representava um mundo masculino. Além do mais, era um mundo académico, onde, mais uma vez, Adam Dalgliesh e Piers se sentiam à vontade. Assim, Kate apercebeu-se de que algumas das suas inseguranças sociais e culturais haviam regressado, quando julgava já haver conseguido resolvê-las e até tê-las ultrapassado. Era humilhante dar-se conta de que uma meia dúzia de homens, de batinas negras, pudesse fazer com que ela revivesse aquelas velhas dúvidas. Assim, foi com uma grande sensação de alívio que virou para oeste, enquanto o pulsar das ondas ia diminuindo de intensidade.

A ondulação onipresente já havia ecoado nos seus ouvidos durante demasiado tempo. Kate teria preferido que Piers a acompanhasse. Ao menos, discutiriam, de igual para igual, sobre todo o tipo de assuntos, criticando-se mutuamente, num diálogo mais aberto do que ela podia ter com um oficial de patente inferior à sua. Além do mais, começava a achar o sargento Robbins irritante, por sentir que ele era bom de mais para ser de verdade. Olhou de relance para o perfil juvenil do seu companheiro, fitou os seus olhos cinzentos, fixos na estrada, e questionou, de novo, o que o teria levado a ingressar na Polícia. Se ele se alistara na Polícia por pensar ser essa a sua vocação, ela também. Sentira a necessidade de seguir uma profissão em que se sentisse útil, onde o fato de não ter um diploma universitário não fosse considerado como uma desvantagem e que, além disso, fosse estimulante e variada. Para Kate, a sua carreira na Polícia fora a maneira que ela havia encontrado para se esquecer da sua infância pobre e do cheiro de urina impregnado na escada dos Edifícios Ellison Fairweather, onde crescera. O seu trabalho havia-lhe dado muito, incluindo o apartamento com vista para o Tamisa, algo que ainda lhe custava a acreditar que conseguira obter. Em troca, dera a sua lealdade e dedicação. Para Robbins, que nos tempos livres era pregador laico, servir o seu Deus protestante provavelmente era também uma vocação. Kate perguntava a si própria se aquilo em que ele acreditava era diferente do que o padre Sebastian tinha por crença e, se fosse esse o caso, até que ponto seria diferente e porquê, mas concluiu que não era o momento adequado para uma discussão teológica. De que lhe serviria, aliás? Durante o liceu, a sua turma fora composta por alunos de muitas nacionalidades e de religiões diferentes. No entanto, para Kate, nenhuma dessas religiões dispunha de uma filosofia coerente. Chegara à conclusão de que podia viver sem Deus; já não estava tão certa de conseguir viver sem o seu trabalho.

A casa de saúde ficava numa aldeia, situada a sudeste de Norwich. É melhor não metermos por Norwich aconselhou Kate. Fica atento ao desvio para Bramerton.

Cinco minutos mais tarde, saíam da A 146 e seguiam, com menos velocidade, por entre sebes desnudadas, atrás das quais os telhados vermelhos das vivendas testemunhavam o alastramento dos subúrbios pelos campos verdes.

A minha mãe morreu de cancro numa casa de saúde, há dois anos comentou Robbins calmamente.

Lamento imenso. Quer dizer que esta visita não vai ser fácil para ti...

Não há problema. Foram inexcedíveis para com a minha mãe e todos nós, enquanto ela esteve internada., Com os olhos na estrada, Kate replicou:

Mesmo assim, é quase certo que vai trazer-te recordações penosas.

O que mais me marcou foi o sofrimento da minha mãe antes de ela entrar na casa de saúde. Após uma longa pausa, ele acrescentou: O Henry James apelidava a morte de "essa coisa digna".

"Meu Deus", pensou Kate, "primeiro, o Adam Dalgliesh com a sua poesia, depois, o Piers que conhece o Richard Hooker, e, agora, o Robbins, que lê Henry James! Porque não me mandam um sargento para quem a idéia de um desafio literário seja ler Jeffrey Archer?"

Tive um namorado que era bibliotecário e tentou fazer-me apreciar o Henry James, mas, assim que eu chegava ao fim de uma frase, já me tinha esquecido de como havia começado. Conheces aquela velha expressão: "Meter-se em cavalarias altas?" Pois parece-me que se aplica ao Henry James...

Só li O Calafrio e depois de ter visto o filme. A certa altura, citava a frase relativa à morte e, não sei porquê, ficou-me gravada na memória.

É uma bela frase mas não corresponde à verdade. A morte é como o nascimento; dolorosa e indigna, pelo menos, na maior parte dos casos. "E talvez seja melhor assim", rematou mentalmente, "porque nos faz lembrar que somos animais. Talvez fizéssemos melhor em tentarmos comportar-nos mais como animais inofensivos e deixarmos de nos armar em deuses."

Seguiu-se nova pausa até que Robbins disse, sempre num tom de voz calmo:

A morte da minha mãe teve o seu quê de dignidade.

Encontraram a casa de saúde sem dificuldade. Ficava numa propriedade à saída da aldeia. Um grande letreiro conduziu-os a um parque de estacionamento, situado à direita. Por trás estendia-se a casa de saúde, um edifício moderno de um só andar, rodeado de relvado, onde havia canteiros circulares com uma variedade de arbustos perenes, oferecendo um espetáculo de verdes, cores de púrpura e castanho-dourados.

No interior, a sensação imediata que se tinha da recepção era a de luz e de muitas flores. Duas pessoas já se tinham dirigido ao balcão; uma mulher, que ultimava os pormenores para levar o marido a passear, no dia seguinte, e um membro do clero, que aguardava pacientemente a sua vez. Alguém passou com um carrinho onde havia uma bebê cuja cabeça havia sido adornada com uma fita cor-de-rosa, de onde sobressaía um grande laço. Fitando Kate, a bebê brindou-a com um olhar dócil. Nesse mesmo instante, uma menina, acompanhada pela mãe, entrou, trazendo ao colo um cachorro, e gritou: "Trouxemos o Trixie para ver a avó!", rindo-se, enquanto o cãozinho lhe lambia uma orelha. Por sua vez, uma enfermeira jovem, de bata rosa com um distintivo, ajudava um homem de rosto macilento a atravessar o átrio. Os visitantes entravam, com flores e embrulhos, saudando os presentes em voz alta. Kate esperara encontrar uma atmosfera de calma e de reverência e nunca aquele ambiente ativo, de funcionalidade e de vida, que se traduzia pela entrada e saída de pessoas que pareciam sentir-se ali como em casa.

Quando a mulher de cabelo grisalho que se achava por trás do balcão da recepção se virou para eles, lançou um olhar de relance ao distintivo de Kate, como se a chegada de dois oficiais da Polícia Metropolitana fosse uma ocorrência comum.

Telefonaram ontem, não foi? exclamou. Miss Whetstone, a diretora, está à vossa espera. O gabinete dela é ali mesmo em frente.

Miss Whetstone aguardava a porta. Ou estava habituada a que as suas visitas aparecessem sem avisar ou ouvira-os chegar. Fê-los entrar numa divisão onde quase todas as paredes haviam sido substituídas por vidros. Situada no centro do edifício, dava para dois corredores, que conduziam, respectivamente, às alas norte e sul. A janela, virada a leste, oferecia uma vista do jardim que, aos olhos de Kate, parecia ser mais institucional do que a própria casa. Tinha zonas relvadas, com bancos de madeira, postados a intervalos regulares, à volta de carreiros de pedra, e canteiros onde os botões murchos de rosas conferiam um toque de cor por entre os arbustos desnudados da sua folhagem.

Miss Whetstone fez-lhes sinal para que se sentassem, tomou o seu lugar atrás da secretária e brindou-os com o sorriso atencioso de uma professora primária que acolhesse alunos não muito promissores. Era uma mulher baixa, de seios abundantes, cabelo curto e grisalho, com uma franja sobre um par de olhos que deviam detectar tudo, mas que julgavam com alguma bondade. Usava uniforme azul-claro, com um cinto de fivela prateada e um distintivo preso no bolso de peito. Apesar do ambiente informal, a Casa de Saúde Ashcombe acreditava no estatuto e nas virtudes de uma diretora à moda antiga.

Estamos a investigar a morte de um estudante do Instituto de Teologia de Santo Anselmo informou Kate. O corpo foi encontrado por Mistress Margaret Munroe, que trabalhou aqui, antes de ser contratada pelo reitor de Santo Anselmo. Nada nos leva a pensar que Mistress Munroe esteja implicada na morte do rapaz, mas ela deixou um diário onde relata pormenorizadamente como foi que encontrou o corpo. Menciona ainda, numa anotação efetuada mais tarde, que a tragédia lhe fez lembrar algo que acontecera na sua vida, doze anos antes. Aparentemente, terá sido algo que lhe provocou alguma preocupação. E gostaríamos de descobrir do que se trata. Uma vez que, há doze anos, ela trabalhava aqui, como enfermeira, pode ter sido algo que se passou neste estabelecimento, relacionado com

alguém que ela tenha conhecido ou com um paciente de quem haja tratado. Talvez os vossos registros nos possam ajudar. Ou talvez uma das enfermeiras a tenha conhecido e possamos falar com ela.

Durante a viagem, Kate tinha ensaiado mentalmente o que iria dizer, ora selecionando, ora eliminando ou pesando cada palavra. Elaborara aquele discurso para esclarecer Miss Whetstone, mas também para ficar com uma idéia mais clara da investigação a que procedia. Antes de partir, ainda pensara perguntar a Adam Dalgliesh o que devia procurar, ao certo, mas mudara de idéias, por não querer revelar a sua confusão e ignorância.

Como que pressentindo o que lhe ia ao espírito, Adam Dalgliesh dissera-lhe:

Há anos atrás, aconteceu algo importante. Há doze anos, a Margaret Munroe trabalhava como enfermeira na Casa de Saúde Ashcombe. Há doze anos, a trinta de Abril de mil novecentos e oitenta e oito, a Clara Arbuthnot morreu nessa mesma casa. Pode ser que os fatos estejam relacionados entre si. A sua missão é mais uma pesquisa do que uma investigação específica.

Kate replicara:

Se compreendo que possa haver um elo de ligação entre as mortes do Ronald Treeves e de Mistress Munroe, ainda não percebi como podem estar relacionadas com o homicídio do arcediogo.

Nem eu, Kate, mas, mesmo assim, tenho a sensação de que as três mortes estão ligadas entre si. Talvez não diretamente, mas de uma forma qualquer. Existe uma possibilidade de que a Margaret Munroe tenha sido assassinada. Se for esse o caso, então, é quase certo que a morte dela e a do Crampton estão interligadas, porque recuso-me a acreditar que tenhamos dois assassinos distintos em Santo Anselmo.

Aquele argumento parecera-lhe credível, na altura. Agora que o seu pequeno discurso terminara, Kate sentia-se novamente em dúvida. Teria ido longe de mais com os seus ensaios? Não teria sido melhor confiar na inspiração do momento? O olhar céptico e penetrante com que Miss Whetstone fitava ambos em nada a ajudava.

Vejamos se entendi bem. A Margaret Munroe morreu recentemente, de ataque cardíaco, deixando um diário onde se refere a um acontecimento importante, na sua vida, que se passou há doze anos atrás. E os senhores estão ansiosos por saber do que se trata, em relação a uma investigação de que se ocupam. Uma vez que ela trabalhava aqui, há doze anos, pensam que pode ser algo relacionado com esta casa. E têm esperança de que os nossos registros vos possam ajudar ou que uma enfermeira que ainda se encontre no exercício das suas funções a tenha conhecido e se lembre de um incidente ocorrido há doze anos.

Sei que é um tiro no escuro admitiu Kate, mas temos de seguir a pista deixada por Mistress Munroe no seu diário.

Em relação a um rapaz que foi encontrado morto rematou Miss Whetstone. Porquê? Tratou-se de um caso de homicídio?

Não insinuei tal coisa, Miss Whetstone.

No entanto, houve, recentemente, um homicídio em Santo Anselmo. As notícias correm depressa nesta região. O arcediago Crampton foi assassinado. A vossa visita está relacionada com esse inquérito?

Não temos motivos para supor que exista uma ligação entre as duas mortes replicou Kate. Além do mais, o nosso interesse pelo diário começou antes de o arcediago ser assassinado.

Compreendo. Bom, é nosso dever ajudar a Polícia e não vejo qualquer objeção em verificar a ficha de Mistress Munroe e de vos passar informações que vos possam ser úteis, uma vez que penso que ela não se oporia a isso, se ainda trabalhasse conosco. No entanto, não me parece que a sua ficha vos traga algo de novo. Tudo o que se passa na Casa de Saúde Ashcombe é transparente, incluindo as mortes dos nossos pacientes.

De acordo com as informações que obtivemos continuou Kate, uma vossa paciente, Miss Clara Arbuthnot de seu nome, morreu um mês antes de Mistress Munroe começar a trabalhar aqui. Gostaríamos de verificar as datas, porque pode ser que as duas mulheres se tenham conhecido.

Parece-me muito pouco provável, a não ser que se tenham conhecido fora desta casa. Contudo, posso verificar as datas. Todos os nossos registros se encontram agora informatizados, mas ainda não remontamos a mil novecentos e oitenta e oito. Mantemos apenas os registros dos nossos empregados, dada a hipótese de alguém nos pedir referências para efeitos de contratação. As duas fichas encontram-se na casa principal. Talvez exista alguma informação na ficha médica de Miss Arbuthnot que eu considere confidencial e, se assim for, por certo compreenderão que não poderei revelá-la.

Ficava-lhe muito agradecida - insistiu Kate -, se pudéssemos consultar tanto a ficha de Mistress Munroe como a Ficha médica de Miss Arbuthnot.

Não posso permiti-lo. Compreendo que se trata de um caso extraordinário e devo dizer que nunca me fizeram, anteriormente, um tal pedido. Mas também é verdade que os senhores não se mostraram muito explícitos, tanto quanto ao vosso interesse por Mistress Munroe como por Miss Arbuthnot. Antes que prossigamos, penso que será melhor eu falar com Mistress Barton, a nossa administradora.

Antes que Kate pudesse responder, Robbins adiantou. Se tudo isto lhe parece vago, é porque nós próprios não sabemos bem o que investigar. Tudo o que sabemos é que se passou algo de importante na vida de Mistress Munroe, há doze anos atrás. Era uma pessoa que não parecia ter outros interesses para além do seu trabalho e é possível que o acontecimento de que ela falou esteja relacionado com a Casa de Saúde Ashcombe. Não podia, ao menos, consultar as duas fichas, para ver se as datas estão corretas? Se não houver nada na ficha de Mistress Munroe que lhe pareça relevante, então receio termos

perdido o nosso tempo. Mas se houver, nesse caso, poderia consultar Mistress Barton antes de decidir se nos pode confiar essa informação.

Miss Whetstone fitou Robbins durante alguns instantes.

Parece-me uma sugestão sensata. Vou ver se consigo encontrar as fichas, mas pode demorar algum tempo.

Naquele preciso instante, a porta abriu-se e uma enfermeira entrou.

Mistress Wilson acaba de chegar de ambulância, Miss Whetstone. As filhas vieram com ela.

O rosto de Miss Whetstone iluminou-se imediatamente perante aquela expectativa. Dava a idéia de que se preparava para acolher um hóspede importante e que, em vez de trabalhar numa casa de saúde, ocupava um lugar num hotel de luxo.

Ótimo. Vou já. Vamos pô-la no mesmo quarto da Helen. Penso que se sentirá melhor com alguém da mesma idade. Virou-se, então, para Kate. Vou estar ocupada durante algum tempo. Querem aguardar ou preferem voltar mais tarde?

Kate tinha a impressão de que a presença física de ambos oferecia melhores hipóteses de obterem, mais depressa, as informações, e replicou:

Se não se importar, preferíamos aguardar. Mas Miss Whetstone já saíra do seu gabinete.

Obrigada, Robbins. A tua intervenção foi-nos útil.

Kate aproximou-se da janela, observando as entradas e saídas na recepção. Olhando de relance para Robbins, viu que estava muito pálido. Julgou detectar uma pequena lágrima na face do colega e apressou-se a desviar o olhar. "Já não sou tão bondosa nem afável como era há dois anos", pensou. "O que está me acontecendo? O Adam Dalgliesh tinha razão, quando falei com ele. Se não posso dar a esta profissão aquilo de que ela precisa, incluindo alguma humanidade, é melhor pedir a demissão." Ao pensar em Dalgliesh, desejou subitamente que ele estivesse ali. Sorrindo, lembrou-se de como, numa situação igual àquela, ele nunca poderia ter resistido à importância das palavras proferidas. Por vezes, tinha a impressão de que o gosto pela leitura de Adam Dalgliesh era obsessivo. Seria demasiado escrupuloso para examinar os papéis que se encontravam na secretária de Miss Whetstone, a não ser que fossem relevantes para a investigação, mas leria certamente os inúmeros recados que estavam afixados no painel de cortiça junto da janela.

Nem Kate nem Robbins falaram. Permaneciam, de pé, no mesmo lugar desde que Miss Whetstone se levantara, mas não tiveram de esperar muito. Miss Whetstone regressou, passados quinze minutos, com duas pastas e ocupou, mais uma vez, o seu lugar atrás da secretária.

Sentem-se, por favor pediu.

Kate sentia-se como alguém que se candidatara a um emprego e aguardava pela humilhação de ver outra pessoa a examinar o seu currículo banal.

Miss Whetstone já havia examinado as fichas antes de regressar.

Receio que nada haja, aqui, que possa ajudar-vos. A Margaret Munroe começou a trabalhar nesta casa no dia primeiro de junho de mil novecentos e oitenta e oito e saiu a trinta de abril de mil novecentos e noventa e quatro. Sofria de uma doença do coração e o médico recomendou-lhe que procurasse um emprego menos cansativo. Como já sabem, foi trabalhar para Santo Anselmo, a fim de se ocupar, sobretudo, da roupa de cama e administrar alguns tratamentos ligeiros, num pequeno instituto, onde residem estudantes novos e saudáveis. Pouco mais há na sua ficha, a não ser os habituais períodos de férias, os atestados médicos e um relatório anual confidencial. Comecei a trabalhar aqui seis meses depois de ela sair e não a conheci, mas tudo indica que era uma enfermeira conscienciosa e gentil, se bem que pouco imaginativa. A sua falta de imaginação, contudo, podia ser uma qualidade, tal como o seu temperamento, não demasiado sentimental. A emotividade excessiva nunca ajudou ninguém a ser tratado melhor na Casa de Saúde Ashcombe.

E Miss Arbuthnot? perguntou Kate.

A Clara Arbuthnot morreu um mês antes de a Margaret Munroe vir trabalhar para cá. Por conseguinte, não pode ter sido tratada por Mistress Munroe e, se elas se conheceram, não foi como paciente e enfermeira.

Miss Arbuthnot morreu sozinha?

Nenhum paciente morre sozinho, aqui. É certo que não tinha familiares, mas um padre, o reverendo Hubert Johnson, veio visitá-la, a seu pedido, antes de Miss Arbuthnot morrer.

E podemos falar com ele, Miss Whetstone?

Receio que isso ultrapasse a capacidade até da Polícia Metropolitana replicou secamente Miss Whetstone. Ele também era nosso paciente, naquela altura, e estava a submeter-se a um tratamento temporário. No entanto, foi aqui que veio a morrer, dois anos depois.

Portanto, não há ninguém na Casa de Saúde Ashcombe que se recorde da vida de Mistress Munroe, há doze anos atrás?

A Shirley Legge é a nossa enfermeira mais antiga. Não temos um índice elevado de rotatividade de pessoal mas, como esta profissão exige requisitos específicos, pensamos que é melhor, para as enfermeiras, deixarem de se ocupar dos casos terminais, de tempos a tempos. Mistress Legge é a única enfermeira que estava aqui há doze anos, se bem que tenha de verificá-lo, mas, para vos ser franca, não tenho tempo. Talvez queiram falar diretamente com ela. Penso que está de serviço.

Lamento se estamos a dar-lhe muito incomodo desculpou-se Kate, mas ser-nos-ia muito importante falar com ela. Obrigada.

Mais uma vez, Miss Whetstone desapareceu, deixando as duas fichas em cima da secretária. O primeiro impulso de Kate foi passar uma vista de olhos pelas fichas, mas algo a deteve. Em parte, achava que Miss Whetstone fora honesta com eles e nada mais havia a descobrir e, por outro lado, tinha plena consciência de que todos os seus movimentos seriam vistos pelas divisórias de vidro. Então, porque haveria de criar problemas com Miss Whetstone? Em nada ajudaria a investigação.

A diretora regressou, cinco minutos depois, com uma mulher de meia-idade e traços vincados, que apresentou como sendo Mrs. Shirley Legge. Mrs. Legge não perdeu tempo.

Miss Whetstone disse-me que procuram informações sobre a Margaret Munroe. Lamento não poder ajudar-vos. Não a conhecia bem. Não era pessoa que tivesse amigos íntimos. Lembro-me, contudo, de que era viúva e de que o filho tinha ganho uma bolsa para frequentar a universidade, mas não me lembro qual. Queria alistar-se no exército e penso que lhe pagaram as despesas da universidade, até ele sair em missão, ou qualquer coisa do gênero. Fiquei muito triste por saber que Mistress Munroe morreu. Se bem me lembro, ela não tinha mais família e deve ter sido um choque para o filho.

O filho morreu antes dela, assassinado na Irlanda do Norte replicou Kate.

Deve ter sido terrível para ela. Depois disso, duvido que se preocupasse com a morte. Aquele rapaz era a sua vida. Lamento não vos poder ser mais útil. Se alguma coisa importante lhe aconteceu enquanto trabalhou aqui, ela não mo disse. Mas podem tentar falar com a Mildred Fawcett. Virou-se, então, para Miss Whetstone. Lembra-se da Mildred? Reformou-se pouco depois de a senhora chegar. Conhecia a Margaret Munroe. Tenho idéia de que se formaram ao mesmo tempo, no velho Hospital de Westminster. Talvez valesse a pena falar com ela.

Miss Whetstone perguntou Kate, tem o endereço dessa senhora nos seus registros?

Foi, contudo, Shirley Legge que respondeu.

Não precisa de se incomodar, Miss Whetstone. Posso dizer-vos onde ela mora, porque ainda enviamos cartões de boas-festas uma à outra. Além do mais, o seu endereço é daqueles que nos fica na cabeça. Possui uma vivenda à saída de Medgrave. A Vivenda Clipetty-Clop. Creio que, na área, costumava haver estábulos.

Finalmente, a sorte parecia sorrir-lhes. Mildred Fawcett poderia ter-se igualmente retirado para a Cornualha ou para o Noroeste, mas morava numa localidade situada não muito longe de Santo Anselmo. Kate agradeceu a Miss Whetstone e a Shirley Legge pela ajuda e perguntou se podiam consultar a lista telefônica local. Mais uma vez, tiveram sorte. O número de telefone de Miss Fawcett constava da lista.

Havia uma caixa de madeira a um canto do balcão da recepção, com uma etiqueta colada onde se lia: "Fundo para flores." Kate dobrou uma nota de cinco libras e inseriu-a na ranhura. Duvidava que fosse visto como uma despesa legítima, relativamente aos fundos da Polícia, e também não estava segura de que aquele seu gesto fosse em consequência de um assomo de generosidade ou, antes, representasse uma pequena oferta supersticiosa ao destino.

De volta ao carro, depois de apertarem os cintos, Kate telefonou para a Vivenda Clipetty-Clop, mas ninguém atendeu.

É melhor eu dar conta dos nossos progressos disse, então, se é que lhes podemos chamar tal coisa...

A conversa telefônica foi breve. Pousando o celular, informou Robbins:

Vamos falar com a Mildred Fawcett, conforme já tínhamos planeado, se conseguirmos encontrá-la. Depois, o Adam Dalglish quer-nos de regresso ao instituto quanto antes. O patologista acabou de sair de Santo Anselmo.

O Adam Dalglish disse-te como foi que aconteceu? Foi um acidente? perguntou Robbins.

Ainda é muito cedo para o saber, mas tudo indica que sim. E, se não foi um acidente, como poderemos prová-lo?

E já lá vão quatro mortes comentou Robbins.

Obrigada, sargento, mas sei contar.

Saiu com todo o cuidado da propriedade onde se encontrava a Casa de Saúde Ashcombe, mas, ao chegar à estrada, acelerou. Havia algo de perturbador na morte de Miss Betterton, para lá do choque inicial. Kate precisava sentir que, uma vez iniciada uma investigação, a Polícia assumia o comando da situação. Uma investigação podia correr bem ou mal, mas eram eles que interrogavam, sondavam, dissecavam, elaborando e decidindo uma estratégia, que ora puxava ora largava os fios do controlo total. Contudo, agora sentia, na investigação do homicídio de Crampton, uma subtil ansiedade, que se alojara no seu inconsciente desde o princípio, e que ela não havia encarado até então. Era a tomada de consciência de que o poder podia estar algures e de que, apesar da experiência e inteligência de Dalglish, havia outra mente brilhante em campo. Kate receava que, uma vez perdido o controlo da situação, eles não conseguissem reconquistá-lo. Provavelmente, já se lhes escapara. Estava impaciente por regressar a Santo Anselmo, quanto antes. Entretanto, de pouco lhe servia especular, porque a viagem deles nada trouxera de novo.

Desculpa, se fui um pouco brusca, mas não vale a pena falarmos do assunto enquanto não soubermos todos os pormenores. Por ora, devemos concentrar-nos em terminar esta missão.

Assim que se aproximou de Medgrave, Kate abrandou, porque perderia ainda mais tempo, se não encontrasse a vivenda, do que diminuindo a velocidade.

Olha para a esquerda, que eu olho para a direita disse a Robbins. Podemos sempre perguntar onde fica a vivenda, mas preferia não o fazer, porque não quero atrair atenções.

Não precisaram perguntar. Quando entraram na aldeia, Kate avistou uma vivenda de tijolo, a uns quarenta metros da estrada. Um cartaz branco, no portão, indicava o nome, em letras pretas, cuidadosamente pintadas: "Vivenda Clipetty-Clop." O pórtico central era de 1893, conforme estava esculpido, por cima, no muro de pedra. A fachada revelava ainda duas janelas arredondadas, no piso térreo, e três no primeiro andar. A pintura era de um branco reluzente, as vidraças das janelas brilhavam e as lajes de pedra que levavam à porta da frente estavam libertas de ervas daninhas. A primeira impressão que se tinha daquela vivenda era a de ordem e de conforto. Depois de estacionar o Jaguar na berma da estrada, Kate e Robbins subiram o carreiro até estacarem em frente da porta, onde havia um batedor em forma de ferradura. Bateram, mas ninguém respondeu.

Provavelmente saiu, mas é melhor darmos a volta disse Kate. A bruma cessara e, embora ainda estivesse frio, o dia clareara e podiam ver-se, no céu, riscos de um azul muito pálido. Um caminho de pedra, no lado esquerdo da vivenda, levava a um portão, que se abria para o jardim. Kate, que nascera e crescera numa cidade, pouco entendia de jardinagem, mas percebeu imediatamente que aquele jardim tão limpo era obra de um entusiasta por aquele passatempo. O espaço entre as árvores e os arbustos, o desenho cuidado dos canteiros e a horta, mais adiante, revelavam que Miss Fawcett era uma verdadeira especialista em jardinagem. A ligeira encosta onde a propriedade se situava proporcionava ainda uma bela vista. A paisagem outonal estendia-se livremente, em todos os seus tons de verde, dourado e castanho, por baixo do imenso céu de East Anglia.

Ao vê-los, uma mulher, debruçada sobre um dos canteiros, com uma sacola na mão, levantou-se. Era alta e parecia uma cigana, com o rosto vincado de rugas e tisonado pelo sol, e o cabelo preto, quase sem fios grisalhos, preso num rabo-de-cavalo. Por cima da sua saia comprida de lã, usava um avental, munido de um bolso a meio; a sua indumentária era completada por sapatos e luvas grossas. Não pareceu surpreendida nem desconcertada por vê-los.

Kate e Robbins apresentaram-se, mostraram as suas credenciais e repetiram resumidamente tudo o que haviam dito a Miss Whetstone. No entanto, Kate acrescentou:

Não conseguiram ajudar-nos, na casa de saúde, mas Mistress Shirley Legge disse-nos que a senhora trabalhava ali, há doze anos atrás, e conheceu Mistress Munroe. Encontramos o seu número na lista e tentamos telefonar-lhe, mas ninguém atendeu.

Devia estar no fundo do jardim. Os meus amigos não param de me dizer que eu devia ter um celular, mas é a última coisa que quero, porque constitui uma verdadeira aberração. Não volto a andar de comboio enquanto não houver compartimentos para quem não utilize celulares.

Ao contrário de Miss Whetstone, Miss Fawcett não fazia perguntas. Podia pensar-se que a visita de dois oficiais da Polícia Metropolitana era algo de corriqueiro na sua vida. Depois de olhar fixamente para Kate, disse:

É melhor entrarem.

Conduziu-os a uma espécie de despensa, com chão em tijoleira, uma pia de pedra, por baixo da janela, e prateleiras e armários embutidos ao longo da parede. Pairava no ar o cheiro a terra úmida e a maçãs, com um leve vestígio de parafina. Aquela divisão fora transformada em arrecadação. Havia um pouco de tudo, como Kate pôde verificar: um caixote de maçãs, cebolas que pendiam do teto, novelos de cordel, baldes, uma mangueira enrolada à volta de um prego, na parede, e uma prateleira onde se alinhavam ferramentas de jardinagem, impecavelmente limpas. Miss Fawcett tirou o avental e os sapatos e, descalça, conduziu-os à sala de estar.

Para Kate, a sala revelava uma vida independente e solitária. Em frente da lareira, havia uma poltrona de espaldar alto, ladeada, à esquerda, por uma mesa com um candeeiro e, à direita, por outra com uma pilha de livros. Uma mesa redonda, em frente da janela, havia sido posta para uma só pessoa e as três cadeiras restantes achavam-se encostadas à parede. Um gato grande e amarelo estava aninhado numa cadeira baixa, de assento estofado. Ao vê-los entrar, ergueu a cabeça, feroz, olhou-os fixamente e, insultado com aquela intrusão, saltou da cadeira e dirigiu-se pesadamente para a despensa. Ouviram uma portinhola abrir-se e fechar-se logo de seguida. Kate nunca havia visto um gato tão feio.

Miss Fawcett puxou duas cadeiras e, depois, dirigiu-se a um armário, embutido num nicho, do lado esquerdo da lareira.

Não sei se posso ajudar-vos, mas se algo de importante aconteceu à Margaret Munroe, quando ambas trabalhávamos na casa de saúde, é provável que eu o tenha anotado no meu diário. O meu pai sempre insistiu em que devíamos manter os nossos diários de infância, e o hábito ficou. É como quando nos ensinam que deve rezar-se antes de dormir; assim que começamos a rezar as nossas orações, em criança, a nossa consciência obriga-nos a continuar a fazê-lo em adulto, por muito que nos custe. Disse que foi qualquer coisa que se passou há doze anos, o que nos leva até mil novecentos e oitenta e oito...

Sentou-se na poltrona em frente da lareira, com o que parecia ser o caderno de exercícios de criança.

Lembra-se se tratou de uma senhora chamada Miss Clara Arbuthnot, quando trabalhava na Casa de Saúde Ashcombe? perguntou Kate.

Se Miss Fawcett estranhou a súbita menção daquele nome, não o disse.

Lembro-me, efetivamente, de Miss Arbuthnot respondeu. Fui a enfermeira responsável pelo seu tratamento, desde o dia em que ela entrou na casa de saúde até ao dia em que morreu, cinco semanas mais tarde.

Tirando o estojo dos óculos do bolso da saia, começou a folhear as páginas do seu diário. Levou algum tempo até encontrar a data certa, porque, como Kate já temia, o seu interesse ia-se prendendo em outras anotações, à medida que folheava o diário. Kate perguntou a si própria se aquela lentidão, por parte de Miss Fawcett, não era propositada. Ao fim de alguns minutos de uma leitura silenciosa, pousou as mãos sobre o diário e, de novo, Kate sentiu que ela a fitava com olhar penetrante.

Há aqui uma menção tanto a Clara Arbuthnot, como a Margaret Munroe, mas encontro-me, inesperadamente, numa situação muito delicada. Prometi guardar segredo na altura, e não vejo motivos para voltar com a minha palavra atrás.

Depois de refletir, Kate retorquiu:

A informação que a senhora encontrou pode ser crucial para nós, não somente em relação ao aparente suicídio de um ordinando. É muito importante que saibamos o que escreveu, quanto antes. A Clara Arbuthnot e a Margaret Munroe estão mortas. Julga que elas iriam querer que a senhora se calasse, quando se trata de ajudar a justiça?

Miss Fawcett levantou-se.

Não se importam de ir até ao jardim durante alguns minutos, por favor? pediu. Eu bato na janela quando puderem voltar. Tenho de ficar sozinha para refletir melhor no assunto.

Kate e Robbins saíram e caminharam, lado a lado, até ao fundo do jardim, onde pararam para contemplar a paisagem. Atormentada pela impaciência, Kate comentou:

Aquele diário esteve a poucos metros do meu alcance. Tudo o que eu precisava fazer era passar uma rápida vista de olhos pelas suas páginas. E que fazemos, se ela não nos disser mais nada? Se o caso for a tribunal, talvez se consiga uma intimação, mas como podemos saber que o diário dela é uma prova relevante? Provavelmente, trata-se de uma passagem em que conta como ela e a Margaret Munroe foram até Frinton e fizeram amor, debaixo do molhe. Não há um molhe em Frinton replicou Robbins.

Além do mais, Miss Arbuthnot estava às portas da morte. Bom, é melhor voltarmos. Não quero perder a pancadinha na janela.

Quando a ouviram, regressaram à sala de estar calmamente, desejosos de não deixarem transparecer a sua impaciência.

Os senhores deram-me a vossa palavra de que a informação que procuram é necessária para a investigação que levam a cabo, neste momento, mas queria que me garantissem que, se o que anotei no meu diário for considerado irrelevante, não tomarão nota do que eu disser.

Não sabemos se o seu diário será ou não relevante. explicou Kate. Se o for, então, terá de ser revelado, possivelmente até como sendo uma prova. Nada podemos prometer-lhe. Só podemos pedir-lhe que nos ajude.

Obrigada pela sua honestidade agradeceu Miss Fawcett. Têm sorte. O meu avô era chefe de polícia e pertence a uma geração... infelizmente, cada vez mais diminuta... que ainda confia na Polícia. Estou disposta a dizer-vos o que sei e, também, a entregar-vos o meu diário, se a informação vos for útil.

Kate pensou que não valia a pena apresentar mais argumentos, porque poderiam ser contraproducentes. Limitou-se a murmurar um "Obrigado" e aguardou.

Ponderei no assunto enquanto os senhores estiveram no jardim continuou Miss Fawcett. Disseram-me que esta visita se deve à morte de um estudante do instituto de Santo Anselmo. Também afirmaram que nada leva a crer que a Margaret Munroe esteja envolvida nessa morte, à exceção de ter sido ela a encontrar o corpo. Mas há muito mais para além desses fatos... Dois oficiais como os senhores nunca se teriam dado ao trabalho de vir até aqui, se não houvesse suspeitas de um crime. A vossa investigação é relativa a um homicídio, não é verdade?

Sim, confessou Kate. Fazemos parte de uma equipe que está a investigar o homicídio do arcediogo Crampton, no Instituto de Santo Anselmo. Pode não haver qualquer elo de ligação com a passagem do diário de Mistress Munroe, mas temos de verificá-lo. Creio que tomou conhecimento da morte do arcediogo...

Não, não sabia de nada replicou Miss Fawcett. Raramente compro o jornal e nunca vejo televisão. Mas, se estão a investigar um homicídio, então, o caso muda de figura... Há uma passagem no meu diário, do dia vinte e sete de Abril de mil novecentos e oitenta e oito, que diz respeito a Mistress Munroe. O meu problema é que, na altura, tanto ela como eu prometemos guardar segredo.

Miss Fawcett, permite-me que leia essa passagem?

Não me parece que, se a lesse, ficasse esclarecida. Escrevi pouca coisa, mas lembro-me de muitos mais pormenores do que aqueles que escrevi. E penso ser meu dever revelá-los, muito embora duvide que tenha alguma relação com a vossa investigação. Além do mais, deram-me a vossa palavra de que o assunto ficará por aqui, se o que vou revelar-vos não for relevante.

Quanto a isso, prometo-lhe que nada será divulgado. Miss Fawcett sentou-se, muito direita, com as palmas das mãos apoiadas nas páginas do diário, como se o protegesse de olhares indiscretos.

Em abril de mil novecentos e oitenta e oito, eu tratava de doentes em fase terminal, na Casa de Saúde Ashcombe, mas isso os senhores já sabem. Uma das minhas pacientes disse-me, certo dia, que desejava casar-se, antes de morrer, mas que queria manter em segredo tanto a sua intenção como a cerimônia. Perguntou-me, então, se eu podia ser sua testemunha e eu aceitei. Não me cabia fazer-lhe perguntas. Era um desejo expresso por uma paciente a quem eu me afeiçoara e que já tinha pouco tempo de vida. O que me surpreendeu foi ver como ela teve forças para comparecer a cerimônia. O casamento foi marcado, com a autorização do arcediogo, e foi celebrado ao meio-dia do dia vinte e sete, em St. Osyth, uma pequena

igreja em Clampstoke-Lacey, nos arredores de Norwich. O padre que presidiu a cerimônia foi o reverendo Hubert Johnson, que a minha paciente conhecera na casa de saúde. Não vi o noivo até ele chegar, de carro, para nos ir buscar, como se tivéssemos combinado dar um passeio pelo campo, a fim de não despertar a atenção da minha superiora. O padre Hubert tinha ficado de arranjar uma segunda testemunha mas não conseguiu. Não me recordo do que correu mal. Quando íamos saindo da casa de saúde, vi a Margaret Munroe. Acabara de ser entrevistada pela enfermeira-chefe para um lugar. Aliás, eu é que lhe havia sugerido que se candidatasse. Sabia que podia contar com a sua total discrição. Tínhamos estudado ao mesmo tempo no velho Hospital de Westminster, em Londres, muito embora ela fosse consideravelmente mais nova do que eu. Entrei tarde para a escola de enfermagem após uma breve incursão pela vida acadêmica. O meu pai opunha-se fortemente à minha vocação e tive de esperar que ele morresse para poder inscrever-me.

A cerimônia do casamento teve lugar e, logo de seguida, eu e a minha paciente regressamos à casa de saúde. Ela parecia muito feliz e em paz, nos seus últimos dias de vida, mas não voltamos a falar do casamento. Aconteceu tanta coisa durante os anos em que trabalhei naquele estabelecimento, que duvido de que me lembrasse do casamento, se não tivesse anotado esta passagem no meu diário. Mas bastou-me ler as palavras que escrevi, mesmo sem mencionar nomes, para que tudo me viesse à memória com uma surpreendente clareza., Estava um dia lindo. Lembro-me de que o cemitério, em St. Osyth, estava colorido de amarelo pelos narcisos, e que, quando saímos da igreja, o Sol brilhava.

A sua paciente era a Clara Arbuthnot? perguntou Kate. Miss Fawcett fitou-a.

Sim, era ela.

E o noivo?

Não faço idéia. Não consigo lembrar-me nem da sua aparência, nem do seu nome, e duvido que a Margaret conseguisse ajudar-me, se fosse viva.

Mas, como testemunha, ela assinou certamente a certidão de casamento, onde estavam inscritos os nomes dos noivos persistiu Kate.

Suponho que sim, mas não havia nenhum motivo particular para que ela se lembrasse disso. Num casamento religioso, só os nomes próprios são mencionados durante a cerimônia. Miss Fawcett fez uma pausa antes de prosseguir: Tenho de confessar-vos que não fui totalmente sincera convosco. Precisava de algum tempo para refletir e para pensar no que deveria revelar. Não precisava consultar o meu diário para responder às vossas perguntas. Já havia verificado a data, antes, porque no dia doze de outubro, uma quinta-feira, a Margaret Munroe me telefonou, de uma cabina, em Lowestoft. Perguntou-me o nome da noiva e eu disse-lhe. Já não pude dizer-lhe o nome do noivo, mesmo que o quisesse. Não o registrei no meu diário e, se alguma vez o soube, há muito o esqueci.

É tudo aquilo de que consegue lembrar-se em relação ao noivo? perguntou Kate. Que idade tinha, como se apresentou, como falava? Tornou a vê-lo, na casa de saúde?

Não, nem mesmo quando a Clara estava já moribunda e, tanto quanto sei, nem sequer assistiu à cremação. Foi uma firma de advogados, em Norwich, que se encarregou da cerimônia. Nunca mais o vi, nem ouvi falar dele. No entanto, há uma coisa... que me despertou a atenção quando ele enfiou a aliança no dedo da Clara. Faltava-lhe a parte da frente do dedo anelar esquerdo.

Kate experimentou uma sensação de triunfo e de excitação tão grande que receou que se refletisse na expressão do seu rosto. Nem sequer se atreveu a olhar para Robbins. Tentando manter a voz calma, perguntou:

Miss Arbuthnot alguma vez lhe confidenciou o que a levou a querer casar-se? É possível, por exemplo, que houvesse uma criança envolvida?

Uma criança? Ela nunca me falou em ter tido uma criança e, tanto quanto me lembro, não havia qualquer menção a uma gravidez na sua ficha médica. Nunca recebeu, tão pouco, a visita de uma criança. Mas, por outro lado, também nunca recebeu a visita do homem com quem tinha casado.

Portanto, ela nada mais lhe disse?

Apenas que tencionava casar-se, que o seu casamento devia ser mantido em segredo e que precisava da minha ajuda. E eu dei-lhe.

Havia mais alguém em quem ela pudesse confiar?

O padre que a casou, o reverendo Hubert Johnson, passava muitas horas com a Clara, antes de ela morrer. Lembro-me de que foi ele que lhe deu a extrema-unção e a ouviu em confissão. Eu tinha de me certificar de que ninguém os incomodava, quando o reverendo Johnson estava com a minha paciente. Ela deve ter-lhe contado tudo, quer como seu padre, quer como seu amigo. Mas ele também estava gravemente doente e morreu dois anos mais tarde.

Nada mais havia a saber e, depois de agradecer a Miss Fawcett, Kate e Robbins regressaram ao carro. Miss Fawcett observava-os da janela e Kate arrancou, até que, ao encontrar um lugar onde pudesse estacionar, parou. Pegou, então, no celular e disse com satisfação: Tenho algo de positivo a relatar. Finalmente, temos uma pista.

Depois do almoço, como o padre John não aparecesse, Emma foi bater à porta do seu apartamento. Temia vê-lo mas, quando ele abriu a porta, parecia o mesmo de sempre. O seu rosto iluminou-se e convidou-a a entrar.

Padre, lamento imenso... murmurou Emma, reprimindo as lágrimas. Teve de dizer a si mesma que havia ido até ali para lhe dar algumas palavras de conforto e não para o deixar ainda mais angustiado. Mas era como reconfortar uma criança. Emma queria tê-lo nos seus braços. O padre John indicou-lhe a poltrona em frente da lareira, que devia ser a da irmã, e sentou-se à frente dela.

Pergunto a mim mesmo se pode fazer-me um favor, Emma.

Tudo o que quiser, padre.

São as roupas da Agatha. Sei que tenho de as separar e dar, mas parece-me ainda tão cedo para pensar nisso... Como sei que só nos deixará no fim da semana, pensei que poderia encarregar-se de separar as roupas. Tenho a certeza de que Mistress Pilbeam se ofereceria para me ajudar, porque é uma pessoa muito bondosa, mas preferia que fosse você. Se não lhe der muito incomodo, talvez pudesse tratar disso amanhã.

Com certeza, padre. Separarei as roupas, à tarde, depois do meu seminário.

Tudo o que ela tinha está no seu quarto. Deve haver algumas jóias. Se houver, pode levá-las consigo e vendê-las? Gostaria de doar algum dinheiro a uma instituição de caridade que ajude os detidos. Penso que deve haver uma instituição desse gênero...

Deve haver, com toda a certeza, padre replicou Emma. Eu tratarei de me informar, mas não gostaria de examinar, primeiro, as jóias e decidir se gostaria de guardar algumas?

Não, obrigado, Emma. É muito gentil da sua parte, mas prefiro que sejam todas vendidas.

O silêncio impôs-se até que o padre John prosseguiu:

A Polícia esteve aqui, esta manhã, a examinar o apartamento e o quarto dela. O inspetor Tarrant estava acompanhado por um desses oficiais que usam batas brancas. Apresentou-me como sendo Mister Clark.

Examinar o apartamento? exclamou Emma, num tom de voz mais ríspido. Mas porquê?

Não me disseram. Não se demoraram e deixaram tudo arrumado. Nunca ninguém se aperceberia de que eles tinham estado aqui. Seguiu-se um novo silêncio, novamente quebrado pelo padre John. O inspetor Tarrant perguntou-me onde estive e o que fiz ontem, entre o fim das completas e as seis da madrugada.

Mas isso é inadmissível! protestou Emma, revoltada. O padre John esboçou um sorriso melancólico.

Eles são forçados a fazer esse tipo de perguntas. O inspetor Tarrant foi muito diplomata. Estava apenas a cumprir o seu dever.

Emma não pôde deixar de pensar que muitos dos problemas do mundo eram provocados por pessoas que alegavam estar apenas a cumprir o seu dever.

O patologista também esteve aqui acrescentou o padre John, num fio de voz, mas julgo que o terá ouvido chegar.

Toda a comunidade o ouviu chegar, porque não se pode dizer que tenha sido propriamente discreto.

O padre John sorriu.

Tem razão. Ele também não se demorou. O inspetor Dalglish perguntou-me se eu queria estar presente quando eles removessem o corpo, mas disse-lhe que preferia ficar aqui, sozinho. No fim de contas, não foi o corpo da Agatha que eles removeram, porque ela já havia partido há muito tempo...

”Partido há muito tempo.” Que queria o padre John dizer, ao certo, com uma frase tão enigmática? Aquelas quatro palavras ecoaram no espírito de Emma com o mesmo som do dobrar dos sinos por um finado.

Levantando-se, pegou na mão dele e disse-lhe:

Vemo-nos amanhã, padre, quando eu vier separar e embrulhar as roupas. Tem a certeza de que não lhe posso ser útil em mais nada?

Depois de lhe agradecer, o padre John acrescentou:

Só há mais uma coisa e espero não estar a aproveitar-me da sua bondade, mas podia tentar procurar o Raphael? Não o vejo desde o que se passou hoje e temo que isso o tenha afetado. Ele foi sempre gentil para com ela e sei que a Agatha gostava muito dele.

Emma encontrou Raphael no rebordo do penhasco, a cerca de cem metros do instituto. Quando se aproximou, ele sentou-se na relva e Emma, imitando-o, estendeu-lhe a mão, em silêncio.

Com o olhar fixo no mar e sem se virar para ela, Raphael murmurou:

Ela era a única pessoa, aqui, que gostava de mim.

Isso não é verdade, Raphael, e você sabe-o bem! protestou Emma, indignada.

O que quis dizer é que era a única pessoa que gostava realmente de mim. Da minha pessoa. Do Raphael. Não do beneficiário da benevolência geral. Nem do candidato ao sacerdócio. Nem, muito menos, do último Arbuthnot vivo... mesmo sendo eu um bastardo. Já lhe devem ter contado. Fui largado, aqui, quando era bebê, numa dessas cestas de palha, com alças. Se me tivessem abandonado num desses juncos, junto do pântano, teria sido mais apropriado, mas talvez a minha mãe tenha pensado que ninguém me descobriria ali. Ao menos, teve a decência de me deixar à porta do instituto, onde, mais cedo ou mais tarde, alguém me encontraria. Não lhes restou qualquer alternativa a não ser a de ficarem comigo. Em troca, dei-lhes vinte e cinco anos para se sentirem benevolentes e para poderem exercer a virtude da caridade.

Sabe perfeitamente que não é isso que eles sentem por si, Raphael.

Mas é o que eu sinto. Sei que estou a ser egoísta e que revelo ter pena de mim próprio, mas é assim que eu sou. Nem precisa de mo dizer. Costumava pensar que todos os meus problemas se resolveriam, se eu conseguisse levá-la a amar-me e, mais tarde, a casar comigo.

Isso é ridículo, Raphael. Quando pensar com mais clareza, percebê-lo-á. O casamento não é uma terapia.

Mas teria sido um compromisso definitivo e constituiria um refúgio para mim.

A Igreja não é um refúgio para si?

Irá ser, assim que for ordenado padre. Então, não haverá ponto de retorno.

Depois de ponderar, Emma retorquiu:

Não tem de ser forçosamente ordenado. Deve ser uma decisão sua e de mais ninguém. Se sente dúvidas quanto à sua vocação, então não dê um passo em falso.

Parece Mister Gregory a falar. Se menciono a palavra "vocação", ele diz-me para não falar como uma personagem de um romance do Graham Greene. É melhor voltarmos. Fez uma pausa e riu-se. Em certos aspectos, ela era terrivelmente chata quando viajávamos até Londres, mas nunca quis ir até à capital com mais ninguém.

Levantou-se e iniciaram o percurso de regresso ao instituto. Seguindo mais devagar pelo rebordo do penhasco, sentia pena de Raphael, do padre John e de todas as pessoas de Santo Anselmo de quem gostava.

Tinha alcançado o portão de ferro que dava para o átrio oeste quando, ouvindo uma voz chamá-la, se virou e viu que era Karen Surtees. Haviam-se encontrado, em fins-de-semana anteriores, quando ambas se achavam no instituto, mas nunca haviam falado, exceto para trocar saudações. Apesar daquele distanciamento, Emma nunca sentira que havia um antagonismo entre ela e Karen Surtees. Aguardou, com alguma curiosidade, para saber o que ela queria dizer-lhe. Karen olhou para trás, na direção da Vivenda São João, antes de falar.

Desculpe por ter gritado, mas queria falar consigo. Que história é essa de a velha Betterton ter sido encontrada morta na adega? O padre Martin foi até à vivenda, esta manhã, para nos dar a notícia, mas devo dizer que não foi bem-vindo.

Por achar que não havia razão para ocultar o pouco que sabia, Emma respondeu:

Penso que ela tropeçou no primeiro degrau e caiu.

Não terá sido empurrada? De qualquer maneira, é uma morte que não podem imputar nem ao Eric nem a mim, se ela morreu antes da meia-noite. Fomos até Ipswich, ontem à noite,

para ver um filme e jantar fora. Queríamos sair daqui por algumas horas. Não faz idéia de como anda a investigação? Estava a referir-me à investigação do homicídio do arcediogo Crampton, claro.

Não faço a menor idéia. A Polícia não nos fornece qualquer informação.

Nem mesmo aquele atraente inspetor? perguntou Karen Surtees. Já calculava. Meu Deus, como aquele homem é sinistro! Estou desejosa de que ele avance com a sua investigação, porque quero voltar para Londres. De qualquer maneira, vou ficar aqui, com o Eric, até ao fim da semana. Só quero fazer-lhe mais uma pergunta. Talvez não possa ou não queira ajudar-me, mas não sei a quem mais recorrer. É crente? Costuma ir à igreja?

A pergunta era tão inesperada que, por momentos, Emma sentiu-se completamente desorientada. Revelando alguma impaciência, Karen acrescentou:

Refiro-me à missa. À comunhão. Costuma comungar?

Sim, por vezes.

É que tenho estado a pensar naquelas pastilhas, as hóstias. O que acontece? Abre-se a boca e eles enfiam-nas lá dentro ou podemos pegar-lhes com as mãos?

A conversa era cada vez mais bizarra mas, mesmo assim, Emma respondeu:

Algumas pessoas abrem a boca, mas, nas igrejas anglicanas, é habitual estenderem-se ambas as mãos e pegar na hóstia com as palmas uma sobre a outra.

E o padre observa-nos enquanto comemos a hóstia?

Pode fazê-lo, se nos estiver a recitar todas as palavras do Livro de Orações, mas, geralmente, passa para o outro fiel, e podemos mesmo ter de esperar pela nossa vez, enquanto ele ou um outro padre se aproximam de nós com o cálice. Mas porque pergunta?

Por nenhum motivo em particular. É que sempre senti grande curiosidade em saber como era. Estava a pensar em ir a uma missa e não queria fazer triste figura. Mas não é preciso ser-se crismado? Provavelmente, recusar-se-iam a dar-me a hóstia.

Não creio. Haverá uma missa no oratório, amanhã de manhã. Emma acrescentou, não sem uma ponta de malícia: Podia dizer ao padre Sebastian que gostaria de estar presente. Provavelmente ele far-lhe-ia algumas perguntas e pedir-lhe-ia que se confessasse primeiro...

Confessar-me ao padre Sebastian? Enlouqueceu? Acho que vou deixar a minha regeneração espiritual para depois do meu regresso a Londres. A propósito, quanto tempo julga ficar por aqui?

Devia partir na quinta-feira retorquiu Emma, mas consegui tirar um dia a mais. Provavelmente, ficarei até ao fim da semana.

Nesse caso, desejo-lhe boa sorte. Ah, e obrigada pelas informações.

Virou-se e afastou-se, com as costas curvadas, regressando, em passo estugado, à Vivenda São João.

Vendo-a afastar-se, Emma disse a si mesma que era melhor para todos que Karen não quisesse permanecer em Santo Anselmo por mais tempo. Teria sido tentador falar do homicídio com outra mulher da sua idade, mas, por outro lado, poderia constituir uma grave imprudência. Karen podia fazer-lhe perguntas acerca do modo como ela descobrira o corpo do arcediogo, às quais Emma teria dificuldade em não responder. Todos os restantes residentes de Santo Anselmo se haviam mostrado escrupulosos na sua reserva, mas alguma coisa lhe dizia que a reserva e a discrição não eram qualidades que se aplicassem a Karen Surtees. Intrigada por aquela estranha conversa, Emma seguiu o seu caminho. De todas as perguntas que Karen lhe podia ter feito, as que formulara eram aquelas que Emma nunca esperara ouvir.

Era uma e um quarto da tarde quando Kate e Robbins regressaram a Santo Anselmo. Dalglish pôde perceber que Kate, ao fazer o relatório, tentava ocultar a sua excitação. Costumava ser reservada e muito profissional nos seus momentos de maior êxito, mas o entusiasmo era patente na sua voz e no seu olhar, e Dalglish sentia-se contente por isso. Talvez Kate voltasse a ser a mesma de sempre, para quem trabalhar na Polícia era mais do que um dever, mais do que um salário adequado e uma promoção em perspectiva, mais do que uma escada para a fazer sair da sua infância pobre. Dalglish ansiara por ver novamente a velha Kate que conhecia.

Ela havia-lhe telefonado para o informar sobre o casamento. Assim que Kate e Robbins se tinham despedido de Miss Fawcett, Dalglish dera-lhes instruções para que obtivessem uma cópia da certidão de casamento e regressassem a Santo Anselmo o mais depressa possível. Depois de consultar o mapa rodoviário, Kate descobrira que Clampstoke-Lacey ficava apenas a vinte quilómetros dali e pensou que seria mais sensato começarem, primeiro, pela igreja.

Contudo, não tiveram sorte. St. Osyth fazia agora parte de um vicariato conjunto e, enquanto aguardava pelo novo vigário, um padre celebrava temporariamente a missa ali, bem como em outras igrejas. Tinha saído, para fazer a sua ronda de visitas, e a sua jovem esposa não sabia onde se encontravam os registros da paróquia. Na realidade, parecia nem sequer saber do que se tratava e, um pouco atrapalhada, sugeriu-lhes que esperassem pelo regresso do marido, que devia voltar pouco antes do jantar, a não ser que um dos seus paroquianos o convidasse. Se fosse esse o caso, então ele provavelmente telefonar-lhe-ia, se bem que, por vezes, estivesse tão absorvido pelos problemas da paróquia que se esquecia de a avisar. O ligeiro rancor que Kate detectou na voz da jovem mulher do padre dava a entender que era costume ele esquecer-se de avisá-la quando não vinha jantar a casa. Assim, o melhor plano, agora, parecia ser o de ir até ao cartório, em Norwich; Ali, a sorte sorriu-lhes, e conseguiram obter uma cópia da certidão de casamento.

Nesse meio-tempo, Dalgliesh telefonara a Paul Perronet, porque tinha duas perguntas importantes a fazer-lhe, antes de falar com George Gregory. A primeira dizia respeito às estipulações exatas do testamento de Miss Arbuthnot. A segunda estava relacionada com as alíneas de uma lei e com a data em que entrara em vigor.

Kate e Robbins, que não haviam querido perder mais tempo almoçando em caminho, tragaram avidamente os pãozinhos de queijo e o café que Mrs. Pilbeam lhes trouxera.

Agora, podemos deduzir porque foi que a Margaret Munroe se lembrou do casamento explicou Dalgliesh. Ela tinha estado a escrever o seu diário, revivendo o passado, e duas imagens vieram-lhe simultaneamente à memória: a do Gregory, na praia, tirando a luva da mão esquerda e tomando a pulsação do Ronald Treeves, e a página com as fotografias de noivos, no Sole Bay Weekly Gazette, que ela acabara de ver quando o Surtees lhe trouxera os alhos porros embrulhados em papel de jornal. Foi a fusão da morte com a vida. No dia seguinte, telefonou a Miss Fawcett, não do instituto onde alguém poderia escutar a conversa, mas de uma cabina, em Lowestoft, e obteve a confirmação daquilo de que já suspeitava: o nome da noiva. Foi então que falou com a pessoa a quem a sua descoberta dizia respeito. E só duas pessoas se enquadram nessa situação: o George Gregory e o Raphael Arbuthnot. Poucas horas depois de falar com essa pessoa, a Margaret Munroe estava morta.

Dobrando a cópia da certidão de casamento, prosseguiu:

Falaremos com o Gregory na casa dele e não aqui. Quero que me acompanhe, Kate. O carro dele está estacionado em frente da vivenda; se ele saiu, não deve ter ido muito longe.

Mas o casamento não fornece um móbil ao Gregory para assassinar o arcediogo Crampton replicou Kate. Devia ter ocorrido há vinte e cinco anos atrás. O Raphael Arbuthnot não poderá herdar o património. O testamento estipula que ele tem de ser filho legítimo, de acordo com a lei inglesa.

Mas é exatamente no que o casamento dos pais o torna: num herdeiro legítimo, de acordo com a lei inglesa.

Gregory devia ter acabado de chegar, porque, quando abriu a porta, vestia um fato de treino preto e tinha uma toalha à volta do pescoço. O cabelo estava molhado e a camisola de algodão, colada ao seu tronco.

Não se afastando para deixá-los entrar, perguntou:

Ia tomar banho. É urgente?

Deixava transparecer claramente que aquela visita era tão inoportuna como a de um vendedor ambulante e, pela primeira vez, Dalgliesh viu, no olhar do professor de Grego, o desafio de um antagonismo que Gregory nem sequer tentava ocultar.

Sim, é urgente replicou. Podemos entrar? Conduzindo-os à varanda envidraçada, Gregory exclamou:

Tem o ar de um homem que, finalmente, fez alguns progressos, inspetor. Alguns poderiam dizer que já não era sem tempo. Esperemos que não acabe no "Lamaçal do Desânimo"...

Fez-lhes sinal para que ocupassem o sofá enquanto se sentava atrás da secretária, girando a cadeira, com as pernas estendidas. Depois, começou a esfregar vigorosamente o cabelo com a toalha.

Não tirando a certidão de casamento do bolso, Dalgliesh anunciou:

O senhor casou-se com Clara Arbuthnot, a vinte e sete de abril de mil novecentos e oitenta e oito, na Igreja de St. Osyth, em Clampstoke-Lacey, Norfolk. Porque não mo disse? Acreditava, porventura, que as circunstâncias desse casamento não seriam relevantes para a nossa investigação?

Gregory manteve-se calado durante breves segundos, mas quando falou, por fim, a sua voz era calma. Dalgliesh perguntou a si mesmo se o professor não se tinha já preparado, havia muito, para aquela confrontação.

Suponho que, ao referir-se às circunstâncias do casamento, está a pensar no significado da data. Não lhe falei nisso por achar que não lhe dizia respeito. Esta é a primeira razão. A segunda é que prometi à minha mulher que o nosso casamento seria mantido em segredo até que eu informasse o nosso filho... e, sim, o Raphael é meu filho. A terceira razão é que não lhe revelei a verdade por julgar que o momento certo ainda não tinha chegado. Contudo, quer-me parecer que estão a forçar a minha decisão.

Alguém em Santo Anselmo sabe do seu casamento? perguntou Kate.

Gregory fitou-a como se só naquele momento se tivesse dado conta da sua presença e não gostasse do que via.

Ninguém. Como é óbvio, vão ter de sabê-lo, e irão culpar-me por ter mantido o Raphael na ignorância da verdade durante tanto tempo. E a eles, também. Sendo a natureza humana como é, provavelmente ser-lhes-á difícil perdoarem-me e não me vejo a habitar esta vivenda por muito mais tempo. Mas, como apenas aceitei o lugar de professor para conhecer melhor o meu filho, e Santo Anselmo está condenado a encerrar as suas portas, isso agora já pouco importa. No entanto, gostava de concluir este episódio da minha vida de uma forma mais agradável e na altura que eu achasse propícia.

Mas qual a razão de todo esse segredo? quis saber Kate. Até mesmo os empregados da casa de saúde não sabiam de nada. Porque se deram ao trabalho de casar, se ninguém devia sabê-lo?

Pensava que já o tinha deixado bem claro. O Raphael devia saber a verdade, mas somente quando eu achasse ser o momento certo. Nunca me passou pela cabeça que estaria

envolvido na investigação de um homicídio e veria a Polícia a vasculhar a minha vida privada. Em meu entender, o momento próprio para revelar a verdade ao Raphael ainda não chegou, mas suponho que os senhores terão todo o gosto em lhe contar o que descobriram.

Não replicou Dalgliesh. Essa responsabilidade é sua, não nossa.

Os dois homens, então, entreolharam-se.

Julgo que têm o direito a uma explicação, tanto quanto me for possível dá-la anunciou, por fim, Gregory. Saberão melhor do que muitos outros que os nossos motivos raramente são simples e nunca tão puros quanto parecem. Conhecemo-nos em Oxford, quando eu era professor dela. Era uma rapariga de dezoito anos, muito atraente, e, quando deixou bem claro que queria envolver-se comigo, não consegui resistir. O nosso romance revelou-se um desastre humilhante. Não me tinha apercebido de que ela tinha dúvidas quanto à sua sexualidade e me usava apenas como objeto de experiência. Foi infeliz na sua escolha. Eu podia ter sido mais sensível e criativo, mas, na minha ingenuidade, não encarava o ato sexual como um exercício de acrobacia. Além do mais, era muito novo e, talvez, também um pouco afetado para encarar filosoficamente um fracasso sexual. Podemos aceitar certas coisas, mas tudo se complica quando a nossa parceira revela nojo. Penso que fui rude com ela. Só me disse que estava grávida quando já era tarde de mais para fazer um aborto. Tenho idêia de que tentava convencer-se de que não lhe estava a acontecer aquilo. Não era propriamente uma rapariga sensata. O Raphael herdou a sua beleza mas não a sua inteligência. Nunca se pôs a hipótese de um casamento; a idêia de um tal compromisso sempre me apavorou ao longo de toda a minha vida. Além de que ela não escondia o quanto me odiava. Quando o bebê nasceu, não me disse nada. Só me escreveu, mais tarde, para me informar de que dera à luz um menino e que o abandonara à porta de Santo Anselmo. Depois, partiu para o estrangeiro com uma companheira e nunca mais nos vimos.

”Assim, perdi o contacto com a Clara, mas ela deve ter tentado descobrir onde eu vivia porque, no princípio de Abril de mil novecentos e oitenta e oito, escreveu-me, dizendo-me que estava a morrer e solicitando que fosse visitá-la à Casa de Saúde Ashcombe, nos arredores de Norwich. Foi então que me pediu que eu casasse com ela.”

A explicação que me deu foi que era pelo bem do seu filho. Penso que, por aquela altura, ela tinha encontrado Deus. Parece ser uma tendência dos Arbuthnot encontrar Deus nas alturas mais impróprias para o resto da família...

Mas qual a razão de todo esse segredo em relação ao casamento? tornou a perguntar Kate.

Foi ela que insistiu. Tratei de todos os preparativos e limitei-me a telefonar para a casa de saúde a perguntar se podia levá-la a passear. A enfermeira que cuidava dela também estava a par do nosso segredo e foi uma das testemunhas. Lembro-me de que houve alguns problemas quanto à segunda testemunha, mas uma mulher que tinha estado na casa de saúde para uma entrevista de emprego aceitou ajudar-nos. O padre que Clara, entretanto, conhecera também se encontrava internado e dava-lhe aquilo a que chamam apoio espiritual. Era padre da Igreja de St. Osyth, em Clampstoke-Lacey. Conseguiu obter a autorização do arcediogo, a fim de que os banhos não corressem. Casamo-nos e, depois,

levei a Clara de volta para a casa de saúde. Ela pediu-me que guardasse a certidão de casamento e ainda a tenho. Morreu três dias depois. A enfermeira que tratava dela escreveu-me, dizendo que a Clara morreria sem sofrimento, porque o casamento lhe trouxera paz de espírito. Fiquei feliz por ver que o ato produzira alguma diferença, pelo menos, para um de nós, já que o casamento não teve qualquer efeito na minha vida. A Clara pediu-me que dissesse ao Raphael a verdade quando eu achasse chegado o momento certo.

E o senhor esperou doze anos. Alguma vez tencionava realmente dizer-lhe?

Não necessariamente. Não fazia tenção de atrapalhar a minha vida com um filho adolescente nem, tão pouco, queria atrapalhar a dele, dizendo-lhe que tinha um pai. Nada fiz por ele, nem participei da sua educação. Parecia-me ignóbil da minha parte apresentar-me, de repente, ao Raphael como se o meu objetivo fosse julgá-lo e verificar se era merecedor de ser reconhecido como meu filho.

Mas, na prática, não foi isso o que acabou por fazer? comentou Dalglish.

Assumo a minha culpabilidade. Descobri, no meu íntimo, uma certa curiosidade, ou talvez fosse o sangue a falar... Afinal, a paternidade é a nossa única hipótese de obter a imortalidade. Fiz algumas discretas investigações e descobri que o Raphael passara dois anos no estrangeiro, depois de terminar os estudos na universidade, e que, quando regressara, anunciara a sua intenção de se tornar padre. Como não se formara em Teologia, tinha de tirar o curso, com duração de três anos. Então, há seis anos atrás, passei uma semana aqui, como hóspede. Mais tarde, quando soube que havia uma vaga para o lugar, a tempo parcial, de professor de Grego, candidatei-me.

O senhor sabe que Santo Anselmo vai inevitavelmente encerrar replicou Dalglish. Após a morte do Ronald Treeves e o homicídio do arcediogo, o encerramento dar-se-á mais cedo do que o previsto. Por conseguinte, deve ter noção de que tinha um motivo para desejar a morte do arcediogo, não é verdade? Tanto o senhor como o Raphael, aliás. O seu casamento foi efetuado depois da entrada em vigor da lei, de mil novecentos e setenta e seis, sobre a legitimidade que torna o seu filho herdeiro legítimo. A alínea dois dessa mesma lei estipula que, se os pais de um herdeiro ilegítimo se casarem e se o pai tiver domicílio na Inglaterra ou no País de Gales, essa pessoa torna-se herdeira legítima a partir da data do casamento dos pais. Conferi as estipulações do testamento de Miss Agnes Arbuthnot. Se o instituto encerrar, tudo o que foi doado por ela será partilhado pelos descendentes de seu pai, tanto do sexo masculino como feminino, desde que sejam membros praticantes da Igreja Anglicana e filhos legítimos, aos olhos da lei inglesa. O Raphael Arbuthnot é o único herdeiro. Vai dizer-me que não o sabia?

Pela primeira vez, Gregory deixou cair a sua estudada máscara de desprendimento irônico.

O rapaz não o sabe replicou, num tom de voz peremptório. Se aceito e até compreendo que, para os senhores, eu seja um conveniente suspeito, recuso-me a acreditar que, mal grado toda a vossa inteligência, possam apresentar um motivo, no caso do Raphael.

Havia, claro, outros motivos para além do financeiro, mas Dalgliesh achou melhor não os explorar.

Só temos a sua palavra de que ele não sabe ser o herdeiro contrapôs Kate.

Gregory, levantando-se, avançou para ela.

Então, mandem-no chamar e eu conto-lhe tudo, aqui e agora.

Acha que é uma atitude sensata ou generosa da sua parte? interveio Dalgliesh.

Quero lá saber se o é ou não! Nunca permitirei que o Raphael seja acusado de homicídio. Mandem-no chamar que eu revelar-lhe-ei toda a verdade. Primeiro, todavia, vou tomar banho. Não faço tenção de me apresentar ao Raphael como seu pai, quando tresandando a suor.

Dito isto, desapareceu no interior da casa e ouviram-no subir a escada.

Dalgliesh virou-se para Kate.

Vá ter com o Nobby Clark e diga-lhe que precisamos de um saco de amostras. Quero que ele examine aquele fato de treino. E peça ao Raphael para vir até cá, daqui a cinco minutos.

Acha mesmo necessário, chefe? perguntou Kate.

Sim, para bem dele. O Gregory tem razão: a única maneira de nos convencer de que o Raphael Arbuthnot ignora o seu parentesco é estarmos presentes quando ele o souber.

Kate regressou com o saco de amostras, passados poucos minutos. Gregory ainda estava a tomar banho.

Falei com o Raphael e ele estará aqui dentro de cinco minutos anunciou.

Aguardaram em silêncio. Dalgliesh olhou em seu redor e, depois, para o escritório, por entre a porta entreaberta; o computador em cima da secretária, de frente para a parede, as prateleiras onde os volumes com capa de couro estavam meticulosamente alinhados. Nada ali era supérfluo. Não havia ornamentos nem peças a mais. Era o santuário de um intelectual que prezava o conforto e a ordem. Dalgliesh não pôde deixar de pensar que toda aquela aparente ordem iria ser perturbada.

Ouviram, então, uma porta abrir-se, e Raphael surgiu na varanda. Poucos segundos mais tarde, foi a vez de Gregory que, agora, usava calças e camisa azul, engomada, mas ainda tinha o cabelo despenteado.

Talvez fosse melhor sentarmo-nos pediu.

Depois de todos se sentarem, Raphael, intrigado, olhou para Gregory e, em seguida, para Dalglish, mas manteve-se calado. Gregory fitou o filho.

Há uma coisa que tenho de te dizer: este momento não foi da minha escolha, mas como a Polícia se interessou mais pela minha vida privada do que eu esperava, não me resta qualquer alternativa. Casei-me com a tua mãe no dia vinte e sete de Abril de mil novecentos e oitenta e oito. Deves sentir que esta confissão devia ter ocorrido há vinte e seis anos atrás. Não sei como to dizer sem parecer melodramático, mas sou o teu pai, Raphael.

Raphael fixou o olhar em Gregory.

Não acredito. Não é verdade.

Era a reação natural perante uma notícia chocante e inesperada. Depois, num tom de voz mais alto, repetiu:

Não acredito.

Contudo, o seu rosto revelava uma realidade diferente. A cor desaparecera gradualmente das suas faces e pescoço, e esse fato era tão visível que parecia que a circulação normal do sangue se havia invertido. Raphael levantou-se e, petrificado, olhou para Dalglish e Kate como se procurasse, desesperado, alguém que negasse aquela revelação. Os músculos do seu rosto pareciam ter-se encolhido, por baixo de rugas vincadas. Por breves momentos, Dalglish viu, pela primeira vez, alguma semelhança entre pai e filho, mas não teve tempo de fixá-la.

Não seas enfadonho, Raphael ripostou Gregory. Estou certo de que podemos representar esta cena sem ter de recorrer a Mistress Henry Wood. Sempre detestei o melodrama vitoriano. Achas que seria o tipo de coisa com que iria brincar? O inspetor Dalglish tem em seu poder uma cópia da certidão de casamento.

Isso não significa que o senhor seja meu pai.

A tua mãe só teve relações sexuais com um homem, em toda a sua vida. E esse homem fui eu. Reconheci a minha responsabilidade numa carta que escrevi à tua mãe. Por qualquer motivo, exigiu-me que eu admitisse, por escrito, esse meu momento de loucura. Após nos casarmos, ela deu-me toda a correspondência que havíamos trocado. Depois, há ainda o teste de paternidade. Duvido que possam contestar-se esses fatos. Fez uma pausa, antes de acrescentar: Lamento que esta notícia te repugne tanto.

O tom de voz de Raphael era tão distante e frio que mal se percebeu o que disse a seguir.

O que aconteceu? A história do costume, com certeza. Levou-a para a cama, engravidou-a, descobriu que a idéia de se casar e de ser pai não lhe agradava e abandonou-a, não foi?

Não propriamente. Nem eu nem a tua mãe queríamos ter filhos e a hipótese do casamento nunca nos passou pela cabeça. Eu era mais velho do que ela e penso que tenho mais culpas por isso. A tua mãe tinha apenas dezoito anos. A tua religião não se baseia num ato de perdão cósmico? Então, porque não lhe perdoas? Ficaste melhor entregue àqueles padres do que se tivesses vivido com ela ou comigo.

Seguiu-se um longo silêncio, até que, por fim, Raphael comentou:

Eu teria sido o herdeiro de Santo Anselmo. Gregory olhou para Dalglish, que disse:

E é o herdeiro, a não ser que me tenha escapado algum pormenor legal. Já consultei os advogados. A Agnes Arbuthnot escreveu, no seu testamento, que, se um dia o instituto fechasse, tudo o que ela tinha doado deveria ser herdado pelos herdeiros legítimos de seu pai, tanto do sexo masculino como do feminino, desde que fossem membros ativos da Igreja Anglicana. Não escreveu "nascidos após celebrado o casamento", mas "herdeiros legítimos segundo a lei inglesa". Os seus pais casaram-se depois da entrada em vigor da lei sobre a legitimidade, de mil novecentos e setenta e seis, o que o torna herdeiro legítimo.

Raphael avançou para a janela virada a sul e ali ficou, fitando, em silêncio, o promontório.

Acabarei por me conformar, mas já me havia habituado a ter uma mãe que me abandonara, como uma trouxa de roupa velha, numa instituição de caridade. Tinha-me habituado a desconhecer o nome de meu pai e a pensar que ele já não era vivo. Estava habituado a ter crescido num instituto teológico, enquanto os meus colegas tinham um lar. Agora, tudo o que lhe peço é que não tenha nunca mais de o ver. Dalglish perguntou a si mesmo se Gregory tinha detectado a emoção, rapidamente controlada, que transparecera por breves instantes no tom de voz do filho. Pode tratar-se disso replicou Gregory, mas agora não, porque deduzo que o inspetor Dalglish queira que eu permaneça aqui. É que esta excitante novidade conferiu-me um móbil, e a ti também.

Raphael virou-se e fitou Gregory.

Matou-o?

Não. E tu?

Meu Deus, tudo isto é ridículo! exclamou o rapaz, virando-se de seguida para Dalglish. Pensava que o seu dever era investigar um homicídio e não intrometer-se na vida das pessoas.

Lamento, mas não são raras as vezes em que as duas coisas se interligam.

Dalglish lançou um olhar a Kate, e os dois afastaram-se em direção à porta.

Como já deve calcular comentou Gregory, é preciso informar o Sebastian Morell. Preferia que deixasse esse assunto comigo ou com o Raphael. Depois, virou-se para o filho. Não te importas?

Eu não vou dizer nada respondeu o rapaz. Diga-lhe o que muito bem entender, porque é um assunto que me é completamente indiferente. Há dez minutos atrás, eu não tinha pai, e não é agora que tenho um.

Dirigindo-se a Gregory, Dalglish perguntou:

Quanto tempo pretende esperar? Não vai poder fazê-lo indefinidamente.

E nem vou fazê-lo, se bem que, ao fim de doze anos, uma semana a mais ou a menos me pareça irrelevante. Mas prefiro nada dizer ao Morell enquanto a vossa investigação não estiver concluída, se é que isso virá a acontecer. Dir-lhe-ei no fim da semana. Penso que tenho o direito de escolher o lugar e a hora.

Raphael já saíra da vivenda e, pelas janelas, manchadas pela umidade da brisa marítima, puderam ver que ele se encaminhava para o mar.

Ele estará bem? inquietou-se Kate. Não seria melhor alguém ir atrás dele?

Vai sobreviver replicou Gregory. Não é o Ronald Treeves, que, apesar de ter pena de si próprio, sempre foi poupado em toda a sua vida, ao passo que o meu filho se fortaleceu com um amor próprio saudável.

Quando chamaram Nobby Clark para que guardasse o casaco, Gregory não se opôs e observou, divertido, o sargento a enfiá-lo no saco de plástico e a etiquetá-lo. Depois, acompanhou Dalglish, Kate e Clark até à porta, com tanta formalidade como se estivesse a despedir-se de hóspedes que estimava.

De regresso à Vivenda São Mateus, Kate, muito pensativa, comentou:

É um motivo... O que torna o Gregory o nosso principal suspeito, se bem que isso não faça sentido, pois não? Quero dizer, não restam dúvidas de que o instituto vai fechar, mas, de qualquer maneira, o Raphael teria herdado tudo, afinal. Não havia razão para que o Gregory apressasse o processo...

Olhe que havia... replicou Dalglish. Pense bem, Kate. Não deu qualquer explicação para aquele seu misterioso reparo e Kate sabia que de nada lhe serviria perguntar ao chefe em que estava a pensar.

Quando chegaram à Vivenda São Mateus, Piers surgiu à porta.

Ia telefonar-lhe agora mesmo, chefe exclamou. Recebemos uma chamada do hospital. O inspetor Yarwood já pode receber visitas. Sugeriram que deixássemos para amanhã de manhã a nossa entrevista, quando ele se sentir com mais força.

”Todos os hospitais”, pensou Dalglish, ”seja qual for sua a situação ou arquitetura, são essencialmente iguais: o mesmo cheiro, a mesma pintura, os mesmos sinais que indicam

aos visitantes o caminho para as enfermarias, os mesmos quadros inofensivos nos corredores, para tranquilizar e não inquietar, os mesmos visitantes com flores e embrulhos à volta das camas dos seus familiares, o mesmo pessoal numa variedade de uniformes, movendo-se decididamente no seu habitat natural, os mesmos rostos cansados.” Quantos hospitais havia ele visitado, na sua carreira, para ficar de guarda a prisioneiros ou testemunhas, para anotar depoimentos num leito de morte, para interrogar médicos com outras preocupações mais imediatas em mente do que as suas?

Quando se aproximaram da enfermaria, Piers comentou:

Tento fugir destes lugares. Apanhamos infecções incuráveis e, se não ficamos cansados com os nossos visitantes, são os dos outros doentes que nos matam de exaustão. Depois, não se dorme bem e a comida é intragável.

Olhando para o assistente, Dalgliesh suspeitou de que, por trás daquelas palavras, se escondia uma repugnância mais profunda, beirando a fobia.

Os médicos são como a Polícia. Pensamos que não precisamos deles até chegar a altura e, depois, esperamos que eles façam milagres. Quero que fique lá fora enquanto falo com o Yarwood, pelo menos de início. Se eu precisar de uma testemunha, mando-o chamar. Vou ter de ir com calma.

Um médico interno, parecendo ridiculamente novo, com um estetoscópio à volta do pescoço, confirmou que o inspetor Yarwood estava apto a ser entrevistado e conduziu-os a uma ala lateral, mais pequena do que as restantes. À porta, um agente uniformizado mantinha-se de guarda. Levantou-se prontamente quando os viu aproximarem-se e pôs-se em sentido.

Agente Lane, não é verdade? perguntou Dalgliesh. Não me parece que a sua presença seja mais necessária, logo depois que souberem que já falei com o inspetor Yarwood. Julgo que está ansioso por sair daqui.

Efetivamente... É que temos poucos homens no ativo. ”E quem não tem?”, pensou Dalgliesh.

A cama de Yarwood estava posicionada de forma a dar-lhe uma vista dos telhados nivelados dos prédios suburbanos. Tinha uma perna suspensa no ar, por meio de uma roldana. Após o haver encontrado, de passagem, em Lowestoft, Dalgliesh tinha apenas visto o inspetor uma vez, em Santo Anselmo. Já naquela altura ficara impressionado com o ar resignado daquele homem. Agora, parecia ter encolhido fisicamente, e a sua resignação dera lugar à expressão de um homem derrotado pela vida. Os hospitais não abalam alguém apenas fisicamente. Ninguém consegue transmitir uma sensação de autoridade, estendido naquelas camas funcionais e estreitas. Yarwood estava diminuído, tanto física como psicologicamente, e, quando os seus olhos escuros se fixaram em Dalgliesh, revelaram uma expressão de vergonha e de humilhação perante o que o destino lhe havia reservado.

Era impossível evitar a primeira pergunta, depois de trocarem um aperto de mão.

Como se sente, hoje?

Yarwood, contudo, não optou por uma resposta direta.

Se o Pilbeam e aquele rapaz não me tivessem encontrado no momento certo, já não estaria neste mundo. Teria sido o fim de tudo aquilo que sinto, o fim da minha claustrofobia. Teria sido melhor para a Sharon, para as crianças, e até para mim. Desculpe se lhe pareço chorão. Quando caí naquela ravina e antes que perdesse os sentidos, não senti dor nem medo. Apenas uma sensação de paz. Não teria sido uma morte muito má. A verdade, Mister Dalgliesh, é que eu preferia que me tivessem deixado naquela ravina.

Mas eu não. Já tivemos mortes que bastem em Santo Anselmo replicou Dalgliesh, não querendo dizer àquele homem que, entretanto, ocorrera uma outra.

Yarwood contemplou os telhados dos prédios.

Não teria mais de passar pelo que passei nem de me sentir um fracassado.

Procurando palavras de conforto, mesmo sabendo que não as encontraria, Dalgliesh replicou:

O senhor tem de se mentalizar de que, independentemente de todos os problemas que tenha, de momento, o seu tormento não durará para sempre. Nada é eterno.

Mas pode piorar. Custa a crer, mas é verdade.

Só se o permitir.

Fez-se uma pausa e, depois, fazendo um esforço, Yarwood retorquiu:

Talvez tenha razão. Desculpe se o desiludi. Afinal, o que aconteceu, ao certo? Sei que o Crampton foi assassinado, mais nada. Até agora, têm conseguido manter os pormenores do homicídio fora do alcance dos jornais nacionais e a rádio local só relatou os fatos. O que aconteceu? Creio que, após a descoberta do corpo terá ido procurar-me e só então se deu conta de que eu havia desaparecido. O que deve ter complicado ainda mais as coisas para si... Um assassino por perto e o único homem que podia dar-lhe alguma ajuda, a nível profissional, a posicionar-se como principal suspeito... Sei que vai parecer-lhe estranho, mas não consigo ter qualquer interesse pelo caso. Logo eu, que costumava ser um profissional a quem acusavam de demasiado zeloso. A propósito, não fui eu que o matei.

Nem nunca tal coisa me passou pela cabeça. O Crampton foi encontrado na igreja e, até agora, tudo indica que tenha sido atraído até lá. Se o senhor quisesse matá-lo, bastar-lhe-ia bater à porta do quarto dele.

Mas isso também se aplica a todos os outros residentes do instituto.

O assassino queria incriminar Santo Anselmo. O seu propósito era o de que o arceidiago fosse a principal, mas não a única vítima; não me parece que o senhor quisesse destruir a reputação do instituto...

Nova pausa. Yarwood fechou os olhos e abanou agitadamente a cabeça na almofada.s.

Não, nunca haveria de desejar tal coisa. Gosto muito daquele lugar e, agora, também o prejudiquei.

Não é assim tão fácil prejudicar Santo Anselmo. Como conheceu os padres?

Foi há cerca de três anos. Nessa altura, tinha acabado de ser nomeado sargento da Polícia de Suffolk. O padre Peregrine bateu contra outro carro, na estrada de Lowestoft. Não houve feridos, mas eu tive de interrogá-lo. Ele é muito distraído para ser bom condutor e consegui persuadi-lo a deixar de conduzir. Penso que os outros padres me ficaram agradecidos. De qualquer maneira, não se opuseram nem ficaram aborrecidos quando comecei a aparecer por lá. Não sei o que há naquele lugar, mas fazia sentir-me diferente. Quando a Sharon me deixou, comecei a ir até Santo Anselmo, aos domingos de manhã, para assistir à missa. Não sou crente nem fazia idéia do que se passava, durante a missa, mas isso não tinha importância. Sentia-me bem ali. Os padres sempre se mostraram bondosos para comigo. Não me faziam perguntas nem me pediam para que eu desabafasse com eles. Aceitavam-me tal como eu era. Passei por tudo e mais alguma coisa: médicos, psiquiatras e psicólogos. Mas, em Santo Anselmo, era diferente. Não, nunca faria fosse o que fosse para prejudicar o instituto. Não pude deixar de reparar que há um agente à porta do meu quarto... Não sou assim tão estúpido... Um pouco louco, mas estúpido, não. Parti a perna, não a cabeça...

Ele está aqui para sua proteção. Eu não fazia idéia do que viu e que provas podia fornecer-me, e alguém podia querer eliminá-lo.

Não estará a exagerar?

Talvez, mas preferi não arriscar. Consegue lembrar-se do que, aconteceu no sábado à noite?

Sim, até ter perdido os sentidos na ravina. Tenho uma vaga idéia de ter caminhado, mesmo com aquele vendaval... Pareceu-me um passeio mais curto do que na realidade foi... No entanto, lembro-me perfeitamente de tudo o resto ou, pelo menos, da maior parte.

Comecemos, então, pelo princípio. A que horas saiu do seu quarto?

Por volta da meia-noite e cinco. A tempestade acordou-me. Dormitava, mas não adormecera profundamente. Acendi a luz e consultei o relógio. Deve saber o que é, quando temos uma noite agitada. Ficamos deitados na cama, na esperança de que seja mais tarde do que pensamos e de que falte pouco tempo para nascer o dia. Foi quando o pânico se apoderou de mim. Tentei combatê-lo. Fiquei deitado, a suar e hirto de medo. Tinha de sair daquele quarto, de Santo Anselmo. Teria a mesma reação em outro lugar qualquer. Penso que vesti um casaco por cima do pijama e calcei os sapatos, mas não as meias. Não consigo

lembrar-me dessa parte. O vento não me preocupava. De certa forma, até ajudava. Teria saído, mesmo que nevasse.

E saiu por onde?

Pelo portão de ferro que separa a igreja do quarto de Santo Ambrósio. Tenho uma chave. Todos os visitantes recebem uma chave do portão, como deve saber.

Encontramos o portão trancado. Lembra-se se o trancou?

Devo tê-lo feito, não é verdade? Até porque é aquele tipo de coisas que fazemos maquinalmente.

Viu alguém a rondar a igreja?

Não. O átrio estava vazio.

E não ouviu nada? Não viu luzes acesas? Não reparou, por exemplo, se a porta da igreja estava aberta?

Nada ouvi a não ser o vento e não me parece que houvesse luzes acesas na igreja. Se havia, não reparei. Penso que teria reparado se a porta da igreja se encontrasse totalmente aberta, mas já não posso dizer o mesmo, se estivesse apenas entreaberta. No entanto, vi alguém, mas não perto da igreja. Quando passei em frente da porta do quarto de Santo Ambrósio, vi o Eric Surtees, mas, repito, ele não se achava perto da igreja. Encontrava-se no claustro norte e preparava-se para entrar na mansão.

Não lhe pareceu estranho?

Nem por isso. Não consigo descrever-lhe o que senti naquele momento. Respirar em pleno ar livre, a sensação de me achar longe do espaço restrito do meu quarto... Se tivesse pensado no Surtees, teria concluído naturalmente que alguém o mandara chamar para reparar algum eletrodoméstico ou coisa parecida. Afinal, ele é o homem dos sete ofícios em Santo Anselmo.

Depois da meia-noite, a meio de uma tempestade?

O silêncio imperou mais uma vez. Não deixava de ser interessante, pensou Dalglish, como as suas perguntas, longe de preocuparem Yarwood, pareciam tê-lo animado e feito esquecer, pelo menos temporariamente, o peso das suas preocupações.

Mas ele é um improvável homicida, não concorda? exclamou Yarwood. É um tipo afável, simples, que está sempre pronto a ajudar os outros. Tanto quanto sei, não tinha motivos para odiar o Crampton. De qualquer maneira, ele ia entrar na mansão, não na igreja. E que estaria ali a fazer se ninguém chamara?

Talvez tivesse ido buscar as chaves da igreja, por saber onde iria encontrá-las.

Então, seria um pouco disparatado da sua parte. E porquê tanta pressa? Não devia pintar a sacristia na segunda-feira? Tenho idéia de o Pilbeam me dizer qualquer coisa acerca disso. Se o Surtees queria a chave da igreja, porque não a fora buscar antes? Ele podia entrar na mansão quando muito bem lhe apetecesse.

Seria mais arriscado. O ordinando que ficara de preparar a igreja para as completas teria reparado que faltava um molho de chaves.

Muito bem, sou forçado a concordar consigo quanto a esse ponto. Mas o seu argumento aplica-se tanto ao Surtees como a mim. Se o Surtees queria confrontar o Crampton, sabia onde encontrá-lo, como sabia, também, que a porta do quarto de Santo Agostinho estaria aberta.

Tem a certeza de que era o Surtees? A ponto de o afirmar em julgamento, se for necessário? Afinal, já passava da meia-noite e não se sentia muito bem...

Tenho a certeza absoluta. Já o vi as vezes suficientes para conseguir reconhecê-lo. A iluminação do claustro não era das melhores, mas não me enganei. Manteria esta minha afirmação num julgamento, mesmo que fosse sujeito a vários interrogatórios, se é aí que quer chegar. Não que servisse de grande coisa... Parece que já estou a ver o advogado de defesa a virar-se para o júri, na sua alegação final. Fraca visibilidade. Uma figura vista apenas por breves segundos. O testemunho de um homem muito perturbado psicologicamente e suficientemente louco para ir dar um passeio numa noite de tempestade. E, depois, o toque final: a prova de que, ao contrário do Surtees, eu antipatizava com o Crampton.

Yarwood, agora, começava a mostrar sinais de cansaço. O seu súbito interesse pela investigação parecia tê-lo deixado exausto. Chegara o momento de Dalgliesh se retirar, e sentia-se ansioso por sair dali com a nova informação que obtivera. Antes, porém, tinha de se certificar se não havia mais nada que Yarwood pudesse revelar-lhe.

Como já deve calcular disse, vamos precisar de um depoimento, mas não é urgente. A propósito, faz idéia do que terá provocado o seu ataque de pânico? A discussão com o Crampton, à hora do chá, no sábado?

Já está a par disso? Claro que sim. Não estava à espera de ver o Crampton em Santo Anselmo e penso que também terá sido um choque para ele. Não fui eu que comecei a discussão, foi ele. Pôs-se me acusar, tremendo de raiva, como se estivesse possesso. As suas acusações remontavam à altura em que a sua primeira mulher havia morrido. Eu ainda era detetive e foi o meu primeiro caso de homicídio.

Homicídio?

O Crampton matou a mulher, Mister Dalgliesh. Tinha a certeza naquela época, e continuo a ter a certeza agora. Sim, revelei excesso de zelo e quase dei cabo do inquérito. No fim, ele apresentou queixa por perseguição e recebi uma reprimenda, o que me prejudicou na minha carreira. Duvido que tivesse sido promovido a inspetor, se continuasse na Polícia

Metropolitana. Mesmo assim, tenho tanta certeza agora como tive naquela época de que ele matou a mulher e ficou impune.

Baseando-se em que provas?

Havia uma garrafa de vinho perto da cama dela. Morreu de uma overdose de aspirinas misturadas com álcool. Acontece que a garrafa fora limpa. Não sei como foi que ele conseguiu levá-la a engolir um frasco inteiro de aspirinas, mas tenho a certeza de que foi ele. E mentiu. Sei que ele mentiu. Afirmou que não tinha subido ao quarto da mulher e isso não é verdade.

Não digo que ele não tenha mentido. Pode ter, realmente, limpo a garrafa e ter-se aproximado da cama da mulher replicou Dalgliesh, mas isso não o converte num assassino. Pode muito bem ter entrado em pânico, ao encontrar a mulher morta. As pessoas têm comportamentos estranhos quando perdem o controle.

Ele matou-a, Mister Dalgliesh repetiu obstinadamente Yarwood. Estava espelhado na cara dele. Nos olhos dele. Mentiu, o que não significa que eu tenha querido vingar a morte da mulher dele.

E havia mais alguém que pudesse tê-lo feito? Ela tinha parentes próximos, irmãos mais novos, um antigo amante?

Ninguém, Mister Dalgliesh. Apenas os pais, que não me pareceram particularmente entristecidos com a morte da filha. A pobre coitada nunca chegou a ser justificada, nem eu. Não lamento a morte do Crampton, mas também não o matei. Nem me parece que tenha qualquer interesse em saber quem o matou, se o senhor descobrir quem foi.

Havemos de descobri-lo replicou Dalgliesh. Não pode esquecer-se de que é um oficial da Polícia. Não pode acreditar no que acaba de dizer. Eu mantenho-me em contato. Guarde para si o que me revelou, mas já sabe que o silêncio é de ouro.

Sei? Penso que não. Custa-me a crer que um dia retomarei as minhas funções.

E virou o rosto, num gesto de deliberada rejeição. Contudo, havia ainda uma última pergunta que Dalgliesh tinha de fazer.

Contou a alguém as suas suspeitas acerca do arcediogo, em Santo Anselmo?

Não. Nem era o tipo de conversa que eles apreciassem. De qualquer maneira, pertence ao passado. Nunca pensei que voltasse a ver aquele homem. Mas, agora, eles já sabem... se o Raphael Arbuthnot se deu ao trabalho de lhes contar.

O Raphael?

Ele estava no claustro sul quando o Crampton me abordou. O Raphael ouviu tudo.

Piers e Dalgliesh tinham ido até ao hospital no Jaguar do inspetor. Não falaram enquanto apertavam os cintos de segurança. Só quando saíram dos subúrbios da cidade Dalgliesh relatou resumidamente o que acabara de descobrir.

Depois de o escutar em silêncio, Piers comentou:

Não consigo ver o Surtees como um assassino, mas, se foi ele, então, não agiu sozinho. A irmã deve tê-lo ajudado. Custa-me a crer que tenha acontecido alguma coisa na Vivenda São João, no sábado à noite, sem que ela o soubesse. Mas porque haveriam eles de desejar a morte do Crampton? Provavelmente, sabiam que ele estava decidido a mandar encerrar Santo Anselmo, na primeira oportunidade que se lhe oferecesse. Isso não conviria ao Surtees... Parece levar uma vida muito agradável, naquela vivenda, com os seus porcos... Porém, não seria matando o arceidiago que impediria que o instituto fechasse. E se tinha assuntos pessoais a resolver com o Crampton, porque se deu ao trabalho de elaborar um esquema complexo para o atrair à igreja? Ele sabia que o Crampton estava a dormir, portanto, também devia saber que a porta do quarto dele se encontrava aberta.

Tal como sabiam todos os outros que se encontravam no instituto, incluindo os visitantes. Quem quer que tenha matado o Crampton, queria certificar-se de que nós pensaríamos que se tratava de um "caso interno". É algo que ficou estabelecido, desde o princípio. Mas não existe um motivo óbvio, no que diz respeito ao Surtees e àquela sua meia-irmã. No que diz respeito ao móbil, o George Gregory é o principal suspeito.

Aquelas considerações não precisavam ser reiteradas e Piers arrependeu-se de ter aberto a boca. Havia aprendido que, sempre que Adam Dalgliesh se remetia ao silêncio, era melhor ficar calado, especialmente quando nada havia de novo a acrescentar.

De volta à Vivenda São Mateus, Dalgliesh decidiu entrevistar os dois Surtees, na companhia de Kate. Chegaram cinco minutos mais tarde, escoltados por Robbins. Karen Surtees foi conduzida à sala de espera enquanto o seu irmão entrava na sala de interrogatórios.

Podia perceber-se que Eric Surtees estava na pocilga quando Robbins o fora buscar, e, quando entrou, trouxe consigo o cheiro forte, se bem que não desagradável de todo, de terra e de animais. Tivera apenas tempo para lavar as mãos que, agora, apertara e pousara sobre os joelhos. Estavam tão imóveis que pareciam em desacordo com o resto do corpo, fazendo lembrar a Dalgliesh dois animais pequenos, fechados sobre si mesmos e petrificados pelo medo. Surtees não tivera sequer tempo de consultar a irmã, e a forma como olhou para trás, quando a porta da sala se fechou, demonstrou quanto ele precisava da presença e do apoio da irmã. Sentado, como se fosse uma estátua, apenas os seus olhos se mexiam, ora fitando Dalgliesh, ora fitando Kate. Dalgliesh sabia reconhecer o medo e interpretá-lo. Sabia que o inocente era, freqüentemente, o que revelava maior medo, ao passo que o culpado, depois de preparar a sua versão, se mostrava ansioso por contá-la, revelando-se, durante o interrogatório, orgulhoso e quase arrogante e afastando qualquer manifestação embaraçosa de culpa ou de medo.

Não perdendo tempo com formalidades. Dalgliesh disse:

Quando os meus assistentes o interrogaram, no domingo, o senhor declarou não haver saído da Vivenda São João na noite de sábado. Vou fazer-lhe novamente a pergunta: depois das completas, no sábado, dirigiu-se ao instituto ou à igreja?

Surtees olhou, de relance, para a janela, como se procurasse um meio de fugir dali, mas, depois, forçou-se a encarar Dalglish.

Claro que não! respondeu, num tom de voz anormalmente estridente. Porque haveria de fazê-lo?

Mister Surtees, há uma testemunha que afirma tê-lo visto entrar em Santo Anselmo, pela porta do claustro norte, pouco depois da meia-noite. E não restam quaisquer dúvidas quanto à sua identificação.

Não era eu. Devia ser outra pessoa. Ninguém pode ter-me visto no instituto, porque eu não estava lá. É mentira.

No entanto, nem mesmo Surtees parecia convencido das suas negações.

Mister Surtees, quer que o prendamos por homicídio? perguntou Dalglish, num tom de voz paciente.

Surtees encolheu-se. Parecia, agora, um menino.

Sim, é verdade confessou, após um longo silêncio. Regressei ao instituto. Acordei, vi luzes na igreja e fui ver o que estava acontecendo.

E que horas eram quando reparou que havia luzes na igreja?

Passava pouco da meia-noite. Tinha-me levantado para ir ao banheiro e foi quando vi que havia luzes na igreja.

Kate interveio pela primeira vez.

As vivendas são todas construídas de acordo com o mesmo plano, Mister Surtees. Os quartos de dormir e os banheiros encontram-se nas traseiras. Na sua vivenda, dão para noroeste. Pode explicar-me como conseguiu ver a igreja dali?

Surtees umedeceu os lábios.

Tinha sede. Desci para ir beber um copo de água e vi a luz, pela janela da sala de estar. Pelo menos, foi o que pensei, a princípio, porque era muito tênue. Foi então que decidi ir ver o que se passava.

Não pensou em acordar a sua irmã ou em telefonar a Mister Pilbeam ou ao padre Sebastian? perguntou Dalglish. Era o mais natural...

Não queria incomodá-los.

Foi muito corajoso da sua parte comentou Kate aventurar-se, sozinho, pelo promontório, numa noite de tempestade, para se confrontar com um hipotético intruso. O que tencionava fazer quando entrasse na igreja?

Não sei. Estava um pouco confuso.

Parece-me bem que, agora, também está um pouco confuso... comentou Dalgliesh. Mas prossiga. Afirmas que se dirigiu para a igreja. E em seguida?

Não cheguei a entrar. Não podia, porque não tinha as chaves. A luz continuava acesa. Entrei na mansão e fui buscar um molho de chaves ao gabinete de Miss Ramsey, mas, quando regressei ao claustro norte, a luz estava apagada.

Falava agora com mais confiança e não apertava as mãos com tanta força.

Foi Kate que, depois de lançar um rápido olhar a Dalgliesh, retomou o interrogatório.

E o que fez depois?

Não fiz nada. Concluí que tinha visto mal e que nunca houvera luzes na igreja.

Mas, antes, parecia estar convencido de que havia luzes na igreja, porque, caso contrário, o que o levaria a sair de casa e a enfrentar a tempestade? Primeiro, uma luz acende-se, depois, apaga-se misteriosamente... Não lhe passou pela cabeça entrar na igreja para investigar o que se passava? Afinal, era esse o seu objetivo quando saiu de casa, não é verdade?

Não me pareceu necessário murmurou Surtees quando vi que estava tudo às escuras. Já lhe disse; cheguei à conclusão de que me havia enganado. Mesmo assim, verifiquei se a porta da sacristia estava aberta e, como a vi trancada, fiquei a saber que ninguém podia achar-se na igreja.

Depois de se encontrar o corpo do arcediogo, descobriu-se que um dos três molhos de chaves da igreja tinha desaparecido. Quantos havia, quando o senhor foi buscar um desses molhos?

Não me lembro. Não reparei. Estava ansioso por sair do gabinete. Sabia onde se encontravam as chaves e peguei num molho.

E não voltou a colocá-lo no devido lugar?

Não, porque não queria entrar novamente na mansão.

Nesse caso, Mister Surtees interveio calmamente Dalgliesh, onde estão as chaves que o senhor tirou?

Kate raramente havia visto um suspeito tão apavorado. A esperança e confiança que revelara no início do interrogatório haviam desaparecido, e Surtees deixou-se escorregar na cadeira, cabisbaixo, a tremer.

Vou perguntar-lhe novamente insistiu Dalgliesh. Entrou na igreja no sábado à noite?

Surtees conseguiu endireitar-se e, até, encarar o olhar que Dalgliesh lhe lançava. Kate tinha a impressão de que o terror havia dado lugar ao alívio. Surtees preparava-se para revelar a verdade e sentia-se feliz por pôr um ponto final naquele longo suplício de mentiras. A partir dali, ele e a Polícia estariam do mesmo lado. Aprovavam a sua atitude, absolvê-lo-iam e dir-lhe-iam que o compreendiam. Kate já havia presenciado aquela reação muitas vezes.

Muito bem; entrei na igreja, mas não matei ninguém, juro! Nunca seria capaz! Juro perante Deus que nunca lhe toquei com um só dedo. Estive na igreja durante menos de um minuto.

A fazer o quê? perguntou Dalgliesh.

Fui buscar algo para a Karen. Algo de que ela precisava. Nada tinha a ver com o arcediogo. É um assunto pessoal, que só a nós diz respeito.

Mister Surtees, deve ter consciência de que isso não chega replicou Kate. Não existem assuntos pessoais na investigação de um homicídio. O que o levou a entrar na igreja no sábado à noite? Surtees olhou para Dalgliesh, como se lhe pedisse que o compreendesse.

A Karen precisava de uma outra hóstia consagrada. Tinha de ser consagrada e pediu-me que fosse buscar uma.

Ela pediu-lhe que roubasse uma hóstia da igreja?

A Karen não encara as coisas sob esse prisma. Houve uma pausa, até que, por fim, Surtees acrescentou: Sim, creio que foi o que ela me pediu. Mas a culpa não foi dela. Foi minha. Eu não tinha nada que ceder. A princípio, recusei-me a fazê-lo, porque os padres sempre foram bons para comigo, mas era importante para a Karen e, por fim, acedi. Ela tinha de obter a hóstia antes do fim-de-semana, porque precisava dela na sexta-feira. Achava que não era um furto importante. Para ela não passava de uma pastilha. Até porque a Karen nunca me teria pedido para roubar algo de valioso.

Mas uma hóstia é algo de valioso, não concorda? perguntou Dalgliesh.

Fez-se silêncio de novo.

Conte-me o que aconteceu no sábado à noite. Volte atrás no tempo e reflita com calma. Quero saber todos os pormenores.

Surtees estava mais calmo. Parecia mais animado e a cor regressara às suas faces.

Esperei até muito tarde. Tinha de me certificar de que todos dormiam ou que, pelo menos, estivessem nos seus quartos. A tempestade ajudou, porque calculei que ninguém se atreveria a ir dar um passeio. Saí de casa por volta de quinze para a meia-noite.

E que roupa vestia?

Calças castanhas e um blusão de cabedal grosso. Não usava roupas claras. Achamos que seria mais seguro, se eu usasse roupas escuras, mas não estava disfarçado, se é isso que quer saber.

Usava luvas?

Não. Nós... Eu achei que não era necessário. Só tenho as minhas luvas de jardinagem e um par de luvas de lã, muito velho. Teria de tirá-las para pegar na hóstia e abrir as fechaduras, e pensei que não me ajudaria em nada, se usasse luvas. Ninguém saberia que houvera um furto. Não dariam pela falta de uma hóstia e, se dessem, pensariam que as tinham contado mal. Pelo menos, foi o que então pensei. Só tenho duas chaves: a do portão de ferro e a da porta do claustro norte. Geralmente, não preciso de chaves durante o dia, porque tanto o portão como as portas dos dois claustros ficam abertas. Sabia que as chaves da igreja estavam no gabinete de Miss Ramsey. Em épocas festivas, como a Páscoa, ofereço ao instituto flores da minha estufa. O padre Sebastian, então, pede-me para as deixar num balde com água, na sacristia, porque há sempre um ordinando que decora a igreja. Por vezes, o padre Sebastian entrega-me as chaves ou diz-me para ir buscá-las ao gabinete; tranco a porta, depois de sair, e volto a colocá-las no seu devido lugar. Em princípio, devemos assinar o livro de registro sempre que requisitamos as chaves da igreja, mas, na maioria dos casos, ninguém se dá ao trabalho de o fazer.

Facilitaram-lhe a vida, não foi? E não custa nada roubar as pessoas que confiam em nós...

Dalgliesh deu-se conta do seu tom de desprezo, enquanto se apercebia de como Kate ficara surpresa com aquele seu reparo. Logo se arrependeu, dizendo a si mesmo que estava a envolver-se demasiado na investigação. Com uma maior confiança do que aquela que havia revelado até então, Surtees retorquiu:

Eu não ia fazer mal a ninguém porque seria incapaz de tal coisa. E, mesmo que tivesse conseguido roubar a hóstia, ninguém seria prejudicado. Estou convencido de que nem se aperceberiam. Não passava de uma hóstia, que não deve custar mais do que um penny.

Regressemos ao que aconteceu na noite de sábado retomou Dalgliesh. Deixemos, por enquanto, as desculpas e as justificações. O que interessa, agora, são apenas os fatos.

Como já disse, devia ser meia-noite menos um quarto quando saí de casa. O instituto estava imerso na escuridão e o vento soprava com muita força. Só havia uma luz acesa, num dos quartos de hóspedes, mas as cortinas estavam corridas. Servi-me da minha chave para entrar no instituto pela porta dos fundos. Passei pela copa para aceder à parte da frente da

mansão. Como tinha uma lanterna comigo, não tive de acender as luzes, se bem que houvesse uma acesa, no vestíbulo, que iluminava a estátua da Virgem com o Menino. Tinha já inventado um pretexto para a minha presença ali, àquela hora, se alguém me visse. Diria que havia visto uma luz acesa na igreja e que fora buscar as chaves para ver o que se passava. Sabia que não era uma desculpa muito convincente, mas também não estava à espera de encontrar alguém. Fui buscar as chaves ao gabinete de Miss Ramsey e saí pela mesma porta por onde entrara, fechando-a atrás de mim com todo o cuidado. Apaguei as luzes do claustro e dirigi-me à igreja, seguindo ao longo dos muros. Não tive dificuldade em abrir a porta da sacristia. A fechadura está sempre oleada e a chave girou facilmente. Abri-a, de mansinho, e, guiando-me pela luz da minha lanterna, desliguei o alarme.

”Como, até ali, tudo corria bem, começava a sentir-me menos assustado e mais otimista. Sabia onde estavam as hóstias. À direita do altar, numa espécie de nicho, iluminado por uma luzinha vermelha. Guardam ali as hóstias consagradas para a eventualidade de um dos padres ter de dar a extrema-unção a alguém que esteja muito doente ou ter de ir celebrar a missa numa igreja das aldeias das redondezas que não tenha padre. Levara um sobrescrito no bolso, onde contava guardar a hóstia. Mas, quando abri a porta que comunica com a igreja, vi que havia alguém.”

Fez nova pausa. Dalgliesh resistiu à tentação de tecer um comentário ou de fazer mais perguntas. Cabisbaixo, Surtees entrelaçara as mãos, que pousara em cima da secretária. Parecia estar a fazer um esforço para se lembrar do que se havia passado.

Uma luz estava acesa na ala norte da igreja, por cima do Juízo Final. E, em frente do quadro, havia alguém, envolto num capote e com a cabeça coberta pelo capuz.

Kate não conseguiu resistir mais e perguntou:

Reconheceu a pessoa?

Não. Estava meio escondido pelo pilar, e a luz era muito tênue. Além do mais, o capuz tapava-lhe a cabeça.

Como era essa pessoa? Alta? Baixa?

Diria que tinha estatura média, mas não me lembro bem. Foi então que a grande porta sul se abriu e alguém entrou. Também não consegui perceber quem era. Só o ouvi exclamar: ”Onde estás?”, e apressei-me a fechar a porta que comunicava com a igreja. Percebi imediatamente que perdera a oportunidade de roubar a hóstia. Nada mais me restava fazer senão sair, trancar a porta da sacristia e regressar à mansão.

Tem a certeza de que não reconheceu nenhuma dessas duas pessoas? perguntou Dalgliesh.

A certeza absoluta. Não cheguei a ver-lhes os rostos. Aliás, nem sequer tive tempo de examinar o segundo homem.

Como sabe que era um homem?

Porque ouvi a voz dele.

Não tem idéia de quem era?

A julgar pela voz, penso que podia ser o arcediogo.

Então, significa que ele falou em voz alta? Surtees corou, envergonhado.

Suponho que sim, se bem que, na altura, não me parecesse. O silêncio era total na igreja, e a sua voz ecoou, mas repito: não tenho a certeza de que fosse a voz do arcediogo. Foi apenas a impressão com que fiquei, naquela altura.

Era por de mais evidente que Surtees nada mais podia dizer-lhes sobre a identidade das duas figuras. Dalgliesh, então, perguntou-lhe o que havia feito, depois de sair da igreja.

Voltei a ligar o alarme, saí, tranquei a porta e atravessei o claustro, passando em frente da porta sul da igreja. Não me parece que estivesse entreaberta, porque não me lembro de ver uma luz acesa, mas também é verdade que não prestei atenção. Tudo o que eu queria era sair dali o mais depressa possível. Atravessei o promontório, de regresso a casa, e contei à Karen o que se tinha passado. Pensava devolver as chaves no domingo de manhã, mas, quando nos mandaram chamar à biblioteca e nos informaram de que o arcediogo tinha sido assassinado, percebi que isso seria impossível.

O que fez com as chaves?

Enterrei-as num canto da pocilga confessou Surtees, visivelmente atrapalhado.

Quando esta entrevista terminar, o sargento Williams irá consigo para que você lhe entregue as chaves.

Surtees preparava-se para se levantar, mas Dalgliesh deteve-o.

Eu disse quando esta entrevista terminar, Mister Surtees.

A informação que tinha acabado de obter era a mais importante até ali, e Dalgliesh teve de fazer um esforço para resistir à tentação de seguir, de imediato, aquela nova pista. Primeiro, contudo, tinha de confirmar, tanto quanto possível, a história de Surtees.

08

Quando Kate a chamou, Karen Surtees entrou na sala sem revelar qualquer nervosismo, sentou-se ao lado do seu meio-irmão, sem sequer esperar que Dalgliesh lho dissesse, pousou a mala que trazia ao ombro no espaldar da cadeira e virou-se para Surtees.

Está tudo bem, Eric?

Sim. Desculpa, Karen, mas contei-lhes. E repetiu: Desculpa.

Porque tens de pedir desculpas? Deste o teu melhor. A culpa não foi tua se havia alguém na igreja. Tu tentaste. E quem ficou a ganhar foi a Polícia. São eles que devem estar-te agradecidos.

Assim que Karen entrara, os olhos de Surtees tinham-se iluminado, e a sensação da sua força a passar para o irmão era quase palpável quando Karen pousou a sua mão sobre a dele. As palavras de Surtees haviam revelado remorso, mas nada havia de servilismo no olhar que lhe lançara. Dalgliesh identificou, de imediato, a mais perigosa de todas as complicações: o amor.

Karen, então, virou-se para Dalgliesh, fitando-o com um olhar penetrante e desafiador. Abria os olhos e dava a idéia de que tentava reprimir um sorriso.

O seu irmão admitiu ter estado na igreja no sábado à noite informou Dalgliesh.

Na madrugada de domingo, porque já passava da meia-noite. E ele é apenas meu irmão por parte do pai.

Eu sei, porque já o disse aos meus assistentes. Acabei de ouvir a história dele e, agora, quero ouvir a sua.

Vai ser muito semelhante à do Eric. Ele não tem jeito para mentir, como provavelmente já descobriram. É um inconveniente, mas, às vezes, tem as suas vantagens. De qualquer maneira, não é nada de muito grave. Ele não cometeu crime nenhum e a idéia de que pudesse fazer mal ou matar alguém é perfeitamente ridícula. Pois se nem consegue matar os seus próprios porcos! Eu tinha-lhe pedido que me arranjasse uma das hóstias consagradas da igreja. Se não sabe o que são, posso dizer-lhe que se trata de pequenos discos circulares brancos, feitos de farinha e água, segundo me parece, do tamanho de uma moeda de dois pence. Mesmo que o Eric conseguisse tirar uma hóstia e fosse apanhado, não consigo ver os juizes a condená-lo por crime de roubo, porque o valor do objeto roubado é perfeitamente insignificante.

Tudo depende da sua escala de valores retorquiui Dalgliesh. Mas, afinal, porque queria a hóstia?

Não vejo que relação possa ter com a vossa investigação, mas não me importo de o dizer. Sou jornalista free-lance e estou a escrever um artigo sobre as missas negras. A propósito, trata-se de um artigo que me foi encomendado e já procedi à maior parte da minha pesquisa. Consegui infiltrar-me em certas seitas. Alguns dos seguidores disseram-me, então, que precisavam de uma hóstia consagrada e prometi-lhes que podia arranjar uma. E não me venha dizer que podia muito bem ter comprado uma caixa de hóstias, não consagradas, por uma ninharia, porque foi esse o argumento do Eric. Empenhei-me na minha pesquisa e precisava do artigo genuíno. Pode não respeitar o meu trabalho, mas levo-o tão a sério como o senhor leva o seu. Tinha prometido que arranjaría uma hóstia consagrada e era o que ia fazer, caso contrário, todo o meu trabalho teria sido em vão.

E persuadiu o seu meio-irmão a roubar uma hóstia para si.

Acha que o padre Sebastian me daria uma, se eu lha pedisse?

O seu irmão dirigiu-se à igreja sozinho?

Claro que sim! Não fazia qualquer sentido eu ir com ele e aumentar os riscos. Se ele fosse apanhado, podia sempre arranjar um pretexto para a sua presença no instituto, mas eu não.

E esperou por ele?

Não se tratou de uma questão de esperar por ele. Não chegamos a deitar-nos, ou melhor, não chegamos a dormir.

Portanto, assim que ele voltou, contou-lhe o que acontecera? Não preferiu contar-lhe o sucedido na manhã seguinte?

Ele contou-me o que se passara, mal regressou, porque eu fiquei à espera dele.

Miss Surtees, isto é muito importante. Por favor, recue no tempo e tente lembrar-se exatamente das palavras que o seu irmão proferiu, ao relatar-lhe o que tinha acontecido.

Não sei se vou conseguir lembrar-me das palavras exatas dele, mas a mensagem era clara. Disse-me que não tivera qualquer problema em ir buscar as chaves. Abriu a porta da sacristia, com a ajuda da sua lanterna, e, depois, a porta que comunica com a igreja. Foi então que viu uma luz acesa, por cima daquele quadro a óleo. Parece-me que se chama O Juízo Final. E viu uma figura, de pé, junto ao quadro, que usava um capote com capuz. Logo de seguida, a porta principal da igreja abriu-se e uma outra pessoa entrou. Perguntei-lhe se havia reconhecido as duas figuras e ele respondeu-me que não. O homem do capote tinha o capuz a tapar-lhe a cabeça e estava de costas voltadas para o Eric. Quanto ao outro homem, só o viu de relance. O Eric ficou com a idéia de que a segunda figura exclamou: "Onde está?", ou qualquer coisa no género. E pensou que era a voz do arcediogo.

E ele não adiantou qualquer palpite em relação à outra figura?

Não, nem poderia fazê-lo. Não pensou que pudesse haver algo de sinistro por ver uma figura encapuzada na igreja. Aquelas presenças, na igreja, tinham estragado os nossos planos, e era estranho que, àquela hora da noite, houvesse gente ali, mas o Eric concluiu que era um dos padres ou um dos ordinandos. E eu pensei o mesmo, aliás. Só Deus sabia o que ambos faziam ali, depois da meia-noite. No que me diz respeito, até podiam estar entretidos a celebrar uma missa negra. Como é óbvio, se o Eric tivesse adivinhado que o arcediogo ia ser assassinado, teria prestado mais atenção. Pelo menos, é o que julgo. O que terias feito, Eric, se te tivesses confrontado com um assassino munido de um punhal?

Fitando Dalgliesh, Surtees respondeu:

Teria fugido e feito soar o alarme, claro. Os quartos dos hóspedes não ficam fechados à chave; por isso, teria corrido para o quarto de São Jerônimo, para lhe pedir ajuda, inspetor. Na altura, senti-me desapontado, já que conseguira obter as chaves sem que ninguém desse por isso. Tudo parecia correr bem, mas, depois do que vi, tive de conformar-me com o meu fracasso e de voltar para casa.

Nada mais havia a perguntar a Surtees, por ora, e Dalglish informou-o de que podia retirar-se, não sem antes avisar os dois irmãos de que deviam manter em segredo as informações que haviam prestado, porque, caso contrário, arriscar-se-iam a ser condenados por sonegar informações à Polícia, se não fossem acusados de algo mais grave. O sargento Robbins iria acompanhar Surtees, para reaver as chaves que deveriam ficar em poder da Polícia. Os dois garantiram-lhe o seu sigilo: Eric Surtees, com tanta formalidade como se estivesse a prestar juramento; Karen Surtees, com evidente má-fé.

Quando, finalmente, Eric se levantou, Karen imitou-o, mas Dalglish exclamou:

Gostaria que ficasse, Miss Surtees, porque tenho mais algumas perguntas a fazer-lhe.

Quando a porta se fechou atrás de Eric, Dalglish disse:

Quando comecei a interrogar o seu irmão, ele afirmou que a senhora queria que ele lhe arranjasse uma outra hóstia. O que significa que não foi a primeira vez que ele tentou roubar hóstias. O que aconteceu da primeira vez?

Imóvel na sua cadeira, a voz de Karen Surtees era calma quando respondeu:

O Eric deve ter-se enganado ou exprimido mal, porque só houve esta vez.

Não me parece. Posso mandar chamar Mister Surtees e perguntar-lhe, mas seria mais simples se a senhora me explicasse o que aconteceu da vez precedente.

Isto nada tem a ver com o homicídio explicou Karen defendendo-se. Aconteceu no último período.

Aqui, quem julga o que está ou não relacionado com o homicídio sou só eu. Quem roubou a hóstia, da vez anterior?

Não foi propriamente roubada. Foi-me oferecida.

Pelo Ronald Treeves?

Sim, se quer mesmo sabê-lo. Algumas hóstias são consagradas e enviadas para as igrejas das redondezas onde falte temporariamente um padre e onde tenha de ser celebrada a comunhão. As hóstias são consagradas aqui e levadas para a igreja, por quem quer que vá celebrar a missa ou ajudar à sua celebração. Naquela semana, era a vez do Ronald, e deu-me uma hóstia. Uma de entre muitas. Era um pequeno favor que ele estava a prestar-me.

Kate interveio repentinamente.

Devia ter plena consciência de que, para aquele rapaz, não se tratava de um pequeno favor. E como tencionava pagar-lhe? Da maneira mais óbvia?

Karen Surtees corou, mas de raiva e não por vergonha. Dalglish pensou, por breves instantes, que ela iria lançar-se num antagonismo aberto, o que seria perfeitamente compreensível.

Desculpe se a ofendemos, murmurou. Como conseguiu persuadir o Ronald Treeves?

A raiva momentânea de Karen havia-se dissipado. Fitou Dalglish com os seus olhos penetrantes e estreitos, mas, logo de seguida, acalmou-se. Dalglish pôde detectar o preciso instante em que Karen Surtees se dera conta de que seria mais prudente para ela se fosse sincera.

Muito bem, persuadi-o da maneira mais óbvia e, se estão a pensar em julgar-me moralmente, esqueçam. De qualquer maneira, é algo que não lhes diz respeito acrescentou, olhando de soslaio para Kate, com franca hostilidade. E, muito menos, a ela. Não vejo que relevância tudo isto tenha para o assassinio do arcediogo, porque não pode haver qualquer relação entre as duas coisas.

Para lhe ser franco, não tenho a mesma certeza replicou Dalglish. Pode haver um elo de ligação. Se não houver, nada do que aqui for dito será usado, mais tarde. E que fique bem claro que não estou a fazer-lhe perguntas acerca do roubo da hóstia, movido por uma ávida curiosidade acerca da sua vida privada.

Ouçá, eu gostava do Ronald. Talvez fosse mais um sentimento de pena. Ele, aqui, não era propriamente popular. O pai dele era muito rico, poderoso, no ramo errado. Armamento, não é verdade? De qualquer maneira, o Ronald não se integrara em Santo Anselmo. Quando vinha passar o fim de semana com o Eric, encontrava-me com o rapaz, de tempos a tempos, e dávamos longos passeios pelos penhascos, até ao pântano. Conversamos de tudo e de nada. Ele contava-me coisas que o senhor nunca conseguiria sacar-lhe, nem daqui a um milhão de anos. Nem, muito menos, aqueles padres, com ou sem confissão. E fiz-lhe um grande favor. Ele tinha vinte e três anos e ainda era virgem. Estava ansioso por ter relações sexuais. Estava mortinho por experimentar.

”E talvez tenha morrido por isso”, pensou Dalglish, mas prestou de novo atenção ao depoimento de Karen Surtees.

Seduzi-lo não foi propriamente difícil. Os homens é que têm a mania de fazer um bicho de sete cabeças do fato de seduzir raparigas virgens. Eu pensava, só Deus sabe porquê, que seria uma experiência cansativa, sem qualquer emoção, mas teve o seu lado excitante. E, se quer saber como foi que o ocultamos ao Eric, então, digo-lhe que não fizemos amor na vivenda, mas numa zona relvada do penhasco. Ele teve uma sorte dos diabos por se iniciar comigo e não ter de recorrer a uma prostituta... tentara, certa vez, mas ficara tão enojado consigo próprio que não conseguira chegar ao fim. Karen Surtees fez uma pausa, e, como

Dalgliesh nada dissesse, continuou, ainda mais na defensiva. Afinal, ele estava a treinar-se para ser padre, não é verdade? Como poderia ajudar os outros, se não tivesse vivido? Costumava falar da graça do celibato e penso que até nem é mau, quando alguém o deseja. Mas, acreditem, não era o que ele queria. Teve realmente muita sorte em conhecer-me.

O que aconteceu à hóstia? perguntou Dalgliesh.

Meu Deus, que falta de sorte! Nunca vai acreditar. Perdi-a. Enfiei-a num sobrescrito, que guardei na minha pasta, juntamente com outros papéis. Foi a última vez que a vi. Provavelmente, deitei o sobrescrito no cesto dos papéis. Só sei que não consegui encontrá-lo.

Portanto, pediu ao Ronald que lhe arranjasse outra hóstia, mas ele, então, mostrou-se menos conivente.

Digamos que foi mais ou menos isso. Ele deve ter pensado melhor no que fizera, durante as férias. Até parece que eu dera cabo da vida dele, em vez de contribuir para a sua educação sexual...

E, passado uma semana, estava morto rematou Dalgliesh.

Eu é que não fui responsável pela morte dele! Nunca desejei que aquele pobre rapaz morresse!

Então, acha que pode ter sido um homicídio?

Karen Surtees fitou Dalgliesh, subitamente apavorada, e Dalgliesh pôde discernir, nos olhos dela, um misto de surpresa e de terror.

Homicídio? Claro que não! Quem haveria de querer assassiná-lo? Foi uma morte accidental. Ele começou a escavar na base do penhasco, o que provocou um desabamento de areia. Houve um inquérito e o senhor, com certeza, conhece o veredicto.

Quando ele se recusou a arranjar-lhe a segunda hóstia consagrada, tentou fazer chantagem?

Claro que não!

Não terá insinuado sequer que, depois do que se passara entre vocês, ele estava nas suas mãos e que a senhora tinha em seu poder uma informação que poderia levá-lo a ser expulso do instituto, deitando por terra o seu desejo de ser ordenado padre?

Não! respondeu Karen, veementemente. De que me teria servido? Primeiro, só iria comprometer o Eric e, segundo, aqueles padres iriam acreditar no Ronald Treeves e nunca em mim. Eu não me achava em posição de fazer chantagem com o Ronald.

Pensa que ele se deu conta disso?

Como posso saber? Tudo o que sei é que ele era meio maluco. Ouça, não devia estar a investigar o homicídio do Crampton? A morte do Ronald nada tem a ver com este caso. Nem nunca poderia haver qualquer ligação entre ambos.

E calou-se, amuada.

A senhora e o seu irmão já ocultaram informações vitais a esta investigação ripostou Dalglish. Se tivéssemos sabido, no domingo de manhã, o que soubemos apenas hoje, alguém poderia já estar preso. Se nem a senhora nem o seu irmão estão envolvidos no homicídio do Crampton, então, sugiro-lhe que responda às minhas perguntas com toda a sinceridade e que me diga a verdade. O que aconteceu quando o Ronald Treeves foi até à Vivenda São João, naquela sexta-feira à noite?

Eu tinha chegado de Londres, para passar o fim-de-semana com o Eric. Não sabia que o Ronald ia aparecer. Ele não tinha o direito de entrar na nossa casa daquela maneira. Habituo-nos a deixar a porta da rua aberta, mas, para todos os efeitos, aquela vivenda é a casa do Eric. O Ronald subiu a escada... e, se tem mesmo de o saber, encontrou-me, a mim e ao Eric, na cama. Ficou parado, à porta, a olhar para nós. Parecia desvairado. Desatou a fazer-me acusações ridículas. Não me lembro, ao certo, do que foi que disse. Até podia ter sido divertido, mas foi francamente assustador. Era como se um louco, de repente, gritasse comigo e me caluniasse. Não, não é essa a palavra certa. Não era um ataque. Ele não gritou nem sequer levantou a voz, o que tornava a situação ainda mais assustadora. Eric e eu estávamos nus, o que nos punha em desvantagem. Sentamo-nos na cama e olhamos para ele, enquanto o Ronald, com a sua voz estridente, continuava a acusar-me sem parar. Meu Deus, foi tão estranho... Sabem que ele estava convencido de que ia casar-se comigo? Eu, mulher de um pároco! O rapaz estava louco. Não só parecia como estava mesmo louco.

Karen Surtees pronunciara as últimas palavras num tom que revelava incredulidade e espanto, como se tivesse acabado de desabafar um segredo a um amigo com quem bebia uns copos num bar.

A senhora seduziu-o e o Ronald pensou que o amava disse Dalglish. Ele deu-lhe a hóstia consagrada porque lha pediu e porque ele nunca seria capaz de lhe negar nada a si. Sabia exatamente o que tinha feito. E, depois, percebeu que nunca houvera amor da sua parte e apenas se servira dele. No dia seguinte, suicidou-se. Agora, pergunto-lhe: Miss Surtees, sente-se de alguma forma responsável pela morte do Ronald Treeves?

Não! gritou, desesperada, Karen. Nunca lhe disse que o amava! A culpa não é minha se ele pensou tal coisa! E não acredito que se tenha suicidado. Foi um acidente. Foi o que o júri decidiu e é no que acredito!

Não me parece... murmurou calmamente Dalglish. Penso que a senhora sabe muito bem o que levou o Ronald Treeves a suicidar-se.

Mesmo que o soubesse, isso não me tornaria responsável. Que bicho lhe mordeu, para entrar na casa do Eric daquela maneira, e subir a escada a correr, como se estivesse na sua

própria casa? Agora julgo que vai contar tudo ao padre Sebastian, para que ele expulse o Eric da vivenda.

Não, engana-se sibilou Dalglish. Nada direi ao padre Sebastian. A senhora e o seu irmão expuseram-se ao perigo. Tenho de lhe lembrar, mais uma vez, que tudo o que me disse deve permanecer em segredo absoluto. Tudo.

Está bem. Nada diremos. Porque haveríamos de fazê-lo? Também não percebo porque haveria de sentir-me culpada pela morte do Ronald ou do arcediago. Nem eu nem o Eric os matamos, mas pensamos que seria a essa conclusão que o senhor chegaria, à primeira oportunidade que se lhe deparasse. Afinal, aqueles padres são sagrados, não é verdade? Pois sugiro-lhe que comece a olhar para os motivos deles, em vez de implicar conosco. Não me pareceu que fosse importante ocultar-lhe que o Eric tinha ido à igreja. Pensava que um dos estudantes havia assassinado o arcediago e que acabaria por confessar a sua culpa. Pois não é nisso que aqueles padres são especialistas? Na confissão? Não me deixarei culpar nem, muito menos, me sinto culpada. Não sou cruel. Tive pena quando soube que o Ronald morrera. Não o obriguei a dar-me aquela hóstia. Pedi-lhe um favor e, por fim, ele aceitou. Nem tive relações sexuais com ele só para conseguir os meus intentos. Pronto, em parte, sim, mas não foi esse o único e exclusivo motivo. Tive relações sexuais com o Ronald porque sentia pena dele, porque não tinha mais nada que fazer, aqui, e talvez por outras razões que o senhor não compreenderia ou que desaprovava, se as conhecesse.

Nada mais havia a dizer. Karen estava assustada, mas não envergonhada. Nada do que Dalglish pudesse dizer-lhe a levaria a sentir-se responsável pela morte de Ronald Treeves. Pensou no desespero que o rapaz devia ter sentido para pôr fim à sua vida daquela maneira horrível. Havia sido confrontado com duas alternativas insustentáveis: permanecer em Santo Anselmo, sob a constante ameaça de ser traído e de se sentir atormentado pelo que havia feito, ou confessar-se ao padre Sebastian, com a antecipada certeza de que seria forçado a regressar a casa do pai, como um fracassado. Dalglish perguntou a si mesmo o que teria pensado e dito o padre Sebastian. O padre Martin ter-se-ia mostrado misericordioso, mas Dalglish já não tinha a mesma certeza quanto ao padre Sebastian. Contudo, ainda que este houvesse revelado alguma misericórdia, como poderia Ronald Treeves continuar em Santo Anselmo, tendo a plena consciência de que ficara ali apenas para ser posto à prova?

Por fim, deixou Karen partir. Sentia-se invadido por uma profunda pena e, ao mesmo tempo, pela cólera que parecia direcionada para algo mais profundo e indistinto do que Karen Surtees e a sua insensibilidade. Mas que direito tinha ele de se sentir enraivecido? Karen Surtees expusera a sua noção, muito própria, da moralidade. Prometera a alguém arranjar uma hóstia consagrada e devia cumprir a sua palavra. Era uma jornalista de investigação, e levava o seu trabalho a sério, mesmo que tivesse de recorrer a meios menos próprios para atingir os seus objetivos. Não houvera nenhuma comunhão de valores entre ela e o Ronald Treeves, nem nunca poderia ter havido. Não podia sequer imaginar que alguém se suicidasse por causa de um pequeno disco, feito de farinha e de água. Para ela, o sexo pouco mais fora do que uma alternativa ao seu enfado, a satisfação de sentir o poder de iniciar um jovem numa nova experiência, um desafio ao seu prazer. Levar aquela experiência mais a sério poderia conduzir ao ciúme, às exigências, às recriminações e à

confusão, na melhor das hipóteses ou à morte por sufocação, na pior das hipóteses. E não havia ele, Dalgliesh, ao longo dos seus anos de solidão, separado a sua vida sexual de um compromisso sério, mesmo que tivesse de ser mais prudente na escolha das suas parceiras? Mesmo que tivesse de se tornar mais sensível aos sentimentos alheios, para não os ferir? Perguntava a si próprio o que iria dizer a Sir Aired. Provavelmente, apenas que um veredicto em aberto teria sido mais lógico do que o de morte accidental, mas que não havia quaisquer provas que indicassem um crime, se bem que tivesse havido um crime.

Preservaria o segredo de Ronald. O rapaz não deixara nenhuma mensagem final. E não havia como saber se, naqueles últimos segundos, quando já era tarde de mais, talvez houvesse mudado de idéias. Se morrera por nem sequer poder tolerar o pensamento de que o seu pai soubesse a verdade, não lhe cabia a ele, Dalgliesh, revelar agora tal coisa.

Tomou consciência do seu prolongado silêncio e de que Kate, sentada a seu lado, reprimindo a sua impaciência, devia perguntar a si mesma por que motivo o seu chefe não falava.

Muito bem rematou Dalgliesh. Finalmente, estamos a chegar a algum lado. Descobrimos as chaves desaparecidas, o que significa que o Caim sempre regressou à mansão e devolveu o molho de chaves de que se serviu. Agora, temos de encontrar o capote.

Se ainda existir replicou Kate, dando voz aos pensamentos de Dalgliesh. Este, mandou chamar Piers e Robbins à sala de interrogatórios, a fim de os informar das últimas descobertas.

Verificaram todos os capotes? perguntou. Tanto os castanhos como os pretos?

Foi Kate que respondeu.

Sim, chefe. Agora que o Treeves morreu, há dezenove estudantes residentes e outros tantos capotes. Quinze desses estudantes estão ausentes, e todos eles levaram os seus capotes, exceto um, que foi a casa porque a mãe fazia anos e comemorava, ao mesmo tempo, mais um aniversário de casamento. O que significa que sobram cinco capotes, no vestiário, e, efetivamente, estavam lá todos quando verificamos. Examinamo-os, um a um, minuciosamente, bem como os capotes dos padres.

Os capotes têm etiquetas com os nomes? Não reparei quando os examinei.

Desta vez, quem respondeu foi Piers.

Todos estão devidamente identificados. Aparentemente, são as únicas peças de vestuário que têm etiquetas. Deduzo que seja por serem todos iguais, exceto no tamanho. Não há aqui um capote que não tenha uma etiqueta.

Por enquanto, não sabiam se o assassino usara capote quando cometera o homicídio. Era, inclusivamente, possível que, quando o arcediogo entrara na igreja, houvesse uma terceira pessoa que Surtees não vira. Mas, agora que sabiam que alguém usara um capote, muito

provavelmente, o assassino, os cinco capotes, embora parecessem limpos, teriam de ser examinados em laboratório para procurar vestígios minúsculos de sangue, cabelos ou fibras. E o que acontecera ao vigésimo capote? Seria possível que alguém se tivesse esquecido dele, quando o instituto devolvera as roupas de Ronald Treeves à sua família?

Dalgliesh lembrou-se, então, da conversa que tivera com Sir Aired, na Scotland Yard. O motorista de Sir Aired havia sido enviado para ir buscar o Porsche de Ronald e trouxera um embrulho com roupas quando regressara a Londres. Mas o embrulho continha o capote? Dalgliesh esforçou-se por se lembrar. Falara-se de um fato, de sapatos e de uma batina, mas fora feita alusão a um capote?

Liga para Sir Aired ordenou a Kate. Ele deu-me um cartão com o endereço e o número de telefone da sua residência, antes de sair da Scotland Yard. Encontrarás o cartão no processo. Duvido que ele esteja em casa, a esta hora, mas deve haver alguém. Diz que preciso falar com ele pessoalmente e que é urgente.

Dalgliesh estava a contar com dificuldades. Sir Aired não era um homem a quem se tivesse facilmente acesso pelo telefone, além de haver sempre a possibilidade de que se encontrasse fora do país. Mas tiveram sorte. O homem que atendeu ao telefone lá se convenceu, não sem alguma relutância, de que se tratava de um assunto urgente, e indicou o número de telefone do gabinete de Sir Aired, em Mayfair. Ali, uma voz, algo esganiçada, informou que Sir Aired estava numa reunião. Dalgliesh retorquiu que tinham de ir chamá-lo. Poderia ele esperar? Sabendo que podia ter de esperar, pelo menos, três quartos de hora antes que o pusessem em contacto telefónico com Sir Aired, Dalgliesh respondeu que não podia esperar um minuto sequer. A voz, então, replicou:

Não desligue, por favor.

Passado menos de um minuto, Sir Aired atendia a chamada. A sua voz forte e autoritária revelava-se calma, se bem que deixasse transparecer uma certa impaciência controlada.

Inspetor Dalgliesh? Aguardava notícias suas, mas nunca imaginei que ia telefonar-me quando eu estivesse a meio de uma reunião. Se tem notícias para me dar, prefiro ouvi-las mais tarde. Julgo que o homicídio que ocorreu em Santo Anselmo está relacionado com a morte do meu filho. Correto?

Neste momento, não temos qualquer indício que sugira qualquer ligação entre os dois casos. Entrarei em contacto consigo para lhe falar do veredicto do inquérito, assim que terminar a minha investigação. Como calcula, damos prioridade ao homicídio. Mas queria fazer-lhe uma pergunta relativa às roupas do seu filho. Lembro-me que me disse que o instituto as havia devolvido. Estava presente quando o embrulho foi aberto?

Não, mas cheguei pouco depois. Não é assunto por que me interesse normalmente, mas a minha governanta, que trata dessas coisas, queria consultar-me. Tinha-lhe dito que levasse as roupas para Oxfam, mas, como o fato era da mesma medida do filho dela, perguntou-me se eu não me importava de lhe dar. Também estava preocupada com a batina. Não lhe parecia que pudesse servir de alguma coisa em Oxfam, e perguntou-me se devia enviá-la de

volta para Santo Anselmo. Eu disse-lhe que, se eles se tinham livrado da batina, não tinham qualquer interesse em recebê-la de volta e que podia fazer com ela o que muito bem entendesse. Penso que acabou por deitá-la fora. É tudo?

E o capote?

Não havia nenhum capote.

Tem a certeza, Sir Aired?

Não, claro que não. Não fui eu que abri o embrulho. Mas, se houvesse um capote, Mistress Mellors ter-me-ia dito e perguntado o que devia fazer com ele. Tanto quanto me lembro, ela mostrou-me tudo o que fora devolvido, porque as roupas ainda estavam embrulhadas com papel pardo e atadas com barbante. Não vejo por que motivo ela teria tirado o capote do embrulho, mas posso perceber que é algo importante para a sua investigação...

Muito importante, Sir Aired. Obrigado pela sua ajuda. Posso entrar em contato com Mistress Mellors?

A voz do outro lado do fio tornou-se impaciente.

Não faço idéia. Não controlo os gestos dos meus empregados. Como ela vive conosco, penso que estará em casa. Bom dia, inspetor.

Tiveram sorte outra vez quando ligaram novamente para a mansão de Sir Aired, em Holland Park. Foi a mesma voz masculina que atendeu, mas disse que iria passar a chamada para o apartamento da governanta.

Depois de Dalgliesh lhe assegurar que falara com Sir Aired e lhe telefonava com a autorização do seu patrão, Mrs. Mellors informou-o de que fora ela que abrira o embrulho que continha as roupas de Mr. Ronald, quando Santo Anselmo as havia devolvido, e que fizera uma lista do conteúdo. Não havia qualquer capote castanho. Sir Aired dera-lhe permissão para ficar com o terno. As restantes peças de vestuário tinham sido levadas por um dos empregados até ao armazém de Oxfam, em Notting Hill Gate. Quanto à batina, fora deitada fora. Mrs. Mellors pensava que era uma pena desperdiçar um tecido tão bom, mas não conseguira pensar em alguém que pudesse servir-se da batina.

Acrescentou, então, o que era surpreendente numa mulher cuja voz confiante e respostas inteligentes haviam soado racionais:

A batina foi encontrada junto do corpo de Mister Ronald, não é verdade? Não creio que gostasse de usá-la, porque isso seria demasiado sinistro. Ainda pensei em aproveitar os botões... ter-me-iam dado jeito... mas não quis tocar na batina. Para lhe ser sincera, fiquei contente por a jogar fora.

Depois de lhe agradecer e de pousar o auscultador, Dalgliesh comentou:

O que aconteceu ao capote e onde está? O nosso primeiro passo é falar com a pessoa que embrulhou as roupas. O padre Martin disse-me que quem se encarregara disso fora o padre John Betterton.

10

Emma dava o seu segundo seminário, em frente da grande lareira de pedra da biblioteca. Tal como com os precedentes, tinha pouca esperança de abstrair o pequeno grupo de estudantes das atividades soturnas que decorriam no instituto. O inspetor Dalglish ainda não dera permissão para que se reabrisse a igreja, a fim de que o padre Sebastian procedesse a reconsagração, como havia planeado. Os oficiais forenses continuavam a trabalhar, chegando de manhã cedo de carro, que alguém devia ter trazido de Londres e que ficava estacionada em frente da entrada principal, malgrado os protestos do padre Peregrine. O inspetor Dalglish e os dois assistentes prosseguiam com os seus inquéritos misteriosos e as luzes ficavam acesas até tarde na Vivenda São Mateus.

O padre Sebastian proibira os estudantes de falar sobre o homicídio; ou, conforme dissera, "entrar em convivência com o mal e agravar a angústia com boatos mal-intencionados ou puramente especulativos". Não podia estar à espera, por certo, que os estudantes respeitassem aquela proibição, e Emma, aliás, punha em causa a sua utilidade. No entanto, as especulações eram discretas e esporádicas, em vez de serem generalizadas e prolongadas, mas o fato de haverem sido proibidas só acrescentava um sentimento de culpa ao peso já sentido pela ansiedade e pela tensão existentes em Santo Anselmo. Na opinião de Emma, teria sido muito melhor se pudessem falar abertamente do homicídio. Tal como Raphael dissera: "Ter polícias em casa é como ter uma invasão de ratos; mesmo quando não os vemos nem os ouvimos, sabemos que andam por aí."

A morte de Miss Betterton pouco acrescentara ao peso da angústia. Não passara de um segundo golpe, mais leve, no nervosismo já anestesiado pelo horror. Aceitando que a morte dela fora accidental, a comunidade tentara separá-la de todo o clima de tensão e de medo que envolvia o homicídio do arcediogo. Os ordinandos mal conheciam Miss Betterton e só Raphael lamentava genuinamente a sua morte.

Porém, até mesmo ele parecia ter encontrado alguma estabilidade emocional desde a véspera, num equilíbrio precário que se dividia entre refúgios no seu mundo privado e ataques repentinos de um azedume pungente. Desde que havia falado com Raphael no promontório, Emma não tornara a vê-lo a sós, pelo que se sentia contente. Raphael não tinha um feitio fácil.

Se bem que existisse uma sala de conferências no segundo andar da mansão, Emma optara pela biblioteca. Dizia a si mesma que era mais conveniente ter à mão os livros de que pudesse precisar como referência, muito embora tivesse noção de que havia uma explicação menos racional para a sua decisão. A sala de conferências era demasiado pequena, com uma atmosfera pesada, o que lhe provocava uma sensação de claustrofobia. Por muito que a presença da Polícia a intimidasse, era-lhe mais suportável estar no centro da mansão e ver as suas atividades, do que sentir-se enclausurada e isolada no segundo andar, tentando imaginar o que se passava à sua volta.

Dormira tranqüilamente na noite anterior. Já haviam procedido à instalação de fechaduras de segurança nas portas dos quartos e entregado as chaves aos hóspedes. Mesmo assim, Emma sentia-se grata por ocupar, agora, o quarto de São Jerônimo em vez de estar no quarto contíguo ao muro da igreja, com aquela grande janela que a fazia sentir-se em risco. Apenas Henry Bloxham mencionara a sua mudança. Ouvira-o dizer a Stephen: "Pelo que percebi, o Dalglish pediu para mudar de quarto, a fim de ficar mais perto da igreja. Do que pode estar ele à espera? De que o assassino regresse à cena do crime? Achas que ele fica sentado toda a noite, a espreitar pela janela?"

Quando Emma estava em Santo Anselmo, por vezes os padres, quando não estavam ocupados com outros afazeres, vinham assistir aos seus seminários, não sem antes lhe pedir permissão. Nunca falavam ou intervinham, nem, tão pouco, Emma tinha a sensação de estar a ser discretamente controlada. Naquele dia, o padre John juntara-se aos quatro ordinandos, ao passo que o padre Peregrine, como de costume, ocupava a sua secretária ao fundo da biblioteca, e estava de tal forma embrenhado no seu trabalho que, aparentemente, a presença de outras pessoas lhe era indiferente. Os ordinandos encontravam-se sentados em cadeiras baixas, num círculo, à exceção de Peter Buckhurst, que escolhera uma cadeira de costas direitas e se mantinha calado, com as suas mãos muito brancas sobre o livro, como se estivesse a lê-lo em braile.

Emma planeara falar da poesia de George Herbert, mas, rejeitando as obras mais conhecidas, escolhera um poema mais difícil: A Quididade. Henry tinha acabado de ler em voz alta o último verso:

Não é ofício, arte, ou notícia, Nem a Bolsa, nem a atarefada Câmara;
Mas é o que, enquanto o uso, Me faz estar contigo, e todos o aceitam.

Fez-se silêncio, até que Stephen Morby perguntou:

O que quer dizer "quididade"?

É a essência de algo.

E as últimas palavras: "estar contigo, e todos o aceitam"? Que quis dizer ele com isso? Parece ser um erro de tipografia, mas é evidente que não o é. Estava à espera de que ele empregasse a palavra "maior parte" e não "todos".

A nota da minha edição replicou Raphael refere que havia um jogo de cartas chamado "Todos o aceitam". O vencedor fica com todos os louros. Assim, penso que o que Herbert quis dizer foi que, quando escrevia poesia, entregava-se nas mãos de Deus, que o ajudava sempre.

Herbert gostava de trocadilhos explicou Emma. Lembram-se do Pórtico da Igreja: Podia ser um jogo de cartas, em que se trocam as cartas por outras, de valor mais alto. Não nos podemos esquecer de que Herbert fala da sua poesia. Quando a escreve, tem tudo, porque

está com Deus. Além do mais, os leitores da época conheciam o jogo de cartas a que ele se refere e compreendiam o trocadilho.

Quem me dera conhecer esse jogo! exclamou Henry. Devíamos fazer uma pesquisa e descobrir quais eram as regras. Não deve ser assim tão difícil.

Mas de nada nos serviria protestou Raphael. Quero que o poema me conduza ao altar e ao silêncio, e não a um livro de referências ou a um baralho de cartas.

Concordo. É um verso muito característico de Herbert, não é verdade? O mundano e até mesmo o frívolo, santificados... Mesmo assim, gostaria de compreender melhor a sua mensagem.

Emma tinha os olhos postos no seu livro e só se deu conta de que alguém entrara na biblioteca quando os quatro estudantes se levantaram ao mesmo tempo. O inspetor Dalglish parou junto à soleira da porta. Se estava desconcertado por perceber que havia interrompido uma aula, não o demonstrou, e o seu pedido de desculpas a Emma foi mais convencional do que sentido.

Peço que me desculpe. Não sabia que estavam utilizando a biblioteca. Gostaria de falar com o padre John Betterton e disseram-me que o encontraria aqui.

O padre John, algo atrapalhado, levantou-se. Emma tinha plena consciência de que corara, mas, uma vez que lhe era impossível escondê-lo, forçou-se a encarar o olhar grave e sombrio de Dalglish. Não se levantara, e parecia-lhe que os quatro ordinandos se tinham aproximado dela, como se formassem um corpo de guarda-costas em batina, prontos a enfrentar qualquer intruso que ousasse afrontá-la.

Raphael, então, num tom de voz irônico e demasiado alto, proclamou:

As palavras de Mercúrio são ríspidas, depois de ouvirmos os cânticos de Apoio. Aquilo de que estávamos a precisar, justamente, era do polícia-poeta. Deparamo-nos com um problema em relação a George Herbert. Porque não se junta a nós, inspetor, e nos ajuda, com toda a sua sapiência?

Dalglish fitou-o, em silêncio, por breves segundos.

Tenho a certeza de que Miss Lavenham dispõe de todos os conhecimentos necessários para vos ajudar. Vamos, padre?

A porta fechou-se atrás deles e os quatro ordinandos voltaram a sentar-se. Para Emma, aquele episódio tivera uma importância que ia muito além das palavras proferidas ou dos olhares trocados. Percebera que o inspetor Dalglish não gostava de Raphael. Sabia que ele era um homem que nunca deixava que os seus sentimentos pessoais interferissem na sua vida profissional. E não o fazia, agora, mas Emma estava convencida de que não interpretara mal aquela pequena faísca de antagonismo. Ainda mais estranho era o prazer que sentia com aquela sua dedução.

Cruzando os braços por baixo da batina, o padre Betterton seguiu Dalglish, tentando manter-se a seu lado, como uma criança obediente. Atravessaram o vestíbulo, saíram pela porta da frente e contornaram a mansão, dirigindo-se para a Vivenda São Mateus. O padre Betterton parecia mais envergonhado do que preocupado. Dalglish perguntava a si próprio como iria ele reagir ao interrogatório. Ao longo da sua carreira, todos aqueles que haviam tido encontros prévios com as autoridades, de que resultara uma detenção, nunca mais se sentiam à vontade na presença da Polícia. Dalglish receara que o julgamento e a detenção do padre Betterton, que devia ter sido uma experiência marcante, o impossibilitasse de colaborar. Kate, contudo, relatara como o padre Betterton suportara, com grande estoicismo, sem deixar transparecer qualquer repulsa, a recolha das suas impressões digitais, e eram poucos os potenciais suspeitos que acolhiam, de bom grado, aquele roubo oficial de identidade. Além do mais, aparentemente parecia menos afetado do que o resto da comunidade, tanto pelo homicídio como pela morte da irmã, mantendo o mesmo olhar de resignação espantada perante uma vida que tinha de ser sofrida em vez de ser aproveitada.

Depois de entrar na sala de interrogatórios, sentou-se na beira da cadeira, sem revelar o menor indício de que pensava ir passar por um suplício.

Foi o senhor que se encarregou de embrulhar as roupas do Ronald Treeves, antes que fossem devolvidas à família, padre? perguntou Dalglish.

A vaga sensação de embaraço deu lugar a um sentimento inquestionável de culpa.

Meu Deus, penso que cometi um disparate... Porque julgo que quer saber o que aconteceu ao capote...

Devolveu-o à família?

Não, mas é muito difícil de explicar. E pareceu ainda mais envergonhado quando olhou para Kate. Seria mais fácil para mim, se pudesse testemunhar na presença do seu outro assistente, inspetor. É que se trata realmente de algo muito embaraçoso para mim.

Não era um pedido a que Dalglish normalmente tivesse acedido, mas as circunstâncias, só por si, eram invulgares.

Na qualidade de oficial da Polícia, Miss Miskin está habituada a ouvir confidências embaraçosas. Mas, se isso o faz sentir-se mais à vontade...

Sim, faz. Por favor. Sei que parece um disparate da minha parte, mas será mais fácil para mim.

A um sinal de Dalglish, Kate retirou-se. Piers estava a trabalhar no computador no andar de cima, e Kate anunciou:

O padre Betterton tem algo a revelar que, ao que tudo indica, não é conveniente para os meus ouvidos castos de senhora. O Adam Dalgliesh mandou chamar-te. Parece que o capote do Treeves não foi devolvido à família. Porque não nos disseram antes? Mas, afinal, o que se passa com esta gente?

Nada respondeu Piers. Só não raciocinam como os polícias.

Não raciocinam como qualquer pessoa que alguma vez tenha conhecido. Dêem-me um bom vilão, à moda antiga!

Piers cedeu-lhe o lugar e desceu à sala de interrogatórios.

Afinal, o que aconteceu, padre? quis saber Dalgliesh, depois de Piers se sentar a seu lado.

Penso que o padre Sebastian lhe terá contado o pedido que me fez para que eu embrulhasse as roupas do rapaz. Ele pensava... Nós pensamos que não seria justo pedir a um dos nossos colaboradores que se encarregasse desse trabalho. As roupas dos mortos constituem algo de muito pessoal. É sempre penoso termos de tratar dos seus pertences. Subi ao quarto do Ronald e agrupei as suas roupas. Não tinha muita coisa, claro. Não encorajamos os nossos estudantes a trazer roupas ou objetos pessoais em demasia. Pedimos-lhes que tragam apenas o estritamente necessário. Agrupei as coisas dele, mas, quando estava a dobrar o capote, reparei que... O padre Betterton hesitou. Bem, reparei que estava manchado no lado de dentro.

Manchado de quê, padre?

Bem, era óbvio que ele tinha estado deitado, com o capote vestido, enquanto fazia amor.

Era uma mancha de esperma? perguntou Piers.

Sim, era uma mancha bastante grande, por sinal. Achei que não devia enviar o capote, naquele estado, ao pai dele. O Ronald nunca haveria de o querer e eu sabia... nós sabíamos que Sir Aired se opusera a que o filho viesse estudar para Santo Anselmo e não desejava, tão pouco, que ele se tornasse padre. Se tivesse visto o capote, isso poderia trazer problemas ao instituto.

Está a referir-se a um escândalo sexual?

Sim, ou algo do gênero. E teria sido tão humilhante para o pobre Ronald... Tenho a certeza de que seria a última coisa que pretenderia que acontecesse. Muito embora eu não soubesse o que fazer, conclui que nunca poderia enviar o capote naquele estado.

Porque não tentou limpá-lo?

Por acaso, pensei nisso, mas não me seria nada fácil. Tinha medo de que a minha irmã me visse com o capote e me perguntasse o que estava a fazer. Não tenho muito jeito para lavar

roupa, além de que, como é óbvio, não queria que ninguém me visse a lavar o capote. O nosso apartamento é pequeno e temos... tínhamos muito pouca privacidade. Então, decidi esquecer o problema. Sei que fui um verdadeiro idiota, mas o embrulho tinha de ficar pronto para ser entregue ao motorista de Sir Aired, e pensei que poderia tratar do capote mais tarde. Não queria que alguém soubesse o que acontecera e fosse contá-lo ao padre Sebastian. É que eu sabia quem era... Sabia quem era a mulher com quem o Ronald tivera relações sexuais.

Portanto, era uma mulher? perguntou Piers.

Sim, era. Posso afiançar-vos que era uma mulher.

Se não tiver qualquer ligação com o homicídio do arcediogo replicou Dalgliesh, não existem motivos para que mais alguém, além de nós os três, o saiba. No entanto, penso que posso ajudá-lo. Essa mulher era a Karen Surtees?

O padre Betterton não ocultou o seu alívio.

Sim, era ela, de fato. É que, sabe, gosto muito de observar as aves e, num dos meus passeios, vi-os juntos, através dos meus binóculos. Estavam no promontório. Como é evidente, não disse nada a ninguém. É o tipo de coisas que o padre Sebastian teria grande dificuldade em deixar passar ao lado. E havia o Eric Surtees. É boa pessoa e sente-se feliz aqui, com os seus porcos. Não queria estragar a felicidade dele. Depois, pessoalmente, não me parecia um ato assim tão condenável. Se eles se amavam, se eram felizes juntos... Se bem que não faça idéia de como fosse o seu relacionamento. Mas, quando pensamos na crueldade, no orgulho e no egoísmo que tantas vezes perdoamos, o que Ronald fizera... aos meus olhos, não era assim tão terrível. Ele não era particularmente feliz aqui, como sabe. Não sei porquê, mas nunca chegou a integrar-se e penso que também não era feliz em casa dos pais. Talvez precisasse conhecer alguém que se mostrasse afável e bondoso para com ele. As vidas dos outros são sempre um mistério... Não podemos julgá-las. Devemos usar de toda a nossa piedade e compreensão, tanto para com os mortos, como para com os vivos. Assim, rezei muito e decidi calar-me. Mas ficava com o problema do capote...

Padre, temos de encontrar esse capote quanto antes informou Dalgliesh. Que destino lhe deu?

Enrolei-o o mais que pude e lancei-o para o fundo do meu roupeiro. Sei que parece um ato disparatado mas, na altura, pareceu-me a melhor solução, até porque não tinha pressa em desfazer-me do capote... Mas os dias foram passando e tudo se complicou. Então, naquele sábado, compreendi que tinha de tomar uma decisão. Esperei que a minha irmã fosse dar um passeio. Peguei num dos meus lenços, molhei-o com água quente, ensaboei-o muito bem e esfreguei o local da mancha tão vigorosamente que consegui tirá-la. Depois, enxuguei o capote com uma toalha e deixei-o a secar em frente do fogão a gás. Foi então que pensei que era melhor tirar a etiqueta, para que as pessoas não se lembrassem da morte do Ronald. Desci ao vestiário e pendurei o capote num dos ganchos. Assim, se um dos ordinandos, por acaso, se esquecesse do seu capote, podia usar aquele. Tinha resolvido dizer ao padre Sebastian que me esquecera de devolver o capote do Ronald, sem mais

explicações. Bastaria dizer-lhe que o pendurara no vestiário. Sabia que ele concluiria que eu havia sido distraído e esqueceria rapidamente o incidente. Pareceu-me a melhor solução.

Dalgliesh havia aprendido, por experiência própria, que apressar o depoimento de uma testemunha pode ser catastrófico e conseguiu controlar a sua impaciência.

E onde está o capote agora, padre? perguntou.

Pendurado no vestiário, mais precisamente no último gancho, do lado direito. Deixei-o ali no sábado, pouco antes das completas. Não está lá? Não pude verificar, claro... não que tal idéia me tenha passado pela cabeça... porque os senhores selaram a porta do vestiário.

Quando foi que pendurou o capote no vestiário, mais precisamente?

Como já disse, pouco antes das completas. Fui um dos primeiros a dirigir-me à igreja. Éramos muito poucos, porque a maioria dos estudantes estava ausente e os respectivos capotes tinham ficado pendurados no vestiário. Como devem calcular, não os contei. Pendurei o capote que pertencera ao Ronald onde já lhe disse: no último gancho, do lado direito.

Usou-o enquanto o teve em seu poder, padre? O padre Betterton fitou Dalgliesh.

Nunca faria uma coisa dessas. Nós temos os nossos capotes, que são pretos, e nunca precisaria usar o do Ronald.

Em geral, os estudantes usam apenas os capotes deles ou são partilhados?

Cada um usa o seu. Por vezes, sem querer, enganam-se, mas isso nunca poderia acontecer na noite de sábado, porque nenhum dos ordinandos usa capote quando assiste às completas, exceto nos mais frios dias de Inverno. Até porque é um trajeto curto até à igreja... se passarmos pelo claustro norte. E o Ronald nunca emprestaria o seu capote a ninguém. Era muito esquisito em relação às suas coisas.

Padre, porque não me contou isso antes? perguntou Dalgliesh.

Porque o senhor não mo perguntou.

Mas não lhe ocorreu que, quando examinássemos todos os capotes, à procura de vestígios de sangue, devêssemos saber se algum havia desaparecido?

Não. E, tanto quanto sei, o capote do Ronald não desapareceu. Estava pendurado num gancho, com os outros, no vestiário.

Dalgliesh aguardou. A confusão do padre John dera lugar a uma certa angústia. Olhou para Dalgliesh, depois para Piers, mas não encontrou qualquer conforto nos seus rostos.

Não pensei nos pormenores da vossa investigação, no que faziam ou no que tal coisa pudesse representar. Nem queria pensar nisso, porque não me dizia respeito. Tudo o que fiz foi responder honestamente às perguntas que os senhores me fizeram.

Dalgliesh era forçado a admitir que se tratava de um argumento perfeitamente válido. Porque haveria o padre John de pensar que o capote podia ser relevante para a investigação? Alguém que conhecesse melhor os procedimentos da Polícia, ou fosse mais curioso e interessado, teria fornecido aquela informação, mesmo sem saber se seria particularmente útil. Como o padre John não possuía nenhum desses requisitos, mesmo que lhe houvesse passado pela cabeça contar o que sabia, acabaria por achar que era mais importante a preservação do patético segredo do Ronald Treeves.

Lamento imenso murmurou, constrangido. Dificultei o vosso trabalho? É importante?

E que resposta podia Dalgliesh dar?

O que é importante é a hora certa em que pendurou o capote no último gancho replicou. Tem a certeza de que foi antes das completas?

A certeza absoluta. Deviam ser nove e quinze. Costumo ser dos primeiros a entrar na igreja para as completas; ia mencionar o assunto ao padre Sebastian, depois do serviço, mas saiu apressadamente e não tive oportunidade de falar com ele. E, na manhã seguinte, quando soubemos do homicídio, pareceu-me que não seria inteligente da minha parte preocupá-lo com um assunto que se tornara insignificante.

Obrigado por tudo, padre agradeceu Dalgliesh. O que o senhor nos contou é importante. E mais importante ainda é que guarde para si o que acabou de nos revelar. Ficava-lhe grato se não mencionasse esta nossa conversa a ninguém.

Nem mesmo ao padre Sebastian?

A ninguém. Quando a investigação tiver terminado, então, terá toda a liberdade de contar ao padre Sebastian aquilo que muito bem entender. Por ora, não quero que ninguém saiba que o capote do Ronald Treeves se encontra, algures, no instituto.

Mas não continua pendurado no gancho, no vestiário?

Neste momento, não, padre respondeu Dalgliesh, mas vou encontrá-lo.

Acompanhou à porta o padre Betterton, que parecia ter-se tornado, de repente, um homem muito velho e confuso. Já à soleira, reunindo forças, virou-se e disse:

Como é natural, não falarei a ninguém sobre a nossa conversa, porque o senhor mo pediu. Mas posso também pedir-lhe que nada diga sobre o relacionamento do Ronald Treeves com a Karen?

Se estiver relacionado com o homicídio do arcediogo replicou Dalglish, então, não poderemos preservar esse segredo. É assim o homicídio, padre. São muito poucas as coisas que podemos manter em segredo quando um ser humano é assassinado. Mas posso afiançar-lhe que só será revelado se e quando eu o achar necessário.

Depois de lhe repetir quanto era importante que não falasse a ninguém do capote, Dalglish deixou o padre John partir. Havia uma vantagem em lidar com os padres e ordinandos de Santo Anselmo; podia ter-se a certeza de que, quando faziam uma promessa, a cumpriam.

12

Cinco minutos mais tarde, toda a equipe, incluindo os oficiais forenses, reuniu-se por trás das portas fechadas da Vivenda São Mateus. Dalglish contou o que acabara de saber.

Muito bem; vamos iniciar uma nova busca anunciou. Antes, porém, temos de esclarecer a questão dos três molhos de chaves. Após o homicídio, um molho de chaves desapareceu. Durante a noite, o Surtees tirou um, que enterrou na pocilga, mas já o devolveu. Isso significa que o Caim deve ter tirado o segundo molho, que tornou a colocar no devido lugar depois de assassinar o arcediogo. Se partirmos do princípio de que era ele que usava o capote, pode estar escondido em qualquer lado, tanto no instituto como no exterior. Não é uma peça de vestuário que possa esconder-se facilmente, mas o Caim tinha muito por onde escolher: toda a área que abrange o promontório e a praia. Tinha, igualmente, o tempo a seu favor: podia esconder o capote entre a meia-noite e as cinco e trinta e cinco da madrugada. Talvez até o haja queimado. Existem inúmeras valas, no promontório, onde poderia atear uma fogueira sem que ninguém o visse. Só precisaria de petróleo e de uma caixa de fósforos.

Sei o que eu teria feito com o capote replicou Piers. Tê-lo-ia dado a comer aos porcos. Aqueles animais comem tudo, sobretudo se for uma peça de roupa ensangüentada. Teríamos muita sorte se encontrássemos alguma coisa, exceto, talvez, a pequena corrente, na parte de trás da gola.

Pois bem, então, tentem encontrar o capote ordenou Dalglish. Piers e Robbins, dirijam-se à Vivenda São João. O padre Sebastian deu-nos autorização para nos movermos por toda a parte e, assim, não precisaremos de um mandado, a não ser que alguém levante alguma objeção. É importante que ninguém saiba do que andamos à procura. Onde se encontram, neste instante, os ordinandos? Alguém sabe?

Penso que estão na sala de aulas no primeiro andar da mansão respondeu Kate. O padre Sebastian preparou um seminário sobre teologia.

Ótimo, porque mantê-los-á ocupados e não os teremos à nossa volta. Mister Clark, não se importa de se encarregar, com os seus homens, das buscas no promontório e na costa? Pessoalmente, duvido muito que o Caim se tivesse dirigido até lá, debaixo daquela tempestade, só para deitar o capote ao mar, mas descobrirão vários esconderijos possíveis. A Kate e eu encarregamo-nos das buscas na mansão.

A equipe dispersou. Enquanto os oficiais forenses partiam em direção ao mar e Piers e Robbins se encaminhavam para a Vivenda São João, Dalgliesh e Kate transpuseram o portão de ferro que dava acesso ao átrio oeste. O claustro norte já estava limpo de folhas, mas nada se havia encontrado de interessante, após o exaustivo exame da equipe forense, excetuando o ramo de que Raphael falara e que, efetivamente, estava no seu quarto.

Dalgliesh abriu a porta do vestiário, onde pairava um cheiro a umidade. Os cinco capotes encontravam-se dependurados dos seus ganchos, numa triste decrepitude, como se estivessem ali há várias décadas. Dalgliesh calçou luvas de látex e virou o capuz de cada um dos capotes. As etiquetas estavam nos seus lugares: Morby, Arbuthnot, Buckhurst, Bloxham, McCauley. Passaram à lavanderia. Havia quatro cestos de roupa por baixo da mesa com tampo de fórmica, situada entre as duas janelas altas da divisão. Do lado esquerdo, podia ver-se um tanque com duas tábuas de madeira e um secador de roupa, muito antigo. As quatro máquinas de lavar roupa estavam encostadas à parede do lado direito e todas tinham as portas fechadas.

Kate ficou à soleira da porta, enquanto Dalgliesh abria as três primeiras portas. Quando se debruçou para abrir a quarta, Kate percebeu que ele se endireitou logo de seguida, e aproximou-se. Por trás do vidro espesso, podiam ver-se as pregas de uma peça de vestuário castanho, de lã. Tinham encontrado o capote.

Havia um cartão sobre a máquina de lavar. Pegando-lhe, Kate estendeu-o a Dalgliesh, sem dizer palavra. A mensagem fora escrita com uma caneta preta e a caligrafia era meticulosamente desenhada. "Este veículo não deve ficar estacionado no pátio dianteiro. Tenha a bondade de o estacionar na parte de trás da mansão. P. G."

É o padre Peregrine afirmou Dalgliesh. E parece ter sido ele que desligou a máquina de lavar; ainda há cinco centímetros de água no tambor.

Água com sangue? perguntou Kate. E debruçou-se, para ver melhor.

Não se vê muito bem, mas o laboratório procederá à análise. Avise o Piers e os outros. Diga-lhes que cessem as buscas. Quero que abram a porta desta máquina de lavar, recolham a água que ainda se encontra no tambor e enviem o capote para o laboratório. E quero que recolham amostras de cabelo de todos os residentes em Santo Anselmo. Ainda bem que o padre Peregrine passou por aqui. Se uma máquina deste tamanho tivesse completado o ciclo de lavagem, duvido que encontrássemos quaisquer vestígios, como sangue, fibras ou cabelos. O Piers e eu vamos falar com ele.

O Caim correu um grande risco comentou Kate. Foi um ato insano da sua parte voltar aqui e ligar a máquina de lavar. Foi por mero acaso que não encontramos o capote mais cedo.

Ele pouco se importava que descobríssemos o capote. Talvez fosse exatamente isso que ele queria. O importante era que não estabelecêssemos um elo de ligação entre ele e o capote.

Mas ele devia saber que o padre Peregrine podia acordar e vir até cá, para desligar a máquina de lavar.

Não, Kate, ele não o sabia, porque é uma das pessoas que não se serve destas máquinas. Lembra-se do diário de Mistress Munroe? O George Gregory dá a sua roupa a lavar a Ruby Pilbeam.

O padre Peregrine estava sentado atrás da sua secretária, na extremidade oeste da biblioteca, e era difícil vê-lo, escondido por trás de uma pilha de livros. Não havia mais ninguém na biblioteca.

Padre, na noite do crime, desligou uma das máquinas de lavar? perguntou Dalglish.

O padre Peregrine ergueu a cabeça. Aparentemente, não havia reconhecido, de imediato, os seus visitantes.

Ah, é o senhor, inspetor Dalglish! Desculpe, mas não o reconheci exclamou. De que estava a falar?

Da noite de sábado. Da noite em que o arcediogo foi assassinado. Perguntei-lhe se foi até à lavandaria e desligou uma máquina de lavar.

Fui até à lavandaria? Dalglish estendeu-lhe o cartão.

Creio que foi o senhor que escreveu este recado, porque está assinado com as suas iniciais. E, se não me engano, a caligrafia é sua...

Sim, de fato, é a minha caligrafia. Meu Deus, parece-me que se trata do cartão errado!

E que dizia o outro cartão?

Que os ordinandos não devem ligar as máquinas de lavar depois das completas. Deito-me cedo e tenho o sono leve. Aquelas máquinas já são muito velhas e fazem muito barulho. Penso que o defeito é do sistema de canalização e não das máquinas em si. Mas a questão nem é essa. Os ordinandos devem remeter-se ao silêncio depois das completas, e não é o melhor momento para se lavar roupa.

E ouviu a máquina a trabalhar, padre? Colocou este cartão em cima da máquina?

Devo ter sido eu, efetivamente, Mas devia estar ensonado, porque não me lembro.

Ensonado, padre? interveio Piers. Não sei como alguém ensonado consegue pegar num papel e numa caneta e, depois, redigir um bilhete.

Pensava que me tinha explicado. Esse é o cartão errado. Tenho vários já preparados. Estão no meu quarto, se quiserem vê-los.

Seguiram-no até à cela que lhe servia de quarto. Ali, numa estante atulhada de livros, uma caixa de cartolina continha uma meia dúzia de cartões. Dalglish leu um por um: "Esta

secretária é para meu uso exclusivo. Pede-se aos ordinandos que não deixem aqui os seus livros.” ”Tenham a bondade de tornar a colocar os livros nas respectivas prateleiras, pela ordem correta.” ”Estas máquinas de lavar não devem ser utilizadas depois das completas. De ora em diante, desligarei toda e qualquer máquina que esteja a funcionar depois das dez da noite.” ”Este painel é reservado exclusivamente aos comunicados oficiais, e não à troca de recados pessoais entre os estudantes.” Todos os bilhetes estavam assinados: ”P. G.”

Para que eu me tenha enganado no cartão, devia estar mesmo meio a dormir concluiu o padre Peregrine.

O ruído da máquina deve tê-lo acordado, a dada altura, e o senhor foi até à copa para pôr termo ao barulho. Não pensou que isso podia ser importante quando Miss Miskin o interrogou?

Essa jovem perguntou-me se eu tinha ouvido alguém entrar ou sair da mansão e, também, se eu me ausentara do meu quarto. Lembro-me perfeitamente das palavras que ela empregou. Pediu-me que fosse exato nas minhas respostas, e assim fiz. Respondi-lhe que não. Ninguém me falou nas máquinas de lavar.

Todas as máquinas tinham a porta fechada retomou Dalgliesh. Parece-me que, de costume, quando não estão a funcionar, as portas ficam abertas. Foi o senhor que as fechou?

Não me lembro, mas é bem possível que tenha sido eu respondeu o padre Peregrine, com evidente complacência. Seria um gesto natural da minha parte. Dou muito valor à ordem e à arrumação. Não gosto de ver aquelas máquinas abertas. Nem há motivo para isso.

Os pensamentos do padre Peregrine pareceram, então, concentrar-se novamente nos seus livros e no seu trabalho. Regressou à biblioteca, seguido de Dalgliesh e de Piers, e tomou o seu lugar, como se a entrevista tivesse acabado.

Dando tanto ênfase à sua voz quanto lhe era permitido, Dalgliesh perguntou:

Padre, está interessado em ajudar-me a apanhar o assassino? Não se mostrando intimidado pelo metro e oitenta de Dalgliesh, o padre Peregrine pareceu considerar aquela pergunta como uma proposta e não como uma acusação velada e, depois de um breve período de reflexão, respondeu:

Os assassinos devem ser presos, claro, mas não me parece que eu tenha a competência necessária para ajudá-lo, inspetor. Não tenho qualquer experiência no campo da investigação policial. Talvez fosse melhor pedir ajuda ao padre Sebastian ou ao padre John. Eles lêem muitos romances policiais, o que deve conferir-lhes alguma perspicácia. Certa vez, o padre Sebastian emprestou-me um livro, da autoria de Mister Hammond Innes, mas, se a memória não me falha, era demasiado denso para o meu intelecto.

Piers, emudecido, ergueu o olhar para o alto e virou as costas àquele fiasco. Entretanto, sempre com o olhar pousado no seu livro, o padre Peregrine parecia ter-se animado e ergueu a cabeça.

Só uma coisa. Esse assassino, depois de cometer o crime, devia querer fugir. Devia ter um carro à sua espera, em frente do portão oeste. Parece-me o mais lógico. Mas já não o vejo a lavar roupa, numa altura daquelas. Essa história da máquina de lavar foi uma cilada para que o peixe mordesse o engodo.

Repetindo, em voz baixa, "o peixe mordesse o engodo", Piers afastou-se, como se não conseguisse agüentar mais.

Porque prosseguiu o padre Peregrine, com engodo ou sem ele, o significado é o mesmo. Os peixes, nomeadamente os arenques, foram a fonte de proteínas desta costa durante muitos anos. Não sei muito bem qual a etimologia da palavra "engodo", mas também se emprega a palavra "isca" e não "isco", como muita gente pensa. Pode, inclusivamente, dizer-se que uma investigação não é "iscada", quando o seu êxito é comprometido por informações irrelevantes, como o meu bilhete, para mal dos meus pecados...

Claro, claro... anuiu Dalgliesh, suspirando, resignado. Mas não ouviu nem viu nada quando saiu do seu quarto?

Como já lhe disse, não me lembro de haver saído do meu quarto. Porém, uma vez que a máquina foi desligada e havia sobre ela um dos meus cartões, a evidência é incontestável. E tenho a certeza de que, se alguém tivesse entrado no meu quarto para me tirar um dos cartões, eu teria dado por isso. Mas não posso ajudá-lo mais do que já fiz. Lamento imenso, inspetor.

O olhar do padre Peregrine tinha-se voltado novamente para o seu livro, e Dalgliesh e Piers deixaram-no. À porta da biblioteca, Piers exclamou:

Não consigo acreditar! O homem é doido! E pensar que ele é considerado competente para ensinar estudantes em pós-graduação!

Pelo que sei, é um professor brilhante replicou Dalgliesh. Além do mais, o que nos disse faz sentido. Acordou, ouviu um ruído que detesta, levantou-se, meio a dormir, pegou num dos seus cartões sem se aperceber de que era o errado, colocou-o em cima da máquina e voltou a deitar-se, sempre num profundo estado de sonolência. O problema é que não acredita que o assassino possa ser alguém de Santo Anselmo. Nem sequer admite essa possibilidade. E é a mesma coisa, em relação ao padre John e ao capote. Nem um nem o outro tentam ocultar-nos informações, tal como não se recusam peremptoriamente a colaborar. Mas, porque não raciocinam como um oficial de polícia, não vêem qual o interesse das perguntas que lhes fazemos e recusam-se, simplesmente, a pensar sequer na hipótese de que o assassino seja alguém de Santo Anselmo.

Nesse caso, vão ter um grande choque replicou Piers. E quanto ao padre Sebastian? E ao padre Martin?

Esses viram o corpo, Piers. Tem consciência do "onde" e do "como". Mas a questão que se coloca é se têm noção, também, do "quem".

Na lavandaria, o capote tinha sido tirado da máquina e guardado num saco de plástico. A água, tingida de um rosa tão pálido que parecia mais imaginado do que real, fora recolhida em garrafas devidamente etiquetadas. Dois dos homens de Clark passavam pó pela máquina de lavar a fim de recolher impressões digitais. Dalglish tinha a sensação de que todos aqueles esforços eram inúteis; Gregory usara luvas, na igreja, e era pouco provável que as tivesse tirado antes de regressar à vivenda. Porém, tinham de o fazer; a defesa tentaria tudo por tudo para pôr em causa a eficácia da investigação.

Isto confirma, comentou, que o Gregory é o nosso principal suspeito, mas já o era, a partir do momento em que descobrimos o seu casamento. A propósito: onde é que ele está? Alguém o sabe?

Foi até Norwich esta manhã respondeu Kate. Disse a Mistress Pilbeam que voltaria a meio da tarde. É ela que arruma e limpa a vivenda, e estava lá quando ele saiu.

Assim que o Gregory regressar, vamos interrogá-lo mas, desta vez, quero que tudo o que ele disser fique gravado. Há duas coisas que são importantes. Ele não pode saber que o capote do Treeves permaneceu no instituto, nem que a máquina de lavar roupa foi desligada. Piers, vai falar novamente com o padre John e o padre Sebastian. Usa de tacto. E tenta certificar-te de que a mensagem chegará ao conhecimento do padre Peregrine.

Assim que Piers saiu, Kate exclamou:

Não podíamos pedir ao padre Sebastian que anunciasse que a porta do claustro norte já está aberta e que os estudantes podem servir-se da lavanderia? Ficaríamos de guarda para ver se o Gregory ia buscar o capote. Ele deve querer saber se nós o encontramos.

É uma boa idéia, Kate, mas não provaria nada. Ele nunca cairia na armadilha. Se decidir ir até à lavanderia, levará uma trouxa de roupa suja consigo. E porque haveria de dar-se a esse trabalho? Planeou tudo de maneira a que encontrássemos o capote e nos convencêssemos, mais uma vez, de que o assassino é alguém do instituto. O que lhe interessa é que não consigamos provar que ele o usava na noite do crime. Em princípio, nada tinha a recear. Contudo, teve pouca sorte, porque o Surtees entrou na igreja no sábado à noite. Sem o testemunho do Surtees, nada provaria que o assassino usava capote. Também não teve sorte quando o padre Peregrine desligou a máquina de lavar. Se a máquina tivesse completado o ciclo de lavagem, não teriam ficado quaisquer vestígios.

Mesmo assim, ele podia alegar que o Treeves lhe havia emprestado o capote fez notar Kate.

Seria uma desculpa muito estranha. O Treeves era muito possessivo no que dizia respeito aos seus pertences. E por que motivo haveria de emprestar-lhe o seu capote? Mas tens razão. Provavelmente, essa alegação fará parte da sua defesa.

Piers, entretanto, regressara.

O padre John estava na biblioteca com o padre Peregrine anunciou. Penso que compreenderam a situação. Mas temos todo o interesse em vigiar o Gregory e interceptá-lo assim que ele regresse.

E se ele quiser um advogado? perguntou Kate.

Teremos de esperar que arranje um respondeu Dalgliesh. Contudo, Gregory não pedira um advogado. Uma hora mais tarde, estava sentado calmamente na sala de interrogatórios.

Creio conhecer os meus direitos e os vossos limites para não ter de pagar honorários a um advogado começou por dizer. Aqueles que poderiam realmente ajudar-me custar-me-iam muito caro, e aqueles a quem poderia pagar não me ajudariam em nada. O meu solicitador, se bem que tenha competência para redigir um testamento, revelar-se-ia um incômodo para todos nós. Não assassinei o Crampton. Não só a violência me repugna, como não tinha qualquer motivo para desejar a morte dele.

Dalgliesh tinha decidido deixar que Kate e Piers conduzissem o interrogatório. Ambos estavam sentados em frente de Gregory, enquanto Dalgliesh fora postar-se junto da janela virada a leste. Aquela sala tornara-se um estranho cenário para um interrogatório. Com a mesa quadrada, as quatro cadeiras e as duas poltronas, estava tão despojada de mobília como quando eles se haviam instalado ali. A única modificação que haviam feito fora substituir a lâmpada que iluminava a mesa. Os vestígios de que haviam ocupado a vivenda estavam patentes apenas na cozinha, onde havia várias chávenas e pairava um tênue cheiro a sanduíches e café, e na sala de espera, um pouco mais confortável, onde Mrs. Pilbeam havia colocado uma jarra com flores. Dalgliesh perguntava a si próprio de que forma um espectador casual interpretaria a cena que se desenrolava, então, naquele espaço funcional, com três homens e uma mulher manifestamente absorvidos pelos seus pensamentos. Podia interpretá-la apenas como um interrogatório ou uma conspiração, cuja atmosfera misteriosa era realçada pelo bater ritmado das ondas na praia.

Kate ligou o gravador e passou às perguntas preliminares. Gregory indicou o seu nome e endereço, e os três polícias, o seu nome e a sua patente.

Foi Piers quem fez a primeira pergunta:

O arcediago Crampton foi assassinado no sábado passado, por volta da meia-noite. Onde esteve, nessa noite, a partir das dez horas?

Já respondi a essa pergunta, da primeira vez que me interrogaram. Estava em casa, a ouvir Wagner. Não saí de casa, a não ser quando me telefonaram e me pediram que estivesse presente na reunião que o padre Sebastian convocara para a biblioteca.

Temos a prova de que alguém, nessa noite, entrou no quarto do Raphael Arbuthnot. Foi o senhor?

Como podia ser eu? Pois se acabo de vos dizer que não saí de minha casa.

No dia vinte e sete de abril de mil novecentos e oitenta e oito, casou-se com a Clara Arbuthnot, e já nos revelou que o Raphael era seu filho. Tinha consciência, naquela altura, de que o seu casamento tornaria o Raphael um filho legítimo e, por conseguinte, o herdeiro de Santo Anselmo?

Houve um breve silêncio. "Ele não sabe como foi que descobrimos que se casou com a Clara Arbuthnot e não tem a certeza do que sabemos", concluiu Dalglish.

Na altura, não tive consciência disso respondeu Gregory, por fim. Só mais tarde... mas não me lembro quando... me dei conta de que a lei de mil novecentos e setenta e seis tornava o meu filho um herdeiro legítimo.

Quando se casou, conhecia as cláusulas do testamento de Miss Agnes Arbuthnot?

Desta vez, não houve qualquer hesitação. Dalglish não tinha quaisquer dúvidas de que Gregory se havia informado, provavelmente através de uma pesquisa efetuada em Londres, se bem que devesse ter usado uma falsa identidade e, conseqüentemente, estivesse convencido de que a Polícia nunca conseguiria apresentar prova disso.

Não, não conhecia.

A sua esposa não lhe falou das cláusulas do testamento, quer antes, quer depois do casamento?

Nova hesitação e um brilho nos olhos. Por fim, decidiu arriscar:

Não, ela nada me disse a esse respeito. Estava mais preocupada em salvar a sua alma do que com o futuro financeiro do nosso filho. E, se essas vossas perguntas, algo ingênuas, se destinam a provar que eu tinha um móbil, então, permitam-me que vos faça notar que se aplicam igualmente aos quatro padres residentes.

Que engraçado... sibilou Piers. Julgava que não tinha conhecimento das disposições do testamento de Miss Agnes Arbuthnot...

Não estava a pensar nas vantagens financeiras. Pensava na antipatia generalizada em relação ao arcediogo. E, se pretendem insinuar que o matei para assegurar que o meu filho se tornasse o único herdeiro, tenho de vos lembrar de que há muito se previa que o instituto encerrasse. Todos nós sabíamos que seria apenas uma questão de tempo.

Talvez o encerramento fosse inevitável replicou Kate, mas não imediato. O padre Sebastian podia ter conseguido um adiamento de um ou de dois anos, ou seja, o tempo suficiente para que o seu filho terminasse a sua formação e fosse ordenado padre. Era isso que o senhor queria?

Teria preferido que ele seguisse uma outra carreira mas penso que é esse um dos pequenos incômodos de ser pai. Os filhos raramente agem com sensatez. Depois de o ignorar durante vinte e cinco anos, não ficaria bem aconselhar o Raphael sobre o modo como devia orientar a sua vida.

Descobrimos hoje, foi a vez de Piers falar, que o assassino do arcediogo usava o capote de um dos ordinandos. Descobrimos um capote numa das máquinas da lavanderia de Santo Anselmo. Foi o senhor que o escondeu ali?

Não, não fui eu, nem sei quem o tenha feito.

Descobrimos também que alguém, provavelmente um homem, telefonou a Mistress Crampton às nove horas e vinte e oito minutos da noite do crime, alegando estar a telefonar do gabinete da diocese, para lhe pedir o número do celular do arcediogo. Foi o senhor que efetuou esse telefonema?

Gregory reprimiu um sorriso.

Este interrogatório é surpreendentemente simplista para uma equipe que, segundo soube, é considerada das melhores da Scotland Yard. Não, não fui eu que efetuei esse telefonema, nem sei quem o fez.

Era a hora a que os padres e os quatro ordinandos deviam ir assistir às completas. Onde se encontrava nessa altura?

Na minha casa, a corrigir alguns testes. E não fui o único a não ir às completas. O Yarwood, o Stannard, o Surtees e o Pilbeam, bem como as três senhoras, resistiram à tentação de ir ouvir a pregação do arcediogo. Têm a certeza de que foi um homem que telefonou para Mistress Crampton?

O homicídio do arcediogo não foi a única tragédia que pôs em perigo o futuro de Santo Anselmo, prosseguiu Kate. A morte do Ronald Treeves também não ajudou. Ele esteve em sua casa, na sexta-feira à noite, e morreu no dia seguinte. O que se passou, naquela sexta-feira à noite?

Gregory fitou-a. A sua expressão de aversão e de desprezo era tão patente como se tivesse acabado de cuspir. Kate corou.

O Ronald Treeves fora rejeitado e traído retomou ela. Foi ter consigo na esperança de ser confortado e o senhor mandou-o embora. Foi o que aconteceu, não é verdade?

Ele foi a minha casa para ter uma lição de Grego. É verdade que a lição durou menos tempo do que o habitual, mas foi ele que me pediu. Já devem saber, por certo, que ele tinha roubado uma hóstia consagrada. Aconselhei-o que fosse confessar-se ao padre Sebastian. Não podia dar-lhe outro conselho, e estou certo de que teriam feito o mesmo. Ele perguntou-me se corria o risco de ser expulso, e respondi-lhe que, com os preconceitos do padre Sebastian, teria de contar com isso. Queria que eu o tranquilizasse, mas não podia

dar-lhe qualquer esperança. Mais valia que ele se arriscasse a ser expulso do que cair nas mãos de uma chantagista. O pai dele é muito rico e aquela mulher tê-lo-ia submetido a chantagem durante anos.

O que o leva a pensar que a Karen Surtees é uma chantagista? Conhece-a assim tão bem?

O suficiente para saber que é uma jovem sem escrúpulos e que tem sede de poder. O segredo do Treeves nunca ficaria a salvo nas mãos dela.

Portanto, ele saiu da sua casa e suicidou-se, concluiu Kate.

Infelizmente, mas nunca poderia tê-lo previsto nem, muito menos, impedido.

E houve uma outra morte interveio Piers. Temos a prova de que Mistress Munroe tinha descoberto que o senhor era o pai do Raphael. Ela disse-lhe que o sabia?

De novo se fez silêncio. Gregory pousara as mãos sobre a secretária e fitava os seus interlocutores. Não conseguia ver-lhe o rosto, mas Dalglish sabia que aquele homem estava prestes a tomar uma decisão, porque se perguntava, de novo, o que sabia a Polícia, tentando perceber se Margaret Munroe falara com mais alguém ou se havia deixado um bilhete.

O silêncio não durou mais de seis segundos, se bem que parecesse muito mais longo.

Sim, ela foi visitar-me respondeu Gregory, por fim. Tinha feito certas pesquisas... não precisou quais, que confirmavam as suas suspeitas. Aparentemente, havia duas coisas que a preocupavam. Primeiro, achava que eu estava a enganar o padre Sebastian, trabalhando aqui sob um falso pretexto e, acima de tudo, pensava que o Raphael tinha o direito de saber a verdade. Se bem que o assunto não lhe dissesse respeito, achei por bem explicar-lhe por que motivo eu não me casara com a mãe do Raphael quando ela engravidara, e porque voltara atrás na minha decisão mais tarde. Disse-lhe ainda que, para falar com o Raphael, estava à espera, primeiro, de ter motivos para achar que a notícia não iria ser demasiado desagradável para ele. Queria escolher o momento certo. Prometi-lhe que falaria com o Raphael antes do final do período. Com base nessa minha promessa, que ela não tinha qualquer direito de exigir. Prometeu, por seu lado, manter segredo.

E, nessa mesma noite, morreu rematou Dalglish.

De um ataque cardíaco. Se o choque provocado pela sua descoberta e pelo esforço que fez para me falar do assunto foi fatal para ela, então, só me resta lamentá-lo. Não creio que possam responsabilizar-me por todas as mortes que ocorreram em Santo Anselmo. Daqui a pouco vão acusar-me de ter empurrado a Agatha Betterton pela escada abaixo.

E empurrou-a? perguntou Kate.

Desta vez, Gregory foi suficientemente inteligente e disfarçou o seu desprezo.

Pensava que investigavam a morte do arcediogo Crampton. Nunca me passou pela cabeça que quisessem fazer-me passar por um assassino em série. Não seria melhor concentrarem-se na única dessas mortes que foi, incontestavelmente, um homicídio?

Foi então que Dalglish interveio.

Vamos recolher uma amostra de cabelo de todos aqueles que passaram a noite de sábado em Santo Anselmo. Penso que não verá qualquer inconveniente...

Não, se essa afronta se estender a todos os outros suspeitos. Deduzo que não seja preciso uma anestesia geral para tal procedimento...

De pouco lhes servia, agora, prolongar o interrogatório, e Kate desligaram o gravador.

Podem recolher uma amostra do meu cabelo agora propôs Gregory. É que faço tenção de trabalhar e não quero ser interrompido.

E, dito aquilo, saiu.

Quero essas amostras esta noite informou Dalglish. Depois, regresso a Londres. Pretendo estar no laboratório quando procederem ao exame do capote. Se nos derem prioridade, não levará mais de dois dias a termos os resultados. Vocês os dois ficam aqui com o Robbins. Vou falar com o padre Sebastian para que possam instalar-se aqui, na vivenda. Se não houver camas de reserva, deve conseguir arranjar, ao menos, um colchão ou um colchonete. E quero que vigiem o Gregory durante vinte e quatro horas por dia.

E se não conseguirmos obter nada com o resultado do exame do capote? perguntou Kate. Tudo o que conseguimos, até agora, foram provas circunstanciais. Sem provas conclusivas, não poderemos fundamentar a nossa acusação.

Kate acabara de dar voz ao que era óbvio e nem Dalglish nem Piers replicaram.

14

Quando a irmã era viva, o padre John raramente comparecia às refeições, exceto ao jantar, porque o padre Sebastian contava com a presença de todos os residentes, por encarar aquela refeição como a celebração da união da vida comunitária. De uma forma algo inesperada, apareceu para o chá, na terça-feira. A morte da irmã não fora objeto de nenhuma reunião oficial no instituto; o padre Sebastian transmitira a notícia a cada um dos residentes, em privado. Os quatros ordinandos já haviam ido visitar o padre John, para lhe apresentar condolências e, agora, esforçavam-se por lhe transmitir a sua simpatia, enchendo-lhe a chávena e levando-lhe sanduíches, scones e fatias de bolo da mesa do refeitório. Sentado perto da porta, aquele homenzinho tranqüilo, sempre muito educado, sorria de tempos a tempos. Depois do chá, Emma sugeriu-lhe que talvez pudesse começar a separar as roupas de Miss Betterton e subiram, juntos, ao apartamento.

Por não saber muito bem como iria embrulhar as peças de roupa, Emma havia pedido a Mrs. Pilbeam dois grandes sacos de plástico, um para aquilo que pudesse ser enviado para Oxfam ou outra instituição de caridade, e outro para tudo quanto seria deitado fora. Mas os dois sacos pretos pareciam tanto ser simples sacos de lixo, que Emma decidiu começar por fazer uma triagem preliminar e só depois embrulhar e tirar as roupas do apartamento, numa altura em que o padre John estivesse ausente.

Deixou-o, sentado, na semiobscuridade da sala de estar, junto das chamas azul claras do seu fogão a gás, e entrou no quarto de Miss Betterton. Um candeeiro com um abajur empoeirado e fora de moda fornecia uma fraca iluminação, mas havia, na mesa-de-cabeceira, um outro candeeiro com uma lâmpada mais potente, que projetava um feixe de luz pelo quarto, e Emma pôde começar a sua tarefa. Do lado direito da cama de latão havia uma cadeira e uma cómoda de gavetas arredondadas. A outra única peça de mobiliário era o imenso roupeiro de mogno, com pés esculpidos, que ocupava todo o espaço entre as duas janelas. Emma abriu a porta e as suas narinas captaram, de imediato, o cheiro a mofo, a que se misturava o odor a alfazema e a naftalina.

A tarefa de separar e pôr de lado as roupas de Miss Betterton revelou-se menos difícil do que ela pensava. Ao longo da sua vida solitária, Miss Betterton usara poucas roupas e custava a crer que tivesse comprado algo nos últimos dez anos. Emma tirou do roupeiro um casaco pesado, de pêlo de rato almiscarado, muito puído, dois fatos de tweed, cujos casacos, cintados e de ombros almofadados, deviam ter estado em moda nos anos trinta, uma coleção variada de casacos de malha e de saias compridas de tweed, e dois vestidos de noite em veludo e cetim de excelente qualidade, mas de corte tão arcaico que dificilmente uma mulher moderna os usaria, a não ser para um baile de máscaras. A cómoda continha blusas, roupa interior, estas se bem que lavadas se apresentavam manchadas, camisas de dormir de manga comprida e bolas de meias brancas. Pouco havia ali que pudesse ser oferecido a uma instituição de caridade.

Sentiu uma súbita piedade por Miss Betterton ao pensar, algo revoltada, que o inspetor Tarrant e o seu colega haviam remexido naqueles restos patéticos. O que esperavam encontrar? Uma carta, um diário, uma confissão? Durante a Idade Média, as congregações de fiéis, confrontadas domingo após domingo com a imagem aterradora do Juízo Final, oravam para que fossem poupadas a uma morte súbita, por recearem entregar a alma ao Criador, sem se confessarem, primeiro. Nos tempos que corriam, os homens, nos seus derradeiros momentos, eram mais propensos a lamentar haverem deixado a secretária desarrumada, projetos inacabados e cartas que pudessem incriminá-los.

Foi então que Emma fez uma descoberta surpreendente, ao abrir a gaveta de baixo. Cuidadosamente embrulhada em papel pardo, havia uma farda de oficial da RAF, com as asas por cima do bolso esquerdo, dois galões nas mangas e uma faixa com condecorações, além de um boné achatado e já muito velho. Emma tirou o casaco e a farda, pousou-os sobre a cama e contemplou-os, em silêncio, durante alguns momentos.

Encontrou as jóias na gaveta da esquerda da cómoda, guardadas num pequeno estojo de couro. Havia pouca coisa e os camafeus e medalhões, os anéis pesados, de ouro, e os longos colares de pérolas pareciam ser herança de família. Era difícil estabelecer o seu valor, muito

embora algumas das pedras preciosas parecessem genuínas, e Emma perguntou a si própria como iria cumprir a promessa que fizera ao padre John. Talvez fosse melhor levar as jóias até Cambridge, e mandá-las avaliar numa das joalherias da cidade. Até lá, seria uma grande responsabilidade para ela guardá-las em lugar seguro.

O estojo tinha um fundo falso e, ao levantá-lo, encontrou um pequeno sobrescrito, amarelecido pelo passar dos anos. Abriu-o e encontrou um anel de ouro, com um rubi rodeado de diamantes. Muito embora as pedras fossem pequenas, estavam incrustadas artisticamente. Tomada por um súbito impulso, Emma enfiou-o no dedo anelar esquerdo e reconheceu o que era: um anel de noivado. Devia ter sido oferecido a Miss Betterton pelo aviador, que devia ter morrido em combate: se não, de que outra forma podia ter ela conservado a farda? Emma imaginou, então, um avião solitário, provavelmente um Spitfire ou um Hurricane, a rodopiar, fora de controle, deixando atrás de si um rasto de fumaça, antes de mergulhar no canal. Ou o homem da farda teria sido piloto de um caça, abatido ao sobrevoar terreno inimigo, juntando-se, na morte, a todos aqueles a que as suas bombas haviam tirado a vida? Havia ele sido amante de Agatha Betterton, antes de morrer?

Porque custava tanto a crer que os velhos haviam sido novos, fortes e senhores da beleza animal tão característica da juventude? Porque seria tão difícil imaginar que haviam amado e sido correspondidos, tinham rido e experimentado o otimismo dos jovens? Lembrou-se de Miss Betterton, nas poucas ocasiões em que a vira, passeando ao longo do penhasco, com um gorro de lã na cabeça e o queixo espetado para frente, como se combatesse um inimigo mais poderoso do que o vento; ou a cruzar-se com ela, nas escadas, cumprimentando-a com um leve aceno de cabeça, ou fitando-a, de relance, com aqueles seus olhos escuros e assustadoramente penetrantes. Raphael gostava dela e haviam passado muito tempo juntos. Mas seria o afeto dele genuíno ou apenas uma resposta ao dever de se mostrar gentil para com uma senhora de idade? E, se aquele anel era realmente de noivado, porque deixara Miss Betterton de usá-lo? Talvez por representar algo que havia acabado e que tinha de ser guardado, tal como Miss Betterton guardara a farda do seu noivo. Porque não quisera lembrar-se, ao acordar, todas as manhãs, de que aquele símbolo sobrevivera ao homem que comprara o anel e iria sobreviver também a ela. Porque não quisera exhibir publicamente o seu desgosto, em cada gesto da sua mão. Era um lugar-comum afirmar-se que os mortos continuam vivos na memória daqueles que os amaram, mas de que servia a memória como substituto de uma voz terna e de dois braços fortes? E não era essa a inspiração de quase toda a poesia no mundo? O lado transitório da vida, do amor e da beleza? A tomada de consciência de que o carro alado do tempo tem punhais nas rodas?

Alguém bateu à porta. Emma virou-se e deparou com Miss Miskin. Por breves momentos, as duas mulheres entreolharam-se, e Emma não detectou qualquer sinal de amizade no olhar de Kate Miskin.

O padre John disse-me que a encontraria aqui. O inspetor Dalgliesh pediu-me que informasse toda a gente de que regressou a Londres, mas eu, o inspetor Tarrant e o sargento Robbins ficaremos aqui, por enquanto. Agora que se instalaram fechaduras nas portas dos quartos de hóspedes, é importante que se tranque, todas as noites. Estarei no instituto, depois das completas, e acompanhá-la-ei até ao seu quarto.

Então, o inspetor Dalglish partira sem se despedir. E porque haveria de o fazer? Tinha mais coisas em que pensar do que nas regras de cortesia. Devia ter-se despedido apenas do padre Sebastian, porque a mais não era obrigado.

O tom de voz de Miss Miskin fora cortês e Emma sabia que estava a ser injusta, sentindo-se ofendida pelo fato de o inspetor Dalglish não se haver despedido dela.

Não preciso que me escolte ao meu quarto declarou. Mas julgam que corremos perigo?

Fez-se silêncio, até que Kate Miskin replicou:

Eu não disse isso, mas é bom não esquecer que há um assassino à solta e, enquanto não o apanharmos, será melhor que todos tomem precauções.

Vão proceder a uma detenção? Nova pausa.

Assim o esperamos. Afinal, é para isso que aqui estamos. Para proceder a uma detenção. Lamento não lhe poder dizer mais de momento. Vemo-nos mais tarde.

E saiu, fechando a porta atrás de si. Ficando novamente sozinha, olhando para o boné dobrado e a farda sobre a cama, e com o anel de noivado ainda na mão, Emma sentiu os olhos marejados de lágrimas. Contudo, não saberia dizer se chorava por sentir pena de Miss Betterton e do seu amado, ou se por sentir pena de si própria. Por fim, tornou a colocar o anel dentro do sobrescrito e decidiu-se a terminar a sua tarefa.

15

Na manhã seguinte, antes que o Sol nascesse, Dalglish dirigiu-se ao laboratório de Lambeth. Chovera toda noite e, se bem que a chuva tivesse parado, as luzes encarnadas, amarelas e verdes dos semáforos projetavam o seu reflexo garrido e tremulo nas estradas ainda encharcadas, enquanto, no ar, pairava o cheiro a maresia. Londres parecia dormir apenas entre as duas e as quatro da madrugada. Agora, a pouco e pouco, a capital começava a despertar e os trabalhadores, em pequenos grupos, emergiam para se apoderarem da cidade.

O material recolhido na cena de um crime em Suffolk normalmente teria sido enviado para o laboratório forense de Huntingdon, mas este se encontrava sobrecarregado com trabalho. Lambeth dispusera-se a dar prioridade máxima àquele caso, conforme Dalglish havia pedido. Conheciam-no bem no laboratório, e foi saudado com grande entusiasmo pelo pessoal. A Dra Anna Prescott, responsável pelo Departamento de Biologia Forense, estava à sua espera. Havia fornecido inúmeros testemunhos à coroa, em muitos dos casos investigados por Dalglish, e este sabia quanto o seu êxito profissional dependera da reputação da Dra Anna Prescott como cientista, da confiança e lucidez com que apresentava as suas descobertas ao júri e da sua calma e segurança quando era interrogada pela defesa. Contudo, tal como todos os cientistas forenses, não era oficial da Polícia. Se Gregory fosse levado a julgamento, ela prestaria o seu depoimento como especialista independente, com autoridade apenas para falar dos fatos de que tivesse conhecimento.

O capote fora posto a secar na máquina do laboratório e, agora, estava estendido sobre uma grande mesa iluminada pelo clarão de quatro lâmpadas fluorescentes. A roupa de treino de Gregory fora levada para uma outra mesa, a fim de evitar qualquer contaminação. Proceder-se-ia à recolha, com fita adesiva, das fibras da roupa de treino que pudessem encontrar-se à superfície do capote, para depois serem examinadas e comparadas ao microscópio. Se aquele exame microscópico inicial revelasse que as fibras originais da roupa de treino correspondiam àquelas que fossem encontradas no capote, seguir-se-ia uma série de outros testes comparativos, incluindo a análise instrumental da composição química das próprias fibras. Mas tudo aquilo demorava bastante tempo e só seria efetuado mais tarde. O sangue já seguira para o laboratório de análises, e Dalgliesh aguardava o resultado sem qualquer ansiedade, por ter a certeza de que pertencia ao arcediogo Crampton. O que ele e a Dra Prescott procuravam, agora, eram cabelos. Munidos de máscaras, luvas e batas, os dois debruçaram-se sobre o capote. Dalgliesh, então, concluiu que o olhar humano era um espantoso instrumento de pesquisa. Precisaram apenas de alguns segundos para encontrar o que procuravam. Enrolados na corrente dourada que havia na parte de trás da gola, podiam ver-se dois cabelos grisalhos. A Dra Prescott desenrolou-os com todo o cuidado e colocou-os numa lâmina de vidro. Examinou-os, de imediato, ao microscópio e anunciou com viva satisfação:

Ambos ainda têm as respectivas raízes, o que significa que temos boas hipóteses de obter o seu ADN.

16

Dois dias depois, às sete e meia da manhã, Dalgliesh, que regressara ao seu apartamento com vista para o Tamisa, recebeu um telefonema do laboratório. Havia conseguido extrair o ADN das duas raízes de cabelos e eram de Gregory. Se bem que já esperasse aquela notícia, Dalgliesh recebeu-a com algum alívio. A comparação feita ao microscópio das fibras encontradas no capote e na superfície da roupa de treino revelara que eram idênticas, mas ainda teriam de esperar pelos resultados finais. Pousando o auscultador, Dalgliesh refletiu por breves momentos. Devia aguardar ou atuar imediatamente? Não queria adiar mais aquela detenção. O ADN provava que Gregory usara o capote do Ronald Treeves, e a comparação entre as fibras só viria confirmar aquela incontestável descoberta. Podia telefonar a Kate e a Piers, que se achavam ainda em Santo Anselmo, porque ambos tinham competência suficiente para proceder a uma detenção. Contudo, Dalgliesh sentia que devia estar presente e sabia porquê. O ato de prender Gregory, de lhe dizer quais os seus direitos, amenizaria, de certa forma, o fracasso da sua investigação precedente, quando, apesar de conhecer a identidade do assassino e de escutar a sua confissão, não conseguira provas suficientes para o deter. Não participar naquela detenção, agora, seria como deixar algo inacabado, se bem que Dalgliesh não soubesse muito bem o quê.

Como já esperava, tivera muito com que se ocupar naqueles dois últimos dias. Regressara para encontrar trabalho em atraso, problemas que eram da sua responsabilidade e outros que o preocupavam tanto como a todos os outros oficiais. Havia uma grande falta de homens no ativo e tornava-se urgente recrutar homens e mulheres inteligentes, educados e motivados, de todos os quadrantes da sociedade, numa altura em que as outras carreiras

ofereciam salários mais elevados, maior prestígio e menor stress. Era preciso reduzir o peso da burocracia, aumentar a eficácia dos detetives e lutar contra a corrupção, numa época em que o suborno não se traduzia por uma nota de dez libras enfiada num bolso, mas na partilha de lucros elevados provenientes do tráfico de droga. Entretanto, ia regressar, se bem que por pouco tempo, a Santo Anselmo. Deixara de ser um lugar de bondade e de paz, mas tinha de terminar a sua missão e queria rever certas pessoas. Deu consigo a pensar se Emma Lavenham estaria ainda no instituto.

Afastando da sua mente as complicações da sua agenda sobrecarregada, os processos que requeriam a sua atenção e a reunião que fora marcada para aquela tarde, deixou uma mensagem para o comissário adjunto e para a sua assistente pessoal. Só depois telefonou a Kate. A calma reinava em Santo Anselmo uma calma anormal, segundo ela. As pessoas tinham retomado a sua rotina diária, mas com uma espécie de energia disfarçada, como se aquele cadáver ensangüentado ainda jazesse, na igreja, aos pés do Juízo Final. Kate tinha a sensação de que, no instituto, ainda se aguardava pelo desenlace que todos os residentes desejavam mas que, por outro lado, pareciam temer. Gregory não se mostrara. A pedido de Dalgliesh, entregara o seu passaporte depois do último interrogatório, e não havia perigo de que pudesse fugir. Mas a fuga nunca havia sido uma opção para Gregory, porque não fazia parte dos seus planos ser apanhado, de forma humilhante, num país estrangeiro e inóspito.

Estava frio e Dalgliesh sentiu, pela primeira vez, no ar de Londres, o travo metálico do Inverno. Um vento agreste varria a City e, quando alcançou a A 12, as rajadas tinham-se tornado mais fortes. Para seu espanto, havia muito pouco trânsito, à exceção dos caminhões que seguiam para os portos da costa leste, e Dalgliesh conduziu a grande velocidade, com as mãos pousadas ao de leve no volante e os olhos fixos na estrada. Que possuía ele, a não ser dois cabelos grisalhos, como frágeis instrumentos de justiça? No entanto, teriam de ser suficientes.

Pensou, então, no julgamento e deu consigo a analisar a alegação da defesa. A prova do ADN nunca poderia ser contestada; Gregory usara o capote de Ronald Treeves. Mas o advogado de defesa alegaria, provavelmente, que o seu constituinte, ao dar a aula de Grego a Treeves, naquela sexta-feira, lhe havia pedido emprestado o capote, talvez depois de se queixar que tinha frio, e que, nesse mesmo dia, usara a sua roupa de treino preto. Nada era menos provável, mas iria o júri acreditar naquela hipótese? Gregory possuía um móbil forte, mas todos os outros residentes também, incluindo Raphael. O ramo que se havia encontrado no chão da saleta de Raphael podia ter entrado, trazido pelo vento, quando ele saía do seu quarto para ir fazer companhia a Peter Buckhurst; por conseguinte, a acusação talvez fizesse melhor em não explorar demasiado aquela hipótese.

O telefonema recebido por Mrs. Crampton, da cabina do instituto, era uma prova perigosa para a defesa, mas podia ter sido feito por outras oito pessoas, provavelmente por Raphael. Havia ainda algumas suspeitas que recaíam sobre Miss Betterton. Possuía um móbil para perpetrar o homicídio, e tivera oportunidade de o cometer, mas teria forças para empunhar aquele pesado castiçal? Nunca ninguém o saberia, porque Agatha Betterton estava morta. Gregory não tinha sido acusado do homicídio de Miss Betterton nem de haver assassinado Margaret Munroe. Não havia, tanto num caso como no outro, provas suficientes que justificassem a sua detenção.

Dalgliesh fez a viagem em menos de três horas e meia. Alcançara a reta final da estrada de acesso e podia ver à sua frente o mar turbulento, pontilhado de branco, que se estendia até ao horizonte. Parou o carro e telefonou a Kate. Gregory havia saído de casa, meia hora antes, e passeava pela praia.

Espere por mim ao fundo da estrada costeira ordenou Dalgliesh, e traga um par de algemas. Talvez não venhamos a precisar delas, mas não quero correr riscos.

Poucos minutos depois, avistou Kate, que avançava na sua direção. Sem pronunciar palavra, entrou no carro e Dalgliesh fez marcha atrás para seguir até ao local onde a escada levava à praia. Podiam ver Gregory, um vulto solitário envolto num casaco de tweed comprido, com a gola levantada para o proteger do vento. Parado junto de um dos quebra-mares, contemplava o mar. Quando avançaram pela parte da praia coberta de seixos, uma súbita rajada fê-los perder o equilíbrio, mas o sibilar do vento era abafado pelo rebentar das ondas, que se sucediam, uma após a outra, em explosões de água, embatendo em torno dos quebra-mares e projetando bolas de espuma, que dançavam e rolavam, como bolhas de sabão translúcidas, até à parte mais alta do penhasco.

Caminhavam, lado a lado, em direção ao vulto imóvel. Gregory, então, virou-se. Quando se acharam a vinte metros dele, trepou, decidido, para o rebordo do quebra-mar e avançou até ao pontão onde se situava o abrigo, a pouco menos de quarenta centímetros de altura do mar enfurecido.

Dalgliesh disse a Kate:

Se ele mergulhar, telefone para Santo Anselmo. Diga-lhes que vamos precisar de um bote e de uma ambulância.

Depois, com igual determinação, Dalgliesh trepou para o quebra-mar e seguiu atrás de Gregory. Quando estava apenas a escassos centímetros deste, parou, e os dois homens olharam um para o outro. Gregory gritou, mas Dalgliesh teve dificuldade em ouvir o que ele lhe dizia por causa do mar revolto.

Se veio prender-me, estou aqui, mas tem de se aproximar um pouco mais. Não é sua obrigação dizer-me uma lengalenga qualquer acerca dos meus direitos? Penso que é o seu dever.

Dalgliesh não lhe respondeu. Durante dois minutos, fitaram-se, em silêncio, e, naquele curto espaço de tempo, Dalgliesh tomou transitoriamente consciência da sua existência passada. O que sentia, agora, era algo de novo: uma intensa raiva que jamais experimentara anteriormente. A raiva que se apoderara dele quando olhara para o corpo do arcediogo em nada se comparava com aquela nova emoção. Não a condenava nem tentava reprimi-la; aceitava-a simplesmente. Sabia, agora, porque se sentira relutante em encarar Gregory na sala de interrogatórios. Ao afastar-se, pudera distanciar-se muito mais do que da presença física do seu adversário, mas, agora, tal era-lhe impossível.

Dalgliesh nunca havia encarado o seu trabalho como uma cruzada. Conhecia outros detetives a quem a visão da vítima, na sua patética insignificância final, imprimia na mente uma imagem tão poderosa que só a conseguiam exorcizar no momento da detenção do assassino. Alguns chegavam a fazer os seus pactos pessoais com o destino; não bebiam nem tiravam férias enquanto não apanhassem o assassino. Partilhava da sua piedade e ultraje, mas nunca do seu envolvimento e da sua antipatia pessoal. Para ele, a detenção devia ser um compromisso profissional e intelectual com a descoberta da verdade. Contudo, não era o que sentia naquele momento. Não era apenas o fato de Gregory haver profanado um lugar onde ele havia sido feliz, e perguntou a si mesmo, não sem algum azedume, que graça poderia ter sido conferida a Santo Anselmo pela simples felicidade de Adam Dalgliesh. Não era só por sentir grande reverência pelo padre Martin e não conseguir esquecer a sua expressão horrorizada, quando o fitara, depois de deparar com o corpo de Crampton; nem, tão pouco, aquele outro momento em que cabelos negros e macios lhe haviam acariciado o rosto, e Emma, trêmula, estivera nos seus braços, por tão escassos segundos que lhe custara a acreditar que chegara realmente a abraçá-la. Aquela emoção opressiva tinha outra origem, mais primitiva e ignóbil. Gregory planeara e perpetrara o homicídio, a poucos metros do local onde Dalgliesh dormia e, agora, tencionava levar a sua vitória até ao fim. Nadaria para o mar alto, até morrer de frio e de exaustão, feliz por se achar no elemento de que tanto gostava e que lhe traria um final misericordioso. Mas os planos de Gregory não se ficavam por ali. Dalgliesh podia ler o seu pensamento, tal como sabia que ele lia o seu. Planeara levar o seu adversário com ele. Se Gregory se lançasse à água, Dalgliesh também teria de mergulhar, por não lhe restar outra opção. Nunca poderia viver com a recordação de nada haver feito, enquanto um homem se afogava. Mas não seria por compaixão que arriscaria a sua vida, mas, sim, por teimosia e orgulho.

Dalgliesh comparou forças com o seu adversário. Ambos estavam ao mesmo nível no que dizia respeito à condição física, mas Gregory devia ser um nadador mais experiente. Nenhum dos dois resistiria muito tempo às águas geladas mas, se o socorro viesse rapidamente como Dalgliesh o previa, ambos sobreviveriam. Ainda pensou se devia voltar atrás e ordenar a Kate que telefonasse para Santo Anselmo e mandasse lançar o bote ao mar, mas mudou de idéia; se Gregory ouvisse o ruído de carros na estrada costeira, nem sequer hesitaria. Ainda havia uma hipótese, mesmo que remota, de que Gregory voltasse atrás no seu intento, mas Dalgliesh sabia que ele tinha, do seu lado, uma vantagem quase desmesurada: só um deles ficaria feliz por morrer.

No entanto, ainda se mantinham imóveis, frente a frente, na extremidade do pontão. Então, de súbito, como se fosse um dia de Verão e o brilho do Sol se refletisse no azul do mar, Gregory deixou cair o casaco e mergulhou.

Aqueles dois minutos de confronto haviam sido intermináveis para Kate. Parara, como se os seus músculos se tivessem petrificado, e os seus olhos se tivessem fixado nas duas figuras imóveis; só depois avançara, involuntariamente, com todo o cuidado. As ondas molhavam-lhe os pés mas nem sentia a vaga de frio que batia, a um ritmo regular, nas suas pernas. Sem se dar conta, começara a praguejar: "Volte para trás. Volte para trás. Deixe-o mergulhar!", com tanta intensidade que o seu apelo devia, certamente, ter sido ouvido por Dalgliesh, muito embora este continuasse de costas viradas para ela. E, agora, que o inevitável acontecera, Kate já podia agir. Marcou o número do instituto e ouviu o toque da

campainha. Ninguém respondeu e Kate murmurou obscenidades que normalmente nunca diria. A campainha continuou a tocar. Por fim, ouviu a voz do padre Sebastian.

Daqui fala a Kate Miskin, padre. Estou na praia disse, tentando manter a calma. O Dalglish e o Gregory mergulharam do pontão. Precisamos de um bote e de uma ambulância quanto antes.

O padre Sebastian não lhe fez qualquer pergunta.

Fique onde está para podermos localizá-la mais depressa. Vamos já para aí.

A espera que se seguiu pareceu-lhe ainda mais demorada, mas cronometrou-a. Tinham passado três minutos e quinze segundos quando ouviu o ruído do motor de carros. Sempre com os olhos fixos nas cristas das ondas violentas, deixara de ver as duas cabeças. Correu até ao pontão, para onde Gregory se dirigira, esquecendo-se da rebentação turbulenta e das rajadas de vento. Então, de repente, avistou uma cabeça grisalha e uma cabeça morena, separadas entre si por poucos metros antes que voltassem a desaparecer por baixo de uma vaga.

Era importante não os perder de vista, tanto quanto possível, mas, de vez em quando, Kate olhava para a escada. Tinha ouvido mais do que um carro, mas apenas conseguia ver o Land Rover estacionado na berma do penhasco. Dava a sensação de que todos os residentes do instituto haviam ido até à praia e começado a trabalhar metódica e rapidamente. As portas da barraca já tinham sido abertas e os calços de madeira haviam sido cravados por entre os seixos da encosta que levava à praia. O bote, então, foi empurrado pela esteira improvisada e, depois, içado por seis homens, que o transportaram até à beira-mar. Kate percebeu que Pilbeam e Henry Bloxham iriam proceder ao salvamento e ficou admirada por não ver Stephen Morby, um homem bastante forte, mas talvez Henry fosse um marinheiro mais experiente. Parecia-lhe impossível que conseguissem furar aquela barreira de ondas, mas, poucos segundos depois, ouviu o troar do motor do bote e viu que avançava, pelo mar adentro, para depois se aproximar do local onde ela se encontrava. Depois de, mais uma vez, ver as duas cabeças, indicou-as aos homens que se encontravam no bote.

Logo de seguida, deixou de ver os nadadores e o bote, exceto quando surgiam no alto de uma onda encrespada. Como não pudesse fazer mais nada, Kate juntou-se ao grupo que corria ao longo da praia. Raphael carregava uma corda, o padre Peregrine enfiara um colete salva-vidas e Piers e Robbins transportavam aos ombros duas macas de lona enroladas. Mrs. Pilbeam e Emma também estavam ali, a primeira munida com um estojo de primeiros socorros e a segunda com toalhas e uma pilha de cobertores. Agruparam-se para melhor observar o que se passava no mar.

O bote regressava. O ruído do motor era mais forte e apareceu, de repente, erguendo-se no topo de uma onda, antes de mergulhar novamente.

Conseguiram apanhá-los! anunciou Raphael. Vejo quatro pessoas a bordo.

O bote aproximava-se, a grande velocidade agora, mas parecia impossível que conseguisse resistir àquele mar tão encapelado. Foi então que o pior aconteceu. Deixaram de ouvir o ruído do motor e viram Pilbeam, desesperado, debruçar-se, enquanto a pequena embarcação era arremessada, de um lado para o outro, pelas vagas, como se fosse um brinquedo até que, de repente, a uns vinte metros da praia, a parte de trás se ergueu, se imobilizou, na vertical, por breves segundos, e afundou.

Raphael tinha atado uma das pontas da corda a um dos postes do quebra-mar e, fixando a outra à sua cintura, entrou pelo mar adentro. Stephen Morby, Piers e Robbins seguiram-no. O padre Peregrine despira a sua batina e lançara-se por baixo das ondas, como se aquele mar turbulento fosse o seu habitat natural. Henry e Pilbeam, ajudados por Robbins, lutavam por conseguir desembarcar. O padre Peregrine e Raphael agarraram Dalglish, enquanto que Stephen e Piers fizeram o mesmo com Gregory. Poucos segundos mais tarde, eram arremessados para os seixos. O padre Sebastian e o padre Martin apressaram-se a puxá-los até à praia. Estendidos na areia, Pilbeam e Henry tentavam recobrar o fôlego, enquanto as ondas rebentavam contra os seus corpos.

Apenas Dalglish perdera os sentidos. Correndo para o local onde ele estava estendido, Kate percebeu que batera com a cabeça numa das fundações do quebra-mar e que se via sangue na sua camisa rasgada. Havia também uma marca, tão vermelha como sangue, no local onde as mãos de Gregory lhe haviam apertado a garganta. Arrancando-lhe a camisa, pressionou a ferida, enquanto ouvia Mrs. Pilbeam dizer:

Deixe isso comigo, miss. Tenho aqui ligaduras. Mas foi Morby que tomou o controle da situação.

Primeiro, temos de tirar toda a água que ele tem nos pulmões. E, virando Dalglish, começou a reanimá-lo. Um pouco mais ao longe, sob o olhar atento de Robbins, Gregory, envergando apenas uns calções, estava sentado com a cabeça entre as mãos, respirando com dificuldade.

Kate, por fim, virou-se para Piers. Enrola-o em cobertores e fá-lo beber uma bebida quente. Assim que ele tiver recuperado e conseguir compreender o que estás fazendo, prende-o. E não te esqueças de algemá-lo. Não quero correr mais riscos. Ah, e já agora, quando lhe recitares as acusações, acrescenta tentativa de homicídio.

Virou-se de novo para Dalglish, que, de repente, começou a cuspir água e sangue e murmurou algo inaudível. Foi então que Kate se deu conta de que Emma se havia ajoelhado, muito pálida, a seu lado. Ao perceber que Kate a fitava, levantou-se e afastou-se, como se tivesse compreendido que não estava a fazer nada ali.

Já tinham ouvido a sirene da ambulância mas não faziam idéia de quanto tempo demoraria a chegar até ali. Piers e Morby, pegando em Dalglish, estenderam-no numa das macas. Depois, transportaram-no para um dos carros, com o padre Martin mantendo-se ao lado de Dalglish. O grupo que entrara no mar começara a tiritar de frio. Enrolados em cobertores, passaram uma garrafa uns aos outros e, por fim, regressaram à escada. De repente, as nuvens abriram-se e um tênue raio de luz iluminou a praia. Vendo aqueles jovens a esfregar

o cabelo com as toalhas e a fazer exercícios de aquecimento para ativar a circulação sanguínea, Kate quase podia ser levada a pensar que tudo aquilo fora uma ida à praia, num dia de Verão, e de que, dali a pouco, começariam a brincar às escondidas.

Tinham alcançado o penhasco e colocado a maca na parte de trás do Land Rover quando Kate percebeu que Emma Lavenham estava novamente a seu lado.

Ele vai ficar bem? perguntou Emma.

Sim, vai sobreviver, porque é rijo como o ferro. O ferimento da cabeça deitou muito sangue, mas não me parece profundo. Deve ter alta e voltar a Londres daqui a poucos dias. Como nós, aliás.

Regresso a Cambridge esta noite. Não se importa de se despedir dele por mim e de lhe transmitir os meus cumprimentos?

E, sem esperar pela resposta, virou-se e foi juntar-se ao grupo formado pelos quatro ordinandos. Robbins empurrava Gregory, algemado e enrolado em cobertores, para o interior do Alfa Romeo. Piers aproximou-se de Kate e os dois fitaram Emma.

Ela volta para Cambridge esta noite comentou Kate. E porque não? É lá que tem a sua vida.

E tu? Onde tens a tua vida? perguntou Piers.

Não que precisasse ouvir a resposta, mas Kate replicou:

A minha vida é ao lado do Robbins, do Adam Dalgliesh e de ti. O que pensavas que ia dizer? Afinal, estamos a falar do meu trabalho.

LIVRO QUATRO

Um Fim e Um Princípio

Dalgliesh regressou a Santo Anselmo pela última vez num belo dia, em meados de abril, em que o céu, o mar e a terra se uniam num cenário de beleza serena. Conduzia com o capô baixado e a aragem que lhe acariciava o rosto trazia consigo a essência perfumada e algo nostálgica dos meses de abril da sua infância e juventude. Partira deixando para trás alguns receios, que se haviam dissipado assim que transpusera os subúrbios de Londres, e agora a sua paz interior comungava com aquele dia ameno.

O padre Martin escrevera-lhe uma carta convidando-o a visitá-lo, agora que Santo Anselmo fora oficialmente encerrado. Escrevera: "Gostaríamos de ter a oportunidade de nos despedirmos dos nossos amigos, antes de partir, e esperamos que a Emma também possa estar presente durante este fim-de-semana de abril." O padre Martin quisera que Dalgliesh soubesse que ela também estaria presente, mas também a teria avisado de que ele iria? E, se o houvesse feito, teria ela, à última hora, decidido não ir?

Lá estava o desvio que lhe era familiar, e que, agora, se tornava mais fácil de avistar, porque o grande freixo coberto de hera havia caído. Os jardins dianteiros das duas vivendas geminadas estavam cobertos de narcisos, cujo esplendor contrastava com o amarelo pálido das primaveras espalhadas pela relva. As sebes de cada lado do relvado revelavam os seus primeiros rebentos. Dalgliesh pôde, então, avistar o mar, que parecia estender-se calmamente até ao horizonte. Muito acima, invisível e quase inaudível, um avião de caça deixava um rastro branco no céu. O pântano parecia pacífico e acolhedor, com as suas águas azuis. Dalgliesh podia imaginar o brilho dos cardumes de peixes a nadar por baixo daquela superfície estática. A tempestade que se fizera sentir na noite em que o arcediago havia sido assassinado, destruíra os últimos postes de madeira do navio naufragado. Nem mesmo os últimos vestígios do casco apodrecido haviam resistido, e o areal espalhava-se, liberto de entraves, até ao mar. Com um dia tão radioso, Dalgliesh nem sequer conseguia sentir qualquer tristeza perante aquela prova do poder devastador do tempo.

Antes de virar para norte e de seguir ao longo da estrada costeira, encostou-se à berma do penhasco e desligou o motor. Tinha de ler novamente uma carta. Recebera-a uma semana depois de Gregory haver sido condenado a uma pena de prisão perpétua pelo homicídio do arcediago Crampton. A caligrafia revelava mão firme. Não estava assinada; apenas o nome de Dalgliesh aparecia no sobrescrito.

Peço-lhe desculpa por este papel de carta que, por certo compreenderá, não foi da minha escolha. Deve ter sido informado, a esta altura, de que decidi confessar-me culpado. Poderia ter alegado que a minha intenção era poupar àqueles infelizes idiotas, o padre Martin e o padre John, o suplício de comparecerem em tribunal, como testemunhas de acusação, ou declarar a minha relutância em ver o meu filho ou a Emma Lavenham expostos à brutal astúcia do meu advogado, mas tenho plena consciência de que não acreditaria em mim. Como é evidente, o motivo que me levou a confessar-me culpado foi o de evitar que o Raphael sofra com o estigma da suspeita durante toda a vida. Cheguei à conclusão de que existem boas hipóteses de que eu possa ser absolvido. A inteligência do meu advogado é quase proporcional aos seus honorários e, desde o início, deixou bem claro que estava confiante de que eu poderia safar-me, muito embora tenha tido o cuidado de não empregar essa expressão. Afinal, sou o exemplo acabado do homem respeitável da classe média.

Tinha planeado, desde o princípio, ser absolvido, se o caso chegasse a tribunal, como eu calculava, se bem que tivesse decidido assassinar o Crampton numa noite em que o Raphael não se encontrasse no instituto. Como sabe, tomei a precaução de passar pelo quarto dele, a fim de me certificar de que saíra. Se o tivesse encontrado no seu quarto, teria eu cometido o homicídio? A resposta é não. Nem naquela noite nem nunca. Era pouco provável que conseguisse reunir todas as condições necessárias ao êxito do meu plano de forma tão perfeita. Não deixa de ser interessante concluir que o Crampton morreu devido a um simples ato de bondade por parte do Raphael, quando resolveu ir fazer companhia a um amigo. Já havia reparado que, não raras vezes, o mal resulta do bem. Como filho de um pároco, o senhor tem, por certo, mais competência do que eu para decifrar este enigma teológico.

As pessoas que, como nós, vivem numa civilização decadente têm três escolhas. Podem tentar evitar o declínio, tal como uma criança constrói castelos de areia na praia, à beira-mar. Podem ignorar o fim da beleza, da sabedoria, da arte, da integridade intelectual, encontrando refúgio nas suas consolações pessoais. Foi isso que tentei fazer durante muitos anos. Por fim, podem aliar-se aos bárbaros e reclamar a sua parte dos despojos.

É a opção mais popular e a que acabei por escolher. O Deus do meu filho foi-lhe imposto. Esteve nas mãos daqueles padres, desde que nasceu. Queria dar-lhe a oportunidade de optar por uma divindade mais contemporânea, o dinheiro. Agora que tem dinheiro, descobrirá que não poderá passar sem ele, pelo menos em parte. De qualquer forma, continuará a ser um homem rico e só o tempo dirá se viria a ser padre.

Penso que nada tenho a dizer-lhe sobre o homicídio que o senhor já não saiba. O bilhete anônimo que escrevi a Sir Aired destinava-se, como é evidente, a causar problemas a Santo Anselmo, e, em particular, ao Sebastian Morell. Mas nunca podia pensar que aquele bilhete trouxesse ao instituto o mais distinto dos detetives da Scotland Yard. A sua presença, em vez de me desanimar, revelou-se um desafio maior. O meu plano para atrair o arcediogo à igreja resultou perfeitamente; ele mal podia esperar para ver a aberração que eu lhe havia descrito, pelo telefone. A lata de tinta preta e o pincel estavam convenientemente à minha disposição, na sacristia, e confesso que gostei de vandalizar o Juízo Final. Que pena que o Crampton tenha tido tão pouco tempo para apreciar a minha obra de arte.

Talvez esteja a pensar nas outras duas mortes pelas quais não fui acusado. A primeira, a asfixia de Margaret Munroe, revelou-se necessária. Exigiu pouco planeamento e a morte dela foi fácil, quase natural. Era uma mulher infeliz, que, provavelmente, tinha pouco tempo de vida, mas que podia prejudicar-me. A ela, pouco importava se lhe restava um dia, um mês ou um ano de vida, mas, para mim, isso era muito importante. Eu planeava revelar o meu parentesco com o Raphael só depois de Santo Anselmo encerrar e de se esbater o escândalo provocado pelo homicídio. Mas o senhor depressa se deu conta dos meus planos. Eu queria assassinar o Crampton e, ao mesmo tempo, lançar as suspeitas sobre o instituto, sem fornecer provas concludentes contra mim. Queria que Santo Anselmo fechasse mais cedo, de preferência antes que o meu filho fosse ordenado padre, para que pudesse herdar por inteiro tudo a que tinha direito. E devo confessar que também sentia algum prazer com a perspectiva de ver a carreira do Sebastian Morell terminar na suspeita, no fracasso e na ignomínia. Ele tudo fizera para que a minha terminasse da mesma maneira.

Talvez se questione sobre a morte da Agatha Betterton, uma outra mulher infeliz, mas aproveitei-me simplesmente de uma inesperada oportunidade. Engana-se se pensa que ela estava no alto da escada quando telefonei a Mistress Crampton. Ela não me viu, nessa altura. Porém, viu-me na noite do crime, quando fui colocar as chaves da igreja no armário. Suponho que poderia tê-la morto naquele momento, mas decidi aguardar. Afinal, ela era tida como louca. Mesmo que me acusasse de haver estado na mansão depois da meia-noite, seria a palavra dela contra a minha e duvido muito que o depoimento da Agatha Betterton prevalecesse.

No domingo à noite, foi falar comigo para me dizer que o meu segredo estava a salvo. Nunca foi uma mulher coerente mas deu-me a entender que a pessoa que havia assassinado

o arcediago Crampton nada teria a recear. Era um risco que eu não podia correr. Deve ter plena consciência de que nunca me poderá imputar essas mortes. O móbil não chega. E, se esta confissão for usada contra mim, negarei haver escrito este bilhete.

Aprendi algo surpreendente sobre o homicídio, em particular, e sobre a violência, em geral. Mas já deve sabê-lo, Dalgliesh; afinal é um especialista no assunto. Pessoalmente, acho-o interessante. O primeiro golpe que desferi foi deliberado, não sem alguma relutância. Era basicamente uma questão de impor a minha força de vontade. Mentalmente, sabia que desejava a morte daquele homem e de que aquela maneira era a mais eficaz de o eliminar. Tencionava desferir apenas um golpe, dois, no máximo, mas, após o primeiro, a adrenalina atua e a violência apodera-se de nós. Continuei a desferir os golpes de forma inconsciente. Mesmo que o senhor tivesse aparecido naquele momento, duvido que tivesse conseguido parar. Não é quando planeamos a violência que o instinto primitivo se apodera de nós; é quando desferimos o primeiro golpe.

Não vi o meu filho desde que fui preso. Ele não revelou qualquer vontade em ver-me e é melhor assim. Vivi toda a minha vida sem afeto humano e seria difícil aceitá-lo agora.

A carta acabava assim. Dobrando-a, Dalgliesh perguntou a si próprio se Gregory iria suportar o encarceramento, que talvez durasse, no mínimo, dez anos. Provavelmente sobreviveria, desde que tivesse os seus livros. Mas estaria ele, naquele preciso instante, a olhar pela janela gradeada da sua cela e a sentir o desejo de inalar, também, o suave aroma daquele dia primaveril?

Ligou o motor do carro e seguiu diretamente para o instituto. A porta da frente estava aberta de par em par; entrou no vestíbulo vazio. A pequena luzinha ainda se achava acesa, aos pés da estátua da Virgem e do Menino, e pairava no ar o mesmo odor eclesiástico, composto de incenso, de cera e de livros muito velhos, mas parecia-lhe que a mansão já havia sido despojada parcialmente e que, agora, aguardava com calma resignação o seu fim inevitável.

Não ouvindo o eco de passos, Dalgliesh deu-se conta, de súbito, de uma presença e, erguendo o olhar, viu o padre Sebastian no alto da escada.

Bom dia, Adam. Suba, por favor saudou. Era a primeira vez que o reitor o tratava pelo seu nome próprio.

Seguindo-o até ao escritório, Dalgliesh não pôde deixar de reparar nas modificações. O quadro de Burne-Jones já não estava pendurado na parede, por cima da lareira, e o bufett também fora removido.

Havia igualmente uma subtil mudança no padre Sebastian. Deixara de usar batina, substituída agora por um terno com colarinho clerical. Parecia mais velho. O homicídio cobrara os seus dividendos. Se bem que os traços perfeitos e austeros do seu rosto não houvessem perdido autoridade e confiança, exprimiam atualmente a euforia controlada do êxito. A cadeira universitária que lhe havia sido atribuída era sinónimo de prestígio e algo que ele almejava havia muito. Dalgliesh deu-lhe os parabéns pela sua nova função.

Obrigado agradeceu o padre Sebastian. Diz-se que não devemos voltar atrás, mas espero que se prove o contrário, tanto para mim como para a universidade aonde irei lecionar.

Sentaram-se e conversaram durante alguns minutos, numa concessão necessária à cortesia. O padre Sebastian não era pessoa para revelar qualquer mal-estar, mas Dalgliesh podia perceber que ainda se sentia algo incomodado pelo desagradável pensamento de que o homem sentado à sua frente o encarara, há muito pouco tempo, como um possível homicida, e duvidava que Sebastian Morell pudesse esquecer ou perdoar-lhe pela indignação que sentira quando haviam recolhido as suas impressões digitais. Agora, como se achasse ser esse o seu dever, pôs Dalgliesh ao corrente das mudanças no instituto.

Todos os nossos estudantes encontraram vaga em outros institutos teológicos. Os quatro ordinandos que o senhor conheceu, quando o arcediogo foi assassinado, foram aceites em Cuddesdon ou no Instituto de Santo Estevão, em Oxford.

Portanto, o Raphael pretende ainda ser ordenado? quis saber Dalgliesh.

Claro. Porquê? Pensava que ele ia desistir? O Raphael revelou grande generosidade, mas vai continuar a ser um homem muito rico.

Depois, falou por alto dos outros padres, mas com maior franqueza do que Dalgliesh esperava. O padre Peregrine tinha aceiteado um lugar de arquivista numa biblioteca, em Roma, uma cidade à qual sempre desejara regressar. O padre John recebera um convite para capelão de um convento, perto de Scarborough. Uma vez que havia sido condenado por pedofilia, tinha de participar qualquer mudança de endereço, mas o convento oferecer-lhe-ia o refúgio que ele havia encontrado em Santo Anselmo. Reprimindo um sorriso, Dalgliesh pensou que não se poderia ter encontrado um posto mais adequado para o padre John. O padre Martin estava a construir uma casa em Norwich, e os Pilbeam mudar-se-iam para lá, a fim de tratar dele, herdando a casa quando ele falecesse. Muito embora se houvesse confirmado o direito de Raphael à herança, a sua posição legal era complicada e ainda havia muito que decidir, inclusivamente se a igreja seria incluída na diocese local ou se acabaria por ser desconsagrada. Raphael exprimira o desejo de que o quadro de Van der Weyden fosse usado como retábulo de altar num local apropriado e já se começara a procurar uma igreja que o acolhesse. Por enquanto, o quadro estava guardado no cofre de um banco, bem como todos os objetos de prata. Raphael também havia decidido doar aos Pilbeam e a Eric Surtees as vivendas em que viviam. O edifício principal havia sido vendido e seria transformado num centro residencial de meditação e medicina alternativa. O tom de voz do padre Sebastian deixou transparecer um certo desagrado, ao revelar o destino da mansão, mas Dalgliesh concluiu que podia ter sido pior. Entretanto, tanto os quatro padres residentes como os funcionários permaneceriam ali, a pedido dos novos proprietários.

Quando se tornou evidente que aquela conversa chegara ao fim, Dalgliesh mostrou a carta de Gregory ao padre Sebastian.

Penso que tem o direito de a ler murmurou.

O padre Sebastian leu-a, em silêncio, e depois dobrou-a e devolveu-a a Dalglish.

Obrigado. É espantoso que um homem que gostava da língua e da literatura de uma das maiores civilizações do mundo haja descido a esse rosário de desculpas de mau gosto. Pelo que sei, os assassinos são invariavelmente arrogantes, mas, no caso dele, é uma arrogância à escala do Satanás de Milton. "Mal, sê o meu Bem." Pergunto-me quando foi que ele leu O Paraíso Perdido pela última vez. O arcediogo Crampton tinha razão numa das suas críticas à minha pessoa. Eu devia ter sido mais cuidadoso na escolha daqueles que convidei para virem trabalhar comigo. Deduzo que passe a noite conosco...

Sim, padre.

Vai ser muito agradável para todos nós. Espero que goste da sua estada.

O padre Sebastian não acompanhou Dalglish ao quarto de São Jerônimo, mas chamou Mrs. Pilbeam e entregou-lhe a chave. Mrs. Pilbeam revelou-se invulgarmente faladora enquanto verificava que, no quarto, havia tudo aquilo de que Dalglish iria precisar; dir-se-ia até que sentia relutância em retirar-se.

O padre Sebastian já deve tê-lo informado das mudanças. Não posso dizer que o Reg e eu ficássemos encantados com a idéia de termos aqui um centro de medicina alternativa. No entanto, as pessoas que vieram até cá pareciam sérias e inofensivas. Propuseram-nos, a nós e ao Eric Surtees, que continuássemos a trabalhar para o tal centro. Penso que ele ficou contente com a proposta, mas eu e o Reg já estamos velhos de mais para novas mudanças. Trabalhamos para os padres há muitos anos, e não íamos habituar-nos a estranhos. Mister Raphael disse-nos que tínhamos toda a liberdade de vender a vivenda, e é o que provavelmente faremos, guardando o dinheiro para a nossa velhice. O padre Martin provavelmente já lhe disse que tencionamos mudar-nos para Norwich com ele. Encontrou uma bela casa, com um escritório só para ele e muito espaço para nós os três. E não estou a ver o padre Martin a tomar conta dele, aos oitenta anos... Depois, vai fazer-lhe bem mudar de ares e de vida, e a nós também. Tem tudo de que precisa, Mister Dalglish? O padre Martin vai ficar contente em vê-lo. Encontrá-lo-á na praia. Mister Raphael voltou para passar o fim-de-semana conosco, e Miss Lavenham também cá está.

Dalglish estacionou o seu Jaguar na parte de trás do instituto e seguiu, a pé, até ao pântano. Ao longe, pôde ver que os porcos da Vivenda São João, agora, andavam em liberdade pelo promontório. Aparentemente, até mesmo os porcos pareciam perceber que tudo mudara. Foi então que viu Eric Surtees a sair da vivenda, com um balde na mão.

Atravessou o carreiro até ao pântano. Do alto da escada, podia ver a praia em toda a sua extensão. As três figuras pareciam haver-se distanciado umas das outras, de propósito. A norte, Emma escolhera um recanto, entre os seixos, e lia um livro. Raphael sentara-se num quebra-mar e, com as pernas na água, contemplava o horizonte. E, mais perto, num baixio arenoso, o padre Martin parecia estar a atear uma fogueira.

Ao ouvir o ranger dos sapatos de Dalgliesh nos seixos, levantou-se com dificuldade e sorriu.

Adam! Fico contente por ter podido vir. Já estive com o padre Sebastian?

Sim, e dei-lhe os parabéns pela sua nova carreira.

Foi sempre algo que ele quis replicou o padre Martin. E sabia que haveria uma vaga, no Outono, mas nunca podia aceitar o convite se Santo Anselmo tivesse continuado a funcionar.

Agachou-se novamente. Dalgliesh podia ver que o padre Martin escavara um buraco na areia, à volta do qual construía agora um pequeno muro de seixos. A seu lado, havia uma mochila e uma caixa de fósforos. Dalgliesh sentou-se, apoiando-se nos cotovelos, enquanto enfiava os pés na areia.

Prosseguindo com a sua tarefa, o padre Martin perguntou:

É feliz, Adam?

Tenho saúde, um emprego de que gosto, conforto, estabilidade para poder oferecer-me alguns luxos ocasionais e a minha poesia. Considerando que três quartos da população mundial vive na pobreza, se me queixasse de ser infeliz, não seria isso uma perversa indulgência?

Diria mesmo um pecado ou algo que devemos combater. Se não podemos louvar Deus como Ele o merece, podemos, ao menos, agradecer-Lhe. Mas será isso suficiente?

Vai pregar-me um sermão, padre?

Nem sequer uma homilia. Gostaria de vê-lo casado, Adam, ou, pelo menos, a partilhar a sua vida com alguém. Sei que a sua esposa morreu ao dar à luz, o que deve ser uma sombra constante na sua vida. Mas não podemos nem devemos ignorar o amor. Perdoe-me, se lhe pareço insensível e impertinente, mas o desgosto pode tornar-se uma comodidade.

Oh, não é por desgosto que continuo sozinho, padre. Nada de tão simples, natural e admirável. É por puro egoísmo. O amor pela minha privacidade, a relutância em sofrer ou voltar a ser responsável pela felicidade de outra pessoa. E não diga que o sofrimento pode ser uma fonte de inspiração para a minha poesia, porque tenho plena consciência disso. Já me basta ver o sofrimento com que deparo na minha profissão. Além do mais, o senhor não daria um bom casamenteiro. Ela nunca haveria de me querer, como bem sabe. Sou muito velho, reservado, independente e, talvez, com mãos demasiado manchadas de sangue.

O padre Martin tinha escolhido um seixo arredondado e colocara-o no pequeno muro com todo o cuidado. Parecia tão entretido como uma criança.

E, provavelmente, tem alguém em Cambridge acrescentou Dalgliesh.

Muito provavelmente, tratando-se de uma mulher como ela. Tanto em Cambridge como noutro sítio qualquer. O que significa que teria de arriscar. Mas, ao menos, sempre seria uma mudança para si. Só me resta desejar-lhe boa sorte, Adam.

Aquelas últimas palavras soaram como uma despedida. Dalglish levantou-se e olhou para Emma. Percebeu que ela também se havia levantado e avançara até à beira-mar. Estavam a menos de cinquenta metros um do outro. "Vou esperar", pensou Dalglish. "Se ela vier até mim, então isso já significará alguma coisa, mesmo que seja apenas para me dizer adeus." Só depois se deu conta de que estava a ser covarde e pouco galante. Tinha de dar o primeiro passo e dirigiu-se para a beira-mar. Ainda tinha no bolso do casaco a folha de papel com seis linhas de versos. Tirou-a e rasgou-a em pedaços, que lançou ao mar, ficando a vê-los enquanto eram arrastados pelas ondas. Virou-se novamente para Emma mas, quando começou a andar, viu que ela também se virara e avançava na sua direção. Sem dizerem palavra, acharam-se, lado a lado, contemplando o horizonte.

Quando Emma falou, por fim, as suas palavras surpreenderam-no.

Quem é a Sadie?

Porque me faz essa pergunta?

Quando recobrou os sentidos naquele dia, fiquei com a impressão de que contava que ela estivesse à sua espera.

"Meu Deus! Devo ter parecido um farrapo depois de ser arrastado, seminu, até à praia, a sangrar, coberto de areia e a cuspir água."

A Sadie era muito doce replicou. Ensinou-me que, se bem que a poesia fosse uma paixão, não precisava de o ser durante toda a vida. A Sadie era muito sensata para os seus quinze anos.

Julgou ouvir um risinho de contentamento, mas o ruído foi abafado por uma súbita rajada de vento. Era ridículo, na sua idade, ter consciência daquela incerteza que o consumia. Sentia-se dividido entre o rancor, que lhe parecia tão característico dos jovens, e o prazer perverso de ser ainda capaz de experimentar uma emoção tão forte. Mas, agora, tinha de dizer o que sentia. Contudo, mal pronunciou as palavras, ficou chocado pela sua banalidade, mesmo que elas tivessem sido logo levadas pelo vento.

Gostaria muito de voltar a vê-la, se a idéia não lhe repugnar. Pensei... Esperava... que talvez fosse possível conhecemo-nos melhor.

"Devo ter parecido um dentista a marcar a consulta seguinte", recriminou-se. Depois, virou-se para a fitar, e o que viu no rosto dela deu-lhe vontade de gritar de alegria.

As linhas de trens, replicou ela em tom grave, entre Londres e Cambridge são excelentes. Nos dois sentidos.

E estendeu-lhe a mão.

O padre Martin tinha acabado de construir a fogueira. Tirou da mochila uma folha de jornal, que amarrotou e enfiou no buraco. Depois, colocou por cima o papiro de Santo Anselmo e, agachando-se, acendeu um fósforo. A folha de jornal incendiou-se imediatamente e as chamas pareceram atacar o papiro como se fosse uma presa. Foi então que se apercebeu de que Raphael se aproximara e, parado a seu lado, observava aquele ritual em silêncio.

O que está a queimar, padre? perguntou.

Um documento que já levou alguém à tentação do pecado e pode fazer o mesmo a outros. Chegou a altura de desaparecer para sempre.

Fez-se silêncio, até que Raphael disse:

Não serei mau padre.

O padre Martin, o menos expressivo dos homens, pousou a mão sobre o ombro do rapaz por breves segundos e retificou:

Não, meu filho. Penso que será um bom padre.

Então, ficaram a observar, em silêncio, o fogo que se extinguiu e os últimos círculos brancos de fumo a serem arrastados para o mar.

O Autor e a Obra

Phyllis Dorothy James, escritora inglesa, nasceu em Oxford a 3 de agosto de 1920.

Frequêntou a High School de Cambridge, que abandonou aos dezesseis anos por dificuldades económicas da família. Em 1941, casou -se com Connor White, um estudante de Medicina que viria a morrer em 1964. No início da Segunda Guerra Mundial foi enfermeira da Cruz Vermelha e em 1949 trabalhou como arquivista do Serviço Nacional de Saúde. Funcionária superior no Departamento Criminal de Home Office em 1968, aí adquiriu os conhecimentos médicos que evidencia com rigor nos seus livros. Atualmente ensina em universidades dos EUA e do Canadá.

Da sua bibliografia, destacamos os seguintes livros, todos eles editados em Portugal: Cover Her Face (tradução portuguesa: O Emblema de Sally Jupp, 1963), A Mind to Murder (tradução portuguesa Um Crime demasiado Óbvio, 1963), Unnatural Causes (tradução portuguesa: O Cadáver sem Mãos, 1967), Shroud for a Nightingale (tradução portuguesa: Mortalha para Uma Enfermeira, 1971), Un Unsuit, ble Job for a Woman (tradução portuguesa: Uma Estranha Profissão Mulher, 1972), The Skull Beneath the Skin (tradução portuguesa: Ultimo Acto, 1982), A Taste for Death (tradução portuguesa: Fascínio pela Morte, 1986), Devices and Desires (tradução portuguesa: Intrigas Desejos, 1989), The

Children of Men (tradução portuguesa: Os Filhos dos Homens, 1992), Original Sin (tradução portuguesa: Pecado Original, 1994), A Certain Justice (tradução portuguesa: Morte no Tribunal 1997) e Death in Holy Orders (tradução portuguesa: Morte em Ordens Sagradas, 2001).